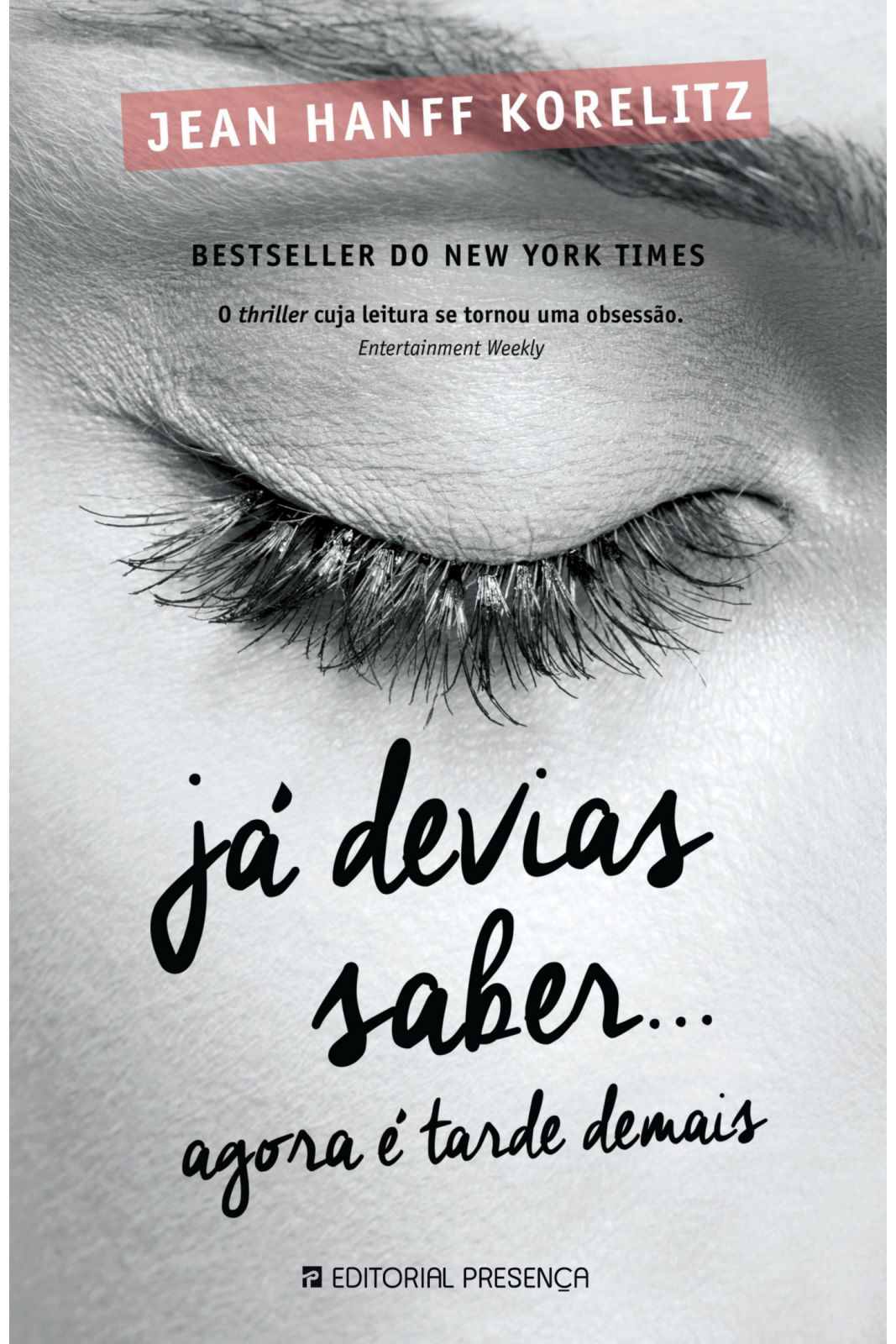




JEAN HANFF KORELITZ

BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

O *thriller* cuja leitura se tornou uma obsessão.

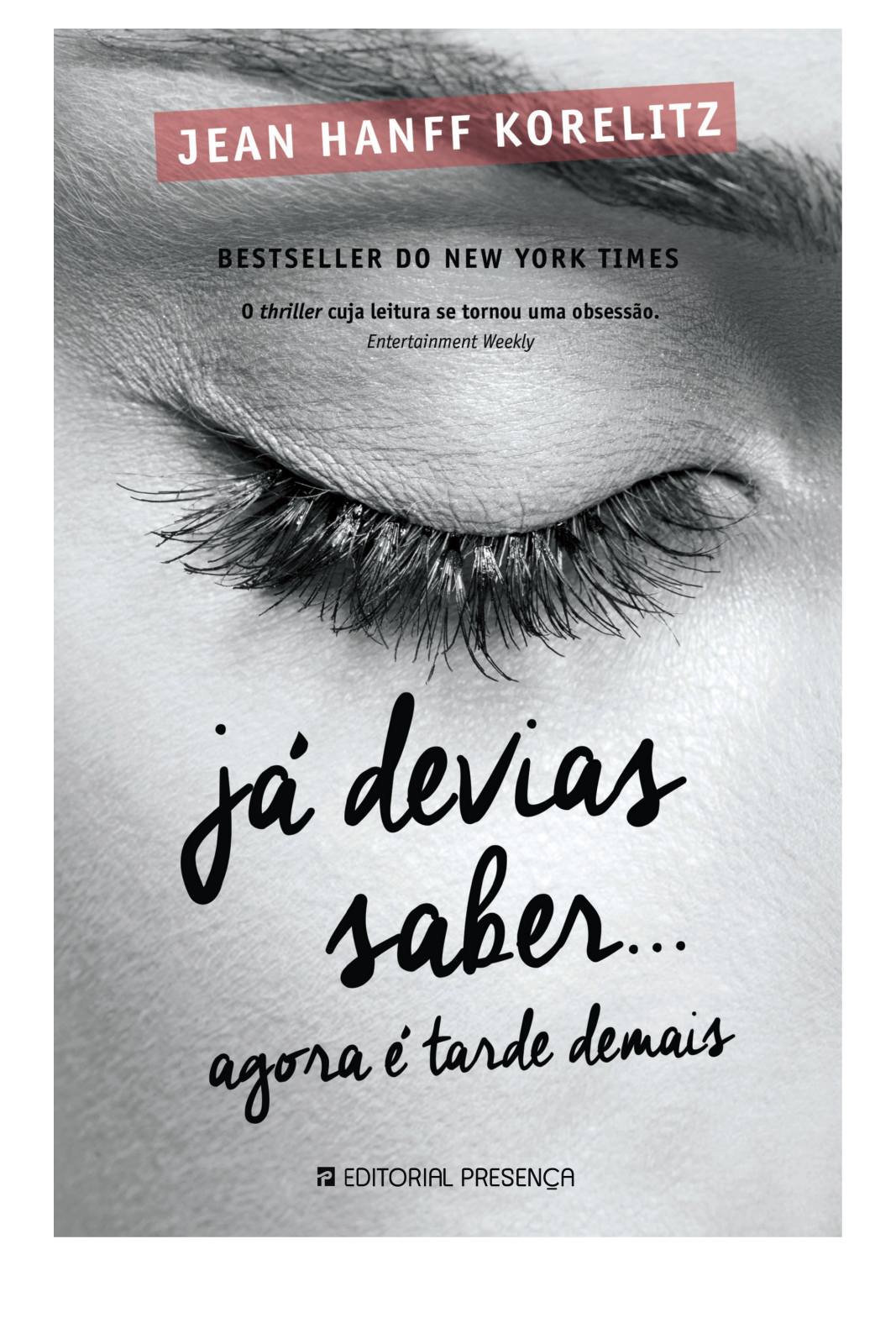
Entertainment Weekly

já devias
saber...
agora é tarde demais

 EDITORIAL PRESENÇA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



JEAN HANFF KORELITZ

BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

O *thriller* cuja leitura se tornou uma obsessão.

Entertainment Weekly

*já devias
saber...
agora é tarde demais*

 EDITORIAL PRESENÇA

JEAN HANFF KORELITZ

JÁ DEVIAS SABER... AGORA É TARDE DEMAIS

Tradução de
Marta Mendonça

 EDITORIAL PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título original: *You Should Have Known*

Autora: *Jean Hanff Korelitz*

Copyright © 2014 by Jean Hanff Korelitz

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Tradução: *Marta Mendonça*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Vera Espinha / Editorial Presença*

Paginação: *Miguel Trindade*

Impressão e acabamento: *Multitipo - Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição em papel, Lisboa, janeiro, 2015

Tradução livre do excerto do poema «A German Requiem», de James Fenton, na pág. 261

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

PRIMEIRA PARTE

ANTES

CAPÍTULO UM

SIMPLESMENTE PERCEBE-SE

Por norma, as pessoas choravam quando vinham cá pela primeira vez e esta rapariga não parecia ser exceção. Entrou de ar emproado, com uma pasta na mão, e apertou a mão a Grace como a profissional fria que era claramente, ou que pelo menos desejava ser. Depois sentou-se no sofá e cruzou as pernas compridas. Vestia umas calças de tecido sarjado. E *depois*, de repente, pareceu aperceber-se de onde se encontrava, com um sobressalto.

— Oh! — disse a rapariga cujo nome era Rebecca Wynnes, segundo Grace havia confirmado por duas vezes escassos minutos antes. — Desde os meus tempos de escola que não entrava no consultório de um terapeuta.

Grace sentou-se na cadeira habitual, cruzou as pernas, mais curtas que as de Rebecca, e inclinou-se para a frente. Não o conseguia evitar.

— Que estranho! Assim que aqui entramos, temos vontade de desatar num pranto.

— O que não falta aqui são lenços de papel. — Grace esboçou um sorriso. Quantas vezes se havia sentado nessa mesma cadeira, com as pernas cruzadas da mesma maneira que agora, a ouvir a sala ser invadida por uma choradeira. Ali chorava-se com tanta frequência que por vezes ela imaginava o gabinete debaixo de água, como nas histórias mágicas de Betty MacDonald que ela tinha adorado em criança, em que a protagonista choramingas não conseguia literalmente parar de chorar, ficando com água pelo queixo. Quando aconteciam acessos de fúria, tanto acompanhados de gritaria como também do tipo silencioso e carregado de rancor, ela imaginava as paredes do gabinete (pintadas de ligeiro branco sujo) a escurecerem de raiva. Quando havia sentimentos de felicidade ou de harmonia, imaginava por vezes sentir o odor a pinho adocicado, como se estivesse junto ao lago no fim do verão.

— Bem, é apenas uma sala — respondeu ela, com boa disposição. — Com peças desinteressantes de mobiliário.

— Certo. — Rebecca olhou em redor, como se precisasse de o confirmar. A sala, o consultório onde Grace dava as suas consultas, havia sido planeada com imenso cuidado para ser várias coisas em simultâneo: confortável mas não particularmente convidativa, acolhedora mas sem uma

personalidade de demasiado vincada, decorada com objetos tão familiares que toda a gente as identificava: a fotografia das bétulas do Eliot Porter que ela tinha junto à porta (não era um facto que toda a gente tinha tido uma fotografia dessas a dada altura da sua vida, ou no quarto da faculdade ou numa casa de férias de verão?), o tapete *kilim* vermelho, o sofá bege e a sua própria cadeira giratória com o estofado em pele. Havia uma mesinha de apoio com o tampo de vidro e em cima uma caixa de lenços de papel num suporte feito em pele, e uma secretária de pinho antiga no canto da sala, com as gavetas repletas de blocos de notas amarelos e listas de psicofarmacologistas, de pedopsicólogos, de hipnoterapeutas que ajudavam a deixar de fumar, de agências imobiliárias, de agências de viagens, de mediadores, de gestores patrimoniais e de advogados de divórcio. Em cima da secretária, canetas espreitavam de uma caneca de cerâmica pouco atraente que o filho dela, Henry, havia feito no primeiro ano escolar (tratava-se de uma peça que, ao longo dos anos, havia motivado uma quantidade impressionante de comentários, trazendo à baila uma quantidade incrível de recordações forçadas) e um candeeiro de louça branco com o *abat-jour* feito de juta projetava uma luz discreta sobre os processos. A única janela existente dava para um beco nas traseiras do edifício e nunca havia nada para ver, não obstante uma tentativa, anos antes, de instalar um canteiro com flores alegres e de fácil manutenção, mais precisamente gerânios e uma trepadeira. O responsável pelo edifício tinha alinhado no projeto, embora o entusiasmo dele não fosse suficiente para a ajudar a tirar o canteiro de madeira da carrinha e a transportá-lo pelo beco até ao local final, mas as plantas haviam morrido por falta de luz e o próprio canteiro tinha acabado por desaparecer pouco depois, deixando uma marca escura no cimento que ainda era visível. Ela não tinha muito jeito para tratar de flores, em abono da verdade.

Nesse dia, porém, ela tinha efetivamente comprado flores: rosas cor-de-rosa escuro, sob a recomendação específica de Sarabeth que — à medida que o Grande Dia se aproximava — tinha cada vez mais tendência para a microgestão. Grace não só tivera de comprar flores para a ocasião como também tinham de ser rosas e tinham de ser cor-de-rosa escuro.

Rosas cor-de-rosa escuro. «Porquê?», interrogara-se Grace. Sarabeth não estava à espera de uma fotografia a cores, pois não? Não seria já incrível o suficiente que a secção de fotos a preto e branco da revista *Vogue* estivesse interessada nela? Mas Grace tinha obedecido, colocando-as na única jarra de que dispunha na minúscula *kitchenette* do consultório, fruto de uma entrega de flores esquecida (Flores oferecidas por ocasião de um final de tratamento? Flores do género «Obrigada por me ter mostrado que devia deixá-lo»? Flores de Jonathan?), de um modo desajeitado e sem sequer as dispor de uma forma bonita. Agora estavam em cima de uma das mesas laterais, correndo o risco de serem deitadas abaixo pelo pesado

casaco de malha de Rebecca.

— Sabe — disse Grace —, tem razão em relação ao choro. Por norma, as pessoas fazem um esforço imenso só para virem cá. Ou, no caso da minha clientela específica, para conseguirem que os companheiros venham cá. É muito comum ver pessoas irem-se abaixo assim que transpõem finalmente aquela porta pela primeira vez. É perfeitamente normal.

— Bem, talvez noutra altura — respondeu a rapariga. Tinha trinta anos, calculava Grace, mais coisa menos coisa, e era bonita, embora de uma forma ligeiramente austera, e a roupa que envergava havia sido inteligentemente confeccionada para disfarçar o tipo de corpo dela, que era claramente curvilíneo e roliço, dando a ideia de que era arrapazada e magra. A camisa de algodão branca parecia ter sido desenhada precisamente para esse efeito e as calças de sarja castanhas assentavam-lhe no sítio exato para dar a ideia de uma cintura que na realidade era praticamente inexistente. Ambas as peças de vestuário eram triunfos da ilusão e tinham claramente sido feitas por alguém que sabia exatamente o que estava a fazer... mas quando se trabalhava na *Vogue*, pensou Grace, tinha-se acesso a esse tipo de gente.

Rebecca vasculhou na pasta pousada junto aos pés calçados com botas e retirou um gravador antigo que pousou em cima da mesa com o tampo de vidro.

— Importa-se? — perguntou ela. — Eu sei, é quase uma relíquia, mas serve-me de apoio. Uma vez passei quatro horas com uma certa estrela da música *pop* que não é propriamente conhecida pela sua capacidade de formular frases completas e tinha um aparelho topo de gama do tamanho de uma caixa de fósforos. Quando mais tarde tentei ouvir a gravação, não estava lá nada. Foi o momento mais aterrorizador da minha carreira.

— Imagino. — Grace acenou com a cabeça. — Mas pelos vistos conseguiu dar a volta à situação.

Rebecca encolheu os ombros. O cabelo dela, louro e fino, tinha um corte que era uma espécie de desordem altamente estruturada e ela usava um colar de prata que lhe assentava nas clavículas.

— Fi-la parecer tão inteligente que só se fosse louca é que não teria confirmado as citações quando lhe foram enviadas para análise. Não que eu não tivesse ficado preocupada. Mas a agente dela disse inclusivamente à minha editora que era a entrevista de que ela havia gostado mais até à data, por isso saí-me bastante bem. — Ela calou-se. Depois olhou diretamente para Grace. — Sabe — disse ela com um leve sorriso —, ocorreu-me agora que não lhe devia ter contado isto. É o que dá estar no consultório de uma terapeuta. Sentamo-nos no sofá e deitamos tudo cá para fora.

Grace sorriu.

Com um sonoro clique, Rebecca premiu as devidas teclas do gravador.

Em seguida, vasculhou novamente na pasta e retirou um bloco de notas antiquado e um manuscrito envolto numa capa brilhante.

— Oh, você tem o livro! — exclamou Grace. Era ainda tudo tão novo que ela ficava deslumbrada quando o via nas mãos de outra pessoa. Como se o objetivo de todo o processo tivesse sido produzir um item de vaidade só para ela.

— Claro que sim — respondeu a rapariga, calmamente. O profissionalismo e o controlo dela sobre a reunião pareceram ser-lhe restituídos no instante em que Grace se mostrara tão novata. Mas ela não o conseguira evitar.

Continuava a ser muito estranho ver o livro na sua forma física: o livro dela, *o seu próprio livro*, ainda por publicar, mas prestes a sair no novo ano — a melhor altura, haviam insistido Sarabeth, a sua agente, Maud, a sua editora, e J. Colton, a sua agente publicitária (J. Colton! Esse era mesmo o nome dela!), para publicar um livro como o dela. Mesmo após os vários meses de revisão, o manuscrito encadernado (tão físico, tão solidamente animador), o contrato, o *cheque* (depositado de imediato, como se pudesse evaporar-se), a introdução no catálogo editorial — era tudo muito realista, tudo muito «isto está mesmo a acontecer comigo». Ela tinha feito uma apresentação na conferência de vendas da editora na primavera anterior, para um grupo de representantes moídos da viagem e a tirarem apontamentos, todos sorridentes para ela (alguns abordaram-na logo a seguir para lhe pedir conselhos sobre os seus próprios casamentos em perigo — bem, parecia que tinha de começar a habituar-se). Mesmo depois desse dia incrível um ano antes em que Sarabeth lhe havia telefonado de hora em hora para reportar notícias cada vez mais inacreditáveis. Havia alguém que o queria. Mais uma pessoa que também o queria. Alguém... Não, mais duas pessoas, não, três, e depois a tagarelar num dialeto que Grace não conseguia entender: oferta antecipada, base de licitação («Base de licitação?», interrogara-se Grace), áudio e digital, um adoçante para «a Lista» (ela só descobriu o que era «a Lista» depois de ter lido o contrato). Nada disso parecia fazer sentido. Há anos que Grace lia sobre o fim do mundo editorial, mas ela deparara-se com uma indústria viva, dinâmica e alucinante em vez de um cadáver dissecado: mais um formato de produção americana em desuso, a apodrecer em paralelo com as siderurgias e as minas de ouro. Comentara-o com Sarabeth numa ocasião, quando ao fim de três dias o leilão fora ressuscitado com um adicionamento de última hora, desencadeando toda uma série de novas licitações. Não era certo e sabido que o mundo editorial estava acabado? Afinal de contas, era isso que as revistas diziam incessantemente. Sarabeth rira-se. O mundo editorial estava praticamente morto, sim, garantira ela a Grace, soando bastante satisfeita com a notícia. Exceto quando se conseguia captar o espírito dos tempos, o *Zeitgeist*. E o livro dela, «*Já Devias Saber*», parecia estar prestes

a captar o Zeitgeist.

Tinha demorado dois anos inteiros a escrevê-lo, sentada na secretária do canto, com o portátil aberto entre consultas de pacientes; à mesa do quarto deles na casa do lago, uma mesa de carvalho maciço manchada de água e com vista para a doca; na bancada da cozinha da casa deles na 81st Street, à noite, com Jonathan ainda no hospital ou já deitado, exausto do dia de trabalho, e Henry a dormir com um livro aberto em cima do peito e a luz ainda acesa. Havia-o escrito com uma caneca de chá de gengibre perigosamente perto do teclado e com os apontamentos espalhados em cima da bancada até ao lava-louças na outra extremidade, as pastas antigas cobertas de *Post-its*. Enquanto escrevia, as suas teorias de longa data foram ganhando vida, foram sendo aperfeiçoadas, e depois passaram a ficar inequivocamente consolidadas, a sabedoria popular que ela não sabia possuir até a ter lido no papel, as conclusões que parecia ter tirado antes mesmo de ter começado a exercer a sua profissão, quinze anos antes. (Seria porque não tinha aprendido nada? Porque tinha tido sempre razão?) Na verdade, não se lembrava de alguma vez ter aprendido a fazer o trabalho que agora fazia como terapeuta, não obstante, obviamente, ter ido às aulas, ter feito todo o trabalho de investigação, ter lido imenso e ter escrito as suas próprias dissertações, e ter finalmente conquistado a licenciatura necessária. Ela sempre soubera fazer aquilo; não se lembrava de *não* o saber. Podia ter saído do ensino secundário diretamente para esse pequeno e arrumado consultório e ter sido tão eficiente e profissional como era atualmente, ajudando os mesmos casais, impedido as mesmas mulheres de se casarem com homens que jamais as fariam felizes. Sabia que isso não fazia dela especial ou mesmo inteligente. Encarava as suas competências não como algo que lhe havia sido concedido por Deus (para ela Deus nunca passara de um tema de interesse histórico, cultural ou artístico), mas como resultado da natureza e da educação, como, por exemplo, uma bailarina naturalmente talentosa que tem a sorte de ter as pernas compridas e um progenitor disposto a levá-la às aulas de dança. Por alguma razão — ou, muito provavelmente, por nenhuma razão em particular — Grace Reinhart Sachs tinha nascido com uma predisposição para a observação e a perceção social e tinha crescido num ambiente de ideias e diálogo. Não era capaz de cantar ou dançar nem era nenhum génio matemático. Não tocava nenhum instrumento, ao contrário do filho, nem era capaz de dar vida a crianças à beira da morte, ao contrário do marido — dois talentos que ela adoraria, e que muito a honraria, possuir —, mas era capaz de se sentar com uma pessoa e ver, por norma bastante depressa e com uma clareza desconcertante, em que armadilha ela estava a meter-se e como não se deixar cair nela. Ou, se já estava presa na armadilha — e, regra geral, se a pessoa estava ali com ela era porque já estava presa na armadilha —, como fazer para se libertar. O facto de ela ter assentado

essas constatações óbvias e ter levado a revista *Vogue* ao seu pequeno e corriqueiro consultório era algo fascinante e naturalmente um pouco empolgante, mas era também um tanto estranho. Por que razão é que alguém haveria de obter tempo de antena a nível nacional por dizer que o dia se seguia à noite ou que a economia estava sujeita a revezes ou outra coisa igualmente óbvia? (Às vezes, quando pensava no seu livro e no que este iria transmitir às mulheres que o iriam ler, sentia-se quase envergonhada de si mesma, como se estivesse prestes a comercializar uma cura milagrosa que há muito se encontrava disponível nas prateleiras da farmácia.) Por outro lado, havia coisas que jamais seriam ditas vezes demais ou alto o suficiente.

Umás semanas antes, ela tinha-se sentado para um almoço especial na sala de jantar privada da Craft, a uma mesa cheia de agentes de comunicação social claramente cínicos (apesar de profissionalmente fascinados). Por cima do som leve da cutelaria de prata, Grace tinha falado sobre o seu livro e tinha respondido a questões «chapa quatro» (uma delas proveniente de um homem manifestamente hostil que envergava um laço carmesim) sobre por que motivo «*Já Devias Saber Por que Razão as Mulheres Não Conseguem Ouvir o que os Homens lhes Estão a Dizer*» era diferente dos outros livros igualmente dedicados aos relacionamentos amorosos. Era por demais evidente que a comida de Tom Colicchio fora o chamariz. Ela passara um pouco de tempo demais a falar com a editora de revista sentada ao seu lado (por outras palavras, tendo sido massacrada com a história do divórcio dispendioso dela) e constataria, para sua grande tristeza, que o empregado lhe tinha levado o prato muito antes de ela ter terminado o pernil de carneiro. Parecera-lhe muito pouco próprio de uma autora pedir para levar os restos para casa.

Depois do almoço, porém, J. Colton, a agente publicitária, começara realmente a ligar-lhe com notícias de entrevistas e de presenças televisivas, tudo resultado dessa almoçarada. A editora do divórcio dispendioso tinha-lhe assegurado uma reportagem na *More* e o homem hostil do laço carmesim agendara-lhe um artigo na *Associated Press* (compensando por tudo o resto, Grace tinha de admitir). O artigo da *Vogue* ficara agendado pouco depois. A coisa tinha claramente começado a rolar.

Ela tinha escrito (a pedido de Maud, a editora) um artigo de opinião sobre o motivo por que janeiro era um mês tão popular para os divórcios (o stress do período natalício combinado com as resoluções de ano novo) e (a pedido de J. Colton, a agente publicitária) tinha aguentado uma bizarra sessão com um orientador de comunicação social, aprendendo como inclinar a cabeça para o lado na direção do apresentador de televisão, como quebrar o gelo com o público em estúdio, como introduzir o título do seu livro nas frases mais despropositadas, sem — esperava ela — soar como uma narcisista robotizada e como criar frases-chave impecavelmente

elaboradas.

— A minha editora enviou-mo há umas semanas — replicou Rebecca, pousando o manuscrito encadernado em cima da mesa, ao lado da caixa de lenços de papel. — Adorei-o. Sabe, as pessoas não costumam ouvir coisas do género: «Se não fizer asneira logo no início não terá muitos desses problemas mais à frente.» E é bastante direto. Os livros sobre esta matéria costumam ter uma abordagem mais simpática, mais branda.

Grace, ciente de que a entrevista havia efetivamente começado, tentou fazer a tal inclinação da cabeça e proferir as tais frases-chave impecavelmente elaboradas. A sua voz, quando falou a seguir, não era a voz que ela considerava corresponder à sua vida real; era uma voz circunstancial. Era o que ela considerava ser a sua voz de terapia.

— Compreendo o que está a dizer. Mas, para ser sincera, penso que essa coisa do «mais simpático e mais brando» não nos tem servido de muito. Penso que as mulheres estão preparadas para ouvir o que o meu livro tem para lhes dizer. Não precisamos de ser tratadas com paninhos quentes. Somos adultas e, se fizemos asneira, devemos ser capazes de encarar a verdade e de tomar as nossas próprias decisões. Explico sempre aos meus pacientes que se aquilo que procuram é alguém que lhes diga que vai correr tudo bem, que tudo acontece por uma razão ou sejam lá quais forem as frases feitas do momento, então escusam de vir ao meu consultório e pagar pelos meus serviços. Ou sequer comprar o meu livro, julgo eu. — Ela esboçou um sorriso. — Para isso podem comprar um dos outros. Um qualquer. *Como Curar o seu Casamento. Como Lutar pelo seu Relacionamento.*

— Sim, mas o seu título é um pouco... de confronto, não é? *Já Devias Saber.* Quer dizer, isso é o que dizemos para nós mesmas quando estamos a ver uma conferência de imprensa e um político qualquer acaba de enviar um *tweet* com uma fotografia do seu próprio pénis para todo o mundo, ou é apanhado com uma segunda família, e a mulher está parada mesmo ao lado dele, com um ar estupefacto. É do género: «A sério? Não estavas à espera?»

— Não duvido que a mulher tenha ficado surpreendida. — Grace acenou com a cabeça. — A questão é, *deveria* ter ficado surpreendida? Não poderia ter evitado descobri-lo dessa maneira?

— Portanto, este foi o título que você escolheu?

— Bem, sim e não — respondeu-lhe Grace. — Foi a minha segunda escolha. Queria chamá-lo *Há que Prestar Atenção*. Mas ninguém percebeu a referência. Disseram que era demasiado literária.

— A sério? Quer então dizer que nem toda a gente leu Arthur Miller na escola secundária? — perguntou Rebecca com malícia, confirmando as suas credenciais.

— Na sua escola talvez — retorquiu Grace, com diplomacia. Na

verdade, havia lido *Morte de um Caixeiro-Viajante* no terceiro ciclo em Rearden, a orgulhosamente ativa (e outrora vagamente socialista) escola privada de Nova Iorque onde o filho dela era agora aluno do sétimo ano. — Seja como for, chegámos a uma solução de compromisso. Sabe como dizemos sempre «Nunca se percebe» quando alguém faz algo de que não estávamos nada à espera? Ficamos chocadas quando ele se revela um mulherengo ou um aldrabão. É um drogado. Mentiui em relação a tudo. Ou é simplesmente um egoísta e o facto de estar casado connosco, e talvez termos filhos juntos, não parece impedi-lo de se comportar como se continuasse a ser um adolescente despreocupado e solteiro.

— Oh sim! — replicou Rebecca. A resposta dela soara ligeiramente pessoal, pensou Grace. Bem, não era de admirar. Era mais ou menos esse o objetivo.

— E quando isso acontece atiramos as mãos no ar e dizemos: «Ena, com as pessoas nunca se percebe.» E nunca assumimos a nossa responsabilidade nessa desilusão. Temos de aprender a assumir as coisas. Casso contrário, não conseguimos agir no nosso próprio interesse. E não conseguimos evitar que torne a acontecer.

— Oh, oh! — Rebecca ergueu o olhar. Olhou fixamente para Grace, com uma expressão nitidamente reprovadora. — Agora a culpa é da vítima, é?

— Aqui não há vítimas — replicou Grace. — Ouça, há quinze anos que exerço esta profissão. Estou farta de ouvir mulheres a descreverem as suas primeiras interações com o atual companheiro e as suas primeiras impressões em relação a esse mesmo companheiro. E ao escutá-las não consigo deixar de pensar: «Tu percebeste logo de início.» Ela sabe que ele nunca vai deixar de olhar para as outras mulheres. Ela sabe que ele é incapaz de poupar dinheiro. Ela sabe que ele a despreza... da primeira vez que conversaram um com o outro, no segundo encontro ou na primeira noite em que ela o apresentou aos amigos. Mas depois, por alguma razão, ela *desaprende* o que sabe. Deixa que essas impressões iniciais, essa percepção básica, sejam abafadas por outra coisa qualquer. Convence-se a si mesma de que o que o seu instinto viu nesse homem que ela mal conhece afinal não corresponde à verdade, agora que ela, e passo a citar, «o começou a conhecer melhor». E é esse impulso para negar as nossas próprias primeiras impressões que é tão incrivelmente poderoso. E pode ter um impacto absolutamente devastador na vida de uma mulher. E desvalorizamos sempre a coisa, nas nossas próprias vidas, mesmo quando olhamos para outra mulher completamente iludida e pensamos: «Como é possível ela não ter percebido?» E eu sinto, muito sinceramente, que temos de nos elevar a esse mesmo padrão. E antes de sermos apanhadas na armadilha, não depois.

— Mas sabe — Rebecca ergueu o olhar do bloco de apontamentos, ao

mesmo tempo que, impressionantemente, o lápis dela continuava a escrever —, não são só os homens. As mulheres também mentem, certo? — Ela estava a franzir o sobrolho e via-se, mesmo no meio da testa, um distinto «v». Era óbvio, felizmente, que a revista para a qual ela escrevia não a havia convencido a injetar-se com a toxina botulínica.

— Certo. Claro que sim. E eu falo sobre isso mesmo no livro. Mas a verdade é que nove em cada dez casos é a mulher que se senta ali no meu sofá, completamente de rastos porque, na cabeça dela, o companheiro escondeu-lhe algo. Por isso decidi, logo de início, que este livro seria dirigido às mulheres.

— Muito bem — respondeu a rapariga, voltando a atenção para o bloco de apontamentos. — Já percebi.

— Estou a ser didática — disse Grace, com um riso triste.

— Está é a ser dedicada.

«Certo», pensou Grace. Não se podia esquecer dessa.

— Seja como for — disse ela, deliberadamente —, cheguei a um ponto em que não podia continuar a ver tantas mulheres decentes e bem-intencionadas a passarem por meses e anos de terapia, a exporem-se por completo e a gastarem uma fortuna, para depois descobrirem que o companheiro não mudou nada e que o mais certo é nunca ter realmente tentado mudar, ou mesmo ter manifestado vontade de mudar. As mulheres voltam ao mesmo ponto em que se encontravam quando entraram aqui pela primeira vez e se sentaram onde você agora está sentada. Essas mulheres merecem ouvir a verdade, ou seja, que a situação dela não vai melhorar, pelo menos não tanto como desejam que melhore. Precisam de ouvir que o erro que cometeram pode ser irrecuperável.

Ela calou-se, em parte para permitir que Rebecca conseguisse acompanhar o raciocínio, mas também para saborear o impacto disso, da sua «bomba» (tal como Sarabeth, a agente, havia dito aquando do primeiro encontro entre elas, no ano anterior). Continuava a senti-lo como algo um tanto ou quanto profundo. Aliás, Grace lembrava-se do momento em que havia decidido pôr por escrito o que pensava verdadeiramente, essa coisa óbvia tornada cada vez mais evidente com o passar dos anos da sua vida profissional, depois dos guias para encontros amorosos (que nunca o diziam) e dos manuais sobre o casamento (que também nunca o diziam) que ela havia devorado em preparação para a escrita do seu livro, e depois de cada conferência da Associação Internacional do Casamento e dos Conselheiros Matrimoniais a que ela havia assistido (onde isso também nunca fora mencionado). Essa coisa de que ninguém falava, mas que ela suspeitava que os colegas de profissão compreendiam tão bem como ela. Deveria dizê-lo no seu livro, denunciar o veneno destilado pelos seus pares? Ou limitar-se a reiterar esse mito ridículo de que qualquer «relacionamento» (fosse ele qual fosse) podia ser «recuperado» (o que quer

que isso significasse).

— Não escolha a pessoa errada — disse ela a Rebecca agora, incentivada pela presença da *Vogue* no seu pequeno e insípido consultório, a mulher artificialmente alta e magra sentada no seu sofá de cor bege, empunhando um bloco de apontamentos e um gravador do estilo retro. — Se escolher a pessoa errada, não importa o quanto deseja recuperar o seu casamento. Jamais irá resultar.

Passado algum tempo, Rebecca ergueu o olhar e disse:

— Isso é não ter papas na língua.

Grace encolheu os ombros. Era não ter papas na língua, sim. Tinha de ser assim. Se uma mulher escolhia a pessoa errada, ele seria sempre a pessoa errada, ponto final. A melhor terapeuta do mundo pouco poderia fazer, exceto negociar o tratado ente ambos. Na melhor das hipóteses, pensou Grace, era incrivelmente triste, mas na pior das hipóteses era castigador — uma vida inteira de punição. O casamento não deveria ser assim. Se esses casais não tinham filhos, deveriam esforçar-se por optar pela separação. No caso de existirem filhos: o respeito mútuo e a parentalidade partilhada. E a separação.

Não que, obviamente, ela não sentisse pena deles. Sentia realmente pena deles, em especial das suas pacientes, porque haviam recorrido à ajuda dela e era demasiado tarde para lhes oferecer outra coisa sem ser o equivalente a sacos do lixo e a limpa-vidros para depois dos estragos. Mas o que ela detestava, acima de tudo, era o carácter evitável de toda essa desgraça. As suas pacientes não eram pessoas sem inteligência. Eram instruídas e perspicazes no que dizia respeito às outras pessoas. Algumas, inclusivamente, eram pessoas formidáveis. E o facto de terem conhecido, no percurso da sua juventude, um potencial companheiro que lhes oferecia sofrimento garantido ou pelo menos muito provável, e o facto de elas terem aceitado esse sofrimento garantido ou pelo menos muito provável, acabando por ficar reféns desse sofrimento garantido ou pelo menos muito provável que lhes havia sido prometido... Bem, isso deixava-a perplexa. Ficava sempre perplexa e irritada também. Às vezes — não o conseguia evitar — apetecia-lhe abaná-las a todas com imensa força.

— Imagine — disse ela a Rebecca — que está sentada a uma mesa com uma pessoa, pela primeira vez. Digamos que num encontro amoroso. Digamos que em casa de uma amiga, onde possa cruzar caminho com um homem que possivelmente considera atraente. Nesse primeiro instante apercebe-se de uma série de coisas em relação a esse homem, coisas que a sua intuição lhe transmite sobre ele. São coisas perfeitamente identificáveis. Consegue perceber se ele é sincero com as pessoas, se está interessado no mundo que o rodeia, se é inteligente ou não e se põe essa inteligência a uso. Percebe que ele é simpático ou arrogante, ou superior, ou curioso, ou generoso. Vê a forma como ele a trata. Pode aprender com o

que ele decide dizer-lhe sobre si próprio: qual o papel da família e dos amigos na vida dele, as mulheres com quem se envolveu anteriormente. Consegue perceber como cuida dele próprio: em termos de saúde, de bem-estar, da sua situação financeira. Isso é tudo informação disponível e nós aproveitamo-la. Mas depois...

Ela esperou. Rebecca estava a escrevinhar, a cabeça loura para baixo.

— Depois...?

— Depois surge a história. Ele tem uma história. Tem várias histórias. E não estou a insinuar que inventa coisas ou que mente descaradamente. Até pode estar a fazê-lo, mas mesmo que não o faça, nós fazemo-lo por ele porque, enquanto seres humanos, temos uma necessidade profunda e enraizada de narrativa, em especial se vamos ter um papel importante nessa mesma narrativa; do estilo «eu já sou uma heroína e ali vem o meu herói». E mesmo enquanto absorvemos factos ou formamos impressões, temos este impulso obstinado de os contextualizar. Pelo que construímos uma história sobre como é que ele cresceu, como foi tratado pelas mulheres, como foi tratado pelos patrões. A forma como ele aparece agora diante de nós torna-se parte dessa mesma história. A forma como ele tenciona viver o amanhã torna-se parte dessa mesma história. Depois nós próprias entramos na história: «Nunca ninguém o amou como eu. Nenhuma das ex-namoradas dele estava ao mesmo nível intelectual dele. Não sou suficientemente bonita para ele. Ele admira a minha independência.» Nada disto são factos. É tudo uma combinação entre o que ele nos disse e o que nós dissemos a nós próprias. Essa pessoa passou a ser uma personagem inventada numa história inventada.

— Ou seja, como uma personagem fictícia.

— Sim. E não é boa ideia casar com uma personagem fictícia.

— Mas... Você fá-lo parecer inevitável.

— Não é. Se nessa situação empregássemos uma fração do cuidado que empregamos nas nossas decisões consumistas, por exemplo, os problemas surgiriam com muito menos frequência. Mas afinal de contas, qual é o nosso problema? Experimentamos vinte pares de sapatos antes de comprarmos um único par. Lemos avaliações feitas por estranhos antes de escolhermos a pessoa que nos vai alcatifar a casa. Mas depois desativamos o nosso detetor de conversa fiada e desvalorizamos as nossas próprias primeiras impressões só porque achamos alguém atraente ou porque ele parece estar interessado em nós. Ele até pode estar a segurar um letreiro que diz: «Vou sacar-te o dinheiro todo, meter-me com as tuas amigas e privar-te constantemente de amor e apoio» que nós arranjamos sempre maneira de esquecer que o lemos. Arranjamos forma de o *desaprender*.

— Mas... — disse Rebecca. — As pessoas têm dúvidas. Talvez apenas não ajam de acordo com as mesmas.

Grace acenou com a cabeça. As dúvidas surgiam frequentemente na

sua área de trabalho: dúvidas antigas e ressecadas, guardadas, preservadas e trazidas à baila por mulheres muito magoadas e muito tristes. Faziam parte de uma temática com inúmeras variações: «Eu sabia que ele bebia demasiado.» «Eu sabia que ele era incapaz de guardar segredo.» «Eu sabia que ele não me amava, não tanto como eu o amava a ele.»

— Muitas pessoas têm dúvidas — concordou ela. — O problema é que poucas de nós reconhecemos a dúvida pelo que ela é. A dúvida é um dom do nosso íntimo, pelo menos é assim que eu a vejo. Tal como o medo. Nem imagina a quantidade de gente que sente medo imediatamente antes de algo mau lhes acontecer e mais tarde, quando estão a recordar esse momento, apercebem-se de que perderam uma oportunidade para se desviarem do que estava prestes a acontecer. Do género: «Não vás por essa rua.» «Não deixes que esse tipo te leve a casa.» Parecemos ter uma capacidade altamente desenvolvida para ignorar algo que sabemos ou do qual desconfiamos. Do ponto de vista evolucionista, por si só, é algo fascinante, mas os meus interesses são mais práticos. Estou convencida de que a dúvida pode ser um dom extraordinário. Penso que temos de aprender a escutar as nossas dúvidas em vez de as desvalorizarmos, mesmo que isso implique pormos fim a um noivado. É mais fácil cancelar uma cerimónia matrimonial do que pôr fim a um casamento.

— Olhe que não sei — retorquiu Rebecca, com bastante sarcasmo. — A julgar pelos últimos casamentos a que fui, penso que seria mais fácil cancelar os Jogos Olímpicos.

Isso — sem saber nada sobre os amigos recém-casados de Rebecca — devia ser verdade. O casamento da própria Grace tinha sido uma cerimónia pequena porque a sua família era essencialmente composta por ela e pelo pai, e a família de Jonathan havia optado por não comparecer. Mas também ela havia assistido à sua quota-parte de cerimónias matrimoniais completamente exageradas.

— No ano passado — disse Rebecca —, a minha colega de quarto da faculdade realizou um banquete imenso, quinhentas pessoas no Puck Building. As flores, ó meu Deus, só as flores custaram cinquenta mil dólares, não estou a brincar. E os presentes de casamento estavam todos expostos em cima de uma mesa comprida, numa sala ao lado, como se fazia antigamente, lembra-se?

Grace lembrava-se. Era um ritual antigo que, tal como muitos outros rituais de casamento antigos, havia regressado com todo o seu esplendor materialista, porque pelos vistos a cerimónia matrimonial atual não era concorrida ou exuberante o suficiente. O casamento dos pais dela em St. Regis também tinha contado com uma amostra de presentes numa sala adjacente ao salão: pratos *Audubon*, porcelanas *Haviland* e um serviço completo de *Cristais de Waterford*, peças que se encontravam agora nas garras de Eva, a segunda mulher do pai dela.

— Metade da *Tiffany*. Bem como todas as maquinetas que a *Williams-Sonoma* alguma vez inventou. O que é de loucos — Rebecca deu uma risada —, porque ela não sabe cozinhar e não me parece que o marido alguma vez venha a ser civilizado o suficiente para comer com talheres de prata.

Grace acenou com a cabeça. Já o tinha ouvido antes, esses pormenores, assim como muitos outros, proferidos no sofá bege do seu consultório. Ouvira falar sobre a procura em grande escala dos rebuçados cor de pastel servidos no casamento dos pais da noiva (ao que parecia, continuavam a ser produzidos apenas numa pequena loja em Rivington), sobre os medalhões gravados para as damas de honor, sobre a marca específica de um carro *vintage* para os conduzir ao Gansevoort, sobre o local onde passariam a noite de núpcias, e depois, no final de tudo, sobre os tais dez dias passados no mesmo *resort* nas Seicheles onde alguns casais de celebridades haviam passado a lua-de-mel deles, numa cabana assente em estacas sobre o oceano Índico azul-vivo.

Que esse tinha sido o local onde o casal tivera a discussão que projetara uma sombra sobre a lua-de-mel e que, anos mais tarde, continuava viva diante da terapeuta que já sabia que essas duas pessoas faziam sobressair o pior uma da outra e que possivelmente sempre o tinham feito e continuariam decerto a fazer.

Às vezes Grace desejava poder atirar uma lança envenenada a toda a indústria do matrimónio. Se se reduzisse o típico alarido nupcial do século XXI a uma discreta troca de votos matrimoniais, feita na presença de amigos queridos e da família, metade dos casais que estão noivos — a metade que interessava — esqueceria esse conceito de cerimónia matrimonial nesse mesmo instante. Se se convencesse casais a guardar a festa para as bodas de prata, quando o cabelo dele tivesse desaparecido e a cintura dela estivesse mais larga por ter dado à luz, muitos deles ficariam absolutamente horrorizados. Mas quando vinham finalmente ter com ela, as trancas estavam na porta já depois da casa roubada.

— «A dúvida pode ser um dom.» — Rebecca proferiu a frase em voz alta, como se testasse o seu peso e sua capacidade de ser repetida. — Soa bem.

Grace sentiu o peso do cinismo de Rebecca. Depois sentiu o peso do seu próprio cinismo.

— Não que eu não acredite na transformação humana — disse ela, tentando não deixar transparecer a sua atitude defensiva. — A transformação humana é possível. Requer imensa coragem e altruísmo, mas acontece. O problema é que despendemos tanta energia nessa ínfima possibilidade de correção e nenhuma no que diz respeito à prevenção. É uma distinção grave, não lhe parece?

Rebecca acenou vagamente com a cabeça, mas agora estava

ocupada. Estava a escrever, com os nós dos dedos da mão esquerda bastante visíveis e a caneta a tremer, e a esgaravatar, ao longo das linhas largas. Após um momento, chegou ao fim do que estava a tentar passar para o papel. Em seguida, ergueu o olhar e, numa voz típica de terapeuta, disse:

— Importa-se de aprofundar?

Grace respirou fundo e continuou. Era uma das maiores ironias da sua profissão, explicou ela, que quando perguntava a alguém o que procurava num companheiro as pessoas tinham tendência para responder com verdades sensatas, maduras e perspicazes: proteção e companheirismo, respondiam elas, carinho e estímulo, um porto seguro de onde poderiam zarpar. Mas quando olhávamos para os relacionamentos delas, onde é que estavam essas coisas? Essas mesmas pessoas perspicazes e eloquentes encontravam-se sozinhas em combate, sentindo-se perpetuamente diminuídas. Havia abandono e atrito, competitividade e obstrução, e tudo porque, a certa altura, tinham dito sim à pessoa errada. Pelo que depois vinham ter com ela com essa coisa estragada e a precisar de arranjo, mas de nada servia explicar-lhes tudo agora. Devia ser-lhes explicado *antes* de elas dizerem sim à pessoa errada.

— Vou casar-me — anunciou Rebecca, algo inesperadamente, quando terminou de escrever tudo ou uma parte do que Grace havia dito.

— Parabéns — disse-lhe Grace. — Que boa notícia.

A rapariga deu uma gargalhada:

— Não me diga...

— Digo, sim. Espero que seja uma cerimónia bonita e, mais importante ainda, que tenha um casamento maravilhoso.

— Quer dizer que é possível haver casamentos maravilhosos? — perguntou ela, visivelmente divertida.

— Claro que sim. Se não acreditasse nisso não estaria aqui.

— E calculo que também não estivesse casada.

Grace esboçou um sorriso simples. Tinha sido muito complicado fornecer a quantidade, ainda que limitada, de informação que a agente publicitária dela havia solicitado. Os terapeutas não gostavam de fazer publicidade às suas vidas privadas. Os autores, pelos vistos, sim. Ela tinha prometido a Jonathan que a vida deles enquanto casal, enquanto família, permaneceria tão privada quanto possível. Na realidade, ele não parecera ter ficado tão incomodado como ela.

— Fale-me sobre o seu marido — pediu Rebecca agora, tal como Grace tinha previsto.

— Chama-se Jonathan Sachs. Conhecemo-nos na universidade. Bem, eu andava na universidade. Ele andava na faculdade de Medicina.

— Quer dizer que é médico?

É pediatra, respondera Grace. Ela não queria revelar o nome do

hospital. Isso mudava as coisas. Toda essa informação estava disponível mediante uma busca do nome dela na Internet, uma vez que ela tinha sido mencionada no pequeno artigo que a revista *New York* tinha publicado uns anos antes, no seu número anual dedicado aos Médicos de Topo. A fotografia mostrava Jonathan vestido com a bata do hospital, o cabelo escuro encaracolado muito para lá do ponto em que ela costumava dizer-lhe para o cortar. Tinha o omnipresente estetoscópio ao pescoço; e no bolso do peito via-se um enorme chupa-chupa tipo girândola. Parecia estar a tentar sorrir, não obstante o cansaço visível. Um rapaz careca e sorridente estava sentado no colo dele.

— Filhos?

— Um filho. O Henry tem doze anos.

Ela acenou com a cabeça, como se isso confirmasse algo. O intercomunicador na secretária de Grace soou.

— Oh, ótimo! — exclamou Rebecca. — Deve ser o Ron.

Ron devia ser o fotógrafo. Grace levantou-se para lhe ir abrir a porta.

Ele estava parado na entrada, rodeado de pastas de metal pesadas. Estava ao telemóvel, a enviar um SMS, quando ela abriu a porta.

— Olá — cumprimentou ela, essencialmente para chamar a atenção dele.

— Ei — respondeu ele, calmamente, erguendo o olhar. — Sou o Ron. Avisaram-na de que eu vinha?

— Olá. — Ela apertou-lhe a mão. — O quê, nada de penteados e maquilhagem?

Ele olhou-a com uma expressão estranha. Não percebia que ela estava a brincar.

— Estou a brincar. — Ela riu-se, intimamente desiludida por não haver ninguém para tratar do cabelo e da maquilhagem. Havia-se permitido fantasiar sobre o penteado e a maquilhagem. — Entre.

Ele entrou pesarosamente, carregando duas das pastas, e depois foi buscar as que faltavam. Era mais ou menos da altura de Jonathan e teria a mesma constituição física de Jonathan, reparou Grace, se o marido dela não fosse tão consciencioso em evitar a barriga protuberante.

— Olá, Ron — cumprimentou Rebecca, que havia surgido na entrada do consultório. Os três agora estavam parados no átrio, que era ainda mais pequeno do que o consultório. Ron parecia preocupado com o que via: duas poltronas pesadas e simples, um tapete Navajo e exemplares antigos da *New Yorker* num cesto de verga no chão.

— Estava a pensar que talvez fosse melhor lá dentro? — disse-lhe Rebecca.

— Vamos então ver lá dentro.

O interior do consultório, pelos vistos, era melhor. Ele trouxe uma luz, uma tela branca curva e uma das pastas, de onde começou a tirar

máquinas fotográficas. Grace estava parada ao lado do sofá com algum nervosismo, uma estranha ali, na sua própria terra, a vê-los expulsar a sua cadeira feita de pele para o átrio. Ele afastou a secretária para instalar a luz, uma caixa quente e luminosa montada em cima de um suporte cromado, e encostou a tela à parede oposta.

— Costumo ter um assistente — disse ele, sem mais explicações.

«Este é um trabalho barato», pensou ela, de imediato. «Como tal, a prioridade é reduzida.»

— Belas flores. Vão ficar bem junto àquela parede. Vou colocá-las no enquadramento.

Grace acenou com a cabeça. Aquela Sarabeth... Incrível, realmente.

— Não quer ir...? — Ele calou-se e olhou para Rebecca, que agora estava em pé com os braços cruzados sobre o peito saliente.

— Retocar-se? — terminou Rebecca por ele. Havia-se transformado na editora fotográfica.

— Ah, pois.

Grace deixou-os e foi à casa de banho, que era bastante pequena — tão pequena que numa ocasião tinha motivado um ataque de choro por parte de uma paciente obesa — e não era propriamente bem iluminada. Agora lamentava-o, pois mesmo que soubesse transformar-se, como por magia, em algo digno de ser visto pelas leitoras da *Vogue*, duvidava que o conseguisse fazer num espaço tão minúsculo e escuro. Sem grandes opções, lavou o rosto com o sabonete de mãos disponível e secou-o com uma das toalhas de papel que guardava no dispensador. Isso não produziu qualquer efeito visível e ela contemplou o seu rosto limpo e familiar com um aperto no coração. Da mala retirou uma bisnaga de corretor e passou-a duas vezes por baixo dos olhos, mas não viu grande diferença: agora parecia uma mulher ligeiramente cansada com corretor nas olheiras. Mas quem era ela para tratar a *Vogue* com tamanha indiferença?

O assunto seria importante o suficiente para ligar a Sarabeth? Grace tinha chegado à conclusão, nos últimos meses, que sentia alguma relutância em interromper o que ela considerava ser o trabalho *a sério* da sua agente, ou melhor, o trabalho dela com escritores a sério. Por outras palavras, seria errado interromper o que poderia ser uma sessão intensa de trocas literárias com o Vencedor do National Books Critics Award para lhe perguntar se ela — Grace — deveria dar um saltinho à farmácia *Zitomer* e suplicar a uma das senhoras para a maquilhar. E em relação ao cabelo? Deveria manter o penteado habitual, um carrapito apertado e bem penteado, preso com os ganchos grandes (tinham sido feitos para prender os rolos de cabelo de plástico antigos e eram cada vez mais difíceis de encontrar)? Ou deveria soltá-lo e passar com a escova, o que lhe dava um ar descuidado e juvenil?

«Isso é que era bom», pensou ela, pesarosamente, «ter um ar juvenil».

Era claro que ela não era nenhuma jovem. Era uma mulher com alguma idade, uma mulher confiante com um certo requinte, com inúmeras responsabilidades e compromissos, que há muito havia definido uma série de parâmetros para a sua aparência física e que se mantivera conscienciosamente fiel aos mesmos, aliviada por não ter de se reinventar a toda a hora ou mesmo aspirar a padrões de beleza superiores. Estava ciente do facto de que a maioria das pessoas a via como uma mulher formal e controlada, mas isso não a incomodava pois a Grace que vestia calças de ganga na casa do lago e que soltava o cabelo assim que chegava a casa do trabalho não era a Grace que ela desejava disponibilizar ao mundo.

Era jovem *o suficiente*. Era atraente *o suficiente*. Aparentava ser competente *o suficiente*. A questão não era essa.

A questão da fama... Bem, talvez estivesse a interferir demasiado na sua vida pessoal. Se pudesse ter contratado uma atriz (mais alta e mais bonita!) para desempenhar o papel da autora do seu livro, ter-se-ia sentido tentada a fazê-lo. Uma atriz com um auricular, através do qual Grace poderia ditar as deixas certas («Na grande maioria dos casos, o nosso potencial companheiro dir-nos-á rapidamente tudo o que precisamos de saber...»), enquanto Matt Lauer ou Ellen DeGeneres acenavam seriamente com a cabeça. «Mas eu já sou crescadinha», pensou Grace, limpando distraidamente a poeira que cobria a superfície do espelho, com as costas dos dedos. Depois regressou para junto dos outros.

Rebecca agora estava sentada na cadeira de Grace, com os olhos fixos no ecrã do telemóvel, e a mesinha de apoio tinha sido afastada do sofá, a jarra com as rosas e o manuscrito encadernado ligeiramente afastados para o lado e em grande plano no enquadramento. Não foi preciso dizerem-lhe onde sentar-se.

— O seu marido é um amor — disse Rebecca.

— Ah, sim! — replicou ela. Não gostava nada de ser posta nessa situação embaraçante. — Obrigada.

— Como é que ele consegue fazer aquilo? — perguntou ela.

Ron, que já estava a espreitar pela lente de uma das máquinas fotográficas, respondeu:

— Fazer o quê?

— Ser médico de crianças com cancro.

— É pediatra oncológico — replicou Grace, numa voz calma. — No Memorial.

Por outras palavras, no Memorial Sloan-Kettering. Ela queria muito que eles mudassem de assunto.

— Eu seria incapaz. Ele deve ser um santo.

— É um excelente médico — respondeu-lhe Grace. — É uma especialidade complicada.

— Meu Deus! — exclamou Ron. — Eu não era capaz.

«Ainda bem que ninguém te pediu para o fazeres», pensou ela, com irritação.

— Estava a tentar decidir o que fazer ao cabelo — disse ela, na esperança de os distrair. — O que acham? — Levou a mão ao carrapito apertado na base da nuca. — Posso soltá-lo. Tenho uma escova.

— Não, está bem assim. Dá para ver o rosto. Está bem? — perguntou ele. Mas, na realidade, estava a perguntar a Rebecca e não a ela.

— Vamos experimentar — confirmou ela.

— Okay! — retorquiu ele.

Tornou a pegar na máquina fotográfica, espreitou pela lente e disse:

— Isto é só um teste, está bem? É na boa. — E antes de ela ter tempo de lhe responder, ele produziu um sonoro clique metálico.

De imediato, Grace ficou petrificada.

— Oh, não... — Ron deu uma risada. — Eu disse que não ia custar nada. Não está à vontade, é?

— Por acaso não — replicou ela, tentando sorrir. — Nunca fiz isto. Quer dizer, tirar uma foto para ser publicada numa revista.

«Completando assim a minha infantilização pública», pensou ela, ao mesmo tempo que perdia a última réstia de coragem.

— E que bela revista onde se estrear! — exclamou Ron, num tom jovial. — Vou dar-lhe um ar tão fantástico que vai pensar que uma supermodelo se fez passar por si.

Grace deu uma risada muito pouco sincera e endireitou-se no sofá.

— Muito bem! — disse Rebecca, alegremente. — Mas cruze as pernas para o outro lado, está bem? O ângulo é melhor.

Grace assim fez.

— E vamos a isto! — disse Ron, muito animado. Começou a tirar fotografias, numa sucessão de cliques. — Então diga-me lá — disse ele, ao mesmo tempo que se agachava e se inclinava para a frente, produzindo, tanto quanto parecia a Grace, pequenas variantes do mesmo ângulo —, como é que se chama o seu romance?

— Romance? Oh, não escrevi nenhum romance. Seria incapaz de escrever um romance.

Ocorreu-lhe que provavelmente não deveria falar. Se falasse, como é que a sua boca iria ficar nas fotografias?

— Não acabou de publicar um livro? — perguntou-lhe ele, sem erguer o olhar. — Pensava que era escritora.

— Não. Quer dizer, sim, escrevi um livro, mas não sou escritora. Quer dizer... — Grace franziu o sobrolho. — É um livro sobre o casamento. A minha especialidade é o trabalho com casais.

— Ela é terapeuta — explicou Rebecca, numa tentativa de ser prestável.

Mas não seria também escritora, pensou Grace, subitamente

incomodada. O facto de ter escrito um livro não fazia dela uma escritora? Foi então que lhe ocorreu algo diferente.

— Não contratei ninguém para o escrever — insistiu ela, como se ele a tivesse acusado disso. — Escrevi-o eu mesma.

Ron tinha parado de fotografar e estava a examinar o monitor digital.

— Por acaso — disse ele, sem erguer o olhar — preciso que se mexa um bocadinho para a esquerda. Peço desculpa, para a minha esquerda. E pode recostar-se ligeiramente? *Okay...* — disse ele, ainda a pensar. — Acho que se calhar estávamos enganados em relação ao cabelo.

— Muito bem — replicou Rebecca.

Grace levou a mão atrás e retirou os três ganchos grandes com destreza, fazendo cair uma espiral de cabelo castanho-escuro bastante macio, por altura dos ombros. Ela agarrou-o, para o abrir, mas o fotógrafo deteve-a.

— Não faça isso — disse ele. — Assim fica melhor. Tem um ar escultural. Você não consegue ver, mas o contraste entre o cabelo escuro e a cor da blusa fica muito bonito.

Ela não o corrigiu. Não era uma «blusa», como era óbvio. Tratava-se de uma camisola de caxemira cor da pele muito fina e macia — uma das cinco que ela possuía. Mas não estava com vontade de discutir blusas com Ron, mesmo sendo ele fotógrafo da *Vogue*.

Seguiu-se um pequeno ajuste na posição da jarra. E depois um pequeno ajuste no livro em cima da mesa.

— Ótimo! — anunciou ele. — Muito bem. Vamos a isto.

Ele recomeçou. Rebecca observava, em silêncio. Grace tentou respirar.

Raramente se sentava nesse lugar, no sofá, e a perspectiva era estranha. A fotografia de Eliot Porter, reparou ela, estava torta, e via-se uma mancha gordurosa por cima do interruptor da luz, junto à porta. «Tenho de limpar aquilo», pensou. E talvez estivesse finalmente na altura de substituir o Eliot Porter. Estava saturada do Eliot Porter. Não estaria já toda a gente saturada do Eliot Porter?

— O casamento — disse o fotógrafo, de repente. — Isso é coisa séria. Seria de esperar que já se tivesse dito tudo o que havia a dizer sobre esse assunto.

— Há sempre mais a dizer — respondeu-lhe Rebecca. — É o tipo de coisa em que não nos queremos enganar.

Ele pousou o joelho do chão e apontou a máquina para cima, num ângulo. Grace tentou recordar-se se isso fazia o pescoço parecer mais curto ou mais comprido.

— Nunca pensei muito sobre esse assunto. Sempre achei que conhecemos alguém e se for a pessoa certa, *percebemos* de imediato. Quer dizer, eu percebi assim que conheci a minha mulher. Fui para casa e disse ao meu amigo, com quem estava a morar na altura: «Esta rapariga é a tal.»

Amor à primeira vista e isso.

Grace fechou os olhos. Depois lembrou-se onde estava e tornou a abri-los. Ron pousou a máquina fotográfica e pegou noutra, na qual começou a remexer. Parecia-lhe seguro falar:

— O problema é quando as pessoas se agarram a esse «percebe-se logo» e põem de parte pessoas com quem não têm uma empatia imediata. Estou convencida de que existem várias boas combinações para cada pessoa e que elas se cruzam constantemente no nosso caminho, mas estamos tão agarrados ao conceito de amor à primeira vista que podemos deixar escapar as pessoas realmente boas que não nos surgem à frente com o ribombar de um trovão.

— Importa-se de olhar para este lado? — pediu Rebecca.

«E tu podes calar-te?», pensou Grace. Olhou para Rebecca, que estava sentada na cadeira de Grace, à secretária de Grace. Para compensar por esse facto desagradável, deu por si a esboçar um enorme sorriso. O que era ainda mais desagradável.

Mas havia mais qualquer coisa e enquanto ela estava sentada, num ângulo desconfortável, completamente torta, essa outra coisa começou a emergir por entre a distração circunstancial de estar a ser fotografada para a *Vogue* (nessas páginas, estava mais do que certa, nenhuma leitora a confundiria com uma supermodelo) e a novidade de estar sentada no seu próprio sofá, até se instalar incontestavelmente à sua frente. Essa coisa era o facto inalterável de que ela — tal como Ron, o fotógrafo, tal como qualquer quantidade de pacientes nesse mesmo consultório, tal como uma percentagem desconhecida de futuras leitoras do seu livro — tinha sem dúvida alguma «percebido», na primeira vez que pusera os olhos em Jonathan Sachs, que iria casar com ele e que o amaria para o resto da sua vida. Era uma verdade que ela havia escondido de Sarabeth, a agente, de Maud, a editora, e de L. Colton, a agente publicitária, da mesma forma que agora o estava a esconder de Rebecca, a jornalista prestes a casar, e de Ron que, tal como ela, tinha «percebido» que tinha conhecido a mulher com quem deveria casar. Na noite em questão ela tinha atravessado o rio Charles no início do outono, com a amiga Vita e o namorado desta, para ir a uma festa de Halloween numa caverna macabra da faculdade de Medicina. Os outros tinham entrado primeiro, mas ela quisera ir à casa de banho e perdera-se na cave, percorrendo, qual ratinho de laboratório, uma série de corredores subterrâneos, perdendo-se, começando a ficar cada vez mais irritada e cada vez mais assustada. E então, repentinamente, não só já não se encontrava sozinha como também estava na presença — na companhia — de um homem que ela reconheceu de imediato, apesar de ter a certeza de que nunca o tinha visto antes. Tratava-se de um tipo magricela com o cabelo desgrenhado e uma deselegante barba de vários dias. Vestia uma *T-shirt John Hopkins* e segurava um alguidar de plástico cheio de roupa suja,

com um livro sobre o Klondike equilibrado em cima da roupa, e quando ele a viu, sorriu: um sorriso de fazer parar o movimento da Terra e que iluminou o corredor imundo, fazendo-a parar abruptamente, mudando a vida dela. Grace mal tivera tempo para respirar e já esse homem, ainda sem nome, se havia tornado a pessoa mais confiável, estimada e desejada da vida dela. *Ela simplesmente percebeu.* Pelo que o tinha escolhido e agora, como resultado disso, tinha a vida certa, com o marido certo, o filho certo, o lar certo, a profissão certa. Para ela, tinha realmente sido assim. Mas não o podia revelar. Muito menos agora.

— Ei, podemos fazer uns grandes planos? Importa-se? — perguntou Ron.

Deveria importar-se?, pensou Grace. Teria algum voto na matéria?

— Está bem — replicou Rebecca, confirmando que a pergunta não era dirigida a Grace.

Grace inclinou-se para a frente. A lente parecia muito perto, a escassos centímetros de distância. Interrogou-se se poderia espreitar e ver o olho dele do outro lado; olhou para as profundezas, mas apenas via a superfície vítrea e o *clique* ribombante: não estava lá ninguém. Depois questionou-se se sentiria o mesmo caso fosse Jonathan a empunhar a máquina fotográfica, mas na verdade não se lembrava de uma única vez em que ele tivesse segurado uma máquina fotográfica, *Clique*, quanto mais uma máquina fotográfica assim tão perto do rosto dela. Ela era a fotógrafa por defeito da família, embora sem nenhum dos acessórios opcionais atualmente em exposição no seu pequeno consultório, sem nenhuma das competências óbvias de Ron e sem qualquer paixão pela modalidade. Era ela quem tirava as fotografias dos aniversários e as fotografias dos passeios de fim de semana no campo, *Clique*, a fotografia de Henry a dormir no seu fato de Beethoven e *Clique*, a fotografia dele a jogar xadrez com o avô, *Clique*, a sua fotografia favorita de Jonathan, minutos após ele ter terminado um corrida junto ao lago no feriado do Dia das Forças Armadas, com um copo de água despejado por cima do rosto e uma expressão de orgulho evidente e desejo perceptível. «Ou seria apenas em retrospectiva», pensou Grace, *Clique*, que ela tinha visto sempre desejo nessa fotografia, uma vez que, mais tarde, ao fazer as contas, tinha-se apercebido de que Henry estava prestes a ser concebido, escassas horas após a fotografia ter sido tirada. Depois de Jonathan ter comido qualquer coisa e de ter tomado um demorado duche de água quente, depois de ele a ter levado para a cama de infância dela e, *Clique*, de se ter mexido de um lado para o outro em cima dela, repetindo o nome dela vezes sem conta, e ela recordava ter-se sentido muito feliz, e, *Clique*, tão incrivelmente afortunada, e não porque estavam a conceber a criança que ela tanto desejava, mas porque nesse momento específico essa simples possibilidade não importava, nada importava exceto ele e, *Clique*, eles os dois e o que estavam a fazer, e agora a recordação

desse instante, a surgir na mente dela: o olho e o outro olho através da lente que devia estar a olhá-la também.

— Muito bem — disse Ron, baixando a máquina. Agora ela via-lhe novamente o olho: castanho, afinal de contas, e incrivelmente vulgar. Grace quase deu uma risada de embaraço. — Não, a sério que ficou bem — disse ele, interpretando-a mal. — E pronto, está despachada.

¹ No original *floor*, que significa literalmente «chão», daí a surpresa. (NT)

CAPÍTULO DOIS

O QUE É MELHOR DO QUE CRIAR FILHOS?

A negligência profundamente intencional da casa citadina de Sally Morrison-Golden na East 74th Street começava logo pelo seu exterior, com os canteiros das janelas cheios de plantas indeterminadas, umas a morrer e outras já mortas, e um balão vermelho vazio preso à grelha de ferro, por cima da porta. A casa situava-se numa rua verdejante entre duas elegantes e imaculadas moradias do mesmo período (construídas, muito provavelmente, pelo mesmo arquiteto e pelo mesmo construtor), cujas plantas, dignas e indubitavelmente caras, e as janelas com cores vivas envernizadas pareciam suportar a sua vizinha degradada com uma certa paciência sofrida. No interior, quando a *au pair* alemã robusta abriu a porta a Grace, essa característica de desordem desafiante era continuada por uma confusão imediata e implacável, que começava logo junto à porta (aliás, a porta não se abria por completo por causa dos volumosos sacos de compras atrás da mesma) e perdurava nos trilhos de destroços de artigos de crianças a todo o comprimento do corredor, estendendo-se até à cozinha e seguindo pelas escadas acima (onde decerto conduzia a espaços desarrumados longe da vista). Tudo isso era profundamente deliberado, pensou Grace, ao mesmo tempo que a *au pair* (Hilda? Helga?) abriu a porta para trás e ela entrou na casa. Numa cidade de abundância, Sally era talvez a pessoa mais rica que Grace conhecia pessoalmente e com um pessoal doméstico que decerto incluía pelo menos uma pessoa cuja função era manter a ordem, se não mesmo a limpeza, mesmo com as quatro crianças que ali moravam (sem contar com as duas do primeiro casamento de Simon Golden, que vinham passar os fins de semana acompanhadas de trabalhos de casa, de equipamento desportivo e de material eletrónico). Contudo, essa acumulação assertiva de coisas tinha de ser da preferência de Sally. Os amontoados de sapatos descartados, as pilhas de revistas *Observer* e *Times*, os volumosos sacos de compras das lojas Children's Place e Sam Flax a encherem o fundo das escadas — Grace olhou para eles, fazendo um cálculo involuntário: cinco minutos para os levar dali, esvaziá-los, dobrar os sacos de compras e arrumá-los onde por norma se arrumavam os sacos de compras para utilização futura; dois minutos para arquivar os recibos na caixa ou pasta onde eram arrumados (ou deviam ser arrumados), tirar as

etiquetas das peças de roupa novas e levá-las para a lavandaria; mais dois minutos para guardar as tintas e as folhas no sítio onde se arrumava o material de arte; e dois minutos finais para reunir a papelada e deitá-la fora no caixote de reciclagem no exterior. Onze minutos no máximo e, de facto, seria assim tão complicado fazê-lo? A elegante habitação com arquitetura do renascimento grego ansiava por essa libertação, as cornijas dentilhadas e as elegantes paredes de gesso quase obscurecidas por pinturas manuais infantis e por construções feitas com massa, pregadas ou coladas de uma forma aleatória, como se a entrada fosse o corredor diante de uma sala de infantário. Até mesmo o *ketubá* Morrison-Golden, ricamente colorido e solenemente hebreu, qual página do Livro de Kells, havia sido emoldurado numa engenhoca feita com pauzinhos de chupa-chupa, pedaços de algodão coberto de pó e cola seca a emergir por entre os espaços. (O que era curiosamente adequado, Grace tinha de admitir, uma vez que Sally se havia convertido ao judaísmo a pedido do então noivo e depois do casamento tinha-se deixado levar pela negligência do marido em relação a tudo o que dizia respeito ao judaísmo.)

Ela seguiu o som de uma reunião em curso até às traseiras da casa, onde uma construção recente tinha ampliado a cozinha até um pequeno jardim. Lá estava Sally, sentada entre a bajuladora Amanda Emery e Sylvia Steinmetz, mãe solteira da espantosa Daisy Steinmetz, adotada na China com um ano de idade e — após ter saltado o terceiro ano — de longe a aluna mais nova a frequentar o segundo ciclo de Rearden.

— Graças a Deus... — Sally deu uma risada, erguendo o olhar. — Agora podemos finalmente trabalhar.

— Estou assim tão atrasada? — perguntou Grace, ciente de que não estava.

— Não, não, nós é que não conseguimos acalmar sem a tua influência tranquilizadora. — Ela ajustou o bebé que se mexia no seu colo: a sua mais nova, chamada Djuna (Sally tinha-as informado), em homenagem à sua falecida sogra, Doris.

— Faço mais café? — perguntou Hilda ou Helga, que seguira Grace até à cozinha. Estava descalça e os pés dela não pareciam nada limpos, pensou Grace. Tinha também um *piercing* de metal escuro no nariz que transmitia uma certa falta de higiene.

— Sim, talvez. E importas-te de levar a bebé? Despachamo-nos mais depressa sem o contributo dela — disse Sally, como se tivesse de se justificar.

Em silêncio, a *au pair* estendeu os braços para receber Djuna, a contorcionista, que Sally lhe estendia por cima da mesa. Djuna, pressentindo a sua partida do centro das atenções, deixou escapar um grito de diva em sinal de protesto.

— Adeus, meu amor — disse-lhe Sylvia. — Meu Deus, é tão fofa.

— Acho bem que sim — replicou Sally. — Não tenciono ter mais nenhuma.

— Oh, a sério? — perguntou Amanda. — Eu e o Neil estamos sempre a dizer que temos pena de não termos mantido todas as opções em aberto.

Grace, que não conhecia Amanda muito bem, não sabia a que é que ela se estava a referir. Uma vasectomia? Congelação de óvulos? Amanda tinha gémeas com dez anos e, não obstante o seu recente «rejuvenescimento facial», tinha à vontade uns quarenta e cinco anos.

— Já tive a minha conta. Para ser sincera, a Djuna foi uma surpresa, mas depois pensámos: «Que se lixe. Quer dizer, e porque não?»

«Porque não, mesmo», pensou Grace, perfeitamente ciente, tal como as outras mulheres presentes na sala, do que é que ter quatro filhos (ou melhor, seis filhos) significava na cidade de Nova Iorque. Dois filhos era sinónimo de que o casal se tinha reproduzido a si mesmo, em termos de número, o que já de si era suficientemente dispendioso. Três significava que uma terceira rodada de escolas privadas, campos de férias de verão, aulas de hóquei no gelo no Chelsea Piers e aconselhamento pedagógico em IvyWise era inconsequente. Mas quatro filhos... Bem, poucas famílias em Manhattan tinham quatro filhos. Quatro filhos implicava uma ama adicional, logo para começar, e uma moradia. Afinal de contas, não se podia exigir aos miúdos que partilhassem um quarto. As crianças precisavam da sua privacidade, para expressar a sua individualidade.

— Afinal — continuou ela —, o que é melhor do que criar filhos? Eu tinha uma grande carreira e juro que não sinto falta dela desde que a Ella nasceu. Nem mesmo na reunião do ano passado, quando todas aquelas mulheres com quem andei na faculdade me deram na cabeça por ter desistido, como se eu tivesse alguma responsabilidade para com Yale que devesse ditar a forma como vivo a minha vida. Limitei-me a olhar para elas, estilo: «Estão muito enganadas.» Não deixes que ninguém te diga que não é a coisa mais importante que podes fazer na vida — insistiu ela com Amanda, como se fosse esse o assunto em cima da mesa.

— Oh, eu sei, eu sei — replicou Amanda, numa voz frágil. — Mas, quer dizer, as gémeas são uma carga de trabalhos. Nunca querem fazer nada juntas. Se uma quer o Broadway Kids, a outra quer ginástica. A Celia nem sequer vai para o mesmo campo de férias que a irmã, portanto obrigadinha, dois fins de semana a ter de ir ao Maine.

Hilda/Helga trouxe o café e pousou-o em cima da mesa rústica comprida. Grace fez o mesmo à caixa de biscoitos de manteiga que tinha comprado no Greenberg, que foram recebidos com um entusiasmo moderado.

— As minhas coxas odeiam-te — disse Sally, tirando dois.

— As tuas coxas não têm o direito de odiar ninguém — disse-lhe Amanda. — Já as vi. As tuas coxas são a inveja de todo o Upper East Side.

— Bem — disse Sally, parecendo satisfeita —, sabes, ando mais ou menos a fazer exercício. O Simon diz que se eu terminar a meia maratona da praia me leva a Paris.

— A minha mãe costumava comprar destes lá para casa — disse Sylvia, provando um biscoito. — E sabem aqueles pãezinhos de canela que eles fazem? Tinham um nome alemão.

— *Schnecken* — retorquiu Grace. — São uma delícia.

— Podemos começar? — perguntou Sally. Não tinha crescido na cidade e, uma vez que não tinha nada para contribuir para a partilha nostálgica, parecia algo irritada.

Apareceram os blocos de notas e tiraram-se as tampas às canetas. Toda a gente olhou para Sally com deferência, que não só presidia ao comité como também era a anfitriã da reunião.

— Muito bem. Faltam dois dias. E estamos... — Ela calou-se e encolheu os olhos num gesto infantil. — Mas eu não estou preocupada.

— Eu estou um bocado preocupada — disse Sylvia.

— Não, está tudo bem. Vejam... — Sally virou o seu bloco de apontamentos amarelo, revelando uma coluna organizada de itens escritos a caneta azul. — As pessoas querem vir e querem gastar dinheiro. Isso é o mais importante. O resto são pormenores. E já temos duzentas confirmações. Quase duzentas. Já é um sucesso.

Grace olhou para Sylvia. Das três, era quem ela conhecia melhor, ou pelo menos quem conhecia há mais tempo. Não que fossem particularmente chegadas. Sabia que Sylvia estava a conter-se.

— Ontem de manhã fui a casa dos Spenser. Ensaiei tudo com a assistente de Suki e com a governanta.

— A Suki não estava lá? — perguntou-lhe Sylvia.

— Não, mas revi tudo com o pessoal.

Grace acenou com a cabeça. Obter autorização para entrar na residência dos Spenser — só isso era um grande feito e sem dúvida uma forte motivação para essas duzentas confirmações, a 300 dólares por cabeça. Suki Spenser, terceira mulher de Jonas Marshall Spenser e mãe de crianças em idade pré-escolar que andavam também em Rearden, era dona de um dos mais lendários apartamentos da cidade (na realidade tratava-se de três apartamentos, combinados em dois pisos com a área do edifício deles na Quinta Avenida). Ela tinha inesperadamente ligado no mês anterior — ou melhor, a assistente dela tinha ligado — para dizer que apesar de a Sr.^a Spenser não poder participar ativamente no comité, teria muito gosto em organizar o evento em casa dela. Os empregados dela serviriam qualquer comida que fosse adquirida para a ocasião e o casal poderia oferecer também o vinho. A família Spenser tinha sua própria vinha em Sonoma.

— Conhece-la pessoalmente? — perguntou Grace a Sally.

— Por acaso não. Já a cumprimentei de longe quando nós cruzamos na escola, mas nada mais. E, claro, enviei-lhe um *email* a convidá-la para entrar para o comité, mas não esperava obter resposta, muito menos desta maneira. — As confirmações haviam passado por uma inspeção de segurança, o que tinha sido uma chatice. Mas valia a pena.

— Oh meu Deus, estou tão entusiasmada — trinou Amanda. — Viram os Jackson Pollocks?

Havia dois, em paredes opostas na sala de jantar. Grace tinha-os visto na revista *Architectural Design*.

— Penso que sim — retorquiu Sally, com sinceridade. — Sylvia, está tudo combinado com o teu amigo? É fantástico ele estar a fazer isto por nós.

Sylvia acenou com a cabeça. Conhecia alguém na Sotheby's que tinha aceitado realizar o leilão.

— Diz que é a paga por o ter ajudado a passar a Trigonometria, na Horace Mann. Mas a verdade é que passou mesmo à justa.

— E em relação ao leilão em concreto? — perguntou-lhe Grace. Estava a olhar para a lista de Sally, tentando avançar com as coisas.

— Certo. Tenho uma prova do catálogo. Onde é que a pus, Amanda?

Amanda apontou para o folheto no meio da papelada espalhada no chão.

— *Okay!* — disse Sally. — Não é a prova final, ainda podemos acrescentar coisas até amanhã de manhã, mas ele vai imprimi-lo amanhã à tarde e... Sylvia?

— Vamos buscá-los no sábado, à uma — respondeu ela, com eficiência.

— Ótimo! — Ela pôs os óculos, abriu a capa e começou a analisar a página impressa.

«Flores», de L'Olivier, e «As Papoilas». Estadias em nada mais nada menos do que seis casas nos Hamptons, uma em Fire Island («Mas na zona residencial», disse Sally, de modo tranquilizador), duas em Vail e mais duas em Aspen, e uma em Carmel, Nova Iorque (essa oferta em particular comunicada de uma forma muito pouco grata). Havia uma consulta de *design* com uma decoradora de topo (com a filha no décimo segundo ano), uma aula de culinária para oito pessoas num restaurante excessivamente popular em Tribeca (o filho do agente publicitário do chefe de cozinha andava no sétimo ano), a oportunidade de acompanhar o presidente da Câmara de Nova Iorque por um dia (os gémeos da analista política estavam a candidatar-se a dois lugares incrivelmente preciosos na sala do pré-escolar do ano seguinte) e algo chamado «*lifting* facial com células estaminais» com um médico da Universidade de Nova Iorque, que soava tão horrendo (porém, tão estranhamente bizarro!) que Grace fez uma nota mental para perguntar a Jonathan do que se tratava.

— E, acho que vos enviei um *email* sobre isto — disse Sally. — Ou se calhar não. Mas o Nathan Friedberg ofereceu-nos um lugar no campo de férias dele.

— Isso é fantástico, Sally! — exclamou Amanda.

— Qual campo? — perguntou Grace.

Amanda virou-se para ela:

— Tu sabes, o campo dele? O que ele vai abrir?

— Saiu na *Avenue* e tudo — disse Sally. — O campo de férias, que ele vai abrir?

— Vai custar vinte e cinco mil dólares no verão — comentou Sylvia.

— Isso é... muito esqui aquático — observou Grace.

— Nada de esqui aquático. Nem nós. Nem fogueiras — disse Sylvia, soando convenientemente perplexa. — As crianças dos comuns mortais escusam de se inscrever.

— Mas... Peço desculpa, mas não estou a compreender. Estamos a falar de um campo de férias de verão? — indagou Grace, com calma.

— Por acaso acho que é absolutamente brilhante — disse Amanda. — Quer dizer, verdade seja dita, estes são os miúdos que vão estar à frente de tudo. Precisam de aprender como é que funcionam os negócios, precisam de aprender a ser filantropos. O Nathan ligou-me por causa disso. Queria saber se as gémeas estariam interessadas em inscrever-se. Respondi-lhe que por mim adoraria, mas que elas me matariam se as tirasse dos campos de férias no Maine. Já têm os seus grupinhos lá.

Grace continuava a não entender:

— Mas onde é que é esse campo? E o que é que fazem lá?

— Oh, continuam a dormir em casa. Uma carrinha vem buscá-los todas as manhãs. E uma série de gente fantástica vai dar palestras para os miúdos — explicou Sally. — Pessoas do mundo dos negócios e das Artes. Aprendem sobre planos de negócio e investimentos. Fazem visitas de estudo a empresas na Baixa e nos arredores da cidade. Sei que vão a Greenwich pelo menos uma vez. E têm os fins de semana livres para poderem fazer o que fazem habitualmente. Eu inscrevi a Ella. A Bronwen quer passar o verão inteiro na praia. Tem lá o cavalo. Mas depois pensei: «Será que ele poderia oferecer um lugar?» Quer dizer, sempre são vinte e cinco mil dólares! Se conseguíssemos fazer isso pela escola seria fantástico.

— Boa, Sally! — Amanda sorriu. — Isso é excelente.

— Sim — conseguiu dizer Grace, embora ainda se sentisse confusa. E agora ligeiramente chocada também.

Voltaram a atenção para a lista. Um orientador de admissão à faculdade. Um orientador de admissão ao pré-escolar. Uma genealogista ao domicílio que usava o seu próprio computador, para a pessoa não ter de fazer isso tudo *online*, e criava uma bonita árvore genealógica, que depois

pintava como um bonito *design* Shaker. (Grace interrogou-se por breves instantes se deveria comprá-lo ela mesma — o mais certo era ter de comprar alguma coisa e não seria essa uma prenda adequada para Henry? —, mas a ideia da família pavorosa de Jonathan deteve-a. Ter pessoas tão detestáveis na árvore genealógica Shaker do filho fê-la sentir-se zangada, depois culpada e depois apenas triste por ele. Era mau o suficiente já só ter um único avô. Saber que essas pessoas existiam, e que moravam a poucas horas de distância de carro, apesar de não demonstrarem a mais pequena inclinação para verem o neto, por algum motivo só piorava as coisas.) E depois os médicos: dermatologistas, cirurgiões plásticos. E alguém a quem Amanda se referiu como «o tipo dos dedos dos pés».

— Tem uma filha no terceiro ano e outra na turma da Daphne — explicou Amanda a Sylvia.

Sylvia franziu o sobrolho:

— Ele chama-se «tipo dos dedos dos pés»?

— É famoso por tornar o segundo dedo do pé mais curto do que o dedo grande. Por isso esperei até encontrar a mulher dele na saída da escola e perguntei-lhe se ele poderia doar uma redução de dedo.

«Só uma?», pensou Grace. «E o outro pé?»

— Quer dizer, peço tudo a toda a gente. Porque não? A única coisa que podem responder é sim ou não. Mas raramente dizem não. Porque haviam de o fazer, trata-se da escola dos filhos deles! Deviam doar os seus serviços com agrado. E o que é que interessa se for um canalizador ou um médico, certo?

— Bem, mas... — Grace não conseguiu evitar interromper — estás a falar de coisas facultativas. A maioria dos médicos não lida com... — Ela quase disse «a vaidade humana», mas calou-se a tempo. — Com... coisas sobre as quais as pessoas querem realmente consultar um médico.

Amanda recostou-se na cadeira e olhou diretamente para Grace. Não parecia zangada, apenas perplexa.

— Isso não é verdade — retorquiu ela. — Quer dizer, todos queremos salvar a nossa saúde. Mesmo que seja... sei lá... um médico da barriga ou um médico do coração, tem tudo a ver com tomarmos conta de nós próprios e, como tal, queremos sempre ir à pessoa mais qualificada, quer seja um assessor financeiro ou um médico. Quantas mulheres comprariam uma consulta com um cardiologista famoso para oferecer ao marido?

— O marido da Grace é médico — disse Sylvia. Disse-o sem rodeios e Grace sabia exatamente porque é que o tinha feito. Agora ambas limitaram-se a observar o efeito inevitável.

— Ah, pois, tinha-me esquecido disso — replicou Amanda. — Lembra-me lá, que tipo de médico é ele?

— O Jonathan é pediatra oncológico.

Amanda franziu as sobrançelas por um desconcertante instante e depois suspirou. Tinha concluído, apropriadamente, que ninguém iria querer os serviços de um pediatra oncológico, por muito famoso que ele fosse.

Sally estava a abanar a cabeça:

— Estou sempre a esquecer-me. Quando o vejo está sempre tão bem-disposto. Como é que ele consegue fazer isso?

Grace virou-se para ela:

— Isso o quê?

— Trabalhar com crianças doentes e lidar com os pais delas. Eu era incapaz.

— E eu — disse Amanda. — Fico toda atrapalhada quando um dos meus filhos tem uma simples dor de cabeça.

— É diferente quando se trata dos nossos filhos. — Ela compreendia-as, pois custava-lhe imenso sempre que Henry adoecia, o que não acontecia com muita frequência. Fora sempre uma criança saudável. — Quando se trata de pacientes e pomos o nosso conhecimento ao serviço da doença deles, é completamente diferente. Estamos ali para ajudar. Estamos a tentar melhorar a vida deles.

— Sim — disse Amanda, num tom desagradável. — Mas depois eles morrem.

— Seja como for, tentámos — insistiu Grace. — Independentemente do que os médicos fazem, as pessoas continuam a adoecer e a morrer e algumas delas são crianças. Isso é algo que será sempre assim. Mas eu preferia ter um miúdo com cancro agora do que há vinte anos. E preferia ter um miúdo com cancro em Nova Iorque do que noutro lugar qualquer.

Amanda, indiferente a esse argumento, limitou-se a abanar a cabeça.

— Eu seria incapaz de lidar com uma coisa dessas. Detesto hospitais. Detesto o cheiro deles. — Estremeceu, como se tivesse sido assaltada, ali mesmo no centro da imundície dispendiosa da casa citadina de Sally Morrison-Golden, por uma poça de lisol.

— Quem me dera que tivéssemos, sei lá, mais artistas e escritores — disse Sylvia que, tendo levantado esse assunto específico, estava agora obviamente a tentar mudá-lo. — Um almoço com uma cantora de ópera ou uma visita ao *atelier* de um pintor. Porque é que não temos mais artistas?

«Porque esses não matriculam os filhos em Rearden», pensou Grace, irritada. Na topografia das escolas privadas de Nova Iorque, Rearden situava-se num passo de montanha entre a Fileira de Wall Street e os Picos de Direito Empresarial. Outras escolas — Fieldston, Dalton, Saint Ann's — recebiam as crianças de pais criativos, gente do teatro e romancistas. Não fora tão evidente quando Grace era aluna dessa escola. Uma das suas amigas era filha de um poeta que dava aulas em Columbia, outro era o filho pouco dado à música de dois membros da Filarmónica de Nova Iorque. Mas os colegas de Henry cresciam em lares de gestores de fortunas e de

guerreiros de fundos de investimentos. Não era particularmente agradável, mas não havia nada a fazer.

— Bem, está a ficar com bom aspeto — anunciou Sally. — Quarenta coisas. Há para todos os gostos, não é? A não ser que me tenha escapado alguma coisa. Ainda há tempo para o incluir, se alguém tiver alguma coisa.

— Estava aqui a pensar... — disse Grace, alarmada com a vaga de embaraço que se apoderou dela. — Quer dizer, se vocês concordarem, claro. Tenho o meu livro. Para já são só manuscritos encadernados, mas podia oferecer um deles. Uma cópia assinada, quero eu dizer.

As três mulheres olharam para ela.

— Ah, pois é — exclamou Amanda. — Esqueci-me de que tinhas escrito um livro. Que tipo de livro é? Um policial? Ando sempre à procura de um bom livro para ler na praia.

Grace deu por si a franzir o sobrolho. Era a melhor maneira de evitar dar uma gargalhada.

— Não, não. Não sou esse tipo de escritora. Sou terapeuta, sabes. Trata-se de um livro sobre casamentos. É o meu primeiro livro — disse ela, apercebendo-se, e desaprovando, o tom distinto de orgulho na sua voz. — Chama-se *Já Devias Saber*.

— O quê? — perguntou Amanda.

— *Já Devias Saber* — repetiu ela, dessa vez mais alto.

— Não, eu ouvi-te. Mas o que é que eu devia saber?

— Oh! Quer dizer que... conhecemos sempre melhor as pessoas no início de uma relação.

No momento bastante longo e silencioso que se seguiu, Grace teve tempo de sobra para reavaliar o título, a sua tese e praticamente tudo aquilo em que acreditava. Pelo menos em termos profissionais.

— E será que podias oferecer uma sessão? — perguntou-lhe Sally, com entusiasmo. — Do estilo: «Autoridade sobre o casamento oferece uma sessão de terapia de casal»?

Chocada, Grace mal se conseguiu controlar o suficiente para abanar a cabeça.

— Não me parece que isso seja apropriado.

— Sim, mas as pessoas talvez achem interessante.

— Lamento. Não.

Amanda franziu as sobrancelhas em sinal de desaprovação, num gesto breve e quase impercetível. Então, na parte da frente da casa soou a campainha da porta, um carrilhão surdo e insolente. Grace, tremendamente grata, sentiu a tensão esvaír-se do pequeno grupo.

— Hilda? — chamou Sally. — Importas-te de abrir?

Ouviu-se movimento na cozinha.

— Era para vir mais alguém? — perguntou Amanda.

— Bem, não — retorquiu Sally. — Nem por isso.

— Nem por isso? — repetiu Sylvia, com uma pequena risada.

— Não. Quer dizer, houve alguém que disse que talvez viesse, mas depois não confirmou nada comigo, por isso pensei...

Agora ouviam-se vozes, abafadas e indistintas. E mais uma coisa: uma espécie de chiado, como se fossem molas. Depois apareceu Hilda.

— Ela vai deixar o carrinho na entrada. Pode ser? — perguntou ela a Sally.

— Oh! — Sally parecia um tanto desconcertada. — Está bem. — Abanou a cabeça. — Está bem. — Quando tornou a erguer o olhar, tinha um sorriso alegre e repleto de dentes estampado no rosto. — Olá! — disse ela, pondo-se de pé.

Tinha chegado uma mulher, que apareceu por trás de Hilda. Era uma pessoa de estatura média, com o cabelo escuro encaracolado que lhe dava pelos ombros e a pele da cor do caramelo. Tinha os olhos muito pretos e por cima deles as sobrancelhas eram muito escuras e cheias, arqueando-se de um modo que lhe dava um ar ligeiramente atiradiço. Ela envergava uma saia escura e uma camisa branca aberta o suficiente para revelar duas coisas dignas de registo: um crucifixo de ouro e um decote considerável. Parecia um pouco intimidada pelo ambiente à sua volta, a casa grande mas desarrumada, as mulheres admiradas, a constatação de uma reunião em curso, se não mesmo — como indicado pelas páginas de dados e folhas impressas em cima da mesa — perto do fim. Ela acenou levemente com a cabeça e depois ficou especada na entrada, visivelmente pouco à vontade.

— Sente-se, por favor. — Sally apontou para a cadeira ao lado de Grace. — Minhas senhoras, esta é a Senhora Alves. É mãe do Miguel Alves, do quarto ano. Peço desculpa, peço-lhe que me ajude a pronunciar o seu nome como deve ser.

— Malaga — replicou a mulher. A voz dela era leve, quase musical. — Malaga — repetiu, mais devagar e com um claro ênfase na primeira sílaba.

— Malaga — repetiu Grace. Estendeu-lhe a mão. — Olá. Sou a Grace. Sylvia e Amanda seguiram-se-lhe.

— Olá, olá — disse a mulher. — Desculpa. Eu atrasada. A bebé, muito esquisita.

— Oh, não há problema — respondeu-lhe Sally. — Mas olhe que já adiantámos imensa coisa. Por favor — tornou ela a dizer —, sente-se.

A mulher sentou-se na cadeira ao lado de Grace e posicionou-se de forma a ficar ligeiramente virada de costas para a pesada mesa de madeira, cruzando uma perna sobre a outra, e Grace não pôde evitar reparar nas pernas dela, cheias mas bastante graciosas. Ela inclinou-se um pouco para a frente, quase tocando na madeira da mesa: mais pele, visível por entre a seda da camisa, mas, de algum modo, e mais uma vez, não sem o seu encanto. «Não tinha dito qualquer coisa sobre um bebé?», pensou Grace. Ela tinha o ar de quem tinha dado à luz num passado não muito longínquo.

Ainda bastante voluptuosa, ainda a produzir. Tinha as mãos pousadas em cima do tampo da mesa. Na mão esquerda, no anelar, via-se uma aliança de ouro fina.

— Temos estado a falar sobre os itens do leilão — explicou Sally e Grace não pôde deixar de sentir que ela estava a falar excessivamente devagar. — As coisas para serem leiloadas na nossa festa de beneficência, para angariar dinheiro para a escola. Para as bolsas de estudo — acrescentou ela, agora olhando diretamente para os seus apontamentos. — Regra geral, pedimos aos pais para darem ideias. Se alguém pode oferecer alguma coisa relacionada com o seu trabalho e tal. Como um artista ou um médico. Se tiver alguma ideia, faça o favor de me dizer.

A mulher — Malaga — disse que sim com a cabeça. Parecia bastante séria, como se tivesse acabado de ouvir notícias terríveis.

— Portanto... avancemos — disse Sally e assim fez. A recém-chegada tinha tido o efeito de uma pistola de partida e de repente toda a gente começou a funcionar mais depressa. Discutiram todas as agendas individuais para os dias seguintes e decidiram quem tomaria conta da mesa na entrada do piso inferior (uma posição pouco desejada), quem receberia os convidados no piso de cima, no imenso átrio de mármore dos Spenser, e se Sylvia teria o *software* necessário para receber pagamentos no final da noite. Haveria uma festa prévia — «*Cocktails* com o Diretor da Escola» — que não era exatamente da responsabilidade delas, mas que necessitaria de alguma coordenação, e depois uma pós-festa no Boom Boom Room do Standard, da qual Amanda estava mais ou menos encarregue (por outras palavras, os participantes eram maioritariamente amigos dela). Mas elas reviram tudo sem exceção.

Malaga não disse uma palavra e a expressão dela também não pareceu mudar, embora virasse a cabeça, com as outras, enquanto a conversa andava para lá e para cá entre as três mulheres. Mas depois, no preciso instante em que elas estavam a levantar a questão bicuda de como sair da gala de beneficência em peso quando chegasse a hora da pós-festa, mas sem criar um ar de exclusividade (pois, afinal de contas, os números finais já tinham sido entregues ao Standard e não podia haver penduras, de modo algum), a conversa foi interrompida por um choro infantil agudo e soluçante e a mulher silenciosa pôs-se em pé de um salto e saiu da sala. Regressou pouco depois com um bebé pequeno e moreno embrulhado numa manta com riscas verdes. Acenando com a cabeça em sinal de reconhecimento da expressão embevecida das outras mulheres, Malaga tornou a sentar-se no seu lugar, libertou o braço do interior da camisa de seda de manga comprida e, num gesto repentino, baixou o sutiã branco, expondo todo esse lado do corpo. Tudo isso fora feito com uma rapidez tal que Grace mal teve tempo de se sentir pouco à vontade, mas ao olhar de soslaio para o outro lado da mesa viu que Amanda parecia escandalizada.

com os olhos arregalados, abanava ligeiramente a pequena cabeça, apenas o suficiente para ser perceptível para si mesma e para quem tivesse escolhido esse nanossegundo para olhar na direção dela.

A questão, claro, não era a amamentação em si, algo que Grace calculava que todas tivessem feito de boa vontade (à exceção de Sylvia) e por uma questão de princípio, de orgulho, de conveniência e de preocupação com a saúde dos respetivos bebés. A questão era a nudez brusca e verdadeiramente descontraída em exibição: o seio descendo livre sobre a boca sôfrega do bebé, a pele grossa da barriga e até mesmo o braço cheio que posicionava a cabeça do bebé com carinho. Não havia uma indumentária específica para amamentação como Grace tinha usado, com a abertura discreta para o mamilo e o pano engenhoso para a proteger, por exemplo, de olhos adolescentes libidinosos incapazes de fazer a diferenciação entre o sexual e o maternal. Malaga Alves, tendo resolvido o assunto do bebé, continuava a olhar em torno da mesa, à espera de que a conversa continuasse; como tal, num ato de representação colaborativa com um conjunto de direções cénicas, as quatro mulheres começaram a fingir que ela não estava presente. O bebé sugava alto e emitia pequenos sons de frustração. Após uns minutos, depois de Grace já ter alcançado um estado de relativa indiferença em relação à situação, Malaga tirou o mamilo para fora, que roçou, molhado, contra a face do bebé, e depois, em vez de o tapar, a mulher sentada ao lado de Grace simplesmente expôs o outro seio com o mesmo método e voltou a posicionar o bebé.

Por essa altura o grau de ansiedade da sala já era palpável. As mulheres proferiam frases rápidas e concisas, despachando-se o mais depressa possível por forma a terminarem os assuntos da reunião. Ninguém olhava para Malaga, à exceção — reparou Grace — de Hilda, que se encontrava na entrada da sala a fitar a mulher meio despida com uma expressão mal-intencionada. Malaga estava sentada de forma descontraída, a camisa de seda atirada por cima dos ombros como se fosse uma capa, o sutiã enfiado debaixo dos seios descobertos. Ocorreu a Grace que se essa mulher tivesse uma predisposição minimamente desonesta, o comportamento dela podia ser entendido como requintadamente hostil, mas ao pensar melhor concluiu que o mais certo era não ser esse o caso. Por muitos ressentimentos que uma nova-iorquina chamada Malaga Alves pudesse ter contra uma nova-iorquina chamada Sally Morrison-Golden, ela não transmitira um único indício de poder ser de má índole. Antes pelo contrário, havia uma ausência de reação, o recolher a uma energia negativa; os atos dela eram os de uma mulher que não se considerava visível e muito menos provocadora. Olhando de relance para ela, Grace deu por si a recordar subitamente uma pessoa que tinha visto numa ocasião no balneário do ginásio que frequentava na Third Avenue. Estava a mudar de roupa depois de uma aula de aeróbica quando reparou numa mulher parada

em frente ao espelho, junto à entrada que dava para os chuveiros, completamente despida, nem sequer tinha a habitual toalha cedida pelo ginásio enrolada à cintura ou a cobrir-lhe os seios. Estava na casa dos trinta ou quarenta anos — nesse espaço intermédio indefinido onde a idade que aparentamos ter depende mais do cuidado que temos connosco do que da quantidade de anos de vida — e nesse território igualmente indefinido entre o gordo e o magro. Enquanto Grace levava a cabo as tarefas habituais de despir o *body* transpirado, entrar e sair do duche, secar o cabelo e abrir o cacifo, foi-se apercebendo de que a mulher continuava parada no mesmo sítio e na mesma posição: diante do espelho de corpo inteiro, a pentear o cabelo. A postura e o comportamento dela eram bastante mais do que a soma das partes, um facto igualmente evidente para toda a gente presente no balneário, quinze ou vinte mulheres que evitavam essa mulher ao máximo, passando cuidadosamente ao lado dela e desviando o olhar. A nudez num balneário, claro, é tudo menos invulgar, da mesma forma que pentear o cabelo e ver-se ao espelho é bastante comum. Mas a mulher emanava uma imoralidade visceral, ali parada quase imóvel, ligeiramente perto demais do espelho, fitando-se calmamente com demasiada atenção, as pernas um pouco afastadas demais, o braço esquerdo pousado na anca ao mesmo tempo que a mão direita fazia deslizar o pente, cautelosa e ritmadamente, pelo cabelo castanho molhado. «A mulher tinha essa mesma expressão no rosto», pensou Grace, comprovando essa revelação ao lançar um olhar rápido a Malaga Alves e depois voltou a sua atenção para Sally, num esforço para parecer desorientada. Elas estavam ao rubro, a pôr todos os pontos nos is, despachando todo e qualquer impedimento por forma a darem por terminada a reunião e desaparecerem dali. Sally, talvez evocando os tempos da sua «grande carreira», geriu o que restava da sessão qual sócio-gerente sem misericórdia, completamente indiferente às vidas privadas das suas subordinadas. Foram delegadas tarefas e foi agendado um encontro pré-evento para sábado à tarde, em casa dos Spenser. («Dá-lhe jeito, Malaga?» Sally parou para perguntar. «Ah, ainda bem.») A bebé não tinha parado de mamar durante todo o processo e Grace achava quase bizarro que uma coisa tão pequena tivesse fome durante tanto tempo. Então, sem aviso prévio ou qualquer comentário, a bebé afastou a cabeça do pesado seio da mãe e olhou avidamente em torno da sala.

— Penso — disse Sally, com determinação — que está tudo. Não tenho mais nada para discutir. Sylvia? Tens mais alguma coisa?

— Não — retorquiu Sylvia, fechando a pasta forrada a pele com um estalido.

Amanda já estava a pôr-se de pé, ao mesmo tempo que reunia os papéis que tinha diante dela. Não estava para perder tempo. Malaga, depois de colocar a criança numa posição mais ou menos vertical, continuava a

não demonstrar a mais ínfima vontade de se tapar.

— Foi um prazer conhecê-la. Penso que o seu filho é da turma da minha filha Piper. *Miss Levin*? Quarto ano?

A mulher acenou com a cabeça.

— Este ano ainda não conheci nenhum dos pais novos — disse Amanda, enfiando a papelada na sua *Birkin* verde-pálido. — Temos de nos juntar todos, só a turma da *Miss Levin*.

— Como é que está o Miguel? — perguntou Sally. — É um miúdo adorável.

Malaga, em sinal de resposta, pareceu ficar ligeiramente animada, esboçando um breve sorriso ao mesmo tempo que dava pancadinhas nas costas da bebé.

— Sim. Estar bem. A professora trabalhar com ele.

— A Piper disse que esteve a brincar com ele no terraço — disse Amanda.

O terraço era o local onde os alunos do ensino básico tinham o recreio. Estava revestido com um chão de borracha bastante seguro e tinha imenso material de recreio pintado com cores primárias, e havia uma rede para evitar que as crianças caíssem lá de cima.

— *Okay!* — replicou Malaga. A bebé deu um valente e boçal arrote. De repente, Grace sentiu uma vontade imensa de se ir embora.

— Bem, adeusinho — disse ela, num tom jovial. — Sally, caso te lembres de mais alguma coisa, liga-me. Mas é óbvio que está tudo encaminhado. Nem acredito que conseguiste fazer tudo isto em tão pouco tempo.

— Com uma ajudinha da Suki Spenser — retorquiu Sally, com uma risada. — Não é preciso muito quando se tem uma multibilionária com um salão de baile e uma empresa vinícola.

— Ah, então é isso que me está a faltar — respondeu Grace, com uma boa vontade forçada. — Adeus, Malaga — disse ela, reparando que a mulher estava finalmente a guardar os pesados seios dentro do sutiã. Grace levantou a pesada mala de pele pela alça e assentou-a no ombro.

— Vais voltar para o trabalho? — disse Sylvia.

— Não. Vou levar o Henry à aula de violino.

— Ah, sim. Ele ainda continua a estudar Suzuki? — perguntou Sylvia.

— Não, nem por isso. Depois do Livro Oito ou Nove, algures por aí, mudaram completamente de género.

— Ainda o levas às aulas? — perguntou Sally, num tom algo reprovador. — Meu Deus, se eu levasse os meus filhos a todo o lado não fazia mais nada. Dois deles andam na ginástica e depois há o piano, o *baller* e a esgrima. E mais a Djuna, claro. Ela só vai a Classe Conjunto e ao Gymboree, mas estás a imaginar o que é a quarta vez no Gymboree? Eu já não aguentava mais, por isso agora vai lá a Hilda. As mães eram do género:

«Oh, a minha bebé é tão especial porque desce o escorrega sozinha!» Só me apetecia responder-lhes: «Este é o meu quarto filho e, desculpe que lhe diga, a gravidade faz com que *todos* desçam o escorrega sozinhos.» E quase me saltou a tampa tantas vezes em Classe Conjunto que acabei por pedir à Hilda para começar a ir a essa também. Sinto que ando a tocar a mesma maraca há mais de uma década.

— Tenho a certeza de que se tivesse mais filhos para além do Henry já tinha desistido há muito tempo — garantiu-lhe Grace. — Mas quando se tem só um não é muito complicado.

— Ando a pensar em pôr a Celia no violino — disse Amanda. Celia era a irmã gémea de Daphne, uma rapariga robusta uns bons centímetros mais alta do que a irmã, com um alinhamento dentário tão severo que deixava adivinhar uma grande despesa futura. — Onde é que o professor dele dá aulas?

Grace tinha vontade de dizer que não importava quem era o professor de Henry, uma vez que o professor de Henry jamais poria a hipótese de aceitar uma aluna de iniciação ao violino com onze anos, independentemente do dinheiro que os pais dela tinham. O professor de Henry, um húngaro cáustico e deprimido na casa dos setenta, tornara-se professor dele somente após uma audição de arrepiar e uma avaliação exaustiva da musicalidade dele. E embora fosse evidente para todos os envolvidos que Henry iria para a faculdade e não para o Conservatório (uma situação que muito agradava a Grace e a Jonathan, e com certeza a Henry), era também um facto que o talento dele era suficiente para manter o lugar de Henry na incrivelmente reduzida e incrivelmente organizada escala de alunos do professor. Podia ter respondido à pergunta de Amanda dizendo que Vitaly Rosenbaum dava aulas em Juilliard (o que até há pouco tempo correspondera à verdade) ou mesmo em Columbia (o que também era, de certa forma, verdade, uma vez que alguns dos alunos dele, que haviam igualmente abandonado o percurso do Conservatório, eram agora estudantes universitários e estudantes de pós-graduação nessa faculdade, e todos se deslocavam ao apartamento dele em Morningside Heights para terem aulas), mas bastava responder com uma terceira verdade para fazer com que a conversa ficasse por ali, pelo que ela optou por essa.

— Na West 114th Street — respondeu ela.

— Ah! — disse Amanda. — *Okay!*

— Adoro o Henry — comentou Sally. — É tão educado sempre que o vejo. Ah, e meu Deus, é tão bonito. Quem me dera ter as pestanas dele. Já reparaste nas pestanas dele? — perguntou ela a Sylvia.

— Acho... que não — replicou Sylvia, com um sorriso.

— É tão injusto, os rapazes têm sempre as pestanas bonitas. Quer dizer, gasto uma fortuna naquela coisa para fazer crescer as pestanas e o Henry Sachs desce o corredor e pestaneja e quase se sente uma brisa no

ar.

— Bem... — disse Grace. Estava certa de que Sally tencionava elogiar Henry, ou possivelmente ela própria, mas achou a observação sobre a beleza do seu filho de mau gosto. — Penso que são um pouco compridas, sim — acabou por conseguir dizer. — Já não pensava nelas há algum tempo. Quando ele era bebé, lembro-me de reparar que eram muito compridas.

— Ela ter pestanas compridas — anunciou Malaga Alves, de súbito. Acenou com a cabeça para a bebé sentada no colo dela, que agora estava a dormir e cujas pestanas eram realmente bastante compridas.

— Ela é linda — disse Grace, grata pelo desvio da atenção. Não era difícil apoiar publicamente a beleza de uma criança. — Como é que se chama?

— Chama-se Elena — replicou Malaga. — O nome da minha mãe.

— Muito bonito — disse Grace. — Caramba, é melhor ir andando. O meu filho das pestanas compridas fica aborrecido quando o faço chegar atrasado à aula de violino. Adeus a todas — disse ela, já a virar-se. — Vemo-nos na escola ou... no sábado! Vai ser fantástico.

Com a mala por cima do ombro, dirigiu-se para a cozinha.

— Espera aí, eu saio contigo — disse-lhe Sylvia. Grace, que ao menos preferia Sylvia a todas as outras mulheres presentes na sala, parou no vestíbulo, mas sem grande entusiasmo. Depois de a porta se ter fechado atrás delas, ficaram paradas por uns instantes nos degraus da casa citadina e olharam uma para a outra. — Uau! — exclamou Sylvia.

Grace, que não quis concordar até saber exatamente a que é que ela se referia, não respondeu.

— Vais agora para a escola? — perguntou-lhe.

— Sim. Vou ter mais uma reunião com o Robert. Mais uma na minha longa série de reuniões com o Robert. Até me admira ainda ninguém ter começado a espalhar boatos sobre nós.

Grace sorriu. Robert era o diretor de Rearden. O casamento dele com o seu companheiro de longa data, o diretor artístico de uma companhia de teatro *off-Broadway*, fora um dos primeiros casamentos homossexuais a ser publicado na coluna «Votos» do *Times*.

— Por causa da Daisy? — perguntou ela.

— Sim, é sempre por causa da Daisy. Se devemos fazê-la avançar ou mantê-la no mesmo ano. Se é melhor ela fazer Trigonometria com os alunos do décimo ano ou Higiene com os do quinto ano? Se é possível saltar Introdução à Biologia e seguir logo para Química Avançada ou se é mais importante para ela continuar a fazer Estudos Sociais do sétimo ano juntamente com a turma dela? É esgotante. Sei que não me devia queixar. Compreendo que devo apoiá-la nestas questões académicas, mas ao mesmo tempo quero que ela continue no sétimo ano, entendes? Não quero

que desperdiça a infância dela. Só vai ser criança uma vez, tal como todos nós — disse Sylvia. As duas mulheres seguiram juntas no sentido este, rumo a Lexington, e viraram para a zona alta da cidade.

Essa pequena verdade, exposta de um modo tão despreocupado, atingiu Grace de uma forma inesperada. Como acontecia com Daisy, Henry também era filho único e também ela estava a avistar o fim da infância dele. Ainda era reconhecível como o Henry-criança (inclusivamente, pelo menos para a mãe dele, como o Henry-bebé), mas o tempo estava a passar depressa de mais e ela tinha noção disso. O facto de não ter tido mais filhos tornava essa iminente transição ainda mais angustiante. Quando ele deixasse o abraço dela, Grace ficaria, definitivamente, outra vez sem filhos.

Era claro que eles não tinham planeado ter apenas um filho e agora ela percebia que havia perdido tempo precioso quando Henry era pequeno, preocupada quando (se) é que viria o próximo (Jonathan, que tinha visto demasiados cancros para a deixar enveredar demasiado pela via dos tratamentos de fertilidade, pôs um fim aos mesmos após meia dúzia de ciclos de *Clomid*, que não tinham sido bem-sucedidos). Com o tempo ela tinha-se resignado à configuração Henrycêntrica da sua família, mas tal como qualquer outra configuração familiar na cidade de Nova Iorque, a sua estava associada a uma série de ideias preconcebidas. Se as famílias com dois filhos procriavam de uma forma modesta e as famílias com três e mais filhos exibiam o seu pedantismo, também os pais de filhos únicos possuíam uma arrogância inversa muito própria. Um filho único e perfeito, pareciam eles insinuar, era merecedor de toda a atenção, esforço e carinho deles. Um filho único, já de si tão extraordinário ou extraordinária, negava a necessidade de reproduzir repetidamente, uma vez que ele, ou ela, era manifestamente capaz de contribuir mais para o mundo do que qualquer quantidade de crianças inferiores. Os pais de filhos únicos tinham uma maneira irritante de oferecer a criança deles ao mundo, como se lhe estivessem a fazer um enorme favor. Tratava-se de um fenómeno com o qual Grace estava há muito familiarizada. Ela e a sua amiga mais próxima, Vita, sua amiga de infância, tinham inventado uma canção sobre esse tipo de progenitores, ao som da música de *Bye Bye Birdie*:

*Um filho, um filho especial,
Um filho para proteger para todo o sempre
Um filho, e não dois ou três...*

*Um filho, um filho perfeito,
Um filho que me amará para todo o sempre
Um filho, e assim deve ser...*

Grace, obviamente, também fora filha única. Não fora propriamente

sobrevalorizada como se fosse a salvadora do mundo por parte dos pais e sentira-se muitas vezes sozinha. Ou melhor — corrigiu-se ela agora —, não exatamente sozinha, mas só. Só em casa ou no lago durante o verão. Só com a mãe. Só com o pai. O poder e as complexidades conturbadas das relações entre irmãos fascinavam-na. Às vezes, no apartamento labiríntico de Vita na East 96th Street, ela ficava no vestíbulo e deixava-se invadir pelos sons de atividade e de discussão (regra geral, discussão) entre os três irmãos de Vita. Isso, numa negação completa da sua própria família, havia-se tornado o que uma família devia ser. Ela quisera isso para Henry e não fora capaz de lho proporcionar.

Vita tinha partido. É claro que não nesse sentido. Não tinha *morrido*. Mas, ainda assim, tinha partido. Vita estivera presente — confidente; companheira; colega de quarto numa casa degradada (ou melhor, inclinada) em Central Square quando ambas tinham sido estudantes universitárias, Grace em Harvard e Vita em Tufts; e por fim dama de honor — até Grace se ter casado. E depois tinha-se simplesmente... evaporado, desaparecendo da vida de Grace, deixando-a apenas com amostras de amigos. E mesmo esses eram poucos. Grace, mesmo todos esses anos depois, sentia-se demasiado destroçada para estar zangada e demasiado zangada para se sentir triste.

— Sabias que ela vinha? — perguntou-lhe Sylvia, passado um bocado.

— Quem? — disse Grace. — A mulher que chegou mais tarde?

— Sim. A Sally tinha-te dito alguma coisa?

Grace abanou a cabeça:

— Não conheço a Sally muito bem. Só lá da escola.

Por outro lado, o mesmo se podia dizer em relação a Sylvia, não obstante o facto de Grace e Sylvia terem estudado em Rearden *na mesma altura* (Grace dois anos atrás dela) e ela simpatizar com Sylvia, tanto agora como também nessa altura. Era certo que admirava Sylvia. Não devia ser nada fácil criar uma filha sozinha, trabalhar a tempo inteiro (Sylvia era advogada, especializada em questões laborais) e cuidar primeiro de um dos pais e depois do outro, quando eles adoeceram e morreram no espaço dos últimos dois anos. Achava que o que mais respeitava em relação a Sylvia era o facto de ela não ter casado com um homem que não a faria feliz só com o propósito de ter o filho que obviamente tanto desejava. Aliás, quando Grace explicava às suas pacientes que renunciar ao casamento com o homem errado não significava que não podiam ter filhos, às vezes era em Sylvia que pensava. Sylvia e a sua filha inteligentíssima da China.

Uma vez, ao deixar o filho de manhã na escola, uma mãe havia elogiado a inteligência clara e espantosa de Daisy Steinmetz e Sylvia tinha desvalorizado a situação. «Eu sei», Grace ouvira-a dizer. «Mas não tem nada a ver comigo. Os genes não são meus. A Daisy só ouviu falar inglês quando tinha quase um ano de idade, mas um ou dois meses depois de a

ter trazido para Nova Iorque já ela tagarelava e começou a ler ainda não tinha três anos. É claro, fico muito contente por ela, por ser inteligente. Penso que irá facilitar-lhe imenso a vida. E sou uma boa mãe, mas não sou responsável por isso.»

No mínimo, tinha sido algo profundamente invulgar de se ouvir no átrio de mármore da Escola de Rearden.

— Ela é muito estranha — disse Sylvia.

— A Sally?

— Não. — Sylvia deu uma pequena risada. — A tal mulher, a Malaga. Costuma sentar-se do outro lado da rua, num dos bancos do parque, sabias? Depois de deixar o filho na escola. Fica ali sentada.

— Com a bebé? — Grace franziu o sobrolho.

— Agora sim, com a bebé. Antes ainda estava grávida. Nem sequer lê um livro nem nada. Será que não tem nada para fazer o dia inteiro?

— Se calhar não — retorquiu Grace. Para ela, tal como para Sylvia e provavelmente para todas as pessoas que elas conheciam na ilha de Manhattan, não ter nada para fazer, aliás, não andar constantemente numa lufa-lufa, era uma existência inconcebível. Era também, para mulheres como elas, a maior humilhação possível em Nova Iorque. — Talvez estivesse preocupada com o filho. Miguel, não é? — perguntou Grace.

— Miguel, sim.

— E quisesse estar por perto para o caso de ele precisar dela.

— Hum!...

Elas percorreram um quarteirão em silêncio.

— Foi muito estranho — disse Sylvia, por fim. — Quer dizer, sentar-se assim, daquela maneira.

Grace não disse nada. Não que discordasse. Apenas não queria que se soubesse que concordava.

— Pode ser uma questão cultural — sugeriu ela, por fim.

— Oh, por favor — disse a mulher cuja filha chinesa estava agora a preparar-se para o seu *bat mitzvah*.

— Quem é o marido dela? — perguntou Grace. Estavam a aproximar-se da escola, convergindo com as outras mãe e amas.

— Nunca o vi — replicou Sylvia. — Ouve, para que conste, fiquei tão chocada como tu quando a Sally sugeriu que leiloasses umas sessões de terapia.

Grace riu-se:

— Okay! Obrigada.

— Sei que a comunidade contribui para a educação dos nossos filhos, mas porque é que nos havia de calhar as pessoas mais idiotas? Quer dizer, eu ouvi realmente falar em encurtamento de dedos dos pés?

— Receio bem que sim. No entanto, há muitos anos tive uma paciente cujo marido a tinha deixado porque dizia que ela tinha os pés feios.

— Meu Deus! — Sylvia parou de andar. Grace deu mais um passo e parou também. — Que palhaço. Era o quê, algum tarado com um fetiche por pés?

Grace encolheu os ombros:

— Talvez. É irrelevante. A questão aqui é que ele deixou bem claro o que era importante para ele. Era um tipo que sempre lhe tinha dito que ela tinha os pés feios. Desde o primeiro dia. E quando se separaram, os pés dela estavam no topo da lista dele de motivos por que não podia continuar casado com ela. Era um palhaço, claro, mas era um palhaço sem papas na língua. E mesmo assim ela casou-se com ele, apesar de ser mais do que óbvio que ele era capaz de a desdenhar, no mínimo. O que é que ele ia fazer? Mudar?

Sylvia deu um suspiro. Estava a enfiar a mão no bolso de trás para tirar o telemóvel, que pelos vistos estava a vibrar.

— Dizem que as pessoas mudam.

— Pois, mas quem diz isso está enganado — respondeu Grace.

CAPÍTULO TRÊS

NÃO É A MINHA CIDADE

Rearden não fora sempre um antro de gestores de fundos de cobertura e outras espécies de Senhores do Universo. Fundada no século XIX com o objetivo de educar os filhos e as filhas dos trabalhadores, em tempos a escola tinha estado associada aos intelectuais judeus ateístas e respetivos bebés de fralda vermelha, e tinha sido frequentada pela prole de jornalistas e artistas, atores colocados em listas negras e cantores de música *folk* com preocupações sociais. Os alunos da geração de Grace sentiam um orgulho perverso no facto de a escola deles ter sido desacreditada como sendo «Boémia» (por nada mais nada menos do que *The Official Preppy Handbook*), mas ao longo das décadas que se seguiram, Rearden, à semelhança de quase todas as escolas privadas da ilha de Manhattan (e também algumas em Brooklyn), havia mudado substancialmente — não tanto em termos políticos, mas na direção geral do dinheiro. Atualmente, o progenitor típico de Rearden ganhava dinheiro com o dinheiro dos outros, nada mais, e era enérgico, distraído, extraordinariamente rico e quase sempre ausente. A progenitora típica era uma ex-advogada ou ex-analista, agora inteiramente dedicada à gestão de várias casas e ao supervisionamento do desenvolvimento de várias crianças. Era muito magra e muito loura, e por norma ia a correr para a *SoulCycle* com a vida toda enfiada numa *Birkin Barenia* com pespontos brancos. A escola era predominantemente branca (isso se já não fosse preponderantemente judia), embora agora existisse uma contingência considerável de alunos da Ásia e da Índia. Esses alunos, e o ainda mais reduzido número de alunos negros e hispânicos, apareciam com maior destaque nos panfletos de admissão de Rearden, mas os alunos verdadeiramente — ainda que secretamente — privilegiados estavam à vista de todos: tratava-se da prole dos licenciados em Rearden, antigos alunos e alunas que não eram, verdade fosse dita, gigantes da indústria moderna ou o seu equivalente em termos de capacidade financeira, mas apenas homens e mulheres que trabalhavam, tal como os seus predecessores, na área das Artes, do Ensino ou — como no caso de Grace — nas chamadas «profissões terapêuticas». Havia frequentado a escola antes da avalanche de dinheiro, numa altura em que esta não estava tão obcecada com a sua própria importância.

A época dela (os anos 80) tinha sido a última era de inocência da escola, antes de todos esses Senhores do Universo terem invadido as escolas independentes da cidade e atirado a velha guarda dos parapeitos abaixo. Nesses tempos elísios, Grace e os seus colegas de turma sabiam que não eram pobres, mas também não se viam propriamente como *ricos*. (Já nessa altura havia crianças bastante abastadas em Rearden que chegavam à escola em carros compridos conduzidos por homens que usavam boné — e que eram devidamente ridicularizados por isso mesmo.) A maioria morava em apartamentos básicos de seis assoalhadas no Upper East Side e em Upper West Side (nessa altura, tais apartamentos estavam ao alcance da maior parte das famílias com um único progenitor empregado — um médico, um contabilista), embora alguns iconoclastas morassem na Village ou mesmo em Soho. Aos fins de semana e durante as férias de verão, mudavam-se para casas mais pequenas (e não muito bem conservadas) em Westchester ou em Putnam County, ou no caso de Grace para a modesta casa do lago no Noroeste do Connecticut, adquirida misteriosamente pela avó de Grace (sua homónima) no auge da Grande Depressão, pela soma bizarra de quatro mil dólares.

Agora, os pais que Grace tinha conhecido na Noite de Regresso às Aulas tinham desligado por completo assim que souberam que ela era terapeuta e que o marido era médico. Não teriam compreendido como era possível morar num espaço tão acanhado como o apartamento de quatro assoalhadas de Grace ou de que servia conduzir até ao Connecticut se não fosse para ficar numa propriedade privada com o seu próprio estábulo, campo de ténis e pequena casa de campo para os convidados. O mundo que esses pais habitavam era um mundo de titãs e de pessoas que contratavam para fazerem as coisas por eles. Residiam na Quinta Avenida ou em Park Avenue, em casas compostas por vários apartamentos, adquiridos, transformados e a transbordar para dois ou três pisos, configuradas para (e dependentes de) pessoal doméstico e adequadas para grandes festas. Quando essas novas famílias de Rearden partiam de fim de semana, iam para ilhas privadas, para propriedades no cimo de montanhas ou para palacetes nos Hamptons, onde cavalos aguardavam nos estábulos e barcos esperavam nos ancoradouros.

Ela tentou não se importar. Tentou recordar a si mesma de que se tratava da experiência escolar de Henry, e não da sua, e por que razão a iniquidade entre os ricos e os vergonhosamente ricos havia de a incomodar tanto quando o próprio Henry era um rapaz agradável e nada materialista? Os colegas de turma de Henry podiam estar a crescer em apartamentos opulentos, servidos por pessoal doméstico interno (ele, o mordomo; ela, a cozinheira) e orientados por equipas de amas, e mais tarde por equipas de tutores e de professores particulares. Podiam ter *iPhones* no infantário e cartões de crédito no terceiro ano, mas isso não parecia afetar Henry. Pelo

que ela fez um esforço sobre-humano para não deixar que a afetasse também.

Então, num sábado, aconteceu a humilhação feita de uma forma tão descontraída que a atingiu como uma porta fechada na cara, destruindo de uma vez por todas as expectativas otimistas dela. Grace estava a deixar Henry numa festa de aniversário numa *penthouse* em Park Avenue, onde as janelas emolduravam vistas deslumbrantes nas quatro paredes. No sítio onde ela estava no chão de mosaico da entrada, à saída do elevador privado, era possível ver-se as crianças do outro lado de uma arcada feita de mármore, a correr à volta da imensa sala de estar atrás de um mágico que envergava um chapéu de coco. Grace tinha acabado de entregar um *kit* de ciências embrulhado a uma empregada qualquer (Secretária? Animadora de festas?) quando a anfitriã passou por ela com um ar jovial.

Essa anfitriã, essa mãe da festa de aniversário — Grace não sabia muita coisa sobre ela, exceto que se chamava Linsey e que era proveniente algures do Sul. Era esbelta e alta, com os seios desproporcionadamente elevados e duvidosamente esféricos, e fazia-se valer do abrangente «*y'all*» quando deixava o filho à porta da turma do terceiro ano, todas as manhãs. (Grace tinha de admitir que «*y'all*» era incrivelmente útil quando não nos recordávamos do nome de alguém. Não tinha muita certeza de que Linsey, três anos depois de os filhos delas terem sido colocados na mesma turma, soubesse o seu nome.) Para além do colega de turma de Henry, o marido de Linsey tinha filhos mais velhos em Rearden, do primeiro casamento. Ele era qualquer coisa no banco de investimento Bear Stearns. Verdade fosse dita, Linsey era sempre muito simpática, mas para lá dessa máscara de boas maneiras não parecia existir mais nada.

Outro facto importante que Grace havia notado em relação a Linsey era que ela tinha uma coleção impressionante de *Birkins Hermès*, uma autêntica gama de cores em pele de avestruz e de crocodilo, assim como algumas em couro. Grace reparava nas *Birkin* e era proprietária de uma, em couro Togo granulado básico, um presente de Jonathan no seu trigésimo aniversário. (O pobre Jonathan apanhara uma valente seca na loja Hermès em Madison, onde, na sua encantadora ingenuidade, partira do princípio de que lhe bastaria entrar e comprar a dita mala *Birkin*. Fora realmente um gesto amoroso.) Ela cuidava desse bonito objeto com grande dedicação e a peça morava numa prateleira forrada a pano no roupeiro dela, juntamente com as tias viúvas, as duas *Kelly Hermès* que ela tinha herdado da mãe. Grace ansiava secretamente ver as malas de Linsey, em especial *in situ*, onde quer que elas estivessem guardadas nesse apartamento fantástico (possivelmente no roupeiro pessoal dela ou até mesmo num cofre!) e tinha esperança de que lhe fosse oferecida uma visita guiada.

«Olá!», cumprimentara Linsey quando vira chegar Henry e Grace. Henry, sem qualquer indicação nesse sentido, correu para junto das outras

crianças que se encontravam na sala de estar e Grace ficou espescada à frente da anfitriã, interrogando-se se estaria prestes a ter lugar alguma forma de convívio. Do outro lado de mais uma arcada, para lá de uma sala de jantar bastante comprida e de uma porta aberta, viam-se algumas mãos posicionadas em torno de uma ilha de cozinha, a beberem café. Por acaso sabia-lhe bem um café, pensou Grace. Uma vez que era a manhã de sábado. E embora tivesse agendado receber um casal em crise nessa tarde, até lá não tinha nada para fazer.

«Ainda bem que vieram!», dissera-lhe a anfitriã, no seu tom caloroso habitual. A festa terminaria às quatro. Depois fez saber a Grace que um dos porteiros teria todo o gosto em chamar-lhe um táxi, caso fosse necessário.

O porteiro terá todo o gosto em chamar-lhe um táxi.

Grace caminhara até à porta num estado de entorpecimento e entrara no elevador da mesma maneira, rumo à longa viagem até ao piso de baixo. No seu prédio, onde ela tinha crescido e onde ainda morava, os porteiros eram, na sua maioria, irlandeses, búlgaros ou albaneses, tipos simpáticos que faziam voluntariado no quartel dos bombeiros de Queens e que lhe mostravam fotografias dos filhos. Também seguravam a porta e carregavam as malas, a não ser que o recusássemos. E chamavam táxis, claro. Com certeza. Ela não precisava que lhe dissessem que eles o faziam.

Quando saíra para a Park nessa manhã, tivera uma sensação de enjoo, qual rapariga do Kansas projetada do tornado para o technicolor surreal. Esse edifício em particular, o prédio de Linsey, era bastante conhecido e no seu tempo tinha sido lar de inúmeros magnatas. O próprio sócio da firma de advocacia do pai dela tinha morado lá durante vários anos e Grace tinha ido a imensas festas de Ano Novo num andar alguns pisos abaixo do de Linsey, com um vestido escolhido especialmente pela mãe, uns sapatos de couro *Tru-Tred* originais e uma malinha. A entrada do edifício tinha sido redecorada desde então, claro — provavelmente inúmeras vezes —, e ela constataria que já não se lembrava das especificidades da opulência da Era do *Jazz* que sempre associara com o edifício; atualmente era tudo feito de granito, mármore e tecnologia de ponta, os porteiros e os seguranças fardados apenas sérios o suficiente para passarem a mensagem. E fora dessa visão fria de riqueza proibitiva que ela emergira para a rua. Era primavera e os bolbos plantados em abundância ao longo dos canteiros centrais de Park Avenue brotavam da terra dispendiosa: rosa-vivo e amarelo-torrado a empurrarem-se em direção à fraca luz solar. Quantos bolbos ao longo dos anos ela tinha visto crescer nos canteiros centrais de Park Avenue? Quantos anos de árvores de Natal, de esculturas de Botero e da escultura de ferro de Louise Nevelson, na 92nd Street, que representava a própria Manhattan? Recordava inclusivamente a cruz de Natal de outros tempos, feita com luzes de escritório que eram deixadas acesas durante a noite, na altura em que o

MetLife Building ainda era o Pan Am Building e a imagem de uma cruz a iluminar a Baixa de Park Avenue passava sem qualquer comentário e muito menos escândalo — tal era a distância no tempo com que ela recordava essa via pública.

O porteiro teria muito gosto em chamar-lhe um táxi.

«Não é a minha cidade», pensara ela então, virando para norte ao longo da avenida. Em tempos sim, mas agora já não. À exceção dos tempos de faculdade, nunca morara noutro lugar, aliás, nunca sequer *pusera a hipótese* de morar noutro sítio. Mas a verdade era que Nova Iorque dava pouca importância à longevidade. A cidade era estranha nesse sentido; sugava-nos assim que saíamos da camioneta, do avião ou de qualquer meio de transporte em que chegávamos, sem nenhum período de audição obrigatório em que pudéssemos ser considerados estranhos ou campônios ou ianques até os nossos bisnetos revelarem finalmente terem herdado o privilégio de serem habitantes locais. Lá, passávamos a ser habitantes locais assim que chegávamos ou logo que parecesse que tínhamos um sítio onde ir e pressa de lá chegar. Nova Iorque não se importava com as pronúncias ou se alguém tinha chegado no *Mayflower*; o facto de termos escolhido estar ali quando podíamos ter ido para outro lugar era mais do que suficiente (embora não se percebesse, de todo, por que motivo alguém havia de querer ir para outro lugar). Grace, que tinha nascido na 77th Street e tinha crescido na 81st Street, que, inclusivamente, agora morava no apartamento da sua infância e que tinha o filho a estudar na mesma escola que ela própria havia frequentado, que ia à mesma lavandaria onde a mãe tinha ido e que continuava a comer em alguns dos restaurantes outrora favoritos dos seus pais, que comprava os sapatos de Henry na *Tru-Tred*, a mesma loja onde a tinham levado em criança (e onde provavelmente ele se sentava na mesma cadeira pequena em que Grace se tinha sentado e onde lhe mediam o pé com o mesmo instrumento que em tempos tinha medido o pé da mãe dele), era nova-iorquina. Jonathan tinha crescido em Long Island, mas também ele se tinha metamorfoseado num nova-iorquino no instante em que fizera rodar a chave do primeiro apartamento desenxabido deles em Nova Iorque, num prédio feito de tijolo branco na East 65th, perto do Memorial. E Linsey, acabada de chegar pelo braço de um marido novo e levada diretamente para um apartamento fantástico numa das ruas mais emblemáticas da cidade, cuja vida de Manhattan lhe tinha sido apresentada numa espécie de carroça de boas-vindas à Big Apple (esta loja, aquela escola, este cirurgião plástico, esta agência de empregados domésticos), cujas amigas eram igualmente recém-chegadas, recém-casadas e recém-aperaltadas, que encarava a cidade não como uma história que tinha começado muito antes de ela ter aparecido e que continuaria a existir (assim se esperava!) muito depois de ela ter desaparecido, mas como o sítio onde ela por acaso morava, em vez de, por

exemplo, Atlanta, Orange County ou um nos subúrbios mais agradáveis de Chicago — também ela era nova-iorquina. Santo Deus!

Sally tinha razão, claro, quando dissera que Henry não precisava de ser levado à aula de violino, quanto mais irem buscá-lo. Os miúdos de Nova Iorque costumavam andar à solta pela cidade a partir dos dez anos ou isso e muitos rapazes de doze anos não ficariam nada satisfeitos se vissem a mãe na entrada de mármore da Rearden School às três e um quarto da tarde. Henry, porém, continuava a procurá-la com os seus olhos de pestanas compridas, ao mesmo tempo que descia as escadas de pedra que conduziam às salas de aula do piso superior, continuava a esboçar um breve esgar de alívio ao constatar que ela estava lá, que o tinha realmente ido buscar. Era o momento favorito do dia dela.

Ele apareceu agora, carregando o violino no seu estojo de usar aos ombros, uma imagem que causava sempre uma certa ansiedade a Grace (um instrumento tão caro, uma forma tão descontraída de o transportar, etc.). À mãe deu um pequeno abraço, mais do género «Vamos embora daqui» do que «Estou tão contente por te ver», e Grace seguiu-o até à rua, reprimindo a habitual advertência para que ele fechasse o casaco.

Quando estavam a cerca de um quarteirão da escola, ele deu-lhe a mão. Ainda o fazia e ela fez um esforço para não a agarrar com força.

— Como é que correu o teu dia? — ela optou antes por perguntar. — Como é que está o Jonah?

Jonah Hartman era o antigo melhor amigo de Henry. Um dia, no ano anterior, ele anunciara friamente que a longa amizade deles tinha acabado e, desde então, quase nunca falava sobre ele.

Henry encolheu os ombros.

— Também podes arranjar outros amigos — disse-lhe ela.

— Eu sei — respondeu Henry. — Já me disseste isso.

Mas ele queria Jonah. Era claro que sim. Tinham andado juntos desde o infântário e tinham brincado todos os domingos sem exceção. Todos os anos, em agosto, Jonah passava umas semanas na casa do lago no Connecticut e os rapazes tinham frequentado um campo de férias local. Mas a família de Jonah tinha implodido no ano anterior, e o pai saíra de casa e a mãe levava os filhos para morar num apartamento em West Side. Pessoalmente, Grace não tinha ficado nada surpreendida com a reação de Jonah, exercendo controlo sobre uma das poucas coisas da vida dele que sentia que podia controlar. Ela tinha tentado discutir o assunto com Jennifer, a mãe do rapaz, mas sem resultado.

O professor de violino de Henry morava num prédio deteriorado em Morningside Drive, com uma entrada ampla e escura e uma população de refugiados europeus e de professores de Columbia envelhecidos. Devia haver um porteiro permanentemente de serviço, mas parecia estar a fazer uma pausa sempre que eles chegavam, fosse a que hora fosse. Grace

premiu o botão do intercomunicador no umbral da porta da rua e esperou o habitual minuto ou dois para o Sr. Rosenbaum percorrer o caminho desde a sala de aula até ao intercomunicador da cozinha, de onde lhes abria a porta. No elevador, que chiava bastante, Henry retirou o violino do estojo que trazia às costas e segurou-o corretamente pelo cabo. Parecia estar a aproveitar esses últimos momentos para se preparar para o rigoroso Sr. Rosenbaum que, ao longo dos anos, recordava várias vezes os seus alunos de que outros — mais talentosos, era essa a insinuação — estavam sempre de sobreaviso, na esperança de substituir quem provasse ser menos talentoso do que julgado previamente ou quem não se dedicasse o suficiente aos exercícios de treino. Henry estava ciente, porque Grace o tinha deixado bem claro, de que tinha conseguido um lugar na escola de Vitaly Rosenbaum por causa das suas capacidades e do seu talento promissor, e paradoxalmente isso parecia significar cada vez mais para ele, à medida que os anos iam passando. Não queria perder o lugar, Grace percebia-o. Não queria que tomassem essa decisão por ele.

— Boa tarde. — O professor de violino esperava-os na entrada da porta, o corredor mal iluminado do apartamento estendendo-se atrás dele. Da cozinha emanava o odor inconfundível a couve, parte do repertório altamente limitado de Malka Rosenbaum de comida tradicional proveniente da *shtetl*.

— Boa tarde — respondeu-lhe Grace.

— Olá — disse Henry.

— Tu ensaiar? — perguntou Vitaly Rosenbaum, de imediato.

Henry acenou com a cabeça.

— Mas tive teste de Matemática esta manhã e tive de estudar para ele. Por isso ontem à noite não.

— A vida ser teste constante — ralhou ele, previsivelmente. — Não podes parar de ensaiar por causa Matemática. A música ser boa para Matemática.

Henry disse que sim com a cabeça. Ao longo dos anos, também lhe tinha sido dito que a música era importante para a História, para a Literatura, para a saúde física, para a saúde mental e, claro, para a Matemática. Mas ele também sabia que tinha de estudar.

Grace não foi com eles para a sala de aula. Ocupou o seu lugar habitual no corredor, uma cadeira de madeira baixa e ornamentada de outra época, quando o conforto das peças de mobiliário não era fortemente valorizado, e tirou o telemóvel para ver as mensagens. Havia duas: uma de Jonathan, a dizer que tinha dado entrada de dois pacientes no hospital nesse mesmo dia e que chegaria tarde a casa, e a outra de uma das pacientes dela, a cancelar a sessão agendada para o dia seguinte sem qualquer explicação ou indicação de alteração de data. Grace franziu o sobrolho. Interrogou-se se deveria preocupar-se com essa mulher, cujo

marido tinha escolhido a sessão anterior para admitir que o que ele tinha apelidado de «experiências de faculdade» com outros homens não tinha terminado na faculdade pois continuava a acontecer e — na mente de Grace — não tinha nada de experimental. O casal estava casado há oito anos e tinha duas filhas gémeas com cinco anos. Passados uns minutos, Grace encontrou o número da mulher e deixou-lhe uma mensagem a pedir para ela lhe ligar.

Ouviu-se música vinda do fundo do corredor: Sonata No. 1 em Sol Menor de Bach, andamento Siciliano. Ela escutou durante um bocado, até a voz do Sr. Rosenbaum interromper não só a linha melódica do filho dela como também a sua própria divagação, e depois voltou a atenção para o livro de marcações e desenhou um risco sobre a sessão cancelada. Andava a trabalhar com o casal há oito meses e a sua desconfiança inicial em relação ao marido tinha-se rapidamente concentrado na orientação sexual dele. Tinha optado por não o confrontar, dando-lhes algum tempo para ver se a coisa surgia naturalmente, e de facto aconteceu. Seguiram-se várias semanas de conversas que não tinham levado a lado nenhum, sobre o carácter reservado, a falta de ligação afetiva e a incapacidade de manifestar carinho dele que havia levado a mulher a carpir as mágoas dela no sofá de cor bege. E depois, de repente, ela fizera uma breve referência sobre um momento durante o primeiro ou o segundo encontro deles, em que ele tinha mencionado uma relação com alguém da mesma fraternidade.

«Bem, quero dizer», dissera ele, «eu contei-te isso. Não percebo porque é que o trazes agora à baila. Sempre tive curiosidade.»

Ping. Foi como se um pequeno carrilhão tivesse soado na sala.

Mas tinha sido só uma pessoa. Uma pessoa mais *a sério*. Os outros...

Ping.

«Oh, por favor», pensou ela agora, ao mesmo tempo que desenhava um náutilo em torno da sessão riscada. E mais uma vez, nesse preciso instante, sentada na cadeira pouco confortável do corredor impregnado de cheiro a couve da casa de Vitaly Rosenbaum em Morningside Heights, sentiu a mesma sensação de frustração intensa que tinha sentido nessa tarde no seu consultório. Essa frustração tão familiar.

A ele, ela podia ter dito: *O que fazer e o que não fazer quando se é homossexual? Fazer: ser homossexual. Não fazer: mentir sobre o facto de ser homossexual. Não fazer: Fingir não ser homossexual. Não fazer: casar com uma mulher e ter filhos com ela, a não ser que ela tenha a perfeita noção da situação e faça essa opção.*

E a ela: *Quando um homem nos diz que é homossexual, não devemos casar com ele. E sim, ele disse-lhe. À maneira dele, desonesta, desonesta e incrivelmente irresponsável, mas disse-lhe. Por isso não diga que não sabia. Devia ter percebido!*

Grace fechou os olhos. Há já oito anos que vinha a esse apartamento e

de todas as vezes que dobrava a esquina da 114th, lembrava-se da sua antiga orientadora de faculdade, que também morava em Morningside Heights, a escassos dois quarteirões no sentido norte. A Dr.^a Emily Rose — Mama Rose, como todos a tratavam, como ela *encorajava* toda a gente a tratá-la, algo que continuava a espantar Grace — tinha sido terapeuta noutros tempos: uma época de demorados abraços quando se chegava e de abraços ainda mais demorados quando se partia, uma época em que se andava de mãos dadas (literalmente, fisicamente) e de uma série de terapias novas do movimento do potencial humano, sobre as quais ela tinha elaborado o que era visto como o seu trabalho académico sobre a «psicologia transpessoal». Mama Rose recebia os seus alunos na mesma sala onde atendia os pacientes, uma divisão repleta de luz com vista para Morningside Park, cheia de plantas penduradas, de quadros abstratos sem moldura e de almofadas *kilim* espalhadas no chão com tamanhos fora do normal, em cima das quais as pessoas tinham de se sentar de pernas cruzadas, e cujas aulas, sessões de aconselhamento e certamente sessões de terapia começavam com esse abraço imensamente constrangedor (pelo menos para Grace). Era terrivelmente invasivo. Durante imenso tempo ela desejou ter outra orientadora, mas acabou por se deixar ficar e pelo pior motivo. Mama Rose nunca tinha dado, tanto quanto ela sabia, uma única nota abaixo de 20 aos seus alunos.

Passos abafados soaram noutra zona do apartamento. Malka Rosenbaum, raramente vista e por norma silenciosa quando aparecia. O marido tinha chegado primeiro, logo a seguir à guerra, mas ela tinha ficado retida devido a burocracias da Cortina de Ferro, durante vários anos. Tinham perdido a oportunidade de ter filhos, calculava Grace, mas por alguma razão ela sentia menos pena deles do que de muitos pacientes com quem havia trabalhado e que tinham lutado imenso, ou continuavam a lutar, contra problemas de infertilidade. Vitaly tinha imenso jeito e uma paixão pelo violino, ainda que não sentisse o mesmo pelos atuais alunos, mas era uma pessoa triste e Malka nem sequer era uma pessoa. A culpa não era deles. Tinham sido privados e profundamente magoados, e tinham visto coisas horríveis, e embora algumas pessoas conseguissem encontrar uma fonte de vida e alegria no mundo depois disso, a maioria não era capaz. Os Rosenbaum, claramente, não tinham sido capazes. Quando ela os imaginava a cuidar de uma criança, um bebé, um pequeno ser, sentia a mágoa lenta de uma luz a esmorecer.

O aluno seguinte de Vitaly, uma rapariga coreana magra vestida com uma camisola da *Barnard*, com o cabelo comprido preso num elástico revestido a tecido cor-de-rosa, chegou uns minutos antes da lição de Henry terminar e passou rapidamente ao lado da cadeira onde Grace se encontrava sentada, evitando estabelecer contacto visual. Encostou-se à parede do estreito corredor, olhando com um ar sério para as suas pautas

de música, e quando Henry saiu os três ficaram numa espécie de impasse. Grace e Henry saíram para o vestíbulo e vestiram os casacos.

— Tudo bem? — perguntou-lhe Grace.

— Tudo — respondeu Henry.

Apanharam um táxi na Broadway, dirigiram-se para sul e atravessaram o parque até East Side.

— Gostei muito do que ouvi — disse Grace, em parte porque queria que ele falasse com ela.

Henry encolheu os ombros, os ossos visíveis sob a camisola.

— Não foi o que disse o Senhor Rosenbaum.

— Ai não? — perguntou Grace.

Mais um encolher de ombros. Uma vez uma paciente de Grace tinha comentado, em jeito de brincadeira, que o encolher de ombros era o barómetro mais preciso da adolescência. Mais do que um por hora constituía um dos primeiros sintomas. Mais do que dois por hora era um caso declarado. Quando as palavras voltavam, se alguma vez isso acontecesse, era sinal de que o miúdo estava a sair da adolescência.

— Acho que ele pensa que estou a fazê-lo perder tempo. Fica lá sentado com os olhos fechados. Não é que diga que estou a fazer mau...

— Mal — corrigiu-o Grace, calmamente. Era mais forte do que ela.

— Mal. Mas dantes dizia mais coisas positivas. Achas que quer que eu desista?

Grace foi invadida por uma sensação de ansiedade, como se lhe tivessem injetado uma tinta radioativa na veia e ela lhe tivesse saído disparada do coração. Esperou que a sensação passasse. Vitaly Rosenbaum, velho de idade e longe de ter uma saúde de ferro, talvez quisesse livrar-se dos alunos menos capazes de atuar num concerto ou mesmo a nível do Conservatório, mas não lhe tinha dito nada a ela.

— Não, claro que não — respondeu ela, no tom mais jovial que conseguiu. — Tu não tocas para o Senhor Rosenbaum, meu querido. Deves ter-lhe respeito e trabalhar a sério, mas a tua relação com a música é só entre ti e a música.

Apesar de, enquanto lhe respondia, terem-lhe vindo à cabeça os vários anos de formação, os sons doces de ele a tocar, o orgulho que ela e Jonathan tinham sentido e sim, o dinheiro também. Santo Deus, tanto dinheiro. Ele não podia desistir. Será que não gostava de música? Será que não gostava de tocar violino? De repente, ela apercebeu-se de que não tinha bem a certeza e que se calhar também não queria saber.

Henry — agora previsivelmente — tornou a encolher os ombros.

— O pai disse que eu podia desistir, se quisesse.

Chocada, Grace olhou em frente, para o ecrã de televisão mudo do táxi, no qual estavam a passar novas críticas do guia Zagat. *L'Horloge*, *Casa Home*, *The Grange*.

— Ai sim? — foi tudo o que ela conseguiu dizer.

— No verão passado. Estávamos lá em cima, no lago, e eu não tinha levado o violino comigo. Lembras-te?

Grace lembrava-se. Tinha ficado aborrecida com isso. Essas três semanas na casa do Connecticut tinham sido três semanas de ensaios perdidos.

— Perguntou-me se ainda gostava do violino e eu disse-lhe que não tinha a certeza. Ele disse que a vida era demasiado curta para eu passar tanto tempo a fazer algo de que não gostava. Disse que a minha maior responsabilidade é para comigo mesmo e que muitas pessoas vivem uma vida inteira sem aprenderem isso.

A cabeça dela estava a andar à roda. «A minha maior responsabilidade é para comigo mesmo?» O que é que isso queria dizer? Era claro que ele não podia sentir nada disso. Ninguém que exercesse a profissão dele podia sentir-se dessa maneira. Jonathan entregava-se aos seus pacientes e às respetivas famílias. Atendia os telefonemas deles a qualquer hora do dia; levantava-se da cama para ir a correr para o hospital; participava em vigílias desoladoras no leito da morte, durante as quais procurava incansavelmente uma solução ainda por explorar para o problema de uma criança moribunda, qual advogado de um condenado à pena de morte em pleno dia de execução. Era o oposto de um hedonista. Recusava a maioria dos prazeres e todos os luxos. A vida dele, a vida dela, era uma vida de serviço a pessoas terrivelmente infelizes, cuidadosamente equilibrada com a alegria pessoal e preciosa do amor familiar e com o desfrutar modesto de confortos. «A minha maior responsabilidade é para comigo mesmo?» Henry devia ter percebido mal. Ela sentia-se como se tivesse sido projetada para fora do táxi e não soubesse onde aterrar primeiro — na necessidade de corrigir esse conceito logo que possível, no seu próprio sentimento de culpa, no rancor súbito e avassalador que sentia em relação a Jonathan ou no seu desconhecimento da situação. O que lhe teria dado para dizer tal coisa?

— Queres desistir? — perguntou-lhe ela, forçando a voz a soar neutra.

Mais um encolher de ombros, mas dessa vez mais leve, mais lento, como se Henry estivesse farto.

— Fazemos assim — disse ela, ao mesmo tempo que o táxi virava para sul na Quinta Avenida —, daqui a uns meses voltamos a falar sobre isto. É uma decisão importante e terás de ter a certeza absoluta. Talvez haja outras coisas em que possamos pensar, como um professor novo, por exemplo. Ou talvez outro instrumento que gostasses de experimentar.

Embora até isso lhe custasse. O amargo e depressivo mas altamente requisitado Vitaly Rosenbaum não era um professor de violino qualquer. Todos os meses de agosto avaliava dezenas e dezenas de rapazes e raparigas de famílias que sabiam o suficiente para o procurarem e permitia que somente alguns se tornassem seus alunos. Tinha aceitado Henry com

quatro anos, sem um dente da frente, com as mãos demasiado grandes para a idade e um timbre perfeito proveniente de uma fonte genética desconhecida, certamente não dos pais. E no que dizia respeito a outros instrumentos, Grace tinha uma aversão secreta à maioria deles. Era um facto que existia um piano vertical no apartamento deles, uma relíquia do tempo das suas próprias lições forçadas em criança, mas ela nunca tinha gostado de música de piano e ter-se-ia visto livre da coisa se as duas tentativas para o doar não tivessem saído furadas. (Por incrível que parecesse, ninguém queria um piano de 1965 desafinado e de marca indistinta, e o custo de o mandar tirar do apartamento era perfeitamente obscuro.) Ela não gostava do som dos instrumentos de metal, de sopro ou da maioria dos instrumentos de cordas. Gostava de violino e gostava de violinistas, que sempre lhe haviam parecido concentrados e serenos. E inteligentes. Havia uma rapariga na turma dela em Rearden que desaparecia cedo quase todas as tardes, faltando às aulas de Educação Física e aos encontros pós-aulas, que parecia completamente à vontade com a sua falta de vida social escolar; emanava uma calma e uma confiança que Grace admirava. Então, um dia quando Grace tinha cerca de dez anos, a mãe levou-a a uma sala pequena e preparada para música adjacente a Carnegie Hall e ela e uma série de colegas, bem como as respetivas mães, tinham ficado sentadas durante uma hora a ouvir essa rapariga dar um concerto de música incrivelmente complexo, acompanhada por um pianista muito adulto, muito careca e muito gordo. Os miúdos em geral não paravam quietos, mas as mães, e a mãe de Grace em particular, estavam encantadas. Mais tarde, a mãe de Grace fora falar com a mãe da rapariga, uma mulher requintada vestida com *Chanel*, e Grace permanecera sentada no lugar, demasiado envergonhada para dar os parabéns à colega. A rapariga tinha deixado a escola após o sétimo ano, para passar a ter aulas em casa e iniciar uma agenda ainda mais intensiva de aulas de violino, pelo que Grace tinha perdido todo o contacto com ela. Mas quando chegara a altura, quisera que o seu próprio filho aprendesse a tocar violino.

— Tu é que sabes — ela ouviu-o dizer. Ou pareceu-lhe ter ouvido.

2 Contração das palavras «you» e «all», que significa exatamente «vocês todos» ou «todos vocês». (NT)

3 Nome iídiche para as aldeias judaicas na Europa de Leste. (NT)

CAPÍTULO QUATRO

FATALMENTE SENSÍVEL

Sacrificando-se em prol das outras mulheres do grupo, Grace acabou por ficar no vestíbulo imenso dos Spenser na noite da angariação de fundos de Rearden, a receber os convidados e a distribuir os panfletos do leilão a uma mesa em frente ao elevador privado. Era algo surpreendente a quantidade reduzida de pais que ela conhecia pelo nome. Algumas das mães eram-lhe familiares, fazendo parte do grupo da saída das três e um quarto. Essas mulheres olhavam para Grace com os olhos semicerrados, avançando na direção dela com os saltos altos a ecoarem no chão de mármore, talvez a tentarem recordar-se do nome dela ou sem saberem muito bem se ela fazia parte do grupo ou se seria apenas alguém eficiente contratado para a ocasião; então, jogando pelo seguro, saudavam-na com um prudente «Olá, tudo bem? Prazer em vê-la!». Os homens eram-lhe totalmente estranhos. Um ou dois tinham andado com ela em Rearden anos antes, embora os seus rostos de infância parecessem pairar atrás de um véu de tempo e prosperidade. A grande maioria, contudo, ela nunca tinha visto antes; à exceção de uma ou outra conferência entre pais e professores ou uma intervenção disciplinar, não entravam na escola desde a entrevista inicial por ocasião da matrícula (para a qual eles arranjavam sempre tempo, claro), e Grace não tinha a menor dúvida de que estavam presentes num evento escolar a um sábado à noite sob grande coação doméstica.

— Temos aqui um leilão fantástico — disse ela a uma mulher cujos lábios estavam tão inchados que Grace se interrogou se o homem de aspeto calmo e distraído atrás dela lhe teria batido recentemente na face. — A vista é impressionante — disse ela a uma das mães da turma de Henry, que mal conseguia conter a vontade de subir ao piso de cima. — E há os Pollock na sala de jantar. Não se esqueça de os ir ver. — E quando o corupcio acalmou por volta das sete e meia, ela deu por si sozinha no imenso vestíbulo de mármore, a tamborilar com a unha no tampo da mesa que lhe haviam preparado e a questionar-se quanto tempo teria de permanecer ali à espera.

Fazer parte do comité de angariação de fundos era o único trabalho voluntário de Grace em Rearden e ela não se importava nada de o cumprir, apesar de ser a primeira a reconhecer o quão excessivo se tinha tornado o

projeto. Em tempos, não há muitos anos, tais eventos distinguiam-se pelo facto de serem muito pouco atrativos, com decorações marcadamente piosas e o *glamour* retro da ementa: *fondue* de queijo e folhados de salsicha, empurrados para baixo com uma mistura altamente alcoólica de outros tempos. Eram festas relativamente alegres, não demasiado sérias, e os leilões eram bastante divertidos, com pessoas a ficarem levemente tocadas e a fazerem ofertas para uma sessão com um *personal trainer* ou um papel de figurante em *One Life to Live*. Toda a gente se divertia e vinte ou trinta mil dólares davam entrada na caixa, a caminho do fundo de bolsas da escola, para que os alunos não fossem somente crianças privilegiadas e para que alunos como, por exemplo, Miguel Alves pudessem tornar a escola um lugar mais diversificado e interessante. Isso não era mau, recordou ela a si mesma. Era digno de louvor. E essa nova encarnação da angariação de fundos da escola, que ela — snobe como era — achava de tão fraco gosto, era apenas uma versão maior e melhor dessa coisa digna de louvor, angariando mais dinheiro (muito, *muito* mais dinheiro) para a sua admirável causa. O que devia deixá-la feliz. Mas não era o caso.

Grace continuava no vestíbulo, sentada à pequena mesa. Estava a mexer nas chapas identificativas que restavam como se fosse um *dealer* a dar cartas, ao mesmo tempo que remexia no lóbulo da orelha esquerda, que doía ligeiramente mais do que o lóbulo direito, que também lhe doía. Estava a usar um par de brincos compridos de mola feitos de diamante que tinham sido da sua mãe (que, tal como Grace, não tinha as orelhas furadas). Grace tinha decidido que eram adequados para um duplex de dimensões assombrosas, com vista para um relvado que incluía o Central Park, e tinha escolhido a indumentária em função deles: uma camisa de seda básica preta (a sua cor de eleição e de muitas das suas irmãs de Manhattan), os seus sapatos mais altos (que a deixavam da mesma altura que Jonathan) e as calças de seda *shantung* em rosa-choque, uma aquisição que a surpreendera mais do que a qualquer outra pessoa quando as encontrara na Bergdorf, no outono anterior. Era exatamente o tipo de coisa para se usar diante de um Pollock ou para explicar a um magnata desinteressado que ela era uma terapeuta com um consultório particular.

Os brincos faziam parte de uma coleção de peças um tanto pomposas que tinham sido oferecidas a Marjorie Reinhart, peça a peça, ao longo dos anos, por Frederick, o pai de Grace, e que ela ainda guardava num toucador espelhado que tinha pertencido à mãe, no quarto que em tempos tinha sido dos pais e que agora era dela e de Jonathan. Havia, entre muitas outras coisas, um alfinete que incluía uma pedra cor-de-rosa grande qualquer, presa entre duas mãozinhas feitas de ouro sobre uma base de ouro irregular; um colar grosso feito de jade que o pai havia encontrado sabe-se lá onde; uma pulseira a imitar pele de leopardo feita com diamantes pretos e amarelos; um colar de safiras e um colar de argolas de ouro de

proporções estranhas. O que todas as peças tinham em comum era a sua — não havia como evitar essa palavra — vulgaridade. Parecia tudo maior do que o necessário: argolas de ouro grandes, pedras grandes, um *design* do género «olhem para mim». Ocorreu-lhe que as escolhas tão pouco acertadas do seu pai feitas para oferecer à sua elegante mãe eram, de certa forma, amorosas. O pai dela era tão simplório nessa área que, quando entrava numa joalharia para comprar um presente para a esposa, devia ser presa fácil para qualquer vendedor ambicioso. As joias eram o retrato de alguém a dar o seu melhor para dizer «Amo-te» e da outra pessoa a fazer os possíveis para responder «Eu sei».

Tic tic tic com a ponta da unha, arranjada para a ocasião. Grace tirou os brincos de mola e enfiou-os na bolsa — já não aguentava mais. Em seguida, esfregou os lóbulos das orelhas de alívio e perscrutou o vestíbulo vazio, como se esse gesto fizesse acelerar as coisas. Tinham decorrido vinte minutos sem que um único convidado tivesse chegado e já só havia cinco chapas identificativas esquecidas em cima da mesa: a de Jonathan e as de dois casais que Grace não conhecia. As restantes pessoas estavam lá em cima, incluindo os outros membros do comité, o diretor da escola e o grupo imenso que tinha chegado com ele (vindos diretamente da pré-festa «*Cocktails* com o Diretor», organizada no mesmo apartamento onde a Linsey das *Birkin* tinha dito a Grace que o porteiro lhe podia chamar um táxi). Ela tinha inclusivamente visto Malaga Alves passar pela sua mesa, embora nem tivesse parado. Tanto melhor, pois não havia nenhuma chapa identificativa para ela. Grace não estava surpreendida, nem aborrecida, por Jonathan ainda não ter chegado. O paciente de oito anos de Jonathan tinha morrido dois dias antes, uma coisa terrível que nunca deixava de ser terrível, não obstante o facto de acontecer vezes sem conta. Os pais eram judeus ortodoxos e o funeral tinha-se realizado quase de imediato, ao qual Jonathan tinha comparecido, e nessa tarde ele tinha regressado a Brooklyn para fazer uma visita de *shivá* à família que morava num apartamento em Williamsburg. Permaneceria o tempo que fosse necessário e depois iria diretamente para a festa. Era isso.

Grace não sabia o nome da criança. Nem sequer tinha a certeza se era um rapaz ou uma rapariga. Quando Jonathan lhe contara sobre o paciente, Grace sentira-se grata pela barreira que ambos mantinham, ou que se esforçavam para manter, entre a vida familiar e a vida profissional dele no hospital. Graças a essa ténue barreira, a criança morta era apenas *um paciente, com oito anos*, o que já por si era mau. Mas quão pior seria, para ela, se soubesse mais pormenores?

«Lamento», dissera Grace quando ele lhe contara sobre a visita de *shivá* e que o mais certo seria chegar atrasado.

E Jonathan respondera: «Eu também. Odeio o cancro.»

E isso quase a fizera sorrir. Ele dizia-o com frequência e há já muitos

anos, sempre dessa maneira: de uma forma casual, em jeito de opinião complacente. Dissera-lho pela primeira vez há muitos anos, no seu quarto de dormitório na faculdade de Medicina de Boston, embora nessa altura lhe tivesse soado como um grito de batalha. *Jonathan Sachs, prestes a começar o estágio para um dia se tornar pediatra oncológico com especialização em tumores sólidos, odiava o cancro, pelo que o cancro que se pusesse a pau! O cancro tinha os dias contados! O cancro tinha sido avisado e a vingança era terrível!* Nos dias que corriam, não havia fanfarronice. Ele continuava a odiar o cancro, mais do que quando era estudante, mais a cada paciente que perdia, mais hoje do que no dia anterior. Mas o cancro estava a borrifar-se para os sentimentos deles.

Grace detestara ter de o recordar de «Um Serão por Rearden», distraí-lo do sofrimento das crianças e do pavor dos pais. Mas tivera de o fazer. A angariação de fundos. A escola. Os Spenser. Os três apartamentos combinados num só: uma McMansão urbana, como ela lhe tinha chamado quando lha descrevera pela primeira vez umas semanas antes. Jonathan nunca se esquecia de nada, mas tinha tanto em que pensar que nem sempre as coisas estavam acessíveis na mente dele. Precisavam de ser lembradas, como um livro na biblioteca municipal de Nova Iorque. Às vezes demorava algum tempo.

«Grace», dissera-lhe ele, «espero que não tenhas despendido demasiada energia nisso. Não podes deixar essas coisas para as mulheres que não trabalham? Tens coisas muito mais importantes para fazer do que angariar dinheiro para uma escola privada.»

Mas era uma questão de participação, respondera-lhe ela, secamente. Ele sabia-o.

E eles não tinham dinheiro suficiente para compensar o facto de ela não participar. Ele sabia-o também.

E isso já tinha sido discutido antes, claro. Num casamento de longa data, já tudo foi discutido antes: correntes circulatórias de familiaridade, tanto quentes como também frias. Evidentemente que não podiam concordar em tudo.

Ele... apareceria logo que pudesse. E se alguém quisesse saber por que motivo ele ainda não tinha chegado, ela teria todo o gosto em esclarecer essa pessoa, pois o seu marido tinha demasiadas coisas em que pensar para perder tempo com o fascínio doentio dos outros em relação ao que ele fazia na vida.

Era algo que mais ninguém parecia compreender em relação a Jonathan, que não era preciso muito para ver além da afabilidade dele e dar de caras com um homem que era constante e brutalmente afetado pelo sofrimento humano. As pessoas sentiam-se alentadas com a atitude descontraída de Jonathan perante assuntos como o cancro e a morte de crianças, mas quando abordavam esses temas tão temidos, faziam-no num

um quase sempre acusatório: *Como é que é capaz de fazer o que faz? Como é que aguenta ver crianças a sofrer? Não é terrível quando um paciente que anda a tratar morre por causa da doença? Mas porque é que optou por essa especialização?*

Às vezes, Jonathan tentava efetivamente responder a essas questões, mas nunca servia de muito, pois não obstante a necessidade óbvia que as pessoas tinham de saber todos os pormenores, a maior parte não aguentava ouvir as coisas que faziam parte do dia a dia dele e quase sempre se afastavam à procura de outra pessoa com uma profissão mais alegre com quem conversar. Ao longo dos anos, Grace assistira a variantes disso em jantares, visitas ao acampamento de férias e anteriores angariações de fundos para Rearden, sempre com um aperto no coração, pois lembravam-na de que a mãe simpática da turma do segundo ano de Henry ou o casal fantástico que alugara uma casa no mesmo lago que eles num verão ou o jornalista de rádio que morava dois pisos acima (o mais próximo de uma celebridade que existia no prédio deles) não iriam, com toda certeza, tornar-se amigos deles. Em tempos ela partira do pressuposto de que a vida social deles estaria forçosamente repleta de oncologistas, pessoas que viviam a mesma restrição de emoções intensas que Jonathan, e dos respetivos cônjuges, mas na verdade essas relações também nunca chegaram a desenvolver-se — provavelmente, decidiu Grace, porque os colegas de Jonathan tinham o modesto objetivo de deixar o cancro no hospital assim que punham os pés fora do edifício e nesse sentido talvez se saíssem melhor do que o marido dela. Anos antes, os dois tinham sociabilizado com Stu Rosenfeld, o oncologista que fazia as consultas de Jonathan sempre que este precisava de se ausentar por algum motivo, e com a mulher dele, e tinha sido agradável. Os Rosenfeld eram ávidos espectadores de teatro que pareciam saber sempre, com meses de avanço, quais bilhetes seriam impossíveis de adquirir, acabando sempre por arranjar lugares na quarta fila ao lado de Elaine Stritch, no primeiro sábado imediatamente após a crítica favorável no *New York Times*. Ela sentia mais admiração do que propriamente amizade por Tracy Rosenfeld, que era coreana-americana, advogada e uma corredora fanática, mas sabia-lhe bem sair com outro casal, desfrutar a cidade e os prazeres dela. As duas mulheres afastavam os maridos dos tópicos da praxe (personalidades do hospital, política hospitalar, crianças com cancro) e em geral fingiam ser melhores amigas do que eram de facto, discutindo Sondheim, Wasserstein e a lamentável agressividade das críticas de John Simon na revista *New York*. Tinha sido tudo bastante inofensivo e podia ainda continuar, se não fosse o facto de um dia Jonathan ter aparecido em casa, cerca de cinco anos antes, e ter revelado que Stu lhe havia dito uma coisa absolutamente incrível, a propósito de uma combinação para jantar (nada muito elaborado, apenas uma noite de domingo num restaurante de que todos gostavam em

West Side) que tinha sido adiada algumas vezes. Stu tinha dito que lamentava imenso, mas que de momento talvez fosse melhor eles manterem um relacionamento estritamente profissional. Tracy era candidata a membro da direcção e... bem...

«Bem o quê?», perguntara-lhe Grace, sentindo as faces a ficarem ruborizadas. «Bem o quê?»

«Tu e a Tracy... chatearam-se ou isso?», perguntara-lhe Jonathan, e ela tivera essa sensação de culpa súbita de quem tem a certeza de que não fez nada de mal, ou pelo menos quase a certeza, porque na verdade é impossível ter-se a certeza absoluta. As pessoas escondiam os seus pontos fracos. Às vezes não havia como saber se se tinha dito a coisa errada.

Pelo que eles deixaram de conviver com os Rosenfeld, exceto em eventos relacionados com o hospital, mas esses eram muito raros, e em encontros fortuitos no teatro, onde conversavam sempre de uma forma amigável e prometiam combinar um jantar para breve, que depois nenhum dos casais se preocupava em marcar, tal como acontecia com inúmeros outros casais que andavam cheios de trabalho, fosse qual fosse o motivo subjacente.

Jonathan nunca mais voltara a tocar no assunto. Estava habituado à perda, claro, e não só no sentido de perda — morte — motivada por uma doença terrível, penosa, dolorosa e implacável. Também tinha havido outras perdas, que não deviam ser desconsideradas só porque as partes em questão ainda faziam parte do mundo dos vivos ou porque moravam pouco mais longe do que, digamos, Long Island. Isso, na opinião pessoal e também profissional de Grace, estava relacionado com a família com que ele tinha crescido, uns pais que lhe tinham falhado em todos os sentidos, só faltando mesmo a violência física, e um irmão que nunca compreendera que também ele seria prejudicado com a perda dessa ligação fraternal. Jonathan não precisava de muitas pessoas na vida dele, nunca tinha precisado, pelo menos desde que Grace o conhecia, desde que tivesse a sua própria família: a família que ele havia construído com Grace e Henry.

Depois, à medida que os anos foram passando, ela começou a sentir-se da mesma maneira e também ela começou a libertar-se das pessoas. No início foi mais complicado — principalmente no início, quando Vita desapareceu —, mas depois cada vez menos, à medida que uma ou outra colega de faculdade se afastava, assim como os amigos dela de Kirkland House (agora cada um para o seu lado, fosse como fosse, e só aparecendo por ocasião de casamentos) e um ou outro de nenhum lado em particular e cuja companhia lhe tinha agradado. Ela e Jonathan não eram pessoas solitárias, obviamente. Tomavam parte ativa na vida da cidade, os seus dias estavam repletos de seres humanos com os respetivos problemas. E o facto de ela nunca se ter visto como uma pessoa doce ou carinhosa — isso não era necessariamente negativo. Preocupava-se imenso com os seus

pacientes, com o que eles faziam ou sentiam quando deixavam o seu consultório. Claro que sim. E também tinha havido telefonemas de sobeja a meio da noite, ao longo dos anos, e ela atendera-os sempre e fizera o que tinha de fazer, inclusivamente encontrar-se com homens e mulheres bastante perturbados em salas de emergência ou falar ao telefone com rececionistas, paramédicos e especialistas em triagem de hospitais e centros de reabilitação de todo o país.

Mas a sua configuração por defeito era «*off*» e não «*on*», e se não tivesse de se preocupar com a ansiedade ou com a depressão deles, se estariam a ir diariamente às reuniões como combinado, então por norma não se preocupava.

Jonathan, porém, era um animal totalmente diferente. Jonathan era fatalmente sensível, uma pessoa profundamente humana e altruísta, capaz de reconfortar uma criança moribunda e os pais em fase «*pré-luto*» com as palavras certas e com o contacto físico certo, dando-lhes esperança e tirando-a com destreza, com carinho, quando já não havia lugar para ela. Tinha havido momentos em que ele ficava tão amargurado com o que deixava nas alas do hospital, ou mesmo na morgue, que não conseguia falar com eles quando chegava a casa, pelo que ia para o escritório nas traseiras do apartamento, para a divisão que antes tinha sido planeada para um segundo filho, afastando-se do núcleo familiar até se conseguir libertar desse sentimento.

Uma vez, no outono em que eles se conheceram, ela tinha chegado ao hospital onde ele estava a estagiar e tinha-o visto abraçar uma senhora de idade que tremia nos braços dele. O filho dessa mulher, um homem de meia-idade com síndrome de Down, tinha estado a morrer no quarto ao lado, com um defeito congénito no coração, uma morte prevista desde o dia do nascimento dele, e no entanto a mulher estava a gritar de dor. Grace, que tinha chegado minutos antes do final do turno de trinta e seis horas de Jonathan, tinha ficado parada ao fundo do corredor a observar tudo, sentindo a vergonha da sua própria observação, a contaminação que ela sabia estar a trazer para essa interação humana tão pura.

Ela já era nesse ano, o último de faculdade, uma aluna exemplar, uma dedicada futura profissional da arte de curar o sofrimento humano, na subcategoria de doenças mentais. E contudo, e contudo... a explosão sónica do sofrimento a que ela assistira ao fundo do longo corredor de hospital quase a atirara ao chão. A intensidade... nunca ninguém havia mencionado isso na apresentação da sua tese sobre «O Caso Dora» de Freud, nem no curso fascinante que ela tinha tirado no penúltimo ano de faculdade sobre psicologia anormal. Tinha havido rodas e engrenagens e ratos a correr em labirintos, teorias e experiências clínicas e vários tipos de terapias: aversão, primitiva, arte e música, e conversas enfadonhas e pouco eficazes. Mas aquilo... Ela mal conseguira aguentar a proximidade, que

nem era tanta como isso.

A verdade era que Jonathan encontrava sofrimento em todo o lado — ou, mais precisamente, o sofrimento parecia encontrá-lo a ele: onde quer que estivesse escondido, ou adormecido, à espera de uma alma à qual se agarrar. Colecionava a tristeza aleatória de estranhos e as confissões dos culpados. Os motoristas de táxi ofereciam-lhe as suas mágoas. Ele não podia passar pelo porteiro da entrada sem receber um relatório desanimador sobre o sobrinho paralítico ou o progenitor que padecia de demência. Não podia comer no restaurante italiano habitual na Third sem perguntar ao proprietário se a fibrose cística da filha estava a reagir ao novo medicamento, uma conversa que terminava sempre com uma sensação de desânimo total. Quando os três estavam sozinhos, ele conseguia ser bem-disposto, um dos motivos por que Grace protegia o tempo passado em família com tanta eficácia, mas o resto das pessoas parecia incapaz de resistir a tirar partido da boa vontade dele.

No fundo talvez fosse porque, não obstante o sofrimento pessoal dele, Jonathan não parecia recear a dor da mesma maneira que as outras pessoas a receavam, optando antes por mergulhar diretamente no seu redemoinho, decidido a continuar a combatê-lo, como se *alguma vez* — alguma vez — fosse capaz de o afetar minimamente. Ela adorava e admirava isso nele, mas por outro lado também a deixava esgotada. E às vezes preocupava-a. O cancro, como era óbvio, derrotá-lo-ia no fim. As dificuldades que as pessoas suportavam e as variedades infinitas de tristeza que carregavam — essas jamais abrandariam, nem mesmo um pouco. E tudo isso deixava-o bastante vulnerável. Ela tinha tentado expressar isso a Jonathan, em mais do que uma ocasião. Tentara fazê-lo compreender que a própria integridade dele, no meio da falta de decência de outros no mundo, poderia acabar por prejudicá-lo de alguma maneira, mas quase sempre ele recusara-se a aceitá-lo. Nunca parecia ser capaz de pensar tão mal das outras pessoas como ela.

⁴ No judaísmo, *shivá* é o período de sete dias de luto mantidos pela morte de uma pessoa próxima. As visitas de *shivá* são feitas com o intuito de reconfortar o enlutado. (NT)

CAPÍTULO CINCO

ACESSO À CELERIDADE DAS COISAS

Quando ela saiu do elevador e entrou no agora apinhado átrio da casa dos Spenser, Grace apercebeu-se de imediato de que a ausência dos anfitriões se havia tornado o assunto da noite. Sally, em particular, continuava visivelmente desnorteada com a notícia inesperada de que o casal Spenser não só não se encontraria com eles antes da festa como também não contava juntar-se aos convidados nessa noite, fosse em que altura fosse. Jonas, fora-lhes explicado, encontrava-se na China — o que era menos chocante —, mas ninguém sabia o paradeiro de Suki. Podia estar do outro lado da cidade ou na propriedade deles nos Hamptons. Tanto quanto o ansioso comité de angariação de fundos sabia, ela até podia estar noutra divisão desse apartamento épico, mas na verdade isso não importava: não estava onde todos tinham imaginado que estivesse, ou seja, com os outros pais e encarregados de educação na residência dos Spenser. Sally tinha ficado furiosa, num estado quase cómico devido à dificuldade que estava a ter para manter o ar de gratidão bem-disposta diante dos empregados dos Spenser.

Na pequena mesa da entrada, apenas um convidado havia perguntado diretamente a Grace se os Spenser estavam presentes na festa. «Acho que ele está na Ásia», respondera-lhe ela, num tom vago, como calculava que Sally preferisse. Mas era por demais evidente que Sally não preferia nada. Sally parecia ter decidido que toda a gente devia ser informada da situação. Agora, enquanto Grace observava do átrio com um copo de champanhe na mão — Sylvia trouxera-lhe o champanhe e Grace aceitara-o de bom grado —, Sally andava numa roda-viva, saltitando de grupo em grupo, observando, polinizando a festa qual beija-flor infeliz e deixando um odor distinto a pânico atrás dela. Grace e Sylvia beberam o champanhe e viram-na caminhar na direção delas. Antes, as duas tinham tentado acalmar Sally, a grande custo. O apartamento era deslumbrante, tinham-lhe recordado elas. Com divisões amplas e peças de arte dignas do MoMA, não havia nada a apontar e se os convidados ficassem desiludidos ao constatarem que o proprietário, um magnata dos meios de comunicação social globais, não se encontrava presente, pelo menos desfrutariam das maravilhas do espaço em si. Era perfeitamente compreensível que os magnatas dos meios

de comunicação social globais estivessem noutro sítio mais importante do que na angariação de fundos para uma escola (se fôssemos objetivos, a maior parte dos convidados também podia estar noutro lugar mais importante do que na angariação de fundos para uma escola), e os homens nem sequer reparariam, e muito menos se importariam, com a ausência da esposa dele. No que dizia respeito às mulheres, a história era outra. Eram elas que iriam remexer na ferida quando se apercebessem de que o casal Spenser havia faltado à festa. Mas isso aconteceria mais tarde, depois de as licitações estarem feitas e de os cheques estarem passados. Não era esse o objetivo?

Em lugar dos Spenser havia um grupo de funcionários: a secretária, no comando das operações, e pelo menos dez seguranças fardados espalhados pelas divisões, a protegerem as entradas para as zonas mais privadas do apartamento, que respondiam perante ela. (Para além, evidentemente, das criadas, dos empregados de mesa e de duas mulheres caribenhas que Grace viu emergir da cozinha, carregando tabuleiros com comida e transpondo uma das entradas vedadas para uma zona desconhecida.) O efeito, o efeito incontornável, era o de um evento realizado num espaço público opulento mas no fundo arrendável — digamos que uma mansão em Newport ou o Templo de Dendur —, não na casa de um casal de progenitores, aberta aos progenitores dos colegas de escola dos filhos. Grace, que antes tinha reprimido o seu próprio desapontamento, sabia exatamente o que Sally tinha esperado, se não mesmo aquilo com que ela estava efetivamente a contar: anedotas pessoais divertidas sobre as obras de arte e sobre a dificuldade em encontrar aquele tom específico de damasco para os cortinados da sala de estar, talvez até uma espreitadela aos famosos *closets* (Suki Spenser era uma habitual no programa *Best Dresser*). Sabia que Sally (tal como ela própria, tinha de admitir) tinha contado ver a despensa imensa e elaboradamente detalhada que Suki, nativa de Hokkaido, abastecera com uma seleção completa de ingredientes japoneses — na *Vanity Fair*, Grace tinha lido que as crianças Spenser seguiam uma rigorosa dieta macrobiótica — ou a derradeira demonstração de descomedimento imobiliário nova-iorquino, a enorme lavandaria fotografada para a *Architectural Digest*, com três lavadeiras fardadas a passarem a ferro lençóis com um número imenso de fios. Mas com o acesso a tudo menos às divisões mais cerimoniosas absolutamente vedado, era por demais evidente que tais gestos pessoais não iriam ser realizados e Sally parecia estar a ter muita dificuldade em adaptar-se a esse facto. Uma hora antes de «Um Serão por Rearden» ter oficialmente começado, ela andara de um lado para o outro nas zonas públicas (seguida de muito perto por dois seguranças fardados), endireitando a mesa do leilão e verificando o bar temporário (montado no vestíbulo, sob a escadaria imensa), com Sylvia e Grace na sua peugada. Estava provavelmente a

tentar compensar a desilusão que sentia, entregando-se à fantasia de que ela própria era senhora dessa mansão urbana. Era um facto que se havia vestido a preceito, com um assombroso vestido *Roberto Cavalli* com padrão de leopardo que revelava os seus enormes (mas ao menos verdadeiros) seios, e uns sapatos perigosamente altos. E estava coberta de diamantes, numa espécie de versão em tamanho real, Grace não pôde deixar de pensar, do típico conjunto de brincar de menina composto por colar, brincos, pulseira e anel, tudo de plástico.

— Olha para a Malaga — disse-lhe Sylvia, de repente, e Grace olhou para o sítio para onde ela estava a olhar. Malaga Alves estava parada, emoldurada por uma das janelas imensas, com um copo de vinho tinto na mão e a outra mão escondida constrangidamente atrás das costas. Parecia pouco à vontade e muito sozinha, mas só esteve sozinha por breves instantes. Perante o olhar de Grace e de Sylvia, começou a desenrolar-se uma cena fascinante, à medida que primeiro um homem, vestido de *smoking*, e depois outro — este último Nathan Friedberg, o tal do campo de férias de verão no valor de vinte e cinco mil dólares — se aproximaram dela. Ela ergueu o olhar para ambos e sorriu-lhes, e quando o fez, Grace reparou na mudança — não, na *metamorfose* — que ocorreu. A princípio, ela não reconheceu aquilo a que estava a assistir, uma vez que Malaga se encontrava posicionada entre os dois homens altos — um atraente e o outro não — e pareceu desabrochar (como diria Fitzgerald) qual flor, tornando-se arrebatadoramente deslumbrante. Malaga envergava um vestido simples em tons rosa, justo, mas não em demasia, no seu corpo pós-parto e que a acabar imediatamente por cima de um Joelho bem torneado. Ao pescoço usava a mesma cruz de ouro e não tinha mais joias. Ela sorria-lhes com timidez, inclinando o bonito pescoço primeiro na direção de um dos homens e depois no sentido do outro, e Grace reparou pela primeira vez, na pele macia, no decote incontestavelmente natural (visível o suficiente para revelar os contornos verdadeiros) e os braços um pouco cheios, escandalosamente não tonificados. Tão... Grace procurou a palavra correta... femininos.

Agora via-se um terceiro homem ao lado dela, um tipo corpulento que Grace reconheceu vagamente como sendo o pai de uma rapariga da turma de Henry — exercia um cargo qualquer no banco Morgan Stanley. Muito, muito rico. Os três homens estavam a conversar com Malaga Alves, ou uns com os outros por cima da cabeça dela, e ela olhava-os de baixo para cima. Não parecia estar a falar ou mesmo a concordar com o que eles estavam a dizer. Os três batiam as asas e baixavam a cabeça, pairando a pouca altitude. Enquanto ela e Sylvia observavam, surgiu um quarto homem, fingindo cumprimentar um dos seus predecessores antes de voltar toda a atenção para Malaga Alves.

Aos olhos de Grace, que não propriamente uma principiante em

assuntos de interação social humana, tratava-se de uma incrível exibição de atração pura e dura. Malaga Alves podia ter características só por si impressionantes (além de que era roliça!, com bochechas, pescoço e braços bastante cheios!), mas de algum modo a soma das partes era outra coisa completamente diferente. Grace, enquanto observava os homens, sentiu um misto de divertimento e repugnância, horrorizada com a hipocrisia deles. Era mais do que provável, por exemplo, que esses quatro homens tivessem empregadas que se parecessem fisicamente com Malaga Alves, mulheres com as mesmas características banais, pele suave e cintura roliça, coxas e seios fartos por baixo das fardas classicamente discretas. Quase de certeza que eles interagem com mulheres parecidas com Malaga Alves várias vezes por dia, no decorrer do trabalho deles ou quando estavam em casa. Era possível que, nesse preciso momento, mulheres que se pareciam com Malaga Alves estivessem a cuidar dos filhos deles ou a tratar-lhes da roupa. Será que quando estavam perto dessas mulheres tão familiares se comportavam da mesma maneira que estavam a comportar-se na presença dessa mulher desconhecida? Não se quisessem permanecer casados, pensou ela.

A magnífica sala estava apinhada de mulheres altamente cuidadas, beldades reconhecidas (e até glorificadas) que faziam aeróbica e usufruíam de massagens, que estavam pintadas e penteadas, que faziam manicures, pedicures e depilação à brasileira, e que vestiam as peças de roupa mais conceituadas, porém o distinto aroma a atração provinha do lugar ocupado por Malaga Alves. Era incrivelmente puro e poderoso, uma força claramente capaz de derrubar gigantes, contudo parecia passar despercebida à deslumbrante fraternidade de irmãs. Esse canto de sereia, pensou Grace, perscrutando a multidão entre as paredes douradas e as janelas resplandecentes, era, pelos vistos, somente perceptível ao cromossoma Y.

Grace entregou o seu copo a um dos empregados e foi ajudar Sally, que estava meio a reunir, meio a conduzir a multidão do vestíbulo em direção à enorme sala de estar, para que se pudesse dar início ao leilão. Sylvia foi chamar o amigo dela, antigo aluno de Trigonometria com dificuldades e atual diretor do departamento de peças de mobiliário norte-americanas da Sotheby's. Era careca, muito magro e tinha tido o cuidado de usar um laço de seda verde e azul (as cores da escola de Rearden). Sylvia conduziu-o até ao pódio no canto da sala.

— Olá! — cantarolou Sally para o microfone, depois batendo nele com uma unha comprida até toda a gente parar de falar e cobrir os ouvidos com as mãos. — Esta coisa está ligada? — perguntou ela.

A multidão comunicou-lhe sonoramente que sim.

— Olá! — repetiu Sally. — Antes de mais, quero pedir uma salva de palmas para os nossos anfitriões, Jonas e Suki Spenser. Que oferta tão fantástica e generosa a deles — disse ela, sem grande sinceridade. —

Estamos-lhes muito agradecidos.

Os pais aplaudiram. Grace aplaudiu também.

— Gostaria de agradecer também ao nosso incansável comité — continuou Sally. — Obrigaram-vos a marcar presença aqui hoje e garantiram que houvesse coisas boas para comer e muitas coisas fantásticas onde gastarem o vosso dinheiro. Amanda Emery? Onde é que estás, Amanda?

Amanda trinou um «Olá!» da parte de trás da sala e acenou um reluzente punho de camisa por cima da cabeça loura.

— Sylvia Steinmetz? Grace Sachs?

Grace levantou a mão no ar, ao mesmo tempo que suprimia a irritação automática. O nome dela não era «Grace Sachs», de modo algum. Não que não gostasse do nome ou da sua leve associação às grandes famílias judias (a família de Jonathan, contudo, não tinha nada a ver com os Warburg, os Loeb ou os Schiff; a gente dele era proveniente de uma *shtetl* na Polónia, via Boston), mas não era o nome dela. Ela chamava-se Reinhart, sempre assim fora: Reinhart no trabalho, Reinhart na capa do seu quase-livro e Reinhart em todos os documentos relacionados com a Rearden School, incluindo a referência no panfleto do leilão. Curiosamente, a única pessoa que a tratava por «Grace Sachs» era o seu próprio pai.

— E eu sou a Sally Morrison-Golden — disse Sally, fazendo uma pausa para efeitos de reconhecimento do nome. — É um prazer estarmos aqui reunidos esta noite para festejarmos a nossa maravilhosa escola e fazermos o que pudermos para tornar a experiência educativa dos nossos filhos a melhor possível. Ora bem — continuou ela, com um sorriso divertido —, alguns de vocês devem estar a pensar: «Mas eu não pago já o suficiente em propinas?»

O esperado riso de nervosismo irrompeu constrangedoramente da multidão.

— É claro que sim. Mas é nossa responsabilidade certificarmo-nos de que Rearden tem capacidade para aceitar todos os alunos que pretende aceitar e que esses mesmos alunos possam frequentar a escola independentemente da sua situação financeira.

«A sério?», pensou Grace. «Desde quando?» A multidão bateu as palmas com pouca convicção.

— E, claro — continuou Sally —, também nos cabe a nós garantir que os nossos professores maravilhosos sejam bem pagos, para não os perdermos para outras escolas. Adoramos os nossos professores!

— Exatamente! — exclamou alguém junto aos Jackson Pollock, provocando uma gargalhada geral mais pela expressão arcaica do que pelo sentimento em si. Era um facto que Rearden valorizava os seus professores, pensou Grace. Apenas não o suficiente para os convidar para o evento dessa noite. Mas quantos poderiam ter largado 300 dólares num

bilhete?

— Como tal, espero que tenham trazido os vossos livros de cheque, gente, porque embora estejamos aqui para beber este vinho fantástico, comer esta comida maravilhosa e apreciar a vista, o cerne da questão é o cerne da questão! — Sally esboçou um sorriso para a multidão, extasiada com a sua própria competência. — Aceitamos Visa, MasterCard e American Express Black! Ações e títulos!

— E obras de arte! — exclamou Amanda Emery. — E propriedades!

As pessoas riram-se, pouco à vontade.

— E agora — disse Sally —, antes de arregaçarmos as mangas e pormos literalmente as mãos na massa, o nosso próprio Mr. Chips⁵, Robert Conover, gostaria de vos dar oficialmente as boas-vindas. Robert?

O diretor acenou de um canto da sala enorme e começou a abrir caminho em direção a Sally.

Grace deixou a sua mente divagar assim que ele começou a dizer as coisas da praxe, demorando-se nos agradecimentos (mais uma vez) e recordando a todos os presentes (mais uma vez) o motivo por que o dinheiro era necessário, o quão maravilhoso era poder honrar a educação de excelência que os filhos deles estavam a receber e o quanto isso significava para os professores. Depois Grace deixou o seu olhar vaguear também. Numa pequena mesa ao lado dela estava Sylvia, com o portátil a postos para registar as licitações. As horas, claramente visíveis no monitor do portátil, marcavam 20h36, o que significava que agora Jonathan estava mais do que um pouco atrasado, estava seriamente atrasado. Olhou para os vultos nas extremidades da sala e desenhou mentalmente uma quadrícula na multidão, perscrutando-a da esquerda para a direita e de trás para a frente. Ele não estava lá. Não estava em nenhuma das entradas. Não fazia parte do pequeno grupo que, nesse instante, chegava vindo do vestíbulo, composto pelos casais que faltavam da turma do pré-escolar, que deviam ter chegado juntos vindos diretamente de uma comemoração privada qualquer e que talvez estivessem demasiado tocados para terem reparado nos cabides do vestíbulo. Entraram qual mancha escura de caxemira e peles, a rirem-se de algo certamente não relacionado com «Um Serão por Rearden» até que um deles se apercebeu da barulheira que estavam a fazer e mandou calar os outros três. Jonathan não tinha vindo com eles, como parte dessa festança. Nem tinha vindo atrás deles no elevador privado, que os deixara no apartamento e depois se fora embora.

Portanto, a visita de *shivá* estava a demorar mais tempo do que ele tinha previsto. Deviam ter insistido para que comesse alguma coisa ou talvez a mãe não o quisesse deixar ir embora, porque quando o médico do filho se fosse embora o filho partiria com ele, ou talvez lá estivesse um Minian para recitar as palavras do Kaddish e ele tivesse de participar nessa cerimónia, ou pelo menos acenar com a cabeça em sinal de concordância,

pois ela duvidava que ele o soubesse de cor — mesmo ao fim de tantos anos de funerais. Surpreendia-a que ele conseguisse suportar mais uma visita de *shivá*, mais uma família devastada, mais um Kaddish. O fardo que ele carregava, essas crianças e esses pais apavorados — era um mundo totalmente à parte da insensibilidade e do pedantismo presente nessa sala, pensou ela, olhando à sua volta para as outras pessoas, para os vários rostos, um pouco rosados, a acenarem alegremente com a cabeça perante a coisa decerto animadora que o diretor lhes estava a dizer, possivelmente que os filhos deles, saudáveis e amados, tinham tido bons resultados numa qualquer análise recentemente comissionada para as escolas privadas de Nova Iorque ou que a escola estava no bom caminho para conseguir mais lugares em Ivy League do que em Trinity ou Riverdale. Sorriam e riam-se em conformidade, como se estivessem a ser orientados do pódio. E porque não? As coisas corriam bem no mundo deles, lá no topo da cidade: esses homens que faziam dinheiro a partir do dinheiro dos outros e as mulheres que forravam o ninho com ele, e até mesmo a iniciativa partilhada em curso: fazer «donativos generosos» à — que coincidência incrível! — escola frequentada pelos filhos deles. Como é que isso podia conviver lado a lado com o que o marido dela estava a fazer nesse preciso instante? Ela imaginava-o num pequeno apartamento em Crown Heights, lado a lado com os familiares, um quadrado de tecido rasgado preso no casaco, a dar apertos de mão, a baixar a cabeça para ouvir as orações e a sentir — ela tinha a certeza disso — que havia fracassado totalmente.

Não se sabia quando é que ele chegaria. Nem tão-pouco se iria realmente aparecer, admitiu ela para si mesma. E, por breves instantes, deixou-se invadir por uma leve sensação de ressentimento. Mas depois esse sentimento desapareceu, dando logo lugar a uma terrível sensação de culpa.

Às vezes detestava-se a si mesma.

Logo para começar, o leiloeiro da Sotheby's decidiu improvisar.

— Vejam — disse ele. Segurava um copo meio cheio de água, um copo perfeitamente vulgar. Grace, que tinha quase a certeza do que iria sair dali, nem se atrevia a olhar para Sally. — O meu donativo pessoal à Rearden School, a razão por que estamos aqui hoje. Como tal, ofereço para leilão um copo de água da torneira, tirada na lava-louças. Água da torneira normal, da cidade de Nova Iorque. Qualquer um de vocês podia ter lá ido servir-se.

«Não, não podia», pensou Grace.

— Portanto, permitam-me que vos pergunte: qual é o valor deste copo de água? O que é que ele vale realmente para vocês? — O leiloeiro perscrutou a sala. Tinha feito aquilo, ou algo semelhante, inúmeras vezes, como era óbvio, mas continuava a tirar prazer do exercício, algo que era também por demais evidente.

— O copo está meio cheio ou meio vazio? — perguntou um homem na parte de trás da sala.

O leiloeiro sorriu.

— Quanto é que dão? — Ele levantou o copo acima da cabeça.

— Mil — disse alguém no centro da sala. Era Nathan Friedberg.

— Ah! — exclamou o leiloeiro. — Agora este copo de água vale mil dólares. Isso quer dizer, cavalheiro, que está disposto a doar mil dólares para a Associação de Pais da Rearden School em troca deste copo de água?

Nathan Friedberg deu uma gargalhada. A esposa, reparou Grace, estava ao lado dele, segurando um copo de vinho igualmente banal com uma mão repleta de joias e o cotovelo do marido com a outra.

— Não — respondeu ele, com um sorriso. — Mas estou disposto a doar dois mil dólares.

A fanfarronice pareceu aliviar a tensão num silvo de movimento e sussurros.

— Agora este copo de água vale dois mil dólares. — O leiloeiro acenou com a cabeça, num gesto de aprovação. — Chegámos àquela altura da noite em que devemos fazer uma pausa para recordar o que estamos aqui a fazer. Será que preciso mesmo de um bilhete à borla para ir ver um espetáculo na Broadway? Provavelmente não. Seremos capazes de tratar das coisas para arrendar um apartamento em Paris? Com certeza que sim. Mas não é por isso que estamos aqui reunidos hoje. Estamos aqui porque *vale a pena* dar o nosso dinheiro à escola que os nossos filhos frequentam. Estes objetos que estamos prestes a leiloar *valem* o nosso dinheiro. Embora, verdade seja dita — ele sorriu —, já tenha visto muitos leilões e este que vocês organizaram esteja fantástico.

— Três mil — disse Simon Golden, pondo a mão no ar.

— Obrigado! — respondeu-lhe o leiloeiro, erguendo o copo cheio da água agora altamente valiosa em sinal de aprovação. — Não sei se vos disse, mas tenciono realmente cobrar por este artigo.

Agora toda a gente se riu. Mais um marido entrou no desafio e depois outro. O valor aumentou, mil dólares por licitação. O leiloeiro levantou novamente o copo no ar quando este atingiu os onze mil dólares. Era como se até ele achasse que era errado aumentar a licitação.

— Alguém dá mais? Depois não digam que não vos avisei.

Não houve mais licitações.

— Vendido! Um copo de água da torneira de Nova Iorque, *acua Giuliani*, para o cavalheiro com a lindíssima gravata azul, por onze mil dólares! Cavalheiro? A sua água.

Por entre uma enorme salva de palmas, Nathan Friedberg abriu caminho até à frente da sala, recebeu o copo da mão estendida do leiloeiro e esvaziou o seu prémio.

— Que delícia! — informou ele. — Vale cada tostão.

E posto esse despique de testosterona, deu-se início ao leilão a sério. Viagens e joias, a mesa de um *chef* em Blue Hill, bilhetes para os Tony Awards, uma semana no Canyon Ranch... as licitações foram surgindo sobre uma almofada de hélio, cada pancada do martelo do leiloeiro no pódio seguida de um pequeno suspiro de êxtase coletivo. Sally estava entusiasmadíssima, constatou Grace. Ainda só iam a meio da escala de lotes e já tinham ultrapassado as projeções para a noite inteira.

Era absurdo, mas não era de todo invulgar — até Grace sabia isso. Na Dalton, alguém tinha leiloado uma visita à Sala Oval para o filho do licitante vencedor. Na Spence, alguém tinha adquirido o direito a sentar-se ao lado de Anna Wintour durante um espetáculo na Semana da Moda (uma conversa com a grande juíza das elegâncias não estava provavelmente incluída). Na Collegiate, corria um boato sobre entrevistas cara a cara com os responsáveis pela aceitação de alunos em Yale e em Amherst. Por outras palavras, acesso e não a algo de pouca monta, como aos bastidores de Garden, embora esse pequeno item também marcasse presença nas angariações de fundos das escolas privadas da cidade inteira. Acesso a informação. Acesso à celeridade das coisas.

Ela esgueirou-se da sala durante a disputada licitação de uma semana em Montauk e dirigiu-se à casa de banho logo à saída do vestíbulo, mas esta estava ocupada.

— Há mais alguma? — sussurrou ela para o segurança inevitável e ele inclinou a enorme cabeça na direção da porta por onde as duas mulheres caribenhas tinham desaparecido uma hora antes. — E posso entrar ali? — perguntou-lhe ela.

Do outro lado havia um corredor, não muito amplo, alcatifado com uma espécie de sisal enrugado. Havia lustres em miniatura, que davam uma luz ténue, pendurados de três em três metros ou isso, mas as pinturas antigas penduradas nas paredes tinham a sua própria iluminação, uns focos pequenos perfeitos que as faziam cintilar. Incapaz de se conter, ela parou diante de um nu de Rembrandt, maravilhada com o facto de não estar num museu mas na casa de alguém, em especial no corredor de serviço. Quando fechou a porta atrás de si, o resto do apartamento, assim como a grandiosa festa, pareceu desaparecer por completo.

Havia divisões ao longo de uma das paredes do corredor, como quartos de dormitório ou quartos na ala dos empregados de uma grande casa, o que era, calculava Grace, exatamente o que eles eram. Lembrou-se das mulheres caribenhas fardadas que tinham desaparecido por essa mesma porta com os pratos do jantar, libertas — presumivelmente — dos seus serviços, que tanto poderiam estar ali como não e que nesse caso deviam estar com outras amas noutras casas Spenser. Todas as portas estavam fechadas. Ela continuou em frente, avançando de pintura em

pintura em pintura, como se saltitasse de nenúfar em nenúfar sobre um lago, passando pelas portas fechadas à medida que ia avançando. A casa de banho surgiu por fim ao fundo do corredor, iluminada por uma luz em torno da ombreira da porta e deixando adivinhar um pouco de azulejo ofuscantemente branco. Também essa porta se encontrava completamente fechada e ouvia-se uma ventoinha a trabalhar no interior. E água a correr. E mais qualquer coisa. Grace franziu o sobrolho. Um som com o qual ela, tal como qualquer outra terapeuta, estava profundamente familiarizada: o som de choro do mais puro e mais destroçado possível, abafado por umas mãos que tentavam dissimular o ruído. Mesmo após tantos anos a ver pessoas a chorar, a ouvi-las chorar, havia algo de acutilante e terrível nesse som. Grace estava parada a uns metros de distância da porta, com medo de respirar sequer, sem querer que a mulher acrescentasse ao sofrimento o facto de estar a ser ouvida por uma estranha.

Não era difícil imaginar quem estaria lá dentro ou o motivo por que estaria a chorar. Grace, como qualquer mãe minimamente atenta de Nova Iorque, sabia bem que a maioria das mulheres que cuidavam das crianças privilegiadas da cidade também tinha filhos, mas esses costumavam estar longe, noutras ilhas, noutros países; quanto arrependimento, quanta amargura, estaria subjacente a esse contrato social em específico? O assunto nunca vinha à baila durante as reuniões de mães ou na entrada da escola — nunca transpunha essa barreira hematoencefálica entre as mães biológicas e as mulheres que tratavam dos filhos delas. Não era segredo nenhum, claro, mas era como se fosse: duro e infundável, uma ironia monstruosa. Não era de admirar que estivesse a chorar, pensou Grace, olhando para a porta fechada, ainda especada em cima da alcatifa de sisal, a escassos metros de distância. Talvez tivesse deixado os próprios filhos para trás, num lar sem amor a anos-luz dessa mansão *penthouse*, para cuidar e inclusivamente amar os filhos de Jonas e Suki Spenser, no topo dessa cidade incomensuravelmente abastada. Talvez tivesse aproveitado esse momento privado, com a casa cheia de estranhos e a família ausente, para se entregar à dor de uma mãe privada dos próprios filhos.

Grace retrocedeu, desejando mentalmente que a alcatifa debaixo dos seus pés não fizesse barulho. E não fez. Deu outro passo, depois virou-se e saiu por onde tinha entrado.

De regresso ao vestíbulo, sentiu uma vibração na mão que segurava a bolsa. Retirou o telemóvel e deparou-se com uma mensagem de Jonathan. De facto não se encontrava na festa — mas isso já ela sabia —, porém o mais surpreendente era que tinha estado no apartamento dos Spenser durante uma parte do leilão. «Atrasei-me por causa da *shivá*», tinha escrito ele. «Recebi agora mens do hosp por causa de pac a passar mal, vou tentar voltar mais tarde. DESCULPA.»

Na vida de Jonathan, havia sempre um «pac» a passar mal — um

menino ou uma menina, acabado de diagnosticar, ou afetado por uma recaída brusca, ou num estado repentinamente crítico. Havia sempre o telefonema desesperado de uma mãe com um filho de cinco anos bem-disposto que tinha adoecido subitamente, uma espécie de guilhotina oscilante materializando-se por cima da cabeça dele, qual roda de Ezequiel. Havia sempre pais, encolerizados com a sua própria impotência, prestes a explodir. Ao longo dos anos Jonathan tinha sido agredido, tinha servido de ombro para chorar em inúmeras ocasiões e tinha ouvido todo o tipo de argumentações. Fora inclusivamente chamado para ouvir confissões: «Isto terá acontecido por causa daquela vez com a prostituta?» «Seria por ela ter andando a fumar, às escondidas, nos últimos quatro anos e até mesmo durante a gravidez?» Os dias de Jonathan eram um sem-fim de crises rotineiras, todas potencialmente fatais, passíveis de mudar a vida por completo e com implicações extenuantes. Até ela, que muitas vezes tinha embarcado numa sessão de terapia perfeitamente normal que acabara por se revelar um beco sem saída ou um buraco sem fundo, não conseguia imaginar a volatilidade do dia a dia do marido.

«Não te vi», escreveu ela com os polegares, uma técnica à qual havia infelizmente aderido.

«Fartei-me de te fazer sinal!», escreveu ele, em resposta.

Grace deu um suspiro. De nada servia continuar. Pelo menos ele tinha conseguido aparecer.

«Vemo-nos em casa», escreveu ela. «Beijo.»

«Beijo», foi a resposta. Era a forma como eles costumavam despedir-se eletronicamente.

Quando Jennifer Hartman saiu da casa de banho, Grace ainda conseguiu acenar-lhe levemente com a cabeça e depois entrou. Lá dentro, outro lustre cintilava com pendentis irregulares e enormes, sarapintando as paredes envernizadas. Por cima da sanita havia um autorretrato de Warhol, o suficiente (Grace não pôde deixar de constatar) para interromper o fluxo de urina masculina. Ela lavou as mãos com um sabonete de lavanda.

Estavam quase a chegar ao fim. Já só restava o Acampamento para Milionários em Miniatura (como Grace havia secretamente batizado o empreendimento de Nathan Friedberg) e esse foi-se, após um despique entre quatro, três e depois duas pessoas, pela quantia de trinta mil dólares — uma pechincha, anunciou Friedberg em voz alta, quando declarada como donativo sem fins lucrativos para efeitos de IRS. Grace não conhecia o elegante casal europeu que tinha ganhado a licitação.

Posto isso, o leilão terminou, e com um suspiro de alívio e de felicitação coletivo. Sally, Grace reparou, estava rejubilante, aceitando abraços de Robert, o diretor da escola, e de Amanda, que exclamou um pouco dignificante «Urra!» ao mesmo tempo que apertava a amiga mais alta do que ela e a fazia saltar desajeitadamente para cima e para baixo, fazendo

lembrar Hillary e Tipper na convenção Democrática. Os homens apertavam vigorosamente as mãos uns aos outros, propagando o afluxo congratulatório do ambiente por toda a sala. Depois deu-se o êxodo. Alguns casais já se encontravam junto à porta, esgueirando-se discretamente, e lá estava Malaga Alves, segurando o panfleto do leilão diante do rosto, como se fosse uma pala ou um leque. Para além do breve encontro no piso inferior, Grace ainda não tinha falado com ela, pelo que avançou rapidamente com a cabeça para baixo.

Uns segundos depois, Robert Conover apareceu ao seu lado, uma mão imensa no ombro dela, a face áspera na face dela. Que trabalho maravilhoso ela tinha feito, disse ele a Grace.

— Foi essencialmente a Sally — respondeu-lhe Grace. — E os Spenser, claro. Temos de lhes atribuir uma grande parte do mérito.

— Com certeza. *In absentia*.

— Não nos cabe julgar. — Ela encolheu os ombros. — Na minha opinião, a paisagem dada não se olha o dente. Além do mais, tens de admitir que há algo de muito agradável no facto de estarmos aqui sem eles. Estilo *O Alfaite de Gloucester*.

— Eu diria mais, do género «quando os gatos saem, os ratos fazem a festa» — disse o diretor. — Aposto que alguns destes tipos estão neste preciso momento a planear uma forma de subir aos vários aposentos privados dos Spenser.

— E as mulheres querem ir espreitar os roupeiros! — retorquiu Grace.

Robert deu uma gargalhada:

— Caramba, até eu quero ir espreitar os roupeiros.

— O Julian não pôde vir? — perguntou-lhe Grace. Tinha visto a última produção teatral dele, uma interpretação complexa e definitivamente experimental de *O Julgamento* de Kafka que ela teria adorado poder discutir.

— Infelizmente — disse Robert —, está numa conferência em Taper, Los Angeles. E o teu? Vi-o durante o leilão.

— Oh, recebeu um telefonema do hospital. Teve de lá voltar.

Ela viu o espasmo habitual assomar às feições de Robert. Era costume acontecer sempre que a palavra «hospital» era mencionada em relação ao seu marido.

— Meu Deus — disse Robert, de forma previsível. — Como é que ele consegue?

Ela suspirou:

— Tem tudo a ver com o que eles podem fazer pelos miúdos. A tal evolução positiva.

— Quer então dizer que existe mesmo evolução positiva?

— Oh, claro! — replicou Grace. — Não tão célere como toda a gente gostaria que fosse, mas sim.

— Não sei como é que ele aguenta entrar por aquelas portas todos os dias. Quando a mãe do Julian esteve lá... Ela teve cancro do cólon...

— Lamento — disse Grace, de forma automática.

— Sim. Esteve lá um mês, há cerca de quatro anos, e depois mais quatro semanas já perto do fim. Quando faleceu, e depois de termos saído do edifício pela última vez, pensei: «Espero nunca mais ter de entrar aqui.» Quer dizer, para onde quer que se olhe só se vê sofrimento, sofrimento, sofrimento.

«Sim, sim», pensou ela, mantendo a sua compaixão num tom mais profissional. Se Jonathan ali estivesse, teria respondido a Robert Conover que sim, o trabalho era intenso, e sim, as emoções eram fortes, mas ele sentia-se privilegiado por poder entrar na vida das pessoas nesses momentos de emoção e intensidade, quando o instinto delas talvez fosse, compreensivelmente, o de se isolarem do mundo e pedirem a toda a gente para fazer o favor de manter a distância, pois a pior coisa que alguma vez tinha acontecido, a pior coisa que elas podiam imaginar alguma vez acontecer, estava a acontecer nesse preciso momento ao filho ou à filha delas. Jonathan teria dito que talvez não fosse capaz de curar a criança sua paciente, mas quase sempre conseguia tornar as coisas um pouco melhores e isso incluía aliviá-las da dor, o que era importante para ele e também para a família da criança. Haviam-lhe perguntado variantes da frase «Como é que é capaz?» centenas de vezes — centenas de vezes só na presença dela — e ele respondia sempre sem o mínimo de irritação e com um sorriso sincero.

Mas ele não estava ali. E ela não se sentia autorizada a repetir as frases dele.

— É muito complicado — respondeu ela a Robert.

— Oh meu Deus! Quer dizer, eu nem sequer era capaz de funcionar num ambiente desses. — Ele virou-se para cumprimentar, de forma calorosa mas genérica, um homem que lhe pôs o pesado braço em cima dos ombros ao passar por ele a caminho do elevador. Depois voltou-se novamente para a frente. — Não seria grande ajuda para ninguém. Passava o dia a chorar. Quer dizer, fico completamente de rastos quando os miúdos não são aceites pelas universidades da sua primeira escolha.

— Bem — replicou Grace, secamente —, isso é uma tragédia de dimensões cósmicas.

— Estou a falar a sério — disse ele. Pelos vistos, queria uma resposta séria.

— É um trabalho muito difícil, mas ele está a ajudar pessoas, por isso vale a pena.

Robert acenou com a cabeça, embora não parecesse satisfeito. Grace, tardiamente, interrogou-se por que motivo esse tipo de coisa não fazia parte do espectro das faltas de educação. Alguém teria coragem de dizer ao tipo

que esvazia a fossa sética: «Como é que consegue fazer isso?» Mas ela tentou dar o benefício da dúvida a Robert. Simpatizava com ele.

— Tenho ótimas notícias sobre o teu pequeno estudante. Tem-se portado muito, muito bem, sabias?

Grace esboçou um sorriso de embaraço. Não era surpresa o facto de Henry estar a sair-se bem na escola. Era muito inteligente — isso não era uma virtude, apenas um acidente de ADN —, mas esforçava-se tanto que era impossível levar a mal ter-lhe saído a lotaria cerebral. Não era um desses miúdos que deixavam andar, ou melhor, que desleixavam o seu próprio potencial porque no fundo se sentiam melindrados com isso ou com o facto de ser importante para as pessoas que os rodeavam. Ainda assim, era estranho estar a discutir esse assunto agora, como se estivessem numa enorme conferência social entre pais e professores para a qual as pessoas tinham vestido a sua melhor indumentária, para saberem como é que os filhos se estavam a sair na escola.

— Adora a professora de Matemática deste ano — disse Grace, com sinceridade.

Nesse instante, Sally Morrison-Golden deu um salto e agarrou-se aos ombros de Robert, possivelmente tanto para se manter direita como também para demonstrar afeto. Ela estava, constatou Grace, mais do que levemente tocada. Cambaleava ligeiramente em cima dos sapatos bastante altos e tinha uma ténue marca de bâton cor-de-rosa na face esquerda. Algures depois da receita da noite ter sido contabilizada — ou mesmo somente estimada — ela deve ter-se descontraído. E agora estava particularmente descontraída.

— Que noite maravilhosa — disse-lhe Robert.

— Podes crer — respondeu ela, numa voz arrastada e sarcástica. — Foi simpático da parte dos anfitriões terem aparecido, não foi?

«Ainda?», pensou Grace.

— Isso não importa — disse ela a Sally. — Divertimo-nos imenso e a coisa correu muito bem. Já viste bem este apartamento, Robert? — disse ela.

— Se eu morasse aqui, nunca saía de casa — replicou Robert, num tom afável. — E seria o feliz proprietário daquele Francis Bacon ali, por cima do sofá. — Ele beijou ambas na face e foi-se embora. Grace não ficou triste por o ver partir.

— A Malaga falou contigo? — perguntou-lhe Sally. — Andava à tua procura.

— À minha procura? — Grace franziu o sobrolho. — A que propósito?

— Meu Deus, viste aqueles homens todos a babarem-se à volta dela? Pareciam os cães do Pavlov. Eu e a Amanda estávamos tipo: «Também quero.» À Jilly Friedberg quase lhe saltou a tampa. Foi ter com eles e arrastou o marido de lá para fora.

Grace, que lamentava ter perdido essa cena, esboçou um sorriso cauteloso.

— Ela estava realmente bastante bonita — disse ela.

Sally pareceu desequilibrar-se um pouco. Mexeu os pés como se estivesse *en pointe*, o que, tendo em conta a altura dos saltos dos sapatos, era como se estivesse. Depois, também ela se afastou na direção da sala de jantar. Grace, que queria muito ir-se embora, foi à procura de Sylvia.

— Podemos ir embora? — perguntou ela. — Achas que não há problema?

— Acho que não há problema nenhum. Acho até que exigem que o façamos — respondeu Sylvia. — Viste a forma como aqueles seguranças estavam a olhar para nós? Estão ansiosos por nos verem pelas costas.

— Então está bem — retorquiu Grace, com alívio. Tinha a certeza de que os empregados não iriam querer que eles se demorassem muito, mas também receava que Sally quisesse ficar o máximo de tempo possível, quem sabe até fazer uma análise minuciosa aos Jackson Pollocks. — Eu vou andando. Estou muito cansada.

— Onde é que está o Jonathan? — indagou Sylvia. — Pareceu-me vê-lo há pouco.

— Sim, ele esteve cá — respondeu Grace. — Mas recebeu um telefonema do hospital, por causa de um paciente. Teve de lá voltar.

— Ao Sloan-Kettering? — perguntou Sylvia, como se Jonathan alguma vez tivesse trabalhado noutro lugar.

Ela interrogou-se se estaria prestes a ouvir outra sucessão de «Como é que ele consegue?», mas felizmente Sylvia pareceu conter-se. Não disse nada e Grace conseguiu sair de lá sem que mais ninguém a detivesse. Queria estar em casa quando Jonathan chegasse, para esperar por ele caso precisasse dela. E, a julgar pela sua experiência, era bastante provável que fosse esse o caso. Tinha acabado de ajudar a sepultar uma criança de oito anos em Brooklyn e agora tinha outro paciente em crise no hospital. Iria estar completamente de rastos, assim que chegasse a casa. Ele deixava-se afetar imenso por essas coisas.

5 Referência ao filme *Adeus, Mr. Chips*, de 1939, que conta a história de um professor que trabalha num colégio privado. (NT)

SEGUNDA PARTE

DURANTE

CAPÍTULO SEIS

NÃO POR MUITO MAIS TEMPO

O fim não chegou com um estrondo nem com um lamento, mas com o piscar silencioso do ícone das mensagens no telemóvel dela. O ícone tinha sido programado, em tempos, para piscar uma vez para uma mensagem, duas vezes para duas mensagens e assim sucessivamente, até alcançar um ponto crítico interno em que passava a piscar de forma contínua, como o bater de uma asa verde iridescente no canto do telemóvel. Mais tarde ela recordaria esse piscar, tão vulgar que o tinha ignorado durante os primeiros pacientes da manhã (um casal a combater uma batalha perdida para permanecer casado), a segunda consulta (com uma paciente de longa data à beira de um episódio psicótico) e até mesmo durante a hora de almoço, que ela havia dedicado à pré-entrevista com uma produtora da *Today*.

Tinham decorrido quatro dias desde a angariação de fundos de «Um Serão por Rearden».

A sua presença na *Today* só teria lugar depois do ano novo, mas com a época festiva tão próxima, explicara-lhe a produtora, estavam a tentar adiantar trabalho.

— E já lhe fizeram o discurso sobre a notícia de última hora?

Grace respondeu que não. Não o tinham feito, mas não seria óbvio?

— Sim, este tipo de história tende a ficar para trás, caso surja alguma coisa.

A entrevistadora chamava-se Cindy Elder. Grace tinha escrevinhado o nome num bloco de notas, um hábito adquirido após vários anos a falar com potenciais pacientes. Ironicamente, Cindy Elder⁶ soava bastante jovem, quase colegial.

— Na sua opinião, quais são as coisas mais importantes que se devem tentar descobrir em relação à pessoa na qual estamos interessadas?

— Eu diria — respondeu Grace — que é mais uma questão de ouvirmos o que a pessoa está a tentar dizer-nos, em vez de colocarmos perguntas específicas sobre o passado, sobre os assuntos mais importantes ou sobre os fatores impeditivos nos quais às vezes as pessoas se concentram quando começam a namorar alguém, tais como o dinheiro ou a religião. Essas coisas são importantes, claro, mas na minha opinião é ainda mais importante ouvir o que o comportamento ou o tom de voz da pessoa

está já a comunicar quando ela fala sobre ideias e pessoas.

Grace ouvia o som do teclado de Cindy Elder do outro lado e os seus «hum hum» encorajadores e intervalados.

Já tinha dado entrevistas suficientes para saber para que lado o vento iria soprar. Quer ela gostasse quer não, *Já Devias Saber* ia ser apresentado ao mundo como um guia para encontros amorosos, exposto — muito provavelmente — ao lado dos execráveis *As Regras* e *Relações Amorosas para Totós*. Não havia como o evitar, calculava ela, não se queria que o livro chegasse ao *top* de vendas.

— Que tipo de coisas se pode detetar no comportamento ou no tom de voz de um homem?

— Desdém pelas antigas companheiras ou pelos colegas de trabalho ou pelos pais e irmãos. Todos temos sentimentos negativos em relação a alguém que faz parte da nossa vida, mas a hostilidade enquanto padrão é problemática. E nos homens, a hostilidade para com as mulheres em geral é um enorme sinal de alerta.

— Muito bem — disse Cindy Elder, a teclar. — E que mais?

— Desinteresse pelos outros. Falar sobre as pessoas como se apenas existissem em relação a ele e não como indivíduos à parte. Isso é algo que pode nunca mudar, nem com casamento nem mesmo com filhos. Não se esqueça de que estamos a falar de uma pessoa que chegou à idade adulta com essa postura intacta e que se sente suficientemente à vontade com ela para a exhibir perante alguém que não conhece muito bem e a quem, teoricamente, está a tentar impressionar.

— Certo — ela ouviu Cindy responder.

— Como tal, a nossa responsabilidade, em especial enquanto mulheres, é prestar realmente atenção. Temos tendência para às vezes só vermos o que queremos, mais ainda quando se trata de um homem por quem nos sentimos fisicamente atraídas. Se a química da atração for forte, pode muito bem anular alguns dos nossos outros recetores.

O som do teclado deixou de se ouvir:

— Isso soa tudo extremamente clínico. É essa a sua intenção?

— Bem — respondeu ela —, sim e não. Penso que é possível ser-se romântica e ainda assim manter a cabeça no lugar. Nem todas as atrações físicas têm forçosamente de conduzir a uma relação a longo prazo. O problema surge quando nos sentimos tão atraídas por um potencial parceiro que deixamos de escutar o que ele está realmente a dizer-nos.

— Como por exemplo...?

— Como por exemplo... Não estou interessado em ti para minha namorada. Ou: não estou interessado em ninguém para minha namorada. E que tal: em nenhuma *mulher* para minha namorada? Essa surge mais vezes do que possa imaginar. Ou: sim, claro que estou interessado em ti para minha namorada, mas nas minhas condições e essas condições vão

transformar a tua vida num inferno.

— Certíssimo! — disse Cindy. — Penso que já tenho matéria suficiente.

— Muito bem — respondeu Grace. Agradeceram uma à outra e depois Grace desligou. Em seguida, olhou novamente para o telemóvel. Antes, enquanto esperava que o telefone fixo tocasse para a entrevista agendada, tinha confirmado os nomes das pessoas que tinham enviado as mensagens e optara por ignorá-las. A primeira aparecera como «M-G», a sua própria abreviação para Sally Morrison-Golden, cujo ataque informativo pós-angariação de fundos não seria exatamente mais ligeiro do que o seu equivalente pré-angariação de fundos. A segunda mensagem era da escola de Henry, mas não de um ser humano da escola de Henry que podia estar a tentar contactá-la porque Henry estava doente ou por um incidente académico ou comportamental que exigisse uma reunião com um professor. Tratava-se da genérica «mensagem automática» de Rearden a enviar *emails* em massa a informar que o Dia do Chapéu Louco teria lugar no dia seguinte, ou que um professor teria dispensa de aulas na segunda-feira, ou que se tinha confirmado um caso de piolhos no pré-escolar. Às vezes Grace era acordada por essa não-pessoa nas manhãs de inverno, a anunciar dias de neve ou que as aulas iriam começar mais tarde, e na verdade tinha efetivamente nevado nessa manhã, um pouco, ainda cedo para a época do ano mas não totalmente invulgar, e não a ponto de exigir uma resposta. Ela prosseguiu. Sylvia Steinmetz. M-G. M-G. M-G.

«Francamente, minhas senhoras», pensou ela, irritada.

Esse seria o último momento da sua vida que mais tarde ela veria como «antes».

Em seguida, ouviu as mensagens.

Primeiro, de Sally: «Olá a todas. Continuam a vir ter comigo para me dizer que estava tudo fantástico e também deram entrada alguns donativos atrasados. Temos uns assuntos para tratar, pouca coisa; acho que conseguimos despachar tudo numa hora, noventa minutos no máximo. A Amanda teve a amabilidade de oferecer a casa dela. Próxima quinta-feira às nove da manhã, dá jeito a todas? Na Park, número 1195, apartamento 10B. Digam-me qualquer coisa, logo que puderem.»

Depois, da escola: «Lamentamos informar os encarregados de educação de que um dos nossos alunos do quarto ano sofreu uma tragédia familiar. Os psicólogos irão visitar as três turmas do quarto ano amanhã, para falar com os alunos. Gostaríamos de lembrar a toda a comunidade escolar a necessidade de agirmos com sensibilidade em relação a este assunto. Obrigado. Robert Conover, Diretor da Escola.»

O que é que aquilo significaria concretamente, interrogou-se Grace. A declaração — ou *email*, ou comunicação, fosse o que fosse — tinha claramente sido tão trabalhada que o que tinha acabado por emergir era algo absurdo. Era evidente que tinha morrido alguém, mas essa pessoa não

era o aluno do quarto ano. Isso, pensou ela, não seria descrito como «uma tragédia familiar». E «tragédias familiares» já tinham ocorrido antes, tanto em Rearden como noutro lugar qualquer. Só no ano anterior tinham falecido dois pais do segundo ciclo, um com cancro e o outro de acidente num avião particular no Colorado; nenhuma das mortes tinha suscitado um *email* desses. «Só pode ter sido um suicídio», pensou Grace. O suicídio de um progenitor ou possivelmente o falecimento de um irmão, mas que não frequentava Rearden — nesse caso o *email* teria sido formulado de forma diferente. Toda a situação era bastante frustrante. Porquê darem-se ao trabalho de enviar um *email* desses, que apenas servia para causar especulação e pôr em causa a sensibilidade tão solicitada por eles? Se não tencionavam informar as pessoas de nada, porquê emitir um comunicado?

Irritada, apagou a mensagem.

De Sylvia: «Sim, por mim pode ser na quinta-feira. Talvez chegue uns minutos atrasada, pois tenho de levar uma bela amostra de urina ao médico da Daisy, nessa manhã.»

De Sally: «Re: tragédia familiar no quarto ano. Alguém sabe alguma coisa?»

«Não perde uma», pensou Grace, apagando a mensagem.

De Sally, outra vez: «Grace, liga-me assim que puderes.»

De Sally, mais uma vez: «Grace, foi a Malaga Alves. Já soubeste?»

Essa mensagem ela não apagou. Em vez disso, leu-a de novo e depois outra vez, como se a mensagem pudesse mudar ou pelo menos fazer algum sentido. «Foi» a Malaga Alves? «Foi» o quê?

Quando o telemóvel que tinha na mão começou a tocar, ela estremeceu e agarrou-o com força, e depois ergueu-o com a mão trémula. Sylvia. Hesitou, mas apenas por uns instantes:

— Olá, Sylvia.

— Ó meu Deus, já soubeste da Malaga?

Grace respirou fundo. Parecia-lhe ser um esforço demasiado grande explicar o que sabia e o que não sabia.

— O que é que aconteceu? — perguntou ela.

— Morreu. Nem acredito. Ainda no sábado a vimos.

Grace acenou com a cabeça. Apercebeu-se, por breves instantes, de que queria dizer as coisas que se costumavam dizer nessas alturas e depois seguir em frente. Não queria saber mais nada, nem importar-se ou ficar triste com a ideia do menino do quarto ano ou da bebé que tinha sido alimentada de uma forma tão extravagante na reunião de planeamento uns dias antes.

— O que é que soubeste?

— O filho... Como é que ele se chama?

— Miguel — apressou-se a responder Grace, surpreendendo-se a si mesma.

— O Miguel foi para casa sozinho na segunda-feira, porque a mãe não apareceu. Foi dar com ela no apartamento, com a bebé. Que horror.

— Espera aí — Ela continuava a tentar perceber a situação, mas ao mesmo tempo sem querer saber pormenores. — A... A bebé está bem?

Sylvia pareceu pensar durante um bocado:

— Se queres que te diga não sei. Penso que sim. Se não estivesse já teríamos sabido.

«Ah», pensou Grace. Portanto ela agora fazia parte dessa parte interessada denominada «nós».

— Recebeste a mensagem da escola? — perguntou-lhe Sylvia.

— Sim. Não entendi muito bem. Mas percebi que tinha acontecido algo muito grave, claro.

— Pois — disse Sylvia, com sarcasmo —, eles até empregaram a palavra «tragédia».

— Sim, mas... não sei. Alertaram para o fogo e depois ainda puseram achas na fogueira. Porque é que fizeram isso? Quer dizer, isto é muito triste, claro, mas porque é que eles não disseram logo que tinha falecido uma mãe do quarto ano? Foi o que fizeram no ano passado, quando morreu o Mark Stern. E não me parece que tenham chamado psicólogos à escola.

— Isso foi diferente — replicou Sylvia, secamente.

— Foi um ataque cardíaco? Ou um aneurisma? Deve ter-lhe dado algo de repente. Ela pareceu-me bastante saudável na outra noite.

— Grace... — disse Sylvia. Parecia estar à espera de alguma coisa. Mais tarde, Grace decidiria que ela estivera a desfrutar o facto de ser a portadora de más notícias. — Não estás a perceber. Ela foi assassinada.

— Ela foi... — Grace não conseguiu assimilar a palavra. Era coisa de policiais de bolso e do *New York Post*... nenhum dos quais, como era óbvio, ela lia. As pessoas que ela conhecia, mesmo as que conhecia mal como era o caso de Malaga Alves, não eram assassinadas. Há muitos anos, o filho da governanta da família dela, uma mulher jamaicana chamada Louise, tinha-se metido com um gangue e tinha assassinado alguém. Tinha sido condenado a passar o resto da vida numa prisão no Norte do estado, dando cabo da saúde da mãe e encurtando-lhe inclusivamente a vida. — Isso é... — Mas não conseguia dizer o que «era». Era... — Oh, meu Deus, coitadinho do miúdo. Ele é que a encontrou?

— A Polícia esteve lá na escola hoje, no gabinete do Robert. Ele é que decidiu chamar os psicólogos. Eu sei lá, achas que é o melhor a fazer?

— Espero bem que não expliquem aos miúdos do quarto ano que a mãe de um colega foi assassinada. — Ela pausou uns segundos para imaginar essa terrível possibilidade. — E também espero que os pais não contem aos filhos.

— Talvez não diretamente — disse Sylvia. — Mas sabes que vão acabar por descobrir.

Grace, da parte que lhe tocava, queria muito deixar de ouvir falar sobre o assunto, mas não lhe ocorria nenhuma maneira de o fazer.

— Como é que vais explicar à Daisy? — optou antes por perguntar, como se Sylvia fosse a perita em comportamento humano e ela fosse a pessoa a ligar para pedir conselhos, em vez de ser ao contrário.

— Foi a Daisy que me disse — replicou ela, secamente. — Foi a Rebecca Weiss que lhe contou. A Rebecca soube-o pela mãe, que descobriu pela nossa amiga Sally Morrison-Golden.

— Porra! — exclamou Grace, automaticamente.

— Portanto, ao que parece, já toda a gente sabe.

— Seria de esperar que... — começou por dizer Grace, mas de nada servia terminar a frase.

— Não me admira nada. Sinceramente, espero muito pouco da parte da Sally. Mas a questão não é essa. A Sally pode ter a maturidade emocional de uma criança, e também pode ser uma grande cabra, mas não foi ela quem matou uma pessoa. Isto é devastador, independentemente de quem contou a quem. Não só para os miúdos. Estou aqui a lembrar-me da imprensa, isto vai ser um chinfrim do estilo «Mãe de Escola Privada Assassinada». Apesar de que ela não era propriamente uma «mãe de escola privada», pois não?

Grace franziu as sobrancelhas:

— Estás a dizer que... Espera aí, o que é que estás a dizer?

Ela ouviu Sylvia dar um suspiro, em sinal de frustração:

— *Tu* sabes, Grace. Uma mãe de escola privada que paga as propinas. Uma mãe que paga as propinas por inteiro em Rearden, ao preço de trinta e oito mil dólares anuais. E sim, eu sei que isto soa muito mal, mas é a verdade. Eles vão concentrar-se na escola e depois no último parágrafo é que vão escrever que o filho dela era de rendimentos baixos e que tinha uma bolsa de estudo, mas mesmo assim continuaremos a ser a escola onde uma mãe foi assassinada.

Grace reparou que a sua irritação — em relação a Sylvia pelo egoísmo dela, Robert pelo exagero e Sally pelo facto claro e perturbante de andar a espalhar descaradamente a notícia — havia-se sobreposto ao estado de choque. Isso implicava distanciamento e o alívio inerente ao mesmo.

— Não me parece que isso vá acontecer — disse ela a Sylvia. — Seja o que for que tenha motivado uma coisa dessas, não tem qualquer relação com Rearden. A sério, acho que é melhor esperarmos até termos informações concretas. Devíamos concentrar-nos em apoiar os miúdos, caso precisem de nós. Não que os nossos filhos sejam afetados. Mas os miúdos do quarto ano... — Aquilo seria algo muito duro para eles, pensou Grace, a mãe de um colega morrer de repente, já para não dizer de forma violenta, e o efeito poderia estender-se aos miúdos mais velhos, se não mesmo aos mais novos, que seriam (presumivelmente e com alguma sorte)

protegidos da notícia. Ela pensou por uns instantes em Henry, que nunca tinha passado por nada do género (a mãe de Grace tinha morrido antes de ele nascer e os pais de Jonathan, embora completamente ausentes da vida dele, pelo menos continuavam vivos. Qual seria a melhor maneira de lidar com a situação quando ele voltasse da escola, hoje ou amanhã ou na semana seguinte, e lhe dissesse: «Soubeste que mataram a mãe de um miúdo do quarto ano?»

— Tenho a certeza de que as mães da Dalton já estão a ligar umas às outras a dizer: «Isso nunca teria acontecido na nossa escola!»

— Mas também não aconteceu na nossa — lembrou-lhe Grace. — Não fazemos ideia nenhuma de como era a vida de Malaga. Nunca ouvi falar do marido dela. Não estava presente na angariação de fundos, pois não?

— Estás a brincar? Da maneira como ela estava a dar conversa àqueles tipos todos?

— Eles é que estavam a meter-se com ela — corrigiu Grace.

— Oh, por favor...

Ela soava bastante amarga. Por que razão seria? Nenhum dos tipos era marido dela. Ela nem sequer tinha marido!

Em vez de dar voz aos seus pensamentos, Grace perguntou:

— Mas a Malaga era casada, certo?

— Sim. Segundo a listagem de pais, sim. Guillermo Alves, com a mesma morada. Mas nunca ninguém o viu.

A quantas pessoas, interrogou-se inutilmente Grace, teria Sylvia perguntado para poder afirmar esse «ninguém»?

— Alguma vez o viste? — perguntou Sylvia.

— Não. — Grace deu um suspiro.

— Pois. Era sempre ela a levar o filho à escola todas as manhãs e a sentar-se no parque com a bebé, e depois estava lá outra vez à tarde.

E com isso o distanciamento evaporou-se, depositando todo o horror — mãe assassinada, crianças órfãs, pobreza (claramente, relativamente) e tristeza — aos pés dela. Era uma situação absolutamente terrível. Será que Sally, e Sylvia, tinham noção do quão terrível era?

— Oh, tenho de ir — disse Grace. — Estou a ouvir a minha paciente da uma da tarde a chegar. Obrigada por me teres ligado, Sylvia — disse ela, num tom pouco sincero. — Vamos esperar para ver o que a Polícia diz em relação ao que aconteceu de facto.

— Claro — respondeu Sylvia, numa voz igual ou ainda menos sincera. E depois, como se quisesse ter a última palavra: — Falamos amanhã.

Grace premiu a tecla para terminar a chamada e depois pousou o telemóvel. Na verdade, a paciente da uma da tarde ainda não tinha chegado, mas chegaria em breve. Curiosamente, ela não sabia o que fazer nesse entretanto. O que lhe apetecia, claro, era falar com Jonathan, mas raramente telefonava a Jonathan durante o dia; o trabalho dele era já

demasiado agitado para ser interrompido por assuntos banais e não era justo fazê-lo pensar que havia alguma emergência. Mas hoje Jonathan não estava no hospital. Encontrava-se em Cleveland, numa conferência de oncologia, e o mais certo era ter o telemóvel desligado. O que significava que ela podia ligar-lhe e deixar uma mensagem sem receio de o interromper. Mas o que é que havia efetivamente para dizer?

Henry tinha programado o telemóvel dela com fotografias: um violino para o número dele, um estetoscópio para o do pai, uma lareira para o número fixo de casa, um ancoradouro flutuante para a casa do Connecticut. O pai de Grace estava representado por um cachimbo (embora não o fumasse há anos) e Rearden pelo brasão da escola. Todas as outras pessoas tinham um número normal; era evidente que as imagens representavam o núcleo da existência de Henry e talvez dela também. Grace premiu a imagem do estetoscópio e levou o telemóvel ao ouvido.

«Daqui fala Jonathan Sachs», disse a voz do marido dela, indo diretamente para o *voice-mail*. «Agora não posso atender, mas entrarei em contacto consigo logo que possível. Se o assunto for urgente, é favor ligar para o Doutor Rosenfeld, para o número 212-903-1876. Se for uma emergência médica, é favor ligar para o 112 ou dirigir-se às urgências do hospital. Obrigado.»

A seguir ao sinal, ela disse:

— Olá, amor. Está tudo bem, mas aconteceu uma coisa na escola. — Ela pensou rapidamente. — Não, o Henry está bem, não te preocupes. Quando puderes, liga-me. Espero que a conferência esteja a correr bem. Não me disseste se voltavas amanhã ou na sexta-feira. Avisa-me para poder dizer ao meu pai e à Eva se devem contar contigo para jantar, amanhã. Amo-te.

Depois ficou à espera, como se ele pudesse emergir como por magia do outro lado do *voice-mail*, dessa divisão feita de ferro forjado para onde enviavam as vozes sem corpo para ficarem à espera até poderem ser ouvidas — árvores a cair na floresta, mas sem fazerem barulho. Ela imaginava-o num anfiteatro vulgar, mas confortável, em Cleveland, com uma garrafa de água — fornecida por uma empresa farmacêutica de plantão no vestíbulo, ansiosa por agradar — sem tampa e no suporte, a tirar apontamentos sobre a estatística pouco animadora dos últimos testes feitos a um medicamento novo e em tempos promissor. O que era a morte de uma mulher desconhecida — uma pessoa que nem ele nem o filho conheciam sequer de vista — para alguém que tentava diariamente reconfortar crianças que podiam ou não saber que estavam a morrer, e os pais delas, que sabiam sempre? Era o mesmo que apontar uma nódoa de sujidade a um desses «empregados de limpeza radicais» encarregados de tirar lixo e porcaria à pazada do interior de casas imundas. Ela premiu a tecla para terminar a chamada e pousou o telemóvel.

Agora estava arrependida por ter ligado. Lamentava o impulso infantil que a tinha feito pedir-lhe para dizer algo mágico e melhorar a situação. Jonathan, que carregava com ele coisas bastante mais importantes, não devia ser distraído das suas próprias funções só porque ela precisava — e, mais uma vez, por que razão é que precisava? — de alguma solidariedade. Tal como todas as outras pessoas — como Sylvia, certamente — Grace era exímia na típica reação humana «isso nunca aconteceria comigo». Uma mulher tinha sido violada em Central Park? *Claro que era terrível, mas uma coisa é certa, o que é que ela andava a fazer a correr às dez da noite?* Uma criança tinha ficado cega depois de ter tido sarampo? *Desculpem lá, mas que pais idiotas são esses que não vacinam os filhos?* Uns turistas tinham sido assaltados à mão armada numa rua em Cape Town? *E ficaram admirados? Estavam em Cape Town!* Mas nenhuma acusação clara se havia manifestado face à morte de Malaga Alves. Não tinha sido culpa dela o facto de ser hispânica e, possivelmente, pobre. E também não era problema nenhum ter conseguido assegurar uma bolsa de estudo para o filho numa das melhores escolas da cidade. Era para isso que serviam as bolsas! Onde é que eles — onde é que Grace — deveriam colocar o muro a separá-los dessa pobre mulher?

Sorte. Pura sorte. E dinheiro, o que, no caso dela, também tinha sido uma questão de sorte.

Morava no apartamento onde tinha crescido, um apartamento que jamais poderia pagar ao preço atual de mercado, e tinha posto o filho — que decerto não era mais inteligente, embora também não fosse menos, do que os colegas — na escola onde ela própria tinha estudado, que nutria um carinho especial pelos filhos dos ex-alunos e que às vezes o próprio pai dela tinha ajudado a pagar, uma vez que a mensalidade era pura e simplesmente astronómica e o exercício da psiquiatria e da pediatria oncológica não constituíam formas eficazes de fazer fortuna na cidade de Wall Street. Uma sorte tremenda. Ao contrário de Sylvia, que talvez também beneficiasse do seu estatuto como ex-aluna, mas que trabalhava como uma louca para manter a filha incrivelmente inteligente em Rearden e para manter o apartamento de duas assoalhadas na York. «Devia tentar ajudar mais a Sylvia», ouviu-se a si mesma pensar, como se fosse a suserana de um feudo. Talvez quisesse realmente dizer que devia ter tentado ajudar Malaga, mas por outro lado em retrospectiva era fácil pensar dessa maneira.

E agora ela ouvira realmente a campainha da porta da rua, pelo que premiu o botão do intercomunicador até a porta se abrir com um clique. Seguiu-se o som de vozes no átrio, enquanto o casal se instalava nas cadeiras. Ela ouviu o sussurro das vozes deles, calmas e controladas, invulgar entre os seus pacientes, que muitas vezes apareciam prontos a atacar. Esses dois eram pessoas simpáticas, abertas à terapia, verdadeiramente disponíveis e a fazerem um esforço real e ela gostava

deles, embora ambos estivessem tão afetados pelas suas vidas anteriores que ela desejava, secretamente, que tomassem a decisão de não terem filhos. Algumas pessoas deviam e não podiam; outros podiam e não deviam — não era justo, de facto. Esse casal, tendo-se encontrado um ao outro, tinha mais sorte do que a maioria.

Ela não estava a chegar a lado nenhum sentada à secretária, a olhar fixamente para o telemóvel, tentando em vão perceber o que tinha acabado de acontecer. Nada a impedia de dar esses minutos extra à mulher e ao homem à espera do outro lado da porta — um presente, um gesto da parte dela. Podia levantar-se já, abrir a porta e recebê-los mais cedo. Podia e devia, provavelmente, mas por algum motivo não o fez e o relógio continuou a avançar como se nada tivesse mudado, e Grace deixou-se ficar sentada como se nada tivesse mudado, porque queria e porque podia. Mas não por muito mais tempo.

6 *Elder* significa literalmente «mais velho(a)». (NT)

CAPÍTULO SETE

UM RAMALHETE DE FACTOS INÚTEIS

Henry era primeiro-violino na orquestra da Rearden School, um segredo que ele e a mãe haviam decidido guardar de Vitaly Rosenbaum, que para todos os efeitos proibia a influência de outro professor nos alunos dele. Os ensaios eram às quartas-feiras à tarde, após o fim das aulas, e depois disso ele ia para casa sozinho, ou pelo menos sozinho com o telemóvel. Ela preocupava-se, claro, mas não demasiado, porque a cidade era segura agora, e, mesmo que não fosse, o Upper East Side era seguro. E o telemóvel — isso fazia toda a diferença.

Ela fez algumas paragens no caminho para casa, depois de ter atendido a última paciente: primeiro na Duane Reade na esquina da Lexington com a 77th, para comprar envelopes de oferta (utilizava-os para as gorjetas de final de ano que oferecia ao porteiro e ao supervisor do prédio), depois na Gristedes para comprar costeletas de borrego e couve-flor, duas coisas que o filho gostava de comer. Ela tinha estado a pensar, ao dobrar a esquina do seu prédio na East 81st, em ferver água e em pré-aquecer o forno, e depois no nome do novo porteiro, que estava parado à porta do edifício, debaixo do toldo (que dizia «The Wakefield») a conversar com dois homens corpulentos, um deles a fumar, e depois ocorreu-lhe se o bónus de Natal para um porteiro novo deveria ser idêntico ao de alguém que tinha trabalhado o ano inteiro. Seria justo? E depois, no instante imediatamente antes do porteiro sem nome erguer o olhar e reparar nela, e de apontar na sua direção, e de os dois homens terem-se virado também, e de o que estava a fumar ter atirado o cigarro (ou seria um charuto? Parecia escuro ou castanho, como a cigarrilha que uma mulher fumaria ou que em tempos poderia ter fumado) para o chão, e ela pensou: «Apanha isso, seu parvo.»

— É ela — ouviu o porteiro dizer.

Ela quase olhou por cima do ombro, para ver a quem é que ele estava a referir-se.

— Senhora Sachs?

Um deles era robusto e careca, com um brinco de ouro numa orelha e vestido com um casaco castanho de aspeto ordinário. O outro, o fumador, era mais alto e envergava um fato de qualidade. Um fato italiano de

contrafação, embora o tecido fosse bom. Jonathan tinha um fato igual, pensou Grace. Mas o dele era verdadeiro.

E depois apercebeu-se.

Tinha acontecido alguma coisa a Henry. Algo... no caminho entre o apartamento e Rearden? Quantos quarteirões seriam? Mas não importava quantos quarteirões eram. Bastava um único instante. Um condutor que não estivesse a olhar. Um assaltante. Um doente mental. A maior parte dos doentes mentais não andava na rua, desde os anos 90, *raio do Giuliani*. Mas bastava um. Ela não conseguia falar.

— O que é que se passa? — Não queria dizer o nome de Henry. Que disparate. — Aconteceu alguma coisa?

Era evidente que tinha acontecido alguma coisa. Caso contrário, por que motivo estariam ali?

— Foi o meu filho? — perguntou-lhes ela, ouvindo a sua própria voz. Soava-lhe completamente diferente, mas tranquila.

Eles entreolharam-se por breves instantes:

— Senhora Sachs? Sou o Detetive O'Rourke.

«Claro», pensou ela. Que cliché.

— Não tem nada a ver com o seu filho — disse o outro. — Lamento se a assustámos. Às vezes acontece. Mas é sem querer.

Ela voltou-se para ele, mas o seu olhar parecia seguir um ritmo próprio, deixando um rasto em câmara lenta, como uma ilusão provocada por uma droga alucinogénia, calculou ela. Nunca tinha tomado uma droga alucinogénia.

— Joe Mendoza — disse o que não estava ali por causa de Henry. Estendeu a mão e ela apertou-lha ou pelo menos assim pensava. — Detetive Mendoza. Peço desculpa. Podemos falar?

Não se tratava de Henry. Seria Jonathan? Um acidente de avião? Mas ele não tinha apanhado o avião nesse dia. Nesse dia estava na conferência. Haveria crime em Cleveland? Obviamente que havia crime em Cleveland. Havia crime em todo o lado. Depois pensou: «Terá sido o meu pai?»

— Digam-me já — pediu ela, dirigindo-se a ambos. Reparou que o novo porteiro a olhava fixamente. «A maluca do 6B», pensou ela, irrefletidamente. «Okay, na boa. Agora vai-te lixar.»

— Já deve ter sabido que uma mulher cujo filho anda na escola do seu foi assassinada — disse Mendoza. — Julgo que a escola enviou uma mensagem a toda a gente? Só não disseram o nome da pessoa.

«Oh!» Ela sentiu o alívio, qual ovo partido sobre a sua cabeça, um ovo interminável, a escorrer essa doce libertação através das veias. Ela sentia vontade de os abraçar e de lhes bater ao mesmo tempo: *Deixaram-me tão preocupada! Isso não se faz!*

— Sim, claro. Peço desculpa. Só que... Bem, qualquer mãe teria ficado apavorada.

Ambos acenaram com a cabeça, um deles de uma forma mais simpática do que o outro.

— Com certeza. Eu também tenho dois — respondeu o polícia irlandês típico. Era o que usava o brinco e o casaco barato. Não tão clássico, talvez. — Não precisa de se desculpar. Importa-se que falemos noutro lugar? Talvez num sítio mais privado?

Ela acenou com a cabeça. Ele era o seu salvador e ela queria agradar-lhe. Como poderia recusá-lo agora? E, contudo, uma voz nova estava a tentar captar a sua atenção, oferecendo resistência perante o fluxo crescente da sensação de alívio. «Não os deixes subir.» E ela deu-lhe ouvidos.

— Há uns sofás ali dentro — disse-lhes ela. À semelhança da maioria dos átrios dos prédios de Nova Iorque, havia cadeiras ou sofás ou ambos. Nunca ninguém parecia servir-se deles. Os porteiros tinham as suas próprias cadeiras ou secretárias. Os homens das reparações ficavam à espera no átrio antes de subirem e os homens das entregas esperavam lá também, para receberem o dinheiro de alguém que desceria no elevador. Os assentos não eram um vestígio de tempos idos, mas algo que tinha estado sempre deslocado no tempo, e em toda a vida dela — em criança nesse edifício e agora em adulta, uma mãe a criar o próprio filho esse lugar — não recordava uma única vez em que essas poltronas (restauradas uns anos antes com um tecido floral desagradavelmente «hoteleiro») tivessem sido utilizadas para conversar. Conduziu os dois homens até lá e sentou-se, pousando a mala e o saco de plástico da Gristedes.

— Acabei de saber da Senhora Alves — disse ela, assim que estavam todos instalados nas poltronas. — Não fazia ideia do significado da mensagem quando a li. A mensagem que enviaram da escola — esclareceu ela. — Não fazia qualquer sentido. Depois ligaram-me e disseram-me que ela tinha morrido. É um horror.

— Quem é que lhe contou? — perguntou-lhe O'Rourke. Tinha tirado um pequeno bloco de apontamentos do bolso interior do casaco pavoroso.

— A minha amiga Sylvia — replicou Grace. De imediato, sem qualquer lógica, desejou não ter dito o nome de Sylvia. Poderia ela ter problemas por se ter metido em mexericos? Depois lembrou-se de que na verdade não tinha sido Sylvia. — Mas... sabe, antes disso já outra amiga tinha deixado uma mensagem no meu telemóvel. Portanto não foi bem a Sylvia.

— Sylvia quê? — perguntou O'Rourke. — Qual é o apelido dela?

— Steinmetz — retorquiu Grace, sentindo-se culpada. — Mas a mensagem era de uma mulher chamada Sally Morrison-Golden. Foi presidente de um comité da nossa escola de que todas fizemos parte. Incluindo a Senhora Alves. — Embora Malaga Alves não tivesse realmente «integrado» o comité. Ou seja, não tinha feito nada, apenas tinha marcado presença numa reunião. Estaria o nome dela incluído no catálogo do leilão

como membro do comitê? Grace não se lembrava.

— E isso foi a que horas?

— Como?

— A que horas é que soube da morte da Senhora Alves?

Isso era incrivelmente específico, pensou Grace, com alguma irritação. Se eles iam questionar toda a gente da comunidade escolar para saber a que horas tinham sabido — assemelhava-se mais a um projeto de sociologia do que propriamente uma investigação policial.

— Oh!... — ela pensou por uns instantes. — Bem, espere lá, deixe-me confirmar no meu telemóvel. — Ela retirou-o da mala e examinou o registo de chamadas. Não foi difícil de encontrar. — 12h46 — anunciou, sentindo-se inexplicavelmente aliviada, como se isso fosse prova definitiva de alguma coisa. — Falámos durante um bocado, cerca de oito minutos. Mas porque é que isso é importante? Se me é permitido perguntar, claro.

O tipo chamado Mendoza suspirou de uma forma curiosamente musical.

— Já não penso no que é importante ou não — respondeu-lhe ele, com um leve sorriso. — Antigamente só perguntava o que pensava que era importante. Por isso é que demorei tanto tempo para chegar a detetive. Agora pergunto tudo e depois logo vejo o que é importante. É psiquiatra, não é? Também só pergunta as coisas importantes?

Grace olhou para ele. Depois olhou para o outro. Não estavam a sorrir.

— Como é que sabe que sou psiquiatra? — perguntou ela. — Quer dizer, não sou psiquiatra, sou terapeuta.

— Porquê, é segredo? — respondeu ele. — Lançou um livro, não foi?

— Ela não era minha paciente — disse Grace, tirando uma conclusão incrivelmente precipitada. — A Senhora Alves. Eu não era terapeuta dela. Fiz parte do comitê da escola com ela. Acho que nem nunca falei com ela. Só conversa de circunstância.

— Conversa de circunstância sobre o quê? — perguntou Mendoza.

Grace apercebeu-se subitamente da presença de uma vizinha, a mulher que morava imediatamente por cima, a entrar no átrio. Trazia o seu Lhasa Apso de porte majestoso pela trela e carregava um saco das compras da Whole Foods. Ficou admirada ao ver as três pessoas sentadas nas poltronas do átrio, a terem o que parecia ser uma conversa a sério. Perceberia ela que os homens eram agentes da Polícia?, pensou Grace, automaticamente. A mulher morava por cima dela há quase dez anos, sozinha com o cão e com outro cão antes desse. *Willie* ou *Josephine* — o cão, não a mulher. Chamava-se Sr.^a Brown e Grace não sabia o primeiro nome dela. Era o que acontecia nesses prédios em Manhattan, pensou ela.

— Não sei... Oh! — exclamou ela, lembrando-se. — Sobre a filha. Sobre a bebé dela. Estávamos a admirar as pestanas da bebé. Lembro-me disso. É como lhe disse, nada importante.

— Ela falou sobre as pestanas da bebé? — disse Mendoza, franzindo o sobrolho. — Isso parece-lhe estranho?

— Estávamos só a admirar a bebé, sabe como é. — Embora talvez não soubessem. Talvez nunca tivessem admirado um bebé por uma questão de mera educação. — «Oh, que bebé tão bonita. E que pestanas tão compridas.» Nada digno de nota.

O'Rourke acenou com a cabeça, tomando nota desse pormenor incrivelmente importante.

— E isso foi na reunião do comité na passada quinta-feira, dia cinco de dezembro.

Teria ela dito 5 de dezembro, pensou Grace, vagamente. Eles pareciam estar a segurar um ramalhete de factos inúteis.

— Bem, penso que sim. Foi a única vez que falei com ela.

— Sem contar com a angariação de fundos, no sábado à noite — disse Mendoza.

Foi então que Grace compreendeu. Era óbvio, eles já tinham falado com Sally. O mais certo era Sally ter-lhes telefonado, pensou ela, com irritação. E deve ter-lhes dito: «Eu conhecia-a! Eu era a responsável pelo comité! A Grace Sachs pode confirmar tudo!» Merda para Sally.

— Vi-a no sábado, na festa — corrigiu Grace. — Mas não falei com ela.

— Porque não? — indagou Mendoza.

Porque não? A pergunta não fazia sentido. Não havia nenhum «porque não», da mesma forma que se ela tivesse falado com Malaga Alves na angariação de fundos também não haveria nenhum «porquê».

Ela encolheu os ombros:

— Por nenhum motivo em especial. Não falei com a maioria das pessoas presentes na festa. Estive no piso de baixo durante uma grande parte do tempo, a distribuir panfletos para o leilão e chapas identificativas. Quando finalmente subi já havia uma multidão enorme. Não falei com muita gente.

— E reparou se a Senhora Alves conversou com alguém na festa? Mesmo que não tenha falado com ela. Viu-a a falar com alguém em especial?

«Ah!», pensou Grace. Olhou para eles, de imediato dividida entre o seu lado feminista e o seu lado pré-feminista, para não falar na vontade de ser útil e no desdém que sentia por Sally. Ela não era nenhuma Sally, cheia de fortes críticas perante a chegada de uma mulher bonita — ou uma mulher em posse de uma feromona potente, capaz de encantar os homens mais atraentes. Se homens como os homens presentes na angariação de fundos da Rearden queriam reunir-se em torno de Malaga Alves, abandonando as esposas por uma recém-chegada tão succulenta, ela não tinha nada a ver com isso, em especial uma vez que o seu marido não fazia parte desse grupo. Malaga não tinha culpa da sua manifesta sensualidade, que ela nem

sequer pavoneava, antes pelo contrário, nem mesmo em circunstância tão propícias. Esses homens a cheirarem à volta dela só tinham de prestar contas às suas consciências e, claro, às esposas.

Por outro lado, não lhe competia apontar o dedo.

— Penso que me está a perguntar se reparei nos homens à volta dela — respondeu Grace, mordendo o isco, mas à sua maneira. — Com certeza que sim. Era impossível não reparar. Ela é... era. Uma mulher atraente. Mas, do pouco que vi, achei que ela se comportou de uma forma muito correta.

Esperou uns segundos, enquanto Mendoza acabava de escrever. Pensou: «Mas mesmo que não o tivesse feito, espero que não estejam a insinuar que ela mereceu ter sido assassinada. Pensava que já tínhamos ultrapassado esse tipo de mentalidade», e as palavras quase lhe saíram da boca. Mas conteve-se.

— Disse que nunca falou com ela. No sábado — disse Mendoza, terminando de escrever.

— Exato — assentiu Grace. Ocorrera-lhe que Henry devia estar a chegar a qualquer instante. Não queria que ele visse aquilo... essa cena no ático.

— Mas deve tê-la cumprimentado quando ela entrou.

Qual deles tinha falado? Ela olhou para ambos, como se pudesse ler a resposta à sua pergunta nos músculos das gargantas deles. Mas um deles, O'Rourke, tinha a garganta tapada com a barba por fazer e o outro, Mendoza, com a gordura. A gordura do pescoço era algo que sempre a tinha enojado. Nunca havia contemplado verdadeiramente a cirurgia plástica, mas se o seu queixo alguma vez ficasse obstruído pela gordura do pescoço, sabia que jamais conseguiria viver com isso. «O meu limite», ocorreu-lhe nesse instante, «é a linha do maxilar».

— Sim? — Grace franziu o sobrolho.

— Disse que estava no piso de baixo, no vestíbulo. Na festa.

— Angariação de fundos — corrigiu o outro, Mendoza, o da linha do maxilar não visível.

— Sim. Deve ter falado com ela. Disse que esteve a distribuir chapas identificativas.

— E o panfleto — disse Mendoza. — Correto?

— Oh! Claro. Possivelmente. Não me recordo. Havia pessoas sempre a chegar. — Ela sentia-se profundamente frustrada. O que interessava se tinha entregado a Malaga Alves o raio do panfleto do leilão e a chapa identificativa? Nem sequer havia chapa identificativa para ela! Malaga nem sequer tinha respondido ao convite!

— Pretende mudar a sua declaração anterior? — perguntou-lhe ele, num tom afável q.b.

Havia uma palavra que não lhe saía da mente nos últimos... Há quanto

tempo? Cinco minutos, no máximo. Mas cinco minutos era bastante tempo. Essa palavra era «advogado». Aliás, havia ainda mais palavras. Para além de «advogado» ela não parava de pensar: «Errado.» No sentido de «Isto está errado». E também, por alguma razão incompreensível, ridícula e inclusivamente exasperante: «Que idiotas.»

— Senhora Sachs? — indagou O'Rourke.

— Ouçam — replicou ela —, quero ajudar no que puder, como é óbvio. Mas não sei o que possa dizer que seja realmente relevante. Não sei nada sobre essa mulher. Só falei com ela uma vez e nem sequer foi sobre algo importante. É terrível o que lhe aconteceu, seja lá o que for. Nem sequer sei o que é que lhe aconteceu! — exclamou ela, num tom de voz mais elevado. — Mas seja o que for, tenho a certeza de que não tem nada a ver com a escola. E sei que não tem nada a ver comigo.

Eles olharam para ela com uma satisfação estranha, como se estivessem à espera de que ela revelasse alguma prova de ressentimento, e agora ela tinha-lhes feito a vontade e tinha confirmado o que eles estavam a pensar. Já se tinha arrependido do seu pequeno acesso de raiva. Mas queria que eles se fossem embora — antes que Henry chegasse e os visse. E eles continuavam ali.

— Senhora Sachs — disse O'Rourke, por fim —, pedimos desculpa por tê-la incomodado. Não lhe tomarei mais tempo. Mas quero falar com o seu marido, se não se importa. Ele está lá em cima?

Ela olhou-os fixamente. Mais uma vez, sem aviso prévio, os pensamentos dela retrocederam a um universo dos anos 50 em que esses homens — esses *homens* — tinham de obter uma garantia associada a um cromossoma Y antes de a deixarem em paz, o que a deixava muito irritada. Mas a única coisa que conseguiu proferir foi:

— Porquê?

— Há algum problema com isso? — perguntou o outro homem.

— É só porque ele não está cá. Está numa conferência de medicina. Mas mesmo que não estivesse, ele não teria ideia de quem se trata. Nem sequer conhecia essa mulher.

— Ai não? — disse o primeiro, o irlandês. — Nem sequer por intermédio da escola, como no seu caso?

— Não. Sou eu que o levo à escola e que o vou buscar.

Ambos olhavam-na com o sobrolho carregado.

Mendoza disse:

— Todos os dias? O seu marido nunca o leva?

Ela quase deu uma gargalhada. Estava pensar, curiosamente, num casal que em tempos havia tratado, em que marido e mulher tinham criado um negócio juntos e o geriam com grande harmonia e sucesso. Porém, no que dizia respeito à casa e ao cuidado dos dois filhos, a mulher estava completamente sozinha, certificando-se de que as mensalidades da escola

eram pagas e que o papel higiênico não faltava, de que as vacinas eram tomadas e que os impostos e os passaportes estavam em dia, chegando a casa para fazer o jantar, marcar as consultas dos filhos e limpar as bancadas, enquanto ele descomprimia depois de um complicado dia de trabalho. A frustração da mulher encontrava-se em lume brando. No processo da terapia, os dois tinham andado às voltas com essa situação de loucos, abordando com cautela as questões de descendência do marido que tinham moldado o conceito dele de vida de casado, bem como a traumática perda precoce do pai. Tinham sido cuidadosamente criadas tabelas e listas para corrigir o desequilíbrio em termos de responsabilidades. Tinha havido projeções da vida familiar que cada um deles pretendia para si e para os filhos. E um dia, enquanto a mulher estava a explicar ao marido *por que razão* não era justo marcar uma «saída de homens» na «Noite de Regresso às Aulas», de repente ele experimentou um desses raros, mas por norma satisfatórios, «abre olhos» pelo qual a terapia é tão justamente elogiada. Invaso por um afluxo de indignação pura, o homem endireitou-se no sofá e virou-se para a mulher, a sócia dele, a mãe dos filhos dele, a única mulher que — nas palavras dele — alguma vez tinha amado e disse: «Não vais ficar satisfeita enquanto eu não fizer metade de tudo!»

Talvez por isso ela fosse um tanto hipócrita. Ou então era assim que pretendia que as coisas fossem, levar o filho a Rearden, esperar por ele, levá-lo à aula de violino, sem partilhar com Jonathan esse precioso tempo com Henry que, para todos os efeitos, ele também nunca tinha pedido para fazer. Fosse como fosse, o que é que eles tinham a ver com isso? E porque é que isso importava?

— Bem — disse ela, dando uma pequena risada que soou forçada aos seus próprios ouvidos —, podemos viver tempos modernos e tudo isso, mas duvido que seja muito diferente na escola dos vossos filhos. Os comités de pais e professores e os clubes de apoio estão cheios de pais?

Eles entreolharam-se por breves instantes. Em seguida, o agente que tinha dito que tinha dois filhos encolheu os ombros:

— Sei lá. A minha mulher é que trata dessas coisas.

«Exatamente», pensou ela.

— Seja como for, podem ter-se conhecido, certo? O seu marido e esta senhora. A Senhora Alves?

Foi então que Henry chegou. Entrou no vestíbulo a arrastar os pés, com o violino às costas, a pesada sacola de pele a bater-lhe na anca a cada passo; depois, a estranheza de ter pessoas sentadas nas poltronas fê-lo erguer o olhar. Grace sentiu um aperto no coração, embora não soubesse explicar porquê.

Tinha sido um menino muito bonito e estava a caminho de se tornar um homem atraente, apesar de se encontrar atualmente no istmo da pré-

adolescência, com o sombreado ténue de pelos novos no lábio superior. Tal como Jonathan, tinha o cabelo preto encaracolado. Tal como Grace, tinha uma estrutura óssea fina e o pescoço comprido. À semelhança de ambos, pensava mais do que dizia.

— Mãe? — disse Henry.

— Olá, meu amor — respondeu-lhe ela, de forma automática.

Henry deixou-se ficar parado, a brincar com a chave que tinha tirado da sacola. «*Latchkey*»⁷, pensou ela, embora ele não fosse um miúdo *latchkey*, de todo. Provavelmente tinha pensado que ela já estava lá em cima, à espera dele, e se se visse sozinho teria partido do princípio de que ela viria a caminho, o que decerto seria o caso — tinha sido o caso, aliás —, antes de esses homens irritantes terem barrado o seu caminho. Henry continuava à espera.

— Sobe — disse-lhe ela. — Já lá vou ter.

Com mais uma pausa, o suficiente para transmitir a ideia de que iria necessitar de uma explicação, ele deu meia-volta e foi-se embora, com o violino a balançar levemente nas costas. Os dois homens não disseram nada até o elevador se ter fechado atrás dele.

— Que idade tem o seu filho? — perguntou um deles.

— O Henry tem doze anos.

— É uma idade gira. Em que se enfiam no quarto e só saem uma década depois.

Esse comentário foi uma espécie de deixa para os dois homens. Ambos deram uma valente gargalhada e um deles, O'Rourke, abanou a cabeça ao mesmo tempo que olhava para baixo, como se recordasse as suas próprias atividades repugnantes aos doze anos. Grace sentia-se dividida entre querer defender o filho, que tinha realmente começado a fechar-se no quarto uns meses antes (em geral para ler ou tocar violino), ou afastar-se deles. Não fez nenhuma das coisas, claro.

— O seu filho conhece o miúdo Alves? — perguntou Mendoza, sem mais nem menos.

Grace fitou-o.

— Como é que ele se chama? — perguntou Mendoza a O'Rourke.

— Miguel.

— Miguel — transmitiu ele a Grace, como se ela não estivesse a poucos passos de distância.

— Não, evidentemente que não.

— Evidentemente porquê? — perguntou ele, olhando-a com o sobrolho franzido. — É uma escola pequena, não é? Quer dizer, foi o que li na Internet. Por isso é que as propinas custam uma fortuna. Toda essa atenção individual? Quanto é que custava a escola? — perguntou ele ao colega.

«Será possível ir-me embora?», interrogou-se Grace. Seria permitido? Ou era como falar com a realeza, em que a conversa só terminava quando

eles assim o entendiam?

— Trinta e oito mil, pelo menos foi o que ele disse.

Grace pensou: «Ele?»

— C'um camandro! — exclamou Mendoza.

— Bem — disse O'Rourke —, tu viste como é que é aquilo. Parecia uma mansão.

Aquilo, pensou ela, de mau humor, tinha sido fundado nos anos de 1880 com o intuito de educar os filhos dos trabalhadores e dos imigrantes. *Aquilo* tinha sido também a primeira escola privada em Nova Iorque a admitir alunos negros e hispânicos.

— Como é que ela tinha dinheiro para pagar? — perguntou-lhe ele, agora novamente sério. — Faz ideia?

— Se eu faço ideia... — Grace franziu as sobrancelhas. — Está a falar da Senhora Alves? Mal nos conhecíamos, como já disse. Não era como se fosse confidenciar-me os assuntos financeiros dela.

— Sim, mas não era uma mulher rica. O marido... o que é que ele faz? — A pergunta era dirigida a O'Rourke.

— É tipógrafo — retorquiu O'Rourke. — Tem uma grande tipografia na Baixa. Tipo, na zona de Wall Street.

Involuntariamente, Grace ficou admirada e depois ficou envergonhada por ter ficado admirada. O que é que ela tinha pensado? Que o marido de Malaga Alves andava a distribuir postais na Quinta Avenida a anunciar a liquidação total no salão de exposições de uma «marca conhecida»? O facto de o filho deles ter uma bolsa de estudo não era forçosamente sinal de que o pai estava na miséria. Não teriam os Alves direito ao Sonho Americano?

— Penso que é possível — disse ela, falando com tato — que o Miguel tenha uma bolsa de estudo. A nossa escola tem um programa de bolsas de longa data. Aliás, se não estou errada, Rearden possui uma percentagem mais elevada de alunos bolseiros do que qualquer outra escola independente em Manhattan.

«Meu Deus», pensou ela. «Espero que isto seja verdade.» Onde é que tinha lido isso? No *New York Times*, provavelmente, mas quando? Talvez entretanto Dalton ou Trinity a tivessem ultrapassado.

— Seja como for, o que quero dizer com o meu filho não conhecer o filho da Senhora Alves é que um aluno do sétimo ano não tem grande contacto com o quarto ano e o mesmo se passa em qualquer escola. Pode ter passado pelo rapazinho no corredor ou algo do género, mas não saberia de quem se tratava. Fazemos o seguinte — acrescentou ela, pondo-se de pé, esperando não estar a cometer nenhuma transgressão —, eu vou perguntar-lhe. Se estiver enganada, ligo-lhe a informá-lo. Tem um cartão ou isso? — Ela estendeu a mão.

O'Rourke olhou-a fixamente, mas Mendoza pôs-se de pé e tirou a

carteira do bolso. Retirou um cartão de visita ligeiramente sujo e depois pegou numa caneta e riscou algo nele.

— Cartões velhos — disse ele, estendendo-lho. — O município de Nova Iorque recusa-se a mandar fazer novos. Este é o meu contacto de telemóvel — acrescentou, apontando com a caneta de tinta azul.

— Obrigada — disse ela, automaticamente, estendendo-lhe a mão, também de uma forma inconsciente. Estava satisfeita por se poder ir embora, mas ele agarrou-lhe a mão.

— Ouça... — disse ele. — Sei que o quer proteger.

Ele inclinou a cabeça, com o queixo para cima e os olhos a piscar por causa da luz no teto. Grace olhou instintivamente para cima e percebeu: ele estava a referir-se a Henry. Mas era óbvio que queria protegê-lo!

— Eu sei que sim — disse ele, com uma expressão estranhamente afável. — Mas não o faça. Só irá piorar as coisas.

Grace fitou-o. Ele continuava a segurar a mão dela, na sua mão enorme, e ela não se podia ir embora sem ela. Pensou: «Será que a posso puxar?» Pensou: «Mas que merda é que ele está a dizer?»

7 Expressão norte-americana para definir as crianças que ficam sozinhas em casa, sem a supervisão de um adulto, ou que regressam das aulas para uma casa vazia, enquanto os pais estão a trabalhar. (NT)

CAPÍTULO OITO

ALGUÉM ACABA DE ENVIAR UM EMAIL AO TEU MARIDO

Ela estava muito zangada. Estava tão zangada que foram precisos todos os segundos da viagem de elevador até ao sexto andar para ela se acalmar, pelo menos o suficiente para reconhecer que não estava a ter um esgotamento real, físico e absoluto a exigir cuidados médicos reais, mas apenas muito, muito zangada. O elevador tinha um espelho no qual ela recusou olhar-se, com receio de ver essa versão incrivelmente pálida de si mesma, e em vez disso concentrou-se no acabamento em madeira falsa do teto, mexendo o maxilar como se estivesse a mastigar algo bastante duro e que se recusava a ser esmagado.

Ainda assim, a imagem disseminava-se à volta dela, enchendo o espaço fechado e disponível. «Como é que se atrevem?», pensou mais do que uma vez, enquanto o elevador subia. Mas como é que eles se atreviam... a *quê*, exatamente? Ela não tinha sido acusada de nada ilegal, exceto talvez ter sido uma mãe e colega de comité pouco simpática para com uma mulher recém-chegada à escola do filho dela e claramente menos afluente que, no devido tempo e numa reviravolta verdadeiramente imprevisível, tinha acabado por ser assassinada. Mas porquê incidir toda a atenção sobre Grace? Porque não procurar os pais dos quartos anos em particular ou simplesmente desfilar com a mãe da turma pelo centro da Park Avenue e pô-la em exposição se queriam dar o exemplo? *Qual era o problema deles?*

O pior de tudo, pensou ela, enfiando a chave na fechadura da porta da frente da sua casa, era que não tinha nenhum escape óbvio para toda a fúria que sentia. Preferia, por muito exasperantes que fossem as circunstâncias, o tipo de situação que oferecia vias distintas de resolução. Um carro abalroado ou rebocado, por exemplo, podia ser profundamente irritante, mas ao menos sabíamos onde ir e com quem gritar. Os pais execráveis de filhos execráveis da escola de Henry podiam ser ignorados, o que significava que ela já não precisava de fingir gostar deles ou sociabilizar com eles em eventos escolares. Donos de lojas malcriados e restaurantes incompetentes podiam ser evitados no futuro — em Nova Iorque ninguém

detinha o monopólio de nada, o que era bastante útil; até mesmo o sítio onde atualmente era impossível entrar seria substituído dali a uma ou duas semanas por outro lugar onde seria igualmente impossível entrar. (A única exceção com a qual se havia deparado a essa regra era no que dizia respeito às admissões nas escolas privadas, mas Henry estava tranquilamente inscrito na turma de 2019 de Rearden desde os três anos, o equivalente em Manhattan de estar «Safo para o Resto da Vida», pelo menos em termos educacionais.) Aquilo era diferente — porque, evidentemente, ela apoiava a Polícia tal como qualquer outro cidadão respeitador da lei, mais ainda desde o 11 de setembro, quando eles e os outros tinham praticamente sido tragados pelas labaredas. Era de loucos.

E mesmo que, por alguma razão, ela identificasse um escape adequado para a sua queixa, do que é que iria concretamente lamuriar-se? Do facto de dois detetives, sempre muito educados e a tentar compreender um homicídio terrível e profundamente lamentável que tinha deixado duas crianças sem mãe, e a tentar levar o homem responsável (obviamente que se tratava de um homem) diante da justiça, tinham ido a casa dela e tinham-lhe feito algumas perguntas? Não era nada que ela não tivesse já visto em *Lei e Ordem*. Não era nada de mais.

Ela interrogou-se, pousando a mala em cima da mesa da entrada e ouvindo a porta do frigorífico a fechar-se na cozinha (Henry à procura da habitual garrafa de sumo de laranja pós-escola), se deveria telefonar a Jonathan. Era seguro queixar-se a Jonathan, obviamente, mas talvez fosse demasiado egoísta da sua parte interromper a conferência dele para esse efeito. Além do mais, no mundo dele, um mundo de crianças moribundas, que tipo de solidariedade poderia ela esperar para com uma estranha que tinha sido assassinada, e muito menos em relação a si própria, a mulher ligeiramente incomodada conhecida de uma mulher estranha assassinada? Ele iria, Grace sabia-o, ficar um pouco irritado com a ideia de que dois detetives a tinham instruído a não proteger o filho deles de doze anos. Não — mais do que irritado.

«Protegê-lo de quê?», perguntaria ele e ela imaginou o estado de espírito dele monitorizado por um eletrocardiógrafo, começando a agitar-se e a ficar enervado.

Protegê-lo de... notícias sobre a morte da mãe de um aluno do quarto ano que Henry nunca tinha visto na vida e que nem tão pouco saberia identificar pelo nome? *Sei que o quer proteger*. Até teria a sua piada, se não fosse o facto de ele — o irlandês ou o outro — o ter realmente dito.

Talvez devesse ligar a Robert Conover e gritar com ele, mas não tinha bem a certeza do que é que ele tinha feito, para além de ter enviado o tal *email* tão asinino. Só *isso* já era bastante mau. Fosse como fosse, ele tivera de agir, de dizer alguma coisa; teria sido errado não tentar adiantar-se aos acontecimentos. E muitas pessoas escreviam mal, incluindo os diretores de

escolas, dizendo coisas tão pouco prestáveis (ou disparatadas) como as que tinham realmente planeado dizer. Ou talvez devesse gritar com Sally, pelo facto de ela — na categoria de presidente do comité da angariação de fundos — ter obviamente dado o nome de Grace à Polícia, ou mesmo só por ser uma pessoa inconveniente no geral. Talvez devesse gritar com o pai.

Por norma, Grace nem sequer gritava perto do pai, quanto mais com ele, que há muito tinha deixado bem claro que somente interagiria com a faceta dela mais serena e intelectual, a faceta que ele havia criado e que tinha pago para educar, e cujos comentários mordazes e inteligentes em relação à maioria das coisas eram por demais bem-vindos. Ela não era inconstante nem emotiva por natureza, e ainda bem que assim era, mas também tivera de passar pela adolescência enquanto mulher, o que tinha obrigado a determinados episódios de extravagância hormonal, a determinadas cenas em restaurantes diante de amigos antigos e de familiares. Esses incidentes tinham tido, Grace sabia-o bem, um impacto indelével na sensibilidade do seu pai. Felizmente fora filha única.

Todavia, ele fora sempre fiel ao seu estilo próprio de dedicação paternal. Mesmo depois da morte da mãe dela (que ocorrera depois de Grace ter, para todos os efeitos, saído de casa), até mesmo depois de ter tornado a casar, ele nunca perdera a capa de autoridade paternal que assumira quando se tornara pai, dessa forma distante como noutros tempos os homens se tornavam pais. Eles tinham uma boa relação, achava ela, a julgar pelo facto de se verem com regularidade, de ele a elogiar pelo aspeto físico dela e de aprovar a sua escolha de marido, bem como o filho que ambos haviam produzido, e devia sentir-se orgulhoso do que ela tinha conseguido alcançar a nível profissional. Além do mais, nenhum deles era dado a manifestações calorosas, pelo que não havia qualquer problema. E havia certos rituais com que ambos contavam, como os jantares semanais no apartamento que ele partilhava com a nova esposa — a esposa há quase dezoito anos que Grace continuava (maliciosamente?) a ver como «recente». (Inicialmente esses jantares tinham lugar à sexta-feira, por consideração às práticas judaicas de Eva, e mais tarde, noutras noites, por respeito à incapacidade de Grace e Jonathan alinharem nessas ditas práticas e por os filhos de Eva não serem capazes de manter uma conduta educada perante a incapacidade deles.)

Agora que Grace tinha pensado no pai, sentia uma necessidade autêntico de lhe telefonar. Tinha de lhe ligar, ou então ligar a Eva, para confirmar a presença no jantar da noite seguinte. Mas não o tinha feito porque ainda nem sequer sabia se Jonathan voltaria a tempo de Cleveland.

Henry apareceu, com uma barra de granola na mão, do género comercializado com sendo saudável mas tão carregado de açúcar como qualquer guloseima.

— Olá — cumprimentou Grace.

Henry acenou com a cabeça. Olhou de relance na direção da porta do quarto dele e ocorreu a Grace que parecia estar a barrar-lhe a passagem.

— Correu tudo bem no caminho para casa? — perguntou-lhe ela.

— Quem eram aqueles tipos? — indagou Henry, indo direto ao assunto.

— Eram da Polícia. Não era nada de especial.

Ele estava parado, a segurar a barra de granola com o braço estendido e tenso, fazendo lembrar a águia do selo norte-americano a segurar o ramo de oliveira e as setas. Franziu o sobrolho por baixo do cabelo demasiado comprido.

— Nada de especial como?

— Ouviste falar no menino da tua escola? Aquele que a mãe morreu?

— Sim — Ele acenou afirmativamente. — Mas porque é que te estavam a perguntar sobre isso?

Grace encolheu os ombros. Esperava estar a demonstrar alguma distância em relação ao assunto. Queria dar-lhe a entender essa distância.

— Essa mãe fez parte do comité de beneficência comigo, para a angariação de fundos do fim de semana passado. Mas eu mal a conhecia. Acho que só falámos uma vez, numa reunião. Não pude ajudá-los.

— Quem é que foi? — perguntou Henry, apanhando-a de surpresa. Foi então que lhe ocorreu: «Deve pensar que o que aconteceu a Malaga Alves também pode acontecer à mãe dele.» Ele fora sempre um miúdo receoso. Sofrera horrores com imagens assustadoras e até mesmo desenhos animados assustadores que tinha visto em criança. No campo de férias de verão, segundo os monitores, esperava que os outros miúdos fossem à casa de banho, atrás da cabana de madeira no bosque, e depois ia atrás deles, para não ir sozinho. E continuava a querer saber sempre onde é que ela estava. Ela sabia que isso acabaria por mudar, mas parecia ser a personalidade dele.

— Ó meu amor — retorquiu ela —, eles hão de descobrir quem foi. O que aconteceu foi horrível, mas eles vão acabar por descobrir. Não te preocupes com isso.

«Sei que o quer proteger», pensou ela.

Bem, era óbvio que sim. Era esse o seu papel. E era *também* a sua inclinação, muito obrigada. Depois ela tentou afastar a imagem deles da mente. Esses homens inquisidores e horrorosos.

Henry acenou com a cabeça. Parecia magro — magro de rosto, pensou Grace, ou talvez fosse só a cara dele que parecia estar diferente. A cabeça vai mudando de forma à medida que a criança vai crescendo, a linha do maxilar, as maçãs do rosto e as órbitas vão mudando de posição. As maçãs do rosto de Henry pareciam estar ligeiramente mais proeminentes, estabelecendo um leve contacto com a pele, criando sombras dos dois

lados. Ele iria ser bem-parecido, como o pai, embora ao mesmo tempo se parecesse muito pouco com ele. Iria parecer-se, constatou ela de repente, com o pai dela.

— Onde é que está o pai? — perguntou-lhe Henry.

— Em Cleveland. Estou convencida de que volta amanhã. Ele disse-te quando é que voltava?

Pareceu-lhe ser digno de nota o facto de até ao filho ela ter perguntado quando é que o marido voltava. Mas já estava feito.

— Não, não disse. Quer dizer, nem sequer me disse onde é que ia.

— Espero que chegue a tempo de irmos a casa do avô e da Eva.

Henry não lhe respondeu. Gostava de Eva, que — a não ser que uma transformação colossall ocorresse na vida e na mente da mãe de Jonathan — era a única avó que ele iria realmente ter.

Os pais de Jonathan tinham passado décadas imersos nos seus vícios não assumidos (Naomi era alcoólica, tinha-lhe explicado Jonathan; e desde os anos 70 que David não passava um único dia sem tomar *Valium*) e na negligência do irmão mais novo de Jonathan, um mimado preguiçoso que nunca tinha terminado a faculdade, ou tido um emprego durante muito tempo, e que morava na cave dos pais, monopolizando a atenção e os recursos financeiros deles. As ambições de Jonathan em relação a ele próprio tinham-nos deixado perplexos, claramente, e o desejo de ele participar na vida de outras pessoas, em especial de pessoas em circunstâncias extremas e exigentes, pura e simplesmente horrorizava-os. Continuavam a morar em Roslyn, mas era como se morassem na Lua. Henry não os via desde a infância.

A própria Grace tinha passado muito pouco tempo com a família de Jonathan. Tinha havido a apresentação formal, um passeio penoso na cidade com direito a uma refeição desastrosa num restaurante chinês, seguido do que pareceu ser uma marcha forçada até ao Rockefeller Center para ver a árvore de Natal, e umas trocas de palavras muito cautelosas. Nenhum deles tinha ido ao casamento. (Apenas o irmão dele tinha aparecido, tendo permanecido na parte de trás do pequeno grupo na colina relvada das traseiras da casa do lago, no Connecticut, e tendo-se ido embora durante a receção, sem sequer se despedir.) Depois disso, ela tinha visto os pais dele cerca de meia dúzia de vezes, incluindo uma visita tensa ao Lenox Hill Hospital no dia a seguir ao nascimento de Henry, em que eles tinham chegado — ela nunca esquecera esse pormenor — com uma manta antiga nas mãos, feita claramente à mão, mas não nessa década e nem sequer na anterior. Devia ter um significado qualquer para eles, calculava ela, mas a estupidez do gesto tinha-a chocado. Não, ela não ia tapar o seu adorado e muito esperado bebé com uma manta usada e ligeiramente malcheirosa que eles podiam ter encontrado numa venda de garagem ou numa loja de artigos em segunda mão. Com a autorização de Jonathan, ela

tinha-o deixado no caixote do lixo do quarto do hospital.

Nenhum dos três — o pai, a mãe ou o irmão mais novo — alguma vez tinha mostrado curiosidade em relação a Grace (o que, ao fim e ao cabo, não era propriamente um problema) ou em relação a Henry, depois de ele ter nascido. Ela agora percebia que Jonathan, que tinha sido um miúdo muito inteligente e motivado, se tinha transformado na pessoa que ele próprio idealizara, e logo muito cedo, e Grace via isso como um ato de heroísmo. Os pais dela podiam não ter sido muito dados a manifestações de afeto, mas tinham-na feito sentir-se bem-vinda e valorizada, e tinham sido muito claros a comunicar-lhe que ela tinha de avançar no mundo, ter uma educação, ser curiosa em relação às outras pessoas e deixar a marca dela. Jonathan fora obrigado a descobrir essas coisas sozinho: sem orientação, sem apoio e até mesmo sem ser acompanhado. Ela não sentia pena dele porque ele não sentia pena dele próprio, mas sentia pena de Henry, que merecia pelo menos uma avó a sério.

— E os trabalhos de casa? — perguntou ela a Henry.

— Estão bem. Fiz alguns na sala de estudos. Mas vou ter um teste.

— Precisas de ajuda?

— Mais tarde, se calhar. Primeiro tenho de estudar. Podemos ir buscar *Pig Heaven* para o jantar?

Pig Heaven era a comida de eleição sempre que eles jantavam sozinhos. Jonathan não era obviamente religioso, mas não gostava de comida chinesa. E eles guardavam segredo sobre *Pig Heaven* do avô e de Eva.

— Não. Trouxe costeletas de borrego.

— Ah! Boa.

Ela foi para a cozinha preparar o jantar. Ele foi para o quarto, presumivelmente para estudar. Ela livrou-se do que restava da hostilidade que sentia em relação aos dois homens no átrio com meio copo de *Chardonnay* tirado do frigorífico e foi procurar o cesto de cozinhar a vapor para a couve-flor. Quando por fim a panela estava ao lume, as costeletas estavam temperadas e metade de uma alface Boston estava de molho no cesto para lavar legumes, ela já se tinha recomposto o suficiente para tornar a ligar a Jonathan, mas mais uma vez a chamada foi para o *voice-mail*. Deixou uma mensagem rápida a pedir para ele lhe ligar e depois ligou para o número do pai, que tocou dessa maneira arrastada e antiquada que só podia corresponder à espécie pré-digital de um atendedor de chamadas, completa com uma mensagem gravada indistinta e um bipe prolongado.

Mas entretanto Eva atendeu:

— Estou? — disse ela e percebia-se pelo tom inquisidor da sua voz que não sabia realmente quem era. Em casa do pai dela não havia identificação de chamadas, leitor de DVD, nem computador. O pai e a madrasta de Grace tinham deixado de abraçar as novas tecnologias por

ocasião do telefone por teclas e das cassetes de vídeo (sobre as quais não se importavam nada de não expandir as várias coleções de Obras-Primas do Teatro dos anos 80). Mas tinham telemóveis, mediante a insistência de Grace e dos filhos de Eva, embora ambos os aparelhos tivessem um pedaço de papel colado na parte de trás com as instruções e os contactos mais importantes. Grace nunca telefonava para o telemóvel do pai e também nunca tinha recebido nenhuma chamada dele.

— Olá, Eva, fala a Grace.

— Ah, Grace. — Ela não soava propriamente desiludida, mas resignada a uma desilusão já anterior. — O teu pai saiu.

— Está tudo bem? — perguntou Grace, seguindo as perguntas da praxe. Eva, que tinha transferido todo o formalismo da vida de luxo pré-guerra dos pais dela em Viena para a sua própria vida de luxo pós-guerra em Nova Iorque, exigia uma troca muito específica. Teria dado — se alguma vez tivesse desejado ter uma profissão — uma excelente sargenta de instrução.

— Sim, está tudo bem. Estamos a contar convosco para jantar amanhã, certo?

— Sim, com muito gosto. Mas não tenho a certeza se o Jonathan chegará a tempo de ir.

Isso, esse minúsculo contratempo, foi o suficiente.

— Como assim, não tens a certeza?

— Ele está em Cleveland, numa conferência médica.

— Ai sim?

— E não tenho a certeza a que horas é que chega o avião.

Isso, para Eva, seria chocante o suficiente. O facto de ela não ter a certeza do *dia* em que ele chegaria ser-lhe-ia totalmente incompreensível. Eva pura e simplesmente não concebia uma mulher cuja vida não fosse alimentada pelas necessidades do marido. A realidade da família de Grace, com os seus encargos e horários, os compromissos indefinidos (claro, Eva estava a par da publicação do livro, da digressão, das entrevistas nos meios de comunicação social, mas não o aceitava muito bem?), já para não falar nas incertezas inatas à vida de um médico, que implicava o abandono das obrigações sociais quando as pessoas ficavam subitamente, palpavelmente e gravemente doentes, era tão desagradável para Eva que ela tinha por hábito bloqueá-lo da sua mente.

— Não percebo — disse Eva. — E não podes tentar saber? Será assim tão complicado fazer um telefonema?

Ela era, pensou Grace, a antítese perfeita da típica mãe imigrante. A típica mãe imigrante de qualquer etnia, cuja massa ou *goulash* ou assado podia ser confeccionado de modo a ser o suficiente para mais pessoas, caso se decidisse levar uns amigos para jantar lá em casa. Eva governava uma casa fantástica, mas nada acolhedora. A própria mãe de Grace, a mãe

biológica, não tinha sido grande cozinheira, mas pelo menos fazia as pessoas sentirem que estava contente por vê-las, enquanto servia as excelentes sopas da sua cozinheira da República Dominicana. Eva, em contrapartida, era uma criadora de refeições metódica e admirável, mas boa comida sem um bom acolhimento também não era muito hospitaleiro.

— Tenho estado a tentar — respondeu-lhe Grace, de forma pouco convincente. — E se contasse connosco os três e eu depois a avisasse caso saiba alguma coisa em contrário? Antes sobrar comida do que faltar, não é?

Foi como se lhe tivesse perguntado se não seria boa ideia guardar um pouco extra de porcaria no frigorífico.

— É terrível, o que aconteceu na escola do Henry — disse Eva de repente e o despropósito da pergunta apanhou Grace tão desprevenida que ela nem sequer percebeu de imediato a que é que a madrastra estava a referir-se.

— Na escola dele? — gaguejou ela. Tinha estado a aparar o pé da couve-flor e agora estava parada, com a faca suspensa por cima da tábua de cortar.

— Um dos pais, assassinado. O teu pai ligou-me do escritório, esta manhã.

A ideia de que o pai tinha sabido da morte de Malaga Alves antes dela era, já por si, bastante alarmante. Ele não andava propriamente em cima dos acontecimentos, quer em termos pessoais quer tecnológicos.

— Sim, eu sei. É terrível.

— Conhecia-la?

— Oh, não. Quer dizer, sim. De vista. Parecia ser uma pessoa bastante simpática.

Essas palavras saíram-lhe com naturalidade, muito no estilo «falar bem dos mortos». Apesar de, na verdade, a mulher não lhe ter parecido particularmente simpática. Mas o que é que isso interessava agora?

Grace pôs a couve-flor dentro do cesto de cozinhar a vapor e começou a derreter a manteiga para o molho. Tinha habituado Henry a comer couve-flor misturando-a com um molho de queijo que a sua antiga amiga Vita em tempos lhe havia ensinado a fazer. Infelizmente, o molho de queijo era um dos poucos vestígios de Vita ainda presentes na sua vida.

— Foi o marido? — perguntou Eva, como se Grace pudesse saber. — Costuma ser o marido.

— Não faço a mínima ideia — retorquiu Grace. — Mas tenho a certeza de que a Polícia anda a investigar o assunto.

«Aliás», pensou ela, com uma expressão carrancuda, «eu *sei* que a Polícia anda a investigar».

— Que tipo de homem mata a mãe do próprio filho? — perguntou a madrastra dela e Grace, que agora estava a ralar o queijo *cheddar* para cima

da tábua de cortar, revirou os olhos. «Sei lá», pensou. «Um homem agressivo?»

— É uma coisa terrível — optou antes por dizer. — Como é que está a anca do pai? Continua a incomodá-lo?

Mesmo isso, ela sabia-o, transgredia o sentido de decência de Eva, sendo que as ancas do marido dela de oitenta e um anos eram um assunto demasiado privado para discutir com a única filha dele. O facto de, com toda a certeza, ele necessitar de substituir uma anca, senão mesmo as duas, mais tarde ou mais cedo — provavelmente mais cedo — não tornava o assunto mais agradável.

— Ele está bem. Não se queixa.

Grace, pressentindo uma situação de impasse, terminou a chamada, prometendo confirmar a presença de Jonathan assim que tivesse notícias dele. Em seguida, pôs as costeletas de borrego na frigideira e começou a misturar farinha na manteiga derretida.

Após o jantar, depois de Henry ter regressado ao quarto para praticar violino e de ela ter acabado de levantar a mesa, foi para o quarto e retirou o portátil da bolsa de cabedal onde costumava guardá-lo. O quarto deles, por comum acordo, tinha sido sempre um espaço livre de tecnologia, excetuando o leitor de CD *Bose* em cima da mesa de cabeceira de Jonathan. (Ele guardava as centenas de CD em pastas de cabedal junto à mesa de cabeceira, separados meticulosamente por género e depois organizados alfabeticamente por artista. Ao contrário da maioria das pessoas que alegava gostar de todo o tipo de música mas que nunca ouvia nada exceto *rock* ou *jazz* ou *blues*, Jonathan tinha realmente um gosto musical tão incrivelmente eclético que tanto podia trazer para casa uma coleção de *didgeridoo* aborígene como também música de câmara barroca ou o último álbum de Alison Krauss.) Grace não era adepta do ludismo. Geria toda a sua vida, bem como a do marido (pelo menos a parte não profissional) e do filho num *iPhone* e tinha escrito o seu livro num portátil, mas não gostava de ser assaltada por informação, pelo menos em casa. No mundo lá fora era impossível escapar; produtos e ideias eram-lhe constantemente sugeridos, onde quer que olhasse ou escutasse, e até mesmo a sua adorada estação de rádio pública havia cedido à pressão, permitindo que fossem emitidos dezenas de patrocínios corporativos. Ela podia não partilhar o gosto do marido pelo *didgeridoo* (Henry — que concordava com ela — numa ocasião havia-o apelidado de «*didgeri-don't*»⁸), mas pelo menos o instrumento não tentava vender-lhe nada exceto a si mesmo.

Ainda assim, o quarto deles, com as paredes verde-musgo, as cortinas de lona vermelha e a cama *Craftsman* em que outrora os pais dela tinham dormido (colchão novo, claro!) era um paraíso para as outras formas de comunicação. Ela adorava acordar nesse quarto, em especial antes do dia

nascer e ainda estar escuro, e ver a curva protuberante do ombro ossudo do marido. Gostava de acordar a meio da noite quando Jonathan regressava a casa, ser novamente arrastada para o sono no calor do corpo dele, nessa incerteza estranha e flexível de estar a sonhar ou acordada: amor num ambiente liminar, alimentado pelo sono REM e pelo desejo e a privacidade adulta do quarto conjugal. Quando Henry era pequenino dormia no meio dos dois, primeiro porque ela o tinha posto lá, com muito, muito cuidado para se certificar, na sua ansiedade de recém-mãe, que ele se mantinha vivo durante toda a noite, e mais tarde porque ele ia para lá sozinho. Pouco depois, contudo, Jonathan insistira para que ele fosse para o seu próprio quarto ao fundo do corredor, um quarto que em tempos ela tinha pintado com um padrão de lua e estrelas sem género específico e que entretanto tinha sido pintado por cima. Fora por volta dessa altura que ela fizera um esforço consciente para mudar o quarto deles. Para além da cama, que ela sempre adorara, e do toucador, de que não gostava mesmo nada, mas que mantinha porque a recordava da mãe, tudo o que era do tempo dos pais dela tinha sido alterado, desde o soalho de madeira (mantido em excelentes condições graças à alcatifa bege com a qual ela tinha crescido) ao verde brilhante das paredes. Quando a decoradora que Grace tinha contratado se mostrara horrorizada com o tecido que ela tinha escolhido para os cortinados, Grace despedira-a e contratara uma costureira sem opinião. Jonathan, da parte dele, comentara que tanto lhe fazia, desde que ela estivesse satisfeita.

E ela estava satisfeita. Sentia-se muito feliz ali, nesse quarto, na vida dela. Feliz o suficiente para achar que podia explicar aos outros como poderiam ser felizes na vida deles. Nunca fora a mais rica nem a mais bonita. Não era a mais sortuda. Às vezes ainda pensava — não com muita frequência, porque ao fim desses anos todos ainda sentia uma certa mágoa — nos bebés que tinham começado por ser dela e que por algum motivo nunca tinham chegado a existir. Às vezes ainda pegava no telefone para ligar a Vita mas depois detinha-se, sentindo uma rejeição desconcertante mas ainda bastante dolorosa, pois nunca tinha percebido por que motivo já não eram amigas. Ela continuava a sentir falta da mãe. Mas a maior parte do tempo mal podia acreditar que estava a viver essa vida, na companhia desse homem fantástico e sensível para o qual ela continuava a olhar e a pensar: «Quero-o» como se não o tivesse já, bem como o filho lindo e inteligente de ambos, nesse apartamento onde ela era filha, esposa e mãe, tudo em simultâneo. A verdade nua e crua era que tinha sido bastante afortunada e Malaga Alves, que agora regressava ao pensamentos de Grace — na cama dos pais dela, no seu quarto conjugal, com o filho em segurança, a fazer os trabalhos de casa ao fundo do corredor — tinha sido precisamente o contrário.

Grace abriu o portátil e começou a descobrir o que toda a gente parecia

já saber. Previsivelmente, o *site* do *Times* não tinha nada sobre o homicídio de uma mulher cujo filho por acaso frequentava uma escola privada de Manhattan altamente conceituada, mas tanto o *News* como o *Post* tinham pequenos artigos, escritos de uma forma tão idêntica que deviam ter sido elaborados pela mesma pessoa. Na versão do *Post*:

«A elegante Upper East Side Rearden Academy...»

«*Sic!*», pensou Grace.

«está em estado de profundo choque com a morte de uma mãe do quarto ano. Segundo a Polícia, Miguel Alves, de 10 anos, regressou a casa e deparou-se com Malaga Alves, 35 anos, morta no apartamento coberto de sangue.»

«Coberto de sangue?», pensou Grace. Por isso é que ela só lia o *Times*.

«Uma menina pequena, também encontrada no apartamento, estava ilesa. A Polícia ainda não conseguiu entrar em contacto com o marido de Alves, Guillermo Alves, 42 anos, natural da Colômbia. Alves é gerente da Amsterdam Printing, no número 110 da Broadway, um dos serviços de tipografia mais antigos e bem-sucedidos do Distrito Financeiro. Rearden Academy é uma das principais escolas da cidade de preparação para a faculdade, enviando de forma consistente os seus alunos finalistas para as universidades de Ivy League, de Stanford e de MIT. As propinas da Rearden Academy rondam aparentemente os 30 000 e os 48 000 dólares anuais, dependendo do ano escolar a que correspondem. Entre os atuais alunos de Rearden encontram-se os filhos do magnata dos meios de comunicação social Jonas Marshall Spenser e o fundador do Aegis Hedge Fund, Nathan Friedberg.

Pessoas com qualquer informação relacionada com este caso, ou com outro caso com a investigação a decorrer, são encorajadas a ligar para Crime Watch, número 1-888-692-7233.»

«E foi tudo o que a pessoa escreveu», pensou Grace. Não havia muita coisa. Certamente não o suficiente para criar um escândalo. Ainda assim, ela lia a revista *New York* há tempo suficiente para saber que essa, pelo menos, era pouco provável que passasse ao lado do homicídio de uma mãe de Rearden, em especial com um apartamento «coberto de sangue». Mesmo que se viesse a descobrir — como, sejamos realistas, de certeza

tinha acontecido — que o convenientemente incontactável Guillermo Alves tinha despachado a mulher por algum dos motivos típicos e habituais (ciúmes, vício, problemas financeiros, adultério), a perspectiva de um drama de faca e alguidar inserido no contexto elitista de Manhattan era demasiado bom para deixar passar.

Não havia muito mais, apenas algumas questões deixadas no *site* UrbanBaby («Alguém sabe alguma coisa sobre a mãe de Rearden que foi assassinada?»). Uma pesquisa no Google com o nome «Malaga Alves» produziu resultados básicos; Malaga era claramente uma pessoa com aquilo que J. Colton, a agente publicitária, teria apelidado de «uma presença *online* insignificante». (A própria Grace tinha tido «uma presença *online* insignificante» antes de J. Colton lhe ter posto as mãos virtuais em cima. Agora Grace tinha um *website*, uma conta Twitter por estrear e uma página no Facebook, felizmente tudo gerido por uma jovem na Carolina do Norte, contratada pela agente.) Ao perscrutar os resultados obtidos pela pesquisa no Google e vendo a construção «Malaga + Alves» dividir-se rapidamente nas suas partes (**Malaga** Espanha, **Malaga** Rodrigues, Celeste **Alves**, Serviço de Alugueres **Malaga**/Agência José **Alves** Casas de Férias com Cozinha...), ela ficou admirada por sentir uma espécie de validação do seu próprio distanciamento perante os termos de pesquisa e da pessoa que eles representavam nominalmente. Não conhecia ninguém chamado Malaga Rodrigues ou Celeste Alves. Nunca tinha ido a Málaga, em Espanha, e se alguma vez decidisse lá ir, jamais alugaria uma casa de férias com cozinha.

Como era evidente, o marido já devia estar bem longe dali. De regresso à Colômbia, possivelmente, tendo deixado os filhos para trás como o homem fantástico que pelos vistos era. Mesmo que o encontrassem, o mais certo seria não o trazerem de volta, ou então, se o fizessem, esse processo iria demorar vários anos. Não haveria nada que se assemelhasse a justiça e até custava a imaginar o que seria dos filhos. A bebé até podia ficar bem, se fosse adotada ou mesmo entregue à família de acolhimento certa, mas o filho, Miguel, jamais recuperaria do que tinha visto e do que lhe tinha sido feito. Estava perdido — pura e irremediavelmente perdido. Não era preciso ser terapeuta para perceber isso. Nem tão-pouco era preciso ser mãe.

Com esse pensamento, ela começou a compreender melhor os detetives da Polícia. Devia ser frustrante saber que o principal suspeito de ter assassinado a vítima já se encontrava longe do alcance deles e o mais certo seria assim permanecer, e tudo o que podiam fazer era andar às voltas com o que restava da vida extinta dela, rondando inutilmente a periferia. Tanta água e nem uma gota para beber! Ao pensar nisso, Grace desejou ter algo, qualquer coisa, para lhes dizer que os pudesse ajudar. Mas não tinha.

Acima de tudo, porém, desejava que Jonathan estivesse ali. Jonathan,

tão versado nas inúmeras variantes da morte, saberia o que lhe dizer, como mitigar essa pontada inexplicável de culpa que ela sentia desde a conversa que tinha tido com Sylvia. (Mas porquê? O que deveria ter feito, entrado na vida de uma estranha e dito: «É casada com um homem que pode vir a matá-la? Nesse caso, precisa da minha ajuda para o deixar?») Desejava que ele ouvisse rapidamente as mensagens. Ou que ligasse, simplesmente. Ou que pelo menos não se alienasse por completo quando se ausentava para ir a conferências. De que servia existirem tantas formas de comunicação se não era possível entrar em contacto com a pessoa?

Ela tinha preferência pelo telefone. Era o seu meio de comunicação favorito. Mas Jonathan tinha avançado com os tempos, primeiro para o *email* e depois para os SMS. Talvez tivesse mais sorte com isso, decidiu ela, navegando no portátil até à sua conta de *email*. Utilizavam o *email* essencialmente para o tipo de comunicação básica e prática sem grande impacto na vida pessoal deles enquanto família, mas que era útil para um determinado tipo de lembrete («Por favor tenta chegar antes das sete, logo à noite, sabes que a Eva se passa se não nos sentamos à mesa a horas...») ou para alterações de última hora («Tenho uma situação com um paciente. Podes levar o Henry à aula de violino?»). As circunstâncias atuais encaixavam-se obviamente no âmbito do *email*. Ela introduziu o endereço do marido e na caixa do assunto escreveu um incisivo «Mulher Procura o Marido». Depois escreveu:

Amor, importas-te de me ligar? Preciso de saber quando é que voltas, para poder dizer à Senhora Dona E se vais lá jantar amanhã à noite ou não. E também aconteceu uma coisa na Rearden que não tem nada a ver com o Henry, mas, nem vais acreditar, a Polícia esteve cá para falar comigo sobre o assunto e tudo. É tão estranho e tão terrível. Ah, e sabes uma coisa? Hoje dei uma entrevista para a *Today!* Amo-te, G.

E enviou-a.

E depois ouviu esse som, uma espécie de trago tecnológico, uma vez e depois outra, e outra ainda. Era um som que fazia parte da banda sonora da vida dela ou pelo menos da sua vida de casada, porque quando se casa com um médico, pelo menos o tipo de médico que tinha — sempre — pacientes doentes no hospital e pais desses mesmos pacientes doentes que jamais podiam pensar que não tinham o direito de entrar em contacto com o médico do filho doente, um som que tinha, no seu tempo, interrompido jantares com Jonathan, concertos com Jonathan, passeios e dormidas com Jonathan, e inclusivamente o ato de fazer amor: *clique/glup, clique/glup, clique/glup* e depois silêncio. Significava: *Alguém acaba de enviar um email ao teu marido.*

Ela olhou na direção do som e só viu a familiar mesa de cabeceira de Jonathan, com o candeeiro branco feito de cerâmica (gêmeo do dela), a edição da semana anterior da *New Yorker*, um CD de Bobby Short (*At Town Hall*, um dos favoritos dele) e um dos vários pares de óculos de leitura que ela costumava comprar-lhe (os mais baratos, comprados na farmácia, porque ele os perdia ou estragava com demasiada regularidade para ter uns caros). Mas nenhum desses objetos tinha feito esse som e ela tinha-o ouvido — estava certa de que sim. Não sabia o suficiente para ficar receosa. Porquê ficar receosa com um som familiar num lugar familiar, ainda que não fizesse muito sentido tê-lo escutado?

Grace pôs o portátil de lado. Levantou-se da cama e ajoelhou-se ao lado da mesma, ignorando o latejo que a havia acometido, tão de repente e com tanta força que, se o cérebro dela tivesse conseguido formular algum pensamento, o barulho não a teria deixado ouvi-lo. Abriu a porta da mesa de cabeceira e viu as coisas habituais: três pastas volumosas forradas a pele cheias de *jazz* e *rock* e *vintage pop* Brill Building e «*didgeri-don'ts*», bem como algumas ementas para encomendar comida e um programa dobrado do último recital dos alunos de Vitaly Rosenbaum. Tinha sido uma ilusão, uma ilusão mecânica, que não significava nada exceto, talvez, o facto de ela estar com saudades do marido e — isso era algo que acabava de lhe ocorrer — não estar completa e totalmente convencida de que sabia exatamente onde é que ele se encontrava. E, contudo, se isso fosse verdade, se ela estivesse realmente convencida de que tinha imaginado o som, esses clique e glup que significavam «alguém acaba de enviar um *email* ao seu marido», então porque é que estendeu a mão para agarrar e depois retirar primeiro uma e depois outra pasta, para espreitar por trás e ver o que não estava preparada para ver: a imagem terrivelmente familiar do *BlackBerry* de Jonathan, com o sinal de bateria fraca a piscar num frenesim mudo e a luz verde das mensagens que indicavam — como se ela precisasse que lhe dissessem — que alguém tinha acabado de enviar um *email* ao seu marido.

8 Trocadilho com as palavras *do* e *don't*, «fazer» e «não fazer», respetivamente, aqui no sentido de «tocar e não tocar». (NT)

CAPÍTULO NOVE

MAS QUEM É QUE OS OUVES?

E lá surgiu o fim do mundo, agora com uma ribombante linha de fundo de receio ligeiro. Ela tinha fechado a porta da mesa de cabeceira perante esse desconcertante telemóvel, trancando-o como se ele pudesse tentar escapar, e depois passou o resto dessa noite pavorosa sentada em cima da cama, às voltas com o lamaçal que se havia formado diante dela, as partes felizmente ainda separadas, embora graves o suficiente só por si: qualquer coisa sobre Jonathan, qualquer coisa mais sobre uma quase estranha que tinha sido assassinada e qualquer coisa que envolvia a Polícia. Henry foi para a cama por volta das dez horas, tendo primeiro vindo dar-lhe um abraço, que ela retribuiu com uma alegria fingida, na esperança de que o filho não a sentisse a tremer. Horas depois, Grace continuava acordada.

Ela tinha algumas opções, claro. Podia ligar a Robertson Sharp III (mas a quem há anos Jonathan chamava «Robertson Sharp-a-Poia⁹» ou às vezes simplesmente «A Poia») e explicar-lhe que Jonathan — «Que cabeça no ar!» — tinha deixado o telemóvel em casa e se haveria alguém do Memorial na conferência a quem ela pudesse ligar? Ou podia ligar diretamente para o local da conferência, se conseguisse descobrir exatamente como é que se chamava e onde é que era exatamente — sendo que «pediatria oncológica em Cleveland» era demasiado generalista. Podia telefonar a Stu Rosenfeld, que estava a substituí-lo no hospital, mas isso seria o mesmo que emitir um comunicado a dizer que a mulher de Jonathan Sachs não fazia ideia onde é que o marido andava e que estava a passar-se completamente.

Não estava. A passar-se. Completamente.

E, contudo.

A mente dela não parava de recuar à manhã de segunda-feira, o revezamento habitual envolvendo o café e o pequeno-almoço de Henry (o único que tomava o pequeno-almoço em casa) e o processo diário que — ela mal conseguia recordar-se — tinha implicado, no caso dela, atender pacientes até às quatro da tarde, depois a aula de violino de Henry, a marcação de uma consulta no dentista para Jonathan, para que ele pusesse finalmente uma coroa permanente no dente de baixo, que tinha partido no ano anterior quando tropeçara e caíra de encontro às escadas do hospital.

E não tinha havido também um plano qualquer em relação ao jantar, em que um deles tinha ficado de comprar qualquer coisa no caminho para casa? Cleveland, pensou ela agora, revendo-o vezes sem conta na sua mente, não tinha feito parte dos planos para esse dia — a não ser que ele tivesse planeado partir mais tarde? Depois de ter jantado com os dois? Talvez, no decorrer desse dia, ele tivesse decidido que era má ideia, que um jantar raro em casa com a família não era o suficiente para justificar um voo tardio antes de uma conferência muito cedo na manhã seguinte? Talvez o tivesse decidido à última da hora, verificando as disponibilidades dos voos e indo rapidamente a casa para ir buscar as suas coisas, optando por lhe ligar mais tarde a dar conta da mudança de planos. E tinha realmente ligado, na segunda-feira à tarde, embora ela só tivesse verificado as mensagens no corredor mal iluminado de Vitaly Rosenbaum durante a aula de violino de Henry, razão por que ela e Henry tinham acabado por ir jantar ao restaurante cubano na Broadway. A mensagem em si fora tão banal: «Estou a caminho do aeroporto, para a tal conferência. Não me recordo do nome do hotel, está na minha mala algures. Até daqui a dois dias. Amo-te!» Ela nem sequer a tinha guardado — a que propósito o faria? Ele tinha partido numa viagem de dois dias. Era habitual ir a conferências e elas costumavam ser em cidades na região Centro-Oeste, onde existiam hospitais importantes como Cleveland Clinic — em Ohio — ou Mayo Clinic — que ficava em... Minnesota? Ela não se lembrava de todos, mas por que razão havia de se lembrar? Não era como se os habitantes de Nova Iorque tivessem de ir a outro estado para obterem os melhores cuidados médicos. Além do mais, ele ligar-lhe-ia ou ela ligar-lhe-ia a ele — quer estivesse na China ou ao virar da esquina, a pessoa ligava para o mesmo número e a mesma pessoa — o marido — atendia.

Mas depois Jonathan tinha-se esquecido do telemóvel.

Ou não, ele não se tinha propriamente esquecido. Uma coisa que ela agora percebia, com uma clareza brutal, era que o telemóvel de Jonathan não podia ter sido esquecido no sítio onde ela o tinha encontrado — enfiado atrás das pastas forradas a pele na mesa de cabeceira dele. Ninguém se «esquecia» de um objeto fundamental como um telemóvel num sítio de acesso tão pouco conveniente.

A estranheza desse facto era algo que não lhe saía da cabeça.

Planificação para esse dia: certo.

Mudança de planos: certo.

Esquecer inadvertidamente o telemóvel, depois de ter comunicado a mudança de planos à pressa: tudo bem.

Mas deixar o telemóvel na parte de trás da mesa de cabeceira, atrás das pastas de pele?

Nada disso fazia sentido. A questão era que Jonathan *gostava* de ligar para ela. Uma vez tinha-lhe dito que o som da voz dela, incluindo a sua

versão profissional no telefone fixo do consultório, transmitia-lhe segurança e tranquilidade, e ela tinha ficado bastante sensibilizada. Sabia — sempre soubera — que ele a via como a sua «verdadeira» família mais ou menos desde que se tinham conhecido. Sabia que lhe proporcionava a segurança e a sensação de pertença que eram tão importantes na infância, mas que Jonathan nunca tinha experimentado na família de origem. O facto de, após um começo tão pouco promissor, ele se ter tornado uma pessoa com tantas nuances, dedicada e cheia de entusiasmo, dizia tudo o que ela precisava de saber em relação à pessoa que ele era.

Mas enquanto pensava nisso, veio-lhe à cabeça outra coisa. Ou outra pessoa. Uma mulher que anos antes tinha estado sentada no sofá do seu consultório — o mesmo sofá que continuava a ter, mas num consultório diferente, o primeiro em Manhattan, na York, nos números 80 do Upper East Side. Nessa altura tinha começado a exercer, acabada de sair do estágio e de baixo da saia excessivamente claustrofóbica de Mama Rose, e essa mulher, essa paciente... Grace não se lembrava agora do nome dela, mas lembrava-se do pescoço dela, que era forte e comprido, bastante invejável, aliás. A mulher tinha aparecido sozinha, mas não para falar sobre ela própria. Só queria conversar sobre o marido, um advogado polaco que trabalhava como auxiliar jurídico e que ela tinha conhecido primeiro no ginásio perto da casa dela e depois no seu café favorito, onde o homem tinha partilhado, no decorrer do breve namoro deles, a história terrível da infância dele, um rol de privações e abandonos capaz de perturbar o misantropo mais resistente. Ter sido proveniente de uma família quase analfabeta e ter conseguido ingressar na faculdade, depois ter emigrado sozinho e ter chegado aos Estados Unidos sem um tostão no bolso e com um curso de Direito absolutamente inútil, para depois ser obrigado a trabalhar com advogados mais novos e menos qualificados do que ele, ter partilhado um apartamento pavoroso em Queens que mais se assemelhava a um dormitório e ser constantemente ameaçado com a deportação — bem, tratava-se de uma história verdadeiramente terrível. Até ela o ter salvado com amor, o casamento e as ferramentas necessárias para salvaguardar as credenciais profissionais dele. Essa mulher tinha respondido algo uma vez, quando Grace sugerira, com diplomacia, que talvez ela não conhecesse esse homem tão bem como pensava. «Lembre-se de onde ele veio e o que ele é hoje», dissera-lhe a mulher, com os músculos do belo pescoço contraindo-se em sinal de ressentimento. «Isso é tudo o que preciso de saber.»

Ele nunca tinha aparecido para uma sessão de terapia, recordou Grace. Sendo polaco, explicara-lhe a mulher, ele simplesmente não acreditava em terapia. Depois a mulher também deixara de aparecer. Anos mais tarde, Grace cruzara-se com ela na Eli, na Third, no balcão dos queijos, e reapresentara-se com alguma cautela. A mulher continuava a

morar no mesmo apartamento minúsculo, mas agora estava a criar uma filha sozinha. O marido polaco tinha saído de casa logo após o nascimento da menina, tendo mandado vir e casado com uma mulher que tinha conhecido antes de ser emigrante, e tinha contratado um associado para a sua nova firma de advocacia para o representar no divórcio. E sim, tinha conseguido garantir uma compensação pela sua dor e sofrimento.

Grace deixou-se ficar sentada, imóvel.

Uma sirene ecoou em Park Avenue. Ela puxou a manta até aos ombros. Não tinha conseguido voltar a abrir o portátil. Imaginava-se a escrever palavras como «pediátrica», «Cleveland», «oncologia» e «conferência», mas por alguma razão não era capaz de o fazer. Além do mais, a situação acabaria por se esclarecer de alguma maneira. Ela tinha-se deixado levar por uma espiral de ansiedade, nada mais. Já o tinha visto acontecer centenas de vezes no seu consultório e, claro, às vezes era fundamentado. Muitas vezes era fundamentado. Mas nem sempre. Nem sempre.

E na verdade, pensou Grace com uma espécie de sensação de alívio, isso tinha acontecido antes, sem grandes consequências. Há muitos anos, logo no início do casamento deles, ela lembrava-se — e sim, a experiência vinha-lhe agora à mente, o mesmo sobressalto de pânico disperso, e para quê! — que tinha havido um incidente ligeiramente parecido com esse, quando ela tinha estado cerca de um dia sem saber do paradeiro de Jonathan. Na altura ele era médico internista e, claro, os médicos internistas, a fazerem turnos de trinta e seis horas, desapareciam durante longos períodos de tempo no hospital, emergindo no final completamente exaustos e desorientados e tipicamente pouco comunicativos. Tinham sido tempos antes dos onnipresentes telemóveis, pelo que quando a pessoa desaparecia, desaparecia por completo: não havia bipes no radar, nem rastros de migalhas na floresta. Era irónico, pensou ela, que talvez fosse melhor para toda a gente quando não se conseguia entrar em contacto com ninguém. Ela jamais permitiria que Henry andasse sem telemóvel — sem, para ser realmente sincera (e se tal coisa fosse possível!), um localizador GPS implantado —, mas há quinze anos as coisas não lhe tinham parecido tão assustadoras quando Jonathan tinha desaparecido do mapa durante uns dias, sem responder aos recados que ela tinha deixado no hospital e mais tarde no atendedor de chamadas dele. Ainda estavam casados há muito pouco tempo e ambos tinham horários de loucos, pelo que ela tinha demorado algum tempo para se aperceber de que não fazia ideia onde é que ele andava. Estava convencida de que conhecia de cor os turnos dele e que sabia quando é que ele entraria a cambalear no apartamento deles na 65th, deixando-se cair em cima da cama de casal no quarto minúsculo, por isso quando ele não tinha aparecido, ela passara a maior parte do dia a tentar adivinhar o que se passava e depois mais umas horas a deixar

recados. Teria ido substituir alguém, acumulando mais um turno em cima do que já tinha completado? Talvez estivesse demasiado cansado para ir para casa e tivesse adormecido num dos quartos do hospital, criados para o efeito após o fiasco de Libby Zion, em que a morte de uma adolescente tinha sido — correta ou incorretamente — atribuída ao cansaço de um médico internista que não dormia há várias horas. Ironicamente, com menos formas de entrarem em contacto um com o outro tinha sido muito mais fácil ele convencê-la de que estava tudo bem. Tinha sido uma espécie de sensação de aperto pesada e insistente, que tinha redireccionado os pensamentos dela, fossem eles quais fossem nessa época. (No que é que ela pensava nessa altura, antes de ter um filho? Nos assuntos da atualidade? No que cozinhar para o jantar?) Tinha sido bastante desagradável, mas não era nada como agora. Agora era a insinuação crescente, gritante e penetrante de algo que ela se recusava a denominar. Mas a sensação era muito, muito má.

Quanto tempo é que tinha durado, dessa última vez? Um dia e uma noite, depois outro, e a maior parte do terceiro dia até ele ter subitamente aparecido em casa, com um ar — por incrível que parecesse — bastante animado. Ela tinha ficado tão contente por vê-lo. Onde é que ele tinha andado, exigira ela saber. Tinha feito mais um turno?

Sim.

Tinha ficado num dos quartos destinados aos médicos internistas?

Sim, respondera-lhe ele. Tinha, sim.

Não tinha recebido os recados?

Recados? Não, pelos vistos não. A receção do hospital era famosa por não dar seguimento aos recados. Na verdade essa era a função deles, mas era algo tão insignificante no contexto da comunicação fundamental de um hospital de oncologia dessa magnitude que seria de esperar uma percentagem de erro. E sim, no início do dia ele tinha pegado na página de serviço dele e tinha visto o número dela, mas por essa altura já sabia que estaria em casa daí a poucas horas, pelo que não a tinha querido acordar.

Mas *por que motivo* não lhe tinha ligado, inclusivamente antes disso? Porque é que não a tinha posto ao corrente do que tinha acontecido? Não lhe passara pela cabeça que ela iria ficar preocupada?

Por que razão é que ela haveria de ficar preocupada, Jonathan quisera saber. Não era ele que tinha cancro. Ele não era um dos miúdos do hospital, a ser injetado com veneno sob o olhar dos pais chorosos.

Obviamente, ela tinha-se sentido bastante mal com isso. E, claro, tinha ficado envergonhada por se ter enervado de uma forma tão imensa e desproporcionada. Qual era o problema de ele não lhe ligar a toda a hora? Estava ocupado. Tinha crianças pequenas doentes no hospital. A vida dele estava cheia de coisas muito importantes. Ela tinha-o escolhido por essa mesma razão, certo? E, a propósito, o que é que ela tanto receara? Se algo

terrível tivesse acontecido — se, por exemplo, ele tivesse caído para o lado com algo súbito (Ataque cardíaco! AVC! Tumor cerebral!) — então alguém, um dos colegas de Jonathan, ou até mesmo uma das operadoras incrivelmente atarefadas da recepção, teria feito um esforço para entrar em contacto com ela. Não o tinham feito, como tal, não tinha acontecido nada de terrível com o marido dela, como tal, estava a comportar-se de uma forma irracional.

Grace desejou poder recorrer à mesma lógica nesse momento.

Nesse momento ela estava tão concentrada na ideia de que aquilo já tinha acontecido antes e que não significava nada, que tinha acabado por negligenciar a importância de já ter acontecido antes. O que, caso uma paciente dela tivesse cometido esse deslize na sua presença, tê-lo-ia decerto assinalado.

Nunca ocorrera a Grace que Jonathan a poderia deixar. Jamais. Nem todos esses anos antes, por ocasião dessa provação de três dias (e noites) infligida a si mesma. Nem agora. Aliás, nem uma única vez desde o primeiro momento juntos, com o seu próprio suspiro de reconhecimento, desejo e alívio na cave do dormitório da Faculdade de Medicina de Harvard. Em tempos, uma paciente antiga havia-lhe descrito os pensamentos dela ao ver o futuro marido pela primeira vez: «Que bom. Já não preciso de conhecer mais homem nenhum.» E isso tinha feito parte do momento dela também. *Finis!* Tinha pensado ela na altura, embora essa pequena voz pragmática quase tivesse sido abafada pelo desejo imediato e consequente que ela tinha sentido por ele. Toda essa especulação sobre qual o homem que ela deveria amar, casar, com quem procriar e com quem envelhecer — não estivera imune a essas coisas, como era evidente. Mas no que dizia respeito à própria história dela, à história dela com Jonathan, desde o primeiro instante em que o vira que tinha deixado de ser uma questão de «qual» o homem para passar a ser uma questão de ficar com «esse» homem para o resto da sua vida. Jonathan Gabriel Sachs: vinte e quatro anos, com covinhas no rosto, o cabelo encaracolado, despenteado, inteligente, afetuoso e cheio de vida. E só de pensar de onde ele tinha vindo...

A noite dela foi passada dessa maneira, com algum desconforto físico e uma ainda maior agonia psicológica, com alguns períodos de sono breves e pouco reparadores, que terminavam com um espasmo de recuperação total dos sentidos. Às sete da manhã, ela forçou-se a levantar-se da cama e foi preparar Henry para a escola, fazendo torradas e café para ela como se fosse uma manhã perfeitamente normal. Sentia-se invulgarmente impaciente, à espera de que ele terminasse de reunir as coisas dele, o que não fazia sentido nenhum pois já estava a recriar o momento em que o veria a afastar-se para subir os degraus de Rearden e ela voltaria a esses mesmos pensamentos repetitivos.

A diferença na escola tornou-se evidente assim que ela e Henry dobraram a esquina da Lexington, com a presença da carrinha de um canal de notícias (NY1) e de alguns tipos que pertenciam claramente à imprensa parados no passeio ao lado da escola. Como era de esperar, viam-se pais — imensos pais, ou mais concretamente, imensas mães —, pois quem é que deixaria a ama levar os filhos à escola numa ocasião tão importante como essa? As mães envergavam fatos de ioga e camisolas, segurando cães com trelas feitas de cabedal, e estavam todas em amena cavaqueira, espalhadas no passeio e no pátio da escola. Havia tantas mulheres iguais que a visão delas distraiu Grace do seu problema específico, lembrando-a do que estava a acontecer no mundo real — uma mãe morta, crianças magoadas, uma sobrecarga psicológica para os filhos delas e para a escola em geral — e, por uns instantes, quase se sentiu melhor. A situação com o marido dela iria resolver-se, claro, mas não havia como voltar atrás no caso de Malaga Alves e dos filhos dela. Grace apertou o ombro de Henry de forma discreta e mandou-o seguir, depois deixou-se envolver pelo grupinho de Sally Morrison-Golden.

— Oh meu Deus! — exclamou Sally, assim que Grace se aproximou. — Que coisa horripilante.

Segurava um copo grande do *Starbucks* e alternava entre abanar a cabeça e soprar para a superfície do copo.

— Alguém conhecia o marido? — perguntou uma mulher que Grace não conhecia.

— Vi-o uma vez — replicou Linsey das malas *Birkin*, que parecia ainda mais jovem e fresca do que no dia em que tinha despachado Grace da festa de anos do filho com a informação útil de o porteiro poder chamar-lhe um táxi. — A princípio não me apercebi de que era um dos pais. Pensava que ele trabalhava na escola, estão a ver? Acho que lhe disse que o papel higiénico tinha acabado na casa de banho das senhoras.

Por incrível que parecesse, as palavras delas haviam sido proferidas sem qualquer embaraço. Grace, não obstante o facto de, pelos vistos, esse desaparecido Sr. Alves ter matado a mulher, sentiu-se ofendida por ele.

— Na Noite dos Pais? — perguntou alguém.

— Sim. E depois ele entrou na sala e sentou-se, e eu pensei: «Oh! O filho do empregado de limpeza anda na turma do Willie!»

Era óbvio que a situação continuava a diverti-la, pois revirou os olhos:

— É que eu sou do Sul, sabem. Lá as coisas são assim.

«Que coisas?», pensou Grace. Decidiu que não valia a pena prestar-lhe atenção. Em vez disso, lembrou-se de perguntar se alguém teria alguma informação relevante.

— Onde é que estão os miúdos? — perguntou e todas se viraram para ela.

— Quais miúdos? — retorquiu uma mãe da pré-escola.

— Os filhos da Malaga Alves. O Miguel e a bebé.

Elas fitaram-na com uma expressão vazia.

— Não faço ideia — respondeu alguém.

— Com alguma família de acolhimento? — sugeriu outra pessoa.

— Talvez os mandem de volta para o México — disse uma mulher que Grace não conhecia, uma das companhias habituais de Sally.

— Mandaram vir um psicólogo esta tarde — informou Amanda. — Para o quarto ano. Para falar com os miúdos sobre o Miguel. Sei lá, não acham que nos deviam ter perguntado primeiro?

— E perguntaram — disse a mulher cujo nome Grace não sabia. — Não recebeste o *email*? Disseram que se alguém se opusesse, deveria contactar diretamente o gabinete do diretor.

— Ah! — Amanda encolheu os ombros. — Raramente vejo os *emails*. Agora uso o Facebook para tudo.

— Mandaram vir psicólogos para todas as crianças? — perguntou Linsey. — Não me lembro de o Redmond ter falado nisso.

Redmond, o filho mais velho de Linsey, tinha-se tornado o principal *bully* da Internet do sétimo ano e um jovem detestável no geral. O que não era de admirar.

— Não — replicou Amanda, num tom algo arrogante. — Só para o quarto ano. Só para os miúdos da turma do Miguel. Como a Daphne — reforçou ela. — A Daphne disse-me que se sentaram em círculo e que conversaram sobre o Miguel e sobre o que podiam fazer para serem mais simpáticos quando ele regressasse à escola.

— Isso se ele regressar... — disse Sally, apontando o óbvio.

— Meu Deus! — exclamou Linsey, que tinha tirado um par de óculos de sol da sua mala *Birkin* do momento (avestruz fúcsia) e tinha erguido o olhar para os degraus da escola. — Já viram aqueles tipos?

Grace olhou. Os seus amigos do dia anterior, o duo irlandês e hispânico do átrio, estavam a falar com Helen Kantor, o braço direito de Robert Conover, na entrada principal. Nenhum dos homens estava a tirar apontamentos, mas acenavam imenso com a cabeça.

«Mendoza», disse Grace, mas não em voz alta. Mendoza do pescoço gordo.

— Falaste com eles? — optou antes por perguntar.

— Ontem de manhã — retorquiu Sally. — Ligaram para saber sobre a angariação de fundos, sobre o comité e isso. É claro que eu própria lhes teria ligado, mas vieram ter comigo primeiro.

A amiga cujo nome Grace desconhecia disse:

— O que é que lhes disseste?

— Bem, como é óbvio, que ela esteve presente numa reunião do comité em minha casa e o que aconteceu na angariação de fundos no sábado.

«O que é que aconteceu?», pensou Grace, franzindo o sobrolho.

— Como assim? — perguntou Amanda, de forma prestável.

— Bem, não achas relevante ela ter tido dez homens de volta dela em casa dos Spenser? Não me parece que seja insignificante. Não estou a dizer que foi ela que provocou a situação. Não estamos aqui para julgar a vítima — disse Sally, num tom defensivo. — Mas se isso ajudar a descobrir quem foi que lhe fez isto, não achas que é importante?

— Quem é que foi? — Linsey parecia chocada. — Do que é que estás a falar? Foi o marido! Está desaparecido ou não está?

— Bem — disse a mulher cujo nome Grace não sabia —, sabem, pode ter sido uma coisa relacionada com droga. Talvez um cartel de droga andasse atrás do marido e tivesse ido à procura dele e só a encontraram a ela. Por isso é que ele está escondido algures. Afinal de contas ele é do México! Aquilo lá é só violência por causa da droga.

«Não é do México», pensou Grace, de modo severo. «É da Colômbia.» Mas se se tratassem realmente de cartéis de droga, duvidava que elas soubessem qual era a diferença.

Ela já estava a ficar saturada e começou a olhar à sua volta, à procura de um escape. O pátio estava cheio desses grupinhos de mães, todas — calculava ela — a trocar pedaços semelhantes de desinformação. Via-se muito pouco da jovialidade habitual — o que era positivo. Mas, ao mesmo tempo, havia algo bastante desagradável no ambiente geral. As pessoas tinham registado a tragédia, tinham manifestado preocupação relativamente às necessidades dos filhos e agora, ultrapassados esses preliminares, Grace estava a detetar um ambiente de entusiasmo. A carrinha do canal de notícias estava na rua; era obrigada a permanecer fora do recinto da escola, mas elas — as mães — estavam lá dentro. Enquanto grupo, claro, não estavam acostumadas a ter acesso ao interior da escola. Estavam habituadas a ser conduzidas às mesas delas e a que alguém lhes atendesse as chamadas. Estavam acostumadas a que os filhos fossem aceites nas melhores escolas da cidade, a contornar as listas de espera contratando um comprador pessoal e a transpor os portões dos condomínios de alta segurança com um simples acenar de mão ao guarda de serviço. Mas Grace duvidava que muitas delas alguma vez tivessem estado no centro de uma investigação criminal e agora viam-se nessa situação — próximo o suficiente da ação para sentirem a emoção forte da atenção, mas não o suficiente para serem, elas próprias, de interesse para a Polícia. Era uma oportunidade rara para elas, uma perspetiva rara. Estavam a tirar o máximo proveito da situação.

Foi então que alguém disse o nome dela.

Grace virou-se para trás. Sylvia estava ao seu lado. Grace não a tinha visto no meio da multidão.

— Viste o Robert? Ele andava à tua procura.

— Ai sim? — respondeu ela, numa voz indiferente. — Para quê?

Mas depois percebeu o motivo. Robert, compreensivelmente, estava a recorrer aos profissionais de saúde mental entre a comunidade parental para solicitar conselhos. Lamentava que ele não o tivesse feito antes de ter mandado vir psicólogos de fora e ter alarmado toda a comunidade escolar com o tal *email* indecifrável.

— Não faço ideia — retorquiu Sylvia. — Por causa *disto*, imagino eu.

— Calculo que sim — concordou ela. — Bem, se ele quiser posso falar com os miúdos.

— Ele disse que amanhã vai abrir o acesso pelo beco das traseiras — informou-a Sylvia.

O beco das traseiras situava-se entre a rua e o pátio de recreio atrás da escola, e às vezes era utilizado para simulações de incêndio. Grace nunca tinha tido conhecimento de que alguma vez tivesse sido utilizado como entrada alternativa. «Medidas drásticas», pensou ela.

— Oh, tenho a certeza de que não há de piorar mais do que isto — disse ela a Sylvia. — Isto há de acalmar. Não tem nada a ver com a escola.

— Espero que tenhas razão. — Sylvia encolheu os ombros.

Grace deixou a multidão de mães e dirigiu-se para o átrio da escola, depois subiu até ao piso dos serviços administrativos. As paredes da escadaria estavam cobertas de pinturas dos alunos, fotografias de turma emolduradas e cartazes dos musicais e peças de teatro desde o tempo em que Grace havia frequentado Rearden. Ao passar por um deles, olhou inconscientemente para a sua versão pré-adolescente, trajada para a produção do sétimo ano de *Os Gondoleiros* (tinha feito parte do coro), e reparou, talvez pela centésima vez, no quão definido era o seu risco ao meio, muito branco em contraste com as tranças tão escuras. Não se recordava da última vez que tinha feito tranças. Ou risco ao meio.

A pesada porta de carvalho do gabinete do diretor encontrava-se levemente aberta, mas ela bateu na mesma.

— Robert?

— Ah! — ele quase saltou da secretária. — Que bom. Oh, que bom, foi a Sylvia que te encontrou?

— Lá em baixo.

— Ah! — Ainda assim, ele parecia ligeiramente desorientado. — Fecha a porta, por favor.

Ela assim fez, depois sentou-se numa das cadeiras em frente à secretária. Inevitavelmente, parecia-lhe que estava a ser chamada ao gabinete do diretor. Embora nunca tivesse sido, nem como aluna nem como mãe. Fora sempre muito respeitadora e obediente, e o mesmo se podia dizer de Henry.

Após uns segundos em que ele pareceu, curiosamente, ter-se esquecido do motivo por que queria falar com ela, Grace disse, mais para o

auxiliar do que por outra razão:

— Que situação terrível esta.

— Um horror. — Ele sentou-se, mas estranhamente não olhou para ela. — Como é que estás?

Grace franziu o sobrolho:

— Oh, eu estou bem. Mal a conhecia, mas fizeste muito bem em tentar assumir logo o controlo da situação.

Ela não fez referência ao *email*. Se ele quisesse saber se deveria ter tratado do assunto de outra maneira, perguntar-lhe-ia.

Contudo, ele não perguntou. Aliás, não parecia querer perguntar fosse o que fosse.

Por fim, ela disse:

— Queres que fale com os miúdos? Não costumo trabalhar com crianças, mas se for preciso não me custa nada ajudar.

Robert olhou-a diretamente nos olhos, pela primeira vez.

— Grace — disse ele —, sabes, a Polícia esteve aqui.

Ela endireitou-se na cadeira.

— Bem, já calculava isso. Calculava que tivessem vindo contar-te o que aconteceu. — Ela proferiu as palavras com cautela. Deliberadamente. Mas ele continuava a fitá-la como se estivesse a tentar compreender algo. «Estará a perder o juízo?», pensou ela. Estava tão diferente do Robert simpático, bem-sucedido e ligeiramente embriagado com quem ela tinha conversado no sábado à noite. Quantos dias teriam decorrido desde então? Ela contou-os. Não muitos. Ele parecia traumatizado. Bem, recordou ela a si mesma, era perfeitamente natural.

— Tivemos uma série de conversas, para dizer a verdade.

— Sobre o filho dela? — Grace franziu as sobrancelhas. — O Miguel?

Ele acenou com a cabeça. Um raio de sol matinal apanhou-lhe o cabelo, mas da forma errada, fazendo cintilar o escalpe por baixo. «Pobre Robert», ela não conseguiu evitar de pensar. «Estás a perdê-lo depressa de mais. E até tens uma cara bonita.»

— Estavam muito interessados no acordo financeiro do Miguel com a escola — disse Robert. — Na bolsa de estudo dele.

— Que estranho — respondeu ela, ao mesmo tempo que pensava: «Tal como esta conversa.» — Quer dizer, porque é que haviam de estar interessados na bolsa dele?

Robert franziu os lábios, fitando-a. Parecia genuinamente desorientado.

— Grace — conseguiu dizer por fim —, espero que compreendas que tenho de colaborar inteiramente com a Polícia. Posso não perceber a metodologia, mas não estou a controlar esta situação.

— Certo — replicou ela, perplexa. — Eu... não estou a ver em que é que o sistema de atribuição de bolsas da escola possa ser relevante, mas, como disseste, eles é que mandam.

— A bolsa de estudo do Miguel não foi um processo convencional. Ou seja, não foi processado pelas vias habituais.

«Oh, meu Deus!», pensou ela, revertendo abrupta e precipitadamente à adolescente que vivia dentro de si. «Estou-me a borrifar para isso!» Em seguida, e porque não tinha uma resposta racional para lhe dar, limitou-se a erguer as mãos no ar.

Agora ele olhava-a simplesmente. Olhava e olhava, como se também ele tivesse perdido o fio à meada dessa conversa indescritivelmente bizarra. Ela estava no gabinete dele há quantos minutos? E continuava sem fazer ideia por que motivo ele tinha querido falar com ela. E o ambiente começava a ficar cada vez mais pesado. Sinceramente, preferia estar lá em baixo, ainda que entre as outras mãos assustadas.

— Ora bem — disse ela, por fim —, querias falar comigo por causa dos alunos, era? Tenho a manhã quase toda preenchida, mas posso passar cá logo à tarde.

— Oh!... — Ele endireitou-se na cadeira e esboçou um sorriso tenso. — Não. Agradeço-te imenso, Grace, mas penso que temos gente mais do que suficiente.

Ela encolheu novamente os ombros e pensou: «Bem, *Okay!*, nesse caso...»

E foi-se embora. E desejou ter-se poupado de todo esse episódio. Agora não estava nada confiante em relação a Robert e, pela primeira vez, ficou preocupada com a forma como ele estava a aguentar-se sob pressão. Talvez quisesse pedir ajuda para si mesmo, ocorreu-lhe, passando novamente pela fotografia dela vestida de gondoleira com tranças. Talvez fosse isso que ele tivera tanta dificuldade em verbalizar. «Estou completamente avassalado com o que aconteceu. Posso desabafar contigo?» De repente, ficou tão preocupada com ele e sentiu-se tão culpada que parou de andar, com a mão no corrimão, e voltou a olhar para cima, para o sítio de onde tinha vindo.

Mas não podia voltar lá. Mais do que tudo, queria sair dali. E apanhar ar. Precisava de ar fresco.

Saiu pelo portão da frente, virando para este e percorrendo uma rua cheia de árvores, depois rumo a sul na Third, dirigindo-se, calculava ela, para o seu consultório na 76th. Contudo, os seus primeiros pacientes só chegariam dali a quase uma hora e quando ela pensava em ir para lá e ficar sentada sozinha em silêncio (ou pior ainda, abrir o computador outra vez), percebeu que estava com receio. O telemóvel, que verificava de dez em dez minutos, continuava sem revelar nada, ou pelo menos nada que não fosse exasperante. Um alerta de notícias da CNN sobre um tremor de terra no Paquistão, a oferta de uma loja de que nunca tinha ouvido falar sobre um produto que não queria, uma atualização de Rearden para informar os pais de que os psicólogos estariam disponíveis para reunir com eles no refeitório

do pré-escolar depois das três da tarde, para «discutir qualquer questão relacionada com o bem-estar dos vossos filhos». «Tornámo-nos tão narcisistas!», pensou ela, perplexa e furiosa. «Que pessoas tão incrivelmente sensíveis e tão incrivelmente importantes nós somos! Se estou preocupada com o bem-estar no meu filho? O que me preocupa é que existem pessoas no mundo capazes de matar mulheres e de as deixarem em apartamentos “cobertos de sangue” para depois os filhos as encontrarem. Penso que isso não deve ser nada bom para as crianças. É capaz de lhes causar alguns “problemas”. É capaz de ser um sintoma de “disfuncionalidade” na família e de ser “traumático”.

E ainda por cima não sei onde anda o meu marido.»

Ela chegou ao consultório cerca de dez minutos antes da hora marcada dos primeiros pacientes e procedeu à sua rotina habitual: acendeu as luzes, inspecionou a casa de banho, encheu a caixa de lenços de papel e deu uma última olhadela à agenda para esse dia. Parecia haver uma temática recorrente, pensou ela, dando uma vista de olhos pelas marcações na sua agenda. O casal que estava prestes a chegar tinha-se separado no ano anterior após o caso amoroso do marido e depois tinha tomado a decisão prudente e determinada de tentar a reconciliação, apesar de Grace (embora aplaudisse o esforço deles) não acreditar que o marido, um argumentista, conseguisse realmente deixar de andar atrás de outras mulheres. Depois deles chegaria a mulher cujas «experiências de faculdade» do marido com outros homens haviam regressado para os atormentar a ambos, tornando-se o aspeto predominante das sessões. Hoje ela viria sozinha e apesar de Grace, por norma, não aceitar ver o casal separadamente, tinha a certeza absoluta de que as sessões em conjunto tinham cessado por completo e que a mulher iria querer continuar a ser paciente dela depois de eles se terem formalmente divorciado. E depois disso atenderia uma paciente mais recente, cujo noivo tinha sido preso por desvio de dinheiros numa empresa onde ambos trabalhavam e que agora se encontrava numa situação delicada.

Mais tarde deveria ir jantar a casa do pai.

Não sabia onde é que estava Jonathan.

Abriu o *email* e escreveu o endereço dele. Exasperava-a o facto de o estar a fazer, de ter de lhe pedir para entrar em contacto com ela. Sim, ele às vezes era distraído. Ao longo dos anos tinha-se esquecido de vários compromissos, reservas para jantar, recitais de violino e sem dúvidas coisas parvas como o Dia da Mãe e o Dia dos Namorados, dias que tinham sido criados com o intuito de vender chocolates e postais. Mas tinha havido sempre uma justificação, uma justificação que a deixava embaraçada por ter exigido uma justificação — como, por exemplo, uma criança a morrer com cancro.

«Jonathan», teclou ela, «por favor entra em contacto comigo DE

IMEDIATO. Isto é, ASSIM QUE LERES ISTO. O Henry está bem», escreveu ela, sentindo-se culpada pelo susto que ele iria apanhar ao receber essa mensagem em particular. «Liga-me assim que puderes.»

E enviou-o para o éter dos *emails*, esperando encontrá-lo onde quer que ele estivesse, na cidade da região Centro-Oeste onde quer que a conferência de pediatria oncológica estivesse a decorrer. Mas seria mesmo uma conferência de pediatria oncológica? Talvez ele lhe tivesse chamado isso porque o interesse dele era na pediatria oncológica, mas a conferência em si podia ser de pediatria em geral ou oncologia em geral ou mesmo algo meramente adjacente a uma dessas duas coisas. Podia ser... uma conferência sobre medicamentos à base de anticorpos ou sobre tecnologias genéticas, ou um encontro sobre medicina paliativa ou mesmo alternativa. Bem, sobre medicina alternativa talvez não. Ela não imaginava Jonathan a querer assistir a uma conferência de medicina alternativa; tal como praticamente a maioria dos médicos com quem trabalhava, estava firmemente vinculado à medicina clássica. Grace tinha conhecimento de uma única colega dele que revelara algum interesse no que a própria havia apelidado de «estratégias de cura paralelas» e tinha deixado Nova Iorque há muito tempo, para ir exercer algures — tanto quanto Grace se recordava — no Sudoeste norte-americano.

Não, mas a questão era que tudo isso podia ser culpa dela, culpa da sua distração motivada por... bem, um sem-fim de coisas. Pelo trabalho no geral, pelo filho, pela angariação de fundos e pelo livro, santo Deus! Ela podia muito bem ter pegado em conceitos separados como pediatria... oncológico... um estado no centro do país e por alguma razão ter criado o conceito completo de uma conferência de pediatria oncológica em Cleveland. «Seria mesmo típico meu!», pensou ela, quase com jovialidade.

Mas na verdade não era. Típico dela. E nunca tinha sido.

Chegou o casal de pacientes. Quando Grace lhes perguntou como tinha corrido a semana deles, o marido iniciou um monólogo maldoso sobre um produtor que tinha comprado o argumento dele no ano anterior e que agora parecia pouco inclinado a passá-lo para o cinema. A mulher, com uma expressão séria e bastante tensa, estava sentada na outra ponta do sofá enquanto ele continuava a falar, fazendo convergir muitas das suas outras irritações e ressentimentos num ponto de apoio crescente: a assistente do produtor, com um comportamento passivo-agressivo, que obviamente não compreendia a vantagem de ser simpática para com as pessoas que estavam a subir na vida; e o próprio agente dele, que tinha demorado quatro dias para retribuir uma chamada, embora tivesse sido visto a almoçar no Michael's no segundo dia e, como tal, não estivesse propriamente às portas da morte, incapaz de premir as teclas do telemóvel.

Grace — a ouvir, mas sem ouvir, não verdadeiramente —, com a cabeça a andar ligeiramente à roda, acenava sempre que ele fazia uma

pausa para respirar, mas não era capaz de o interromper e sentia-se mal por isso. Havia uma piada, entre os alunos do curso de mestrado dela, e à qual na altura não tinha achado muita piada, sobre dois psicoterapeutas que há vários anos apanhavam o mesmo elevador para consultórios adjacentes: para cima no início do dia e para baixo no final do dia. Um era muito sério, deprimido e carregava consigo os fardos dos pacientes dele. O outro andava sempre bem-disposto. Um dia, após vários anos dessa disparidade, o terapeuta sério disse para o colega: «Não compreendo. Os nossos pacientes têm tantos problemas na vida deles. Como é que consegue ouvi-los o dia inteiro e continuar assim tão bem-disposto?»

A resposta do outro homem: «Mas quem é que os ouve?»

Ela tinha-os ouvido sempre.

Mas nesse dia, nesse momento, não era capaz. Não conseguia *ouvir*.

A mulher mexia-se no lugar, visivelmente mais irritada a cada maledicência proveniente da outra ponta do sofá. A atriz que devia estar a pensar aceitar o papel mas que era claramente demasiado velha para ele. O aluno obcecado por Tarantino da aula de escrita de argumentos que ele lecionava que se tinha queixado dele no Facebook, dizendo que ele não era qualificado o suficiente visto nunca ter feito nenhum filme. A irmã da mulher, que insistia que fossem todos passar o Natal à merda do Wisconsin nesse ano, o que era absurdo porque ela nem sequer gostava deles e tinha sido sempre uma grande cabra para a irmã mais velha, a mulher dele, por isso se ela pensava que eles iriam gastar uma fortuna em bilhetes de avião e passar o dia mais concorrido do ano enfiados num aeroporto estava redondamente enganada.

— Sim? — disse Grace.

A mulher exalou, com muito cuidado.

— Isto é tudo por causa da mãe da Sarah — continuou o marido. — Ligou à Sarah aqui há uns meses e disse-lhe para trazer a Corinne de volta para Madison, para morar com ela. Como se a minha família lhe dissesse respeito.

— Steven... — disse a mulher dele, num tom de advertência.

— Mas a minha mulher recusou-se educadamente a fazê-lo. Porque é minha *mulher* e a Corinne é a minha *filha*. E quaisquer problemas que tenhamos estamos a tratar deles, e não é graças à mãe dela. Mas agora querem que finjamos que isto nunca aconteceu e que apanhemos um avião até à merda do fim do mundo para ir comer pudim de Natal.

E ela sabia o que deveria dizer. Sabia que deveria dizer *alguma coisa*. Mas não disse nada.

— Estão preocupados comigo — disse Sarah, a mulher dele. — Assim como tu te preocuparias com a Corinne se ela estivesse com problemas na vida. No casamento.

— Eu *voltei* para casa — respondeu-lhe ele, com petulância, como se

esse pormenor geográfico passasse uma esponja sobre todos os assuntos.

— Sim e eles percebem isso. Sabem que estamos a tentar. Apenas queriam que nós — Grace, olhando de relance para o marido, reparou que ele estava tão pouco convencido desse «nós» como ela própria — nos sentíssemos apoiados neste Natal.

Ele olhou-a com uma expressão furiosa. Depois disse:

— Eu sou judeu, Sarah.

— Somos todos judeus. A questão não é essa.

Ele perdeu a cabeça. Era mais um dos «bancos de areia» dele, algo que eles ainda não tinham abordado durante a terapia, mas tão idêntico aos outros (a carreira, a interferência dos pais, a súbita falta de adoração por parte da filha agora na puberdade) que Grace conseguia, do conforto da sua poltrona, delinear os montes e os vales dos quarenta minutos que restavam da sessão. Pelo que ele lá continuou, com ambas as mulheres invulgarmente caladas. Grace olhou para lá do casal, para as persianas que cobriam a janela atrás deles e, por entre as ripas, para o vidro sujo da poeira de Nova Iorque. Às vezes dava a Arthur, o porteiro, um dinheiro extra para ele lavar os vidros do lado de fora, mas já não o fazia há algum tempo. Podia ir lá fora e fazê-lo ela mesmo que decerto nenhum dos pacientes se aperceberia, e pelo menos poderia dizer que tinha feito alguma coisa útil e a luz do Sol entraria na divisão. Se estivesse um dia de sol. De repente ela não se lembrava se estava sol ou não.

Quando a sessão terminou, ela valeu-se de todas as suas forças para evitar pedir-lhes desculpa e acompanhou-os até à porta, pedindo-lhes que não voltassem a discutir a questão da viagem no Natal até à próxima sessão e que ambos pensassem com cuidado sobre o que queriam que a época festiva representasse para eles e para a filha. Em seguida, aproveitou os cinco minutos que faltavam para a paciente seguinte para verificar o telemóvel e os *emails*.

Não havia nada. Pelo menos da parte de Jonathan. Uma tal Sue Krause da NY1 tinha deixado uma mensagem de voz a solicitar um depoimento sobre a «situação» em Rearden e a perguntar se ela tinha alguma recordação de Malaga Alves que quisesse partilhar com os seus sete milhões de conterrâneos. O facto de esse pedido desagradável se ter materializado no telefone fixo do consultório era claramente preferível a descobri-lo no telemóvel, ou no *email* pessoal, ou, Deus a livrasse, no telefone fixo de casa, mas ainda assim incomodava-a. Não, nem toda a gente estava constantemente ansiosa para se colocar em frente a uma câmara de televisão só para ter algum protagonismo nada informativo no contexto de uma verdadeira tragédia. Grace apagou a mensagem, mas ao fazê-lo o telefone tocou, piscando o silencioso sinal de «ocupado». Não reconhecia o número, tratava-se de um telemóvel de Nova Iorque, mas ouviu a mensagem assim que a deixaram no atendedor.

«Doutora Reinhardt Sachs, fala Roberta Siegel, da Page Six.»

Dito como se ela tivesse a obrigação de saber de quem se tratava. Mas na verdade Grace sabia realmente o que era a Page Six. Toda a gente sabia o que era a Page Six, até mesmo os que — como ela — se recusavam a perder tempo com o consumo diário dos chamados nomes a negrito. O facto de a Page Six mostrar interesse pelo que estava a acontecer em Rearden era um mau presságio, pois onde a Page Six ia, a nação ia atrás. Pelo menos a percentagem composta por pessoas com demasiado tempo livre.

«Disseram-me que era grande amiga da Malaga Alves, por isso queria saber se tem uns minutinhos para me receber.»

Grace fechou os olhos. Como é que ela tinha passado de colega no comité a «grande amiga» era um autêntico mistério, mas, calculou ela, não era algo com o qual valesse a pena perder o seu tempo. Apagou essa mensagem também, mas não sem antes se interrogar se Sally Morrison-Golden, outra «grande amiga», teria também sido contactada pela Page Six. Esperava sinceramente que não.

A paciente seguinte chegou e começou, sem mais demoras, a chorar. Tratava-se da mulher que tinha cancelado a sessão da semana anterior, a mulher cujo marido estava agora algures em Chelsea, numa morada desconhecida, e contactável apenas no local de trabalho (e mesmo assim só deixando mensagem e aguardando pela resposta). Já não estava interessado em aconselhamento, explicou a mulher dele — soluçou a mulher dele —, somente do tipo legal. O nome dela era Lisa e estava na casa dos trinta, era musculada e de estatura baixa, e era, nas palavras dela, «um bocado desastrada» — algo que a própria Grace podia confirmar, visto já ter dado vários pontapés num canto específico da mesinha de apoio. Tinha sido informada nessa mesma semana do fim do seu casamento — de uma forma atenciosa, explicou ela a Grace quase defensivamente — e foralhe dado o nome do advogado que o marido tinha contratado, bem como o nome de alguns advogados de divórcio que esse advogado tinha sugerido — para ela. (Não seria isso um exagero de simpatia?, interrogou-se Grace. Ou pura e simplesmente duvidoso?)

Ela chorou durante bastante tempo, amarfanhando lenço de papel atrás de lenço de papel, tapando e destapando alternadamente o rosto. Grace não fez qualquer tentativa para a interromper. Calculava que devia ser difícil arranjar tempo para chorar dessa maneira, com um trabalho a tempo inteiro numa das instituições públicas mais concorridas da cidade e com duas meninas de cinco anos ainda no infantário. Com o marido já fora de casa, Grace receava que ela deixasse de poder pagar o apartamento ou a escola privada onde tencionava matricular as meninas no ano seguinte. Ou até mesmo as próprias sessões de terapia. Não que a terapia fosse um problema. Grace já tinha estado nessa situação uma ou duas vezes ao

longo dos anos e conseguira sempre continuar a atender a paciente pelo menos durante a fase mais crítica.

O marido, ao que parecia — que surpresa! —, tinha um namorado e esse namorado tinha um duplex extravagante numa rua cheia de árvores em Chelsea, onde — que surpresa, mais uma vez! — o marido estava agora a morar. Ela tinha-o seguido até lá, explicou a mulher, a solução.

— Tive de o fazer. Ele não me atendia o telefone. Deixei-lhe uma mensagem no escritório, mas ele não me respondeu. E a Sammy não parava de perguntar porque é que o pai já não as levava à escola, até que por fim pensei: «*Ando a mentir às minhas filhas. E não faço ideia porquê.*»

— Isso deve ter sido muito doloroso para si — disse Grace.

— Quer dizer — disse a mulher, com amargura —, tudo bem, eu compreendo, ele não quer continuar casado. Eu percebo. É homossexual. Mas continua a ter duas filhas. O que é que devo dizer-lhes? Que ele foi à mercearia coreana comprar queijo creme e que nunca mais voltou? Ah, e a propósito, que a mãe é uma tonta porque quando esse homem atraente se apaixonou por ela, e quis casar com ela e constituir família, ela acreditou nele?

Grace suspirou. Já tinham debatido esse assunto.

— Fui sempre uma pessoa muito pragmática, muito racional, entende? Quer dizer... *Duh!* Não era propriamente esbelta e loura. Não era nenhuma brasa. Não ia namorar o capitão da equipa de futebol da minha escola. Eu tinha consciência disso! E não havia problema nenhum porque, para ser sincera, nunca estive interessada no capitão da equipa de futebol. E tive uma série de namorados que valorizavam o facto de eu não me comportar como se almejassem arranjar alguém melhor do que eles. Podia ter tido uma vida boa com um desses tipos, mas de repente apareceu-me este tipo lindo à frente e foi do género: «A sério que posso ficar com ele?» E agora, de um momento para o outro, acaba-se tudo. Ele deve ter pensado que eu era tão cega e tão atadinha que nem me daria conta de que era tudo uma grande fantochada quando ele me disse que queria casar-se e ter filhos.

— Mas Lisa — disse Grace à paciente chorosa —, julgo que muito do que o Daniel lhe disse era verdade. Ele queria realmente casar-se e constituir família. Talvez até se tenha mentalizado de que o queria tanto que iria inclusivamente... tentar virar as costas ao outro lado dele que desejava outras coisas. Mas não foi capaz. A maior parte de nós não é capaz. A atração por aquilo que realmente desejamos é demasiado forte.

— Eu não cedo a tudo aquilo que desejo — respondeu Lisa, com alguma petulância.

— Mas também nunca experimentou não se sentir atraída por homens — disse Grace. — Sabe, os homens costumavam ordenar-se padres porque queriam proteger-se da sua própria homossexualidade, tal era o medo que eles tinham. Tomar a decisão de abdicar da sua sexualidade para

toda a vida é um gesto imenso, como é óbvio; é preciso detestar ou recluir a sua própria identidade sexual para tomar uma decisão dessas. E depois há a questão de o Daniel a ter realmente amado, e ainda amar; penso que ele queria muito ser marido e pai. Tentou fazer algo nesse sentido e fracassou, mas isso é um problema dele e não seu. Você teve a oportunidade de antecipar tudo isso, logo no início, e essa oportunidade passou-lhe ao lado. Vai chegar uma altura em que será benéfico para si encarar isso, mas esse dia ainda não é hoje. Hoje é sobre a sua tristeza, o que é perfeitamente legítimo.

— Está a dizer-me que devia ter percebido — disse ela, sem cerimónias.

«Sim», pensou Grace.

— Não — respondeu ela. — Estou a dizer-lhe que, no contexto do seu amor verdadeiro por ele, na confiança que depositou nele e no facto de querer as mesmas coisas que ele dizia que queria, a sua capacidade de ver com clareza o que em circunstâncias diferentes teria com certeza visto foi comprometida. Você é um ser humano. É falível, não cometeu nenhum crime. O pior que pode fazer agora é castigar-se por não ter percebido. Não lhe adianta de nada e toma-lhe demasiada energia, energia essa que lhe faz falta para cuidar de si e das suas filhas. Além do mais, sei que o Daniel está incomodadíssimo por não conseguir ser sincero consigo.

— Olha que bom — replicou ela, tirando mais um lenço de papel.

Ficaram sentadas em silêncio durante uns minutos. Grace sentia os pensamentos a começarem a divagar contra a sua vontade. Queria continuar como estava, absorpta no problema de outra pessoa, mesmo sendo um problema grave. O seu problema, que o mais certo era acabar por não ser problema nenhum, era demasiado doloroso para pensar sequer nele.

— A doutora sabia? — perguntou a paciente dela.

Grace franziu o sobrolho:

— Se eu sabia o quê?

— Em relação ao Daniel. Percebeu-o?

— Não — respondeu ela. Mas não era verdade. Grace suspeitara logo do início e tivera a certeza pouco tempo depois. Vira o que lhe parecera ser uma batalha épica a desenrolar-se dentro dele, em que o lado que queria realmente permanecer casado com Lisa sucumbira lenta e inexoravelmente à força cataclísmica maior da sexualidade dele. Nos oito meses em que tinham sido pacientes dela, nunca o vira tocar nela.

— Ele tem um Rothko.

— O Daniel? — perguntou Grace, interrogando-se se iriam começar a falar sobre o acordo financeiro.

— Não, o Barry. O tipo que mora na Thirty-Second Street.

Não era capaz de proferir a palavra «namorado», percebeu Grace.

— Isso é importante para si?

— Ele tem... a merda... de um Rothko. Por cima da lareira da vivenda. Que eu vi através da janela enquanto estava lá fora à espreita, numa rua amorosa cheia de árvores no altamente cobijado bairro de Chelsea. E eu estou a partilhar um cubículo com duas miúdas pequenas na York Avenue. Pari-lhe as filhas para agora ele poder ser pai ao fim de semana, tal como sempre quis, e passar o resto do tempo a ser o seu «eu verdadeiro».

«Eu verdadeiro» era uma expressão que Daniel tinha trazido para as sessões de terapia. Pelos vistos tinha adquirido o estatuto de «*rosebud*»¹⁰, para Lisa.

— É perfeitamente compreensível que se sinta zangada.

— Ainda bem — replicou Lisa, num tom amargo. Em seguida, disse: — Quer dizer-me mais qualquer coisa, não quer?

— O que é que acha que eu lhe quero dizer?

Ela seguiu o olhar de Lisa até — ou seria imaginação sua? — à capa do seu livro, pousado num dos cantos da secretária. Não tinha informado especificamente nenhum paciente sobre o livro (considerava pouco adequado fazê-lo, como um médico a tentar impingir os próprios produtos na receção do consultório), mas alguns tinham visto ou tinham sido informados sobre a entrevista na *Kirkus*, e uma delas, que trabalhava no *Good Morning America*, tinha assistido à perseguição competitiva por parte dos programas matinais dos três canais.

— Que eu podia ter evitado tudo isto. Que podia ter prestado mais atenção.

— É isso que pensa que eu penso?

— Oh, deixe-se de tretas freudianas comigo! — Lisa inclinou-se para a frente. Dissera-o cheia de raiva. Ela tinha, de repente e sem aviso prévio, mudado de orientação, rumo a uma fúria premeditada e centralizada. O foco, pensou Grace, *c'est moi*.

— Quer dizer — continuou ela, agora num tom manifestamente sarcástico —, se eu quisesse alguém para ficar aí sentado a dizer-me o que eu já sei ia falar com um psiquiatra. É óbvio que você pensa que eu devia ter percebido logo e que acabei por ser cúmplice nisto tudo. Sei muito bem que desde o princípio que você está a pensar: «Como é que ela não percebeu que estava a casar com um homem homossexual?» Há meses que a observo a pensar isso. Tudo bem, já percebi que você não se vai transformar numa pessoa carinhosa e fofinha pronta para me reconfortar, mas agradecia-lhe que evitasse fazer juízos de valor, por favor.

«Respira», pensou Grace. «E não digas nada. Ainda vem aí mais.»

— Eu não a queria a si. Queria o outro que fomos ver em janeiro. Um terapeuta que fica ali perto do Lincoln Center. Era um homem enorme. Com patilhas. Parecia um urso gigante. E eu pensei: «Aqui sinto-me segura. Sinto-me apoiada.» Mas o Daniel preferia-a a si. Achava que você era

intransigente. Achava que precisávamos de alguém intransigente. Mas eu já tive a minha dose de intransigências, muito obrigada. Quer dizer, você alguma vez demonstra ter *sentimentos*?

Grace, consciente da tensão extrema nas suas costas e nas pernas cruzadas, forçou-se a esperar uns segundos antes de responder, com cuidado e muito *deliberadamente*:

— Não me parece que os meus sentimentos lhe sirvam para alguma coisa, Lisa. Em termos terapêuticos. Estou aqui para a ajudar com as minhas habilitações e, se for apropriado, dar-lhe a minha opinião. O meu papel é ajudá-la a lidar com os assuntos que a trouxeram aqui. Seria muito menos útil para si eu reconfortá-la em vez de a ensinar a reconfortar-se a si própria.

— Talvez. — Lisa acenou com a cabeça. — Ou se calhar você é apenas uma gaja fria.

Grace forçou-se a não reagir. O momento prolongou-se, com toda a angústia inerente, ao mesmo tempo que a buzina de um carro soava lá fora. Então Lisa inclinou-se para a frente e tirou mais um lenço de papel da caixa.

— Peço desculpa — disse ela, olhando para lá de Grace, para a porta. — Isto foi completamente desnecessário.

Grace disse que sim com a cabeça:

— A terapia não é um momento de convívio social. Eu aguento-me. Mas estou curiosa em relação ao facto de você ter continuado a vir cá. Em especial visto eu ter sido uma opção do Daniel e não sua. É possível que, não obstante o que entende ser a minha falta de afeto, tenha passado a acreditar que posso ajudá-la.

Ela encolheu os ombros, num gesto deprimido. Tinha recomeçado a chorar, um pouco.

— E eu acho que posso realmente ajudá-la — continuou Grace. — Vejo que é uma pessoa forte. Sempre o percebi. Neste momento, está zangada com ele e consigo própria, e obviamente comigo também, mas sei que isso não é nada quando comparado com a tristeza que sente por ter perdido a família que pensava ter. E a verdade é que não há como contornar esses sentimentos de raiva e de tristeza. Tem de passar por eles para conseguir chegar ao outro lado e eu gostava muito de a ajudar a fazer isso mesmo, para que você e as suas filhas possam ter alguma paz de espírito. E também em relação ao Daniel, porque, quer queira quer não, ele vai continuar a fazer parte da sua vida. Portanto, posso não ter pelos faciais nem um temperamento fofinho, e acredite que não é a primeira paciente a dizer-mo...

Lisa deu uma pequena gargalhada entre lágrimas.

— Mas se achasse que não a podia ajudar, já lho teria dito. E também a teria ajudado a encontrar um terapeuta mais parecido com um urso, se é isso que realmente deseja.

Ela recostou a cabeça no sofá e fechou os olhos.

— Não — respondeu, soando exausta. — Sei que tem razão. Mas... é tudo tão... Às vezes olho para si e penso: «Ela jamais teria caído numa destas.» Eu sou o desastre em pessoa e você é a serenidade em pessoa. E sei que a ideia não é falarmos sobre si, e eu também não quero falar sobre si, mas às vezes só vejo *serenidade* e penso: «Que gaja tão fria.» E não me orgulho disso. E... Bem, é claro que me informei sobre si, logo quando começámos, na primavera. Espero que não fique ofendida com isso, mas sabe, hoje em dia até se pedem informações sobre o canalizador, quanto mais sobre a pessoa a quem vamos contar todos os nossos segredos.

— Não fico nada ofendida — retorquiu Grace. E também não devia ter ficado surpreendida.

— Por isso sei que é casada há muitos anos e que tem um livro prestes a sair sobre como não casar com um psicopata ou algo do género. E aqui estou eu, a idiota típica do seu público-alvo.

— Oh, não! — disse ela, calmamente. — O meu público-alvo não é idiota. São apenas pessoas que ainda estão numa fase de aprendizagem.

Lisa amassou o lenço de papel que tinha na mão e enfiou-o na mala. O tempo da consulta, ambas o sabiam, estava quase a chegar ao fim.

— Se calhar é melhor eu lê-lo.

Grace não fez nada para sugerir que seria boa ideia.

— Se achar que talvez lhe interesse, com certeza — respondeu ela. Virou-se para a secretária e começou a passar o recibo de Lisa.

— Há de ajudar-me para a próxima — ouviu Lisa a dizer.

E, involuntariamente, Grace esboçou um sorriso. «Linda menina», pensou. Era bom sinal que, mesmo nas profundezas da sua tristeza atual, Lisa conseguisse conceber uma próxima vez. Ela iria ficar bem, pensou Grace. Apesar de mais pobre do que era atualmente, mais sobrecarregada e possivelmente mais humilhada, e com o marido a morar numa vivenda repleta de obras de arte numa das ruas (Grace sabia-o bem) mais bonitas da cidade, conseguia vislumbrar um futuro para ela.

«Por outro lado», pensou Grace, «pelo menos sabe onde é que está o marido dela».

9 Trocadilho fonético entre as palavras *Third* (III, Terceiro) e *turd* (poia). (NT)

10 Referência ao filme *Citizen Kane*, de Orson Wells, em que nos últimos instantes de vida, Charles Foster Kane sussurra a enigmática palavra «Rosebud», deixando-se depois cair num sono eterno. Um grupo de jornalistas pesquisa a origem dessa sua última palavra,

recolhendo memórias e recordações que parecem mesmo assim não conseguir resolver o enigma por trás da palavra. (NT)

CAPÍTULO DEZ

TERRITÓRIO HOSPITALAR

Depois de o último casal ter saído, ela não sabia o que fazer com o seu tempo. Não suportava continuar no consultório, a ouvir o telefone a não tocar e com medo do toque que tardava em soar. Mas, por outro lado, não aguentava a ideia de regressar a Rearden, reconstituir os passos dessa manhã não mais conhecedora nem menos receosa do que nessa altura. Não queria contar as carrinhas dos canais de notícias nem ver os pais inibidamente nervosos no jardim da entrada, e também não queria ouvir nada do que Sally Morrison-Golden tivesse para dizer sobre qualquer assunto que fosse, mas em especial sobre Malaga Alves. Não fazia ideia o que tinha acontecido a Malaga Alves e a cada momento que passava importava-se cada vez menos. Malaga, essa pobre mulher — a mulher morta —, não lhe dizia respeito, mas havia um asteroide no horizonte que começava a ficar maior, mais denso e mais terrível à medida que o tempo ia passando.

Onde é que estaria Jonathan? Onde é que estaria e porque é que não a informava de que se encontrava bem? E como se atrevia a desaparecer sem qualquer consideração pelos outros? O que é que ela iria dizer ao filho sobre o paradeiro do pai, será que Jonathan tinha pensado nesse pormenor? E o que deveria dizer ao pai dela? E à merda da Eva, que precisava de saber quantos pratos pôr na mesa?

Não se lembrava de alguma vez se sentir tão zangada com ele. Ou tão apavorada.

Grace deixou o consultório às duas da tarde e deparou-se com mau tempo, algo para o qual nem o *New York Times*, nem o céu dessa manhã ou mesmo os pacientes que foram chegando a tinham alertado. Fechou o casaco e constatou que continuava cheia de frio e que estava bastante molhada, pelo que avançou cabisbaixa contra o vento, sentindo no rosto a sua ferroada curiosamente agradável e a humidade da chuva. Toda a gente tinha a cara molhada. «Parece que estamos todos a chorar», ocorreu-lhe, levando a mão subitamente gelada à face para a limpar. Não estava a chorar. Apenas... não se sentia muito bem de momento. O que não era crime nenhum e, francamente, não dizia respeito a ninguém exceto a si mesma.

Caminhou no sentido sul, para longe da escola de Henry, e desceu a Lexington, passando por quiosques, mercearias coreanas e todo o tipo de pequenos restaurantes agora raros de que ela sempre tinha gostado — sítios sombrios com bancos altos junto ao balcão, hambúrgueres fantásticos e rebuçados de mentol em pequenas taças junto à caixa registadora. Toda a gente parecia debater-se contra o vento. Duas mulheres mais velhas emergiram do Neil's e deram um gritinho de surpresa, depois voltaram para dentro, apressando-se a abotoar os casacos. O Neil's era um sítio onde ela tinha ido com Jonathan inúmeras vezes quando ele era médico internista no Memorial. Era perto o suficiente para ele lá chegar rapidamente e longe o suficiente do hospital para não ter de se cruzar com colegas de trabalho, e ela adorava o hambúrguer russo que havia na ementa. Tinha havido uma época, há muitos anos, quando ela andava a tentar engravidar e se sentia em consonância com todas as alterações do seu corpo e com as respetivas ânsias, em que ela ia a correr comer um hambúrguer no Neil's, como se a satisfação de um desejo súbito a engravidasse ou alimentasse um zigoto em formação. Carne bem passada, para jogar pelo seguro, e sem queijo, porque com o queijo nunca se sabia e para quê arriscar depois de tantas desilusões, de tantos filamentos de vida saídos de dentro de si e deitados pelo cano fora?

Há muito tempo que ela não pensava nisto; parecia indelicado fazê-lo, depois do nascimento de Henry. Nessa altura, ela andava a convencer-se a si mesma de que todos esses filamentos perdidos, todas essas possibilidades destruídas, tinham sido, de certa forma, preparativos, qual tapete vermelho desenrolado perante a chegada de uma verdadeira estrela de cinema. A partir do momento em que Henry tinha vindo ao mundo, passara a ser tudo em função dele. Desejar Henry. Esperar por Henry. Estar preparada para Henry.

Ela não ia ao Neil's há anos, com Jonathan ou com outra pessoa qualquer. Uma vez tinha encomendado uma refeição deles, mas apesar de o pequeno restaurante ficar a escassos quarteirões do seu consultório e de ela ter ligado logo no início da sua hora de almoço, o hambúrguer tinha chegado 50 minutos depois e estava frio no meio, pelo que nunca mais.

Ela estava na esquina da 69th com a Lexington, à espera da mudança do semáforo, quando, no fundo do bolso do casaco dela, o telemóvel vibrou junto à sua coxa. Apressou-se a agarrá-lo, perdeu-o nas profundezas do bolso e depois puxou-o para a luz do dia.

O número que apareceu no visor trespassou-a como uma lâmina em brasa. Apeteceu-lhe atirar o telemóvel para a rua cheia de água, mas não podia fazê-lo e também não podia ignorar a chamada. Atendeu com o dedo molhado.

— Olá, Maud.

— Grace! — exclamou Maud. — Espera aí. J. Colton? Está em linha?

— Presente! — disse a agente publicitária, numa voz alegre. — Estou em LA, mas estou presente!

— Quisemos ligar-te em conjunto — informou Maud. — Estás no consultório?

Grace preparou-se. Olhou à sua volta, à procura de um toldo, mas não se via nenhum, apenas um pequeno beiral em frente ao Chase Bank. Desanimada, ela encostou-se à montra do estabelecimento.

— Não, estou na rua — disse-lhes ela. Segurou o telemóvel junto ao ouvido, com força.

— E que tal a Califórnia? — disse Maud.

— Oh meu Deus, é um sítio maravilhoso.

— E a nossa estrela de cinema?

— Não me estás a pagar o suficiente.

Maud deu uma gargalhada de satisfação. A Grace soou-lhe absolutamente despropositada, não fazia sentido nenhum. Gargalhadas na Lexington Avenue quando estava a chover a cântaros e havia algo terrível a massacrá-la — algo ininterrupto, interrompendo-lhe todos os pensamentos.

— É uma certa atriz que será revelada em breve — explicou Maud, obviamente a falar para Grace. — E digamos que não é conhecida pela sua modéstia.

— Certo — replicou Grace. Depois fechou os olhos.

— Mas escuta, recebi uma chamada por tua causa. Estás preparada?

Ela olhou, com desalento, para o outro lado da rua, para um homem que se debatia com o chapéu de chuva.

— Sim! — A palavra saiu-lhe num tom dramático, mas as mulheres não pareceram reparar.

— *The View!*

Seguiram-se uns segundos de silêncio.

— O quê? — perguntou Grace.

— *The View!* Cinco mulheres num sofá? Não me digas que não costumas ver? Com a Whoopi Goldberg.

— Oh! Sim, já ouvi falar. Vou participar nisso?

— Se tudo correr bem! — exclamou Maud.

— Porreiro — respondeu Grace, baixando o olhar. Via-se uma linha de água nas suas botas de cabedal. «Estão estragadas», pensou ela, angustiada. Não compreendia porque é que tinha saído com esse tempo. Que ideia era a sua? Desde quando é que se tinha tornado tão desconfortável pensar no que quer que fosse?

— Não imaginas como é difícil conseguir levar um livro ao *The View* — disse J. Colton. Grace imaginava-a junto a uma piscina num hotel em Los Angeles. Mas depois não conseguiu lembrar-se do aspeto físico de J. Colton. — Quer dizer, nós mandamos-lhes tudo, claro. Mas e elas, será que nos leem? Ninguém sabe. Recebo uma chamada da produtora da Barbara

Walters e diz-me ela: «As mulheres precisam de ler este livro.» E respondolhe eu: «Sem dúvida!»

— Sem dúvida — confirmou Maud. — Isto é muito importante, Grace. Oh, e como é em relação a Miami?

«O que é que tem Miami?», pensou Grace, mas pelos vistos a pergunta não era dirigida a si.

— Miami continua de pé — respondeu J. Colton «Califórnia».

— A Feira do Livro de Miami quer-te lá — disse Maud, com uma voz alegre. — E o que é que achas da Florida em geral?

Grace franziu o sobrolho. Ainda tinha a cara molhada e os pés estavam gelados. A conversa estava cheia de incógnitas. Interrogou-se se elas teriam começado a falar noutro dialeto. Não tinha qualquer opinião sobre Florida em geral. Não queria morar lá, isso sabia ela, embora nesse momento talvez fosse um lugar bastante mais agradável para morar, em termos de temperatura. Estariam a sugerir-lhe mudar-se para a Florida?

— Não sei. — Foi tudo o que conseguiu responder.

Porque o Conselho Literário Judeu, explicou-lhe Maud, tinha-as informado de que ela, Grace, de que o livro dela, *Já Devias Saber*, iria ser o livro de eleição deles para esse inverno.

— Fazes ideia o que é que isso quer dizer? — perguntou-lhe J. Colton.

Grace respondeu que não, que não fazia ideia o que é que isso significava.

Significava mais viagens, a centros judeus enormes repletos de leitores, muitos deles na Florida.

Ela franziu as sobancelhas:

— Mas o livro não é exatamente judeu.

— Pois não, mas tu és uma autora judia.

«Nem por isso», quase respondeu ela. A casa dos seus pais tinha sido praticamente desprovida de práticas judias e havia uma ausência total de crença judaica. A mãe dela, o mais próximo de antisemita que uma pessoa judia podia ser, envergava os trajes necessários para os *bar mitzvahs* e para os casamentos dos filhos das amigas, mas preferia preencher a vida interior dela com música clássica e com outras coisas belas. O seu pai possuía o típico desdém judaico alemão por tudo o que dizia respeito ao *shtetl*, mas tinha-se entregado, estranhamente, ao cumprimento dos rituais judeus por parte da segunda mulher. Grace não acreditava em nada e fazia ainda menos.

— E elas nunca divulgam este tipo de livro — disse Maud. — Só romances e autobiografias, e uma catrefada de não-ficção. Mas um livro como o *Devias*...

Devias era a abreviatura pessoal de Maud para *Já Devias Saber*. Era certo que o livro precisava de uma alcunha, mas Grace era incapaz de lhe chamar *Devias*.

— Não me recordo de alguma vez ter acontecido. J. Colton? Alguma vez divulgaram um livro deste género?

— Divulgaram *As Regras*, penso eu — respondeu J. Colton.

Grace revirou os olhos num gesto inconsciente. Ainda bem que elas não a podiam ver.

— Receberam a Doutora Laura.

— Oh, meu Deus! — exclamou Grace, a simples aversão dando lugar ao horror declarado. — Essa é pavorosa.

— É pavorosa mas tem um sem-fim de ouvintes, Grace — respondeu-lhe Maud, dando uma risada. — Estamos a tentar levar-te ao programa dela.

Grace não disse nada.

— E depois há a digressão — continuou Maud. — Estamos a apontar para o início de fevereiro. Para dar oportunidade às pessoas de ouvirem falar sobre o livro antes de te mandarmos lá. Sabias que as pessoas precisam de ouvir o título de um livro três vezes para o comprarem?

Grace não fazia ideia. Nunca tinha pensado nisso.

— Portanto, um artigo numa revista, uma crítica literária proeminente e depois apareces num *talk-show* e as pessoas dizem logo: «Espera aí, já ouvi falar sobre este livro!» Ou então vão à livraria e veem-no logo na mesa da frente, que, caso não saibas, é um bem imóvel pago. Sabias isso, não sabias?

Partindo do princípio de que ela percebia o que é que «um bem imóvel pago» significava nesse contexto, não, Grace também não o sabia. As coisas de que ela não tinha conhecimento começavam a amontoar-se. A chuva fazia ricochete no chão, caindo e saltando de imediato para cima. Ao fundo da rua, um *dachshund* imponente recusava-se a andar. Encolhia-se e tremia em cima das patas castanhas atarracadas, enquanto o dono o olhava com um ar ameaçador. Ela começou a questionar-se sobre o que seria preciso para acabar aquela conversa.

— Mas vamos fazer um mês inteiro na *Barnes and Noble*. Estou tão contente por termos subido a parada. E tu, Grace?

Ela acenou com a cabeça, num gesto apático.

— Sim! — conseguiu proferir.

Inicialmente, a publicação de *Já Devias Saber* tinha sido agendada para o dia 14 de fevereiro, um gesto que Grace considerava um pouco cínico de mais, mas Maud tinha-a mudado para inícios de janeiro, de modo a não competir diretamente com o livro sobre relacionamentos da autoria de uma colunista sobre sexualidade oriunda de outra chancela dentro da mesma editora. Os livros publicados em janeiro tinham uma má reputação, tinha explicado ela a Grace (como se Grace alguma vez tivesse reparado em que altura do ano é que determinados livros haviam sido publicados), mas na verdade isso era positivo. Visto janeiro ser um mês lento para o

mercado literário, os críticos tinham menos livros para escrutinar, logo havia mais probabilidades de o livro obter críticas e aparecer em revistas. E, além do mais, após a época festiva as pessoas ficavam com tendência para uma certa autorreflexão, uma certa autoestima conquistada a pulso.

Maud tinha-o dito, por isso devia ser verdade.

— É muito mais fácil entrar para a Lista em janeiro do que, por exemplo, no outono.

— É como... aquela autobiografia que fizemos, recordas-te? — perguntou J. Colton, à beira da piscina. — Sobre a rapariga que é mordida por uns cães com raiva? Esse foi publicado em janeiro. Bastaram 20 mil dólares em vendas para entrarmos para a Lista com esse livro.

Grace esforçou-se para se recordar — rapariga, que é mordida (que foi mordida?), cães com raiva, a Lista — mas, claro, afinal de contas J. Colton não estava a falar com ela.

As duas recomeçaram a falar sobre livros. Essa gente falava constantemente sobre livros — livros que queriam ler ou que desejavam ter lido, livros que tinham ouvido dizer que eram fantásticos, livros que ela — Grace — deveria ler, livros que ela tinha de ler, livros que era absolutamente impossível ela *não* ter lido. *Devias ter lido esse!* Faziam com que Grace, que sempre tinha gostado de ler, se sentisse completamente analfabeta.

Ela pensou: «Aqui estou eu, debaixo de um beiral na Lexington Avenue, vestida com um casaco de malha e com as botas encharcadas, a falar ao telemóvel com a mão gelada e a tremer. O telemóvel também está a tremer. Tenho trinta e nove anos, estou casada há dezoito, sou mãe de um rapaz de doze anos. Sou uma terapeuta com consultório próprio. Sou autora de um livro. Sou a autora de eleição do Conselho Literário Judeu, na Florida, para este inverno. Terei de ir à Florida. Todas estas coisas são reais. Eu sei que sim.»

— Grace? — Era Maud. — Estás aí?

— Oh, peço desculpa — respondeu-lhe ela. — Isto são excelentes notícias.

Devia ter soado convincente, pois elas deixaram-na ir.

Grace baixou a cabeça e saiu de baixo do beiral, desceu a avenida no sentido sul e depois no sentido este, até às ruas familiares dos seus primeiros anos com Jonathan. Só percebeu para onde se dirigia quando passou pelo prédio pós-guerra imundo na First Avenue onde em tempos ela e Jonathan tinham morado num T1 horroroso ao fundo de um corredor bege sombrio. O sítio parecia exatamente na mesma, incluindo a planta artificial em cima da mesa do vestíbulo e os candeeiros ao estilo Staten Island pendurados no teto. Ela não reconhecia o porteiro fardado, mas ainda assim esboçou um leve sorriso involuntário, um gesto dirigido à sua própria história. Emergindo da porta da frente e detendo-se sob o toldo viam-se

versões mais jovens dela e do marido: profissionais acabados de sair da faculdade a segurarem com pastas e tapetes de ioga, sacos de limpeza a seco ao ombro e sacos de compras ambientalmente responsáveis pendurados nos pulsos, caminhando em direção ao D'Agostino's. Detestaria morar ali agora, pensou ela. Tinha-o detestado na altura, embora tivesse tirado o máximo partido da situação, pintando as paredes com os tons da paleta de cores de meados do século de Martha Stewart («meados do século» fora o melhor que ela conseguira fazer com divisões tão irremediavelmente insípidas) e recusando-se a complementar as poucas peças de mobiliário decentes que eles possuíam com as peças baratas à venda em todo o lado (ficando assim com divisões espaçosas). Na altura pouco se deixava distrair pela decoração. Nenhum deles, aliás, uma vez que nessa altura tinham somente determinadas coisas em mente: as respetivas carreiras, em primeiro lugar, e depois conceber um filho. Ela parou no meio da chuva, tirou o telemóvel do bolso e fitou-o com um ar furioso. Em seguida, tornou a enfiá-lo no bolso e continuou a andar.

Agora que era por demais evidente para onde é que se dirigia, Grace apressou o passo, caminhando novamente no sentido sul e descendo a York. Tinha entrado no Território Hospitalar — o nome que Jonathan tinha dado a essa zona e que agora ela também empregava. Não se tratava apenas de uma área da cidade onde os hospitais — Cornell, Special Surgery e, claro, Memorial, a nave-mãe — se situavam, mas uma zona que se havia gradualmente metamorfoseado em feudos que cercavam esses mesmos hospitais, servindo-os, hospedando os funcionários deles, antecipando e satisfazendo todas as necessidades.

Os hospitais, como era evidente, não eram como os outros locais de trabalho — nem de longe. As lojas e os restaurantes esvaziavam-se à noite e eram encerrados. Os escritórios desaceleravam o ritmo, reduzindo o trabalho até o último funcionário apagar a última luz. Mas os hospitais nunca se esvaziavam e de certeza absoluta que nunca encerravam. Pulsavam com o imperativo absoluto do que se passava no seu interior, vibrando num estado perpétuo de crise. Eram mundos em si mesmos, inspirados pela arte, pela ciência e, claro, pelo negócio da doença. Eram palcos dramáticos nos quais um número incalculável de histórias fantásticas (na sua maioria trágicas) se desenrolava numa espiral eterna: cenas de reconhecimento e de reviravoltas, de fervor religioso, de redenção e de reconciliação, de perda cataclísmica. No Território Hospitalar, a própria essência da experiência humana era constantemente exposta e erguida à luz. A urgência generalizada e o sentido de propósito divino permeavam tudo nas redondezas.

Jonathan dava-se muito bem no Território Hospitalar, da mesma forma que se tinha dado muito bem na faculdade de Medicina e, antes disso, na escola. Era uma dessas pessoas que de alguma maneira sabia o nome de

todas as pessoas e estava sempre a par dos acontecimentos mais importantes da vida delas. Grace, que nunca tinha partilhado essa capacidade (nem tão-pouco, em abono da verdade, a tinha desejado partilhar), observava-o à conversa com toda a gente, desde administradores de hospital a médicos, enfermeiras, assistentes e até o tipo que levava os lençóis imundos para a lavandaria imensa no piso inferior, e sabia que às vezes ele atrasava a fila na cantina do hospital porque estava na tagarelice com as funcionárias de rede no cabelo que serviam os almoços. Ele demonstrava essa mesma intensidade com toda a gente, fosse rei ou plebeu, um interesse ávido e uma necessidade de ligação. Quando ficava lado a lado com outro ser humano, acontecia sempre algo: lenta e inexoravelmente, voltava o foco dessa fantástica atenção dele sobre a pessoa e a pessoa reagia — virando-se, virando-se, posicionando-se na direção dessa maravilhosa nova fonte de energia. Fazia Grace lembrar as imagens em *time-lapse*, em que a flor se virava lentamente na direção do Sol e abria as suas pétalas. Via-o acontecer há quase vinte anos e continuava a ser uma imagem um tanto ou quanto arrebatadora.

Jonathan absorvia as outras pessoas. Queria saber quem elas eram, o que era importante para elas e também em torno de que mágoas as vidas e as personalidades delas se tinham formado. Quase sem exceção, conseguia fazer com que as pessoas falassem sobre os falecidos pais ou sobre os filhos toxicodependentes, e ela admirava muito essa qualidade nele, apesar de ser sinónima de vários episódios de espera no passeio, enquanto o marido acabava de falar com o motorista do táxi, ou a segurar os casacos deles, enquanto ele assentava o título de um livro ou o nome de um hotel em Lesbos para uma empregada de mesa qualquer. Ele fora dessa maneira com ela, desde a primeira noite na cave. Ela achava que ele devia ter nascido assim. Nem sempre se podia esperar o melhor por parte dos médicos, em termos de personalidade. Dizia-se, com alguma legitimidade, pensava Grace, que eram frios ou arrogantes, ou que funcionavam sob o complexo de Deus. Mas imaginem que tinham um filho que estava doente — muito doente — e imaginem o quão descansados ficariam se descobrissem que o vosso filho muito doente estava ao cuidado de alguém que se ultrapassava a si próprio e às suas próprias necessidades, que tinha imenso respeito não só pelo vosso filho como também por vocês, que sentia profundamente a provação humana que a doença do vosso filho tinha criado, ao mesmo tempo que labutava para aliviar o sofrimento dele.

Grace sentia-se invisível agora, caminhando rumo a este na 69th, cruzando-se com homens e mulheres vestidos com batas de vários tons e padrões. Viu os fumadores habituais (mesmo à chuva, mesmo nas traseiras de um hospital oncológico) e viu que eram os únicos que não se movimentavam a grande velocidade. Sentia que tinha uma espécie de luz à

volta dela, ofuscante e digna de nota, que lhe conferia um ar suspeito, como se estivesse a cometer uma transgressão. Nunca tinha feito nada suspeito ou transgressivo. Tudo o que ela queria, nesse momento, era sair dali. Tinha praticamente alcançado a esquina. Podia simplesmente dobrá-la — rumo a norte na York, para longe da entrada do Memorial — e ninguém teria a menor ideia de que algo muito inconveniente tinha acontecido na tarde dela, se não mesmo na vida dela. Mas em vez disso, por alguma razão que não havia antecipado, e muito menos contemplado, ela deu meia-volta de forma abrupta, como numa dança a quatro ou numa formação de marcha, por forma a tornar a subir a rua que tinha acabado de descer, e deu por si a aproximar-se das pessoas desprevenidas que tinham ficado para trás, que eram cidadãos muito atarefados do Território Hospitalar, alguns dos quais exibiam expressões de um certo descontentamento, e um deles chamou-a pelo nome.

— Grace? — disse ele.

Grace ergueu o olhar, encarando a chuva e o rosto de Stu Rosenfeld.

— Bem me parecia que eras tu — disse ele, num tom afável q.b. — Mudaste de penteado.

Ela tinha pintado o cabelo, mas só um pouco. Tinha começado a descobrir uns cabelos brancos junto ao couro cabeludo. Tinha ficado envergonhada por ter ficado tão transtornada com o sucedido. Jonathan, na verdade, nem sequer tinha reparado, mas — por incrível e surreal que parecesse, tendo em conta as circunstâncias — Stu Rosenfeld reparara.

— Olá, Stu — cumprimentou ela. — Que belo dia este.

Ele deu uma risada.

— Podes crer. A Tracy disse-me para trazer o guarda-chuva. É claro que me esqueci. — Tracy era a mulher dele, com quem Grace *não* tinha tido discussão nenhuma, disse estava quase certa.

— Como é que está a Tracy? — perguntou ela, como se não estivessem parados numa esquina, debaixo de chuva.

— Está ótima! — Ele sorriu. — Já vai no segundo trimestre! Vamos ter um rapaz.

— Oh!... — disse ela, tentando não revelar a surpresa que sentia. — Que novidade fantástica. Não fazia ideia.

Era claro que não fazia ideia. Uma coisa que ela recordava com frequência era a convicção espirituosa de Tracy Rosenfeld de que ela e o marido não tencionavam ter filhos. «Nem toda a gente quer isso», explicara ela, como se «isso» fosse algo que a sociedade em geral há muito havia decidido ser inaceitável. E Grace, que na altura tinha acabado de sofrer um aborto (o terceiro?, ou o quarto?) quase desatara a chorar, embora nessa altura quase tudo lhe desse vontade de chorar, e ela teria provavelmente ficado bastante *mais* infeliz se a desagradável Sr.^a Rosenfeld tivesse anunciado alegremente que ela e o marido queriam efetivamente «isso».

Stu, que era um homem muito bem-disposto, claramente não se recordava dessa proclamação antiga. Sorria, satisfeito, e começou (apesar da chuva e da peculiaridade do encontro deles) a descrever quão estranhamente fácil tinha sido todo o processo. Nada de náuseas! Nenhum cansaço! Tracy, aliás, continuava a caminhar os habituais cinco quilómetros todas as manhãs, duas voltas ao reservatório, não obstante o obstetra horrorizado e o caso em que ela andava a trabalhar, que era um autêntico pesadelo. Que idade teria Tracy? Grace tentou recordar-se.

— Que idade é que tem a Tracy? — perguntou ela. As suas palavras soaram-lhe algo grosseiras. Não fora sua intenção, mas talvez não o conseguisse evitar.

— Quarenta e um — respondeu Stu, num tom moderadamente simpático.

Quarenta e um. Grace antecipou, e depois sentiu, uma vaga de ressentimento. Mudar de ideias aos quarenta e um anos, engravidar e ser tão descontraída, imprudente até — como é que ela se atrevia a fazer *jogging*, grávida aos quarenta e um anos? —, parecia-lhe uma afronta pessoal. Mas porquê? O que é que ela tinha a ver com isso?

— Fantástico — optou antes por dizer. — Isso é maravilhoso.

— E parece que vocês também vão ter um bebé, não é?

Ela olhou-o fixamente. Tinha ficado tão perplexa que não fazia ideia como reagir e muito menos como responder.

— A Tracy disse-me que soube que escreveste um livro. Leu-o no *Daily Beast*, se não me engano. «O livro muito antecipado para este outono» ou algo do género. Que tipo de livro é? Um romance de ficção?

«Não, eu sou o Truman Capote. É um romance de não-ficção.» Ela quase o disse em voz alta. Mas porquê descarregar a sua raiva nele?

— De todo. — Grace sorriu. — Nada é nada assim tão rebuscado. É apenas um livro sobre coisas que aprendi no meu trabalho e que penso que poderão ajudar alguém que ande à procura de companheiro.

— Ah, como aquele livro *Regras*? A minha irmã leu-o há uns anos.

— E serviu-lhe de alguma coisa? — perguntou Grace. Interrogava-se sempre quanto a isso. Sabia que não *devia* servir de nada. Mas será que servia?

— Não. Quer dizer, não me parece que ela o tenha levado a sério. Não ser a primeira a ligar? Acabar com o tipo se ele não comprar um presente no Dia dos Namorados? Eu disse-lhe que a maioria dos homens nem sequer sabe quando é que é o Dia dos Namorados. O nosso pai nunca comprou nada à nossa mãe no Dia dos Namorados e olha que eles estão casados há uns trinta anos.

Grace acenou com a cabeça. Ainda parada debaixo da chuva, agora sentia-se a congelar.

— Mas é fantástico tu teres escrito um livro. Assim que estiver nas lojas

vou comprá-lo. Será a primeira coisa que leio sem ser uma revista médica desde... sei lá, os tempos de faculdade?

— Não me digas... — disse Grace, lisonjeada, mas na verdade não podia pensar mal dele. Stu era um homem inteligente e sensível, exatamente o tipo de médico que gostaríamos de ter ao nosso lado caso o nosso filho adocesse. Ele e Jonathan substituíam-se um ao outro há pelo menos oito anos e pelo menos Jonathan nunca tinha criticado a abordagem de Stu, o que era francamente impressionante tendo em conta a complexidade dos tratamentos envolvidos e as relações pessoais em torno da criança com cancro. Havia colegas de quem Jonathan por vezes tinha falado com menos carinho. Ross Waycaster, o supervisor direto dele, era um médico emocionalmente distante, excessivamente cauteloso e pouco criativo, tão incapaz de explicar aos pais, de uma forma clara e pouco complicada, o que estava a acontecer ao filho deles que por vezes Jonathan ia dar com eles completamente de rastos no corredor, a chorar num estado de frustração totalmente desnecessário. A médica internista que se tinha mudado para Santa Fé ou Sedona — como é que ela se chamava? Rona? Rena? —, a que se interessava por «estratégias de cura paralelas», era uma cabeça de vento que provavelmente nunca devia ter sido médica. Porquê ir para a faculdade de Medicina se a ideia era agitar um pau de defumação no ar e entoar feitiços druidas? E as enfermeiras que às vezes fingiam não o ouvir quando ele lhes pedia educadamente algo, porque estavam tão embrenhadas nos seus confrontos com os médicos em geral; e o gabinete de relações públicas, que nunca tinha reconhecido o artigo sobre ele na edição «Médicos de Topo» da revista *New York*, algo que trouxera claramente atenção e boa reputação ao hospital. E depois havia Robertson Sharp-a-Poia — a Poia em pessoa —, um homem castigador e sovina e um administrador miótico, de vistas curtas e obcecado pelas regras.

Mas não era o caso de Stu Rosenfeld. Tinha umas entradas profundas e o nariz largo, mas tinha um sorriso verdadeiramente querubínico. Ela imaginou o filho deles: feliz e provavelmente muito inteligente, com as faces rechonchudas de Tracy e o sorriso do pai, sentado às cavalitas dos ombros firmes de Stu. Estava contente por ele. Por uns breves instantes, estava contente no geral. Já não estava na rua à chuva, apavorada com algo inominável que andava a desenhar um círculo em torno dela (a ganhar tempo, sem se aproximar demasiado), a fazer um esforço sobre-humano para não escutar o sussurro pessimista que por algum motivo tinha começado a acompanhá-la. Durante esse breves instantes quase não havia sussurro, nem círculo, nem balão de vidro a descer lentamente sobre si. Era apenas uma mulher parada à chuva no passeio com o colega mais próximo do marido, a conversar como se não estivesse completamente petrificada de medo. A conversar — não que isso importasse — sobre livros, sobre um bebé que iria chamar-se Seth Chin-Ho Rosenfeld e sobre o Dia dos

Namorados. Jonathan comprava-lhe sempre alguma coisa no Dia dos Namorados. Flores — mas não rosas. Ela nunca tinha gostado de rosas. Gostava de ranúnculos. Eram tão densos, mas ao mesmo tempo tão delicados. Podia passar horas a contemplá-los. Stu Rosenfeld estava a sorrir porque a mulher dele estava à espera de bebé e tudo lhes corria de feição e Grace estava contente porque estava muito perto de acreditar nele. Queria isso com todas as suas forças. Estava quase lá.

Mas depois Stu Rosenfeld proferiu essas palavras e o balão de vidro caiu sobre ela, criando um selo hermético em torno do ar tóxico do seu interior. Onze palavras: ela contou-as mais tarde. Desmontou-as vezes sem conta, voltando a organizá-las, tentando torná-las menos cataclísmicas, menos arrasadoras, menos terminais. E tinha fracassado. As palavras eram:

— Então e o Jonathan, o que é que ele tem feito?

CAPÍTULO ONZE

TUDO O QUE SURGE DEVE CONVERGIR

Como é que ela saiu de lá, desse ponto aterrorizador no passeio da esquina da East 69th com a York, e deu por si novamente nas ruas compridas, encharcadas e horrorosas de East Side que conduziam a Rearden, era algo que ela nunca chegou a saber. O que é que tinha mantido as pernas dela em movimento? O que é que a tinha impedido de espreitar nos vidros das montras das lojas e ver a mulher petrificada do outro lado? O seu cérebro sobrecarregado alternava entre a velocidade e a quietude súbita, para a frente e para trás, à medida que elas se tornavam insuportáveis. E havia a vergonha, claro — algo pouco habitual, para ela. Grace tinha desistido desse sentimento há muitos anos, logo após uma epifania em adulta de que já não precisava que todas as pessoas gostassem dela, aceitando também o facto de que o mais certo era não gostarem, quer ela precisasse delas quer não. Depois dessa revelação libertadora e de somente ela e os familiares mais próximos estarem autorizados a aprovar ou a reprovar os seus atos, havia poucas probabilidades de alguma vez voltar a sentir-se envergonhada fosse do que fosse e, efetivamente, nunca mais tinha acontecido.

Mas a imagem dele naquela esquina... Santo Deus, como ele a tinha olhado fixamente e ela — calculava ela — o tinha olhado fixamente também, ambos perplexos com a pergunta simples e descontraída dele. A expressão do rosto dela — Stu Rosenfeld devia ter percebido tudo de imediato, ou pelo menos o suficiente: que a ela, Grace Reinhart Sachs, lhe tinha escapado algo importante, que um episódio tinha tido lugar sem o conhecimento dela. E agora, o problema que tinha existido uns momentos antes — o facto de ela não ter a certeza, a certeza absoluta, de não fazer a mínima ideia onde é que ele estava — tinha sido abruptamente substituído. Mas a coisa nova era bastante pior.

Ela tinha recuado, afastando-se dele no passeio. Era como arrancar velcro de outro pedaço de velcro, dor e som doloroso, e a inclinação do passeio parecia ter mudado de ideias em relação ao sítio onde queria estar.

«Grace?», tinha-o ouvido dizer, mas a voz dele soara como se falasse outro dialeto, parecido o suficiente para ser decifrável, mas apenas com algum esforço. E ela não tinha energia para fazer isso e para se ir embora

também. E precisava de sair de perto dele.

«Grace?», tinha chamado ele, enquanto ela se afastava. Tinha-se desviado dele qual jogador de futebol à procura de um espaço livre entre dois corpos. E nem tinha olhado para ele ao passar. E nem sequer tinha olhado para trás.

O cruzamento da 69th com a First.

O cruzamento da 71st com a Second.

O cruzamento da 76th com a Third. De alguma maneira, ela estava a cobrir terreno, mas não de uma forma consciente. Não como se estivesse a andar e a pensar ao mesmo tempo, reparando em coisas pelo caminho. Era como acordar a meio da noite e olhar para as horas antes de tornar a mergulhar na escuridão intermitente, enquanto a noite passava em espasmos, sem descanso. O delírio da cabeça dela era insuportável, mas sempre que tentava abstrair-se só perdia tempo.

Tinha percorrido mais dois quarteirões.

Depois um sobressalto. E uma pontada de dor.

Depois mais dois quarteirões.

Era como uma doença. Ela nunca se tinha sentido tão doente.

Só queria encontrar Henry, mesmo que isso implicasse entrar de rompante na escola a gritar o nome dele pelos corredores fora, entrar de repente no laboratório ou na sala de chamada e agarrá-lo pelo cabelo escuro e grosso, fazendo uma cena típica da pessoa louca em que ela se tinha inesperadamente transformado. *Onde é que está o meu filho?!*, imaginou-se ela a gritar. E o mais estranho era que, na sua visualização da situação, não se importava como é que eles — os outros — olhavam para ela. E depois arrastá-lo-ia de lá para fora, desceria o corredor até ao pátio da entrada e depois rumo ao apartamento deles.

Mas e depois?

Não havia nada depois disso; simplesmente não podia avançar nem mais um passo. Era o mesmo que correr, correr tresloucadamente, até chegar ao precipício. E aí era necessário parar: o impedimento de avançar, a falta de fôlego, o encarar a impossibilidade de uma simples escarpa.

Em Rearden, além do mais, a rua estava cheia de gente de fora. Viam-se mais carrinhas com logótipos de estações de televisão e antenas parabólicas presas no tejadilho — pelo menos mais três — e uma quantidade de gente desconhecida enchia os passeios: necrófagos, com toda a certeza, à procura de pedaços da desgraçada Malaga Alves, mas há várias horas que Malaga Alves estava muito longe dos pensamentos dela. E quando uma mulher jovem e magra, com um sorriso manifestamente falso, tentou abordá-la com um: «Olá, posso falar consigo só um segundo?» Grace quase enxotou a rapariga. Noutra vida, estaria preocupada com a morte de uma mulher com quem tinha falado exatamente uma única vez. Agora o que importava era o abismo que ela tinha pela frente. O que estava

a acontecer-lhe agora — e não, ela já não podia negar que alguma coisa tinha acontecido — não tinha nada a ver com ninguém exceto com ela, o marido e o filho.

Também não lhe apetecia falar com as outras mães e ali especada no meio delas, no jardim da frente de Rearden (a passagem em abóbada da escola estava a servir de uma espécie de cordão de veludo, deixando entrar somente quem tinha ligações à escola), ela apercebeu-se, com algum alívio, de que se tinha começado a instalar um ambiente de solidariedade lúgubre. Agora, em contraste com a hora de entrada nessa mesma manhã, havia pouca conversa entre as mães; estavam paradas com um ar solene, separadamente, juntas mas sozinhas, e, à exceção de uma comunicação não-verbal mínima, não se via qualquer tipo de interação. Era quase como, pensou Grace, se cada uma delas tivesse experimentado uma crise pessoal e arrasadora desde que tinha deixado esse lugar, escassas horas antes, ou talvez a realidade sóbria da mulher morta se tivesse imposto, dominando as perceptíveis escalas de classe e dinheiro que tinham parecido manter Malaga Alves tão afastada delas. Ou então que o problema da morte dela não iria, como talvez tivessem inicialmente suposto, resolver-se tão depressa — nenhuma delas sabia mais agora do que quando tinha deixado o filho na escola — e que talvez a coisa se fosse arrastar, pelo que, como tal, seria necessário algum decoro.

No jardim, do lado privilegiado do cordão de veludo, Grace reparou que havia poucas amas à vista. As mães preocupadas de Rearden pareciam ter decidido, em massa, que havia momentos na vida dos filhos, como o primeiro homicídio escolar de Max ou o primeiro circo mediático de Chloe, que eram demasiado delicados para as crianças ficarem entregues a uma substituta. Pelo que as próprias mães tinham largado tudo e estavam ali para apoiar os filhos, à espera de que os miúdos fossem dispensados pelos psicólogos especialistas em gestão da dor de Robert Conover. Elas eram efetivamente as progenitoras de que tanto se orgulhavam ser e esse era um momento importante na vida dos filhos, um momento que iria ser, muito possivelmente, recordado durante bastante tempo. Dali a vários anos, talvez, as filhas e os filhos delas recordariam o dia em que a mãe de um colega da escola tinha morrido — ou melhor, tinha sido brutalmente assassinada — e o quão confusos e assustados se tinham sentido, confrontando-se com essa primeira realidade da inexplicável crueldade humana, e como as mães deles tinham ido pessoalmente buscá-los no final do dia, tranquilizando-os, levando-os a comer uma guloseima antes de irem para casa ou para o *ballet* ou para o tutor das provas globais de acesso ao ensino secundário. De uma forma muito pouco característica, ninguém parecia estabelecer contacto visual.

Os miúdos saíram, com um ar nada traumatizado. Alguns pareciam estupefactos por verem as mães. Henry foi dos últimos a sair, com a sacola

a tiracolo e o casaco enfiado na alça, a arrastar uma parte no chão. Ela estava tão feliz por vê-lo que nem sequer o mandou levantar o casaco.

— Olá — disse-lhe ela.

Ele ergueu o olhar para ela, por baixo das pestanas incríveis.

— Viste as carrinhas da televisão lá fora?

— Sim. — Ela tornou a vestir o seu próprio casaco.

— Disseram-te alguma coisa?

— Não. Quer dizer, tentaram. É tudo um absurdo.

— Tipo, o que é que tu havias de saber, não é?

«Obviamente nada», pensou ela. Talvez a tivessem confundido com alguém que soubesse realmente alguma coisa.

— O pai já voltou? — perguntou Henry.

Eles estavam a descer as escadas, em direção ao pátio. Havia pessoas nos passeios a segurar câmaras de filmar. Pelo menos duas estavam ativamente a falar para a câmara, com a escola como pano de fundo. Instintivamente, ela baixou a cabeça.

— O quê? — perguntou Grace.

— O pai já voltou?

Ela abanou a cabeça.

— Não. — Depois ocorreu-lhe algo. — Ele disse-te que voltava hoje, foi?

Henry pareceu pensar no assunto. Transpuseram uma das duas passagens em abóbada feitas de ferro forjado que davam para o passeio e caminharam resolutamente na direção oeste, rumo à avenida.

— Por acaso não — replicou ele. Tinham praticamente alcançado a esquina.

Grace recuperou o fôlego. Por um terrível instante pensou que iria desatar a chorar. Ali mesmo, no passeio.

— Henry — disse ela —, podes explicar-me o que é que «Por acaso não» quer dizer, por favor? Estou um pouco confusa.

— Oh!... — Ele parecia pouco seguro. — Não. Quer dizer, ele não me disse quando é que voltava. Só me disse que se ia embora.

— Embora... de onde? — perguntou Grace. O chão estava a fazer aquela coisa outra vez. Ela não conseguia manter-se direita.

Henry encolheu os ombros. Por uns momentos angustiantes, parecia um adolescente típico a falar (ou não) com a mãe. O tal encolher de ombros. O tal encolher de ombros universal que parecia dizer: «Não me metas nas vossas confusões, por favor.» Ela sempre fizera troça disso pois nunca tinha acontecido com ela. Por favor, que não estivesse a acontecer com ela, não hoje.

— Não lhe perguntei. Ele é que me ligou a dizer que se ia embora.

Grace estendeu a mão e agarrou-o pelo ombro. A mão dela parecia uma garra, até mesmo aos seus próprios olhos.

— Lembra-te do que é que ele disse exatamente? Quero saber as palavras exatas.

Ele olhou diretamente para ela, depois pareceu ver algo que não lhe agradou e desviou o olhar.

— Por favor, Henry.

— Sim, eu sei. Estou a tentar lembrar-me. Disse: «Tenho de me ausentar por uns dias.» Ligou-me para o telemóvel.

— Quando? — A cabeça dela estava a andar à roda. Agarrou-se à mala com força, como se ela a pudesse salvar.

Mais uma vez: o tal encolher de ombros.

— Ele só me disse que se ia ausentar.

— Que ia... a Cleveland. A uma conferência de medicina.

— Não me disse onde. Se calhar devia ter-lhe perguntado.

Seria o princípio de um sentimento de culpa? Seria ali que uma ferida psicológica de longa data iria abrir-se, uma pequena preocupação que acabaria por se transformar num: «Podia ter evitado que os meus pais se tivessem...»

Não. Não. Ela sentia que estava a começar a enlouquecer.

— Henry, essa responsabilidade não é tua. — Disse-o com cuidado, com demasiado cuidado. Da maneira que uma pessoa embriagada fala quando tenta convencer alguém de que não está embriagada. — Só tenho pena que ele não tivesse sido mais claro em relação aos planos dele.

«Isto saiu-me muito bem!», pensou Grace, sentindo-se ligeiramente vaidosa. Tinha soado adequadamente irritado, mas também desinteressado. *Sabes como é o teu pai!*

— Quer dizer, ele disse-me que ia a Cleveland, mas depois esqueceu-se do telemóvel em casa, o que é uma chatice. E sabes quem é que não vai ficar nada satisfeita. Portanto prepara-te para seres ainda mais simpático logo à noite.

Henry acenou com a cabeça, mas agora parecia não ser capaz de olhar para ela. Estava parado no passeio, com os polegares enfiados na alça larga da sacola e com o olhar fixo em algo do outro lado de Park Avenue. Grace ainda pôs a hipótese, por breves instantes, de Henry saber alguma coisa importante relacionada com Jonathan, onde é que ele estava ou quanto tempo tencionava estar ausente, algo que ela própria não fazia ideia, mas a dor associada a esse pensamento era tão lancinante que ela nem conseguia imaginá-lo. Acabou por não dizer nada. Seguiram juntos no sentido sul, caminhando ao longo da avenida, e ele também não disse nada.

Ela estava a recear o serão. O pai dela cujo distanciamento, que às vezes podia ser uma vantagem (como nesse momento, por exemplo), era infelizmente compensado pela coscuvilhice incansável da esposa, pois assim que Eva desenterrava alguma discrepância ou algum ponto fraco, o

pai de Grace sentia-se na obrigação de exigir uma justificação, uma sensação de certa forma semelhante a ter um dentista a remexer num ponto dorido do esmalte. Mas porque carga de água (tinha perguntado Eva uma vez, num exemplo clássico) é que Grace ia todos os dias pôr Henry ao infantário de West Village — de *metro* — quando havia um infantário excelente — o melhor da cidade! — no cruzamento da 70th com a Park? Bem, primeiro, tivera ela de explicar, porque tal como praticamente todas as pessoas que se haviam inscrito na Episcopal, Henry não tinha sido aceite. Com outra pessoa, ou pelo menos com alguém minimamente acostumado às burocracias absurdas dos infantários de Nova Iorque, a resposta teria produzido um simples encolher de ombros, mas não no caso da madrastra dela e, conseqüentemente, do pai. «Mas porque é que Henry não tinha sido aceite?», tinha querido ele saber de imediato e Eva, cujos dois filhos extraordinários, alimentados à ópera e a uma percepção básica da sua própria superioridade, que tinham saído confiantes de Ramaz e de Yale direitinhos às respetivas terras prometidas (Jerusalém e Greenwich/Wall Street), tinha fitado Grace com uma expressão chocada, como se nunca tivesse ouvido tamanha imbecilidade.

Na verdade, Henry era bastante ligado a Eva e ao avô, embora parecesse compreender a limitada margem de manobra deles. Aos inegáveis prazeres de jantar em casa dos Reinhart (boa comida, excelente chocolate, os elogios e a atenção de duas pessoas que gostavam claramente dele) estavam associados a formalidade e a necessidade de boas maneiras extremas. Sentar-se à enorme mesa de mogno da sala de jantar de Eva, ou instalar-se constrangidamente num dos sofás compridos e requintados de Eva, exigia concentração e esforço — da parte de Grace e ainda mais da parte do filho dela com doze anos. Mas nessa noite todo o desconforto e a distração, associada ao mesmo, talvez fossem bem-vindos.

Viam-se luzes de Natal nas árvores dos canteiros centrais da Park Avenue, a piscarem amarelas e azuis na noite agora evidente. Ela e Henry continuavam a andar em frente, a escassos centímetros de distância um do outro, mas ainda sem falar. Por uma ou duas vezes ocorreu algo a Grace, mas quando ela abriu a boca para falar, percebeu que não iria acrescentar nada ou que o que ia dizer não correspondia à verdade, pelo que deixou-se ficar calada. Não tinha qualquer problema em mentir nesse momento em particular, o que soava bastante mal, mas se ajudasse a preservar a história que ela já lhe tinha contado, então podia muito bem viver com isso. Infelizmente, Grace estava a ter dificuldade em recordar exatamente que história era essa e onde, exatamente, se separava da realidade. Infelizmente também, ela própria não tinha a certeza do que era a realidade. Não sabia de nada e a obscuridade dessa fenda aberta, juntamente com a mudança constante da sua forma e dimensão, era como uma voz uivante ao ouvido dela.

Apertou mais o casaco. A lã do colarinho arranhou-lhe o pescoço.

Henry caminhava com os ombros levemente descaídos, como se ainda não estivesse pronto para ser alto, o olhar fixo no chão exceto quando passavam por um homem ou uma mulher a passear um cão. Henry queria desesperadamente ter um cão e pedia um, sem grande resultado, há vários anos. Os cães eram criaturas estranhas para Grace, que nunca tinha tido um animal de estimação, e Jonathan, que em criança tinha tido um Labrador preto chamado *Raven* (na verdade tratava-se do animal de estimação do mimado irmão mais novo dele), não via com bons olhos ter um animal em casa. *Raven*, tinha-lhe explicado ele há muito tempo, desaparecera quando ele andava no nono ano, num dia em que toda a gente estava fora de casa, e o mistério do desaparecimento dele (portão aberto?, roubado?) tinha sido fonte de um sofrimento inesgotável para todos os envolvidos, a ponto de ter havido acusações: a família tinha atribuído a culpa a ele, explicara-lhe Jonathan. Culpavam-no por ele ter fugido ou por se ter perdido ou sabe-se lá mais do quê, um cão que nem sequer era dele. Típico dessa família profundamente disfuncional, compreendia ela. Mas, ainda assim — que coisa terrível lhe tinham feito.

E, além do mais, Jonathan tinha alergia ao pelo de cão.

Eva tinha um cão quando o pai de Grace tinha começado a sair com ela. Dois cães, aliás: uns *dachshund* irmãos algo anafados chamados *Sacher* e *Sigi*, cujo principal interesse na vida era estarem juntos e que necessitavam de se chamados para prestarem atenção até mesmo a Henry. Agora há muito falecidos, tinham sido substituídos primeiro por um lulu-da-pomerânia (fruto de um abuso tal de consanguinidade que o pelo lhe tinha caído aos pedaços e o animal era estúpido como uma porta) que tinha morrido de uma doença típica da raça, e mais recentemente por *Karl*, outro *dachshund* cuja personalidade era apenas ligeiramente mais simpática. O pai de Grace parecia ser o principal responsável por levar *Karl* a passear (Grace continuava a ficar abismada sempre que via o pai passear um cão).

O hábito que o pai dela tinha de jogar ténis duas vezes por semana havia declinado juntamente com o estado dos joelhos e das ancas dele, pelo que fazia-lhe falta o exercício.

Grace avistou-os adiante, homem e *dachshund*, assim que ela e Henry atravessaram a Park na junção com a 73rd, e Henry correu a cumprimentar o avô. Grace ficou algo estupefacta ao constatar que ele parecia muito alto ao lado do avô e, por momentos, interrogou-se se o seu pai estaria a encolher. E, quando eles se abraçaram, o pai dela quase não precisou de se inclinar para o neto. Grace imaginou-os a continuar a crescer em sentidos inversos, até um deles desaparecer no chão e o outro desaparecer de vista, por entre as nuvens. A ideia fê-la estremecer.

— Olá, *Karl* — estava a dizer Henry quando ela os alcançou. Ele tinha desviado a sua atenção para o cão e conseguira captar a atenção dele o

suficiente para receber um abanão de cauda, gesto pelo qual Henry depois o elogiou em excesso. Frederick Reinhart entregou-lhe a trela e Henry começou a conduzir o cão, muito consciente de si mesmo, até todas as árvores existentes ao longo do passeio.

— Grace — disse o pai dela, dando-lhe um pequeno abraço. — Meu Deus, ele está cada vez mais alto.

— Eu sei. Juro que às vezes vou para o acordar de manhã e vejo que está mais comprido. É como se o Procrusto se tivesse apoderado dele.

— Espero bem que não — respondeu-lhe o pai. — O Jonathan vem diretamente do hospital?

Ela tinha-se esquecido de ligar a Eva a avisar que Jonathan não viria. De repente sentiu-se agoniada.

— Não tenho a certeza — conseguiu ela dizer. — Talvez.

Talvez nenhuma dessas afirmações fosse falsa, tentou convencer-se ela. Talvez ele aparecesse. Como por milagre.

— Certo — replicou ele. — Está mesmo frio, não está?

Estaria realmente frio? Grace sentia-se tão quente. Tinha comichão na parte de trás do pescoço por causa da lã do colarinho. Reparou na linha perfeita do cabelo grisalho do pai, cerca de um centímetro exato acima do colarinho do casaco grosso dele. Era a própria Eva quem lho cortava, com um par de tesouras compridas e afiadas. Era um talento que já vinha do primeiro casamento dela, da altura em que o falecido marido (no contexto do refreamento financeiro que ambos partilhavam — o que era curioso, tendo em conta a riqueza conjunta) tinha inventado formas de não gastar dinheiro. Aliás, ao longo dos anos, Grace tinha deixado Eva cortar o cabelo de Henry em mais do que uma ocasião. Eva parecia reparar primeiro (e reagir sempre) quando o comprimento passava além dos limites da decência e parecia ficar bastante contente quando cortava o cabelo ao único neto do marido. Também tinha imenso jeito com as tesouras, emitindo um som atarefado e profissional enquanto se movimentava à volta da linda cabeça de Henry, deixando montinhos do cabelo dele (igualmente bonito) no chão de mosaico da casa de banho principal. Eva adorava apontar a desordem onde quer que a visse e resolvê-la.

Eva tinha tomado bem conta do seu pai, pensou Grace, olhando para a tal linha de cabelo direita enquanto o seguia até ao vestíbulo. Obviamente, tinha tido esse mesmo pensamento noutras ocasiões; se isso ao menos fosse suficiente para ela conseguir gostar da madrastra. E também tinha pensado *nisso* várias vezes.

— Carlos — disse o pai dela para o ascensorista, enquanto este fechava a grade de ferro —, lembra-se da minha filha e do meu neto, não lembra?

— Olá — cumprimentou-o Grace, uma milésima de segundo depois do filho.

— Olá — respondeu Carlos, com os olhos fixos nos números por cima dele. Era um elevador à moda antiga, do género que exigia alguma perícia para parar exatamente ao nível do piso. Fizeram a viagem no silêncio habitual até ao quarto andar, onde o ascensorista tornou a abrir a grade de ferro e desejou-lhes uma boa noite. Henry baixou-se para soltar a trela da coleira de *Karl* e o cão correu em liberdade até à porta de casa, uma de duas portas no mesmo patamar pequeno. Quando o pai dela a abriu, o cheiro a cenouras atingiu-os de imediato.

— Olá, avó — disse o filho dela, seguindo *Karl* até à cozinha.

O pai dela despiu o casaco, depois pegou no casaco de Grace e pendurou os dois.

— Queres beber alguma coisa? — perguntou-lhe ele.

— Não, obrigada. Sirva-se à vontade.

Como se ele precisasse da autorização dela.

O apartamento não tinha mudado um milímetro desde a primeira vez em que ela lá tinha entrado, no ano a seguir ao seu casamento com Jonathan, para um jantar intimidante em que ela iria conhecer os filhos de Eva e respetivos cônjuges. Rebecca, que era pouco mais velha do que Grace e que tinha recentemente dado à luz o segundo filho (na altura vigiado por uma ama num dos quartos), tinha viajado de propósito de Greenwich para a ocasião, e Reuven — na altura já a considerar a hipótese de emigrar para Jerusalém — tinha vindo da 67th Street, acompanhado da esposa irritadiça, Felice. Essa fora a noite em que os três «miúdos» ficaram a saber que os pais iriam casar-se — de certeza absoluta. A data fora marcada para dali a uns escassos dois meses e o pai de Grace, surpreendentemente, decidira tirar uns inéditos dois meses de férias da firma dele com o objetivo de passar uma longa lua-de-mel em Itália, França e Alemanha.

Era difícil dizer qual dos três — «miúdos» — tinha ficado menos encantado com a notícia. Ela sabia que estava contente pelo pai, contente por ele ter encontrado uma companheira e também pelo facto de a intenção de Eva, logo desde o início, ser cuidar e organizar a vida de Frederick Reinhart, que não o fazia muito bem desde o falecimento da mãe de Grace e que precisava realmente de ajuda. Porém, Grace não conseguira gostar de Eva e estava convencida que tal jamais aconteceria. E também percebera de imediato que não iria gostar dos filhos de Eva.

Tinha sido um jantar de sábado tradicionalmente judeu, claro, e os filhos de Eva quase não tinham conseguido disfarçar o desagrado deles perante a indiferença de Grace e de Jonathan em relação ao ritual judeu. Não era uma questão de crença (a questão não era se ela e Jonathan acreditavam ou se os filhos de Eva acreditavam), mas da manifesta falta de judaísmo deles, que era por demais evidente para todos. Nessa noite, ela e Jonathan tinham abordado a mesa do Sabat com boas maneiras e com a

intenção habitual de observar e copiar sempre que se deparassem com algo que não fosse familiar, mas esses dois tinham-nos topado de imediato.

«Não conhece o *kiddush*?», perguntara Reuven a Jonathan, com um desdém tão palpável que o ambiente à mesa — já de si delicado — tinha ficado de cortar à faca.

«Infelizmente não», respondera-lhe Jonathan, com delicadeza. «Sempre fomos péssimos judeus. Os meus pais até tinham árvore de Natal e tudo, quando eu era pequeno.»

«Árvore de natal?», dissera Rebecca. O marido dela, também ele um banqueiro de investimento, franzira inclusivamente o lábio superior. Grace tinha assistido a tudo e, qual cobarde, não tinha dito nada. E nem ela nem o pai, escusado será dizer, tinham oferecido a informação de que também eles tinham celebrado o Natal — maçapão, Handel e a versão de Natal da *William Greenberg* — durante toda a infância de Grace. E com muita satisfação.

— Ah! — exclamou Eva, surgindo na entrada, com Henry e *Karl* imediatamente atrás dela. Beijou Grace em ambas as faces, com cerimónia. — O Henry disse-me que o Jonathan não vem.

Grace olhou de relance para o filho. Estava inclinado para a frente, a fazer festas a um *dachshund* indiferente que o ignorava por completo. Eva, exibindo a mais educada das suas expressões de reprovação, envergava um dos inúmeros conjuntos de saia e casaco feitos de caxemira. Possuía-os em vários tons de bege, variando desde o mais pálido ao quase branco e do mais escuro ao quase castanho, mas concentrando-se essencialmente no tom abaunilhado que vestia nessa noite. Assentavam-lhe bem em dois sentidos: primeiro porque deixavam ver as clavículas impressionantes dela e segundo porque garantiam a melhor apresentação do peito dela, que parecia sobrenaturalmente jovem e bastante volumoso.

— O quê? — perguntou o pai de Grace. Tinha regressado do bar na sala de estar com o copo de uísque na mão.

— Pelos vistos o Jonathan não vem jantar connosco — disse a mulher dele, num tom de voz severo. — Pensava que tinha ficado combinado ligares-me se fosse esse o caso.

Era um facto, Grace tinha noção disso. Sim, ela tinha dito isso. Sim, ela tinha sido negligente ao não o ter feito. Mas, a sério? Seria tão grave como eles o estavam a fazer parecer?

— Oh, Eva! — disse Grace, entregando-se à mercê duvidosa do tribunal —, peço imensa desculpa. Passou-me completamente. É que estava na esperança de ter notícias.

— Na esperança de ter notícias? — O pai dela parecia quase insultado. — Não percebo. Porque é que havias de «estar na esperança de ter notícias» do teu marido?

Ela lançou-lhes um olhar de advertência que transmitiu apenas uma

fração do seu próprio descontentamento e depois perguntou a Henry se ele tinha trabalhos para casa.

— De Ciências — replicou ele do chão, onde estava a coçar o ingrato *Karl* atrás das orelhas.

— Porque é que não vais para a salinha fazê-los, filhote?

Henry foi. O cão ficou.

Talvez devesse contar-lhes a verdade. Talvez acontecesse um milagre e, pela primeira vez, o seu pai e Eva não insistissem mais no assunto.

— Não sei nada dele. — Grace deu uma pequena risada forçada. — Para dizer a verdade, não faço ideia onde é que ele está. É um bocado mau, não é?

Mas não houve milagre nenhum, claro.

Eles entreolharam-se. Eva, com uma expressão tão fria que Grace quase sentiu um arrepio, rodou sobre os calcanhares e regressou à cozinha. O pai dela deixou-se ficar, ainda com a bebida na mão e com um ar praticamente furioso.

— Não sei como é que fazes estas coisas — disse ele, bruscamente. — Preocupas-te tanto com os sentimentos dos teus pacientes, mas é curioso nunca te preocupares com os sentimentos da Eva.

Ele foi sentar-se. Grace calculava que devia fazer o mesmo, mas de momento estava tão concentrada nas palavras dele que mal conseguia mexer-se.

Preocupas-te tanto com os sentimentos dos teus pacientes. Não, aquilo não era nada de novo. O pai de Grace nunca tinha gostado de terapia em geral e a verdade era que nunca tinha aprovado essa profissão para a filha. Mas, por favor, o que é que isso tinha a ver com Eva?

— Peço imensa desculpa — disse ela, com cuidado. — Vou ser totalmente sincera, a coisa ultrapassa-me por completo. Tinha esperança de que o Jonathan ligasse, para lhe poder perguntar o que é que pretendia fazer.

— E não te ocorreu ligares-lhe tu? — respondeu-lhe o pai, como se Grace tivesse dez anos.

— Claro que sim. Mas...

Mas. «Mas o meu marido arranjou maneira de ficar incontactável, daí eu não conseguir falar com ele. E estou tão apavorada com a situação, e com o que isso poderá significar, porque é óbvio que significa alguma coisa, que estou sinceramente a ter alguma dificuldade em funcionar, quanto mais preocupar-me se a sua mulher — que não gosta de mim, e muito menos sente amor por mim, e de quem eu jamais gostarei mais do que o estritamente necessário só por ela ser sua mulher — pôs a quantidade correta de pratos na mesa e se será necessário retirar um deles.»

— Mas?... — disse o pai dela, recusando-se a desculpá-la.

— Não tenho qualquer justificação. Sei que estes jantares são muito

importantes para ela.

E eis que foi pior a emenda que o soneto. Foi como se ela tivesse dito: «Por mim estaríamos a jantar no Shun Lee, a comer entrecosto e lagosta à cantonesa, em vez de ter de vir aqui uma vez por semana para aturar a hostilidade da Eva, que há muito decidiu que não sou tão boa como os frutos do ventre dela e, como tal, não sou merecedora dos seus muito apreciados croquetes de solha e batata, quanto mais da sua boa vontade no geral, além de ser muito pouco digna de... Como é que se chama aquela coisa que uma mulher madura pode sentir pela filha única do seu adorado marido, uma criança que já nem sequer tem mãe? Ah, sim! Afeto! Afeto maternal! Ou até mesmo uma imitação pouco convincente de afeto maternal, só por uma questão de aparência e por respeito ao supracitado adorado marido.»

Claro que não.

Então ela tentou, como às vezes fazia em situações como essa, imaginar uma paciente no seu lugar. «Sinto a falta da minha mãe», diria Grace-paciente — uma mulher na casa dos trinta ou quarenta anos, casada, com um filho e uma carreira relativamente bem-sucedida — a Grace-terapeuta. «Amo o meu pai, como é óbvio. E quando ele tornou a casar depois de a mãe ter morrido fiquei feliz por ele, porque preocupava-me ele estar sozinho, entende? E eu queria mesmo ter um bom relacionamento com a mulher dele. Queria voltar a ter uma mãe — admito-o —, embora soubesse, claro, que ela não era minha mãe. Mas ela fez-me sempre sentir que me estava a fazer um favor. Ou que estava a fazer um favor ao meu pai — provavelmente é mais correto dizer isso. E, bem vistas as coisas, ela desejava que eu não sequer existisse.»

E depois Grace-paciente começaria a chorar, porque sabia que no fundo era como se não existisse mesmo. Essa era a verdade.

E Grace-terapeuta olharia para essa pessoa destroçada sentada no seu sofá e provavelmente dir-lhe-ia que era muito triste que o pai tivesse recusado tão enfaticamente o afeto da única filha. E ambas — Grace-terapeuta e Grace-paciente — fariam uma pausa para pensar no quão triste era a situação. Mas no final, ambas chegariam à única conclusão possível: que o pai era um homem adulto tinha feito a escolha dele. Podia mudar de ideias, mas não porque a filha o tinha convencido a tal.

E no que dizia respeito à mulher.

«Ela não é minha mãe», pensou Grace. «A minha mãe morreu e pronto. E agora ofendi-a profundamente por não lhe ter dito que o meu marido não vinha jantar. Se calhar devia ter-lhe dito: “Adivinha quem é que não vem jantar?”» Posto isso, ela sorriu inadvertidamente.

— Não vejo onde é que está a piada — disse o pai dela e Grace ergueu o olhar para ele.

— Não tem piada nenhuma — respondeu-lhe ela.

«Não», pensou Grace, «a família não se escolhe e sim, devemos — devemos *mesmo* — cultivar a que temos porque é, de facto, a que temos.» E não era exatamente isso que ela tinha andado a fazer, pelo menos umas vezes por mês, ao longo de vários *anos*, desde o dia em que o pai tinha convidado Eva Scheinborn para jantar no Ginger Man, seguido do espetáculo *Four Last Songs*? Contudo, em momento algum, durante todos esses anos, ela tinha sentido o mínimo carinho por parte de Eva ou qualquer interesse direcionado a si ou a Jonathan. «E, no entanto, volto sempre cá», pensou ela. «Sempre atenciosa e sempre esperançosa.»

«Que palermice a minha.»

Então, com o pai ainda a fitá-la e Eva, quase de certeza, a levantar e a levar o incrivelmente pesado prato a mais, o pesadíssimo guardanapo com os respetivos talheres e os insuportavelmente pesados copos de vinho e de água de volta para a cozinha, ocorreu-lhe que podia sair dali nesse mesmo instante e nem sequer se preocupar mais com o assunto.

Ou, parafraseando essa expressão generalizada, proferida pelos lábios provavelmente intumescidos de todas as celebridades da atualidade, reais ou irreais: *Não quero saber*.

Mas ela não proferiu essas palavras. Em vez disso, anunciou:

«Paizinho, passa-se alguma coisa. Estou mesmo assustada.»

Ou melhor: talvez apenas tivesse querido dizer essas palavras. Talvez estivesse prestes a proferi-las, quando o som estridente do telemóvel dela anunciou a possibilidade ínfima de salvação das profundezas da sua mala de cabedal; e esquecendo tudo — o pai, a dignidade — arrancou-a do ombro e debruçou-se sobre ela, vasculhando o interior da mala, afastando para o lado agendas, a carteira, canetas, o *iPod* que ela não utilizava há meses, as chaves, a autorização para uma visita de estudo a Ellis Island que ela estava sempre a esquecer-se de devolver e o cartão de visita de um vendedor de violinos que Vitaly Rosenbaum tinha recomendado para substituir o instrumento de três quartos que deixara recentemente de ser adequado ao tamanho de Henry — tudo para extrair essa réstia de esperança. Ela devia parecer um animal, a escavar desesperadamente à procura de alimento, ou talvez um super-herói com poucos segundos para encontrar e desarmar uma bomba, mas mesmo que quisesse ela não teria sido capaz de se conter. «Não desligues!» pensou ela, desesperada. «Não te atrevas a desligar, Jonathan!»

Então a mão dela agarrou o aparelho e trouxe-o para cima, qual pérola das profundezas, e ela fitou-o perplexa, pois o ecrã não revelava o estetoscópio que tão irracionalmente esperava ver (como é que seria possível? A não ser que Jonathan tivesse regressado a casa, tirado o telemóvel ainda escondido da mesa de cabeceira e o tivesse utilizado para lhe ligar), nem um número desconhecido da região Centro-Oeste («Sou mesmo parvo! Perdi o telemóvel algures!»), mas as iniciais

NYPDMEENDOZAC, sem dúvida — de todas as coisas irritantes e irrelevantes que podiam ter aparecido no ecrã —, a coisa mais irritante e irrelevante de todas.

E depois ocorreu-lhe que ele estava morto, que o tinham encontrado e que estavam a ligar para lhe dar a pior das notícias que ela alguma vez ouviria. Mas que estranha coincidência ser o mesmo agente de Polícia, com tantos agentes da Polícia que podiam ter ligado, a fazer essa chamada. Talvez ele fosse o seu agente da Polícia pessoal, o que ligava quer ela atravessasse a rua fora da passadeira quer tivesse conhecido, ainda que por breves instantes, uma vítima de homicídio ou caso tivesse de ser informada de que o marido tinha sofrido um acidente terrível. Quantos agentes existiriam e qual seria a proporção deles para cada nova-iorquino? E que estranho ela necessitar do seu duas vezes, no espaço de poucos dias.

«Bem, não atendo e pronto», pensou ela. Isso resolveria o assunto.

Mas o pai dela continuava a fitá-la. E disse-lhe:

— É o Jonathan?

Grace ergueu o telemóvel no ar, como se o aparelho pudesse mudar de ideias e passar a ser Jonathan. Não era Jonathan.

— Pai? — ela ouviu-se a dizer. — Não sei se vocês perceberam o que eu disse, mas não sei onde está o Jonathan. Pensava que estava numa conferência de medicina algures na região Centro-Oeste, mas agora já não tenho a certeza.

— Já lhe tentaste ligar? — perguntou-lhe o pai, como se ela fosse uma imbecil.

Na mão dela, o telemóvel parou de tocar. «Olha, foi fácil!», pensou ela. «Desejo concretizado.»

— Sim. Claro que sim.

— Então e no hospital? Eles devem conseguir entrar em contacto com ele.

Então e o Jonathan, o que é que ele tem feito?

Grace estremeceu.

Na mão dela, o telemóvel estremeceu também. Estava novamente a tocar. NYPDMEENDOZAC queria muito falar com ela.

E depois, oriundo de um lugar tão profundo dentro de si que ela na verdade nem sabia da sua existência, quanto mais a sua localização, algo pesado e metálico escolheu esse preciso instante para se abrir ligeiramente, com o roçar de ferrugem e a libertação de um pensamento novo e horrível: que tudo o que estava a surgir à sua volta estava prestes a convergir.

— Tenho de atender — disse ela ao pai. — Tenho mesmo.

Em resposta, ele saiu da sala.

Então ela fez uma coisa muito estranha. Obrigou-se a caminhar, de forma decidida, até um dos sofás compridos e nada confortáveis de Eva e

pousou a mala desarrumada com muito cuidado em cima do tapete Kirman antigo e assustadoramente caro de Eva. E depois, com o máximo pormenor, e numa voz tão severa e disciplinada que nem a reconheceu de imediato como sendo sua, disse a si mesma a mentira descarada de que iria correr tudo bem.

CAPÍTULO DOZE

ESTALIDO

Dessa vez não a deixaram falar com eles no átrio do prédio, apesar de lhe terem ligado do átrio, pelo que estavam logo lá quando ela desceu no elevador, e não obstante o facto de o átrio do prédio de Eva (de longe muito mais sumptuoso do que o dela) ter mobiliário ainda mais elaborado ao dispor. Não.

Dessa vez, tinha havido um «pedido» para conversarem no que eles tinham chamado de «o escritório», onde haveria mais privacidade.

Privacidade para quê?, perguntara-lhes ela. E como não lhe responderam de imediato, acrescentara:

— Não compreendo. Estou a ser detida?

Mendoza, que já tinha começado a conduzir o pequeno grupo em direcção à rua, parou. O pescoço dele, reparou ela — não sem alguma satisfação despropositada —, sobrepôs-se ao colarinho do casaco quando ele se virou para ela.

— Por que razão haveria de a deter?

Foi então que ela se sentiu completamente exausta. Uma parte de si já se havia rendido. Deixou-os abrir-lhe a porta do *sedan* e sentou-se no banco de trás, ao lado de O'Rourke. O que tinha pelos no pescoço. Como uma criminosa.

— Não compreendo — tornou ela a dizer, mas sem grande convicção. Como nenhum deles reagiu, ela continuou:

— Já vos disse que mal conhecia a Senhora Alves.

Mendoza, que estava a conduzir, disse, mas não de uma forma indelicada:

— Falamos quando lá chegarmos. — Em seguida, e dadas as circunstâncias isso pareceu-lhe ser a coisa mais estranha do mundo, ele ligou o rádio. WQXR, a estação de música clássica. E ninguém voltou a falar.

Pelos vistos, «lá» era a 23.^a Esquadra na 102nd Street. A escassos três quilómetros da vizinhança onde ela tinha crescido e onde agora estava a criar o seu próprio filho — uma distância mais curta do que ela gostava habitualmente de caminhar e menos, aliás, do que a distância que percorria na passeadeira nas raras ocasiões em que conseguia ir ao ginásio no

cruzamento da 80th com a Third —, contudo, Grace nunca tinha posto os pés na 102nd Street. Ao subir a Park de carro, passando por Lenox Hill, onde ela e Henry tinham nascido, e depois pela Brick Church, onde dois dos seus colegas de turma da Rearden se tinham casado, e pelo edifício na 96th Street onde a sua amiga Vita tinha crescido — um prédio edificado exatamente na extremidade do que os pais de Grace consideravam ser a Manhattan aceitável —, ela tinha visto cada ponto de referência surgir à sua passagem.

A cidade da juventude de Grace parou abruptamente no cruzamento da 96th com a Park (que após uma longa inclinação se elevava nesse preciso local e que depois parecia mergulhar rumo ao Spanish Harlem, onde o metro emergia das viagens subterrâneas). Tão rigorosa tinha sido a lei imposta pela sua mãe — também ela uma nativa de Nova Iorque — em relação a não subir a 96th na direção norte, que era quase como se lá existisse um desses letreiros apocalípticos com o aviso: «Que Perca Toda a Esperança Quem Aqui Entrar.» Grace e Vita nunca o tinham feito, embora gostassem, de tempos a tempos, da leve rebeldia de palmilharem todo o comprimento da 96th desde a Fifth, onde as moradias continuavam a ser sinónimo de elegância, até East River, onde as coisas eram quase tão perigosas como Marjorie Reinhart sempre receara.

Claro que em adulta ela já tinha ido a Harlem inúmeras vezes. Atualmente, o local tinha deixado de ser um bicho-de-sete-cabeças. Tinha havido os seus anos de faculdade, em Columbia (embora Columbia e arredores usufríssem de uma isenção Ivy League à regra supracitada sobre a 96th Street), e o estágio de aconselhamento terapêutico num abrigo para mulheres na 128th. E tinha havido a horrorosa peça na 159th Street, em que a mãe de um dos amigos de Henry representara uma personagem tão experimental que o papel se chamava simplesmente *A Mulher* — ela tinha-a ido ver com Henry e Jonah, quando Henry e Jonah ainda eram amigos. Jonathan adorava também o Sylvia's Restaurant com um fervor que ela nunca tinha partilhado e de vez em quando convencia-a a ela e a Henry a irem lá comer costeletas de porco com molho e macarrão. E, claro, uma grande percentagem das pessoas que eles conheciam tinha optado por moradias nessa vizinhança previamente inaceitável, onde pelo preço de uma caixa de fósforos pós-guerra no Upper East Side se podia comprar uma casa pré-guerra com três andares e direito a jardim nas traseiras, a escassos dez minutos um tanto ou quanto assustadores do metropolitano. Atualmente, havia até um escritório Brown Harris Stevens, tinha lido ela alгуres.

Não obstante, ela sentiu esse aperto antigo e instintivo no momento em que o carro começou a descer.

«Que Perca Toda a Esperança Quem Aqui Entrar.»

Ao que se veio a revelar, a 23.^a Esquadra era um edifício que parecia

um Cubo Mágico que tinha implodido, em tons de bege vulgar. Quando a levaram para o interior, fazendo-a descer rapidamente um corredor lateral em direção a uma pequena sala de reuniões, o Detetive O'Rourke aumentou o surrealismo da ocasião ao oferecer a Grace um *cappuccino*. Ela quase sorriu.

— Não, obrigada — respondeu-lhes. *Ainda se fosse um shot de uísque*, quase lhe saiu da boca, mas a verdade era que também não queria isso.

O'Rourke foi buscar um café para ele. Mendoza perguntou se ela precisava de ir à casa de banho. Ela disse que não. Seriam sempre assim tão educados? Mas depois viu-o olhar para o relógio — já estaria saturado? — e apontar a hora no papel.

— Preciso de um advogado? — perguntou-lhes.

Eles entreolharam-se.

— Não me parece — replicou O'Rourke. Agora estavam ambos a escrever, um a rabiscar longas linhas num bloco amarelo oficial e o outro a preencher um formulário. Ela observou-os, por uns instantes, o vapor a emergir dos copos de papel deles.

— Senhora Sachs — disse Mendoza, de súbito —, sente-se à vontade?

Ele seria louco? Não, ela não se sentia nada à vontade. Fitou-o com uma espécie de desaprovação desinteressada e respondeu:

— Claro. Mas estou confusa.

— Compreendo — disse ele, acenando com a cabeça. E a não ser que ela estivesse muito enganada, esse aceno, assim como a expressão que o acompanhou, uma espécie de expressão apagada e reservada, e o tom de voz dele, que era suave e vagamente musical, eram saídos diretamente do manual de treino básico dos terapeutas de todo o mundo. Essa constatação deixou-a furiosa. E só piorou quando ele disse: — Isto deve ser muito difícil para si.

— Nem sequer sei o que «isto» é — retorquiu ela, olhando primeiro para um e depois para o outro. — O que é «isto»? Já vos disse, não conhecia a Malaga Alves. Não me diz nada. Lamento imenso que ela tenha sido...

«O quê?», pensou Grace, desesperadamente. Como é que se terminava uma frase com um começo tão estúpido?

— Que tenha sido... magoada. É uma coisa terrível. Mas o que é que eu estou aqui a fazer?

Eles olharam um para o outro e Grace, nesse momento, viu o diálogo mudo e condensado entre duas pessoas que se conheciam muito bem. Estavam em desacordo. Depois um deles prevaleceu.

Foi O'Rourke quem se inclinou para a frente, com os cotovelos apoiados em cima da mesa, e disse:

— Senhora Sachs, onde é que está o seu marido?

Grace ficou sem fôlego. Abanou a cabeça. Eles pareciam criaturas

exóticas. Aquilo não fazia sentido nenhum.

— Não compreendo. Pensava que isto era sobre o que aconteceu à Senhora Alves.

— E é — respondeu-lhe Mendoza, num tom severo. — Tem tudo a ver com a Senhora Alves. Por isso pergunto-lhe mais uma vez: onde é que está o seu marido, Senhora Sachs?

— Acho que o meu marido nunca conheceu a Senhora Alves.

— Onde é que ele está? Está no vosso apartamento na 81st?

— O quê? — Ela olhou-os fixamente. — Não. Com certeza que não!

— Porquê «com certeza»? perguntou-lhe O'Rourke, soando realmente curioso.

— Bem, porque... — Porque se Jonathan estivesse no apartamento, ela não teria passado as últimas vinte e quatro horas num estado de puro terror. Saberla onde é que ele estava. Podia não compreender, mas ao menos saberia. Mas era claro que ela não podia dizer isso. *Isso*, o que quer que estivesse a acontecer a Jonathan, aos dois enquanto casal, não era da conta deles. Em vez disso, respondeu-lhes: — Porque... por que razão havia de estar no nosso apartamento? Já vos disse, está numa conferência de medicina. E se estivesse cá, na cidade, estaria no trabalho. Só que não está cá.

Os dois homens franziram o sobrolho. O'Rourke franziu os lábios e inclinou a cabeça ligeiramente para a frente. A pele da cabeça careca dele captou a luz fluorescente do teto.

— E esse trabalho fica *onde*?

Era a forma como ele o tinha dito, tão cauteloso, tão ansioso para não deitar a perder a resposta que tinha na ponta da língua. A voz dele revelava simultaneamente crueldade e pena. Era tão radioativa que a fez estremecer. Ambos fitavam-na, à espera. Ambos tinham o casaco vestido, embora estivesse — apercebia-se ela agora — um pouco quente na sala. Seria de propósito? Ou por norma o município aquecia os edifícios públicos? A verdade era que estava inquestionavelmente quente. Ela tinha despidido o casaco e tinha-o pousado em cima do colo, num embrulho. Segurava-o com força agora, como se ele lhe pudesse escapar. Tinha tido calor. Caso contrário não o teria feito, uma vez que tirar o casaco era sinónimo de ficar algum tempo nesse lugar e ela não fazia qualquer tenção de permanecer um segundo além do necessário para satisfazer o «pedido» deles. Será que não tinham calor? O'Rourke, o careca, parecia cheio de calor. Tinha uma camada fina de transpiração na fronte ou na careca ou no sítio onde a linha de cabelo deveria existir caso ele tivesse cabelo. O outro parecia igualmente desconfortável. Embora talvez os casacos os fizessem parecer assim. Casacos que lhes assentavam mal, aos dois. Ambos demasiado largos nas axilas.

E depois, sem aviso prévio, ela imaginou-se pendurada num precipício,

presa por cordas, e havia imensas cordas — o suficiente para se sentir segura. Ela tivera sempre cordas, sabia-o bem: estabilidade, saúde, dinheiro, educação. Era inteligente o suficiente para se sentir grata por todo esse apoio. Mas as cordas — estavam a partir-se. A rebentar. Uma a uma — ela ouvia-as: pequenos estalidos, pequenos rasgões. Mas ainda estava tudo bem. Ainda havia cordas suficientes a segurá-la. Além de que ela não era pesada. Não precisava de muitas.

— No Memorial Sloan-Kettering — respondeu-lhes ela, tentando invocar toda a autoridade possível, se não por ela, então pela instituição. Regra geral, a mera referência a essa instituição era quanto bastava. Embora ao fazê-lo, um lado dela se tivesse interrogado: *Será a última vez?*
— Ele é médico lá.

— Médico de...?

— É médico. Pediatria oncológica. Cancro — disse ela, para o caso, *quem lhe dera*, de eles serem limitados. — Em *crianças*.

Mendoza recostou-se na cadeira. Durante um longo momento, ele deixou essa coisa pesada pairar no ar. Parecia estudá-la, à procura de alguma informação codificada. Então, pareceu tomar uma decisão.

Havia uma caixa em cima da mesa. Uma caixa de documentos, nada de invulgar. Estava lá desde que os três tinham entrado e se tinham sentado — talvez por isso é que Grace não lhe tinha prestado muita atenção. Agora, porém, Mendoza estendeu a mão sobre a mesa e arrastou a caixa para junto dele. Levantou a tampa e largou-a na cadeira ao lado, depois enfiou a mão no interior e retirou uma pasta. Não era muito grande. Isso era bom sinal, não era? Pelo menos, em termos de pastas médicas, grande era normalmente pior do que pequena. Quando ele a abriu, ela ficou surpreendida ao ver o logótipo familiar do hospital, um caduceu desconstruído em que o bastão de Asclépio era uma seta a apontar para cima e as cobras entrelaçadas estavam transformadas em cruzes pós-modernas. Ela fitou essa simples imagem completamente estupefacta.

— Senhora Sachs — disse O'Rourke —, é possível que não saiba que o seu marido já não trabalha no Memorial.

Estalido.

Por uns instantes, ela não sabia o que mais a chocava: se o que ele tinha dito sobre Jonathan já não trabalhar no hospital, se o facto de ter empregado a abreviação familiar do hospital.

— Não — respondeu-lhe ela. — Não é possível. Quer dizer, não sabia isso.

Ele ergueu a folha de papel no ar e examinou-a, deixando Grace a olhar para o logótipo familiar visível à transparência.

— Segundo o Doutor Robertson Sharp...

— III — acrescentou ela, inconscientemente. «A poia.»

— ... o Doutor Jonathan Sachs terminou o contrato lá no dia um de

março deste ano.

Estalido. *Estalido*.

Ele olhou para ela por cima da folha:

— Não estava a par disto?

Não digas nada, avisou-a uma voz. *Não lhes dês nada que possam usar para piorar a situação*. Pelo que se limitou a abanar a cabeça.

— Está a dizer que não, que não estava a par disto?

Para a posterioridade, pensou ela. Para as provas por escrito.

— Não estava a par. — Ela conseguiu proferir as palavras.

— Não sabia que a rescisão dele se tinha dado na sequência de duas ações disciplinares no hospital?

Ela abanou a cabeça e depois lembrou-se:

— Não.

— E que a rescisão resultou de uma terceira violação do código de conduta do hospital, exigindo aquilo que a assessoria jurídica do hospital descreveu como «uma desvinculação permanente da instituição»?

Não. Estalido, *estalido*.

Portanto. *Então e o Jonathan, o que é que ele tem feito?*

— Quero parar isto — pediu-lhes ela. — Podemos parar isto?

— Não, infelizmente não vamos parar.

— E dizem-me vocês que não preciso de um advogado?

— Senhora Sachs — disse-lhe O'Rourke, num tom zangado —, por que motivo haveria de precisar de um advogado? Está a esconder o seu marido? É que se o estiver a esconder, então sim, vai precisar de um excelente advogado.

— Mas... Não, não estou! — Grace sentia o calor no rosto, na garganta. Embora não estivesse a chorar. E também não ia começar. — Pensava que ele estava numa conferência médica. — Soava ridícula, até mesmo aos seus próprios ouvidos. Grace-terapeuta tinha vontade de lhe mandar um berro. — Na região Centro-Oeste.

— É uma região muito grande. Onde, exatamente? — perguntou-lhe Mendoza.

— Penso que... no Ohio?

— Ohio.

— Ou em... Illinois?

O'Rourke resfolegou:

— Ou em Indiana. Ou em Iowa. Soa tudo ao mesmo, não é?

Aos ouvidos de um nova-iorquino, sim. Como a famosa visão de Saul Steinberg em relação ao mundo: para lá do rio Hudson existe apenas o «lá».

— Não me recordo do que ele disse. Havia uma conferência médica. Pediatria oncológica. Ele...

Mas depois ela sentiu um arrepio. Porque pelos vistos ele já não estava

lá.

Meu Deus, Jonathan.

— E não está no vosso apartamento.

— Não! — gritou ela. — Já vos disse. Não está.

— Mas o telemóvel dele parece estar. Segundo a *Verizon*.

— Ah! Bem, sim. O telemóvel dele está lá.

O'Rourke chegou-se para a frente. A barba dele parecia ter crescido mais, durante a última hora até. «Deve fazer a barba duas vezes por dia», pensou Grace, vagamente. Jonathan fazia a barba todas as manhãs, embora às vezes saltasse um dia quando estava cheio de pressa para ir para o trabalho.

— O telemóvel do seu marido está no vosso apartamento, mas o seu marido não.

Grace acenou com a cabeça, já que pelo menos isso era um não-acontecimento. Ou devia ser.

— Exato.

— Um pormenor que a senhora podia ter mencionado — disse-lhe O'Rourke, num tom reprovador.

Ela encolheu os ombros. Quase lhe sabia bem vê-lo tão irritado.

— Não me perguntaram pelo telemóvel dele. Perguntaram-me onde é que ele estava. Ele esqueceu-se do telemóvel em casa, deixou-o lá. Não é a primeira vez que se esquece do telemóvel. Mas e depois? Encontrei-o ontem à noite e por isso é que não sei onde é que ele está. Porque se esqueceu do telemóvel e não tenho como lhe ligar.

«Belo discurso», pensou ela, em conclusão. Grace-terapeuta pensou: «E isto faz algum sentido?»

— E isso faz todo o sentido na sua cabeça, portanto — disse Mendoza.

Ela quase deu uma gargalhada. Não, era claro que não fazia sentido. Sentido era algo que agora era difícil de encontrar, em termos gerais.

— Ouçam lá, isto... — O que quer que *isto* fosse. — O que me estão a dizer em relação ao Jonathan, não os estou a acusar de estarem a inventar. E é terrível, é óbvio que há aqui muita coisa para eu interiorizar, mas continuo a não perceber o que é que isso tem a ver convosco. Quer dizer, se for verdade que ele perdeu o emprego e não me disse, então claramente...

Ela fez uma pausa, para respirar fundo. Tinha sido complicado o suficiente dizer tudo aquilo.

— Eu e ele vamos ter muito que conversar. E vai ser bastante desagradável, mas é um assunto privado. Por isso, explicam-me por que motivo o estou a discutir numa esquadra da Polícia?

O'Rourke estendeu a mão e agarrou a pasta. Folheou algumas páginas e depois, com um pequeno suspiro, fechou-a, tamborilando os dedos em cima da capa cinzenta.

— Sabe o que é que me faz confusão? — disse ele, por fim. — É o facto de você não ter perguntado o que é que ele fez para ser despedido. Não quer saber?

Grace pensou no assunto. A resposta certa era: Não, não queria saber. Não queria mesmo nada saber. Era claro que acabaria por ter de saber. Os dois nunca se tinham entendido, como era evidente, o seu marido e o chefe dele. Uma pessoa que se desse bem com outra não a apelidaria de «A Poia» só porque lhe apetecia. A julgar pelo que Jonathan lhe tinha contado ao longo dos anos, Robertson Sharp representava o que havia de pior na velha guarda em termos de atendimento de pacientes. Interessado somente nos resultados clínicos, evitava praticamente todo o contacto com os pacientes e respetivas famílias. E com o aumento de inúmeros sistemas de apoio social no seio da estrutura hospitalar, ele tinha-se afastado cada vez mais. Os defensores dos pacientes, os consultores familiares e os terapeutas de apoio, em todas as suas coloridas permutações, podiam dedicar-se ao lado sentimentalista; o Dr. Sharp examinava, avaliava, mandava fazer os exames e prescrevia a medicação. Fora assim que a geração dele fora treinada, nas faculdades de Medicina dos anos 60 — não se podia condená-los por isso. E a personalidade dele... Bem, algumas pessoas pura e simplesmente não se interessavam se os outros gostavam delas ou não.

— Senhora Sachs?

Ela encolheu os ombros.

— Obtivemos ontem os registos do Memorial.

Ela endireitou-se no lugar:

— Os registos confidenciais dele.

— Sim. Com um mandado judicial.

— Os registos laborais dele? — indagou ela, incrédula.

— Sim. Os registos laborais confidenciais dele. Como resultado do mandado judicial emitido ontem de manhã. Tenho-os aqui. A sério que não tem conhecimento de nada disto?

Ela abanou a cabeça. Estava a tentar — a tentar a sério — respirar.

— Muito bem. Entre 2007 e 2012, várias notificações por assédio envolvendo funcionários. Duas notificações relacionadas com ofertas de dinheiro recebidas por parte das famílias de pacientes. Duas notificações por contacto impróprio com famílias de pacientes.

— Oh, espere lá! — disse Grace. — Agora... Isso é treta, como é óbvio.

— Em janeiro deste ano — continuou O'Rourke —, ele recebeu uma advertência formal após o confronto físico com um médico de serviço que resultou em ferimentos. O outro médico recusou-se a apresentar queixa.

— Certo. — Ela deu uma gargalhada. Jonathan a provocar ferimentos em alguém. Será que eles alguma vez tinham *visto* Jonathan? Aquilo era

um absurdo. — Claro que sim. *Ferimentos*.

— Dois dedos partidos e um corte suturado com dois pontos. Para a outra pessoa envolvida.

Estalido, estalido, estalido. Ela agarrou-se à mesa. «Oh, não!», pensou. «Alguém escreveu uma história de terror só para mim.» Como essas pessoas que pegavam em recordações de família e as transformavam numa canção para o aniversário das bodas de ouro. Mas ao contrário. Essa história de terror, por exemplo, de alguma maneira teria de explicar o dente que ele tinha partido quando caíra nas escadas.

— Não foi assim que ele partiu o dente — disse ela.

— Desculpe? — Tratava-se de Mendoza.

— Não foi assim que ele o partiu. Caiu nas escadas. Tropeçou. «Tiveram sorte em ele não ter processado o hospital!»

— O outro médico foi tratado na sala de urgências do Memorial. O resultado do incidente foi testemunhado por uma série de pessoas e a vítima prestou declarações na audiência disciplinar.

A circunstância accidental. A vítima. A audiência disciplinar. Parecia haver uma série de «aa». Como se aquilo estivesse realmente a acontecer. Mas era claro que não passava de um disparate.

— Ele caiu nas escadas. Teve de pôr um dente falso. Não conseguiram restaurar o dente!

«Tenham pena de mim», pensou ela, completamente desvairada.

— Até tem uma cor diferente e tudo, se olharem com atenção.

— E por fim, em fevereiro deste ano, uma audiência disciplinar completa alegando contacto impróprio com mais um familiar de um paciente.

— Ouçam lá! — Ela não associava o grito que tinha acabado de ouvir como sendo seu. — Trata-se de cancro! São crianças com cancro! Ele é uma pessoa carinhosa. Não é nenhum idiota que entra e anuncia que o filho da pessoa vai morrer. Ele preocupa-se com as pessoas. Quer dizer, talvez haja médicos que seguem as regras à risca, que comunicam a pior notícia da vida da pessoa e depois dão meia-volta e saem porta fora, mas o Jonathan não é assim. É claro que... ele pode abraçar ou tocar em alguém, mas isso não quer dizer... — Ela calou-se, tentando recuperar o fôlego. — É terrível acusar alguém de uma coisa dessas.

Mendoza estava a abanar a cabeça e o pescoço dele, mais concretamente a gordura do pescoço, saltava de um lado e depois do outro. Ela odiava o pescoço dele e odiava-o a ele.

— O nome do paciente...

— Isso é privado! — gritou-lhes Grace. — Não me digam o nome do paciente. Não é da minha conta.

«E não quero saber», pensou ela, porque sabia-o, já o sabia, e era demasiado mau, e já só restava uma única corda, um minúsculo filamento

de seda a segurá-la na beira do precipício, e lá em baixo, tão lá em baixo que ela nem conseguia ver o fundo, estava um lugar onde nunca tinha estado, nem mesmo nos dias mais obscuros após a morte da mãe, nem quando a criança por que ela e o marido tanto ansiavam se tinha recusado a chegar, ou tinha chegado e tinha partido cedo de mais. Até mesmo isso tinha sido suportável, mas agora aquilo não.

— O paciente do seu marido chamava-se Miguel Alves. Diagnosticado com um tumor de... — Ele semicerrou os olhos, fitando a folha. Em seguida, olhou para o colega.

— Wilms — disse-lhe o colega, soando essencialmente enfadado.

— Um tumor de Wilms, em setembro de 2012. A mãe do Miguel... Bem, como é óbvio, trata-se de Malaga Alves.

Obviamente. Tudo o que surge deve convergir.

— Por isso perdoe-me a pergunta, Senhora Sachs, pois vou ficar seriamente irritado consigo se continuar a dizer-me que estou errado, que me enganei, que o seu marido está na merda de uma conferência médica sobre miúdos com a merda do cancro ou que ele se esqueceu do telemóvel, o que quer que lhe apeteça fazer a seguir. Já lhe disse: não o proteja. Não é... Como é que vocês psiquiatras gostam de lhe chamar? Uma decisão saudável. E não sei se tem jeito para o seu trabalho, mas eu sou muito bom no meu e onde quer que o Jonathan esteja, hei de encontrá-lo. Por isso, se souber alguma coisa, esta é a altura de a partilhar comigo.

Mas Grace não disse nada, porque tinha a boca cheia de vento, porque já não havia nada a segurá-la e ela tinha caído, estava a cair, ia cair para sempre.

CAPÍTULO TREZE

OS ESPAÇOS ENTRE AS CASAS

Provavelmente havia mais. Tinha de ter havido mais, pois ela esteve lá mais duas horas. Ou três. Ou... Bem, de qualquer modo, era tarde quando ela se veio embora, saindo para a rua East Harlem a uma hora da noite que noutro dia qualquer da sua vida a teria deixado apreensiva, mas que nesse dia não teve qualquer impacto. Nesse dia... Nessa noite... ela só sentia o frio docemente entorpecedor de dezembro e a promessa de hipotermia. Não era a pior maneira de morrer, segundo parecia. Fora Jonathan quem lho tinha dito, aliás. Era um conhecedor de sítios frios, de lugares polares. Tinha estado a ler um livro sobre o Klondike na noite em que eles se tinham conhecido e desde então tinha lido muitos mais. Na parede do quarto de dormitório dele no piso de cima, que ela tinha visitado mais tarde nessa noite, havia um postal dessa imagem icónica: a longa fila de peregrinos da Corrida ao Ouro a escalar lentamente as Golden Stairs do Chilkoot Pass, numa fila única, agachados em busca das suas fortunas, caminhando em direção à tempestade e ao frio gélido. A história de Jack London que o marido dela tanto adorava, sobre o homem e o cão e o fogo elusivo numa noite ártica — que tinha culminado em hipotermia. Se ela parasse agora, nesse passeio, talvez morresse também de hipotermia.

Ninguém lhe tinha oferecido boleia para casa e o mais certo seria ela não ter aceitado mesmo que o tivessem feito. Mal podia esperar para sair de perto deles e dessa esquadra imunda e horrorosa, com a sala de espera cheia de gente infeliz: mulheres e homens exaustos, por vezes famílias inteiras, qual sala de espera das urgências de um hospital. («O que fariam ali?», tinha-se interrogado ela, passando por eles a correr rumo à porta de entrada, como se estivesse a evadir-se de uma casa cheia de fumo. O que é que os agentes da 23.^a Esquadra tinham para oferecer a alguém a essa hora da noite?) Mal olharam para ela quando passou por eles, mas ainda assim não era capaz de afastar a ideia terrível e penetrante de que tinham visto algo nela, algo que nem mesma ela conseguia vislumbrar. A mera ideia deixava-a doente. Quando chegou à rua, desatou a correr a oeste na 102nd em direção à Lexington e depois continuou em frente. Não havia nada aberto, à exceção de uma mercearia na esquina com fraldas e refrigerantes mexicanos na montra e a porta coberta de papéis com

informação sobre a lotaria. A meio do quarteirão ficou sem fôlego, mas só porque estava a soluçar.

Quando alcançou a esquina da Park Avenue, percebeu que não iria ter acesso às coisas normais da sua vida normal. Ali, Park Avenue não significava o mesmo que a escassos seis quarteirões de distância. Quando ela chegou à linha do metro à superfície, esta pareceu estender-se infinitamente, sem um lugar óbvio onde a pessoa se apear. Não havia autocarros, claro. Park Avenue não tinha uma linha de autocarros. (Por que razão, ocorreu-lhe pela primeira vez na sua vida passada inteiramente em Park Avenue, é que somente Park Avenue estava isenta de uma linha de autocarros?) No fim, ela virou para sul e caminhou rapidamente ao longo da linha do metro, ao mesmo tempo que o vento gelado lhe fustigava as faces e uma devastação negra lhe ladrava aos calcanhares.

Henry ainda estaria em casa do pai dela e de Eva, claro — nunca o teriam levado a casa, não que ela tivesse tido a capacidade de combinar alguma coisa nesse sentido. Quando recebera o telefonema dissera a todos que uma paciente estava a atravessar um momento crítico e que ela teria de ir ao hospital, uma mentira que lhe surgira tão rapidamente e tão bem elaborada, e que tinha sido comunicada com tanta naturalidade, que ela tinha ficado maravilhada com a sua própria capacidade para o logro. «Há quanto tempo», ocorreu-lhe agora, enquanto percorria a 99th Street, com o cruzamento da Park com a 96th e os prédios com toldos na entrada se avistavam tentadoramente adiante, «é que sou uma mentirosa com tanto talento?».

Quando voltasse a ver Jonathan, pensou ela, furiosa, pedir-lhe-ia para lhe explicar como é que essa metamorfose tinha tido lugar, como é que ambos se tinham tornado tão capazes de mentir em cima do joelho. Tratava-se de uma capacidade que ela admirava em segredo sempre que a detetava num dos seus pacientes, as transições graciosas e o elaborado jogo de cintura com que alguém pegava num facto não negociável, o modificava ali mesmo e depois o devolvia, transformado numa coisa completamente nova e plausível. E era assim que a discussão com um colega de trabalho se tinha transformado numa queda nas escadas. E era assim que dois detetives à espera no átrio se tinham transformado numa paciente suicida a necessitar de cuidados terapêuticos.

Mas o que ela tinha feito não era a mesma coisa. Para ela, não importava o que tinha dito a Eva ou ao pai. Podia ter descarregado a sua angústia para se aliviar desse fardo terrível e privado, mas o seu instinto — e enganá-los tinha sido inteiramente instintivo — tinha sido guardar todo o veneno para si mesma.

Depois pensou: «Mas como é que eu sei se o Jonathan não estará a fazer precisamente o mesmo? Como é que sei que não existe... algo... do qual ele nos tem estado a proteger? Alguma ameaça, alguma informação

que tenha tornado a vida dele completamente insuportável?» A esperança emergiu dessa revelação pouco nítida, florescendo desse solo insubstancial. Podia ter acontecido. Era possível. Algo tão terrivelmente triste ou assustador que ele os tivesse protegido, a ela e a Henry, da mesma maneira que ela tinha protegido Henry e o pai dela. Ele estava a protegê-los nesse instante, onde quer que estivesse, a levar essa coisa terrível para longe dos que ele amava.

— Para com isso — disse ela para si mesma. Ficou chocada ao aperceber-se de que o tinha dito em voz alta.

Como que em sinal de resposta, um carro — um carro velho e escuro, ela não tinha muito jeito para marcas — abrandou a velocidade perto dela. Grace correu ao longo da 98th. O condutor teria de parar no semáforo.

Grace correu pela ladeira acima, passando pela abertura por entre a qual os comboios emergiam do subterrâneo. Como se tivesse sido combinado, um táxi materializou-se no instante em que ela alcançou a esquina da 96th com a Park. Atirou-se para o interior dele.

— Cruzamento da 81st com a Park, por favor.

O condutor, se de facto existia, mal olhou para trás. O ecrã fixo na divisória ganhou vida com uma história desconcertante sobre vendas de garagem em Park Slope durante o fim de semana e ela perdeu um minuto em vão a tentar descobrir como tirar o som do aparelho. Quando não conseguiu, quase tapou os ouvidos de irritação.

Vendas de garagem. Apetecia-lhe matar toda a gente. Apetecia-lhe matar todas as pessoas que lhe assomavam à mente.

Apanharam o sinal vermelho na 86th e Grace viu o motorista tamborilar o dedo no volante. Ele continuava sem olhar para trás ou — ocorria-lhe agora — para o espelho retrovisor. Lembrava-a o condutor fantasmagórico do livro *The Demon Lover* de Elizabeth Bowen, em que uma mulher aterrorizada é conduzida por um «sem-fim de ruas desertas», e depois reparou que Park Avenue, a rua mais importante da maior parte da sua vida, parecia-lhe agora completamente nova e inquietante, um caminho por percorrer, uma estrada sem retorno.

O semáforo passou para verde.

Ela pagou em dinheiro e saiu na esquina, descendo a rua silenciosa, percorrendo o meio quarteirão que tinha percorrido cerca de vinte mil vezes desde que chegara ali recém-nascida. Não estava diferente, mentalizou-se ela, reparando nas árvores agora mais crescidas que a mãe havia instruído a associação de moradores a solicitar junto da Câmara, no sítio perto da boca de incêndio onde ela tinha tropeçado aos seis anos e consequentemente partido o cotovelo em dois sítios, e no consultório de cardiologia em frente ao qual ela tinha estado parada a ver Henry a equilibrar-se na bicicleta dele e a pedalar em triunfo. Vita tinha descrito a zona da 81st entre Madison e Park como uma rua «com liberdade de ação»,

porque não tinha nenhum edifício particularmente prestigiante, nenhum ponto de referência como uma igreja, um hospital ou uma escola. E apesar de a maior parte das ruas laterais do Upper East Side ter pelo menos algumas moradias para aliciar um magnata genuíno ou um novo-rico, a sua rua não tinha nada. Em vez disso tinha quatro prédios (todos à exceção de um constituíam uma amálgama reconfortante de edifícios do período pré-guerra feitos de pedra calcária, sendo que esse último era um pós-guerra construído a partir de um lamentável mas pelo menos discreto tijolo branco), com consultórios médicos entre eles ou mesmo encaixados nos próprios rés dos chãos. Um sítio tranquilo para famílias como a família de onde ela tinha vindo e a família que possuía.

«E sim», disse ela ao seu lado chocado, com firmeza, «a que possuo.»

O porteiro abriu-lhe a porta com o «boa-noite» habitual. Acompanhou-a até ao elevador e ela deu por si a desviar o olhar do sofá e da poltrona do átrio. Já era difícil imaginar um tempo antes do aparecimento de O'Rourke e Mendoza, antes de ela conhecer intimamente a sobreposição peluda do pescoço dele no colarinho e o salpico de sardas de O'Rourke. Ocorreu-lhe que isso tinha acontecido somente no dia anterior, ou — tendo em conta o facto de que já passava da meia-noite — dois dias antes e agora esses dois homens estavam tão gravados na mente dela que os sentia a sobreporem-se em tudo aquilo em que tentava pensar. Após uma ou duas dolorosas tentativas, desistiu de tentar.

Num gesto insípido, o porteiro segurou a porta do elevador para ela entrar e depois ficou parado enquanto a porta se fechava entre os dois.

Assim que Grace transpôs a porta da entrada do seu próprio apartamento, o peso dos acontecimentos pareceu cair-lhe em cima e ela cambaleou pelo corredor fora até alcançar uma pequena poltrona, afundando-se nela acometida por uma avassaladora sensação de náusea. Pôs a cabeça entre os joelhos, como às vezes instruía às suas pacientes quando elas lhe pareciam prestes a perder o controlo, mas a cabeça latejava-lhe incessantemente e a única coisa que a impedia de vomitar era a certeza absoluta de que não tinha nada no estômago para deitar fora. Não comia desde... Tentou recordar-se, quase aliviada por ter uma questão concreta para resolver... Desde manhã. Desde essa manhã. Não era de admirar que se sentisse tão mal. Talvez, pensou ela, devesse comer qualquer coisa agora. E depois então — e isso parecia-lhe perfeitamente lógico — poderia vomitar tudo e sentir-se mais aliviada.

O apartamento estava às escuras. Grace levantou-se e acendeu a luz, depois, como se se tratasse de uma noite perfeitamente normal depois de um dia inteiro a atender pacientes ou a planear uma angariação de fundos para a escola do filho, atravessou a sala de jantar e foi até à cozinha, onde abriu a porta do frigorífico e espreitou para o interior. Não havia muita coisa. Não fazia compras há... Era difícil de precisar. Esperem: as costeletas de

borrego e a couve-flor. Tinha-os comprado na Gristedes, antes dos homens no átrio. Há quanto tempo teria sido? As habituais embalagens de leite e de sumo, os molhos do costume, uma caixa aberta de queques ingleses e uma embalagem para levar para casa com os restos de *empanadas* do restaurante cubano onde ela e Henry tinham jantado na noite de segunda-feira, na noite do dia em que o marido dela tinha partido em viagem. Não lhe apetecia comê-las. Detestava-as. Furiosa, abriu o móvel do caixote do lixo e deitou-as fora. E de resto não havia mais nada, à exceção do queijo.

Havia sempre queijo, pedaços grandes embrulhados em celofane brilhante e gordurento que ocupavam uma boa metade das prateleiras. Jonathan tinha comprado o queijo. Era a única coisa que ele comprava em termos de comida, a não ser que ela lho pedisse ou lhe fizesse uma lista. Comprava-o em pedaços e rodas grandes, como se tivesse medo que acabasse, mas o gosto dele limitava-se aos Wisconsin e aos Vermont tradicionais. Uma vez ela tinha tido a ideia de lhe oferecer uma assinatura da revista *Queijo do Mês* pelo Natal, e todos os meses chegavam ofertas exóticas e artesanais, oriundas dos lugares mais remotos à volta da diáspora culinária norte-americana. Ele comia-as respeitosamente e com o devido reconhecimento, mas quando se acabavam voltava a comprar triângulos pálidos e banais de queijo vulgar. Enquanto aluno de Medicina, tinha-se alimentado essencialmente disso, guardando-o no pequeno frigorífico ao lado das ferramentas habituais dos sofreadores de insónias, como o café gelado, e dos privados de nutrientes, como a soja (muito exótico na altura). *Os estudantes de Medicina são criaturas muito básicas*, tinha-lhe dito ele na altura; andavam sempre a correr e trabalhavam tanto que nunca havia tempo para outra coisa sem ser as funções básicas: *ingestão de proteína, esvaziar a bexiga* e, mais importante de todos: *dormir*.

Grace nunca tinha gostado muito de queijo, em especial de *cheddar*. Mas as circunstâncias eram excepcionais. «Agora sou uma criatura básica», pensou ela. «Ingerir proteína. Esvaziar a bexiga. Salvar o meu filho. Salvar-me a mim própria.» Levou a mão ao interior do frigorífico e partiu um pedaço de queijo do tamanho do polegar, forçando-se a comê-lo. De imediato, teve de conter mais uma náusea.

Em seguida, abriu novamente o móvel do caixote do lixo, agarrou o *cheddar* com ambas as mãos e atirou-o lá para dentro.

Uns minutos depois estava a vomitar no lava-louças.

«Sem proteína não é crime», pensou ela, cedendo. Ainda debruçada sobre o lava-louças, desatou a rir às gargalhadas.

Algures no apartamento escuro e tranquilo, tinha-lhe escapado uma coisa ou uma combinação de coisas ou mesmo uma rede de coisas. Havia todo um sistema a funcionar para além da sua capacidade de compreensão, que tinha desmontado a sua vida em pedaços que ela agora era obrigada a interpretar para uns homens pavorosos, traçando uma linha de giz desde

uma audiência disciplinar até uma mulher assassinada, como se ela soubesse alguma coisa sobre qualquer um desses assuntos. Esses pedaços haviam sido exibidos diante de si nas últimas horas, numa apresentação desconcertante. Um cartão multibanco? Uma conta bancária de que ela nunca tinha ouvido falar — no Emigrant Bank? O que é que era suposto ela dizer-lhes? (Além do mais... Emigrant Bank? Soava a algo do século passado. Onde seria, em Lower East Side?) E um par de calças de bombazina — estavam muito interessados nas calças de bombazina. Mas Jonathan tinha imensas calças de bombazina. Achava-as confortáveis e ficavam-lhe bem. A que par é que eles se referiam? Ele nunca usara bombazina até Grace ter ido às compras com ele anos antes, em Boston — isso faria dela responsável?

E exatamente como é que ela poderia explicar fosse o que fosse a alguém quando nem sequer conseguia levantar a cabeça do lava-louças?

«Levanta-te», pensou Grace. Endireitou-se, agarrada às bordas de granito da bancada onde o lavatório de aço inoxidável estava embutido. Essa coisa, essas coisas, a rede de verdades pouco distintas, era algo em que já não suportava pensar. Se houvesse a promessa de sono, talvez tivesse esperado mais um dia ou mais uma meia-noite, mas não havia e ela não podia fazer mais nada até despachar isso.

Primeiro foi ao quarto de Henry, uma vez que parecia ser o sítio menos provável e, como tal, o primeiro a ser despachado.

Nas paredes, nas gavetas, nas prateleiras e dentro do roupeiro: não havia lá nada que não tivesse sido posto por ela própria ou que não tivesse sido feito pelo filho — desenhos, roupa, um livro de autógrafos do acampamento de férias, pastas com pautas de música para violino cobertas dos comentários secos do Sr. Rosenbaum («Forte! Forte!»). Nas prateleiras havia os livros que o filho tinha lido, os manuais do ano letivo anterior, uma fotografia meio dobrada dele mais novo com o amigo Jonah. O tal que já não falava com ele (Grace, contente por poder descarregar em alguém, aproveitou a oportunidade e rasgou-a em pedaços) e uma fotografia emoldurada de Henry e Jonathan na cerimónia final do sexto ano. Ergueu-a no ar e estudou os rostos deles: tão parecidos e ambos satisfeitos, os dois um pouco transpirados (nesse dia de junho tinha feito um calor imenso nessa zona ao ar livre, por trás da escola). Mas ela tinha estado lá. Tinha sido ela a tirar a fotografia. Isso era um facto.

Não havia nada no quarto de Henry.

Não havia Henry no quarto de Henry. Estava onde ela o tinha deixado, na casa do pai dela e de Eva, e iria passar lá a noite — isso era por demais evidente, para ela. Nessa altura também já seria por demais evidente para o pai dela e para a mulher dele, que já devia ter percebido que algo importante tinha tido prioridade sobre as questões de lugares à mesa e a falta de maneiras em geral. Henry iria agora precisar de coisas. Iria precisar

de uma série de coisas, mas umas mais fáceis de providenciar do que outras.

Acendeu o candeeiro por cima da secretária dele. O livro *O Senhor dos Anéis* estava virado para baixo, aberto numa página quase no fim. Ela virou-o e leu a passagem que parecia descrever a morte de Piggy, mas era tão obscura que a leu várias vezes, tentando perceber como é que ele tinha realmente sido morto, até se lembrar da irrelevância da questão. Tornou a pousá-lo. Henry iria precisar do livro para amanhã, pensou ela, olhando à sua volta. E do caderno de Matemática. E do manual de Latim. Tentou lembrar-se se ele iria ter aula de orquestra no dia seguinte. Depois tentou lembrar-se de que dia da semana seria o dia seguinte.

Foi ao roupeiro dele e obrigou-se a reunir uma camisa de manga comprida, uma camisola azul e umas calças de ganga, e das gavetas da cómoda tirou roupa interior lavada e um par de meias. Essas coisas, bem como os livros e os cadernos, foram enfiadas dentro de um saco *Puma* velho que estava no roupeiro dele. Em tempos tinha sido o saco do ginásio de Jonathan, mas ela comprara-lhe um novo, mais bonito, no ano anterior — cabedal castanho com uma alça comprida —, pelo que ele tinha dado esse a Henry, que por alguma razão adolescente pouco clara tinha decidido que *Puma* era mais fixe do que a omnipresente *Nike*. O saco de Jonathan, o de cabedal castanho com a alça comprida. Ela susteve a respiração. Não via esse saco há algum tempo.

«Leva o saco de desporto cheio de coisas até à porta da frente e pousa-o no chão, onde não será esquecido por um cérebro traumatizado no início de um novo dia aterrorizador.»

Ela foi até ao corredor, passando por um dos excêntricos retratos da escola de arte que tinha adquirido essencialmente na feira de velharias Elephant's Trunk, no Connecticut. Eram dos anos 40 ou 50, com modelos de aspeto carrancudo, tirados por alunos menos bons. Juntos formavam uma espécie de galeria de rostos desagradáveis e de espectadores algo críticos:

Vais usar isso?

Eu não faria isso assim.

Não estejas já a cantar de galo.

A pintura no corredor retratava uma mulher austera com a mesma idade de Grace, com o cabelo curto, um nariz que parecia demasiado pequeno para o rosto dela e uma expressão que Grace sempre achara ser penetrantemente carrancuda. O retrato estava pendurado, de um modo algo imponente, por cima de uma dessas mesas inglesas ou irlandesas básicas, importadas em grande quantidade e que ela e Jonathan tinham comprado no Pier Show. Não fora uma boa decisão, para dizer a verdade, uma vez que não era tão antiga como o vendedor garantira e tinha custado demasiado para o que era; e por ter sido tão cara, eles tinham-se sentido na

obrigação de a preservar. Na única gaveta dessa mesa: fita-cola, pilhas, panfletos do ginásio. Andaria ele a pensar mudar de ginásio? Não, os panfletos eram seus, lembrou-se ela agora. De há um ano. Nada.

Vasculhou o roupeiro do corredor, enfiando as mãos dentro de cada bolso e encontrando apenas lenços de papel amassados e o invólucro de uma pastilha elástica. Todos os casacos tinham sido comprados por si e ela reconhecia-os todos: *Brooks Brothers*; *Towne Shoppe* em Ridgfield; a parca *Old Navy* favorita de Henry, com o rebordo em pelo falso; o casaco de pele de raposa vermelho que tinha sido da mãe dela, que Grace não podia usar porque não usava peles verdadeiras, mas do qual não se queria despojar por ter pertencido à mãe. Todas as botas, luvas e chapéus de chuva tinham sido comprados por si, os cachecóis da prateleira de cima também, à exceção de um que Jonathan tinha trazido para casa, uma vez. Uns anos antes.

Ela tirou-o. Era feito de lã verde, nada feio. Seria feito à mão? Grace fitou-o com o sobrolho franzido. Não tinha etiqueta. Estava muito bem feito, com uma textura grossa e autêntica. Ela própria o teria comprado, numa loja, para o marido. Mas não o tinha feito. De imediato, ficou furiosa com a coisa, como se se tivesse infiltrado na casa dela, sem que se percebesse o intuito. Segurando-o cuidadosamente entre o polegar e o indicador, largou-o no chão do corredor e foi para a divisão seguinte.

Os sofás e as poltronas da sala de estar tinham sido comprados por ocasião de uma remodelação geral uns anos antes (rua com tudo o que parecesse ser «mobiliário de desenrascanço», e toca a comprar um sofá específico do quarto piso da ABC Carpet & Home). Jonathan estivera lá nesse dia, assim como Henry com um livro, a ler os contos de Nárnia sentado numa poltrona, enquanto os pais a compravam. Ela podia afiançar tudo isso. Os quadros dessa sala, dois estudos do mesmo jovem — sem dúvida proveniente da mesma turma da escola de arte, mas um pintor muito diferente —, também comprados na Elephant's Trunk, tinham molduras de madeira preta iguais, como que para realçar as diferenças entre eles. Uma versão do homem tinha traços tão rígidos que fazia lembrar o cubismo, com a clássica camisa branca apertada e as calças de caqui arranjadas, numa pose (as pernas meio cruzadas, o torso inclinado para a frente, o cotovelo pousado de uma forma quase impossível em cima da coxa) que parecia ser profundamente desconfortável; o outro desenho era uma interpretação tão incrivelmente sensual que Grace partira do princípio de que tinha existido um namoriscar (embora forçosamente mudo) durante a aula. Grace imaginava o corredor do destino que os havia juntado, esse par desigual que eles representavam, desde duas criações distintas mas simultâneas até uma exibição conjunta na feira de velharias na Route 7, e mais tarde ao Upper East Side.

Ela continuou. Havia um armário com roupa da cama no corredor que

dava para o quarto de casal: toalhas bafiantes, pilhas de lençóis (os lisos impecavelmente arrumados, os de elástico desarrumados), sabonetes, elixires e os champôs anticasca de Jonathan comprados em quantidade (por ela) na prateleira de cima de todas. Nada. Nada. A ligadura para usar o braço ao peito de quando Henry tinha torcido o pulso. A sua própria farmácia traumática de medicamentos para a fertilidade, que ela não via há anos mas que mesmo assim não queria deitar fora (também tinha algures o teste de gravidez caseiro com o resultado positivo que tinha anunciado a chegada de Henry; sempre que o encontrava lembrava-se do mito de Meleagro, que estava destinado a viver somente o tempo de duração da acha que ardia na fogueira por altura do nascimento dele e que a mãe consequentemente tinha retirado das labaredas). Mas nada mais. Nada dele, aliás — nada duvidoso que um homem com acesso ilimitado a qualquer medicamento à face da Terra pudesse ter feito desaparecer misteriosamente e trazido para casa. Claro que não.

Com a respiração controlada, ela entrou no quarto de casal e ficou parada durante um longo momento, a tentar decidir por onde começar. O quarto tinha apenas um roupeiro e a porta estava ligeiramente aberta, com um pedaço de saco de plástico visível por entre a abertura, da empresa de limpeza a seco, que ela tinha pendurado na noite de segunda-feira. Caminhou até ele e abriu a porta para trás.

O roupeiro estava dividido de forma mais ou menos idêntica e achava-se relativamente arrumado, o que só era possível porque nenhum deles comprava roupa a torto e a direito, somente para substituir peças que precisassem de ser deitadas fora.

No lado dela viam-se camisas e camisolas penduradas, as saias de linho e de lã que há muito eram sinónimo de «adulta com bom gosto» e «pouco impressionada com as modas atuais». Bons tecidos. Bons cortes. Cores suaves. Joalharia discreta, quanto mais antiga melhor. Nada vistoso, pomposo ou «olhem para mim» porque não queria que ninguém olhasse para ela a não ser para pensar: *Ora ali está uma mulher organizada*. E era-o!, disse ela para si mesma, olhando para as suas roupas com uma expressão furiosa, perigosamente à beira das lágrimas. E *era-o!* Mas não estava ali para vasculhar os seus próprios pertences.

Jonathan, tal como Grace, tinha tomado a maior parte das decisões relacionadas com roupa há muito tempo. Ela podia tê-lo visto primeiro com calças de fato de treino e uma *T-shirt Hopkins* longe de ser nova, mas pouco tempo depois tinha-se livrado alegremente da maioria das coisas (peças de roupa altamente suspeitas do tempo da faculdade e até mesmo do secundário) e tinha-o levado às compras para comprar calças de bombazina e calças caqui e camisas às riscas, tudo coisas que até à data ele continuava a vestir. Tal como muitos homens, ele não se preocupava muito como o que vestia. Afinal de contas, ia ser médico. Quem é que

reparava no que os médicos tinham vestido debaixo das batas brancas? Agora, o varão do lado direito do roupeiro deles estava cheio de camisas às riscas castanhas, azuis e verdes, algumas camisas lisas em tons suaves e cerca de meia dúzia de camisas brancas.

A empresa de limpeza a seco tinha devolvido seis camisas penduradas num único saco de plástico: mais riscas, incluindo a camisa vermelho-escura que era uma das suas favoritas, e riscas multicores verdes e azuis que um dia ela tinha visto na Gap e tinha comprado. Mas havia mais qualquer coisa, algo em que ela tinha reparado vagamente três dias antes quando as tinha pendurado, cansada após um longo dia de pacientes, aulas de violino e o jantar no restaurante cubano com Henry. Na altura, não se tinha dado ao trabalho de investigar; se a empresa de limpeza a seco se tivesse enganado na entrega, a peça teria — inconvenientemente — de ser devolvida: mais um artigo para a lista interminável de coisas a fazer. Grace olhou mais de perto. Tratava-se de uma camisa como as outras, mas não era às riscas nem lisa. Ela rasgou o plástico e separou os cabides para isolar o artigo em transgressão. «Fantástico», pensou. A camisa tinha um padrão berrante laranja e cor de ferrugem que parecia saído de uma manta Navajo produzida em série, mas com as lapelas lisas pretas: completamente horrorosa. Destacava-se das restantes camisas como algo BeDazzled¹¹, qual corista de Las Vegas vestida em tons pastel num grupo de bailarinas de Balanchine. Ela afastou o colarinho para ver se havia um nome, mas o único nome era «Sachs», tal como nas camisas que pertenciam realmente a Jonathan. Grace tirou-a do varão e fitou-a furiosa, depois desabotoou-a e abriu-a, desfrutando da sua fealdade. Do que é que estava à procura? De bâton no colarinho? (Nunca tinha compreendido por que razão havia de aparecer bâton num colarinho. Quem é que beijava um colarinho?) Era claro que não havia nada. Cheirou-a também, embora tivesse obviamente acabado de ser limpa a seco. O mais certo era pertencer a outra pessoa — alguém com péssimo gosto! — e tinha ido parar à entrega semanal deles de camisas clássicas e de elegantes camisolas de caxemira. Mas ela estava a ser implacável. Desconhecia a origem da camisa, pelo que a atirou (não sem grande satisfação) para o chão.

Para todos os efeitos não contava, uma vez que ela tinha estado a pensar nesse objeto desconhecido dentro do saco da limpeza a seco desde o início dessa... dessa espécie de investigação. Não era uma investigação estilo caça ao tesouro, nem uma exploração, assemelhava-se mais ao que um arqueólogo fazia, armado com uma teoria para ser comprovada ou — ela ainda tinha uma ténue esperança — refutada. Não se tinha esquecido da camisa, ou melhor, tinha sim, mas voltara-lhe à mente enquanto estava a vasculhar o roupeiro do corredor. «Onde é que eu já senti este toque antes?», tinha pensado ela, segurando o cachecol verde bastante bonito e completamente desconhecido.

Uns segundos depois, no bolso de um casaco grosso que ele mal usava, Grace encontrou um preservativo.

Percebeu do que se tratava antes mesmo de os seus dedos entorpecidos emergirem, segurando-o em forma de pinça como se pudesse escapar-lhe, mas ainda assim fitou-o boquiaberta, alternando entre a razão e a perplexidade. Um preservativo. Um preservativo era algo que não existia no seu mundo. Um preservativo — mesmo no início, quando eles eram estudantes, antes mesmo do casamento, quando sabiam que ainda era cedo para terem um bebé, nunca tinham usado preservativos. Na altura ela estava a tomar a pílula há cerca de um ano e mais tarde o terrível dispositivo intrauterino que ela continuava a culpar — irracionalmente, uma vez que tinha visto os estudos — por cada mês de fracasso que se seguira e, ainda mais concretamente, por cada aborto. Nunca um preservativo. Nunca.

Mas de alguma maneira um preservativo havia-se materializado no bolso desse casaco, que — tal como praticamente todas as peças de roupa que o marido usava — tinha sido comprado pela própria Grace, nomeadamente na Bloomingdale's, por ocasião de uns grandes saldos. Mas o casaco tinha um peso estranho: era demasiado quente para o verão e de certa forma era demasiado quente para o inverno também. Ela não se lembrava da última vez que tinha visto Jonathan usá-lo ou porque é que continuava a pô-lo de parte sempre que vasculhava os roupeiros à procura de coisas para doar.

O invólucro do preservativo era vermelho. Ainda não tinha sido aberto. Era incompreensível. Era totalmente incompreensível.

Segurando-o afastado de si, largou-o no chão também.

— Merda — disse ela, por cima das coisas.

Eram agora duas da manhã.

«O que é que eu conheço? E o que é que eu não conheço?» Tudo o que ela conhecesse, confirmasse, compreendesse — podia continuar no sítio onde se encontrava, pelo menos para já. Tudo o que desconhecesse ou não pudesse confirmar iria deixar a descoberto, um artefacto isolado ao qual regressaria quando recuperasse as forças, quando — se — conseguisse voltar a pensar com mais clareza. Um cachecol misterioso, uma camisa horrorosa e um preservativo por usar. Três coisas durante a sua busca — não era grande coisa, na verdade. Estava dentro dos parâmetros da normalidade, aliás. O cachecol — podia tê-lo trazido sem querer de algures, confundindo o dele com o de outra pessoa. Não prestava muita atenção a esse tipo de coisas. Muitos homens eram assim. Podia ter tido frio um dia, ter parado numa loja e tê-lo comprado. Era perfeitamente aceitável. Não era nenhum crime. Não era algo que tivesse de confirmar com ela! E a camisa horrorosa — ela já se tinha mentalizado de que a empresa de limpeza a seco era responsável por isso. O nome «Sachs»

escrito a tinta permanente na etiqueta do colarinho, imediatamente acima da separação entre o algodão e o poliéster (mais uma prova)... Bem, «Sachs» não era propriamente um nome vulgar, não em Nova Iorque. Podia ser tão simples como isso. Uma empresa de limpeza a seco no Upper East Side? Francamente! Quantos Sacher e Seicher e Sakowitz existiriam, só na vizinhança mais próxima? Quantas outras famílias chamadas «Sachs», aliás? Francamente, estranho era não acontecer mais vezes.

Mas depois, a imagem do tal preservativo trespassou esse pequeno momento de alívio dela.

Ficou imóvel, deixando-se invadir por essa sensação agora familiar. Era como um ácido penetrante, despejado diretamente sobre o seu crânio e depois a fluir dela, saindo-lhe pelas pontas dos dedos das mãos e dos pés, formando uma poça de imundície preta e melíflua em seu redor. Começava a acostumar-se a isso. Começava a tornar-se expedita na sua reação: «Não ofereças resistência, descontrai-te, deixa passar.» Poucos segundos depois, já conseguia mexer-se de novo.

Podia haver outros objetos. Podiam estar escondidos. Podiam estar a fingir ser coisas que não eram. Ela tirou os livros das prateleiras do quarto que estavam bastante apertados e um pouco empoeirados, sem grande espaço por trás. Eram essencialmente seus — romances, na grande maioria. Havia algumas biografias, alguns livros pobre política. Os livros sobre política tinham sido lidos pelos dois. Partilhavam um fascínio por Watergate que ao longo dos anos se tinha expandido para áreas relacionadas: Vietname, Reagan, McCarthy, direitos civis, Irã-Contras. Não parecia interessar, agora, qual deles teria trazido qual livro para o apartamento. Um dos livros nem sequer era um livro, mas um cofre disfarçado de livro, um fim de edição bastante grosso que tinha sido equipado com um interior de plástico. Fora-lhe oferecido cerca de dois anos antes por um paciente cuja firma comprava livros com pouca saída e os adaptava para esse fim, na última sessão de terapia. Grace tinha-lhe perguntado se os autores dos livros alguma vez reconheciam os trabalhos deles nas prateleiras, ficando humilhados ao descobrirem que a obra agora escondia pulseiras e colares, e o paciente tinha dado uma risada e tinha respondido: «Nunca ninguém nos contactou nesse sentido!» Ela tinha de admitir que a ideia era bastante inteligente. «Os ladrões não são dados à leitura», tinha-lhe explicado o paciente e ela calculava que assim fosse. Nunca tinha ouvido falar de um assalto em que alguém tivesse perdido tempo a dar uma vista de olhos aos livros de Stephen King ou de John Grisham.

O que tinha na mão era um romance de Jean Auel, uma dessas sagas pré-históricas, nada o seu género. Enquanto o retirava da prateleira e abria o interior de plástico, tentou recordar o que tinha guardado nele nessa noite, na noite em que o homem lho tinha oferecido, mas já sabia que algo não

batia certo. O livro estava demasiado leve. Não fez qualquer som quando ela o abanou, devagar. O livro... Bem, era um livro aberto. O que devia estar lá dentro já não tinha importância, porque, quando por fim ela abriu a tampa, já não estava nada lá dentro. Isso era por demais evidente.

O relógio caro de Jonathan, o que ela lhe tinha oferecido quando se casaram, deveria estar no interior do livro. Tratava-se de um *Patek Philippe* feito de ouro que ele raramente usava, mas de vez em quando havia uma ocasião, como o casamento do pai dela com Eva, em que Grace tinha feito questão de lhe pedir para o usar, ou um dos *bar mitzvahs* dos netos de Eva, em que o uso do relógio habitual de Jonathan — qualquer *Timex* ou *Swatch* que ele andasse a usar constantemente na altura — teria causado mais chatices do que seria desejado. E os botões de punho que o seu pai tinha oferecido a Jonathan por altura do aniversário dele — tinha-os recebido da mãe de Grace e agora... Bem, seria simpático mantê-los na família. E algumas coisas que pertenciam à própria Grace, que ela nunca quisera misturar com as joias da mãe no toucador espelhado antigo, como um camafeu vitoriano que um ex-namorado lhe havia oferecido pelos anos (ela não tinha amado esse namorado, mas tinha adorado o camafeu), outro colar, também vitoriano, que ela tinha comprado numa viagem a Londres com Vita, no verão logo a seguir a terem terminado o segundo ano da faculdade, e um fio de pérolas cinzentas comprado na 47th Street. E também — e isso ocorreu-lhe com uma pontada de dor muito específica — a pulseira *Elsa Peretti* clássica que ela tinha comprado para si mesma no ano anterior, num acesso de vaidade na semana em que vendera o seu livro. Sempre quisera ter uma. Era a primeira coisa cara que comprava para si — não exatamente uma extravagância, mas decerto fora do habitual. Mas tinha-a usado poucas vezes. Não era muito confortável, a verdade era essa. Pelo que estava guardada no livro-cofre.

Agora o livro-cofre estava vazio.

Grace sentou-se na beira da cama deles, segurando a coisa que não era a coisa que tinha sido criada para ser — uma obra, independentemente do seu mérito literário —, mas apenas uma caixa insignificante com uma capa engraçada e romântica e um buraco no meio. Nada no centro de algo continua a ser nada. Por incrível que parecesse, ela tinha vontade de se rir.

Depois olhou à volta do quarto, receosa.

Ele não teria sido capaz. Jamais teria feito uma coisa dessas.

O toucador que tinha pertencido à mãe dela. Era um dos poucos objetos pertencentes à sua mãe que continuava no apartamento.

As «seis assoalhadas clássicas» da infância de Grace tinham sido completamente redecoradas, a chita e o bege da mãe tinham dado lugar a azuis e a castanhos pálidos, a alcatifa tinha sido levantada para libertar um soalho de madeira há muito esquecido. As paredes da cozinha estavam agora revestidas com os desenhos de Henry e com fotografias dos três, ou

de Jonathan e ela no lago, e o resto das divisões tinham essencialmente pinturas compradas no mercado das velharias ou no Pier Show, salvo duas do mercado Clingancourt, em Paris, do ano anterior ao nascimento de Henry.

Henry dormia no quarto onde em tempos Grace também tinha dormido. Antes era amarelo com um tapete verde felpudo; agora era azul, «azul ovo de pisco», com um rebordo branco acetinado, e Henry, que era meticoloso, mantinha-o incrivelmente arrumado. O mostrador que antes tinha revestido toda a parede por cima da cama dela e que consistia num mosaico confuso de fotografias tiradas de revistas, imagens de roupa de que ela gostava, fotografias das amigas (principalmente Vita), certificados de mérito de Rearden e do New York Turn Verein, na 86th Street, onde ela tinha aulas de condição física e de ginástica. «O meu cérebro sob o efeito da cortiça»¹², tinha pensado ela, a propósito dos anúncios antidroga existentes na sua juventude. Henry tinha apenas uma fotografia por cima da cama, dele e Jonathan no ancoradouro do lago, com canas de pesca na mão. Ela tinha oferecido essas canas de pesca a Jonathan por ocasião do aniversário dele. Essa devia ter sido a única vez que ele e Henry se tinham servido delas.

Mas o toucador, na divisão que ela se obrigara finalmente a deixar de chamar «o quarto dos meus pais», era uma ilha de estabilidade, habitando um círculo mágico de tempo preservado. Ainda tinha o naperão de chita clássico e o círculo de tachas de latão gastas. A parte traseira do toucador tinha gavetas espelhadas destinadas ao arsenal das mulheres — anéis, brincos, pulseiras, colares —, mas a mãe dela nem sempre as tinha usado. Sempre que o marido, o pai de Grace, lhe dava alguma coisa — um alfinete abstrato, talvez, feito com pérolas e esmeraldas sobre uma ameoba de ouro, ou uma pulseira de rubis e diamantes —, ela gostava de pousar o objeto em cima do tampo de vidro do toucador. Talvez fosse uma maneira de compensar o facto de raramente usar essas peças (Grace só a tinha visto com um colar de pérolas e uns brincos de ouro simples). Talvez as preferisse como obras de arte, para serem apreciadas estando em exposição. Talvez não quisesse que o pai de Grace percebesse que não gostava nada delas. Ele fora sempre muito sentimental em relação às mesmas, decidido a que fossem deixadas a Grace e de imediato, como a mãe dela gostaria. Uma semana após o funeral da sua mãe, enquanto fazia as malas para regressar a Boston, o pai de Grace tinha entrado no seu quarto de infância (agora o quarto de Henry) e tinha pousado esses antigos presentes, um saco com fecho cheio de diamantes, rubis, esmeraldas e pérolas em cima da sua cama. «Já não posso olhar para elas», tinha-lhe dito ele. Fora a única coisa que dissera em relação ao assunto.

Atravessando agora o quarto em direção ao toucador, sentando-se diante dele em cima do banco a condizer, Grace serviu-se da manga da camisa para limpar as gavetas espelhadas da mesinha. Algo a deteve.

Continuava a guardar as joias da mãe nesse sítio, mas nunca à vista, em cima do tampo. Tal como a mãe, tinha uma maior tendência para o espetro mais discreto da joalharia: um fio de pérolas, uma aliança de casamento. As peças grandes e berrantes, os alfinetes com pedras grandes e disformes e os colares volumosos permaneciam nas gavetas espelhadas do toucador, onde raramente as visitava. Mas Grace adorava realmente essas peças. Sabia o que tinham significado para o seu pai, que as tinha oferecido, e para a mãe, que as tinha recebido — ainda que nunca as tivesse usado, embora as encarasse claramente como cartas de amor, mesmo assim eram tão intensas como uma pilha de envelopes atada com uma fita e guardada numa caixa especial. Jonathan, que tinha muito mais jeito para articular os seus sentimentos do que o pai dela alguma vez tinha tido, não precisara de usar joias como mandatárias desses sentimentos. Aliás, oferecera-lhe uma única joia nos anos em que estavam juntos: o solitário de noivado que tinha comprado em Newbury Street. Era, para todos os efeitos, despretensioso, um único diamante quadrado com as chamadas garras *Tiffany* e fixo a uma aliança de platina, um anel tão clássico que podia ter feito parte (mas não fizera) da sua herança. Ele não sabia que era costume oferecer-se um presente por ocasião do nascimento de um filho. (Em abono da verdade, Grace também não. A primeira vez que tinha ouvido o termo, de péssimo gosto, *push present*¹³, fora num grupo de mães com bebés a que se havia juntado com Henry por um breve período de tempo.) Mas mesmo que ele o tivesse feito, o mais certo seria ter-lhe oferecido um livro ou uma peça de arte, em vez de uma joia.

Havia a questão do valor, claro. Os objetos no toucador espelhado podiam não ter sido usados pela mãe nem pela filha e ainda assim ter um grande valor sentimental, mas a verdade era que também valiam dinheiro. A pedido dela, Jonathan tinha-os incluído no seguro deles e ela via-os como uma espécie de ajuda para o futuro, em termos de propinas para a faculdade ou mesmo um sinal, mas nunca se tinha dado ao trabalho de comprar um cofre num banco e de os guardar lá. Preferia mantê-los ali, perto dela — perto *deles*. Em homenagem ao tipo de casamento longo e saudável que ela desejava para si mesma.

«Ele seria incapaz...», pensou novamente ela, como se pensá-lo o tornasse verdade. Depois abriu as gavetas.

Nada, nada: a pulseira com padrão de leopardo feita com diamantes pretos e amarelos, os diamantes de mola que lhe tinham magoado as orelhas por ocasião de «Um Serão por Rearden», o colar de safiras, o colar grosso feito de elos de ouro, o alfinete de pedra rosa preso com umas pequenas mãos de ouro. Gaveta atrás de gaveta cheia de ar. Grace fez um esforço para se recordar das peças: vermelho, ouro, prata e verde. Todas essas coisas de loucos que o seu pai tinha trazido para casa ao longo dos anos, que a sua mãe tinha feito questão de não usar, e que ela própria

também não tinha usado mas que contudo estimava.

Ela não parava de abrir e fechar as gavetas, como se esperasse uma nova realidade sempre que o fazia, o que não fazia qualquer sentido. Fazer a mesma coisa vezes sem conta e esperar resultados diferentes? Grace quase deu uma gargalhada. Não era essa a definição de loucura?

O que, pelo menos, explicaria algumas coisas, pensou ela.

Esses objetos do livro que não era um livro... Bem, ela havia de conseguir ultrapassar isso. A pulseira *Elsa Peretti* magoava-lhe o pulso. As pérolas... ela adorava-as, mas no fundo as pérolas eram todas iguais: não eram propriamente insubstituíveis. Não que agora as pudesse substituir. Agora estavam destruídas: uma pequena batalha perdida numa conflagração imensa, a dizimar tudo. Mas as gavetas vazias, o ar onde as coisas da sua mãe deviam estar — ela não conseguia interiorizar nada disso.

Levantou-se tão depressa que se sentiu momentaneamente tonta e teve de pousar a mão em cima do tampo de vidro para se equilibrar. Em seguida, tornou a sair para o corredor e abriu a porta da terceira e mais pequena divisão do apartamento, a divisão que em tempos tinha sido o espaço tradicionalmente masculino do pai, o único sítio onde a mãe o deixava fumar cachimbo e que continuava — pelo menos na imaginação de Grace — a possuir uma certa aura de fumo de cachimbo. Em tempos ela e Jonathan tinham tido esperança de que essa divisão fosse pertencer a um segundo filho, pelo que nunca lhe tinha sido dado outro destino. Não tinham *discutido* o assunto — ela nunca fora capaz de a iniciar e Jonathan, por respeito aos sentimentos dela, também nunca o tinha feito —, mas aos poucos a divisão fora assumindo, silenciosamente, uma designação alternativa, se não mesmo um nome. Tinha-se transformado no sítio onde Jonathan ia para ler, para enviar os *emails* dele ou às vezes para fazer telefonemas para as famílias dos pacientes, quando não tinha oportunidade de falar com eles no hospital. Ela nunca a tinha realmente decorado, mas havia umas prateleiras baixas nas paredes, cheias de edições velhas da *JAMA* e da *Pediatric Research*, e os cadernos de Jonathan do tempo da faculdade de Medicina. Uns anos antes, ela tinha lá posto uma poltrona grande para ele, com um repouso-pés a condizer e uma secretária que ela tinha encontrado em Hudson, Nova Iorque (uma cidade que, como Jonathan gostava de dizer, estava simultaneamente «em crescimento» e «em decréscimo»). Ele tinha também um computador, um *Dell* grande e volumoso que ela não o via utilizar há bastante tempo (utilizava o portátil dele, claro — o agora desaparecido portátil) e ao lado do computador via-se uma caixa com arquivos de pacientes — o tipo de caixa com pegadas robustas que talvez se utilizasse para trazer para casa objetos pessoais, no último dia de trabalho.

«Bem visto, Grace», disse ela para si mesma.

Não era capaz de vasculhar a caixa. Ou de ligar (ou *tentar* ligar) o computador. Ou de abrir as gavetas da secretária. Ou mesmo de entrar na divisão. «Não vou mais longe do que isto», pensou. Pelo que deu um passo atrás no corredor e fechou a porta na sua própria cara.

Foi então que se lembrou do telemóvel.

Regressou ao quarto e abriu a porta da mesa de cabeceira. Continuava no mesmo sítio, evidentemente, exatamente onde ele o tinha deixado, atrás das pastas. Claro que agora estava desligado, a luzinha da bateria de antes completamente apagada. Mesmo assim ela pegou nele e ergueu-o, tentando concentrar-se nas teclas e lembrar-se da forma como Jonathan costumava segurá-lo e o que fazia com ele. Era um desses modelos menos fáceis de utilizar, mais técnico, algo ultramoderno, e ela, ainda três gerações atrasada na classe em constante mutação de telemóveis (e tecnologias associadas), nem sequer sabia como voltar a ligá-lo. Mas sabia que o simples facto de o tentar seria transpor uma linha que ainda não tinha transposto, não por ter dado a volta à sua própria casa, para vasculhar as gavetas e os roupeiros dos seus próprios pertences. Por algum motivo que ela não conseguia compreender na sua totalidade, queria desesperadamente não ter de transpor essa linha, mas também sabia que essa podia ser a sua última oportunidade para... bem... se ela quisesse, para o ajudar. E ajudar Jonathan tinha sido o seu instinto por defeito durante muitos anos. Ajudá-lo a estudar para os exames de Medicina. Ajudá-lo a mudar-se do dormitório. Ajudá-lo a comprar um fato decente, a mudar a matrícula do carro, a assar um frango, a colocar uma tala num dedo partido, a sentir-se bem, a escolher uma aliança de casamento, a aceitar os defeitos lamentáveis da família biológica dele, a ser pai de uma criança, a ser feliz. Era o que se fazia quando se escolhia um companheiro, com alguma sorte, para a vida. Era como se construía um casamento.

Não era muito fácil parar de ajudar.

Mas, por outro lado, recordou ela a si própria, a Polícia tinha conhecimento do telemóvel. Sabiam que estava ali, no apartamento; fora por esse motivo que tinham pensado que talvez o próprio Jonathan se encontrasse ali. O que significava que iriam querer vê-lo. Pedir-lho-iam e ela teria de o entregar, pois caso não o fizesse haveria... Bem, seria uma espécie de crime não o fazer, certo? E quando lho pedissem e ela o entregasse, eles saberiam — de algum modo seriam capazes de descobrir — que ela lhe tinha feito alguma coisa, que tinha lido ou mudado ou eliminado algo. E isso seria muito, muito mau para ela e também para Henry. Ela agora tinha de fazer tudo como devia ser, por Henry.

Por essa razão, tornou a guardá-lo no mesmo sítio invulgar, decidida a deixá-lo simplesmente onde estava, para o descobrirem quando viessem à procura dele. E então, talvez por essa ser a primeira vez que os imaginava no seu apartamento, a vasculhar gavetas, roupeiros e armários tal como ela

tinha acabado de fazer, e porque assim que o imaginara se apercebera de que esse cenário era agora inevitável, abriu novamente a porta da mesa de cabeceira, tirou o telemóvel e pousou-o em cima do tampo, à vista de todos, onde não parecesse tão suspeito, tão... *incriminatório*, como pareceria se ele o tivesse escondido. Ela tinha-lhes dito que o telemóvel estava ali, no apartamento. Não lhes tinha dito que estava escondido. Porque não fazer isso por ele?

Eu sei que o quer proteger, tinha-lhe dito um dos agentes, embora ela agora não se recordasse qual deles.

Grace deitou-se de costas em cima da cama, sobre a colcha, e fechou os olhos. Sentia-se fatigada, vazia de tão fatigada. Não parava de pensar em objetos, nos objetos que ela tinha descoberto — o cachecol, a camisa e o preservativo — e no facto de eles não revelarem nada, de serem uma espécie de runas ou hieróglifos que não conseguia decifrar. Esse rasto pequeno e disperso de coisas no chão, cuja existência não podia ser explicada — o cachecol, a camisa e o preservativo —, não era o rasto correto. O rasto correto, ocorreu-lhe agora, era o objeto que já não estava lá.

O tal saco de ginástica em falta, o tal bom feito de cabedal que ela tinha oferecido a Jonathan. Costumava estar na parte de baixo do roupeiro. Já lá não estava. Digamos que ele tinha pegado nele e que tinha andado pelo quarto com ele, a guardar coisas: que tipo de coisas levaria? Roupas interior. Camisas. Produtos de higiene pessoal. Calças. As calças de bombazina pelas quais os detetives pareciam tão fascinados? Como é que ela havia de saber quais é que eles se referiam? Jonathan tinha pelo menos seis pares de calças de bombazina. Sabia-o porque os tinha comprado todos, e agora as calças estavam desaparecidas da prateleira do roupeiro, por cima do varão. Viam-se cabides soltos, gavetas vazias e uma prateleira recentemente desocupada na casa de banho, onde costumavam estar a escova de dentes e a lâmina de barbear dele. Não era de admirar que só agora ela o estivesse a interiorizar; mesmo agora *quase* não o conseguia fazer. Estava tudo exatamente como seria de esperar com um homem ausente de casa por uns dias — numa viagem, por exemplo, a uma conferência médica em Cleveland —, esperado de regresso antes de se lhe acabar a roupa interior lavada.

«Não é o que está cá e não devia estar», disse ela para si mesma, «mas o que não está e devia estar». Isso lembrava-lhe um poema de James Fenton sobre a guerra — uma guerra qualquer, ela não se recordava qual:

Não são as casas. Mas os espaços entre as casas.

*Não são as ruas que existem. Mas as ruas que já não existem.**

Acrescentado e retirado, mais e menos: mas sem se anularem um ao outro. Todas as pessoas novas na vida dela — detetives da Polícia e vítimas de homicídio — não substituíam a pessoa que havia desaparecido. «E não é outra guerra, mas a minha própria guerra», compreendeu ela, cerrando os olhos. «A minha.»

- 11 Expressão norte-americana para identificar o ato de acrescentar algo (brilho, joias) a uma peça de roupa. Muito popular entre os homens de origem latina que residem nos Estados Unidos. (NT)
- 12 No original, *my brain on cork*. Trocadilho com o significado da preposição *on*, que neste contexto tanto pode significar «na» (ex.: na cortiça) como também «sob o efeito de». (NT)
- 13 Literalmente «presente por ter feito força». (NT)

CAPÍTULO CATORZE

CORRENDO PARA O FIM

De alguma maneira, ela adormeceu. Na manhã seguinte já tinha passado do seu lado da cama para o lado de Jonathan, como se ao longo dessas horas irregulares e intransigentes tivesse começado a duvidar que ele estivesse realmente ausente e precisasse de se certificar de que não estava lá ninguém. Não estava lá ninguém — nenhuma cabeça (o cabelo escuro encaracolado, a barba escura a crescer) a deixar a marca habitual na almofada macia, nenhum ombro a subir e a descer por cima do edredão, nenhuma presença. Grace acordou vestida com a mesma indumentária traumatizada que tinha vestido vinte e quatro horas antes, quando apenas estava preocupada, apenas irritada. Quão maravilhoso seria agora sentir esses sentimentos apenas.

Passava pouco das seis e ainda não havia muita luz. Levantou-se a custo e fez as coisas necessárias, vestindo-se, lavando-se tanto quando foi capaz. O quarto parecia desarrumado, com os lençóis e o edredão enrolados e os sapatos dela no chão. A camisa estranha e o preservativo no invólucro vermelho pareciam reluzir de uma forma malévola no sítio onde ela os tinha deixado, em frente ao roupeiro, como se tivessem sido contornados — tal como se contornava um cadáver —, mas em néon. Ela pontapeou-os para o lado ao passar pelo roupeiro, depois pegou na roupa que despiu e atirou-a para cima deles, como se os quisesse esconder de si própria. Vestiu uma camisola e uma saia lavadas, embora fossem peças com um estilo semelhante ao que tinha vestido no dia anterior (porque lhe custava pensar em roupa), e depois fez umas coisas que também lhe custava fazer, mas que ela tinha adormecido a pensar em fazer e que tinha acordado a pensar em fazer, e percebeu com clareza que tinha mesmo de as fazer.

Como tal, com o portátil aberto à sua frente em cima da cama, ela cancelou todas as consultas para esse dia e para o dia seguinte, sábado de manhã, que era o mais à frente que ela conseguia pensar. Como justificação, referiu apenas a «doença de um familiar» e disse que voltaria a entrar em contacto para remarcar a consulta. Em seguida, mentalizando-se de que tinha mesmo de o fazer, ligou para o número de J. Colton e deixou uma mensagem a dizer que não lhe seria possível receber o jornalista da

Cosmopolitan nessa tarde e a solicitar-lhe que fizesse o favor de não agendar nada para a semana seguinte, uma vez que ela estava a lidar com uma situação familiar, e que voltaria a ligar-lhe logo que fosse possível.

— Obrigada! — disse ela para o silêncio sepulcral do gravador de mensagens, embora não fosse, claro, um gravador de mensagens. Já não existiam gravadores de mensagens.

Depois de essas duas coisas ficarem resolvidas, sentiu-se tão exausta como se tivesse estado fisicamente a trabalhar durante várias horas.

Com o saco *Puma* de Henry na mão, Grace desceu até ao átrio e saiu para a madrugada fria, ainda exausta mas agora também completamente desperta — uma combinação bastante desagradável. Oito quarteirões separavam o seu apartamento da casa do pai e de Eva, e o ar gélido que deixou entrar nos pulmões durante o caminho era desagradável mas possivelmente terapêutico, como só uma sensação realmente má consegue ser. As ruas estavam bastante desertas, embora o passeio defronte do fantástico E.A.T. estivesse cheio de vida, com camiões de entrega e empregados de cozinha, e ela olhou nostalgicamente para o interior ao passar, como se os familiares prazeres da cidade já lhe estivessem vedados. À espera da mudança do semáforo na 79th, deu por si a fitar os contornos quase esquecidos do rosto de Malaga Alves na capa de um jornal, num distribuidor automático azul metalizado. O cabeçalho, fosse ele qual fosse, não estava visível e quando a luz do semáforo mudou ela prosseguiu.

Lá em cima, uma Eva seca e caracteristicamente desagradável conduziu-a até à cozinha, onde ela apanhou o choque adicional de ver Henry a comer cereais numa das tigelas de porcelana da sua mãe. O facto de Eva ter escolhido (para essa ocasião, interrogou-se Grace, ou — o que seria ainda pior — para utilização diária?) pôr a uso uma das peças de porcelana do casamento dos seus pais, comprado em 1955, para o leite magro com *cornflakes* de Henry, teve o efeito de um tiro de advertência e, não obstante as circunstâncias atuais, Grace teve de fazer um esforço para não a confrontar.

Eva tinha-se embeijado pelo serviço de porcelana depois de casar com o pai de Grace, mas não ao ponto de o utilizar em ocasiões especiais, como a Páscoa Judaica ou mesmo os jantares rituais do Sabat. Em vez disso, o serviço *Haviland Limoges Art Deco* clássico, com o seu delicado debruado verde, era utilizado para o pequeno-almoço, para o *Entenmann's Danish* que o pai dela consumia todas as noites antes de se deitar, para a sopa enlatada que os netos de Eva comiam (o que era particularmente irritante) e, naturalmente, para as visitas semanais da família de Grace, durante as quais — e há muitos anos — atormentava a sua proprietária legítima (na opinião de Grace). Escusado seria dizer que Eva não tinha falta de louça. Ainda tinha dois serviços enormes do primeiro casamento com o pai dos

filhos (um banqueiro extremamente abastado que havia morrido de apendicite numa ilha ao largo da costa do Maine — uma história terrível, aliás): um *Haviland* também (a coleção menos formal, por acaso) e um *Tiffany*, posto a uso nas ocasiões ultraespeciais. Havia também, algures nos armários dela, um serviço *Conran* de cerâmica branco perfeitamente adequado, ao que parecia para ser utilizado sempre que fosse impensável usar porcelana de qualidade. E contudo, segundo a lógica perversa dela, Eva parecia fazer questão de expor os pertences da sua predecessora sempre que Grace os ia visitar.

Era claro que Grace os quisera para si. Queixara-se a Jonathan sobre a injustiça da situação, sobre o quão errado era negar a uma filha única (a única filha!) um artefacto tão importante, algo que em termos de tradição (pelo menos na tradição Emily Post) devia ter-lhe sido entregue assim que o seu pai e Eva começaram a partilhar a mesma casa. E não, ela não estava a ser mesquinha. E sim, o seu pai tinha-lhe dado muitas coisas: o apartamento, antes de mais nada, e depois as joias da mãe dela (nenhuma das quais — desde essa manhã — se encontravam na posse dela). Mas a questão não era essa.

Henry ergueu o olhar assim que ela entrou na cozinha.

— Esqueci-me do livro de Latim — disse ele, depois de engolir.

— Eu trouxe-to. — Ela pousou o saco *Puma* na cadeira ao lado dele. — E o de Matemática também.

— Ah, sim. Tinha-me esquecido da Matemática. E preciso de roupa.

— Olha que coincidência! — Ela sorriu-lhe. — Trouxe-te roupa. Peço desculpa por ontem à noite.

Henry franziu o sobrolho. Quando o fazia ficava com uma ruga entre as sobrancelhas escuras. Jonathan tinha essa mesma ruga.

— O que é que tem ontem à noite?

Ela sentiu uma gratidão imensa pelo narcisismo natural dos doze anos. Não era maravilhoso olhar tão pouco para trás, tão pouco para a frente e tão pouco à nossa volta, que o mais intenso dos cataclismos, a maior rutura no tecido do mundo, tinha tão pouco impacto imediato? Ela imaginava que se os dois estivessem a caminhar sobre o espaço infinito, Henry continuaria bem desde que ela não parasse de atirar pedaços de massa sólida para debaixo dos pés dele. Quão maravilhoso devia ser não nos apercebermos quando algo havia corrido terrivelmente mal no mundo. Pelo menos por enquanto.

— A avó deixou-te dormir até tarde? — perguntou-lhe ela.

— Não. Vi televisão com eles, mas só até às notícias.

«Ao menos isso», pensou Grace.

— O *Karl* dormiu na cama comigo.

— Que bom.

— Onde é que está o pai? — perguntou-lhe Henry, dando cabo da

estabilidade. Tinha sido bom enquanto durara.

— Quem me dera poder responder-te — replicou ela, com sinceridade suficiente. — Mas não posso.

— Não está onde disse que ia? Ao Iowa ou isso?

— Ohio — corrigiu ela, mas depois lembrou-se que o mais certo era ter sido ela a facultar-lhe essa informação. Olhou de relance para trás, mas Eva tinha-os deixado a sós. — Não faço ideia. Não consigo falar com ele.

— Porque é que não lhe envias uma mensagem? — perguntou Henry, empregando a lógica da geração *iPhone*.

Grace olhou à sua volta, à procura de café. Misericordiosamente, a máquina de café tinha o balão meio cheio.

— Até o fazia, mas infelizmente ele deixou o telemóvel em casa.

Ela levantou-se e foi buscar um café, servindo-se (com sentimentos muito contraditórios) numa das chávenas da mãe.

— Estou com medo — disse Henry, atrás dela.

Ela foi ter com ele, pousou a chávena em cima da mesa e abraçou-o. Ele deixou-a envolvê-lo e ela fez um esforço para não deixar transparecer o seu próprio receio. Pensou: «Se pudesse ficava com o teu medo também.» Grace deixou escapar um suspiro trémulo e demorado. Tentou pensar em algo que lhe pudesse dizer, algo que fosse simultaneamente útil e verdadeiro, mas tudo aquilo em que pensava incidia num só desses dois atributos. Verdadeiro e nada útil, útil e nada verdadeiro — raramente era as duas coisas. Aliás, nunca era as duas coisas. Iriam eles ficar bem? Seria ela capaz de desvendar esse mistério? E seria realmente capaz de cuidar dele? Não tinha a certeza de ser capaz de cuidar de si própria.

Mas ao pensar isso Grace compreendeu que havia uma camada fina e quebradiça de resistência à qual ela parecia continuar a agarrar-se. Essa camada não estivera presente no dia anterior, nem na esquina do Território Hospitalar com Stu Rosenfeld, nem mesmo na sala pequena e aquecida da 23.^a Esquadra, com O'Rourke e Mendoza. E de certeza absoluta que não tinha estado presente nas horas que ela tinha passado a vasculhar as suas próprias gavetas e roupeiros, enervada e perturbada com o que tinha e não tinha encontrado. Mas de algum modo, algures durante esse processo, tinha achado por bem materializar-se e agora estava presente: uma certa determinação, delicada mas palpável. Fazia-a sentir-se... não propriamente forte. Ela não se sentia forte, de todo. Não estava em condições de derrubar as barricadas ou de encarar as mães de Rearden. Mas, de certa maneira, agora sentia-se mais leve e algo diferente. «Porque», pensou ela, apertando os ombros magros do filho e encostando a face ao rosto dele, inalando o odor recente e ainda ténue de adolescente da pele dele, «agora tenho menos para proteger do que antes». De certa forma, isso simplificava as coisas.

Ela conseguiu esgueirar-se do apartamento sem tornar a ver Eva ou o

pai, e ambos caminharam até Rearden, quase sempre em silêncio. Henry aparentava ter ultrapassado o turbilhão de carência que tinha sentido antes e agora parecia tão tranquilamente reservado como em qualquer outra manhã. Quando dobraram a esquina em direção à escola, ele demorou apenas alguns segundos mais do que ela a aperceber-se de que a presença dos meios de comunicação se havia intensificado. Em grande escala.

— Eh lá! — ouviu-o dizer.

«Podes crer», pensou ela.

Não, ela não queria passar pelas carrinhas.

Os portões de acesso ao jardim da frente estavam fechados, o que nunca, mas nunca, acontecia, e as ruas estavam cheias de mães: mais uma vez, nada de amas ou *baby-sitters* nessa manhã. Ladeavam o passeio em frente aos portões, com as costas voltadas para o edifício de mármore da escola, as expressões delas marcadamente imperturbáveis viradas para as câmaras. Eram belas e ferozes. A manada de um qualquer mamífero elegante, a postos para desaparecer dali a qualquer instante, mas cheia de vontade de lutar. Ao que parecia, aquilo já tinha perdido toda a graça.

— Olha — disse Grace, apontando. — Estás a ver ali a Senhora Hartman?

Jennifer Hartman, mãe de Jonah, o ex-melhor amigo de Henry, estava parada a meio do quarteirão, junto à entrada para o beco que conduzia às traseiras da escola, segurando um bloco de notas com mola de aspeto mais ou menos oficial.

Ou seja, Robert tinha ativado de facto a entrada secundária.

— Vamos — disse ela a Henry, agarrando-o pelo cotovelo.

Chegaram juntamente com duas ou três pessoas, e toda a gente — curiosamente, tendo em conta o facto de se tratar de uma situação inédita — parecia saber o que fazer.

— Phillips — disse a mulher à frente de Grace, espreitando por cima do ombro de Jennifer Hartman. — Está aqui. Rhianna Phillips, segundo ano.

— Ótimo — respondeu-lhe Jennifer, pondo um visto junto ao nome. — Entre pelas traseiras. Teve de ser tudo improvisado, como deve imaginar.

— Logan Davidson? — perguntou a mãe diante dela, como se não tivesse a certeza. — Infantário?

— Muito bem — respondeu-lhe Jennifer Hartman. — Pode entrar.

— Olá, Jennifer — cumprimentou Grace. — Estou a ver que foste recrutada.

Jennifer ergueu o olhar e, por breves instantes, nada aconteceu. Depois seguiu-se uma corrente gélida, tão súbita e avassaladora que a deixou praticamente sem fala, com o seu próprio sorriso descabido fixo (petrificado) no rosto. Ela olhou automaticamente para Henry, mas ele estava a olhar para a Sr.^a Hartman, a mãe do seu amigo perdido. Tratava-

se de uma mulher de estatura mediana, mas com uma postura extraordinária, com as maçãs do rosto salientes e as sobrancelhas vários tons mais escuras do que o cabelo louro pálido. Fizera parte da vida de Henry desde que os rapazes tinham andado juntos no infantário, oito anos antes, na altura em que o consultório de Grace e o negócio de Jennifer (ela trabalhava em publicidade para chefes de cozinha e restaurantes) tinham passado a ser carreiras de sucesso. Grace confiara sempre e gostara sempre dela, pelo menos até o casamento dos Hartman ter começado dar para o torto. Tinha tentado dar alguma distância a Jennifer, oferecendo-se sempre para ficar com Jonah durante a noite ou as saídas dela, mas isso fora por volta da altura em que o próprio Jonah tinha começado a afastar-se.

Agora Henry estava parado a escassos centímetros de distância dela, a olhar para a sua expressão glacial, e será que compreendia? Jennifer Hartman tinha-o levado a dezenas de passeios a recintos de divertimento e a ver inúmeros filmes de animação. Tinha-o recebido na primeira noite dele fora de casa, algumas delas implicando telefonemas a meio da noite para o tranquilizar. Tinha-o levado por duas vezes a Cape Cod, em agosto, arrastando-o a ele e a Jonah a visitas guiadas à fábrica de batatas fritas e à Plantação de Plymouth. Tinha-o inclusivamente levado ao hospital uma vez, com o cotovelo partido, quando Henry tinha caído de um dos muros de pedra do Central Park. E desde a separação deles — desde o divórcio de Jennifer (que fora perfeitamente admissível: ela era uma mulher adulta presa num casamento infeliz) e a renúncia do filho dela àquele que em tempos tinha sido o melhor amigo dele (o que não tinha sido nada admissível, mas que também não competia às mães evitar) —, ela e Grace haviam mantido trocas de palavras formais e civilizadas, do tipo que caracteriza as relações entre dois países que em tempos foram aliados e que um dia talvez voltem a ser. E agora isto.

— Olá, Senhora Hartman — cumprimentou o seu filho maravilhoso, esse filho amoroso, inocente e educado.

Ela mal olhou para ele.

— Podem entrar — respondeu ela, num tom severo. Depois tornou a baixar o olhar.

Grace apressou-se a levá-lo dali.

No beco, que cheirava fortemente a merda de pombo, ela seguia atrás dele, deixando para trás o som do tumulto lá fora assim que entraram no edifício. O miúdo do infantário e a mãe tornaram a ser barrados, dessa vez diante da porta das traseiras da escola, e tornaram a obter acesso. Dessa vez por parte de Robert e da assistente dele, uma jovem enérgica com óculos estilo John Lennon e uma trança embutida.

— Bem-vindos, bem-vindos! — Grace ouviu-o dizer à mãe do miúdo do infantário. Apertou-lhe a mão como se se tratasse de um dia de aulas

perfeitamente normal, como o primeiro dia de aulas do ano, por exemplo, e a porta não fosse a pesada porta de ferro sempre fechada das traseiras, mas a imponente entrada de Rearden com o seu vestíbulo de mármore, tão impressionante aos olhos de futuros pais. O par passou por ele e subiu a escada da saída de emergência. — Olá, Henry — disse ele, assim que viu o rapaz. — Grace... — disse ele, acenando com a cabeça.

Ela imitou-o, em resposta. Se havia um guião predefinido, nenhum deles parecia tê-lo estudado. Mas embora ele não tivesse dito nada, colocou o pé, de forma quase impercetível, no caminho dela. Grace fitou-o e depois ergueu o olhar para ele.

— Posso ir lá acima à sala? — perguntou-lhe ela, algo chocada.

Ele pareceu pensar no assunto e ela ficou a olhar para ele, perplexa. Não conseguia perceber o que estava a passar-se.

— Estava aqui a pensar... — começou ele por dizer.

— Então, mãe? — perguntou Henry, virando-se para trás. Já ia a meio do primeiro lanço de escadas.

— Espera aí, vou já — respondeu-lhe ela.

— É que... — tornou a dizer Robert. — Acho melhor, dadas as circunstâncias, o Henry subir sozinho.

— Não há problema, mãe — disse Henry. Parecia confuso e irritado, em partes iguais. — É na boa.

— Robert — disse Grace —, mas que merda é esta?

Ele respirou fundo, de forma vagarosa e prudente.

— Estou a tentar lidar com uma situação crítica. Estou a fazer com que todos consigamos lidar com a situação.

Ela sentia-se como se o estivesse a ver através de uma espécie de filtro, como vidro ou *Perspex* coberto de sujidade. Mal conseguia distinguir as formas dele.

— Grace... — disse ele e, de repente, era um Robert completamente diferente. — Grace, acho melhor não estares aqui.

Ela baixou o olhar. Ele tinha-a agarrado. Pousara-lhe a mão no braço, entre o pulso e o cotovelo. Não fora propriamente um gesto possessivo. Fora — tentara ser — reconfortante.

E depois ela compreendeu — por fim, por fim. Robert sabia. Claro que sabia. Sabia porque eles lhe tinham dito. Mendoza e O'Rourke. Tinha-o sabido antes mesmo de ela — Grace — ter sabido de Jonathan e de Malaga Alves. Jonathan, o marido dela, e Malaga Alves, a falecida. Pelo menos devia saber algumas das coisas que ela própria já sabia. Ou talvez menos. Talvez, ocorreu-lhe agora com horror, mais. Quanto mais? Ela tinha desistido de contabilizar as coisas de que não tinha conhecimento.

Grace obrigou-se a encará-lo.

— O que é que eles te disseram? — perguntou-lhe ela, sem rodeios. Depois lembrou-se de Henry e olhou para cima, para o sítio onde ele tinha

parado nas escadas, mas já lá não estava. Tinha-a deixado para trás.

Robert abanou a cabeça. Ela teve vontade de lhe bater.

— Quero que saibas — disse-lhe ele, em voz baixa — que este é um lugar seguro para o Henry. Se ele precisar de passar algum tempo no meu gabinete pode vir ter comigo sempre que lhe apetecer. Nos intervalos e depois das aulas, por exemplo. E se alguém lhe disser alguma coisa, ele que venha ter comigo de imediato. Os professores também vão estar a olhar por ele. *Já falei com toda a gente.*

Já falei com toda a gente. Ela olhou-o fixamente.

— Ele é um aluno de Rearden. E eu levo isso muito a sério — disse Robert, numa voz mais fraca, como se já tivesse percebido que a estava a perder. — Mas... é só para não piorar a situação. Já vi este tipo de coisas. Não... não a este nível, claro. Mas certas questões no seio da comunidade escolar. Assim que começam são impossíveis de travar. Precisam de... Bem, precisam que as deixem correr, se é que me entendes.

Ela quase deu uma gargalhada. Não fazia a mínima ideia do que é que ele estava a dizer, salvo que era muito, muito mau e por alguma razão havia passado a ser sobre ela.

— Por isso, se fosse a ti não me demorava muito por cá. E... se quiseses vir buscá-lo um pouco mais tarde, para não vires à hora da saída normal, ele pode esperar por ti no meu gabinete. Não me custa nada.

Grace não lhe respondeu. Sentia-se dividida entre as boas maneiras — sabia que ele estava a tentar fazer algo simpático por ela — e a humilhação terrível. A humilhação fazia as pessoas comportarem-se de maneira profundamente prejudicial para si mesmas. Ela sabia-o; testemunhara-o inúmeras vezes. Obrigou-se a respirar fundo. Havia outros pais, percebia-o agora, a reunirem-se à volta dela, junto às escadas.

— Está bem — disse ela, acenando com a cabeça. — Isso é... uma boa ideia.

— Vou buscá-lo no final das aulas e levo-o para o meu gabinete. Porque é que não me ligas quando vieres a caminho? Estarei aqui até às seis, pelo menos.

— Está bem — repetiu ela, ainda sem conseguir agradecer-lhe.

Grace deu meia-volta, atravessou o mar de mães e miúdos e transpôs a entrada em direção ao beco das traseiras, onde se viam mais mães e miúdos. A maioria afastou-se à sua passagem e ninguém parecia reparar particularmente em si. Mas quando um corpo pareceu ficar especado no lugar, forçando-a a ter de se desviar para um lado ou para o outro, Grace ergueu o olhar e viu Amanda Emery, flanqueada pelas filhas gémeas.

— Oh! — exclamou Grace. — Amanda. Olá.

Amanda limitou-se a olhar para ela.

— Olá, meninas — cumprimentou-as Grace, embora não conhecesse realmente as miúdas Emery. Eram baixas e fortes, tinham o rosto redondo e

o que Grace presumia ser a cor natural do cabelo da mãe delas: castanho-claro. Perante o seu olhar, Amanda agarrou as filhas pelos ombros, pousando uma garra sobre cada uma delas. Grace quase deu um passo atrás. Amanda continuava a não dizer uma palavra, embora uma das raparigas tivesse erguido o olhar, irritada, e tivesse dito:

— Ai, mãe!

Tratava-se de Celia. A que tinha os dentes tortos.

Grace viu a acumulação de gente atrás dela. Estendia-se até à esquina do beco e perdia-se de vista. Essa imagem deixou-a apavorada.

— Adeus — disse ela a Amanda Emery, estupidamente, como se elas se tivessem cumprimentado com normalidade. Teve de se virar de lado e passar meio encolhida, algumas vezes, e foi quase sempre ignorada, mas nem sempre. Houve mais Amandas Emery, algumas suas conhecidas, mas outras nunca tinha reparado nelas. Porém, à sua passagem, à medida que ia avançando, ouviram-se pequenas expulsões de som e também algo que ela não identificou de imediato, mas que acabou por descobrir ser o oposto de uma expulsão de som, embora igualmente audível, ou seja, o silêncio que se seguia ao som. E foi esse silêncio que a perseguiu, qual onda crescente.

Quando passou por Jennifer Hartman e saiu para a rua, reparou que agora os jornalistas formavam uma espécie de semicírculo em torno da entrada para o beco. Baixou a cabeça e avançou até à ponta do edifício, mas eles pareciam relutantes em deixá-la escapar-se. Formavam uma espécie de rebanho, parecia-lhe, com o discernimento típico de rebanho de quem deve gritar e quem deve ficar à escuta, quem deve avançar com os microfones e quem deve ficar para trás a verificar os níveis de som nos respetivos equipamentos ou a preparar-se para escrever coisas no mais banal dos blocos de notas. Mas comunicavam entre eles como um só animal e o que esse animal pretendia dela era algo que não estava disposta a dar-lhes, não sem perder o juízo: ali mesmo no passeio, ali mesmo às oito e meia da manhã de um dia que se avizinhava muito, muito longo e bastante horrroso.

— Com licença — disse-lhes ela, com rudeza, e também: — Deixem-me passar. E para sua surpresa, eles assim fizeram, porque por algum milagre ainda não tinham percebido que havia diferença entre ela e a mãe que emergiu logo a seguir da entrada do beco, e que eles também rodearam e abordaram.

Não faltaria muito, ela sabia-o. Talvez nem sequer mais uma vez. Mas para já pareciam dispostos a deixá-la escapar.

Foi então que alguém a chamou: *Grace*.

Grace baixou a cabeça e começou a andar, subindo a rua para o mais longe possível deles.

— Espera aí, Grace.

Uma mulher de estatura baixa apareceu atrás dela a correr e agarrou-a pelo cotovelo. Tratava-se de Sylvia e parecia decidida a acompanhá-la.

— Tenho de... — tentou ela dizer.

— Anda — disse-lhe Sylvia. — Está ali um táxi.

O carro tinha parado no semáforo na esquina da Park, mas com a visão periférica que aumentava a taxa de sobrevivência dos taxistas de Nova Iorque provenientes de todos os cantos do mundo, avistou as duas mulheres a correrem rapidamente na direção dele e, de imediato, fez o pisca para a direita, para desânimo do taxista imediatamente atrás. Quando Sylvia abriu finalmente a porta, já o segundo taxista tinha buzinado duas vezes.

— Não consigo — disse Grace, depois de ter entrado para o carro. — Peço desculpa...

— Não tens de pedir desculpa — limitou-se Sylvia a responder. Em seguida, pediu ao condutor para as levar para o cruzamento da Madison com a 83rd. Grace, por entre o nevoeiro da sua irritação e a extensão da sua angústia, tentou recordar o que havia na esquina da Madison com a 83rd, mas só conseguia lembrar-se do café na esquina. Não se lembrava do nome, mas era o café de onde Meryl Streep tinha observado o filho no filme *Kramer vs Kramer*. Pelo menos costumava haver uma fotografia emoldurada dessa cena, na parede atrás da caixa registadora. Para sua leve surpresa, foi exatamente o local onde Sylvia pediu ao condutor para parar.

Sylvia evitara falar durante os cinco minutos que tinha demorado a viagem e Grace — que se tinha valido das suas escassas reservas para evitar ir-se abaixo sentada na parte de trás de um táxi com uma pessoa com quem não era propriamente íntima, rumo a um destino incerto e com um propósito desconhecido — também não tinha dito nada. Agora, vendo Sylvia a pagar ao condutor, interrogou-se se deveria saber o que estava a acontecer.

— Anda daí — disse-lhe Sylvia. — Vamos tomar um cafezinho as duas. A não ser que prefiras beber qualquer coisa mais forte.

Para sua própria surpresa, Grace deu uma risada.

— Graças a Deus! — respondeu Sylvia.

Sentaram-se numa mesa na parte de trás da sala, por baixo do cartaz com a Manobra de Heimlich, e Sylvia praticamente gritou para o empregado: «Café, por favor», que lhe respondeu com o típico grunhido nova-iorquino de quem tinha percebido que poupava em palavras. Grace não tinha nada para dizer e não tinha sítio nenhum para onde olhar. Estava estupefacta por se encontrar ali na companhia de Sylvia Steinmetz. Porquê ela? Só porque se tinha dado ao trabalho?

Mas depois ocorreu-lhe que isso — que Sylvia Steinmetz — era agora o mais próximo que ela tinha de uma amiga. Parecia impossível, mas era a

verdade. Não conseguia compreender como é que tinha permitido que isso acontecesse.

Sylvia disse algo que Grace não percebeu, pelo que lhe pediu para repetir.

— Eu disse: «Só esta manhã é que soube que estavas a passar por isto.» A Sally enviou-me um *email* esta manhã.

— A Sally que vá à merda — retorquiu Grace. Depois tornou a rir-se, de uma forma ainda menos apropriada.

— Certo. Mas irrelevante. Aqueles jornalistas não estavam lá porque a Sally lhes contou.

— Mas... — Ela calou-se quando o empregado trouxe duas canecas brancas de café escuro, a transbordar ligeiramente. — Acho que não sabem quem eu sou. Não pareceram mais interessados em mim do que nas outras pessoas.

Sylvia acenou afirmativamente:

— Mas isso não há de durar muito mais tempo. Tens umas horas, penso eu. Se fosse a ti, não contava com mais do que isso.

Foi então que Grace percebeu que estava acostumada a ver a sua vida da maneira completamente errada — em termos de espaço, algo que já não era viável. Importava muito pouco, por exemplo, que ela há muito se visse como sendo parte de uma pequena família, rodeada por pais e colegas, depois por conhecidos, e depois pela cidade que fora sempre o seu lar. Se essa topografia continuava a ser precisa ou não já não importava, porque a questão não era relevante; agora o que importava, desde essa manhã, era a realidade temporal, não a topográfica. O que importava era o facto de que a sua vida, a que ela tanto tinha prezado, estava a desmoronar-se. A correr a toda a velocidade em direção a uma parede de tijolos e ela sabia que não havia nada a fazer para o impedir.

— Lamento imenso — disse-lhe Sylvia. — Já passei por algo semelhante com uma cliente. Mas tivemos um pouco mais de tempo.

A cabeça de Grace continuava a andar à roda. Em circunstâncias normais, primeiro talvez tivesse querido satisfazer a sua própria curiosidade. Sylvia representava trabalhadores que tinham sido injustamente despedidos ou que levantavam processos pelos mais variados tipos de assédio. Qual cliente? O que é que ela tinha feito ou o que é que lhe tinham feito a ela? Seria alguém sobre quem Grace tivesse lido — no *Times* ou na revista *New York*? Costumava devorar histórias dessas. Eram tão interessantes. As pessoas eram tão interessantes, em especial as trapalhadas que faziam das suas vidas.

Mas agora não se podia dar ao luxo dessa distração.

— E o que é que fizeram? — optou antes por lhe perguntar.

Sylvia franziu o sobrolho:

— Bem, arranjámos-lhe uma casa nova. Mudámos-lhe as contas

bancárias, pois tinha contas conjuntas com o sócio dela, mas ele já tinha desaparecido com muita coisa. Também contratámos um gestor de problemas. — Ergueu o olhar para Grace. — Mas ela era uma figura pública. A situação era diferente.

Grace fitou-a. Nunca tinha ouvido Sylvia falar sobre o trabalho dela, pelo menos sem ser de um modo superficial. Essa era uma Sylvia diferente que estava sentada diante de si, a verter leite magro de uma leiteira de metal para o café, até este ameaçar transbordar.

— E qual foi o resultado final? — perguntou Grace.

— O processo arrastou-se durante imenso tempo — respondeu-lhe Sylvia, sucintamente. — É melhor não nos concentrarmos nisso. É melhor pensarmos naquilo que podes fazer agora.

Grace sentiu um arrepio. Sentia-se exatamente como se tinha sentido na faculdade uma vez, quando se tinha deixado convencer a ser a timoneira da equipa feminina. Tinha jeito para manobrar o casco, para a gestão das diferentes personalidades e até mesmo para a planificação da corrida em si, mas mal tinha conseguido suportar a hora que antecederia a reunião delas. Uma hora de medo puro, de pavor puro, a convicção absoluta de que ela — e jamais as oito mulheres altas e possantes diante de si na estreita embarcação — estava prestes a deitar tudo a perder.

Inclinou-se para a frente, sobre a caneca, e deve ter sido o café, o calor do café, que lhe invadiu os olhos e as faces e que a fez interrogar-se se estaria prestes a chorar ou se já estaria realmente a chorar.

— Está bem — conseguiu ela dizer. Em seguida, respirou fundo para se acalmar e endireitou-se no lugar. Sylvia parecia estar à espera. — Mas... primeiro — conseguiu verbalizar por fim —, antes de mais nada, tenho de te perguntar uma coisa: o que é que tu sabes?

Sylvia abanou a cabeça, num gesto firme.

— Não *sei* absolutamente nada. Quero deixar isso bem claro. Não aceitei como facto nada do que me possam ter dito. O meu grau de exigência é demasiado elevado para isso.

— Está bem — replicou Grace. Então, e porque lhe parecia apropriado, disse: — Obrigada.

— Mas o que me disseram foi que o Jonathan teve um envolvimento qualquer com a Malaga Alves e que a Polícia quer falar com ele, mas que ele está desaparecido. E também que tu sabes onde é que ele está e não lhes dizes. O que eu não acredito.

— Ainda bem! — disse Grace, sucintamente, como se isso fosse uma espécie de alívio.

— *Ainda bem* o quê? — perguntou-lhe Sylvia, abrindo um pacote de adoçante *Sweet'N'Low* e despejando o conteúdo dentro da caneca.

— Que não acreditas que sei onde é que ele está e que estou a escondê-lo. Não sou corajosa o suficiente para fazer uma coisa dessas.

Nem doida. Não sei onde é que ele está. Eu só... Isto só... — Ela desistiu.

— Mas ele conhecia-a? À Malaga?

— Bem... o miúdo foi paciente no Memorial. Eles disseram-me isso e eu acredito neles. O resto é tudo...

Mas ela deteve-se. Era tudo o quê? Uma mentira maldosa? Ela sabia que não. Sabia que havia mais, apenas estava a tentar interiorizá-lo o mais devagar possível. E não tencionava proclamar a inocência de Jonathan a ninguém. Ele que proclamasse a sua própria inocência. Ele que aparecesse para o fazer, muito obrigada.

— Bem — disse Sylvia, para surpresa dela —, isso faz todo o sentido.

— Ai sim?

— Sim. Vou dizer-te algo que se calhar já sabes. Mas, caso não saibas, preciso que finjas que sabes. Estou numa situação um tanto ou quanto limiar.

Grace olhou-a fixamente:

— Devo compreender o que queres dizer com isso?

Sylvia deu um suspiro:

— Se calhar não. Esperava que compreendesses, mas receava que não.

— Estás a comportar-te demasiado à advogada — criticou-a Grace. As suas palavras tinham soado cruéis. Bem, ela sentia-se manifestamente cruel nesse momento. Sylvia teria de se adaptar.

Sylvia rodou a caneca branca entre as mãos, fazendo girar a pega.

— Ele contratou-me. Em fevereiro.

— *Contratou-te* — repetiu Grace, incrédula. As suas palavras soaram como um insulto. Ela arrependeu-se de imediato.

— Sim. Ligou-me, marcou uma consulta, apareceu e assinou um documento a contratar-me formalmente para o representar.

— Meu Deus! — murmurou Grace. — Em fevereiro.

— Ia haver uma audiência disciplinar. Ele queria aconselhar-se. — Bebeu um trago do café, estremeceu em sinal de desgosto e pousou-o. — Tinhas conhecimento da audiência?

Grace abanou a cabeça.

Sylvia recomeçou a rodar a caneca entre as mãos:

— Nunca lhe perguntei diretamente se tu estavas a par da situação. Durante todos estes meses, sempre que nos cruzávamos ou andávamos de volta das coisas para a angariação de fundos, questionava-me em relação a isso. Mas não podia dizer nada, a não ser que ele próprio te levasse ao meu gabinete. Era confidencial. Tu compreendes isso.

Ela disse que sim com a cabeça. Compreendia. Tinha essa mesma obrigação em relação aos seus próprios pacientes. Mas, por outro lado, não privava com eles. Não caminhava até à escola com eles nem era colega deles em comités. Como tal, não era justo.

— E, tecnicamente, continua a ser confidencial — continuou Sylvia. — Nem sequer devia estar a ter esta conversa contigo. O facto de ele agora ser suspeito ou nós sermos amigas não vem para o caso. E não posso arriscar ser expulsa da Ordem. — Ela calou-se. Parecia estar à espera de algo por parte de Grace, mas Grace não tinha a certeza do que era.

— Não posso ser expulsa. Sou mãe solteira.

Ela ficou novamente à espera. Grace limitou-se a fitá-la.

— Queres que continue, Grace?

— Oh! — exclamou ela, compreendendo. — Sim, eu percebo. Jamais te faria uma coisa dessas.

Sylvia deu um suspiro:

— Está bem. Ele só apareceu uma vez. Não gostou do conselho que lhe dei, ou seja, disse-lhe para pedir desculpa à administração do hospital e aceitar qualquer acordo que lhe oferecessem. Só para evitar o despedimento direto. Mas não era isso que ele tinha em mente.

— O que é que... ele tinha em mente?

— Queria tramar os superiores dele. Disse que um deles era plagiador e que outro era pedófilo. Queria que eu lhes dissesse que ele entraria em contacto com a imprensa se avançassem com a audiência. Pensava que bastava pagar-me e que eu faria esse serviço. É bastante comum os clientes fazerem esse tipo de suposições — disse ela, como se estivesse a tentar ser simpática. — Mas mesmo que ele tivesse alguma prova, mesmo que de algum modo isso fosse relevante para a situação dele, o que obviamente não era, a verdade é que não tenho estômago para esse tipo de coisas. Preciso de ser capaz de me olhar ao espelho quando lavo os dentes, entendes?

Grace acenou com a cabeça, mas estava a perder o fio à meada. Qual deles seria o plagiador? Seria Robertson Sharp-a-Poia? Era difícil acreditar que Jonathan, depois de tantas queixas sobre Robertson Sharp-a-Poia, nunca tivesse mencionado um crime tão flagrante e facilmente comprovável como o plágio.

— Dei uma vista de olhos à papelada que ele me levou e disse-lhe: «Há aqui demasiada coisa. Eles têm motivos mais do que suficientes para o despedir. Vá lá, chegue a acordo com eles, diga-lhes que fará reabilitação...»

— Reabilitação! — Grace praticamente gritou. — Para quê?

— Para o que eles quisessem — replicou Sylvia, com firmeza. — Da forma que eles pretendiam apresentar o processo, em termos de uma incapacidade qualquer, teria sido ideal. E a verdade era que queriam oferecer-lhe algo do género, mas ele recusou-se a aceitá-lo. Disse-me que...

Mas depois ela calou-se. Respirou fundo, ergueu novamente a caneca e depois lembrou-se e tornou a pousá-la.

— Aliás... — disse ela, tentando dizê-lo num tom mais irónico, não tão desagradável — ... mandou-me à merda. Mas, sabes, estava sob uma grande pressão. Desejei-lhe boa sorte e acredita que fui sincera quando o fiz.

Grace fechou os olhos com força. Teve de fazer um esforço para evitar pedir-lhe desculpa.

— Nem sequer sei o que é que aconteceu em relação à audiência — disse Sylvia.

Ela respirou fundo.

— Segundo a Polícia, despediram-no — respondeu Grace. A frase saiu-lhe soando milagrosamente a uma novidade já mais do que batida. — Eu não sabia de nada até ontem à noite. Estes meses todos... — Ela inspirou. — Quando me dizia que estava no trabalho, afinal não estava. — Soava tão incrivelmente ridículo, pensou ela. Era decerto a frase mais ridícula que alguma vez tinha proferido. — Não sei nada. Não sei como devo proceder.

— Bem, deixa-me ajudar-te — disse-lhe Sylvia, num tom sério. — Ao menos posso tentar. Portanto, presta atenção, tenho duas coisas para te dizer. Antes de mais nada, se sabes onde é que ele está, diz-lhes.

Ela abanou vigorosamente a cabeça:

— Não sei. Não faço ideia. Já lhes disse isso.

O empregado de mesa estava de volta. Se iriam querer mais alguma coisa? Sylvia pediu-lhe a conta.

Quando ele se afastou, ela disse:

— É muito importante que colabores com eles. Quanto mais depressa perceberem que não estás envolvida, melhor serás tratada pela imprensa.

— Está bem — replicou Grace, embora detestasse a ideia de «colaborar» com Mendoza e O'Rourke.

— E a outra coisa, aliás, a coisa mais importante que podes fazer neste momento é pegares em ti e no teu filho e saírem daqui. — Sylvia inclinou-se para a frente, afastando para o lado a caneca cheia de café. — O Jonathan, seja qual for a ideia dele, não ficou cá para arcar com as consequências. Ou seja, vai escapar ao circo, aconteça o que acontecer. Esta noite. Ou amanhã, no máximo dos máximos. Mas tu estás aqui e eles têm de apontar as câmaras para algum lado. Pega no Henry e arranja um sítio para onde irem. Algures fora de Nova Iorque.

— Porquê fora de Nova Iorque? — perguntou ela, horrorizada.

— Porque neste momento isto é uma história de Nova Iorque. E enquanto for uma história de Nova Iorque os canais de notícias dos outros estados não vão andar tão em cima do acontecimento. E os noticiários de Nova Iorque não vão escalonar equipas para... sei lá, o Arizona ou a Geórgia. Não por causa da esposa do suspeito. Se fosse por causa dele, a coisa seria muito diferente, mas neste momento não podes estar a pensar

nele.

Grace, que tinha conseguido mais ou menos acompanhá-la até essa última parte, pediu para ela lhe explicar o que isso significava.

— Assim que eles o encontrarem, e vão encontrá-lo, vai aparecer em todo o lado. Portanto... é melhor estares noutro sítio até isso acontecer e estares noutro sítio *quando* isso acontecer.

Ela fez uma pausa:

— Já não me lembro. Os teus pais moram cá?

— O meu pai — retorquiu Grace.

— Tens irmãos?

— Não.

— Amigos próximos?

«A Vita», pensou ela, de imediato. Mas não falava com Vita há imenso tempo. E não havia mais ninguém. Como é que tinha deixado isso acontecer?

— Nem por isso. Foi sempre...

Eu e o Jonathan, estivera prestes a dizer. *O Jonathan e eu*. Estavam juntos há quase vinte anos. Atualmente quem é que chegava aos vinte anos de casado? Quem é que gozava um desses casamentos longos e fantásticos que a geração dos seus pais havia desfrutado, com safaris multigeracionais a África e casas de família à beira de um lago ou numa praia qualquer, e festas grandiosas e barulhentas por ocasião dos aniversários mais marcantes? «Só as terapeutas matrimoniais», pensou ela, com pesar.

— Mas... — começou por dizer. Estava a pensar: «os meus pacientes». Não podia virar as costas aos seus pacientes. Isso não era permitido. Não era ético. Lisa e o marido homossexual desaparecido e as filhas desorientadas. Sarah e o argumentista furioso e fracassado que se havia «dignado» a voltar para casa. Ela tinha responsabilidades.

E o livro. Como seria em relação ao livro?

Não suportava pensar no livro.

E então foi como se tivesse agarrado a tampa muito apertada de um frasco muito velho que existia muito, muito fundo dentro de si e tivesse deixado escapar uma fração minúscula do conteúdo por entre uma brecha minúscula, e mesmo isso foi o suficiente para a deitar abaixo. Vergonha corrosiva. A mais poderosa e venenosa das essências humanas. Tinham bastado uns segundos para ela se espalhar por todo o lado.

— Tenho muito pena — disse Sylvia, apesar de, se sentia realmente pena, ter tido a delicadeza de não o demonstrar. — Escuta — disse ela, com imenso cuidado —, eu sei que não somos propriamente amigas próximas, mas quero que saibas que podes contar comigo. — Depois calou-se. Franziu o sobrolho para Grace. — Precisas que repita o que disse?

Grace abanou a cabeça e disse que não, mas a verdade era que

deixara novamente de lhe prestar atenção, pelo que não tinha bem a certeza.

CAPÍTULO QUINZE

PROCURAR E CONFISCAR

— Estão lá em cima — disse-lhe o porteiro, sem necessidade. Ela vira os carros e as duas carrinhas, uma identificada com «NYPD» e a outra com algo que não tinha conseguido discernir, assim que dobrara a esquina vinda da Madison, e durante imenso tempo tinha ficado parada, alternando entre a conformidade e não-conformidade, depois a tentar perceber por que motivo não era capaz de permanecer direita enquanto o fazia. («Por causa da comida», recordou a si mesma. «Porque precisas de comer qualquer coisa em breve, sua idiota, senão mais vale desistires de vez.») E depois entrara, qual cordeiro que era, a percorrer o caminho até ao matadouro.

— Está bem — respondeu ela. Em seguida, disparatamente, agradeceu-lhe.

— Trouxeram um mandado. Tivemos de os deixar entrar.

— Claro — replicou. O nome dele era Frank. Ela comprara-lhe um presente quando a filha dele tinha nascido, no verão anterior. Julianna, era esse o nome da bebé. — Como é que está a Julianna? — perguntou ela, sem grande lógica, e ele esboçou um sorriso mas não lhe respondeu. Em vez disso, como se de um dia normal se tratasse, acompanhou-a até ao elevador e esperou até que a porta se fechasse.

Lá dentro, ela encostou-se pesadamente à parede do elevador e fechou os olhos. Até onde é que aquilo iria?, interrogou-se. «Se eu aguentar o dia de hoje, se aguentar o dia de amanhã.» Quanto tempo duraria? Em que manhã é que ela tornaria a acordar de volta à sua própria vida?

Mas enquanto estava ali parada — encostada — a pensar sobre essa vida, ela estava a escapar-se-lhe, a desmanchar-se, os pedaços a separarem-se e a voarem para longe. Tanta coisa perdida, tão rapidamente; ela mal conseguia acompanhar a derrocada. Desde quarta-feira e a notícia sobre Malaga. Não, desde segunda-feira, o dia da partida de Jonathan. O dia em que Malaga tinha morrido. (Ela ainda não conseguia pensar nisso. Não estava minimamente preparada para isso.) Mas esperem, era óbvio que tinha começado muito antes — muito, muito antes disso. Há quanto tempo? Há quantos anos? Quão atrás no tempo iria?

Mas isso era uma reflexão para outro dia. O elevador parou no andar dela e quando a porta se abriu Grace viu o aviso oficial, fotocopiado de

forma indistinta, afixado na porta da frente com uma espécie de fita-cola que decerto arrancaria tinta quando fosse retirada, e apercebeu-se, para sua enorme tristeza, de que nem sequer se importava com isso pois já não morava nesse lugar.

Quantas vezes tinha saído de casa? Uma vez para ir para a faculdade. Outra vez para construir um lar com o marido. Ambas haviam-na afastado do local da sua infância, onde ela tinha gatinhado, depois andado, depois corrido e brincado às escondidas com os amigos, e aprendido a cozinhar, a namorar e a obter nota máxima em praticamente qualquer curso. Mas, no final do dia, e independentemente do sítio onde estivesse a morar na altura, esses corredores e divisões em particular eram sinónimo de lar e Grace achara-as sempre maravilhosas. Não se lembrava de nenhum momento em que tivesse desejado mais espaço, uma morada melhor ou mesmo uma vista superior àquela: esse era o seu lugar e era mais do que bom. Eles moravam num apartamento pós-guerra feioso arrendado na First Avenue quando o pai dela tinha conhecido, há tanto tempo enfiada nas oito assoalhadas da 73rd que não tinha vontade nenhuma de as deixar. No dia em que ele sugerira transferir a propriedade para o nome de Grace — de uma forma descontraída, durante um almoço, recordou ela —, fora para casa e chorara de alívio. Que outra forma teria ela e Jonathan — sem um salário típico de Wall Street ou um fundo de investimento entre os dois — de alguma vez conseguir proporcionar a Henry a infância nova-iorquina que ela desejava para ele? Teriam continuado nessa caixa de fósforos feita de tijolo branco, ou noutra semelhante, até Henry entrar para a faculdade.

Mas agora a sua casa tinha um aviso oficial da NYPD afixado na porta, que por sinal se encontrava entreaberta, e por entre a abertura ouvia-se o som de vozes e de sapatos no chão de madeira, e o brilho de uma farda toda branca, como se já estivesse a decorrer uma festa muito pouco promissora. Por uns instantes, ela teve de lutar contra o impulso de bater à porta.

— Não pode entrar aqui — disse-lhe uma mulher assim que ela entrou.

— Ai não? — respondeu Grace. Não se sentia com muita energia. Mas também não se queria ir embora. Para onde é que haveria de ir?

— Quem é você? — perguntou-lhe a mulher, de uma forma ignorante, pois não seria mais do que óbvio?

— Eu moro aqui — disse-lhe Grace.

— Tem identificação consigo?

Grace estendeu-lhe a carta de condução e a mulher — a agente, presumiu Grace — pegou nela. Era entroncada e muito pálida. Tinha o cabelo muito mal pintado de uma cor que não favorecia ninguém e Grace não se sentiu minimamente solidária com ela.

— Espere aqui — disse a mulher, deixando Grace parada na sua própria entrada, enquanto descia o átrio de Grace e entrava no corredor que

conduzia ao quarto de Grace.

Dois homens vestidos com fatos-macaco brancos emergiram do quarto de Henry e passaram por ela a caminho da sala de jantar. Não disseram nada, nem a ela nem entre eles. Grace inclinou-se ligeiramente para a frente, para espreitar para lá deles, e avistou o canto de uma mesa — uma mesa portátil — que não lhe pertencia. Mas não lhe apetecia nada sair do lugar onde a tinham mandado esperar. Passara a ser uma espécie de desafio. E, na verdade, quanto mais ela via o que estava a acontecer ali, menos vontade tinha de saber.

Mendoza apareceu e estendeu-lhe a carta de condução.

— Ainda vamos demorar — informou-a ele, bruscamente.

Grace acenou com a cabeça:

— Posso ver a papelada?

— Pode, sim.

Ele mandou a agente à sala de jantar e ela regressou com uma versão mais longa do documento afixado na porta da frente de Grace.

— Vou ler isto — disse-lhe ela, algo estupidamente, mas Mendoza teve a amabilidade de não sorrir.

— Com certeza — replicou ele. — Porque é que não se senta?

E depois fez sinal, por incrível que parecesse, na direção da sala de estar dela.

Grace desceu o corredor, segurando a mala numa mão e os papéis agraphados na outra, e foi sentar-se numa das poltronas. Não se tratava da poltrona pela qual o seu pai sempre tivera preferência, mas ocupava a mesma posição: entre as duas janelas com vista para a 81st Street, voltadas para o corredor. Ele costumava sentar-se nesse lugar numa poltrona imponente mas não muito confortável que mais parecia um trono, e que depois tinha levado com ele para casa de Eva, com uma perna comprida cruzada sobre a outra, regra geral a beber um uísque num dos pesados copos de cristal que ainda existiam no bar do canto (pelos vistos não era tão sentimental em relação a eles como em relação à poltrona). Passava horas sentado nesse lugar, levantando-se ocasionalmente para preparar bebidas para os outros ou mais uma para ele. Tinham sido — os pais dela — excelentes anfitriões, bem ao estilo da era a que pertenciam, com as rotinas e a divisão de tarefas devidamente estabelecidas entre ambos e em perfeita sintonia. Nessa altura toda a gente bebia mais e nenhum deles tinha tido (caso contrário, todos teriam tido) «um problema», e quem sabe se não seria melhor assim? Havia inclusivamente caixas de prata cheias de cigarros em algumas das mesinhas de apoio, caixas que ela às vezes abria e inalava profundamente, imaginando-se Dorothy Parker, a fumar ao mesmo tempo que fazia um comentário inteligente e profundo. As caixas, como era óbvio, há muito que tinham desaparecido, mas o bar permanecia — tinha sido fabricado a partir de uma peça de mobiliário, algo

inglês que devia ter sido criado para guardar lençóis ou roupa dobrável — e continuava cheio de garrafas do tempo dos pais dela: *rye*, creme de menta e *bitters*, coisas de que já ninguém precisava. Quando ela e Jonathan tinham convidados para jantar, costumavam servir vinho ou quando muito *gin* tônico ou uísque, que eles gastavam a um ritmo tão lento que a ocasional garrafa oferecida pela família de um paciente dava-lhes para tempo mais do que suficiente. Apesar de, ocorreu-lhe agora, Grace não se lembrar da última vez que tinha tido convidados para jantar.

Voltou a sua atenção para o mandado de busca que tinha nas mãos e tentou compreender o que estava escrito, mas viu-se rapidamente embulhada na turgidez específica dos documentos legais. *O Tribunal Penal da Cidade de Nova Iorque. O Honorável Joseph V. DeVincent. Estão autorizados e instruídos a revistar o seguinte local.*

E por baixo disso, a sua morada, a morada da sua vida inteira, desde o nascimento até ao dia atual: *81st Street, Número 35, Apartamento 6B.*

E por baixo:

Estão autorizados e instruídos a procurar e a confiscar...

Aí as letras eram mais pequenas, como se estivessem a tentar incluir demasiadas coisas no reduzido espaço. O que não fazia sentido nenhum, pois só havia um item listado:

Um telemóvel de fabrico e modelo desconhecidos.

Mas ela ter-lhes-ia dado isso ou pelo menos ter-lhes-ia dito onde encontrá-lo! Bastava terem-lho pedido. Fora ela quem confirmara que o telemóvel estava ali!

E depois ela compreendeu: não se tratava disso. Tratava-se de encontrar Jonathan ou talvez algo que o ligasse a Malaga — à vida ou à morte dela. Tudo o que encontrassem, enquanto procuravam o telemóvel, que os pudesse ajudar a fazer qualquer uma dessas coisas seria perfeitamente legal. Ela fechou os olhos e pôs-se à escuta. Os edifícios mais antigos não propagavam o som da mesma forma que os novos, mas ela tinha morado nesse apartamento há anos suficientes para saber identificar onde é que as pessoas se encontravam. Ouviu conversas sussurradas na sala de jantar e ouviu roçar no roupeiro do átrio. Ouviu a porta do roupeiro de Henry a fechar-se e o som do vácuo da porta do frigorífico *Sub-Zero* na cozinha. Quantos seriam, no total?

Levantou-se, caminhou até à extremidade da sala de estar e espreitou o corredor que dava para o seu quarto. A porta, que ela tinha a certeza de ter deixado aberta nessa manhã, estava fechada. Eles sabiam que o telemóvel estava lá dentro, apercebeu-se Grace. Tinham espreitado, tinham-no avistado e depois tinham fechado a porta para evitar «encontrá-lo» cedo de mais, para poderem continuar a procurá-lo em todo o lado. Por uns instantes, sentiu-se tão enfurecida que não se conseguia mexer. Quando esse sentimento lhe passou, voltou para trás e tornou a sentar-se.

Dois agentes passaram por ela em direção ao átrio. Um carregava o computador da secretária da sala de Jonathan. O outro tinha uma caixa cheia de arquivos.

Bem, ela já esperava isso.

E as gavetas nessa mesma divisão, cheias de livros de cheques antigos? As agendas dele? Sabia que ele as guardava algures. Iriam encontrá-los, calculava Grace, porque ao contrário dela, teriam os meios para as procurar.

O primeiro dos agentes, o que tinha carregado o computador, passou novamente por ela, regressando à mesma divisão. Quando tornou a sair, trazia a caixa de arquivos que ela não tinha vasculhado na noite anterior.

O outro agente saiu também e dirigiu-se para o corredor. Agora ela ouvia Mendoza. Estava a falar. Estava parado junto à porta do quarto dela. Grace ouviu a porta a abrir-se. Interrogou-se qual dos dois a teria aberto.

Na sua própria sala de jantar, uma mulher deu uma gargalhada.

Grace recostou-se, deixando-se envolver pela poltrona funda. Estava a imaginar os dois homens a entrar, a olhar em redor deles, talvez a «reparar» ou a «não reparar» no telemóvel que ela tinha pousado em cima da mesa de cabeceira. Durante quanto tempo é que poderiam «não reparar» de uma forma legítima? E o que mais poderiam ver enquanto «procuravam»?

Havia peças de roupa no chão. Não deviam estar no chão, mas Mendoza não saberia isso, pois não? Não havia como saber que a camisa feia identificada «Sachs» era mais do que uma camisa feia. Talvez nem sequer se apercebesse de que era feia. Também não perceberia que o simples preservativo tinha provocado uma rotura na vida dela. Mendoza não estaria interessado em saber onde é que o cachecol tinha sido comprado ou o que teria acontecido ao fio de pérolas cinzentas. Não teria qualquer conhecimento da existência das pérolas, nem do colar de safiras que tinha pertencido à mãe dela, nem do saco de desporto de cabedal. Mas talvez tivesse conhecimento de outras coisas. Estava à procura de respostas a questões que ela nunca tinha levantado. Grace respirou fundo, forçando a entrada do ar nas profundezas dos seus pulmões, onde quase lhe doeu. Pela primeira vez em muitos anos, desejava ter um cigarro.

Mendoza desceu o corredor e virou na direção da porta de entrada. Parecia ter-se esquecido da existência dela. Grace, incrédula, viu que ele levava um saco de plástico com a escova de cabelo de Jonathan.

Era sem sombra de dúvida a escova de Jonathan: de madeira e cara, comprada nessa farmácia fantástica e preservada no tempo na esquina da Lexington com a 81st, feita com os pelos de um animal qualquer, ela não se lembrava qual. Deveria durar para sempre. Esse simples facto foi como uma seringa cheia da mais pura adrenalina. Nenhum nova-iorquino que tivesse sobrevivido ao 11 de setembro, e ao respetivo rescaldo, poderia ignorar

uma escova dentro de um saco de plástico. Era um desses objetos que tinha sido arrancado da normalidade e que tinha sido levado para o museu da iconografia do tormento: o corpo a cair, o avião, o cartaz a dizer «Desaparecido», o edifício alto, a escova dentro de um saco de plástico. Era sinónimo de... Bem, podia querer dizer várias coisas, mas todas elas terríveis.

Ela tinha-se esquecido, por breves momentos, que a situação já era terrível.

— Ei! — gritou-lhe ela, surpreendendo-se principalmente a si mesma. — Espere aí.

Já estava em pé e a atravessar a sala. Correu para o átrio e deteve-o. Apontou para a escova.

— Ele está morto? — Proferiu-o com dificuldade.

Mendoza fitou-a.

— O. Meu. Marido. Está. Morto? — repetiu Grace.

Ele franziu o sobrolho. Parecia realmente perplexo.

— Você *acha* que ele está morto? — respondeu ele, por fim.

— Não me venha com essas merdas freudianas — disse-lhe ela, numa voz sibilada.

Era exatamente — sem tirar nem por — o que Lisa, a sua paciente, lhe tinha dito no... Quando? No dia anterior?

Ele parecia bastante mais calmo do que ela. Grace estava certa de que nem sequer o tinha aborrecido.

— Não faço ideia, Senhora Sachs. Porque é que me pergunta isso?

— Porque sim! — exclamou ela, sentindo-se imensamente frustrada. — Para onde é que leva a escova dele?

Mendoza baixou o olhar para o saco. Parecia estar a pensar seriamente no assunto.

— Vamos levar uma série de coisas que talvez possam ajudar na nossa investigação. Está preocupada com a legalidade do mandado de busca? Se for esse o caso, posso pedir a alguém para lho explicar.

— Não, não. — Ela abanou a cabeça. — É só que... Explique-me porque é que a escova dele é relevante para o caso.

Ele pareceu pensar no assunto. Em seguida, pediu-lhe que se fosse sentar novamente na sala de estar. Iria ter com ela daí a poucos minutos. Explicar-lhe-ia tudo então.

E, sem mais nem menos, ela fez o que ele mandou. Sentia-se tão dócil, tão influenciável. Se alguma vez tinha existido espírito de luta dentro de si, a verdade era que ela já não se lembrava. Regressou à poltrona da sala de estar, cruzou as pernas e os braços e ficou à espera. Ele não a fez esperar muito tempo.

— Senhora Sachs — disse Mendoza, entrando e sentando-se ao lado dela, no sofá. — Penso que quer ajudar-nos.

— Porque é que pensa uma coisa dessas? — retorquiu ela com rispidez, mas ao fazê-lo sabia que ele não estava completamente errado. Já não. Algo havia mudado, um lugar profundo e enferrujado dentro dela fora forçado a mudar de posição. Quando, exatamente?

Ele encolheu os ombros. Tinha a cabeça ligeiramente inclinada, como era hábito dele. Só o conhecia há uns dias, mas já conhecia os maneirismos dele. Conhecia a forma como o pescoço se sobrepunha ao colarinho. Não o conhecia o suficiente para lhe sugerir que investisse em colarinhos mais largos e esperava nunca vir a conhecer.

— Porque penso que, a esta altura, está mais zangada com ele do que conosco. E, só entre nós, tem toda a razão para estar zangada.

— Não seja condescendente comigo — respondeu-lhe ela, secamente, mas mais uma vez, ao fazê-lo, teve a noção de que ele estava apenas a tentar ser simpático.

— Peço desculpa. Foi sem querer. Já lidei com este tipo de situação muitas vezes. Bem, não precisamente como esta. Lidei com maridos que tinham escondido muita coisa das mulheres e quando eu entro finalmente ao barulho é porque já houve uma fraude, um assalto ou até mesmo uma agressão. Este é um caso extremo, tendo em conta as circunstâncias, mas conheci imensas mulheres muito inteligentes que tiveram de passar por algo semelhante ao que a senhora está a passar agora. E quero que saiba que lamento o que lhe está a acontecer. E lamento ser eu a causá-lo.

«E também não me manipule», apeteceu-lhe acrescentar, porque era exatamente isso que ele estava a fazer. Mas Grace já não tinha forças para lutar.

— Precisamos da escova por causa do ADN — explicou-lhe Mendoza.
— Precisamos do ADN para... Bem, para uma série de coisas.

Porque é que ele não o dizia logo de uma vez? Estaria convencido de que ela se iria abaixo?

— Para a cena do crime, quer você dizer — informou-o finalmente ela, mas ele não pareceu ficar impressionado.

— Sim, mas também por questões de paternidade. Surgiu uma questão relacionada com a paternidade. Provavelmente saberá que a Senhora Alves estava grávida quando morreu. Pelo menos apareceu no *Post*. Enfim. O departamento de patologia deixa escapar tudo. Não adianta queixarmo-nos. Lamento que tenha sabido por um jornal da treta como o *Post*.

Grace deu por si a arquejar. Sentiu a boca a abrir-se, mas nada saiu, e também nada entrou, nem mesmo ar.

— Senhora Sachs? — perguntou Mendoza.

— Não diga disparates. — A cabeça dela tinha-se soltado do corpo e estava a galopar pela sala. Quando regressasse, se alguma vez regressasse, ela iria rir-se às gargalhadas. Era uma ideia completamente disparatada, mas não disparatada de uma forma descabida, disparatada de

uma forma lógica. E Mendoza bem podia ir à merda com o seu «Agora somos amigos» se julgava que ela iria engolir isso. Mas quão ridiculamente parva é que julgavam que ela era?

Mais uma vez, ao fundo do corredor, na sua própria sala de jantar, ouviu o som inconfundível de uma risada. A mulher que tinha estado à porta, calculou ela. O homem com o computador. Quantas pessoas estariam em sua casa?

— Bem, é só um pró-forma — disse-lhe ele —, porque de qualquer modo teríamos de iniciar um processo de investigação. O Senhor Alves... É compreensível que ele queira levar a mulher de volta para a Colômbia o mais rápido possível. O funeral vai ser lá e ele quer deixar todos os assuntos resolvidos. Ao que parece não tenciona regressar depois disso. E o corpo já foi liberado, mas ele recusa-se a levar a bebé, a pequenina. Você sabe o que eu quero dizer.

Grace, que não fazia ideia, que muito sinceramente não fazia ideia o que é que ele queria dizer, encontrou forças para abanar a cabeça.

— Ele exige um teste de paternidade. Insiste que não é o pai. E é claro que não o podemos obrigar a levá-la com ele. Mas isso tem de ficar definido. O advogado dele insiste. Os Serviços Sociais insistem também. Precisamos de acelerar o processo. — Ele olhou para Grace. Estava a aperceber-se de algo e ela observou-o enquanto ele o fazia. Foi assim que ela própria se apercebeu.

Grace tinha começado a chorar. Só descobriu depois de ele lhe ter estendido um lenço. Um lenço a sério. Nem sequer era de papel. Depois ela levou a mão ao próprio rosto, que parecia ter perdido toda a sua estrutura.

— Peço desculpa — disse-lhe Mendoza. Estava a dar-lhe palmadinhas no ombro. — Peço desculpa. Eu... estava realmente convencido de que já sabia.

TERCEIRA PARTE

DEPOIS

CAPÍTULO DEZASSEIS

A PADROEIRA DO FESTIM

Em 1936, quando muito poucos vizinhos dele saíam para ir trabalhar onde quer que fosse, a fazer fosse o que fosse, o avô materno de Grace, Thomas Pierce, levantava-se todas as manhãs por volta das cinco e apanhava o comboio de Stamford até Nova Iorque. Trabalhava numa empresa de publicidade, o que não tinha propriamente sido um sonho de infância, mas a firma tinha liquidez e o diretor tinha-lhe dado a entender que o trabalho dele era valorizado. Além do mais, e em abono da verdade, numa altura em que tinha de se passar por cima de corpos para conseguir sair de Grand Central, em que existia uma fila para o pão do outro lado da avenida em frente ao escritório dele e em que a mulher dele, que estava no Connecticut, se encontrava nos últimos meses de gravidez, dava-se por satisfeito e tentava não pensar no que ainda poderia acontecer.

Já tinham um rapazinho, Arthur, e ele desejava secretamente que o próximo bebé fosse mais um rapaz, mas Gracie tinha quase a certeza de que iria ser uma menina e queria chamar-lhe Marjorie Wells. Wells era o apelido de solteira dela.

Por norma, Thomas Pierce chegava a casa por volta das seis e meia, à curiosa casa feita de pedra (tinha uma espécie de torre redonda com um *design* de madeira falsa no topo) na vizinhança de Turn of River, em Stamford, e tomava uma bebida enquanto a mulher despachava o bebé e depois fazia o jantar para ambos. Gracie, tendo em conta o facto de ter crescido com criados e de nunca ninguém lhe ter ensinado nada, desenrascava-se bem a preparar uma refeição. Cozinhava a partir de algo intitulado *O Livro de Cozinha da Sr.^a Wilson*, que continha o tipo de pratos com que ele tinha crescido e também algumas experiências ousadas como «Chop Suey», uma especialidade oriental feita com porco, couve, cebolas e um molho castanho espesso. Nos últimos tempos, ela tinha também descoberto *O Livro de Cozinha da Colónia* e o aparecimento dos bolos Bundt e das «panquecas *matzo*» tinham agradado bastante a Thomas, mas com um peso na consciência à mistura. Ele nunca tinha dito à esposa que a sua mãe era judia.

Uma noite, saiu do trabalho acompanhado de um colega, um homem chamado George a quem a firma havia contratado para escrever guiões

para a rádio. George, segundo ele apurou, estava a morar com a família da irmã em Darien enquanto se adaptava à cidade, de longe uma situação ideal, ao que parecia, pelo que quando por fim o comboio deles chegou à estação de Greenwich, Thomas Pierce já tinha convidado o colega para jantar. Não tinha havido oportunidade para informar Gracie. O telefone da estação estava fora de serviço e quando eles finalmente chegaram à drogaria de carro, já havia duas pessoas à espera para utilizar o único telefone que existia, pelo que acabaram por seguir no carro até casa dele, tendo chegado ao pôr do sol.

Como é óbvio Gracie ficou aborrecida, mas preparou bebidas para os dois e depois foi para a cozinha, presumivelmente para decidir o que fazer. Infelizmente, não era noite de Chop Suey, mas de algo menos fácil de fazer render — ela tinha comprado, nessa manhã, quatro e apenas quatro costeletas de borrego no talho —, pelo que só lhe ocorreu descascar e cozer mais batatas. Assim que o bebé adormeceu, ela bebeu um pouco de xerez e regressou à cozinha.

Eles não estavam a conversar sobre trabalho, felizmente. Conversavam sobre a irmã de George, que tinha casado com um tipo tosco que achava que todos os rapazes estudantes eram maricas. Gracie já tinha decidido na sua mente que George era maricas, mas a questão não era essa.

«É uma pena, a sua irmã», disse-lhe ela.

«Sim. Ela é uma rapariga inteligente. Não percebo o que é que lhe deu.»

Beberam mais um pouco e Gracie pôs as costeletas a fritar.

Pôs a mesa para três pessoas, na sala de jantar. Se tivesse sido avisada com antecedência, se tivesse tido pelo menos duas horas, teria feito um guisado e haveria o suficiente para os três. Havia uma receita em *O Livro de Receitas da Colónia* que ela queria experimentar, um guisado Brunswick que podia ter feito com frango em vez de carne de vaca. Confecionar pratos com menos era uma espécie de especialidade dela. Em quatro anos de casamento, e simultaneamente quatro anos de recessão, ela tinha-se dedicado a poupar uma parte do dinheiro para gerir a casa — cerca de quatro ou cinco dólares por semana. Sempre que precisavam de alguma coisa — algo para a casa ou para o bebé, ou até mesmo para Thomas —, ela inflacionava ligeiramente o preço e depois guardava o resto. Era quase como ter uma profissão. Na primavera anterior tinha inclusivamente aberto uma conta no First Stamford — uma conta conjunta, claro; não que Thomas tivesse conhecimento da situação.

«Quem me dera poder fazê-lo», estava a dizer o convidado deles quando ela regressou com as costeletas. Ambos foram educados — George, que estava esfomeado, pareceu bastante agradecido —, apesar de nenhum deles ter feito um único comentário sobre a refeição dela, que

agora se resumia a puré de batatas. O convidado deles nem sequer parava de falar para mastigar a comida e Gracie foi forçada a assistir à mastigação das suas muito apetecidas costeletas de borrego com demasiado pormenor, mas concentrou-se no puré de batata e tentou acompanhar a conversa.

Havia um apartamento na cidade, num local chamado Tudor City, localizado algures nos números 40 de East Side, a uma boa distância do escritório. Ele tinha-o ido ver e tinha levado a «amiga» com ele — Gracie fez um esforço para não perguntar nada; tratava-se de um espaço fantástico e ele estava certo de que conseguiria alugá-lo por uma ninharia, estando as coisas como estavam na cidade e com metade do edifício deserto. Mas a questão era mesmo essa: ele não tinha um tostão, apenas o salário dele e uma casa que ninguém queria comprar, no Noroeste do Connecticut.

«Em que cidade?», perguntou-lhe Thomas. Estava apenas a ser simpático.

A mais próxima chamava-se Falls Village. Não era muito longe de Canaan, explicou George. A casa ficava junto a um lago e tinha sido da mãe dele, mas agora era dele. Há uns anos que não ia lá, mas tinha-a posto à venda numa imobiliária em Lakeville. Era uma altura péssima. Ainda ninguém a tinha ido ver.

«Que tipo de casa é?», quis saber Gracie. Teve de lhe dizer que já não havia mais costeletas de borrego, mas passou-lhe a taça com puré de batata.

Era uma casa antiga, dos anos de 1880, pensava George. Depois, por volta de 1905, os pais dele tinham acrescentado uma ala, com uma cozinha no piso inferior e um quarto por cima e agora a casa tinha três quartos no piso superior. Tinha feito parte de uma propriedade com cerca de dois hectares, mas ele tinha conseguido vender os terrenos imediatamente antes da queda da Bolsa, pelo que o terreno já só tinha cerca de meio hectare que se estendia até ao pequeno lago. O lago chamava-se Childe. Era o nome da família dele: Childe.

«Por quanto é que a quer vender?», perguntou-lhe Gracie. Tinha parado de comer.

Quando ele lhe disse, ela levantou-se da mesa e foi ao piso de cima. Guardava o livro de cheques na gaveta superior da cómoda. Tinha uma capa feita de pele, com um toque duro ao abrir. Ela nunca tinha passado um cheque na vida.

Era difícil dizer qual dos dois homens tinha ficado mais chocado.

«A minha mulher, a padroeira do festim», dizia Thomas Pierce às vezes, anos e anos após a noite em questão, fazendo um gesto imponente com o braço. Era um homem de propriedade, um fidalgo rural, e gostava de admirar as suas terras. Gostava de se sentar no alpendre com os seus convidados e contemplar o relvado que descia até à borda do lago, e de ver as duas crianças, Arthur e Marjorie, a brincar no pequeno ancoradouro, a

fingirem que estavam a pescar. No verão, ele passava lá o mês de agosto inteiro. Era o sítio onde se sentia mais feliz. Depois da guerra (ele tinha conseguido regressar do Pacífico Sul; o colega dele, George Childe, não tivera tanta sorte), contou à mulher que a chuva a cair no lago era o som que ele tinha escutado na cabeça dele enquanto tentava adormecer, a céu aberto e longe de casa.

A casa de pedra em Stamford, com a torre a imitar madeira, ficou para Arthur, que a vendeu e depois se mudou, com tanto lugar no mundo, para Houston. Grace Reinhart Sachs, sobrinha dele, nunca chegou a conhecê-lo.

A casa do lago ficou para Marjorie, que viria a ser mãe de Grace, que passaria lá pelo menos uma semana por verão durante toda a vida dela, à exceção, ironicamente, do ano em que deu à luz a filha, e quando ela morreu a casa ficou para Grace. Grace adorava-a também, tal como a sua mãe, o seu avô e a sua homónima — a sua poupada e inteligente avó. Mas nenhuma dessas pessoas tinha precisado tanto da casa como Grace atualmente precisava.

Onde mais é que ela poderia ter ido nessa tarde, saindo a correr da sua casa na 81st Street com uma mochila com roupa do filho, uma mala com livros e portáteis e um saco do lixo quase a romper-se com roupa interior, camisolas e artigos de higiene pessoal seus, bem como um violino bastante caro? A parte da frente do seu prédio já se encontrava iluminada como uma estreia de cinema, com duas carrinhas de noticiários, uma amálgama de cabos elétricos e um pelotão de fuzilamento a conversar ruidosamente, enquanto esperava. O lobo tinha descoberto a porta dela e estava a instalar-se para lhe fazer uma espera, mas um dos porteiros, num gesto de bondade súbita, tinha-a levado em silêncio para cave, com a mochila ao ombro e a mala na mão, e tinha-a deixado sair pelo beco que percorria a 35 East 81st Street. Na Madison, ele ajudou-a a chamar um táxi e recusou-se a aceitar a gorjeta. Por outro lado, também já não parecia capaz de a olhar diretamente nos olhos.

Escassas três horas depois, ela e Henry viajavam na Saw Mill rumo a norte, num carro alugado, o ambiente lá fora (frio e carregado de nuvens) em perfeita sintonia com o silêncio gelado no interior da viatura. Ela só lhe tinha dito que o avô estava bem, que Eva estava bem, que algo tinha acontecido e sim, com certeza, que lho explicaria e não lhe mentiria (não mentiria *muito*, tinha acrescentado ela para si mesma), mas que agora não, porque ela tinha de se concentrar na condução. E isso era inteiramente verdade: a Saw Mill, já de si sinuosa independentemente das condições atmosféricas, estava bastante escorregadia e numa ou noutra ocasião (e não fora da imaginação dela) Grace avistou as pequenas poças de gelo na estrada, e numa ou noutra ocasião imaginou-se a rodopiar com o filho no carro, a reboarem e a espatifarem-se no vazio. A ideia fê-la agarrar o volante com mais força, até as costas lhe começarem a doer, além de a ter

feito pensar — era a primeira vez que o fazia e parecia-lhe tão horrível e inédito: «Odeio-te por nos fazeres passar por isto.»

Ele era o amor da sua vida, o companheiro, o parceiro, o cônjuge. Era tudo o que ela tinha incentivado os seus pacientes do sexo masculino a serem, era tudo o que tinha dito às leitoras imaginárias do seu livro que elas mereciam, e agora jamais seria capaz de não o odiar, nem sequer por um único dia durante todo o tempo que vivesse. Era como se tivesse sido obrigada a trocar todas as células do seu corpo que tinham escolhido, amado e cuidado de Jonathan por células que o rejeitavam e desdenhavam, passando-as por uma máquina de diálise imensa que a tinha limpado e purificado, mas a nova e purificada Grace não funcionava como um corpo humano devia funcionar. Não se mantinha corretamente de pé, não falava, não sentia, não se preocupava com Henry, nem conduzia à velocidade correta numa estrada sinuosa que podia ter zonas com gelo, com o filho no carro. Estava tão concentrada no seu destino que não fazia ideia do que faria quando lá chegasse.

Pelo menos conhecia o caminho. Percorria essa estrada há tantos anos que quase lhe parecia lendária, primeiro na carrinha com revestimento a imitar madeira dos pais, carregada com as coisas de verão para ela e para a mãe. (Iam esperar o pai dela à estação de Peeksville todas as sextas à noite e levavam-no de volta no domingo à tarde.) Ela e Vita tinham lá ido sozinhas, quando andavam no secundário, para uma série de atividades ilícitas (às vezes com namorados) e uma vez, nos tempos de faculdade, tinham lá passado um fim de semana ruidosamente nostálgico, reunindo os amigos de Rearden, que tinham ido passar o fim de semana a casa, a beber *Rolling Rock* e a ver os anuários. Ela tinha ido para lá para escrever a tese final na primavera a seguir a ter conhecido Jonathan, deixando-o sozinho com a panóplia de doenças infecciosas dele e as horas passadas na clínica em Brigham e no Women's Hospital, e tinha passado o tempo todo a suspirar por ele, acabando por ler a pilha de romances antigos amarelados da sua mãe e não escrever uma única palavra sobre Skinner.

E depois tinha havido o casamento, ali mesmo na ladeira relvada, escassos meses mais tarde. Talvez um pouco cedo de mais, ter-lhe-ia dito a sua mãe, mas era uma mulher antiquada (segundo a sua mãe, todos os casais deviam ser obrigados a cumprir um tempo de noivado com a duração sugerida por Edith Wharton), e além disso a sua mãe tinha morrido, pelo que não podia opor-se. E o pai... Bem, não era como se Grace tivesse exigido uma grande festa. Queriam casar, coabitar — era importante para ambos. Ou pelo menos era importante para ela, e Jonathan queria o mesmo que ela quisesse. Não queriam uma cerimónia religiosa nem uma exibição de riqueza. Eram apenas duas pessoas que tinham tido a sorte de se encontrarem, em início de carreira, decididas a criar um estilo de vida semelhante: conforto, dignidade e filhos biológicos, e ajudar a erradicar o

satisfizimento humano pelo menos em algumas das suas inúmeras formas. Queriam ter dinheiro suficiente para viverem uma vida estável, com algumas coisas boas, talvez, mas nada de mau gosto ou pouco digno. Queriam alegria e, claro, uma sensação de realização, o respeito dos pares, a gratidão dos pacientes, obviamente, e, em troca, queriam sentir que o talento, o trabalho árduo e o altruísmo deles eram bem empregues ao serviço dos outros. Não era pedir muito. Não era... Grace procurou a palavra certa agora, enquanto conduzia na Saw Mill no sentido norte, rumo à escuridão do início de inverno... uma arrogância.

E quanto à família dele, bem, tinham conversado exaustivamente sobre esse assunto. Ela tinha-os conhecido no tal almoço tenso e incrivelmente desagradável no restaurante chinês, seguido da visita ao Rockefeller Center. Jonathan não os via praticamente desde que tinha entrado para a universidade de Hopkins e escusado seria dizer que eles se tinham recusado a apoiá-lo financeiramente, ou de qualquer outra forma, desde o final do secundário. A educação dele tinha ficado assegurada pelos administradores da faculdade, pelo trabalho dele a tempo parcial e também graças a uma idosa de Baltimore que se tinha interessado por ele e que não tinha filhos biológicos. Jonathan conhecera-a quando andava a entregar cadeiras para uma festa e tinha acabado por se mudar para o quarto de hóspedes dela no último ano de faculdade. Desviara a curiosidade natural de Grace em relação à família dele lembrando-a de que se tratava de pessoas que se tinham recusado a amá-lo, que não compreendiam a determinação dele em tornar-se médico, que tinham recusado qualquer responsabilidade no que dizia respeito a irem ao encontro das necessidades dele. Mas, ainda assim, tratava-se de um casamento, um começo novo por definição, pelo que valia a pena confrontar esse desconforto óbvio. Eles foram devidamente convidados, mas nem sequer responderam e só mais tarde, ao examinar as fotografias quando elas chegaram do fotógrafo, é que Grace descobriu que um jovem em particular — alto e ligeiramente forte, com o mesmo cabelo escuro encaracolado de Jonathan, mas sem o sorriso pronto e a descontração natural dele — era na verdade Mitchell, o irmão mais novo de Jonathan. Tinha marcado presença, tinha assistido e tinha partido, tudo sem falar com ela.

«Que família esta», tinha pensado Grace.

Como é que podiam ter concebido alguém como Jonathan?

Ela tinha usado um vestido antigo encontrado numa loja *vintage* perto de Harvard Square — eduardiano, segundo a vendedora —, uns sapatos *Peter Fox* comprados na Village e um colar do toucador espelhado da mãe. E tinha feito a despedida de solteira apenas com Vita, porque não queria ter de selecionar algumas pessoas de entre as suas colegas de faculdade: as três com quem tinha partilhado o quarto em Kirkland House, as duas com quem tinha passado um verão em Vineyard, a trabalhar para uma empresa

de catering, as mulheres do seminário sobre Virginia Woolf no penúltimo ano da faculdade, que se tinham tornado tão próximas que tinham organizado um chá (e canábis) mensal nos dezoito meses que se seguiram. Apenas Vita, cuja amizade antiga tinha prioridade sobre todas as relações que ela havia começado desde que tinha saído de casa para ir para a faculdade.

À exceção, claro, de Jonathan.

Jonathan tivera prioridade sobre Vita.

Tinha sido um problema naquela noite, naquela primeira noite, na faculdade de Medicina — mais precisamente por baixo da faculdade de Medicina — quando Vita tinha ido à procura de Grace, que por sua vez tinha ido à procura de uma casa de banho e que tinha acabado por encontrar esse estudante de medicina ambicioso, despenteado e sorridente com um cesto de roupa para lavar e um livro sobre Klondike.

Oh, que bom. Já não preciso de conhecer mais homem nenhum.

Os dois, Grace e Jonathan, mal tinham saído dessa zona do corredor, salvo para ele pousar o cesto de roupa suja e para ela ir à casa de banho, que ficava convenientemente ao virar de mais uma esquina; mas ainda assim era incrível como tinham conseguido conversar sobre tanta coisa. Em meia hora, ou talvez menos, ela tinha ficado a saber não só os parâmetros principais dele — a educação que tinha tido, o tipo de família de onde provinha, o relatório das escolas e das bolsas de estudo —, como também a geografia mais íntima do mundo dele e o lugar que pretendia construir para si mesmo. E tinha sido tão fácil chegar a esse ponto: nada de pezinhos de lã, nada de fingir que não estavam interessados. Ele não tinha tido qualquer problema em perguntar-lhe diretamente quem ela era e o que queria da vida. E depois de ela lhe ter respondido, não tinha tido qualquer problema em dizer-lhe que era exatamente o que ele queria também.

Quando Vita aparecera, cerca de meia hora depois, estava preocupada — claramente preocupada — mas Grace olhara-a com um sorriso imenso e extasiado e dissera-lhe: «Vita! Este é o Jonathan Sachs.» E não lhe dissera, e não precisara de dizer, não a ela — não à sua melhor amiga, a que a tinha acompanhado durante uma seleção reduzida mas necessária de homens inferiores: «Olha quem está aqui. Este é o tal.»

Contemplai o tal.

É claro que, ao ser apresentada a Jonathan Sachs — despenteado mas com um ar amoroso, muito inteligente, claramente ambicioso, sensível, já a exercer pediatria (a parte oncológica viria mais tarde) —, Vita limitara-se a demonstrar boas maneiras. Grace conhecia e compreendia essas boas maneiras, as mesmas que em tempos Vita tinha empregado no trato com os professores de Rearden que ela mais detestava, com o pai que mal tolerava e com os pais do rapaz com quem namorava desde o inverno anterior — o que estava na festa do piso de cima, à espera de que ela regressasse —,

que pensavam que lhe estavam a fazer um favor por não verbalizarem o antissemitismo deles por demais evidente. Boas maneiras, boas maneiras, boas maneiras... *ódio*. Era preocupante, mas acabaria por se resolver, tinha pensado Grace na altura. Tinha de se resolver e iria resolver-se, porque ela não estava disposta a abrir mão da sua amiga mais antiga, da sua amiga mais próxima, e também não tencionava abrir mão desse homem bonito e simpático e inteligente e fascinante. Tentou obrigar-se a esperar que essa coisa inevitável acontecesse, mas era cada vez mais difícil esperar e ela começou a ficar um pouco irritada. E, obviamente, essa primeira fase quando nos apaixonamos — não que ela não tivesse tanta experiência ao ponto de ter tido uma *rotina* —, bem, não é propriamente uma altura em que se sociabiliza muito. Ela e Jonathan, que já se viam a braços com os horários das aulas e com os turnos dele, assim como o trabalho de curso dela, sendo que o último ano de faculdade não era propriamente uma brincadeira, não tinham feito um grande esforço para incluir Vita nas atividades deles (normalmente de um cariz mais privado e num ambiente mais privado), mas das poucas vezes em que tinham realmente conseguido juntar-se, as noites tinham sido marcadas por uma enorme tensão. Imensa tensão. Embora Jonathan tentasse — Grace via o quanto ele se esforçava — saber coisas sobre Vita, o que a motivava e o que ela queria fazer da vida, e apesar de olhar para ela com a concentração e a atenção devidas à melhor amiga (e colega de quarto) da mulher por quem ele se tinha apaixonado, Vita nunca se abria com Jonathan.

«Já pensaste que ela pode ter ciúmes?», perguntara-lhe ele uma vez, nesse outono.

«Não sejas parvo», respondera Grace. Vita tinha aprovado ou desaprovado todos os tipos com quem ela alguma vez tinha saído desde o sétimo ano: tinha apoiado uns de forma entusiástica e tinha achado outros indignos de Grace, de algum modo (ou em todos os sentidos). Mas a rejeição, desde essa primeira noite na cave do dormitório da faculdade de Medicina até ao dia a seguir ao casamento menos de um ano depois, quando Vita se tinha despedido e tinha partido rumo a um pôr do sol completamente distinto — essa era total. E, pelos vistos, permanente.

O carro era um *Honda*, ou algo que soava a *Honda*: Grace não tinha prestado atenção, tendo-se limitado a apontar para a tabela amarela laminada e a pensar: *carro*. Não percebia muito de carros e interessava-se ainda menos. Tinham tido um durante uns tempos, um *Saab* que Jonathan tinha comprado ao pai de um dos pacientes dele, mas as garagens eram incrivelmente dispendiosas e eles só o utilizavam no verão. Nos últimos dois anos, ela tinha feito um *leasing* numa agência em West Side, mas nesse dia West Side ficava demasiado fora de mão e por algum motivo ela não era capaz de lá voltar. Não suportava falar com pessoas que a conhecessem, mesmo que fosse só um nome num contrato de aluguer celebrado entre 1

de julho e 31 de agosto.

Procurou os comandos e premiu-os aleatoriamente até o vidro da janela descer. Em seguida, inspirou o ar frio.

Estava completamente escuro quando eles chegaram à Route 22, a estrada que começava onde a 684 terminava em Brewster. Havia caminhos mais rápidos. Ao longo dos anos, Grace tinha experimentado vários percursos, mas a verdade era que havia algo tranquilizador nesse caminho e na progressão de cidades dispersas que lhe era tão familiar: Wingdale, Oniontown, Dover Plains. A seguir a Amenia, entraram no Connecticut. Henry, que tinha adormecido enquanto tentava ler, endireitou-se no assento e ajustou o cinto de segurança.

— Tens fome? — perguntou-lhe ela.

Ele respondeu que não, mas ela sabia que não haveria nada em casa quando lá chegassem e sabia que não lhe iria apetecer nada voltar a sair, por isso pararam em Lakeville, num restaurante de pizzas, e sentaram-se na única mesa que não estava ocupada por alunos de Hotchkiss. A pizza brilhava, tal era a quantidade de gordura, e a salada que ela pediu estava tão carregada de molhos que pareceu liquefazer-se diante dos seus olhos. Os dois comeram como se não tivessem assunto nenhum para discutir. Antes de voltarem para o carro, foram ainda à loja comprar leite e maçãs. Andando de um lado para o outro, ela tentou encontrar mais alguma coisa que conseguisse ter vontade de comer, mas não havia nada. «Até o leite e as maçãs já é pedir muito», pensou Grace. Imaginava-se a dizer a Henry: *Agora só vamos comer leite e maçãs*. Ele pediu uma embalagem de *Ben & Jerry's*, mais precisamente o «Heath Bar Crunch», mas só havia de chocolate simples.

— Quanto tempo é que vamos ficar? — perguntou-lhe Henry.

— Quanto é que mede uma corda? — Ela costumava responder dessa forma a perguntas que não tinham resposta.

Havia um caminho de acesso, que descia a pique da estrada principal, mas Grace sabia que não podia levar o carro até lá abaixo em pleno dezembro. Carregando as bagagens até ao alpendre das traseiras, ela sentiu o frio inesperado e queria mandar Henry entrar rapidamente, mas o interior da casa estava igualmente gelado. Ele acendeu a luz do teto e ficou espedado no meio da divisão, perplexo.

— Eu sei — disse Grace. — Vamos acender a lareira.

Mas não havia lenha nenhuma; tinham utilizado tudo o que havia no início de setembro, quando ela fechara a casa. E os cobertores que estavam nas camas do piso de cima eram para noites frescas de verão ou para dias de chuva, não para o frio lancinante que parecia entrar por todas as rachas possíveis da estrutura. A casa não estava preparada para o inverno. Isso era algo em que ela tinha tentado não pensar.

— Amanhã — disse ela — compramos uns aquecedores. E lenha. —

Depois calou-se. Estava prestes a dizer que aquilo era uma espécie de aventura, uma experiência arrojada, mas nas últimas horas Henry tinha deixado de ser o menino que talvez acreditasse nisso. Agora era o rapaz que se sentava, sem fazer perguntas, no banco de trás de um carro alugado, apinhado com os pertences deles mal arrumados e que depois saía do carro num local inesperado. Era o fugitivo de um crime alheio. Ambos o eram ambos, aliás. — Henry?

— Sim? — Ele não se tinha mexido do lugar. Estava parado com as mãos enfiadas nos bolsos do blusão de penas, a soprar baforadas experimentais de vapor.

— Eu resolvo isto — disse-lhe ela. Estava surpreendida por se ouvir falar com tanta confiança. Não tinha pensado além do *fugir de lá* e não tinha pensado sequer na manhã nem na semana seguintes. Ainda restavam sete dias de aulas em Rearden para as férias do Natal. Ela tinha pacientes. Havia um carro alugado que ela não podia manter para sempre. Havia um livro que estava prestes a ser publicado. Havia a possibilidade real de o seu nome, santo Deus, o seu *rostro*, estar nesse preciso instante a aparecer num noticiário local ou num *site* da Internet, à vista de todos os colegas, pacientes e pais de Rearden, à vista de todas as pessoas que conheciam o seu marido melhor do que ela própria. Mas até mesmo essas coisas terríveis pareciam, nesse momento, demasiado abstratas para ela desperdiçar as poucas reservas de sanidade mental e de força de vontade que lhe restavam. O seu mundo era agora muito pequenino e muito pouco populado. Estendia-se somente um fôlego em qualquer direção. — Vai correr tudo bem — disse ela a Henry e depois, na leve esperança de que ele, pelo menos, acreditasse, tornou a dizer a mesma coisa.

CAPÍTULO DEZASSETE

SUSPENSÃO DA INCREDELIDADE

Mais tarde, o que a espantaria seria o quão fácil tinha sido desfazer a sua própria vida. Uma vida — ela teve de recordar a si mesma — de uma continuidade e uma estabilidade tais que nem mesmo a morada, não obstante alguns desvios de percurso, tinha mudado desde o seu nascimento. A clínica pediátrica onde ela e depois o filho tinham sido pacientes, a esplanada agradável na Madison, onde somente os nomes das lojas e o aspeto dos produtos imensamente caros é que mudavam, os cafés, as paragens de autocarro, as amas provenientes dos quatro cantos do mundo a empurrarem os bebés a cargo delas até ao jardim na 85th Street... Tudo isso desapareceria ao longo dos dias que se seguiram, perdido na busca decisiva de amparo e carinho e na sua própria obstinada suspensão da incredulidade.

No dia seguinte, Grace conduziu o carro até Pittsfield, no estado adjacente, onde — incrivelmente sem ter de dar grandes explicações — adquiriu um dos veículos usados da agência de aluguer, um *Honda* perfeitamente banal. Em seguida, ela e Henry foram até um centro comercial *outlet* perto de Great Barrington e compraram edredões, botas quentes e o tipo de roupa interior comprida que ela calculava que os esquiadores usassem. Na *Home Depot* encontrou um aquecedor de ambiente que o vendedor jurou ser seguro e uma pistola de calafetar que não tinha a certeza se seria capaz de utilizar e que estava segura de que não adiantaria muito. Depois foram ao supermercado. No caminho de regresso, seguiu um letreiro e subiu uma longa rampa até uma casa triangular num terreno arborizado, onde conseguiu que um homem meio desorientado, vestido com uma parca imunda, ficasse de lhe entregar 128 pés cúbicos de toros de madeira para a lareira. Estava habituada a comprar lenha em quantidades pequenas e embrulhada em plástico na *Food Emporium*, por isso não fazia ideia quanto é que eram 128 pés cúbicos, mas ele tinha prometido fazer-lhos chegar na manhã seguinte, o que já era bom. Henry, que não era muito consumista, pediu para comprar uma única coisa, o dia inteiro (sem contar com o «Heath Bar Crunch» no Price Chopper), que foi — curiosamente — uma antologia desportiva que encontrou no supermercado. Ela comprou-lha sem pensar duas vezes.

De volta a casa, puseram os edredões em cima da cama de casal e enfiaram-se debaixo deles, Henry com o livro sobre desporto que já tinha começado a ler na viagem de regresso. Grace com o bloco de apontamentos no qual estava a tentar reconstituir a sua lista de pacientes, dando prioridade aos que tinham sessão marcada para os dias seguintes. Teria de enviar um *email* a todos, no mínimo. Depois teria de telefonar à maioria deles. Mas não queria pensar nisso agora. O quarto, que não era o sítio onde ela tinha dormido nos verões da sua infância mas o quarto que continuava a ver como sendo dos seus pais, aparentava uma insipidez estranha sob a luz aquosa de inverno. O pinho nodoso antigo das paredes parecia gasto, como se lhe faltasse algo apenas disponível no tempo quente e se encontrasse em suspensão até ser complementado. Os quadros antigos — uns do tempo dos seus avôs, outros das suas próprias viagens a Elephant's Trunk, na Route 7 — pareciam ter uma espécie de membrana por cima, com as cores devidamente esbatidas. Ao olhar à sua volta, primeiro despreocupadamente e depois com o reconhecimento de mais uma forma de perda, ela chegou à conclusão de que não havia um único objeto que representasse uma ligação real a uma ideia real da sua vida. Um único. Em vez disso, o catecismo a que ela havia sujeitado cada pertence no apartamento de Nova Iorque invadiu-a e deu por si a questionar as coisas que via, exigindo que se explicassem e que justificassem a inclusão delas no que ela agora considerava caricatamente ser a realidade. As fotografias antigas, quatro gerações de bens simbólicos da sua família, pareciam desprovidas de significado; as fotos com ela e Jonathan, em particular, eram um verdadeiro atentado. Criações artísticas de infância (dela e de Henry), objetos curiosos apanhados na floresta ou ao longo da margem do lago, livros que ela tinha trazido da cidade para ler e, depois de ler, tinha deixado nas prateleiras, artigos rasgados do *New Yorker*, edições antigas das três ou quatro revistas académicas que ela comprava — o que é que tudo isso tinha a ver com ela agora, nesse lugar, enfiada debaixo de um edredão novinho em folha no quarto dos pais, na companhia do filho de doze anos, durante sabe-se lá quanto mais tempo? Até ao final dessa noite? Do ciclo natural das notícias? Do ano?

Até o inverno nuclear chegar ao fim e alguém (quem?) dar o sinal de que estava tudo bem?

O peso disso tudo era imponderável, pelo que ela se recusou a ponderá-lo, despachando a lista de alterações de vida colossais a fazer como se se tratasse da lista de afazeres de uma mãe atarefada para uma segunda-feira de manhã, e preparando a mensagem para enviar aos seus pacientes: «Devido a acontecimentos importantes e imprevistos, vejo-me na necessidade de me ausentar do meu consultório. Acredite que lamento imenso ser obrigada a suspender o nosso trabalho conjunto e infelizmente não sei precisar quanto tempo estarei ausente. Estarei obviamente

disponível para o/a ajudar a encontrar tratamento provisório junto de outro terapeuta, pelo que se necessitar de uma recomendação ou se quiser discutir as suas opções, esteja à vontade para me contactar via *email*...»

O que não era, propriamente, uma oferta em vão, embora de momento ela não tivesse, *propriamente, email*. No verão anterior, tinha pago a uma empresa local para instalar um sistema de *wi-fi* e isso tinha sido feito, e o sistema tinha funcionado, embora fosse muito lento, mas agora nem ela nem Henry — ainda mais significativo — tinham conseguido pô-lo a funcionar. Como tal, ela decidiu — a título experimental, por necessidade e cheia de medo — dirigir-se à Biblioteca David M. Hunt na vila, um edifício de estilo arquitetónico Rainha Ana tão arrojadamente impressionante que lhe parecia bastante adequado para levar a cabo o propósito em mãos e lá, em sessões de meia hora atribuídas a uma escala de utilizadores, Grace deixou cair a guilhotina entre ela e todos os homens e mulheres que lhe tinham pago pelos seus bons conselhos. Deixariam de os procurar, disse ela para si própria, ao mesmo tempo que clicava em «enviar» uma e outra vez, pondo termo a qualquer confiança que nela eles tivessem imprudentemente depositado, anulando qualquer auxílio que alguma vez pudesse ter-lhes proporcionado. (E sempre que o fazia, sempre que compunha e enviava uma dessas mensagens idênticas — porque se obrigara a fazê-las uma a uma, porque se recusava a erradicar a sua carreira inteira com um *email* geral — era mais uma facada na ferida já aberta: o máximo de sofrimento permitido.) E depois recostou-se, olhando fixamente para o monitor inerte do computador montado numa pequena prateleira na biblioteca silenciosa e alcatifada, e reparou que tudo tinha sido feito tão silenciosamente. Ou não propriamente silencioso. Era como um sussurro proferido na quietude absoluta de uma caverna, que de algum modo respondia com um eco ensurdecedor e depois desaparecia por completo. Na verdade, obteve muito poucas respostas e houve silêncio, pelo menos da grande maioria deles. Uma mulher, que tinha o hábito de só aparecer no consultório quando estava bastante mal, enviou um *email* a pedir-lhe uma recomendação. Lisa, a mulher abandonada cujo marido agora estava a morar com um Rothko e um homem em Chelsea, enviou uma mensagem simpática e bonita a dizer que esperava que «tudo» se resolvesse. (Grace não suportava pensar na quantidade de «tudo» que por essa altura Lisa já devia saber.) E Steven, o argumentista eternamente zangado, perdeu um minuto da vida tão atarefada dele para lhe responder a chamá-la «estúpida de merda».

Isso quase a fez sorrir. Quase.

Curiosamente, a única pessoa a protestar realmente a sua partida não foi nenhum dos seus pacientes nem o diretor da escola do filho (Robert tinha respondido ao aviso dela de afastamento com um breve recado que dizia que Henry seria bem-vindo em qualquer altura — Grace esperava realmente que assim fosse), e também não foi o pai dela (que tinha ficado

aliviava por ter notícias, mas que fizera tantas perguntas pavorosas que ela fingira ter ficado sem sinal e desligara o telemóvel). Foi Vitaly Rosenbaum, que fez questão de que ela soubesse o quão inconveniente era para ele a ausência repentina do aluno dele e o quão prejudicial seria para a educação musical de Henry. Grace leu os *emails* dele com uma espécie de nostalgia apreciada pela miopia dos outros. Regra geral, o professor de violino era um estranho na cosmologia estranha dos *emails*. Cedera apenas quando um dos alunos dele lhe levava um velho portátil e lhe montara um sistema, explicando-lhe cuidadosamente (e imprimindo) as instruções precisas para compor, enviar e receber, e ele utilizava-o somente quando privado de formas mais confortáveis de comunicação. Ainda assim, tinha conseguido transmitir (em nada menos do que três mensagens secas e escritas de forma muito pouco precisa) a amplitude do descontentamento dele face à ausência de Henry e tinha inclusivamente tido a audácia de insinuar que Grace estava a ser negligente nas suas obrigações de mãe por causa de uma qualquer questão egoísta que estava a afastar o filho dela.

Vitaly Rosenbaum, ao que parecia, não era grande consumidor de notícias. Não lia o *New York Post*, nem o *Times* nem a revista *New Yorker*. Não era espectador do noticiário das seis. Não seguia o *site* NYI.com. Estava tão fechado na sua própria clausura infeliz que simplesmente não fazia ideia o que é que a ausência de Henry Sachs significava.

Como ela desejava que o mundo em geral fosse como ele.

Sempre que concluía uma série de minutos predefinidos no terminal do computador e se preparava, mais uma vez, para largar mais um balão — uma pessoa, um compromisso, um filamento de normalidade — que ainda oscilava subtilmente por cima da sua cabeça, ela tinha de lutar contra o rugido de informação disponível, ali tão perto, somente à distância de um pequeno movimento dos dedos entre ela e esse furacão. O som de um clique — mesmo baixo — separava o sussurrar da biblioteca municipal do Connecticut e o dilúvio do que estava a acontecer a algumas horas dali, a sul. Grace estava sentada na cadeira giratória, as mãos suspensas por cima do teclado, indecisa entre querer saber e não querer saber, a braços com o seu próprio histerismo. Cada vez era um desafio novo: combatido desde o princípio e até ao fim. Cada vez era uma vitória para a ignorância imposta.

Depois saía cuidadosamente do sistema, levantava-se do terminal e ia à procura de Henry, que já tinha terminado a antologia desportiva e que agora andava a ler a biografia de Lou Gehrig, e levava-o para casa, para a casa fria no lago gelado para mais um dia de incertezas, e lá acendia a lareira (uma tarefa na qual se havia tornado necessariamente competente), aconchegava as mantas à volta do filho no sofá, acendia a luz para ele ler e começava a cozinhar uma refeição quente para ambos. E depois, com o ar fresco da tarde a ser gradualmente substituído pelo ar ainda mais frio da noite, às vezes tentava, de uma forma cuidada e o menos inquisitiva

possível, avaliava a circunstância em que se encontrava.

Por defeito, sabia que Jonathan ainda devia estar — onde quer que estivesse — longe do alcance coletivo de Mendoza, de O'Rourke e da Polícia de Nova Iorque e, tanto quanto sabia, do FBI e da Interpol. Só podia estar. Caso contrário, Mendoza já lhe teria ligado para o telemóvel. Mendoza ligava-lhe de vez em quando, não só para saber se ela tinha tido notícias de Jonathan, como também para perguntar como é que ela e Henry estavam. (Recebia essas chamadas porque ele a tinha deixado sair da cidade, ou pelo menos não lhe tinha dificultado a vida. Como tal, estava em dívida para com ele.) Nunca atendia o telemóvel a não ser que fosse ele ou o seu pai, mas o aparelho havia-se tornado uma espécie de torneira aberta, impossível de fechar. O telefone fixo do consultório, incluído em quase todas as listagens telefónicas de terapeutas de Nova Iorque (subespecialidade: casais), reencaminhava as chamadas para o seu telemóvel, pelo que tocava incessantemente até ela o pôr no silêncio e depois limitava-se a piscar e a vibrar constantemente. Ela não ouvia as mensagens, não quando via de quem eram: quando não sabia de quem eram, talvez conseguissem proferir uma saudação antes de ela as apagar. E depois, certa tarde, o telefone fixo antigo da cozinha começou a tocar, o som antiquado parecido com algo saído de um episódio de televisão passado em meados do século anterior. Tocava várias vezes, tendo começado por volta das duas da tarde uns dias antes do Natal e depois tocava até à noite. Não tinha identificação de chamadas, claro. Grace tinha a certeza de que o telefone *Bakelite* rachado jamais poderia ser configurado para revelar, antecipadamente, a identidade de quem estava a ligar, mas o mais certo era não tocar desde o verão anterior. Pelo que pousou a mão em cima dele, ainda indecisa.

Quando levantou o auscultador sem dizer uma palavra, seguiu-se uma pausa e depois uma voz feminina tensa indagou:

— É a Grace?

Grace pousou o auscultador, quase com cuidado, como se não quisesse alarmar a mulher do outro lado. Em seguida, avistou o fio de aspeto ligeiramente perigoso do telefone, seguiu-o até à tomada melancolicamente antiquada no soalho e arrancou-o.

Ou seja, pelo menos uma pessoa devia saber onde é que ela estava, mas ninguém tinha aparecido. O que era bom. Tinha sido essa a ideia ao vir-se embora. Fugir para mais longe do que eles estariam dispostos a segui-la. E era por demais evidente que não tinham interesse suficiente nela para a seguirem até à zona rural do Connecticut. Um único estado de distância, mas Grace não era — o que significava que a *história* também não — importante o suficiente para irem atrás dela. A mera ideia fê-la sentir-se mais esperançosa.

Mas depois Grace lembrou-se de que alguém tinha morrido e que havia

duas crianças órfãs. E a esperança esmoreceu.

Era tão fácil desfazer a sua vida inteira. Decerto que também isso era um privilégio que ela não tinha merecido, não quando pensava no apartamento «coberto» de sangue e no que Miguel Alves tinha encontrado nele. Grace sabia (porque tinha passado uma hora humilhante ao telefone com um estranho do banco Morgan Stanley) que a maior parte do dinheiro que semanas antes ela sabia ter continuava a existir, embora tivesse sido feito um levantamento de 20 mil dólares no multibanco na tarde de segunda-feira, dia 16 de dezembro, o dia em que Malaga Alves tinha sido morta.

«Isso e uma mão-cheia de joias dão para uma pessoa se safar», pensou Grace, com mágoa.

A própria fuga dela, e de Henry, para uma casa (ainda que gelada) onde podiam ficar o tempo que quisessem — porque lhe pertencia —, a comer comida e a queimar lenha que ela podia comprar era apenas a mais recente de uma longa lista de vantagens imerecidas, desde matrículas privilegiadas por parte de candidatos sucessórios até uma (enorme) ascensão na escala do imobiliário de Nova Iorque. Ela não se sentia propriamente... *culpada* por isso. *Culpada*, não. Aliás, tinha havido sempre uma espécie de orgulho invertido no facto de ela não ligar muito ao dinheiro e não desejar coisas dispendiosas. Mas, por outro lado, podia dar-se ao luxo de não se importar muito com o dinheiro. E ela sabia-o.

E agora, absolutamente gelada dentro da cama do quarto dos seus pais, numa casa à qual quatro gerações da sua família tinham chamado «lar» (pelo menos durante os meses quentes de verão), com o filho ao seu lado (completamente absorto na vida de Lou Gehrig), o frigorífico cheio de comida cuidadosamente comprada com um cartão de crédito e um carro novo (ainda que longe de luxuoso) lá fora, adquirido irrefletidamente com o mesmo cartão de crédito, ela pensou, furiosa: «Não tenho de pedir desculpa por nada.»

Mas essa provocação tinha sido sol de pouca dura.

Às vezes, durante a noite, depois de Henry ter adormecido, ela vestia a parca e ia lá para fora com o maço de tabaco que tinha encontrado numa das gavetas da cozinha. Não fazia ideia a quem pertencia ou como é que tinha ido ali parar, mas levou-o até à ladeira relvada que conduzia ao lago, deitou-se no ancoradouro gelado e acendeu um cigarro, e o prazer maléfico puro invadiu-a, soprando fundo nas cavernas húmidas dos seus pulmões e saindo disparado na corrente sanguínea. Grace viu a nuvem branca erguer-se na noite, prova visível de que, pelo menos nesse momento, ela continuava ali, continuava senciante e mais ou menos funcional. Isso só por si, pensou ela, era a droga, essa prova flagrante de existência. Era inebriante. Era uma segurança necessária e brutal.

Ela não fumava há dezoito anos, desde a noite em que tinha conhecido

um futuro oncologista na cave da Faculdade de Medicina de Harvard, e não se lembrava de o ato de fumar ser tão carregado de significado. Agora, ao inalar e ao contemplar o fumo branco que se erguia no ar, teve a sensação de que um enorme botão de «pausa» tinha sido premido no momento em que Jonathan tinha entrado na sua vida e que só agora o dedo o tinha soltado, libertando o movimento dela para a frente, e de repente estava de volta a esse preciso momento anterior, uma estudante universitária, com a maior parte das grandes decisões e dos grandes acontecimentos ainda pela frente. Embora dessa vez lhe tivessem sido atribuídas uma criança e uma profissão que só existia em nome.

E um livro prestes a ser publicado. Ou pelo menos estava prestes a ser publicado quando ela deixara a cidade. Via constantemente os nomes no telemóvel: Sarabeth e Maude e J. Colton, a agente publicitária. Não tinha respondido a nenhuma dessas chamadas. Nem sequer tinha ouvido as mensagens. De uma forma quase indolente, interrogou-se sobre o que é que elas teriam decidido que valia a pena tentar dizer. O artigo da *Vogue* jamais seria publicado. O *Today Show* já não devia estar interessado em entrevistá-la, exceto talvez em relação à morte de Malaga Alves. E o próprio livro... «Quem» (e ela obrigou-se mesmo a terminar esse pensamento) «é que iria querer ser aconselhado por uma especialista em casamentos cujo marido se tinha envolvido com outra mulher? E que tinha tido um filho com essa mulher? E que tinha, inclusivamente, matado essa mulher? E que tinha roubado, mentido e abandonado a esposa numa terra árida de incalculável...»

Não, não era propriamente sofrimento. Fosse o que fosse que Grace estava a sentir nesse momento, nesse preciso momento, ali deitada de costas, com o corpo dormente de frio, a soprar fumo para a noite fantástica, não era sofrimento. Mas isso não significava que o sofrimento não estivesse algures ali perto. Estava muito perto, mesmo muito perto. Estava do outro lado do muro e ninguém sabia quanto tempo é que o muro iria aguentar.

Ela encheu novamente os pulmões e depois exalou o fumo, vendo-o elevar-se no ar. Em tempos tinha adorado fumar, não que alguma vez tivesse dúvidas em relação aos perigos associados, não que quisesse morrer. Não era ignorante e não era masoquista. Na noite da festa na faculdade de Medicina, tinha simplesmente regressado ao apartamento que partilhava com Vita perto de Central Square e tinha despachado o último maço de tabaco nas escadas de incêndio, a pensar em Jonathan e no que ele tencionava fazer com a vida dele. Nunca sequer lhe tinha dito que fumava. Basicamente não era relevante para a única coisa que importava realmente depois dessa noite, porque tudo o que era importante tinha começado nessa noite. Isso fazia dela uma mentirosa também?

Quantos caminhos teriam existido, desviados por esse encontro na interminável cave do dormitório, e porque teria sido tão simples optar pelo

que ela tinha optado, e faria alguma diferença se esse caminho fosse mais ou menos percorrido? Provavelmente não, pensou ela agora. Provavelmente nada disso importava agora. O que importava era que ela tinha cometido um erro e de alguma maneira fora avançando às cegas durante demasiado tempo, por isso agora estava ali, nessa noite fria de inverno, na borda do seu próprio ancoradouro, aterrorizada, paralisada e a comportar-se como uma adolescente, com o filho pré-adolescente que tinha ficado recentemente sem o pai encolhido com frio numa casa sem aquecimento, arrancado ao quotidiano dele e com uma necessidade tremenda de orientação séria, já para não falar de explicações.

«Vou tratar disso a seguir», pensou Grace, exalando.

O fumo ergueu-se no céu consistente, escuro como breu e a cintilar, cheio de estrelas. Juntamente com a Lua eram a única fonte de luz, salvo um candeeiro aceso na sala de estar e a luz do alpendre, uma lanterna antiga com três lâmpadas, em que apenas uma estava a funcionar. Nenhuma das outras casas estava ocupada à exceção de uma, uma casinha de pedra junto à ponta afunilada do lago, com um fio de fumo a sair da chaminé. Estava tudo bastante silencioso. Muito, muito silencioso. Mas às vezes ela ouvia uma espécie de fios de música que pareciam vir no vento, provenientes de algum lado. Era uma música fora do vulgar. Parecia vir de um violino, mas não o tipo de violino que Vitaly Rosenbaum reconheceria ou mesmo valorizaria. O som lembrava-lhe as montanhas do Sul, pessoas reunidas nos alpendres a contemplarem as árvores. Uma noite ouvia apenas um instrumento, mas noutras ouvia mais: um segundo violino e talvez uma guitarra. Uma vez pareceu-lhe ouvir vozes humanas, riso humano, e quando isso aconteceu ela obrigou-se a concentrar-se no próprio som, como se mal se recordasse dessa sonância.

Mas na maior parte do tempo não havia nada para escutar, salvo o estalar da sua própria lareira ou o som de um deles a virar a página de um livro.

E depois estavam quase no Natal, um dia no qual ela nem sequer tinha pensado, pelo que acordou na manhã da véspera de Natal no estado típico de um marido apanhado de surpresa. Pela primeira vez, deixou Henry sozinho em casa e seguiu de carro rumo a norte, até Great Barrington, a fim de procurar algo que lhe pudesse oferecer; mas quando chegou finalmente ao centro comercial, apercebeu-se de que algumas lojas já estavam a fechar e andou a correr de um lado para o outro, olhando com desespero para todos os objetos inúteis, ilógicos, irrelevantes e indesejáveis. Por fim, na livraria, deu por si a vaguear nos corredores habituais, à procura de algo que interessasse ao filho, mas dentro das restrições de temas que ela própria tinha aprovado, e não encontrou nada — era mais do que óbvio agora — que realmente lhe interessasse. Não havia ali nada para Henry, nada que suscitasse algo mais do que um simples agradecimento por parte

dele, uma vez que tinha sido educado a agradecer a todas as pessoas que fizessem algo simpático. Isso não seria suficiente para ele, disse para si mesma. Não nesse ano.

Como tal, dirigiu-se à secção de desporto e forçou-se a examinar livro após livro. A história dos Yankees. Muito bem. Um livro sobre as Ligas Negras — ao menos era história. E algo sobre a NFL que ela escolheu, porque quando abriu o livro numa página aleatória leu um excerto que lhe pareceu bastante interessante. E outro livro, sobre basquetebol, que escolheu sem sequer o abrir, porque já se sentia mal por ser tão snobe. E depois um conjunto de DVD sobre a série *Baseball* de Ken Burns e Lynn Novick, que talvez pudessem inclusivamente ver juntos. Pediu para embrulharem tudo, ali mesmo no balcão de pagamento.

A caminho da saída, passou por uma série de livros sobre casamento e família, e Grace deu por si a desacelerar o passo e obrigou-se a espreitar. Fora num corredor como esse, anos antes, em Upper West Side, que ela tinha parado para ver o que havia disponível para os seus pacientes e para os leitores em geral. Livros sobre como fazer com que o homem que desejávamos nos desejasse também. Conseguir que ele nos convidasse para sair, que se compromettesse, que se casasse. Aceitar os impedimentos que nós próprias criávamos para conseguirmos a vida que desejávamos. Tanta ilusão. Tantas concessões. Onde é que estava a mesma clareza fria com que se procurava, por exemplo, um sutiã que servisse realmente ou a raça de cão mais adequada para determinado estilo de vida? Encontrar um companheiro para a vida não seria, no mínimo, tão importante como isso? Não seria merecedor de pelo menos o mesmo tipo de discernimento e firmeza? Porque é que uma jovem não podia identificar um sinal pelo verdadeiro significado dele, em vez do vasto leque de interpretações?

Os leitores desses livros sobre *como conseguir* e *como manter* tinham-lhe aparecido no consultório vezes sem conta, para confessarem os próprios fracassos, muitas vezes em pleno desmoronamento das vidas deles. Achavam que não tinham *conseguido* como deve ser ou não tinham *mantido* como deve ser. O facto de o marido namoriscar com outras mulheres era uma consequência de ela ter aumentado de peso. A frieza de um homem para com o próprio filho recém-nascido (e para com sogros e todos os amigos da mulher e também, a propósito, com a própria mulher) devia-se ao facto de ela se ter deixado ultrapassar no trabalho e possivelmente já não conseguir tornar-se sócia da firma se tivessem um segundo filho. As mulheres eram responsáveis por tudo. Eram culpadas de crimes, reais e ilusórios. Não tinham pensado o suficiente, não tinham tentado o suficiente, não tinham exigido o suficiente de si mesmas. Era como se o avião tivesse caído do céu só porque elas tinham parado de agitar os braços.

E o pior de tudo, tinha pensado ela na altura, parada no corredor dos

«Relacionamentos» da *Barnes & Noble* na Broadway, era elas *serem* efetivamente culpadas, só que não de nenhuma dessas coisas, e *terem* realmente fracassado, mas não no que elas pensavam que tinham fracassado. Não tinham *conseguido* da forma errada e também não tinham *mantido* da forma errada. Tinham escolhido da forma errada. Era só. E onde é que estava o livro que dizia isso mesmo?

Grace tinha começado a fazê-lo a título experimental, uma tarde quando um cliente tinha faltado à consulta, deixando-a com uma hora inesperada só para si. O casal que tinha acabado de sair estava furioso e a sala inteira ainda vibrava com o *stress* disso e com a inutilidade disso. Nessa hora que ela tinha ganhado de repente, sentou-se à secretária e escreveu uma espécie de manifesto sobre o estado da sua profissão, lamentando o facto de os terapeutas não parecerem dispostos a assumir o que era por demais evidente para eles ou que deveria ser por demais evidente para eles. Quantas vezes é que tinham escutado a ladainha de queixas atuais de um marido ou de uma mulher e tinham pensado: *Mas tu já sabias isso*. Percebeste-o quando o conheceste ou quando começaste a namorar com ele. Quando ficaram noivos já o tinhas percebido, de certeza absoluta. Percebeste que ele tinha dívidas: foste tu que pagaste a conta do Visa dele! Percebia-lo quando ele saía à noite e voltava completamente embriagado. Percebeste-o quando te disse que não estavas ao nível intelectual dele por ter andado em Yale e tu teres andado na Universidade de Massachusetts. E se não percebeste, devias ter percebido, porque não podia ter sido mais óbvio, mesmo nessa altura, logo no início.

Para os pacientes dela, para os pacientes de qualquer terapeuta, era quase de certeza tarde de mais; os relacionamentos em exposição nos consultórios deles já só podiam ser aceites ou resolvidos. Mas para os leitores dela — ao fim dessa primeira hora já pensava neles como sendo seus leitores — havia tempo para um alerta: é possível perceber essas coisas logo no início, se prestarmos atenção, se os olhos, os ouvidos e a mente estiverem abertos, exatamente como devem estar. É possível perceber e depois, de maneira exigente, agarrarmo-nos a esse conhecimento, mesmo que ele nos ame (ou pareça amar), mesmo que ele nos escolha (ou pareça escolher), mesmo que ele prometa fazer-nos feliz (o que ninguém, nenhuma pessoa no planeta inteiro, pode fazer).

E uma parte dela, uma grande parte dela, desejava obviamente ser a pessoa a dizer-lhes isso.

«Porque sou uma pessoa muito competente e entendida», repreendeu-se a si mesma.

Tal como todos os seus colegas autores, todos tão prestáveis e ansiosos para se posicionarem acima da multidão de meros mortais e declamarem as suas ideias à gentilha agradecida. «Viva nós! Viva eu!», pensou Grace.

Bem, onde é que isso já ia.

De regresso a casa, no carro, com um saco de mercearias levemente festivas e outro saco com presentes para Henry, Grace agarrava o volante com tanta força que as costas tinham começado a doer-lhe. A temperatura havia baixado de novo e ela ficou atenta às possíveis poças de gelo letais. Havia uma na estrada que virava para Childe Ridge, a estrada que ligava a maior parte das casas junto ao lago, e depois de a contornar com imenso cuidado, ergueu o olhar e viu um homem junto a uma caixa de correio. Tratava-se da casinha de pedra, muito possivelmente a outra única casa do lago atualmente ocupada, e mesmo o seu desejo de estar completamente sozinha não podia competir com uma obrigação básica: ter uma relação cordial com o único ser humano nas proximidades, em pleno inverno e no meio da floresta, não era nada má ideia.

Ele ergueu o braço no ar. Ela reduziu cuidadosamente a velocidade e depois parou.

— Olá — cumprimentou ele. — Bem me parecia que eras tu.

Grace baixou o vidro do lado do passageiro.

— Olá — respondeu ela. A sua voz soava invulgarmente jovial. — Sou a Grace.

— Oh, eu sei! — respondeu-lhe ele. Envergava um casaco de penas bastante usado, com penas a saírem em vários sítios. Parecia ter a mesma idade que ela, talvez um pouco mais velho, com o cabelo grisalho muito curto. Na mão segurava a correspondência: jornais, panfletos, cartas a sério. — Leo? Holland? Costumávamos dar com a tua mãe em doida.

Grace deu uma risada, surpreendendo-se a si mesma.

— Oh, meu Deus, pois costumavam. Peço imensa desculpa.

E, sem mais nem menos, ela pediu desculpa em nome da mãe, décadas depois do sucedido. Marjorie Reinhart nunca tinha esquecido os verões em que a pequena casa dos pais dela era a única habitação junto ao lago. Os rapazes da outra ponta, com o barco a motor e os esquis aquáticos, tinham-na enervado e irritado tanto que ela costumava deixá-los recados a solicitar um pouco de sossego. Nessa mesma caixa do correio, pensou Grace.

— Oh, por favor — respondeu-lhe ele, bem-humorado. — Águas passadas. Água do lago, aliás!

— Está bem. — Ela acenou com a cabeça. — Moras aqui o ano todo?

— Não, nem por isso. — Ele mudou a correspondência de mão e enfiou a mão livre no bolso do casaco. — Estou a fazer uma pausa sabática. Estava em casa, a tentar terminar um livro, mas eles não paravam de me ligar. Reunião de departamento, revisão da tese. Até mesmo sobre questões disciplinares. Por isso achei melhor fugir durante o resto da minha licença. Não tens isolamento térmico na casa, pois não? Peço desculpa, se calhar é uma pergunta demasiado pessoal.

Ele estava a sorrir. Tinha um sorriso meio de esguelha.

— Não, não tenho. E tu?

— Mais ou menos. Nunca fica verdadeiramente quente, mas sempre dá para despir o casaco. Então é como é que te estás a dar?

— Oh! — ela encolheu os ombros —, sabes como é. Aquecedores de ambiente. Imensos cobertores. Estamos bem.

Leo Holland franziu o sobrolho.

— «Estamos?»

— Eu e o meu filho. Tem doze anos. A propósito, tenho de ir andando. Deixei-o sozinho em casa pela primeira vez.

— Bem, se ele está lá agora, não está sozinho — disse-lhe Leo. — Está um carro estacionado na estrada. Acabei de passar por ele.

Grace tentou respirar. Estava a pensar na quantidade de horas que se tinha ausentado — não mais do que duas. Ou três. Estava apavorada.

Um estado de distância não era tão longe como isso. Ou talvez ela não fosse — talvez a história não fosse — tão desinteressante como tinha pensado.

— Precisas de alguma coisa? — perguntou-lhe Leo Holland. De repente exibia um ar bastante sério.

— Não, eu... tenho de ir.

— Com certeza. Mas aparece lá em casa para jantar. Apareçam os dois. Depois do Ano Novo, talvez?

Ela talvez tivesse acenado com a cabeça. Não tinha a certeza. Estava a conduzir estrada fora, por entre o bosque denso, o lago coberto de gelo a cintilar por entre as árvores à sua direita, passando pela segunda casa e pela terceira, depois a quarta e a quinta bastante próximas uma da outra. A única coisa em que conseguia pensar era que Henry podia estar — *estava* — sozinho com alguém, qualquer pessoa. Um jornalista. Um viciado em casos infames — alguém da legião de espectadores interessados e altamente informados, pagos pela revista *People* e pela Court TV, que se sentiam no direito de invadir o pesadelo alheio. Ela imaginou e tentou não imaginar, mas não conseguiu e por isso imaginou de novo, alguém com o seu filho na casa pequena e fria, sentado no sofá, a fazer-lhe perguntas sobre algo que não tinha nada a ver com eles, a perturbar Henry ou talvez — e então ela apercebeu-se o quanto a sua indignação se baseava nisso — a contar-lhe coisas sobre o pai que ele não estava (que ela própria não estava) preparado para ouvir.

Mas, acima de tudo — e essa ideia surgiu-lhe tão repentinamente que era evidente que tinha estado sempre presente —, Grace tinha pavor de que se tratasse de Jonathan. Certamente não podia ser Jonathan. Ele não voltaria para trás. Não lhes faria uma coisa dessas, ou, pelo menos, pensou ela cheia de raiva, não seria descuidado ao ponto de lhes fazer uma coisa dessas.

A estrada dobrou para a direita e depois, olhando freneticamente para a escuridão em frente, ela vislumbrou a casa e o carro estacionado defronte da mesma. A surpresa que sentiu foi quase tão intensa como a sensação de alívio que se lhe seguiu. Ali, na zona deixada vazia pela sua própria partida escassas duas (ou no máximo três) horas antes, estava um *sedan* alemão de fabrico recente de uma marca que nenhum judeu sensível alguma vez deveria conduzir, mas Eva — que controlava as opções de carros — não estava para se incomodar com sentimentalismos excessivos. O pai de Grace, inesperadamente e contra toda a lógica, parecia ter vindo passar o Natal com eles.

CAPÍTULO DEZOITO

NATAL NO SHTETL

No interior da casa, os dois estavam sentados no sofá verde volumoso junto à lareira, com os pés em cima de uma arca antiga e duas grandes canecas de chá a fumar-lhes para o rosto. Grace apercebeu-se de que a casa não estava nada gelada e interrogou-se se haveria alguma coisa básica que lhe tivesse escapado em relação à caldeira ou ao sistema de distribuição de calor. Mas era apenas a lareira, afinal. O pai dela tinha-a feito puxar bem. Sempre tivera jeito — o que era estranho para um homem da cidade — para acender lareiras.

— Então olá! — disse o pai dela, num tom carinhoso.

Henry, reparou ela, segurava um objeto estranho nas mãos: um leitor de DVD portátil, no qual ambos tinham estado a ver algo que ela não conseguiu identificar de imediato. Por uns breves instantes, Grace sentiu uma vaga de irritação intensa.

— Pai — ela ouviu-se a dizer —, quando é que chegou?

Ele olhou para Henry. Este, a olhar novamente para o pequeno monitor, encolheu os ombros.

— Há uma hora, talvez? Acendi a lareira.

— Pois, estou a ver. E isso, é um presente de Natal antecipado?

Ele olhou para o objeto nas mãos do neto. Em seguida, franziu o sobrolho.

— Bem, não, não. Por acaso é meu. Só achei que talvez o Henry o quisesse utilizar enquanto aqui estiver. — Voltou-se novamente para ela. — Importas-te?

— Ah!... — Grace acenou com a cabeça. — Não, claro. Obrigada — acrescentou ela, de má vontade. — Henry — perguntou, num tom não muito simpático (como se ele é que tivesse sido indelicado com ela) —, já agradeceste?

— Claro que sim — respondeu o pai dela. — O miúdo é muito educado.

— É o 2001 — acrescentou Henry. — Acabaram de encontrar o dominó na Lua.

Ela fitou-o com o sobrolho franzido, momentaneamente distraída da sua própria irritabilidade.

— O dominó?

— O monólito — corrigiu Frederick Reinhart. Voltou-se novamente para Grace. — Trouxe o que lá tinha. Um dos miúdos ofereceu-me esta coleção. Os melhores filmes de ficção científica de todos os tempos.

Um dos miúdos. Um dos miúdos de Eva, por outras palavras.

Tu só tens uma miúda, esteve quase para lhe responder.

— Acho que são uns dez — exclamou Henry. Parecia extasiado.

Se havia algo — *uma única coisa* — que ela detestava mais do que miúdos obcecados por desporto era miúdos obcecados por ficção científica. Agora o seu filho culto, sensível e tocador de violino andava a ler livros sobre basebol e a ver vídeos sobre naves espaciais. E ainda não tinha tocado violino desde que eles tinham chegado. E — o que era ainda menos compreensível — ela ainda não lhe tinha dito nada a esse respeito.

— Bem — ela ouviu-se a dizer —, foi muito simpático da sua parte.

— Estava com saudades deste aqui — disse o pai dela. Tinha posto o braço à volta do pescoço de Henry e puxara-o para si. Envergava uma das habituais camisolas de gola alta caneladas dele, macia e cinzenta. A mãe de Grace costumava comprar-lhas. Agora era Eva que lhas comprava. — Dos dois, aliás — acrescentou ele. — Quis vir até cá para me certificar de que estavam bem.

Grace deu meia-volta e entrou na cozinha. Depois de ter reconhecido o carro, depois de o pavor imenso e líquido a ter deixado, havia-se demorado a reunir tudo o que tinha na mala do carro, pois estava demasiado frio lá fora para fazer uma viagem desnecessária. Agora tinha começado a arrumar as coisas, pousando cada lata em cima da bancada de madeira como se fosse um elemento isolado de percussão.

Estava com saudades...

Imagino!

Dos dois...

Claro!

O Berkshire Co-Op estava fechado quando ela lá chegara, pelo que tinha comprado tudo no Price Chopper e as coisas não sugeriam propriamente um festim ao estilo de Martha Stewart. Havia duas latas de doce de arando, do tipo que saía inteiro e que era preciso cortar com uma faca. Havia uma lata de cebolas fritas, outra de sopa de creme de cogumelos. Obviamente, ela estava a apontar para um Natal revivalista. Toda a época festiva tinha sido praticamente uma coisa secundária. Esperava que o seu pai não estivesse a contar com um banquete.

— Grace? — ouviu-o chamar. Estava parado na entrada.

O peru estava no fundo do saco das compras, debaixo do feijão-verde congelado, e ela estava a tentar alcançá-lo. Era só parte de um peru, na verdade. Somente os peitos. E já estavam assados.

— Sim? — perguntou ela, num tom pouco amável.

— Devia ter-te perguntado primeiro. Peço desculpa.

— Sim — confirmou Grace. — Alguém no cimo da rua me disse que estava aqui um carro. Fiquei logo assustada. Devia ter-me telefonado.

— Ah. Bem, quanto a isso... eu liguei. Tentei ligar. Para o fixo — disse ele, apontando para o telefone da cozinha. — Mas nunca te apanhei.

Ela suspirou. Não tinha forças para lhe explicar que tinha arrancado o telefone da tomada.

— Não, eu é que peço desculpa. Temos estado a viver como reclusos. Reclusos adeptos do ludismo. Mas de propósito.

— Portanto não sabes o que é que se anda a passar — disse ele, retoricamente. Percebia-se uma ligeira reprovação na voz dele. O mais certo era estar a pensar: *E é precisamente esse o problema, não é?* Ou se calhar era a sua imaginação.

— Os pormenores? Não, não sei. Mas sei o principal. Penso que é melhor estarmos aqui.

Ele acenou com a cabeça. Parecia fatigado, pensou ela. Tinha uns papos debaixo dos olhos e ela vislumbrava, mesmo da outra ponta da cozinha, os contornos das veias vermelhas. Dez anos mais velho, no espaço de poucas semanas. «Obrigadinha também por isso, Jonathan», pensou ela.

— Gostava de ajudar — disse Frederick Reinhart. — Vim cá para saber se havia alguma coisa que pudesse fazer.

Grace estremeceu. O ponto em que eles se encontravam era território desconhecido. Dois viajantes solitários num estreito da montanha. A questão não era qual deles iria ceder a passagem, mas qual deles iria aceitar a deferência do outro. Um problema absurdo para se ter, pensou Grace.

De modo a disfarçar o seu desconforto, ela levou o peru para o frigorífico, mas quando o abriu viu que as prateleiras estavam a abarrotar de sacos cor de laranja e brancos. Antes mesmo de conseguir pensar, ficou extasiada.

— Fui ao Zabar's — disse o pai dela, desnecessariamente. — Lembrei-me de trazer um pouco do conforto de casa.

Grace acenou com a cabeça, ainda com a porta do frigorífico aberta. Não estava admirada por constatar que corria o risco sério de desatar a chorar.

— Obrigada — agradeceu ela.

— O Henry gosta do paté de fígado — disse ele. — Trouxe um bocadinho a mais, para congelares. E o *strudel* também deve dar para congelar.

— Desde quando é que te dedicas às tarefas domésticas? — perguntou Grace com uma risada, mas ele pareceu levar a pergunta a sério.

— A Eva cozinha muito bem, por isso não vê a utilidade de sítios como o Zabar's. Mas eu percebi há muito tempo que se quisesse continuar a

comer salada de pepino e filetes de salmão em salmoura teria de ser eu a comprá-los. Lembrei-me daqueles biscoitos de que dantes gostavas. — Apontou para eles. Tinham tiras húmidas de bolo verde, laranja e branco e estavam envolvidos em chocolate. Tinham sido, de facto, os seus favoritos. Agora, só de olhar para eles, sentia-se um pouco mais feliz. — Trouxe um bocadinho de tudo, penso eu — acrescentou o pai dela. — Até trouxe sopa de bolinhas de *matzá*.

— Vamos ter uma véspera de Natal muito judia — disse Grace, com um sorriso.

— Pois — concordou ele, arranjando espaço numa das prateleiras para o peru de supermercado dela.

— Natal no *shtetl*.

— Ó estrelinha de Bukowsko. — O pai dela deu uma gargalhada. Bukowsko era o *shtetl* do avô dele, na Galícia.

— Ai, ai.

— A minha avó não ficaria chateada. Foi a irmã dela que me deu porco a comer pela primeira vez. Uma salsicha absolutamente deliciosa, se bem me recordo.

— E agora aqui estamos nós — disse Grace, para ajudar à festa. — No inferno.

— Não. Parece-te isso agora. — Ele afastou-se ligeiramente do frigorífico e segurou a porta para ela. — Vais conseguir ultrapassar isto, Grace. És forte.

— Certo.

— E o Henry também é forte. É um choque imenso, não estou a dizer que não. Mas ele tem sido uma criança muito amada, de uma maneira ou de outra, e é inteligente. Se formos sinceros com ele, vai ficar bem.

Ela estava prestes a dizer algo altamente defensivo (e provavelmente indelicado) quando lhe ocorreu que não tinha sido sincera com Henry, de todo. Com a desculpa de o «proteger», tinha-lhe contado muito pouco sobre o que tinha acontecido — o que estava a acontecer — à família dele. Mas sempre que imaginava essa conversa, como nesse momento, ia-se completamente abaixo. E «estável» era o princípio segundo o qual ela regia a sua vida agora. «Estável» era o seu mantra.

— E havemos de ser sinceros — disse ela ao pai. — Mas por enquanto não. Há demasiado que eu própria ainda não compreendo. Preciso que nos instalemos aqui. Preciso de criar determinados parâmetros para nós.

— Os parâmetros são importantes — concordou ele, algo hesitante. — A estabilidade, a segurança dele, sem dúvida. Presumo que tenciones ficar por cá?

Ela encolheu os ombros.

— E o teu trabalho?

— Suspendi as consultas — replicou ela. Soava-lhe irreal, dizê-lo em

voz alta. — Teve de ser.

— E a escola do Henry?

— Há escolas no Connecticut.

— Mas não há nenhuma Rearden no Connecticut.

— Tem toda a razão — respondeu-lhe ela, num tom rude. — Mas há uma Hotchkiss.

Ele fechou a porta do frigorífico e virou-se:

— Estás mesmo a pensar nisto a sério.

— Pois estou. — Embora não estivesse, não até esse instante. O comentário sobre Hotchkiss tinha-lhe surgido de repente.

— E os teus amigos?

Grace foi até à gaveta, a mesma gaveta onde guardava o agora meio maço de tabaco, e tirou um saca-rolhas. Em seguida, foi buscar uma das garrafas de vinho tinto que estava na prateleira de cima.

O que é que ela podia dizer? Que nem um único amigo, ou conhecido, do tempo que ela agora via como sendo o seu «passado» se tinha dado ao trabalho de vir atrás dela? Sabia que era a verdade. Quando examinou a lista de contactos do seu telemóvel mudo, viu que eles simplesmente não estavam lá. Entre melgas da imprensa, detetives e telefonemas insistentes de Sarabeth e de Maud, que ela estava a tentar evitar também, eles simplesmente não estavam lá.

Essa mera ideia, a força disso, era avassaladora.

— Acho que os fui perdendo — foi o que ela disse ao pai, por fim.

Ele acenou com a cabeça com uma expressão pesarosa e Grace, ao vê-lo, calculou que o pai estivesse convencido de que a tinham abandonado por causa do escândalo. Mas a verdade é que eles pura e simplesmente não existiam, a questão era essa. Isso era algo que ela percebia agora.

— Bem, a Vita telefonou — disse ele de uma forma algo descontraída, como se o que tinha dito não fosse absolutamente chocante. — Disse-lhe que estavas aqui. Ela está a morar algures nos Berkshires, acho que me disse onde, mas não tenho a certeza. Ainda não te ligou?

Grace, contendo a respiração, olhou para o telefone antigo na parede. Quantas vezes é que tinha tocado até ela o ter desligado da tomada? E aquela vez em que tinha atendido. A voz de mulher, a voz da jornalista... Seria realmente uma jornalista? A mão dela tremia-lhe levemente enquanto enfiava a ponta do saca-rolhas na rolha esponjosa.

— Eu faço isso — disse o pai dela e Grace estendeu-lhe as coisas para a mão. — Nunca chegaste a ter notícias dela?

Grace encolheu os ombros. Ainda não conseguia acreditar.

— Disse-lhe que era muito bom ouvi-la. Acho que está muito preocupada contigo.

«Bem-vinda ao clube», pensou Grace, fitando o vinho que o pai estava a servir. Mas depois lembrou-se de que não havia clube nenhum. Não havia

peessoas preocupadas suficientes para formar um clube. Além do mais, era mau Vita ter-se ido embora e tê-la deixado, mas era ainda pior ter voltado agora.

— Está bom, está bom — disse ela, aceitando o copo. O vinho era um pouco amargo, mas teve um efeito imediato.

— Está a fazer um trabalho qualquer num... Bem, acho que ela disse que era um centro de reabilitação. Não lhe pedi pormenores. Ela não é terapeuta também?

«Como é que hei de saber?», pensou Grace, mas respondeu:

— Estava a estudar para isso. Mas foi há muito tempo. Sinceramente não faço ideia.

— Bem, talvez voltem a reatar a amizade. Às vezes acontece. Quando a tua mãe morreu, tive notícias de pessoas em quem não pensava há anos. O Lawrence Davidoff. Lembras-te dele?

Grace disse que sim com a cabeça. Bebeu mais um trago do vinho e foi brindada com uma sensação de macieza e calor no fundo do estômago.

— E o Donald Newman. Estivemos juntos na Coreia. Vivemos a cinco quartos um do outro durante anos, sem nunca nos termos cruzado. Foi ele que me apresentou à Eva, sabias?

Ela olhou para ele:

— A sério?

— A mulher dele era agente imobiliária. A Eva e o Lester compraram-lhe o apartamento na Seventy-Third. Quando a tua mãe morreu, ele decidiu emparelhar-nos.

Grace teve vontade de perguntar: *Quanto tempo depois?* Era um pormenor que ela nunca tinha percebido muito bem.

— Não preciso que amigos antigos me emparelhem com ninguém, obrigada.

— Duvido que fosse essa a ideia da Vita. Como te disse, parecia muito preocupada. E se alguma vez... soubesses... que tinha acontecido uma coisa destas na vida dela, tenho a certeza de que também irias querer entrar em contacto com ela.

Grace, que não tinha tanta certeza como isso, não lhe respondeu. Foi até ao armário e começou a tirar os pratos. Tirou os talheres e os guardanapos. Em seguida, voltou ao frigorífico e tentou perceber o que iria ser o jantar.

O seu pai tinha realmente comprado um pouco de tudo. Havia patés, queijos e embalagens de plástico com tudo e mais alguma coisa que existia na imensa lista de comida preparada do Zabar's, uma baguete fina, um saco cheio de *bagels* e um pão de centeio fatiado. Além disso, em cima da bancada ao lado do frigorífico via-se uma pilha dessas barras de chocolate *gourmet* que se vendiam nos expositores junto às caixas registadoras.

— Ena — disse ela, desembulhando o pedaço de salmão, cortado em

fatias finas e brilhantes e guardado entre folhas transparentes. — Isto é fantástico. Muito obrigada.

— De nada — respondeu ele. Tinha posto a mão no ombro de Grace e estava parado atrás dela, a olhar para o frigorífico. — Achas que é suficiente?

— Para alimentar toda a população do lago? Sim, penso que sim. Mas para já só cá estamos nós. E alguém na casa de pedra.

— A do fundo?

— Sim.

Ele sorriu:

— Os rapazes que faziam esqui aquático? Nessa casa?

— Sim. Um deles tornou-se professor universitário. Disse-me que está a fazer uma pausa sabática, para escrever um livro.

— Têm a casa com isolamento térmico? — O pai dela franziu o sobrolho.

— Não me parece. Ele perguntou-me o mesmo. Mas o frio não há de durar muito tempo. Se conseguir que nos aguentemos durante o mês de janeiro, depois o pior já terá passado, tenho a certeza. E se a coisa piorar, vamos para um motel.

Ele não pareceu ficar convencido. Estava parado a vê-la pôr o queijo numa táboa. Grace verteu a sopa para dentro de uma panela de aço inoxidável e começou a aquecê-la.

— Preferia que vocês não estivessem a viver nestas condições — disse ele, num tom sério, como se se tratasse de um conceito radical.

Não me diga... Ela quase deu uma gargalhada, mas a verdade era que quando começava a pensar na sua própria casa e na sua própria vida na cidade, começava a ficar enervada. Ali... Ali havia quietude, isolamento natural e, claro, fazia um frio imenso, mas não era o inferno que a acometia sempre que pensava na outra vida. Não podia lá voltar.

— E o que é que vais fazer quando o livro for publicado? — perguntou-lhe ele. — Nessa altura vais ter de voltar. Não tinhas uma série de entrevistas para dar? Penso que mencionaste um programa de televisão qualquer...

Ela parou o que estava a fazer e olhou para o pai.

— Paizinho — disse ela —, isso acabou tudo. Já nada disso vai acontecer.

Ele pareceu ficar chocado. Endireitou-se, baixando o olhar para ela do cimo da sua altura, o rosto flácido cheio de rugas.

— Eles disseram-te isso? — perguntou-lhe.

— Não precisam de me dizer. Não precisam de me explicar que as únicas perguntas que vão querer fazer-me serão sobre o meu próprio casamento e eu não posso falar sobre isso. Não consigo falar com ninguém e muito menos na televisão. Sei que sou alvo de chacota...

Ele tentou negá-lo, mas ela não lhe deu ouvidos. Não tinha sido uma grande tentativa.

— Pensava que o meu livro poderia ajudar alguém. Pensava que tinha algo para dizer às pessoas sobre a forma como elas escolhiam um parceiro para a vida, mas não tenho. É óbvio que não tenho. Sou uma conselheira matrimonial cujo marido teve uma amante. E é possível que tenha inclusivamente matado essa amante.

O pai dela arregalou ligeiramente os olhos.

— Grace — disse ele, com cautela. — É possível?

Ela abanou a cabeça.

— Não estou a tentar ser difícil — respondeu ela, deliberadamente. — Só... preciso de me ficar pelo «é possível», para já. Ainda não estou preparada para ir além disso. — Ela olhou à sua volta, na cozinha. A luz tinha desaparecido por completo. Lá fora estava mais uma noite de inverno.

— Ele teve um bebé com ela — Grace ouviu-se a dizer. — O pai já soube?

O pai dela baixou o olhar para o chão de madeira. Não lhe respondeu. Da sala ao lado ouvia-se *The Blue Danube* a tocar no leitor de DVD.

— Eu devia ter percebido que se passava alguma coisa — disse Frederick Reinhart. — Ele veio pedir-me dinheiro.

Ela sentiu a agora familiar mágoa das más notícias súbitas. Notícias frescas, novas e más.

— Quando?

— Oh!... — Ele pensou. — Em maio, talvez? Disse que vocês andavam preocupados com o pagamento das mensalidades de Rearden deste ano, que achavam que talvez tivessem de tirar o Henry de lá.

— Isso não é verdade — replicou ela, estupefacta. — Isso nunca foi um problema.

— Pois, já sei. Agora. Mas ele disse-me que andavas muito preocupada com questões de dinheiro e que jamais me virias pedir. É claro que lhe disse que não tinham de se preocupar com nada. Só tenho um neto e felizmente posso contribuir para a educação dele. Mas o Jonathan pediu-me para não te dizer nada e eu assim fiz.

Ela estava agarrada à bancada, tentando parar de balancear.

— Peço desculpa, paizinho. Jamais lhe teria pedido. Não precisávamos de pedir! Estávamos bem!

— Eu sei. Ele foi muito convincente. Lembrou-me que os pediatras oncológicos não estavam propriamente no topo da escala dos salários médicos. Disse que não suportava a ideia de tu e o Henry terem de encontrar uma solução de compromisso só porque ele não tinha sido capaz de garantir um ordenado melhor. Que isso não era justo para vocês.

Grace abanou a cabeça:

— Em maio... Ele nem sequer estava a trabalhar nessa altura.

Disseram-me, os polícias disseram-me, que houve uma audiência disciplinar, em fevereiro passado se não me engano. Despediram-no. Eu não fazia ideia.

O pai dela estava inclinado para a frente na mesa da cozinha, com os braços cruzados e os olhos fechados.

— Dei-lhe cem mil dólares — continuou ele. — Não queria que ele tivesse de voltar a pedir. Não queria que te visses forçada a vir ter comigo. Pensava que era para as propinas.

— Bem — respondeu ela, sombriamente —, se calhar até foi, mas não para o Henry. O Jonathan andava a pagar as propinas de outra criança. Agora finalmente percebo.

— Mas... Não estou a perceber. Não era um bebé?

— Para a criança mais velha. Foi paciente do Jonathan no Memorial. Foi assim que eles se conheceram. Depois o miúdo passou a ser aluno em Rearden. O diretor... Acho que ele pensava que eu e o Jonathan éramos os benfeitores do Miguel. Talvez porque o miúdo tinha sobrevivido a um cancro e o Jonathan tivesse sido médico dele. Mas eu não sabia nada sobre o rapaz. Parti do princípio de que tinha uma bolsa de estudo. — Grace deu um suspiro. — E de certo modo até tinha. Mas foi o Jonathan quem lha pagou. Quer dizer, ao que parece, o pai é que a pagou. Peço imensa desculpa.

O pai dela abanou a cabeça. Quando Grace tornou a olhar na direção dele, demorou uns segundos para perceber que ele estava a tremer.

— Paizinho?

— Deixa, eu estou bem.

— Desculpe — tornou ela a dizer.

— Não. Não peças desculpa. Só estou... estou muito zangado comigo mesmo. Estou zangado com ele, mas principalmente comigo mesmo. Como é que o deixei fazer-te uma coisa destas?

Só então é que ela compreendeu o quão magoado o seu pai tinha sido também, e talvez não só com a situação, ou talvez a situação já viesse de longe e ela não tivesse sido uma mera espectadora. Durante anos, tinha permitido que o pai a visse somente como uma criação muito específica: com um bom companheiro, bem-sucedida profissionalmente, geradora de um excelente neto. Para todos os efeitos, ela tinha estado disponível para o pai mas nunca tinha sido carinhosa, de todo. Talvez, se ela fosse realmente sincera em relação a isso, nem sequer tinha estado particularmente interessada nele, no que era importante para ele ou no que era a vida dele — nem agora nem no passado. Tinha estado disponível para jantar e para conversas rigorosamente controladas uma vez por semana, mas não se sentia nada próxima dele e não acreditava que ele pudesse sentir-se próximo dela. Por outro lado, era a primeira vez que lhe ocorria que o pai talvez quisesse aproximar-se dela.

E se tivesse estado errada? E se ele tivesse desejado — ou tivesse *necessitado* — algo da parte dela e ela se tivesse recusado a dar-lho, se tivesse inclusivamente recusado a reconhecê-lo? Como se ela própria não tivesse precisado do pai. Como se não precisasse ainda da mãe! Como se a pessoa ganhasse pontos por fazer as coisas sozinha e alguém estivesse a controlar tudo para garantir que não se fazia batota. Quão arrogante tinha sido partir do princípio de que podia criar as suas próprias regras e que teria todo o tempo do mundo para jogar segundo as mesmas.

— A culpa não foi sua — disse ela. Depois pousou o copo de vinho. — Ele fez isto tudo sozinho.

— Pensava que estava a ajudar-vos, a ti e ao Henry — disse o pai dela. — Pensei... Bem, eu sei que és uma pessoa muito privada. Jamais me virias pedir ajuda. Não sei porquê. Mas fiquei grato. Agradecei-lhe e tudo. Por me dar essa oportunidade. — Ele abanou a cabeça, num gesto de desdém ressentido e íntimo. Depois deu um suspiro. — A Eva adora oferecer coisas aos filhos dela — disse ele, como se sentisse necessidade de se justificar. — Mas tu nunca quiseste nada.

— Oh, eu queria imensas coisas — corrigiu-o ela. — Mas tinha tudo o que queria. Ou pensava que tinha. Sabe, querer o que se tem deveria ser o segredo para a felicidade. — Ela sorriu. — Houve alguém que disse isso uma vez. Já não me lembro quem foi. — Ouviu-se um som crepitante vindo do fogão. Grace tirou a colher de pau da gaveta e mexeu a sopa.

— Ter o que se quer?

— Não, querer o que já se tem.

— Ah! Tão simples... — respondeu o pai dela. Já estava com melhor cara. Era um alívio. Ela pousou a colher de pau e abraçou-o.

Pouco depois, Henry apareceu na entrada, a abanar a cabeça.

— Este filme é tão estranho — disse-lhes ele. — É só cores. E o astronauta acabou de se transformar num bebé. Não percebo nada disto.

— Eu também nunca percebi — respondeu-lhe o avô. — Se calhar o Stanley Kubrick estava a contar que o público inteiro estivesse sob o efeito de drogas. Mas eu e a tua avó fomos vê-lo ao cinema depois de termos tomado um martíni. Acho que não foi o suficiente.

Ela pediu aos dois para porem a mesa. Era a primeira vez que utilizavam a sala de jantar desde que tinham chegado. Era a primeira vez que ela e Henry não comiam sentados no sofá, com a comida em cima do colo e uma pesada manta de flanela por cima dos ombros. Aliás, a casa não estava propriamente mais quente. Mas por algum motivo parecia-lhe mais quente.

Comeram a sopa e depois o salmão dentro dos *bagels*, porque assim que ela viu o salmão e os *bagels* ficou cheia de vontade de os comer em conjunto. E bebeu mais vinho, depois atacou o chocolate negro, e foi tudo surpreendentemente nada desagradável. Para uma véspera de Natal numa

casa gelada, a fugir da sua própria vida e na proximidade inescapável do seu pai e do seu filho, ambos extremamente afetados por Jonathan Sachs, o amor da sua vida, a situação não era nada desagradável. E eles conversaram sobre baseball, por incrível que pareça, ou pelo menos Henry e o pai dela conversaram, e Grace ficou admirada ao descobrir que em tempos o pai tinha ido regularmente aos jogos e tinha crescido a apoiar uma equipa chamada Montreal Expos, e que até sabia contabilizar os resultados, algo que soava bastante simples mas que na verdade era verdadeiramente complexo e que ele prometeu ensinar ao neto, talvez no dia seguinte. E depois de Henry se ter ido deitar, mas antes de Grace se ter posto de pé para ir levantar a mesa, ficaram sentados durante uns minutos num silêncio nada constrangedor, até que Frederick Reinhart perguntou se ela fazia alguma ideia onde é que Jonathan tinha ido ou como é que estava a conseguir não ser encontrado pela Polícia.

— Meu Deus, não! — respondeu-lhe ela, surpreendida. — Não faço ideia. Se soubesse, ter-lhes-ia dito.

— Digo-te uma coisa, não sei como é que ele conseguiu. Só penso: Hoje em dia, sempre que se vai a algum lado ou se gasta um tostão que seja, há toda uma série de pessoas que vê o que estás a fazer. É incrível como é que ainda ninguém o reconheceu. Tem aparecido em tudo o que é meio de comunicação. A cara dele, quero eu dizer.

Grace respirou fundo. Estava a tentar não pensar muito no significado disso.

— Deve ter planeado as coisas com antecedência, em relação ao que faria depois. Como desaparecer, quero eu dizer. Teve tempo de sobra.

O pai dela franziu as sobrancelhas.

— Estás a dizer que ele o planeou? Planeou o que iria fazer à... — A voz dele calou-se. Talvez se tivesse esquecido do nome. Talvez tivesse simplesmente sido incapaz de o proferir.

Essa era outra questão que Grace tinha sido incapaz de considerar. Abanou a cabeça.

— O que eu quis dizer era que ele devia estar a perder o controlo. Parece que as coisas já estavam a desmoronar-se muito antes do dia em que ele se foi embora. Pode ter pensado numa maneira de se esconder. Se calhar até já tinha um sítio para onde ir — disse ela, com cautela. Era algo que já lhe tinha passado pela cabeça. Só que quando disse «sítio» queria dizer «pessoa». Talvez ele tivesse alguém ou talvez ele fosse *alguém*. Talvez agora, nessa noite, algures, o seu marido estivesse escondido dentro de outra pessoa. Talvez «Jonathan Sachs» tivesse sido uma pessoa dentro da qual ele se tinha escondido. Essa ideia provocava-lhe tanto sofrimento que teve de fechar os olhos e deixá-la passar.

— O Jonathan é muito inteligente, sabe — disse Grace, por fim. — Isso não mudou.

Era uma das poucas coisas em relação a ele que não tinha mudado.

— Mas tu também és — insistiu o pai dela. — O teu trabalho implica seres perspicaz em relação às outras pessoas. Escreveste um livro precisamente sobre isso... — Ele calou-se, embora já não fizesse grande diferença: *depois de casa roubada, trancas na porta*.

— Deixe lá — disse ela, secamente. — Não se preocupe, não me está a dizer nada de novo.

Ele abanou a cabeça. Estava a rodar o copo de vinho entre as mãos compridas, para a frente e para trás. O rosto dele estava carregado de dor e o cabelo, reparou ela, tinha ultrapassado os limites do corte habitual. Andaria Eva a desleixar-se?, interrogou-se Grace, mas ao fazê-lo, com a crueldade inerente, compreendeu que não era nada disso. Tratava-se da sua própria catástrofe, tão intensa e destruidora que até Eva estava a ter dificuldade em garantir os rituais e as obrigações habituais dela, o que não era coisa pouca. Também devia um pedido de desculpa à madrasta e, para sua surpresa, sentia genuinamente bastante pena. Aliás, sentia pena de Eva no geral. Quantas vezes é que ela tinha sugerido a pacientes ressentidos que quando os bons casamentos chegavam ao fim, os membros sobreviventes costumavam casar-se de novo, às vezes depressa de mais? As pessoas que tinham casamentos felizes gostavam de estar casadas: era tão simples como isso. E o seu pai tinha sido feliz com a sua mãe, pelo que desejara ser novamente feliz, conhecera Eva e vira a possibilidade de felicidade com ela, e não seria isso preferível a viver uma vida de luto? Queria ela que o pai tivesse continuado de luto? Então por que razão se tinha sentido tão afetada por isso? «Os terapeutas curam-se a si próprios!», pensou ela, com tristeza.

— Acho que — disse Grace — eu tinha uma ideia do que era uma boa família, uma família forte, quando olhava para ti e para a mãe. E tentei fazer com que a minha família fosse igual. Fiz o que a mãezinha fazia e o Jonathan parecia... — Ela estava à procura do que ele tinha parecido, mas de momento não se lembrava de nada. — E pensava que o Henry era feliz. Espero que tenha sido feliz. — Agora tudo lhe parecia assustadoramente no passado. — Eu só queria ser como vocês. Queria ser feliz como vocês.

Por uns instantes, ela pensou que tinha começado a chorar. Não se admiraria nada se comesse a chorar sem dar por isso — já não. Seria preciso muito mais do que isso para a surpreender. Mas na verdade quem estava a chorar não era ela. Era Frederick Reinhart, advogado, sentado à mesa de pinho diante dela, a chorar para as mãos compridas. O seu pai: a chorar. Durante imenso tempo, essa imagem simplesmente não bateu certo. Então, ela estendeu a mão e agarrou um dos pulsos magros dele.

— Paizinho?

— Não... — Ele abanou a cabeça. — Não.

«Não?», interrogou-se Grace. Não o quê?

Ele precisava de chorar até ao fim. Demorou imenso tempo. E Grace não podia fazer nada exceto esperar que ele terminasse.

Por fim, ele levantou-se e foi à casa de banho. Ela ouviu o autoclismo e a água a correr. Quando voltou, já estava mais ou menos recomposto. Fazia lembrar o pai dele, um homem cansado que Grace mal recordava, com os olhos húmidos: uma presença perturbadora no canto da sala de estar nas suas festas de aniversário. O pai dela — tal como Grace e Henry — era filho único e a relação com o pai dele não tinha sido propriamente boa. Ela sabia muito pouco sobre o próprio avô, salvo uma trajetória invertida de moradas (Lauderdale Lakes, Rye, Flushing, Eldridge Street, Montreal, Bukowsko) e um funeral ao qual ela não tinha desejado mesmo nada comparecer, porque implicava faltar a um dos maiores *bar mitzvahs* da sua turma de Rearden desse ano. Agora já nem sequer se lembrava de quem tinha sido o *bar mitzvah*, mas na altura tinham-lhe parecido solicitações muito distintas.

— Nós não éramos felizes — disse o pai dela de repente, com o tipo de fôlego engasgado e superficial que nos assola depois de uma crise de choro. — Eu não era. E sei que a Marjorie também não. Tentei ser. Primeiro tentei ser feliz com ela e depois tentei ser feliz sem ela. Penso que teria experimentado tudo e mais alguma coisa.

— Mas... — ela ouviu-se a dizer — ... eu nunca me apercebi disso. Nunca... — insistiu, como se ele estivesse enganado em relação à própria vida e ela, a criança, tivesse um melhor entendimento da situação. — Mas e... — ela vasculhou sofregamente a mente, à procura de provas que provassem o erro dele, e deu por si a lembrar-se das joias no toucador espelhado da mãe, uma e outra peça, dispostas em cima do tampo. — E aquelas coisas lindas que o pai lhe oferecia? Os alfinetes e as pulseiras. Era tudo tão amoroso, a forma como estava sempre a oferecer-lhe joias.

Ele abanou rapidamente a cabeça.

— Não, não era. Isso não tinha nada a ver com amor. De todo. Tinha a mania de me meter com outras pessoas, mas depois decidia que não queria viver dessa maneira e voltava para lhe pedir desculpa, e levava-lhe uma prenda. — Ele calou-se para se certificar de que Grace estava a acompanhá-lo, mas não. Ela estava a voar tresloucadamente lá no cimo, completamente descontrolada às voltas em torno da sala.

— Comprava-lhe joias? Por essa razão? — Grace estava espantada por conseguir responder sequer; o facto de terem sido essas as palavras escolhidas por si não era minimamente relevante para o caso.

O pai dela encolheu os ombros:

— Ela nunca as usava. Eram como veneno para ela. Disse-mo uma vez, quando lho perguntei; estávamos a vestir-nos para ir a algum lado. Havia um alfinete, uma coisa com uma esmeralda. Achei que talvez ficasse bem com o que ela tinha vestido. Disse-me que seria o mesmo que usar o «A» da Hester Prynne¹⁴.

Grace fechou os olhos. Lembra-se desse alfinete. Esse alfinete tinha sido levado por Jonathan, para um destino desconhecido. Esperava nunca mais voltar a vê-lo.

— Devia ter-me deixado dessas coisas... — Ele abanou a cabeça, num gesto lacónico. — Devia ter-me deixado de uma série de coisas. Não me fazia sentir melhor e de certeza absoluta que também não a fazia sentir-se melhor a ela. Como é que podia olhar para aquelas coisas e saber o que significavam? Acho que nem sequer me lembro bem de quais eram os meus motivos. É possível que tenha chegado uma altura em que já não lhas oferecia por uma questão de amabilidade. Às vezes chegava a casa e ela tinha deixado uma peça de fora, em cima do tampo do toucador. Era como se me dissesse: «Lembras-te desta? E desta?» Porque é que ela se sujeitava àquilo? Compreendo que me quisesse sujeitar a mim, mas a ela própria?

— Deviam ter procurado a ajuda de um terapeuta — disse Grace, secamente. — Não vos ocorreu?

— Queres que seja sincero? Não. A minha geração não via isso como uma opção. Se a coisa corria bem, ou se pelo menos conseguíamos viver juntos, aguentávamos. Caso contrário, desistíamos. Não havia cá nada dessas coisas do «tentar solucionar a situação». Não sei porquê. Havia a psicanálise, se quiséssemos, mas isso parecia-me ser coisa de loucos. Horas e horas, imenso dinheiro gasto, deitado num sofá a tentar lembrar-me de um código secreto do tempo em que andava de fraldas que pudesse trazer luz à situação atual. A questão era que não me ralava muito com as minhas neuroses. Só queria ir-me embora.

— Então porque é que não foi? — quis ela saber. Parecia ter finalmente identificado uma pontada de indignação.

Ele ergueu o olhar e fitou-a, e deve ter ficado chocado pois desviou rapidamente o olhar.

— Pedi-lhe o divórcio, mas sem o consentimento mútuo sabia que não valia a pena separar-me dessa maneira.

— E presumo que ela tenha recusado.

— Ela recusou-se terminantemente. Nunca percebi porquê. Fazia sentido que não quisesse ajudar à minha felicidade, mas e a felicidade dela? E eu não queria magoá-la, de todo. Não mais do que já tinha magoado — disse ele.

Grace apercebeu-se de que estava agarrada à mesa, comprimindo a madeira entre os polegares e os indicadores.

— Acabámos por nos deixar ficar como estávamos. Depois de teres ido para Radcliffe fiz mais uma tentativa, e penso que ela ainda pôs essa hipótese, mas depois teve o enfarte.

Ficaram sentados durante mais uns minutos. Grace, para sua surpresa, descobriu que ainda era capaz de bebericar o vinho, que a casa não tinha

vindo abaixo. Todos os sistemas continuavam a funcionar normalmente. «O que mais me irá acontecer?», pensou ela.

— Isso deixa-me profundamente triste — anunciou ela, por fim.

— Também a mim. Durante anos perguntei-me o que poderia ter feito melhor. Ou, pelo menos, de maneira diferente. Gostava de ter tido mais filhos, por exemplo.

— Caramba — respondeu-lhe Grace, atónita. — Porquê?

— Adorava ser pai. Adorava ver-te a aprender coisas. Eras uma criança muito curiosa. Não me refiro em termos académicos, embora fosse óbvio que eras boa aluna — corrigiu-se ele. — Mas olhavas e olhavas para tudo e eu costumava dizer à tua mãe: «Passa-se muita coisa naquela cabecinha. Ela olha para tudo.»

«Olha para tudo», pensou Grace. «E não vê nada.»

— Podia ter recommçado quando a mãe morreu — disse-lhe ela, ainda num tom muito pouco delicado. — Estava na casa dos cinquenta. Podia ter tido outra família.

Ele encolheu os ombros. Parecia estar a pensar no assunto pela primeira vez.

— Talvez. Mas conheci a Eva e senti um grande bem-estar junto dela. E bem-estar era exatamente o que eu precisava. Acabou por se revelar uma necessidade muito básica, nada complexa. E depois havia os filhos e os netos dela, por fim apareceu o Henry e a verdade é que tenho sido bastante feliz. — Ele olhou para ela, com uma expressão de sinceridade. — Pensar que baseaste o teu ideal de casamento no que eu e a tua mãe tínhamos é incrivelmente transtornante, Grace. Devia ter falado contigo sobre isto há muitos anos.

— E eu devia ter insistido no assunto — replicou Grace. — Enquanto adolescente, o meu papel era desprezar os meus pais e nunca o fiz. Há um motivo para a rebeldia acontecer na altura em que acontece. Devo ter achado que estava acima disso tudo. — Ela fez rodar o resto do vinho tinto no fundo do copo, seguindo o movimento do sedimento enquanto este circundava o pé. — Bem, mais vale tarde do que nunca.

— A Eva admira-te — disse-lhe ele. — Sabe que não gostas dela. Tem sido um pouco doloroso para ela.

Grace disse que sim com a cabeça. Ainda não se sentia preparada para abraçar Eva enquanto ser sensível e carinhoso. Mas podia tentar. E depois ouviu-se a si mesma a pedir diretamente o serviço de porcelana da sua mãe, o que a surpreendeu. Agora — com o mito do casamento dos pais a desabar à sua volta —, o facto de ainda sentir necessidade de preservar esses símbolos não fazia qualquer sentido. Mas os símbolos eram palpáveis: ocupavam um espaço no mundo. Agora, mais do que pensava ser possível, queria rodear-se de símbolos que ocupassem espaço no mundo.

— Gostava de ficar com ele — disse ela ao pai, com toda a franqueza.
— É importante para mim.

— O quê? — respondeu ele, sem perceber.

— O serviço de porcelana da mãezinha. O *Haviland*, do vosso casamento. Custa-me imenso vê-lo a uso para tudo e mais alguma coisa. Sei que é um disparate... — disse ela.

— Os pratos e as chávenas? — perguntou ele, ainda sem perceber muito bem.

— Sim. É tudo já um bocado antigo, eu sei. Mas essas coisas, do vosso casamento, sinto que deviam ter ficado para mim. Sei que isto não deve soar muito bem — disse ela, porque estava a ouvi-lo alto e em bom som pela primeira vez e sabia, finalmente, como soava, ou seja, era muito pouco agradável. — Não sou muito apegada a coisas, mas ela era minha mãe e eu era filha dela. Custou-me muito que a sua segunda mulher tivesse ficado com ele, em vez de ter vindo para mim. É só isso — disse ela. Não tinha bem a certeza do que «É só isso» significava.

— Mas é claro que podes ficar com o serviço. Com tudo o que quiseses. A Eva está sempre a dizer que temos de despachar algumas coisas e, além disso, ela tem mais serviços. Eu é que estava a ser um bocado sentimentalista em relação a ele. Pensava que seria agradável para ti comeres na mesma louça onde comias quando eras pequena quando fosses lá jantar. Mas tudo bem. Claro. Eu trago-te o serviço para aqui.

— Não, não é preciso — replicou Grace, sentindo-se imbecil. — Mas quando isto tudo terminar, se alguma vez terminar, quero que o Henry possa sentir uma ligação a coisas que nada têm a ver com o pai dele. Quero ter coisas do meu passado para *oferecer* ao Henry. Quero *ter* um passado para oferecer ao Henry. Não preciso que seja perfeito, basta-me que seja real.

E ocorreu-lhe, enquanto ouvia essas coisas a serem proferidas em voz alta, que ela própria estava um pouquinho mais perto de estar quase preparada para isso.

14 Referência à protagonista do livro *A Letra Escarlata*, de Nathaniel Hawthorne, obrigada a usar a letra «A» ao peito que a identificava como uma mulher adúltera. (NT)

CAPÍTULO DEZANOVE

O GRANDE ERRO

Enquanto produto do ensino privado desde o primeiro dia na creche até à manhã em que o diploma cor de carmesim lhe tinha sido posto nas mãos, Grace não estava preparada para a facilidade com que Henry se conseguiu matricular no sétimo ano da Escola Preparatória Regional de Housatonic Valley. Não foi preciso nenhum requerimento formal, e muito menos o pavoroso ritual típico de Manhattan, isto é, descobrir quantas vagas é que existiam em determinada turma ou saber quem é que ela conhecia, ou com quem tinha uma ligação mesmo que fosse vaga, no conselho de administração da escola ou no gabinete de matrículas. E, na verdade, o telefonema ansioso que Grace fizera para a secretaria uns dias depois da época festiva resultara apenas num pedido bem-disposto de documentos que pareciam eminentemente razoáveis e que não custaram nada a conseguir: a certidão de nascimento de Henry, um comprovativo de morada da casa do lago no nome dos pais ou do encarregado de educação dele e um relatório da escola onde ele tinha andado, que Robert Conover enviara de imediato por *email* e que consistia em elogios tranquilizadamente verdadeiros.

Ainda assim, ela passou os primeiros dias do novo ano a matutar na certeza de que Henry estava prestes a passar por uma grande provação, o declínio rápido da educação Parnassus de Manhattan para um pântano qualquer de instituições de mínimo denominador comum. Ou a escola local estaria muito atrasada em relação a Rearden — com adição e subtração na Matemática do sétimo ano, por exemplo, e textos básicos em Literatura — ou os outros miúdos seriam uns brancos do pior, viciados em jogos de computador e em inalação de cola, que identificariam o filho dela como um intelectual esteta e que o detestariam e o alienariam com a união refinada típica dos miúdos do sétimo ano (exceto em lugares como Rearden, onde a administração da escola alegava estar bastante atenta a todo o tipo de *bullying*).

Ela guardou esses receios para si mesma e ainda bem que o fez, pois Henry estava ansioso por sair do isolamento da casinha deles junto ao lago praticamente abandonado e regressar ao mundo dos miúdos de doze anos. Nessa primeira manhã, Grace tinha-o levado à escola de carro,

completamente alheia ao facto de que agora o filho frequentava o ensino público e, como tal, tinha direito a que o fossem buscar e pôr a casa numa carrinha escolar do município, e tinha ficado a vê-lo entrar. Depois fora logo para casa, enfiara-se debaixo dos edredões e fora-se completamente abaixo.

Fora-se mesmo abaixo, de uma maneira que ainda não tinha feito desde o primeiro instante em que tinha visto a luz do telemóvel a piscar, o ruir da sua vida, a fuga para o Connecticut e os pormenores de se tentarem manter quentes (o suficiente) e alimentados, a distração do Natal e o seu pai, e os preparativos para Henry regressar à escola. Durante todo esse processo tinha continuado a ser ela própria: a pessoa capaz e pequena que mantinha as coisas em funcionamento e que parecia bastante racional. Henry, independentemente de tudo o que tinha vindo a lume, continuava a ter uma mãe, isso era óbvio, que continuava a preocupar-se com ele e que se certificava de que havia pequeno-almoço e roupa lavada sempre que ele se levantava de manhã. Mas Grace só se apercebeu verdadeiramente do quanto lhe tinha custado aparentar estar operacional quando Henry começou a sair de casa e a estar, presumivelmente, em segurança durante uma série de horas de cada vez; e quando o compreendeu, essa força centrífuga que a tinha mantido de pé começou a desacelerar, até que parou. E depois a superfície da Terra pareceu desabar por completo.

Grace deitava-se principalmente de lado na cama, a fitar o vazio. Fazia-o durante horas a fio, embora lhe provocasse dores no corpo, alternando entre a vigília e a sonolência. Então, com receio de deixar passar a hora a que tinha de o ir buscar (porque, mais uma vez, ainda não se tinha acostumado à ideia de que uma carrinha da escola podia trazer Henry para casa), forçava-se a levantar o suficiente para conseguir pôr o despertador para as 14h45. Em seguida, voltava a deitar-se de lado e a fitar o vazio.

Dias seguidos passados assim. Passou a ser como um emprego: levá-lo à escola, enfiar-se na cama, ficar deitada durante horas, tornar a levantar-se, ir buscá-lo à escola. Ela era muito diligente na concretização das suas tarefas. Era muito rigorosa com o seu horário. Não sentia nada exceto uma pontada dormente de desespero, e algumas tonturas, pois tinha de se obrigar a comer e às vezes não se lembrava de o fazer. De vez em quando pensava: «Quanto tempo é que isto vai durar?» Mas durante a maior parte do tempo nem sequer pensava. O vazio no sítio que costumava ser a sua mente era incrivelmente vasto. Era uma sala imensa com as janelas sujas e o chão baço e escorregadio. Era aí que ela morava agora, pelo menos enquanto o filho estava fora de casa. E quando o alarme soava às 14h45, Grace ponha-se de pé, mudava de roupa, espreitava o frigorífico e fazia uma lista de compras, e depois ia buscar o filho à escola. Era nisso que consistia a sua vida. Era tudo o que ela conseguia suportar. E repetia-se continuamente, a mesma coisa todos os dias. Ou pelo menos nos dias em

que havia escola.

Entretanto, a antecipada provação de Henry não chegara a materializar-se. Nesse primeiro dia de aulas, entrara calmamente na sala da sua nova turma de sétimo ano e fora recebido por uma jovial falta de curiosidade sobre o que o tinha trazido aos confins do Connecticut a meio do ano letivo. Quando emergira do edifício, no primeiro dia de aulas, vinha acompanhado não apenas por um mas por dois novos amigos, ambos ansiosos para conhecer os gostos dele e ambos encantados por saberem que ele gostava de Anime.

«Animação?», perguntara-lhe Grace, com o sobrolho franzido. Estavam a jantar no Smitty's, uma casa de pizzas em Lakeville.

«Anime. Desenhos animados japoneses. Tu sabes, como o "Spirited Away".»

«Ah», respondera-lhe ela. Mas não tinha a certeza do que ele estava a falar.

«Miyazaki?»

«Nunca vi esse.»

«Não, isso é o nome do realizador. É como o Walt Disney do Japão, mas muito melhor do que o Disney. O Danny tem o DVD de *O Castelo no Céu* e convidou-me para ir vê-lo a casa dele, no sábado. Posso ir, não posso?»

«Claro», replicara ela, fingindo satisfação, como se não fosse uma chatice tê-lo longe da sua vista ao fim de semana. «Disseste... *Cabana no Céu*?» Conhecia esse, mas não imaginava que rapazes pré-adolescentes estivessem minimamente interessados em vê-lo, e ainda bem.

«Não, *Castelo*. É mais ou menos baseado no Jonathan Swift e tipo lenda Hindu, mas também decorre tipo no País de Gales. Há muitos "tipo" nos filmes do Miyazaki.» Henry riu-se da própria piada, se era realmente uma piada. Grace estava perplexa. «Mas o Danny tem a versão japonesa com legendas em inglês, o que é sempre melhor.»

«Ah. Que bom. Está bem.» Ela acenou com a cabeça. «Com que então Anime. Desde quando? Quer dizer, nunca te tinha ouvido falar sobre isso.»

«O pai levou-me a ver *O Castelo Andante*, no ano passado», limitou-se ele a responder.

«Ah!...» Ela acenou novamente com a cabeça, com uma expressão falsa de jovialidade. «Certo.» E depois mudaram rapidamente de assunto.

Na manhã seguinte, ele voltara para o sétimo ano e ela voltara para a cama.

A outra surpresa em relação à escola era o quão bem estruturada parecia ser, em termos académicos. A disciplina de Estudos Sociais estava a fazer uma unidade sobre o trabalho de Margaret Mead no Samoa e História tinha começado um período intensivo sobre a Guerra Civil com, ao que parecia, imensas fontes originais. Em Inglês, a lista de leitura para o

resto do ano compreendia a maioria dos suspeitos do costume — *A Letra Escarlate*, *Por Favor Não Matem a Cotovia*, *Ratos e Homens* —, sem nenhuma das alternativas não convencionais que as escolas privadas novaiorquinas haviam acrescentado ao longo dos últimos anos como prova de serem politicamente corretas. E a disciplina de Matemática estava inclusivamente adiantada em relação a Rearden. Ela não tinha ficado nada desagradada ao descobrir que Henry já tinha de estudar para um teste de Francês e tinha um trabalho para elaborar sobre Jen Finch para ser entregue na sexta-feira seguinte.

E ele queria experimentar a equipa de basebol.

«E o violino?», perguntara-lhe ela. Era a primeira vez que qualquer um deles falava sobre esse assunto.

«Bem, tenho de escolher entre Orquestra e Conjunto. Ou Coro.»

Grace suspirara. Uma sala cheia de violinistas relutantes a arranharem o tema genérico de *Forest Gump* estava a anos-luz da sala empoeirada de Vitaly Rosenbaum, mas para já...

«Acho melhor Orquestra. O que te parece?»

Henry acenou com a cabeça, com uma expressão carrancuda. E isso, pelo menos, fora a conversa difícil despachada.

Ela continuava a levá-lo de manhã e a ir buscá-lo à tarde, e curiosamente ele nunca se opunha, embora visse os colegas a emergirem do autocarro amarelo todas as manhãs e a enchê-los novamente todas as tardes. Talvez, pensou Grace, ele percebesse que essas viagens se haviam tornado necessárias para ela, que essas duas viagens breves mas altamente ritualizadas proporcionavam uma estrutura crucial para os dias dela passados debaixo das mantas, a fitar o vazio além da parede do quarto.

Mais tarde, ela seria obrigada a verificar o calendário para saber exatamente quanto tempo é que isso tinha durado, mas numa certa manhã em finais de janeiro, depois de Grace ter deixado Henry na escola, deu por si a virar o carro não na direção sul rumo ao lago e à casa e à cama e ao despertador, mas para norte, rumo a Falls Village e à biblioteca, onde se sentou e leu, numa das poltronas de costas direitas formais, debaixo dos retratos do século XIX com molduras elaboradas e dos quadros elaborados com flores, o jornal *Berkshire Record*, com os habituais relatos úteis sobre as equipas locais e editoriais sobre a tabela de zoneamento local. Depois, uns dias mais tarde, voltou lá e fez o mesmo.

Às vezes via Leo Holland na biblioteca, e uma manhã no início de fevereiro Grace foi tomar um café com ele ao Toymakers Café, a pouca distância a pé da avenida principal. Leo já não era propriamente um estranho: havia deixado de ser uma personagem indistinta dos verões da infância dela, caracterizado essencialmente pelas brincadeiras ruidosas e o efeito destas na mãe de Grace. Tinha ido a casa dela duas vezes desde

que se haviam cruzado junto à caixa do correio — uma vez com uma caixa de plástico enorme cheia do que ele disse ser guisado de galinha (provavelmente porque não era vaidoso o suficiente — ou não quisesse que ela pensasse que era vaidoso o suficiente — para lhe chamar *coq au vin*, embora fosse de facto *coq au vin*) e outra vez com um pão Anadama caseiro. Ambos os itens, explicou-lhe ele, eram provenientes dos jantares que o «grupo» dele organizava lá em casa, de quinze em quinze dias. «Grupo» tinha sido um termo proferido com tanta descontração que Grace não sabia o que ele tinha querido dizer com isso. Um grupo de estudo? Um grupo de terapia? Ele não adiantara mais nada, pelo que tanto podia ser um grupo de tricô como também um grupo da Amnistia Internacional, mas ela tinha ficado curiosa o suficiente quando ele o mencionou durante o café nessa manhã, a ponto de lhe perguntar que tipo de grupo era.

— Ah, a banda — respondeu-lhe Leo. — Bem, nós preferimos «grupo». Somos só uns tipos de meia-idade maluquinhos por instrumentos de cordas. «Banda» soava demasiado a «adolescentes a tocar na cave», entendes? Apesar de o outro violinista ser mesmo adolescente. É filho da minha amiga Lyric. A Lyric¹⁵ toca mandolim.

— Lyric — repetiu Grace. — Belo nome para um músico.

— Pais *hippies* — replicou Leo. — Mas assenta-lhe bem. Ela dá aulas de mandolim na Bard. Eu trabalho na Bard. Já to tinha dito, penso eu.

— Por acaso não. — Ela estava a pôr açúcar no *cappuccino*. — Disseste que estavas a fazer uma pausa sabática. Não me disseste onde é que davas aulas.

— Ah. A Bard. Um sítio fantástico para se dar aulas, mas para pausas sabáticas nem por isso. — Ele deu uma risada. O pequeno café tinha uma mesa rústica enorme de madeira num dos cantos, onde um comité maternal qualquer (Grace não pôde evitar lembrar-se do seu antigo comité sentado a uma mesa rústica muito semelhante a essa) conferenciava com blocos de apontamentos. Noutra zona, uma pilha de livros com fotografias de motas tinha em cima uma fotografia autografada pela Liza Minnelli que já devia ter uns vinte anos.

— Estou a menos de uma hora de distância, mas é longe o suficiente para evitar que me telefonem. Caso contrário, não conseguiria trabalhar nada. E o grupo, quer dizer, tocamos juntos há mais de cinco anos e eles não ficaram nada satisfeitos por terem de conduzir esta distância toda, mas depois de terem vindo a primeira vez, passaram a adorar. Adoram o facto de estarmos sozinhos no lago. Quer dizer, praticamente sozinhos — corrigiu ele. — Agora fazemos uma espécie de jantarada. Ou mesmo uma noite, se o Rory não tiver escola no dia seguinte. O Rory é o nosso outro violinista. E preparamos umas belas refeições.

— Das quais eu benefico e com muito gosto — respondeu ela, com amabilidade.

— Sim. Então ainda bem.

— Oh! — exclamou Grace, percebendo de repente. — Então é daí que vem o som da música. Nem sempre se percebe de que direção vem. Às vezes parece que vem da floresta. É uma banda? Quer dizer, um grupo?

— Temos um grupo de fãs muito modesto em Annandale-on-Hudson — replicou Leo, com um sarcasmo encantador. — Companheiros, colegas de trabalho, estás a ver? Alunos que esperam receber boa nota no final do ano. Temos um nome e tudo: Windhouse. É o nome de uma ruína em Shetland Islands. Incrivelmente assombrada, segundo o Colum, outro membro do grupo. Ele cresceu na Escócia e costumava fazer caminhadas em Shetlands. Toda a gente nos pergunta — disse ele com alguma insegurança, uma vez que ela não tinha perguntado. Mas tê-lo-ia feito.

— Tocam muito bem. A julgar pelo pouco que ouvi.

Leo pareceu decidir parar de falar sobre si. Por uns instantes, ficaram sentados num silêncio constrangedor, a olhar para os respetivos cafés. Do outro lado da sala, as mulheres — agora Grace reconhecia uma delas da escola de Henry — estavam a concluir a reunião. A porta abriu-se e entraram dois homens corpulentos, e a cozinheira, uma mulher com tranças compridas e grisalhas presas à volta da cabeça, correu para o balcão e inclinou-se para os abraçar.

— Disseste que estavas a escrever um livro? — perguntou-lhe Grace.

— Sim. Espero terminar por volta de junho. Este ano tenho de dar aulas nos cursos de verão.

— É sobre o quê?

— O Asher Levy — respondeu Leo. — Já ouviste falar dele?

Ela começou a abanar a cabeça. Depois disse:

— Espera aí, é o mesmo que o Asser Levy?

— Sim! — Leo parecia maravilhado, como se ela tivesse satisfeito um desejo específico dele por saber isso. — Asher, também conhecido por Asser. Tinha-me esquecido de que és uma judia de Nova Iorque. É claro que sabes quem é o Asser Levy.

— Por acaso não sei — protestou ela. — Só conheço o nome. Há uma escola em East Village com o nome dele, penso eu.

— E um parque em Brooklyn. E um centro recreativo. E uma rua! O primeiro proprietário rural judeu de Nova Iorque e muito possivelmente o primeiro judeu na América. Isso é algo que estou a tentar provar, de uma maneira ou de outra.

— Não fazia ideia... — Ela deu uma gargalhada. — O primeiro proprietário rural judeu de Nova Iorque? O que achas que diria da existência do Harmonie Club ou do Templo Emanu-El?

— O quê, estás a falar da Nossa Senhora de Emanu-El? — disse Leo. — Era assim que o meu pai lhe chamava. Fez parte dele, durante uns tempos. Depois conheceu a minha mãe e tornou-se um Quaker. Costumava

dizer que metade dos alunos da classe de *bar mitzvah* dele tornava-se ou Quakers ou Budistas. Dizia que preferia meditar sentado num banco num local de oração do que sentado no chão, por isso tornou-se Quaker. Além disso, os autocolantes para o carro deles eram muito mais giros.

— Eu lembro-me dele! — exclamou Grace, porque se lembrava de facto ou porque pelo menos pensava que sim. — Usava uma camisola muito comprida, não era? Num tom verde-claro?

— Ah!... — Leo disse que sim com a cabeça. — O martírio da minha mãe. Escondeu-lha durante anos, à espera de que ele se esquecesse dela e arranjasse outra coisa para vestir que não lhe chegasse aos joelhos. Mas ele dava sempre com ela. Ia sempre direito ao armário ou à prateleira onde ela a guardava. Mas sabes, quando a minha mãe morreu ele deitou fora a camisola. Vi-a no caixote do lixo, uma vez. Nem sequer lhe perguntei porquê.

Grace acenou com a cabeça. Estava a pensar no seu pai e nas joias, no saco com fecho cheio de joias, tão tóxico que ele já não conseguia olhar para ele.

— A minha mãe também morreu — disse ela. Não tinha a certeza se viria a propósito ou não. Leo disse que sim com a cabeça.

— Lamento imenso.

— Eu também. Em relação à tua.

— Obrigado.

Ficaram sentados em silêncio durante mais um minuto. Mas na verdade foi menos constrangedor do que poderia ter sido.

— Está sempre presente, não é? — disse-lhe Leo. — A morte da nossa mãe.

— É verdade. Sempre.

Ele bebeu mais um trago de café, depois limpou a boca, sem pensar, com as costas da mão.

— A minha mãe morreu aqui no lago, por acaso. Tinha ficado mais uns dias, depois de o meu pai e o meu irmão se terem ido embora, para fechar a casa. Foi há onze anos. Não sabemos muito bem o que aconteceu, possivelmente envenenamento por monóxido de carbono, mas a autópsia foi inconclusiva. O meu pai mandou substituir o aquecimento na mesma. Por descargo de consciência.

— Que horror — replicou Grace. Não se lembrava da cara da mãe de Leo.

— E a tua?

Ela contou-lhe sobre o dia em que tinha regressado a Cambridge depois das férias da Páscoa no penúltimo ano da faculdade, em que o telefone tinha tocado e tocado no seu quarto do dormitório, enquanto ela procurava as chaves no corredor, e em como sabia — já nessa época pré-histórica antes da existência dos telemóveis — que essa chamada iria

significar algo imenso e terrível. E assim fora: a mãe dela tinha tido um enfarte em Nova Iorque, pouco mais de uma hora após Grace ter partido para a estação de comboios. Grace tinha dado meia-volta e tinha regressado a casa e, ao longo das semanas que se seguiram, em que a mãe nunca recuperou a consciência, e os futuros possíveis eram compostos por regressos cada vez mais breves, ela tinha-se deixado ficar, alternando entre a casa dos pais e o hospital, até perceber que teria de optar por cancelar a matrícula ou regressar. Pelo que tinha decidido regressar e — incrivelmente, terrivelmente, surrealmente — a mesma coisa tinha acontecido. O telefone a tocar do outro lado da porta grossa de carvalho em Kirkland House, o procurar pelas chaves, as notícias imensas e terríveis. Ela regressou a Nova Iorque, dessa vez durante o resto do período escolar, e só conseguiu terminar o trabalho de curso durante o verão.

Nesse outono, Grace tinha-se mudado do *campus* para ir morar com Vita, e depois, quase de imediato, tinha conhecido Jonathan. Teria sido uma boa altura para ainda ter mãe, pensou ela agora. Como é que Marjorie Wells Pierce Reinhart — que conhecera e se apaixonara pelo próprio marido no decorrer de um encontro às cegas em 1961 e cujo casamento não tinha sido feliz — teria reagido quando a filha única lhe ligasse, eufórica, nas nuvens, para descrever esse jovem ambicioso, sensível, meigo, um pouco despenteado e totalmente apaixonado por si?

Ter-lhe-ia dito: *Tem cuidado. Vai com calma.*

Ter-lhe-ia dito: *Por favor, Grace. Fico contente por ti, mas tens de ser inteligente.*

Ser mais inteligente, por outras palavras.

— Lamento não a ter conhecido em adulto — disse Leo, de repente. — Quero dizer, quando eu era adulto. Sei que não gostava muito de mim quando eu era adolescente.

— Oh!... — Grace ouviu-se a dizer —, o problema não eras tu. Acho que ela não era uma pessoa muito feliz.

Era a primeira vez que ela dizia algo desse género. Nunca o tinha feito. Escutou o silêncio que essas palavras deixaram para trás e ficou estupefacta consigo própria. Sentia-se pessimamente. Sentia que tinha soltado algo terrível para o mundo. A sua mãe tinha sido *infeliz*. E ela tinha acabado de o *afirmar*. Que coisa terrível para se fazer.

— Às vezes as coisas acontecem de uma forma tão... feia — disse Leo — que temos de inventar uma narrativa. Penso que acontece imenso com a morte, aliás.

— O quê? — perguntou Grace.

— A narrativa. Regressaste à faculdade. O telefone tocou. Voltaste novamente à faculdade. O telefone tornou a tocar. A forma como contas a história, é quase como se te responsabilizasses pela morte dela.

— Achas que estou a ser narcisista? — indagou Grace. Estava a tentar

decidir se devia ficar ofendida ou não.

— Oh, não, não foi isso que quis dizer. Bem, todos nós temos algo de narcisistas, claro. Quer dizer, somos os protagonistas das nossas próprias vidas, por isso é natural que sintamos que estamos ao volante da coisa. Mas não estamos ao volante. Por acaso é um lugar à janela, mas só por acaso.

Ela deu uma risada. Depois, ao aperceber-se de que estava a rir-se das palavras dele, tornou a rir-se.

— Peço desculpa — disse Leo. — Insuficiência crónica dos professores. *Estar. Sempre. A. Lecionar.* Isto para citar incorretamente Mamet.

— Tudo bem — respondeu-lhe Grace. — Nunca tinha pensado nisso. E é pressuposto eu ser terapeuta.

Ele olhou para ela:

— Como assim, é pressuposto?

Mas ela não lhe respondeu, porque não sabia como. Havia decorrido várias semanas desde que Grace tinha pensado sequer num paciente. E tinha decorrido ainda mais tempo desde a última vez que ela se tinha sentido em posição de instruir outro ser humano sobre como viver melhor a vida dele ou dela.

— A minha profissão — optou antes por dizer. — Prefiro não a discutir.

— Tudo bem — replicou ele, à cautela.

— Ao que parece também estou a fazer uma pausa sabática — disse ela.

— Está bem. Não que estejamos a discutir o assunto.

— Não — respondeu Grace e eles deixaram o assunto por ali e passaram a outras coisas. O pai de Leo não tinha voltado a casar, mas tinha uma amiga chamada, por incrível que parecesse, Prudie¹⁶. O irmão de Leo, Peter, era advogado em Oakland. Leo tinha uma filha.

— Quer dizer, mais ou menos — clarificou ele, sem grande resultado.

— Tens «mais ou menos» uma filha.

— Tive uma relação com uma mulher que já tinha uma filha. A Ramona. A filha, não a mulher. Decidimos separar-nos da melhor maneira possível e isso implicou a Ramona continuar a fazer parte da minha vida, o que foi um alívio enorme para mim, porque adoro a miúda.

— Separarem-se da melhor maneira possível... — disse Grace, em jeito de interrogação. — Soa bem. Muito voltairiano!

Ele encolheu os ombros:

— É um ideal, claro. Mas não vejo motivo melhor do que este para se tentar. Quando se tem miúdos. Ainda que seja só «mais ou menos». — Ele olhou para ela. Grace sabia que ele estava a interrogar-se se deveria perguntar ou não. Ou seja, ela estava ali no lago. O filho dela também lá estava. Ela teve de baixar o olhar para a mão esquerda para confirmar se

ainda estava a usar a aliança de casamento. Parecia ainda estar a usar a aliança. Tantas semanas depois e ainda não se tinha apercebido disso.

— Então e... vê-la com frequência?

— Cerca de um fim de semana por mês. A mãe dela mora em Boston por isso é complicado, mas tudo se faz. Depois ela vem cá passar umas semanas no verão, mas cada vez está mais complicado também. Por causa dos *rapazes* — disse ele, num tom sarcástico.

Grace sorriu.

— Sim, eu disse *rapazes*! Pelos vistos isso é importante para uma miúda de catorze anos. A escassez de rapazes num pequeno lago maravilhoso no meio do campo. Tentei explicar-lhe que os rapazes não valem nada, mas ela está decidida a ir para o campo de férias com essas criaturas nojentas e eu tenho de me contentar em ir buscá-la a Vermont e levá-la para Cape Cod durante uma semana.

Grace deu uma gargalhada e bebeu o último trago do seu café.

— E tens mesmo, se fores esperto — instruiu ela. — A rapariga de catorze anos é um ectoplasma muito complexo. Dá-te por satisfeito por ela querer estar contigo.

— E eu estou satisfeito — resmungou ele. — Não se vê logo que estou satisfeito?

Leo tornou a convidá-los para jantar e Grace tornou a mostrar-se reservada, mas talvez não tão marcadamente como da última vez ou da vez antes dessa. Mais tarde ela atribuiu esse facto a Henry e à ideia de que ele talvez não desgostasse de Leo, e que Leo talvez não fosse uma pessoa problemática para Henry conhecer, uma vez que os três moravam no mesmo lago no meio da floresta. E ele — Leo — tinha dito que seria porreiro se Henry levasse a rabeca dele (chamava-lhe «rabeca» em vez de violino) quando lá fossem, porque ele — Leo — adoraria ouvir Henry tocar, ou talvez Henry quisesse levar a rabeca (violino) durante o fim de semana para participar na banda? E Grace quase lhe respondera que Henry não estava acostumado a «participar», que não fora ensinado a tocar dessa maneira e que imaginar um aluno de Vitaly Rosenbaum a «participar» com outros músicos (apesar de ser mais do que certo que o húngaro sinistro nem sequer se dignaria a considerar Leo e os restantes músicos do grupo Windhouse músicos) era bastante complicado. Mas não disse nada. Por outro lado, também não aceitou o convite. Em vez disso, deu por si a perguntar — com uma irreverência na voz que deveria fazê-lo esquecer o facto de ter feito o convite — qual era a diferença entre um violino e uma rabeca e ele respondeu-lhe simplesmente que era uma questão de atitude.

— Atitude — repetiu ela, muito cética. — Não me digas...

— Sim, é tão simples como isso — respondeu-lhe ele, com um ar satisfeito.

— Mas... atitude em relação a quê?

— Oh, eu podia dizer-te, mas depois não me responsabilizaria pelo que pudesse acontecer a seguir. E se ficasse para daqui a umas semanas?

Sim, respondeu-lhe ela, acenando com a cabeça, com seriedade. Mais umas semanas.

Depois eles levantaram-se e saíram juntos do café, Leo acenando com a mão para a mulher atrás do balcão e Grace, que tinha conseguido passar a última hora sem pensar no que iria acontecer a seguir, regressou ao carro, entrou e seguiu em direção a norte.

A conversa breve com Vita tinha tido lugar uns dias antes, ao telefone da casa do lago, que Grace tornou a ligar para esse efeito. O número do escritório de Vita demorara cerca de trinta segundos a ser encontrado através do teclado da Biblioteca David M. Hunt, mas a coragem para o marcar fora muito mais difícil de arranjar. A conversa tinha sido... um pouco formal, dadas as circunstâncias, mas quando o convite surgiu — para se encontrarem no gabinete de Vita em Pittsfield, ela aceitara de imediato.

Mas não era exatamente o que ela tinha desejado.

Bem, ela não sabia o que queria.

Grace inclinou-se para a frente, um gesto reflexo para tentar avistar zonas com gelo na Route 7, em especial nas curvas. A estrada era-lhe familiar agora. Ela tinha atribuído a Great Barrington o papel deixado recentemente vago de «metrópole» da sua vida e adquirira o hábito de ir lá sempre que Canaan ou Lakeville não tinham algo, ou seja, a maior parte das coisas. (A sua ligação à Berkshire Co-Op era agora tão potencialmente perigosa que fazia a sua preferência pela Eli's, no Upper East Side, parecer comparativamente inofensiva — e muito económica.) Também tinha conseguido perder tempo em dois dos melhores restaurantes, no talho e numa loja que só vendia serviços de porcelana antigos, incluindo o serviço *Haviland* completo que lhe estava oficialmente prometido.

Era uma cidade bonita; sempre o achara. Tinha uma dessas ruas principais tipicamente americanas, mas a cidade em si fazia uma curva fechada entre duas zonas que — se não fossem mesmo «Baixas» — pareciam lugares onde dava vontade de estacionar o carro e visitar a pé. Ela tinha imensas recordações desse local: os armazéns há muito desaparecidos onde a sua mãe gostava do atendimento e dos sapatos; a Bookloft, na Stockbridge Road, onde ela tinha passado tardes poeirentas a descobrir volumes antigos sobre Psicologia e uma loja de antiguidades imensa onde ela e Jonathan tinham comprado o quadro dos homens a ceifar o feno que agora estava pendurado na sala de jantar deles na 81st Street.

Ainda seria o quadro *deles*? Na sala de jantar *deles*? Como acontecia em relação a tudo o que existia nesse museu de arte ambiente da instalação previamente conhecida como o seu casamento, ela não tinha a certeza se queria tornar a vê-lo.

O céu estava completamente cinzento quando Grace saiu da Lenox e se dirigiu para noroeste, rumo à morada que Vita lhe tinha dado. A estrada deixou para trás o mundo afluyente de Tanglewood e Edith Wharton de Berkshire, dando lugar a quintas dispersas, à zona industrial de Pittsfield (lar — quem é que podia esquecer? — de uma ETAR *Superfund*) e à fronteira nortenha extrema dos territórios da própria infância de Grace, quanto mais não fosse porque tinha sido levada ao Colonial Theatre uma ou duas vezes em criança e pelo menos uma vez por verão, nos dias de tempestade, ao Museu de Berkshire. Era bem possível que Vita tivesse ido consigo numa dessas expedições, enquanto passava férias com Grace na casa do lago, pelo que era estranho imaginar que o lugar que ela própria havia apresentado à amiga era agora o sítio onde Vita trabalhava e onde tinha construído a vida dela. Pittsfield era uma dessas cidades antigas por onde se passava de carro a caminho de outro lugar qualquer ou porque era onde o comboio ou a camioneta parava. Era uma povoação em grande declínio: cheia de casas senhoriais clássicas, agora em vizinhanças ligeiramente assustadoras, e antigos Sylvian Parks onde seria conveniente pensar duas vezes antes de se entrar neles à noite.

Porter Center localizava-se no antigo edifício da Stanley Electric Manufacturing Company, distintivamente moderno e formando uma espécie de *campus*, mas o letreiro na entrada (assim como o segurança que emergiu quando ela abrandou a velocidade para o ler) direccionou Grace até uma casa residencial transformada e pintada com os clássicos branco e verde, com um letreiro mais pequeno que dizia «Gerência». Ela estacionou o carro e ficou sentada uns segundos para se preparar. Vita, segundo a assinatura no *email* dela, era a diretora executiva desse lugar, que parecia existir não só ali no seu próprio *campus* pós-industrial como também numa espécie de sistema de programas espalhado por todo o país, de norte, em Williamstown, a sul, em Great Barrington. De acordo com o *site* que Grace havia investigado na biblioteca, fazia tudo e mais alguma coisa: intervenções para tratamento de toxicodependências, programas para mães adolescentes, terapia individual, grupos de controlo de ansiedade e de depressão e programas estabelecidos pelos tribunais para toxicodependentes e transgressores sexuais. «Uma espécie de centro comercial da saúde mental», pensou ela, contemplando os edifícios feitos de tijolo, sentada no lugar do condutor. Anos antes, por ocasião do seu casamento, quando ela e Vita estavam prestes a iniciar os respetivos mestrados (Vita em Trabalho Social e Grace em Psicologia, mas com o objetivo comum de se tornarem terapeutas especializadas em terapia individual), esse não tinha sido o resultado que ela tinha imaginado para a amiga.

«E eu tinha imenso jeito para imaginar resultados», pensou ela, sombriamente.

Ela fechou a porta e pegou na mala. Passados uns segundos, trancou a porta do carro.

Lá dentro, na recepção reconstruída, estava calor — bastante calor. Uma mulher da idade de Grace com o couro cabeludo a cintilar por entre o cabelo seriamente enfraquecido convidou-a a sentar-se no sofá cerimonioso, decorado com uns círculos de renda brancos, e ela assim fez, reparando no material de leitura em oferta (*Psychology Today*, *Highlights*) e no livro com fotografias históricas de Pittsfield. Pegou nele e folheou-o: postais coloridos das fábricas da Stanley Electric, avenidas com elegantes casas vitorianas, algumas das quais ela tinha provavelmente passado pelo caminho, famílias a descontrair nos campos relvados e basebol — imenso basebol. Pelos vistos, Pittsfield fora sempre uma cidade muito ligada ao basebol. Não podia esquecer-se de contá-lo a Henry.

— Gracie — disse a voz de Vita. Era sem sombra de dúvida a voz de Vita, a comer algumas palavras, como se ela tivesse sempre meio fôlego a menos do que necessitava para completar a frase, e ela voltou-se, já a sorrir por dentro.

— Olá — cumprimentou-a Grace. Pôs-se de pé e as duas mulheres ficaram a olhar uma para a outra.

Vita fora sempre mais alta, da mesma forma que Grace fora sempre mais magra, e ambas as coisas continuavam a ser verdade, mas Vita tinha mudado drasticamente em todos os outros sentidos. O cabelo castanho que em tempos tinha estado limitado a um corte à tigela (a ideia da mãe de Vita de um penteado que ficava bem a toda a gente) estava agora comprido — muito comprido — e quase todo grisalho, e ela usava-o solto, ou melhor, não tinha propriamente um penteado. Os caracóis caíam-lhe à vontade por cima do peito e pelas costas abaixo, e era extraordinariamente tão inesperado que Grace demorou uns segundos para assimilar o resto. Envergava calças de ganga e botas de trabalho, uma camisa preta de manga comprida — bastante informal — e, por incrível que parecesse, um lenço *Hermès* enrolado ao pescoço. Grace deu por si a olhar fixamente para o lenço.

— Oh! — disse Vita. — Eu sei. Foi em tua homenagem. Reconhece-lo? Ela acenou com a cabeça, ainda sem conseguir falar:

— Comprámo-lo juntas, não foi?

— Pois foi. — Vita sorriu. — Quando a minha mãe fez cinquenta anos. Obrigaste-me a escolhê-lo em vez do jogo de batalha naval. E, claro, tinhas toda a razão. — Voltou-se para a mulher ao balcão da recepção, que estava a seguir a conversa com muita atenção. — Laura? Esta é a minha amiga Grace. Crescemos juntas.

— Olá — cumprimentou Grace.

— Olá — disse Laura.

— Escolhemos este lenço para o aniversário da minha mãe — disse

Vita. — Ela adorou-o. Eu nunca me enganava quando seguia os conselhos da Grace.

«Só em termos de roupa», pensou Grace.

— Queres vir até lá atrás? — perguntou-lhe Vita. Deu meia-volta e começou a andar. Grace seguiu-a até às traseiras da casa, depois subiram um lance de escadas estreitas e entraram no que parecia ter sido um quarto.

— É melhor avisar-te — disse ela, enquanto segurava a porta para Grace entrar —, para estares preparada. Vou abraçar-te. Está bem?

Grace deu uma gargalhada, o que era preferível à alternativa.

— Está bem — Grace conseguiu, por fim, dizer. E depois elas abraçaram-se. E quando o fizeram, ela quase se foi novamente abaixo. Foi um abraço demorado, sem hesitações, salvo a parte inicial e mesmo isso só da sua parte.

O gabinete não era muito grande. Tinha uma janela com vista para um dos edifícios de tijolo compridos e o respetivo parque de estacionamento, mas havia uma árvore, naquilo que em tempos devia ter sido o jardim das traseiras da casa, que obscurecia uma parte. Ela imaginava uma criança a morar ali, com fotografias de estrelas de cinema coladas nas paredes e cortinas debruadas com fita grega. Numa das prateleiras atrás da cadeira de Vita, entre os cadernos e revistas e pilhas de blocos de apontamentos, viam-se fotografias emolduradas de crianças.

— Queres um chá? — perguntou-lhe Vita. Saiu para o ir buscar e regressou minutos depois, com duas canecas.

— Estou a ver que continuas a beber *Constant Comment* — disse Grace.

— É realmente uma constante na minha vida. Andei com a mania do chá verde durante uns tempos, mas depois voltei a este. Sabes, aqui há uns anos dizia-se que iam retirá-lo gradualmente do mercado. Fartei-me de pesquisar na Internet, para saber se era verdade. Cheguei a escrever à Bigelow e eles juraram a pés juntos que não era verdade, mas por via das dúvidas comprei cerca de cem embalagens.

— Os tipos das empresas de chá não são de confiança — disse Grace, inalando. Numa lufada, o cheiro do apartamento delas em Cambridge voltou-lhe à memória.

— Podes crer. Que tipo de empresa é que ganha dinheiro com um produto chamado *Sleepytime*¹⁷? É óbvio que se passa algo de clandestino. Lembras-te daquela vez em que deixaram de fazer o perfume favorito da tua mãe? E o teu pai tentou contratar alguém para o recriar? Nunca mais me esqueci dessa. Se fosse hoje bastaria comprar uma série de frascos no eBay, mas naquela altura... Quando é que foi, por volta dos anos oitenta, não foi? Quando as coisas acabavam tínhamos de resolver o assunto pessoalmente. É comovente, não é?

Grace acenou com a cabeça. Comovente como uma peça de joalheria sempre que se tinha um caso amoroso com outra mulher. O que também era comovente, à sua maneira idiossincrásica. Há muito tempo que ela não pensava nessa história do perfume. Durante vários meses, nesse ano, tinha havido filas e filas de pequenos *testers* cor de âmbar provenientes do laboratório do perito: *Marjorie I*, *Marjorie II*, *Marjorie III*, etc. Após a morte da sua mãe, antes de os despejar pela sanita abaixo, ela tinha cheirado todos e eram absolutamente pavorosos. Mas sim, era comovente.

— Soube do teu pai — disse Grace. — Lamento imenso. Devia ter dito alguma coisa.

— Não, não. Tu tens desculpa. Ambas temos desculpa. Mas obrigada na mesma. Sinto imensa falta dele. Aliás, sinto muito mais falta dele do que estava à espera. Tornámo-nos muito próximos perto do fim. Eu sei... — Ela sorriu. — Ninguém ficou mais admirado do que eu. Bem, a minha mãe ficou mais admirada. Não parava de dizer: «Sobre o que é que vocês conversam naquele quarto?»

— Qual quarto? — perguntou Grace.

— Ele passou os últimos seis meses acamado. Iam umas enfermeiras lá a casa. Passávamos imenso tempo juntos, a conversar. Sabias que eles se tinham mudado para estas bandas? Bem, para Amherst. A minha mãe continua a morar lá. Está ótima.

— Oh, dá-lhe um beijinho meu, por favor.

— Tem uma vida muito interessante. Juntou-se a um círculo de tambores. Tornou-se Budista Zen.

Grace deu uma risada:

— Amherst é do melhor.

— Venderam o apartamento deles por um valor exorbitante. E no auge do mercado imobiliário. E foi tudo graças à minha mãe. Disse: «Vê-me bem estes preços, Jerry. Vamos mas é vender isto.» Por um apartamentozinho da treta!

— Na Quinta Avenida — lembrou-a Grace.

— Pois. Mas não era nada de especial. E era *perto* da Quinta Avenida.

— Mas tinha vista para o parque!

— Pois. — Vita acenou com a cabeça. — Há anos que não discutia o mercado imobiliário de Manhattan. Não é grande tema de conversa por estas bandas. Já tinha saudades.

Grace também, de certo modo. Nos últimos tempos andava a pôr a hipótese, ainda que remota, de vender a sua casa e, conseqüentemente, de nunca mais morar nela. Mas sempre que o fazia, custava-lhe imenso aprofundar a ideia.

— Há quanto tempo é que estás cá? — perguntou ela a Vita.

— Em Pittsfield? Desde 2000, mas antes disso morei em Northampton. Dirigia uma clínica de distúrbios alimentares no Cooley Dickinson Hospital.

Depois abriu uma vaga aqui em Porter para gerir o programa inteiro, o que era um enorme desafio. Como deves imaginar, aqui há muito menos apoio comunitário para os serviços de saúde mental do que em Northampton. A Pionner Valley é uma espécie de país encantado da saúde mental. Mas gosto imenso disto. Tive de convencer o resto da minha família, mas a coisa tem corrido bem.

A palavra atingiu Grace em cheio. Parecia-lhe incompreensível (mas, claro, totalmente óbvio) que Vita tivesse uma família que ela desconhecia por completo. Mas Grace também tinha a sua própria família! Quer dizer, tinha tido.

— Conta-me tudo sobre a tua família — pediu Grace, cheia de coragem, comportando-se como uma adulta.

— Oh, hás de conhecê-los. Claro que sim! Um dos motivos por que queria estar contigo era para te convencer a vir jantar lá a casa enquanto cá estivesses.

— Pois, parece-me que vou estar cá durante bastante tempo.

— Ainda bem. O teu pai não me soube dizer ao certo. Sei que tem havido muitas incertezas — disse Vita de forma simples, mas com um aceno de cabeça encorajador, e vagamente terapêutico, que Grace não pôde deixar de reparar. Tinham chegado ao cerne da questão: uma crise familiar de proporções absolutamente desastrosas havia arrastado uma das partes de uma amizade arruinada até à presença da outra parte, e a outra parte (que pelos vistos não tinha sofrido nenhuma crise familiar de proporções absolutamente desastrosas) estava a postos para proferir um comentário do estilo «Eu bem te avisei» ou «É o que acontece quando se desvaloriza aos meus conselhos» ou algo de conteúdo semelhante. E Vita estava a ser demasiado educada ou demasiado confiante para o dizer em voz alta. Mas devia estar a pensá-lo. Será que Grace não o pensaria também, se estivesse no lugar dela?

Ao pensar sobre esse assunto, ela concluiu: «Provavelmente não.»

Respirou fundo.

— Sim. Muitas incertezas. Tenho imensa coisa para resolver. Tenho um filho. Ele está cá comigo. É um miúdo fantástico.

— Já sei. — Vita esboçou um sorriso. — O avô é da mesma opinião.

— Anda na escola local. Sabias que a disciplina de Matemática do sétimo ano da Escola de Housatonic Valley está adiantada em relação à Matemática do sétimo ano de Rearden? Nunca me tinha apercebido do quão snobe eu era.

Vita deu uma risada:

— Eu própria também já tive a felicidade de o constatar. Tivemos de procurar uma escola privada para uma das minhas filhas, mas não porque achássemos que ela estivesse a ficar para trás. Havia outras questões e precisávamos de uma escola mais pequena. Para ela andar mais debaixo

de olho, entendes? Mas tenho a certeza de que Rearden preparou o teu filho...

— Henry — disse Grace.

— Henry. Tenho a certeza de que preparou o Henry para se sair bastante bem, onde quer que ele se matricule. Quando cheguei a Tufts foi quando percebi que tinha tido uma boa educação, porque assim que entrei comecei logo a aprender. Escolas como Rearden dão-nos as ferramentas necessárias. Que tal é que é ser-se mãe lá? — perguntou-lhe ela, com uma curiosidade genuína.

Grace, num gesto inconsciente, esboçou um sorriso:

— É a coisa mais estranha do mundo. Lembras-te da Sylvia Steinmetz?

Vita disse que sim com a cabeça.

— É a única do nosso tempo que tem uma filha no mesmo ano que o meu filho. É o mesmo que ter alguém bom da cabeça com quem poder falar na sala. Quanto ao resto... Oh, meu Deus, é só dinheiro. Nunca vi gente tão convencida na minha vida. Não estás bem a ver...

— Ah, estou sim. — Vita suspirou. — Continuo a receber o *New York Times*. Bem, não sinto falta nenhuma disso. Mas devo admitir que fiquei contente quando percebi que os meus filhos não iriam frequentar Rearden. Era tudo tão maravilhoso, tão utópico quando éramos miúdas. Aquela coisa dos filhos dos trabalhadores. Lembras-te?

Grace, a sorrir, começou a cantar:

*Que todos os trabalhadores aqui possam encontrar
A oficina para uma mente pensante trabalhar!*

Ainda se lembrava.

E depois lembrou-se de que Jonathan lhe tinha tirado isso também. Tinha matado mais uma mãe de Rearden. Henry jamais regressaria para Rearden, isso era por demais evidente, e Grace também jamais voltaria a esse lugar. Em termos comparativos, tratava-se de uma das perdas menos relevantes, mas por si só era bastante importante.

Ela perguntou pelos filhos de Vita, a Mona, uma aluna do 11.^o ano que andava numa escola privada em Great Barrington e que adorava natação, Evan, que tinha catorze anos e era obcecado por robótica, e Louise, que era tão afetuosa desde nascença que a família lhe havia dado a alcunha de «Lapa» e que estava agora, aos seis anos, a começar a revelar interesse pelo mundo exterior, em especial por tudo o que dizia respeito a cavalos. Vita era casada com um advogado especializado em processos ambientais. Os quais, mesmo depois do programa de limpeza da *Superfund*, ainda eram bastantes em Pittsfield.

— Vais conhecê-los — disse-lhe Vita. — Até ficares fartinha de nós todos.

— Não estás zangada comigo? — Grace ouviu-se a dizer, após o silêncio. Era um silêncio constrangedor, sim, mas não mais desagradável do que alguns dos silêncios que tinham existido antes. — Quero dizer, peço desculpa por estar a apontar o óbvio. Eu estava zangada. Tu já não estás zangada?

Vita suspirou. Estava sentada do outro lado da secretária, uma peça de mobiliário demasiado grande e feia, repleta de pilhas de pastas com várias cores.

— Não te sei dizer — respondeu-lhe ela, por fim. — Já não me sinto zangada. Ou, quanto muito, estou zangada comigo mesma. Aliás, estou zangada comigo mesma, sim. Acho que desisti com demasiada facilidade. Deixei-o expulsar-me da cidade. Deixei-te ficar mal, penso eu.

— Tu... — replicou Grace, estupefacta. — O quê?

— Deixei que o teu marido, que muito me transtornou e me preocupou, logo desde o momento em que o conheci, me separasse da minha querida e melhor amiga, e não lhe fiz frente o suficiente, ou, tanto quanto me recordo, nunca te disse exatamente o quão preocupada estava por causa dele. E isso é algo que jamais me perdoarei. E queria pedir-te desculpa por isso. Está bem?

Grace olhou-a fixamente.

— Não estou à espera de que me perdoes com um estalar de dedos, não te preocupes. Mas isto é algo que me tem perseguido. Graças a Deus que moro no Oeste de Massachusetts, onde as montanhas fervilham com terapeutas! Nem imaginas as vezes que me senti encorajada a entrar em contacto contigo para te explicar tudo isto. É evidente que não o fiz. Bem, dizem que nós, terapeutas, somos péssimos pacientes.

Ela deu uma pequena risada. Depois tentou de novo:

— Era muito mais do que simplesmente não gostar dele. O tipo com quem andaste no primeiro ano da faculdade era um palhaço de primeira e não tive qualquer problema em to dizer.

— Pois não — confirmou Grace, com um suspiro.

— E percebo porque é que te sentiste atraída pelo Jonathan. Tinha uma personalidade magnetizante, isso era mais do que óbvio. Era carinhoso e muito inteligente. Mas quando olhou para mim, logo nessa primeira noite, lembraste-te? Quando fui lá abaixo à tua procura e vocês estavam no corredor? Quando ele olhou para mim foi como se me dissesse: «Cuidadinho. Isto aqui é meu.»

Atónita, Grace limitou-se a acenar com a cabeça.

— E eu senti, logo de início, que ia ser uma questão muito, muito delicada. *Claramente* adversa. E primeiro ainda tentei começar do princípio. Começar do princípio e tentar gostar dele, percebes, ou pelo menos manter-me neutra. Mas não serviu de nada. Depois tentei esperar, para ver se começavas a sentir algumas das coisas que eu sentia, por ti mesma. Mas

isso também não aconteceu. E depois comecei a passar-me com a evolução da vossa relação. E tentei falar contigo sobre isso.

— Não, não tentaste — interrompeu-a Grace, mas assim que o disse, lembrou-se de uma noite em particular na primavera seguinte, quando eles tinham saído para ir beber *Scorpion Bowls*, por incrível que parecesse, porque era o aniversário de Vita e porque nunca tinham ido, e parecia-lhes algo que deviam fazer pelo menos uma vez enquanto estivessem a morar em Cambridge. Nessa noite... era difícil recordar todos os pormenores. Era difícil recordar fosse o que fosse, exceto, surpreendentemente, o baque da combinação do *gin*, com rum e *vodka*.

— Tentei, sim — disse Vita, mas não num tom indelicado. — Não estou a dizer que fiz um esforço imenso. Mas tentei. Talvez não seja o tipo de coisa que se tente num estado de embriaguez, mas se não fosse a embriaguez talvez nem sequer tivesse tentado. Pedi-te para enumerares o que é que gostavas nele e depois pedi-te para me dizeres como é que sabias que cada uma dessas coisas correspondia à verdade. E tu respondeste-me mais ou menos isto: «porque sim». E depois perguntei-te porque é que pensavas que ele não se dava com a família. Porque é que parecia não ter amigos. Perguntei-te se não te preocupava a rapidez com que ele se havia tornado a pessoa mais importante da tua vida. Perguntei-te se a razão por que ele te parecia tão perfeito era porque tu lhe tinhas dito qual era a tua ideia de perfeição e, como tal, ele tinha-te dado exatamente o que querias, e lembro-me de...

— Espera aí — disse Grace —, e porque é que isso é errado? Encontrar uma pessoa que te dá exatamente o que pretendes dela? Não era isso que procurávamos? Alguém assim?

— Sim — retorquiu Vita, olhando com tristeza para a caneca agora vazia. — Isso foi o que disseste na altura. O mesmo que acabaste de dizer agora. Mas no caso dele não era tão simples como isso. Não havia nada simples em relação a ele. Ou talvez agora, em retrospectiva, seja possível percebê-lo com clareza. Interroguei-me imensas vezes: «Mas porque é que eu não gosto dele? Ela gosta dele! E ela é mais inteligente do que eu.»

— Isso não é verdade, Vita — respondeu Grace, como se a questão fosse importante.

— Bem, eu achava-te mais inteligente. Na altura sentia-me bastante burra. Para já, não era capaz de explicar o que achava que estava errado. Na altura não fui capaz. O Jonathan era giro. Por amor de Deus, andava na Faculdade de Medicina de Harvard e tudo! Ia ser pediatra. Nunca bebia nem fumava, ao contrário de nós, se bem te lembras.

— Lembro, lembro.

— E só estava interessado em ti. Quer dizer, logo desde o início. Era só Gracie, a toda a hora. Por isso comecei a perguntar-me: «Será uma questão de ciúmes? Estarei com ciúmes do que eles têm?» Mas eu tinha

namorado na altura, lembras-te? Ele também lá estava nessa noite.

— O Joe — replicou Grace, claramente. — É claro que me lembro.

— Portanto não era isso. Depois lembrei-me do *Children's Hour*¹⁸ e comecei a pensar: «Haverá aqui alguma coisa que eu deva ter em consideração?» Mas também não era isso.

— Oh, Vita... — disse Grace. Não conseguiu evitar sorrir perante a ideia.

— A sério. Eu... estava ansiosa para compreender porque é que me incomodava tanto. Cheguei a ir ao centro de aconselhamento terapêutico de Tufts, mas eles disseram-me: «É normal que nos custe quando os nossos amigos deixam de ter tempo para nós.» Mas eu sabia que não era essa a questão. Era o Jonathan. Ele fazia disparar o meu coração, mas não no bom sentido. E eu não era capaz de perceber porquê. Na altura não era — acrescentou ela, sombriamente —, mas agora acho que já sou.

Agora era a vez de o coração de Grace começar a bater furiosamente. Elas agora encontravam-se paradas à porta, pensou ela. Estavam à porta, que ainda se encontrava fechada, mas que estava a abrir-se também, e do outro lado da porta havia uma palavra que até esse momento ela tinha expulsado para um lugar longe da sua própria percepção. Não estava preparada para isso. Não queria isso. Procurou freneticamente uma forma de evitar que acontecesse. Não estava minimamente preparada para a existência dessa palavra.

— Bem — respondeu Grace, de uma forma inapropriadamente descontraída —, a retrospeção proporciona-nos uma visão fantástica sobre os assuntos. Estamos sempre a aprender.

— Sabes — disse-lhe Vita, com cautela —, tenho a certeza de que acontece tanto com os teus pacientes como também com os meus, mas às vezes quando as pessoas aparecem cá vêm completamente subjugadas pelo «Grande Erro» que sentem que cometeram e que conduziu à crise por que estão a passar. É assim que eu o vejo sempre: o «Grande Erro». Regra geral, é a primeira bebida ou a primeira experiência com drogas. Às vezes é uma relação. Ou o «Grande Erro» é dar ouvidos aos conselhos errados de alguém. E o que quer que aconteça posteriormente remonta tudo a esse momento ou a essa decisão, e eles teriam ficado bem se ao menos dessa vez não tivessem estragado tudo. E eu fico aqui sentada a pensar: «É sempre isso que acontece numa história ou num filme, mas as vidas reais não são assim.» Nem sempre se trata dos tais dois caminhos no tal bosque em setembro, sabes?¹⁹ E muitas vezes, independentemente do que tivermos feito na encruzilhada, acabamos sempre onde nos encontramos agora. Não estou a dizer que não foi um erro, só que é mais complicado do que isso. Não tens de ficar zangada contigo própria por causa de uma decisão que trouxe coisas fantásticas à tua vida. O teu filho, por exemplo.

Mas Grace não mordeu o isco. Sim, o filho dela era fantástico. Não, ela

não se arrependia de uma única decisão que tinha tomado, pois não obstante a destruição em massa que havia causado, tinha ajudado a trazer Henry ao seu mundo e à sua vida. Mas distraíra-se com o que Vita tinha acabado de dizer, porque o que Vita tinha acabado de dizer era precisamente o oposto da sua própria perspectiva terapêutica, pelo menos na sua vida anterior como terapeuta. Porque ela encarava realmente as vidas humanas como uma série de decisões importantíssimas, algumas das quais podiam generosamente conceder-nos uma segunda oportunidade, mas muitas delas pura e simplesmente não. Quanto a esses pacientes que apareciam diante dela já agarrados a esse «Grande Erro», a grande maioria sabia exatamente o que tinha feito. Às vezes estavam um pouco iludidos — às vezes o paciente já estava a descer velozmente o caminho errado nesse mesmíssimo bosque de outono quando chegava ao que tinha decidido ser o seu «Grande Erro» —, mas no geral, sim, o seu trabalho enquanto terapeuta tinha frequentemente implicado regressar a esse momento de erro de percepção e era uma parte extremamente importante do seu trabalho mostrar-lhes exatamente onde é que ficava essa encruzilhada. Porque somente ao fazê-lo e ao assumir a responsabilidade disso é que as pessoas conseguiam seguir em frente.

Seria *culpa*? Bem, *culpa*, era um pouco forte demais. A culpa podia ser contraproducente. Mas a junção de uma decisão com a seguinte e a outra a seguir a essa até criar uma narrativa clara, uma trama para a vida à medida que esta ia sendo vivida, será que ela acreditava nisso?

Oh, sim. Oh, sem dúvida.

Por isso é que ela tinha desejado tanto poder dizer aos seus pacientes e dizer-lhes — se possível — antes de eles se *tornarem* seus pacientes. *Não cometa o Grande Erro.*

«Como eu fiz», pensou ela agora.

— Se calhar preciso de um terapeuta — disse ela, como se Vita tivesse estado a acompanhar o seu raciocínio.

— Se calhar precisas — respondeu-lhe Vita, calmamente. — Conheço uns fantásticos por estas bandas.

— Nunca o fiz — confessou Grace. — Tivemos de o fazer no mestrado, claro. Mas de resto, nunca mais o fiz. — Pensou no assunto durante uns instantes. — Não achas estranho?

— Estranho? — Vita franziu os lábios. — Não mais do que um dentista que não utiliza o fio dental. Só estou um pouco admirada.

— Presumo que já tenhas feito terapia, então.

— Oh, imensa, sim. Uns terapeutas melhores do que outros, mas foi sempre bastante útil. A Louise não existiria se eu e o Pete não tivéssemos encontrado um bom terapeuta de casais. Estou muito grata por isso. — Ela olhou-a com firmeza do outro lado da secretária. — Gracie?

Grace olhou para ela. Vita tinha-a tratado por «Gracie». Mais ninguém

o fazia. Quando Vita saíra da vida dela, o diminutivo tinha partido com ela e isso fora muito triste. A mãe de Grace contara-lhe que a sua avô, em homenagem a quem ela tinha sido batizada, também tinha o diminutivo «Gracie».

— Cometi um Grande Erro — afirmou ela, com tristeza. — Não tenho qualquer autoridade para dizer às outras pessoas o que fazerem com a vida delas. Nem percebo como posso ter tido a lata de o fazer.

— Oh, que disparate — retorquiu Vita. — As pessoas podem precisar de bondade por parte dos terapeutas delas e podem precisar de aprender a ser mais bondosas com elas próprias, mas também precisam de clareza de espírito. Tu tens imenso jeito para isso. És uma terapeuta fantástica.

Grace ergueu o olhar para ela, com uma expressão dura.

— Tu sabes lá — disse ela. — Quando eu estava a fazer o mestrado já não nos falávamos. Como é que sabes que tipo de terapeuta é que eu fui?

Vita rodou na cadeira pesada. Perante o olhar de Grace, estendeu o braço e pousou a mão em cima de um objeto que ela reconheceu de imediato, mas que era tão inesperado que não compreendia como é que podia estar ali, nessa sala. Ou por que razão ainda não o tinha visto.

— Isto — disse-lhe Vita, pousando o manuscrito encadernado em cima do tampo da secretária — é um excelente trabalho.

«Meu Deus», pensou Grace. Talvez o tivesse proferido em voz alta. O manuscrito estava longe de parecer imaculado; era evidente que tinha sido lido, possivelmente mais do que uma vez. Era a primeira vez que via um manuscrito do seu livro que já tinha sido lido, com as páginas folheadas e alguns cantos dobrados. Quantas vezes é que ela tinha imaginado, como a maioria dos autores devia imaginar, ver um estranho — no metropolitano, por exemplo — a ler um livro escrito por ela? Imaginara os colegas de profissão a lerem o livro dela, a desejar terem-se lembrado do mesmo. Imaginara os seus professores a lerem, a aprenderem algo com ela, a antiga aluna deles. Mama Rose, em especial. Ela imaginava Mama Rose na residência dela, sentada numa das enormes almofadas *kilim* de chão, com o manuscrito aberto em cima do colo, a acenar com a cabeça à medida que lia e a deixar-se convencer por Grace, a antiga aluna dela, agora sua igual, quase uma professora! Mas isso não tinha acontecido. Já nada disso iria acontecer.

— Não percebo. Como é que tens isso? — perguntou ela a Vita.

— Escrevo críticas para a *Daily Hampshire Gazette*, sempre que têm um livro sobre Psicologia. Mas este, tenho de ser sincera, fui eu que pedi para rever. Estava cheia de curiosidade. Mas fiquei completamente abismada, Gracie. E se me perguntares se concordo com tudo o que escreveste, respondo-te já que não, é claro que não, da mesma maneira que tu jamais concordarias com tudo o que eu escrevesse num livro. Mas o que transparece é a tua preocupação com os teus pacientes e a tua

inteligência em relação à forma como nós nos metemos em alhadas. Isto é algo muito precioso.

Ela abanou a cabeça:

— Não, não é. Sou só eu a dizer às pessoas que fizeram asneira. Sou só eu a ser uma cabra antipática.

Vita atirou a cabeça para trás e deu uma gargalhada, e o cabelo dela — esse cabelo comprido e a ficar grisalho — caiu-lhe sobre a camisa preta qual ondulação de prata. Riu-se durante o que pareceu ser imenso tempo, decerto muito mais do que a ocasião justificava.

— Achas que tem piada? — perguntou Grace, por fim.

— Sim, imensa piada. Estava aqui a pensar que, para mulheres como nós, é mais insultuoso chamarem-nos simpáticas do que antipáticas.

— Mulheres como nós?

— Fortes, antipáticas, feministas, mulheres nova-iorquinas. Como nós. Não é assim?

— Ah, bem... — Grace esboçou um sorriso. — Se tu o dizes.

— E a verdade é que o mundo está cheio de terapeutas que mandam as pessoas sentar-se, ficam-lhes com o dinheiro, massajam-lhes os egos e depois mandam-nas à vida delas, sem sequer as ajudarem a compreender o papel que tiveram na criação da circunstância que as levou lá.

Grace acenou com a cabeça. Isso era totalmente verdade.

— É do estilo: «Vamos lá ver quem é que vamos culpar, depois culpamo-lo e o assunto fica arrumado.» Precisamos de mais terapeutas desses? Não, não precisamos. Eles ajudam alguém? Bem, às vezes. Tudo serve para ajudar alguns pacientes, às vezes. Mas como alguém que trabalha com pacientes que se debatem com vícios terrivelmente poderosos, deixa-me que te diga que dar-lhes apenas bondade é o mesmo que lhes dar uma refeição requentada e depois mandá-los ir matar um dragão.

Ela recostou-se na cadeira giratória e pousou os pés na parede. Via-se uma marca escura nesse mesmo sítio.

— Sinceramente, penso que a questão da bondade é o mais simples. A maior parte das pessoas é bondosa por natureza, portanto a maioria dos terapeutas é bondosa, logo à partida. Mas ajudar realmente os nossos pacientes é muito mais do que isso. Talvez tu, Grace, funciones melhor no extremo oposto. *Ótimo*. Porém, podes dedicar-te um pouco mais à bondade, digamos que ao longo da tua carreira. É algo que podes ir fazendo. Mas a verdade é que tens imenso para oferecer. Quando estiveres preparada, quero eu dizer.

— O quê? — Grace franziu o sobrolho.

— Quando estiveres preparada para recomeçar. Posso ajudar-te, se quiseres. Quer dizer, posso apresentar-te a algumas pessoas. Trabalho com uma série de clínicas de terapia de grupo em Great Barrington, por

exemplo.

Havia algo em relação à situação que Grace não estava a conseguir interiorizar. Passados uns segundos, desistiu e tornou a perguntar:

— O quê?

Vita endireitou-se na cadeira:

— Gostava de te ajudar. Pode ser?

— Ajudar-me a entrar para uma terapia de grupo em Great Barrington?

— respondeu ela, atónita. Até esse momento, não se tinha apercebido do quão desassociada estava da sua identidade enquanto terapeuta. Tinha-a posto em cima de uma massa de gelo flutuante e tinha-a visto afastar-se, sem sequer se despedir dela com um aceno.

O que significava que ela própria se encontrava abandonada em cima de uma massa de gelo, possivelmente já a começar esse declínio longo e flutuante que tanto havia fascinado Jonathan. Na história, a que ele tanto adorava, sobre o homem e o cão e o fogo elusivo, o homem faz uma única e atemorizada tentativa de sobrevivência antes de desistir, deixando que o frio doce e dormiente o roube à vida, mas o cão segue em frente, em busca de outro homem e de outro fogo, sem se preocupar com ele. Não se martiriza com a situação. Está programado para viver. Jonathan também era assim, calculou ela. Se um cenário não corria bem, avançava-se por entre a neve rumo ao próximo.

Grace olhou para Vita. Já não se lembrava de qual tinha sido a pergunta ou se Vita lhe tinha respondido.

— Não sei — consegui dizer. — Ainda estou a tentar perceber muita coisa.

Vita sorriu:

— Tudo bem. A oferta fica em aberto. É que... estava com receio de que estivesse a precisar de uma velha amiga e que não te apercebestes que tinhas uma a morar no estado ao lado. Aquilo por que estás a passar não deve ser nada fácil, Grace.

Após mais uns segundos ela acrescentou, um pouco atrapalhada:

— Não sei se te disse, mas continuo a receber o *New York Times*.

Grace olhou para ela. Estava à procura de um sinal de condenação, de manifesta *schadenfreude*²⁰ até. Mas no rosto de Vita apenas viu essa pernicioso fraqueza humana conhecida como «bondade».

Não sabia o que dizer.

E que tal: *Obrigada?*

— Obrigada — disse Grace.

— Oh, não me agradeças, eu é que agradeço poder estar na mesma sala que tu, quero fazer tudo o que for possível para te manter aqui. Metaforicamente, claro. O mais certo é teres onde ir.

Grace disse que sim com a cabeça. Tinha efetivamente onde ir. Tinha de ir buscar Henry à Escola Regional de Housatonic Valley e levá-lo a

comer piza em Lakeville. Pôs-se de pé e, quase de imediato, sentiu-se terrivelmente pouco à vontade.

— Bem, foi muito agradável.

— Oh, deixa-te disso — respondeu-lhe Vita, saindo de trás da secretária. — Desta vez também é preciso avisar-te? Ou posso simplesmente dar-te um abraço?

— Não — disse Grace. Tinha vontade de rir. — Continuo a precisar do aviso.

15 *Lyric* significa «lírica» e/ou «letra de música». (NT)

16 *Prudie* é o diminutivo do nome *Prudence*, que significa literalmente «prudência». (NT)

17 Literalmente «hora de fazer ó-ó». (NT)

18 Filme que conta a história de uma aluna rica e mimada, que anda numa escola privada em Inglaterra e que acusa as duas professoras que dirigem a instituição de terem um relacionamento lésbico. (NT)

19 Referência ao poema «O Caminho Menos Percorrido», de Robert Frost. (NT)

20 *Schadenfreude* é uma palavra de origem alemã que designa o sentimento de alegria pela infelicidade ou pelo sofrimento alheio. (NT)

CAPÍTULO VINTE

DOIS DEDOS A MENOS

Robertson Sharp III tinha preferido não se encontrar com ela no gabinete dele, por razões que Grace não estava minimamente interessada em saber, mas quando ele chegou — tarde — ao encontro marcado, ainda mal se tinha instalado à mesa quando começou a confessar a extensão do seu conflito interior.

— Quero que saiba — disse-lhe ele, bruscamente — que o conselho não tem qualquer interesse em que falemos um com o outro. — Em seguida, como se o que tinha dito fosse mais do que suficiente, pegou na ementa e começou a estudá-la.

A ementa era vasta. O sítio que ele tinha escolhido era o Silver Star, no cruzamento da 65th com a Second, um restaurante tão eterno que em tempos ela tinha acabado com um namorado sentada a uma das mesas do outro lado da sala. Havia um balcão comprido onde se podia pedir uma bebida à moda antiga e pouco imaginativa (como um uísque com soda ou um *cocktail* de *gin* com lima), e, junto à porta, havia uma vitrina giratória repleta de bolos e *éclairs* e mil-folhas gigantes.

Grace não lhe respondeu; não achava que fosse preciso e também não queria ser hostil sem necessidade. Ele estava a fazer-lhe um favor, ainda que o conselho de administração não tivesse objetado. Estava grata por ele estar ali com ela — a mulher de um antigo funcionário, um funcionário que tinha sido despedido! Embora também sentisse vontade de lhe dar um pontapé por baixo da mesa.

Sharp era um homem corpulento, com as pernas compridas, bem vestido com um laçarote azul e uma camisa com riscas brancas e castanhas muito finas, por cima da qual envergava um casaco branco muito limpo e muito bem engomado. O nome dele — o nome verdadeiro, não a alcunha que Jonathan lhe tinha atribuído — estava bordado no bolso do peito do casaco, do qual espreitavam duas canetas e um telemóvel. Então, num tom simpático o suficiente, como se o primeiro comentário tivesse sido proferido num encontro totalmente diferente, ele perguntou-lhe:

— O que é que vai escolher?

— Oh, talvez uma sandes de atum. E você?

— Parece-me bem. — Ele fechou a pesada ementa plastificada e

largou-a em cima da mesa.

Em seguida, olharam um para o outro.

Robertson Sharp III, conhecido há muitos anos em casa dela como «A Poia», médico assistente graduado de Jonathan durante os primeiros quatro anos de trabalho dele no Memorial, e posteriormente chefe do serviço de pediatria, parecia ter esquecido por instantes da razão por que se encontrava ali. Depois pareceu recordar-se:

— Foi-me dito para não me encontrar consigo.

— Sim — respondeu Grace, num tom moderado. — Já mo disse.

— Mas achei que se você tinha sentido a necessidade de vir ter comigo pessoalmente, então tinha todo o direito a qualquer informação que eu lhe pudesse facultar. Como é óbvio, isto tem sido uma experiência horrível para si. E... — Ele pareceu vasculhar a sua própria base de dados, à procura de qualquer informação disponível, mas não encontrou nada — ... para a sua família também.

— Obrigada — replicou Grace. — Tem sido, sim, mas nós estamos bem.

O que correspondia à verdade, pelo menos no que dizia respeito à «família» dela. Henry, por estranho que parecesse, adorava a escola nova e tinha um pequeno grupo de amigos, todos apaixonados por Anime japonês e pela escola de cinema de Tim Burton. Tinha entrado em contacto, pessoalmente, com a equipa de basebol local e estava agora ansiosamente à espera de uma oportunidade para fazer uns treinos à experiência numa coisa chamada Lakeville Lions, além de que parecia inclusivamente ter-se adaptado ao frio, embora tivesse pedido, nessa mesma manhã enquanto viajavam de carro em direção à cidade, que ela fosse a casa buscar a roupa mais quente dele. Porém, Grace tinha demorado mais tempo do que o previsto a chegar a Manhattan e tivera de deixar Henry em casa do pai dela e de Eva e ir diretamente para o restaurante.

Apareceu um empregado de mesa, um homem forte de nacionalidade grega que não podia ter sido mais caloroso. Grace, para além da sandes, pediu um chá que chegou minutos depois, com o saco, ainda envolto no envelope de papel, pousado na borda do pires.

Mesmo nesses escassos minutos ela tinha decidido que o Dr. Sharp devia ser ligeiramente autista. Inteligente, sem sombra de dúvida, mas com acentuadas deficiências sociais. Não a olhava nos olhos exceto quando estritamente necessário e mesmo isso só para enfatizar algo que ele próprio estivesse a dizer, não para melhor interiorizar o que ela estava a dizer. Na verdade, ela não estava a dizer muita coisa. Não precisava de o fazer. Sharp, tal como Jonathan havia insistido, adorava o conteúdo da sua própria mente, bem como a voz que partilhava esse conteúdo com o resto do mundo. Ele começou, sem grande tato, a discutir o que há muito considerava ser «o problema» de Jonathan Sachs, Doutorado em Medicina,

enquanto ela o escutava — fazia um esforço tremendo para o escutar —, pois era tudo o que podia fazer para não saltar em defesa de Jonathan.

Já não há mais Jonathan para defender, Grace tentou mentalizar-se. Mas isso não a fazia sentir-se melhor.

— Eu não o queria contratar. Imagina o calibre de candidatos que entrevistamos, claro.

— Claro — respondeu Grace.

— Eu quis passar por cima do Chefe de Serviço de Medicina Interna. Ele é que o queria. Ficou deslumbrado com o tipo.

Grace franziu o sobrolho.

— Certo — disse ela, por fim.

— E eu percebo isso. A sério que sim. Uma pessoa conhecia o Sachs e pensava: «Caramba, este tipo tem uma personalidade e peras.» E permita que lhe diga uma coisa: é impossível ser-se médico e não se ter o mais profundo respeito pelo poder do placebo. Muitas coisas podem ser o placebo. A personalidade pode ser o placebo. Eu aprendi isso com um cirurgião. Em Austin, onde trabalhei como médico internista. Ele tinha-se especializado numa operação muito, muito complicada, um tipo de tumor que se aloja na aorta. Está a ver a aorta?

Em seguida, olhou para ela, mais ou menos pela primeira vez desde que se tinha sentado. Esse ponto, obviamente, era importante o suficiente para isso.

— Sim, claro.

— Muito bem. Portanto tenho pessoas a irem a Austin, no Texas, vindas de todo o mundo, para serem operadas por esse cirurgião em particular e fazem elas muito bem, pois ele é um dos melhores cirurgiões do planeta no que diz respeito a essa operação em específico. E a minha questão é a seguinte: esse cirurgião não tem dois dedos da mão esquerda. Foram esmagados por um pedregulho quando ele era miúdo. Num acidente de alpinismo.

— Certo — disse Grace. Estava a tentar seguir o raciocínio, tentando estabelecer uma ligação entre o que ele estava a dizer e o que ela calculava que estivessem ali para discutir, mas também a questionar-se se o poderia interromper. Não estava minimamente interessada num cirurgião de Austin, no Texas.

— Ora bem. Quantas pessoas é que você acha que olharam para a mão do cirurgião e pensaram: «Desculpe lá, mas prefiro que a mão que vai entrar no meu coração para retirar um tumor tenha os dedos todos» e foram arranjar outro cirurgião?

Grace ficou à espera. Depois apercebeu-se de que ele estava realmente à espera de que ela respondesse.

— Não faço ideia. Nenhuma? — Ela deu um suspiro.

— Nem uma. Nem um único paciente ou familiar de um paciente. Ele

tinha uma personalidade incrível. Tinha uma personalidade que só por si funcionava como uma droga. Placebo! Percebe o que estou a tentar dizer? Eu nunca tive nada disso.

«Oh, não me diga!», pensou Grace.

— Não que isso tenha alguma coisa a ver com a presença da ciência ou com a revelação dos diagnósticos. Essas eram as coisas que realmente importavam, uma geração atrás. Mas o seu marido surgiu numa altura muito particular. Há muitos anos que os pacientes andam a tentar dizer-nos isso e agora, pela primeira vez, estamos a tentar dar-lhes ouvidos. Quer dizer — ele riu-se, essencialmente para si mesmo —, estamos a *tentar* dar-lhes ouvidos. Estamos a tentar pensar em termos do tratamento do paciente e não apenas do tratamento da doença em si, se é que me faço entender.

«Será?», questionou-se Grace. Mas ele não estava a olhar para ela, pelo que não teve de dizer nada.

— Nos anos oitenta, inícios dos anos noventa, estávamos a olhar para os nossos umbigos, a interrogar-nos sobre o que definia um bom médico e um bom hospital. Sabe, o paciente ou mesmo um familiar dele não devia ter de perseguir o médico corredor fora para lhe perguntar o que é que tinha querido dizer ou o que é que isso significava para o paciente. E na pediatria ainda menos. Os familiares não estão preocupados só com eles, têm também de pensar em como a criança vai reagir ao que o médico está a dizer ou à linguagem corporal dele. Estávamos sempre a ouvir isso por parte dos pais e estávamos a tentar repensar toda a nossa abordagem. E depois apareceu o Jonathan Sachs, acabado de chegar de Harvard.

Ele estava a olhar, claro, não para ela enquanto falava, mas para o empregado de mesa do outro lado da sala, que se aproximava com dois pratos idênticos. Não tirou os olhos do empregado e recostou-se na cadeira assim que o prato chegou. Grace agradeceu.

— E deixei-me convencer pelo Chefe de Serviço de Medicina Interna. E, surpresa das surpresas, o Sachs é altamente popular junto dos seus pacientes. Eles adoram-no. Recebemos cartas fervorosas. «Foi o único médico que se deu ao trabalho de criar uma relação connosco e com o nosso filho.» «Os outros médicos nem sequer sabiam os nossos nomes ao fim de quatro meses de internamento.» Um tipo contou-nos que o Sachs tinha comprado um boneco de peluche no aniversário do filho dele. Portanto, tudo bem, não me importo de assumir que estou errado. Não preciso de ser uma autoridade em tudo. Ser um bom médico não é só saber o que fazer — disse ele. Estava a mastigar o *pickle* de funcho com dentadas tudo menos delicadas. — Quando se tem uma criança doente é muito reconfortante sentir que há uma personalidade forte em controlo da situação. Conheci uma série de médicos diagnosticadores inteligentíssimos, grandes adeptos da elaboração de um bom plano de tratamento. Não eram grandes comunicadores, não com os pais e muito menos com as crianças.

— Ele pareceu ficar algo pensativo depois de proferir essas palavras e Grace ficou estupefacta com a indiferença dele perante as próprias deficiências. Esse facto só por si era uma espécie de estratégia de sobrevivência, pensou ela.

— Quando se dá a escolher, ao pai de uma criança doente, entre um médico que possivelmente nem olha para eles e um médico que se senta com eles e diz: «Senhor e Senhora Jones, estou aqui para tornar a vida do vosso filho mais confortável», qual é que acha que eles vão escolher? Você tem filhos, não tem?

Agora ele estava a olhar para ela. Agora era ela que desejava poder desviar o olhar.

— Sim. Temos um filho. O Henry.

— Exato. — Ele continuou a falar, uma mão a segurar a sandes de atum no ar, à esquerda da boca. — Imagine que o Henry está hospitalizado. Que tem... digamos que um tumor. Um tumor cerebral, por exemplo.

Grace, sentindo uma fraqueza súbita, limitou-se a olhar para ele.

— Que tipo de médico gostaria de ter? Um médico que estabeleça uma relação convosco, certo?

Ela teria respondido: *Aquele que o curar, bardamerda para a personalidade*. Mas estava a tremer só de imaginar Henry com um tumor cerebral numa enfermaria do Memorial e estava irritada com o facto de Sharp — Sharp «A Poia», de facto! — a ter feito passar por isso com tamanha leviandade.

— Bem... — disse ela, tentando ganhar algum tempo.

— Mas a verdade é que, se pensarmos em termos do desempenho geral da equipa hospitalar, que é a soma de todos os talentos individuais com o objetivo de servir o paciente, então mais vale termos um Sachs, para além de alguém como o Stu Rosenfeld ou o Ross Waycaster. Esse apareceu no mesmo ano. O Stu também. Era o supervisor do Jonathan.

— Eu lembro-me — retorquiu Grace, ao mesmo tempo que tentava respirar. Deu uma dentada na sandes, à experiência. Estava carregada de maionese, mas ela já estava à espera disso. — Está-me a dizer que o Jonathan tinha uma espécie de... deficiência. Como ter uns dedos a menos. Mas como tinha uma grande personalidade, as pessoas passavam por cima disso?

— Ele tinha uma deficiência enorme — respondeu-lhe Sharp, soando algo ofendido. — Muito mais profunda do que a falta de dois dedos. Não estou a dizer nada que você já não saiba. Afinal de contas, esta é a *sua* área. Correto?

«Não», pensou Grace. Mas mesmo assim acenou com a cabeça. — Quando é que tomou uma decisão em relação a ele?

— Oh!... — Ele encolheu os ombros, como se essa fosse a parte menos importante. — No final do segundo ou do terceiro ano. Tinha

começado a ouvir uns zunzuns. Não da parte dos pacientes, nem dos familiares. Esses adoravam-no, como já lhe disse. Mas eu não era o único que andava incomodado por causa do tipo. As enfermeiras não gostavam nada dele. Duas delas vieram ter comigo imediatamente antes de ele ter começado a trabalhar como internista, mas sem nada de muito concreto. Nem sequer era algo que pudesse incluir no ficheiro dele. Limitei-me a enviar um *email* para mim mesmo sobre o assunto e esperei que nunca tivesse de voltar a ele.

— Qual era... — perguntou Grace, com rispidez, e depois calou-se até ele ser obrigado a olhar para ela. — Qual era a queixa?

— Oh, nada por aí além. Que ele era arrogante, blá blá blá. Não era a primeira vez que uma enfermeira me dizia isso em relação a um médico.

Grace surpreendeu-se a si mesma ao rir-se:

— Pois, calculo que não.

— Namoriscava com algumas das mulheres. Elas não gostavam nada. Bem, algumas não gostavam nada e outras se calhar até gostavam.

Mesmo depois disso, reparou ela, ele não se deu ao trabalho de a encarar.

— Mas nada de concreto, no meu entender, por isso esqueci o assunto. Vamos lá ver, tenho outras personalidades grandes no meu serviço. Sabe que as pessoas muito tímidas não se tornam oncologistas, pelo menos aqui. Temos gerações inteiras que nunca foram afetadas por esse complexo de superioridade, e que continuam a seguir as velhas regras, no hospital inteiro. No setor inteiro! — insistiu ele, como se ela o tivesse provocado.

Mas depois, sem se conseguir conter, ela fez isso mesmo:

— Não me parece que o Jonathan tivesse um complexo de superioridade. É isso que está a insinuar?

— Não, não... — Ele abanou a cabeça. — Bem, posso tê-lo pensado no início, mas observei-o durante imenso tempo. Principalmente porque tinha de o fazer, porque ele era um foco popular, era alguém em quem a minha atenção estava sempre a incidir. E comecei a perceber que ele era um tipo que não só se *comportava* de maneira diferente com pessoas diferentes como também era diferente de acordo com a pessoa com quem estava. O Stu Rosenfeld nunca disse uma palavra negativa em relação a ele. E deu apoio aos pacientes do seu marido durante vários anos.

— Eles substituíam-se um ao outro — corrigiu-o Grace.

— Não. Outra pessoa substituíra o Rosenfeld. Pessoas diferentes. O Sachs safou-se de o fazer, por alguma razão. Não substituiu ninguém, durante muitos anos, mas eu nunca soube isso pelo Rosenfeld. Ele tinha um ponto fraco no que dizia respeito ao seu marido, como muitos dos outros médicos. É como lhe digo, eu próprio fiquei fascinado com o tipo. Quase comecei a gostar dele.

«Pois, mas o sentimento não era mútuo», pensou Grace. Pegou numa das batatas fritas do seu prato, olhou para ela e tornou a pousá-la.

— Mas o que me fez finalmente tomar uma decisão foi o artigo na revista *New York* sobre «Médicos de Topo». Sabe o que é que ele disse?

Era claro que Grace sabia o que é que ele tinha dito. Tinha lido o artigo inúmeras vezes. Mas isso não parecia ser relevante.

— Disse que era um privilégio poder entrar na vida das pessoas no pior momento, numa altura em que elas desejavam poder afastar toda a gente. Mas não o podiam fazer, porque se tratava de gente que podia salvar o filho delas. E como ele se sentia honrado e mais humilde por isso. E eu li isso e disse para mim mesmo: «Ah! Era isso mesmo.» Só que ele não ficava mais humilde, isso sabia eu. Ficava alguma coisa, sim, mas não era humilde.

Grace limitou-se a olhar para ele.

— Não percebo o que é que está a dizer — acabou por comentar.

— O que eu quero dizer é que ele vibrava com a situação, com o facto de ser o foco de emoções intensas. Vibrava imenso com isso. Mesmo quando não podia ajudar o paciente. Mesmo quando não conseguia *salvar* o paciente, percebe o que estou a dizer? Ele não queria saber disso para nada. A questão era a emoção de que estava a ser alvo. Penso que era fascinado pelas emoções. Bem — disse ele, com imensa descontracção —, aqui a psiquiatra é você. Sabe bem a que é que me refiro.

Ela estava a ter dificuldade em concentrar-se. Obrigou-se a olhar fixamente para Robertson Sharp III. Deu por si a fitar o espaço entre as sobranceiras dele, que eram uma espécie de sobranceira única. Não era bonito de se ver, mas era curioso de se olhar.

— Não percebo porque é que acham que é impossível ter-se um psicopata a trabalhar num hospital. Porque é que havíamos de ser imunes? Os médicos são assim tão santinhos? — Ele riu-se. — Não me parece. — Não estava a olhar para ela. Não era importante como a questão da aorta tinha sido importante, calculou ela. E ele não era propriamente o tipo de pessoa para reparar que ela estava algo atrapalhada. Em primeiro lugar, não conseguia respirar como deve ser. A palavra, proferida tão despreocupadamente, tinha-a trespassado como uma lança. E depois ele tornou a dizê-la. — Afinal de contas, um psicopata é uma pessoa. E os médicos também são pessoas. *Voilà!* — exclamou Sharp. Estava a tentar fazer sinal para o empregado de mesa. Queria alguma coisa, ao que parecia. — Nós somos vistos como uma espécie de curandeiros. Logo, isso tem de fazer de nós grandes humanitários, uma suposição atrás da outra, o que depois não quer dizer rigorosamente nada. Qualquer pessoa que tenha passado algum tempo num hospital conviveu com alguns dos maiores filhos da mãe da história! — Ele deu uma breve risada. Pelos vistos, essa pérola de informação nunca deixava de ter piada. — Podem ter imenso jeito para tratar um corpo doente, mas não deixam de ser filhos da mãe. Uma vez tive

um colega, não vou dizer o nome dele. Já não trabalha no Memorial. Aliás, se calhar já nem exerce Medicina, o que se calhar não é mau de todo. Estávamos numa reunião com o diretor de voluntariado em Pediatria, uma reunião demorada sobre as políticas para as salas de diversão e para os animadores. Mais tarde, comentei com ele o quão demorada tinha sido a reunião. Sabe o que é que me respondeu? «Oh, eu adoro os bons samaritanos, fazem-me sempre tanto bem.» Foi a única coisa que ele disse.

Pela primeira vez desde que se tinha sentado, ocorreu a Grace que podia efetivamente ir-se embora. Assim que quisesse podia ir-se embora.

— Acho que... o Jonathan se preocupava com os pacientes dele — disse ela, à cautela, embora não percebesse muito bem por que motivo se estava a dar a esse trabalho.

— Bem, talvez sim ou talvez não. Se calhar nós é que não percebemos o que a palavra «preocupar-se» significa para alguém como o Sachs. — Deu mais uma dentada monstruosa na sandes e depois mastigou como um ruminante. — Digo-lhe uma coisa: ele não se preocupava nada com os colegas, essa é que é essa. Manipulava-os como se fossem peças de xadrez. Gostava imenso de confusão. Quando ficava entediado, contava a alguém algo que outra pessoa lhe tinha contado ou revelava quem andava envolvido com quem. Sabemos lá se era verdade ou não? Ele não podia fazer parte de nenhuma equipa, nada que tivesse um objetivo comum. Em especial se envolvia alguém de quem ele não gostasse e a verdade era que ele não gostava de muita gente. Dedicava-se imenso a cuidar dos pacientes porque recebia algo em troca. E dedicava-se muito aos familiares. Muito. E a algumas das pessoas com quem trabalhava, desde que elas lhe facilitassem a vida. Mas nunca prestava muita atenção às outras pessoas se não lhe servissem para nada, mesmo que fosse alguém que visse todos os dias. Não tinha retorno do investimento. Como tal, havia imensas pessoas em quem ele nem sequer reparava, mas a verdade era que elas reparavam nele. Achavam-no muito interessante, observam-no a trabalhar. E, sabe, é preciso um enorme esforço para manter a máscara que ele usava. — Ele pareceu pensar sobre o assunto. — Calculo que «máscara» não seja propriamente o termo científico.

E não era. Mas ela percebia a ideia.

— E essas pessoas viram muita coisa. As piores partes. Os comentários que ele fazia, a forma como despachava as pessoas. Se tinha de estar numa reunião e achava que não era necessário estar presente, parecia arranjar forma de a perturbar, para que acabasse por demorar mais tempo, algo que nunca fez sentido na minha cabeça. E se os colegas de trabalho que ele ignorava não se sentissem tão desrespeitados por ele talvez não tivessem prestado tanta atenção. Penso que foi isso que acabou por o tramar.

Sharp fez uma pausa para enfiar o garfo na tigela, agora empapada, de

coleslaw. Pingou quando ele a levou à boca.

— Foi um médico assistente de Radiologia que veio ter comigo da primeira vez. Mandeí chamar o Sachs. Ele foi extremamente cordial o tempo todo. Disse que estava a passar uma fase complicada em casa e que era algo que não queria que se soubesse no hospital. Disse-me que ele e a mulher já tinham decidido acabar com a relação. — Ele pousou o garfo. Os dedos dele, dez no total, estavam pousados em cima do tampo da mesa. Grace reparou que estava a mexê-los, como se estivesse a tocar, em silêncio e apenas na cabeça dele, uma peça de piano complexa. — Mas depois voltou a acontecer, com uma das enfermeiras. E eu disse-lhe: «Ouça uma coisa, não tenho qualquer interesse em intrometer-me na sua vida. É algo que não me diz respeito. Mas vai ter de fazer isso longe do hospital.» Quer dizer, não me podia opor, correto? Ele pedia sempre desculpa, explicava porque é que tinha acontecido e depois dizia que ia resolver o assunto. Uma vez fui obrigado a mandá-lo chamar e ele disse-me que andava a ser assediado. Queria o meu conselho sobre a melhor forma de lidar com a situação. Passámos a reunião inteira a discutir o protocolo hospitalar e se ele devia fazer uma queixa formal ou não, após a qual me disse que eu era um grande exemplo para ele e que se alguma vez fosse promovido a chefe esperava exercer o mesmo tipo de liderança que eu, blá blá blá. Só tretas, mas, por outro lado, quando ele as disse, algo em mim se deixou ficar em silêncio, a ouvi-lo. E, mais uma vez, ele resolveu o assunto, ou pelo menos nunca mais ouvi nada a esse respeito. Mas depois envolveu-se com a Rena Chang. A Doutora Chang. E eu tive de me intrometer, porque o supervisor dela veio falar comigo por causa dessa situação. Mas depois ela foi-se embora. Nunca cheguei a confrontá-lo sobre isso. Ela mudou-se para uma terra alagues no Sudoeste. Santa Fé, talvez?

«Sedona», pensou Grace, com um calafrio.

— Ouvi dizer que ela teve um bebé — acrescentou Robertson Sharp III.

— Com licença — disse Grace, de forma educada. Se não tivesse ouvido a própria voz, nem sequer teria reparado que tinha falado. Depois estava de pé, a cambalear pela sala. E depois na casa de banho, sentada na sanita, com a cabeça entre os joelhos.

«Oh, meu Deus», pensou ela. «Meu Deus, meu Deus, meu Deus.» Porque é que o tinha contactado? Porquê, mas por que razão tinha desejado saber? A boca dela tinha um sabor terrível a atum. A cabeça martelava-lhe com força.

«Rena Chang.» A do pau de defumação. A das «estratégias de cura paralelas». Jonathan tinha feito troça dela. Ambos tinham feito troça dela. Há quanto tempo é que tinha sido isso? Ela tentou concentrar-se. Tentou. Mas não era capaz de se recordar. Antes de Henry? Não, tinha de ter sido depois. Quando Henry era bebé? Quando andava na escola primária? Ela nem sequer conseguia perceber por que motivo isso era importante. Não

fazia ideia de quanto tempo tinha demorado para sair da casa de banho.

Quando regressou, o empregado de mesa já tinha levado os dois pratos. Grace tornou a sentar-se e bebericou um pouco do chá agora frio. O telemóvel dele estava em cima da mesa. Devia ter estado a tratar de assuntos de trabalho enquanto esperava por ela.

— Doutor Sharp — disse Grace. — Sei que o Jonathan teve uma audiência disciplinar em 2013. Gostava de saber mais sobre esse assunto.

— Ele teve várias audiências disciplinares — respondeu-lhe Sharp, num tom algo abrupto. Já era um pouco tarde para se armar em abrupto com ela, pensou Grace. — Uma vez por ter aceitado um presente em dinheiro do pai de um paciente. Por ter, alegadamente, aceitado — corrigiu ele. — O pai recusou-se a falar com o advogado do hospital. Tivemos de abandonar o caso. Depois disso, houve outra audiência por causa do incidente com o Waycaster. Nas escadas.

Ou seja, quando ele tinha tropeçado. Tinha tropeçado nas escadas e tinha partido o dente, que teve de ser arranjado e que continuava a ser, onde quer que ele estivesse nesse momento, de um tom diferente dos restantes. Calculava ela. Só que ele não tinha tropeçado, ela sabia-o agora.

— O Waycaster — disse ela.

— Ross Waycaster. Era o supervisor do Sachs, inicialmente. Eu pensava que eles se davam bem. Nunca tinha ouvido nenhum deles fazer qualquer comentário sobre um possível conflito. Mas ele confrontou diretamente o Sachs, em relação à situação com a mãe Alves. Acabou por ser uma grande cena. Quatro ou cinco pessoas assistiram a tudo e o Waycaster teve de levar pontos. Mesmo assim tive de insistir para ele apresentar queixa. Houve uma audiência por causa desse incidente, isso garanto-lhe eu. E depois houve outra por causa do relacionamento em si.

E aí, por fim, ele calou-se. Ergueu o olhar para Grace, como se estivesse realmente a reparar nela pela primeira vez.

— Presumo que esteja a par desse relacionamento.

— Sim — replicou Grace, num tom solene, mas estava espantada com ele. Só o facto de lhe ter perguntado! Depois da morte violenta da mulher em questão, do desaparecimento do homem em questão e da alcunha atribuída (cortesia do *New York Post*) que havia emergido dos tabloides logo após o desaparecimento dele, seria realmente surreal pensar que ela não estava a par. A alcunha era «Doutor Assassino» e tinha chegado finalmente ao conhecimento de Grace na semana anterior, através de um artigo da *Associated Press* no *Berkshire Record* (que tinha sido publicado imediatamente ao lado de um artigo local inofensivo sobre como baixar a conta do gás). Fora nesse mesmo artigo que Grace também lera, pela primeira vez, que ela... a Dr.^a Grace Sachs, *sic*... tinha sido ilibada como suspeita no homicídio de Malaga Alves. Devia ter-lhe servido de algum conforto, mas a revelação concomitante de que tinha estado sob suspeita,

ainda que durante pouco tempo, pôs termo a essa sensação de alívio. — A Polícia ainda não partilhou os pormenores comigo — disse-lhe ela.

Ele encolheu os ombros. Não fazia ideia do que a Polícia tinha ou não tinha feito.

— Portanto, se quiser partilhar alguma coisa comigo, teria muito gosto em ouvi-lo — disse ela, vendo-se forçada a fazer-lhe um desenho.

Sharp franziu os lábios. A ele tanto lhe fazia, claro.

— O paciente era um rapaz de oito anos com um tumor de Wilms. O Doutor Sachs era o médico principal. A mãe passava lá os dias. Uma das enfermeiras veio ter comigo. Estava preocupada com uma série de coisas.

Após uns segundos de silêncio, Grace instigou-o:

— Estava preocupada...

— Eles não eram discretos. Nem sequer se esforçavam para o ser. Os enfermeiros assistentes andavam muito incomodados com a situação. Em particular depois dos avisos que lhe tinham sido feitos. Por isso voltei a chamá-lo ao meu gabinete. Disse-lhe que aquilo tinha de acabar, caso contrário apresentaria uma queixa e haveria uma audiência disciplinar completa. Isto foi algures no outono passado. No outono de 2012. Talvez... novembro? Ele prometeu-me que já tinha acabado. Disse-me... Acho que me disse que estava a passar uma fase complicada. Andava a fazer terapia por causa dos problemas dele e por isso estava *acting out*²¹. *Acting out* — repetiu Sharp, com desdém. — Onde será que ele foi buscar essa?

Grace, da sua parte, não tinha dúvidas quanto à origem.

— Mas a verdade é que o que ele disse que ia fazer não chegou a acontecer. Quando dei por isso, ele e o Waycaster tinham-se envolvido nas escadas. Mas houve testemunhas. Como já disse — assegurou-lhe ele.

— Sim — respondeu Grace, calmamente. — Pois já.

— E ferimentos. Houve também ferimentos.

Ela acenou com a cabeça. Não lhe parecia necessário continuar a encorajá-lo.

— Portanto, dois incidentes separados. Duas audiências distintas. Mas foi a última que motivou o despedimento dele. E, mesmo nessa altura, quero que saiba que lhe dei a escolher. Disse-lhe: «Ouça, pode ir fazer um tratamento. Mas um programa num hospital psiquiátrico. Numa situação destas jamais obterá autorização como paciente de consulta externa.» Achei que talvez conseguisse convencer o comité a aceitar uma baixa médica. Sei que podíamos ter arranjado uma maneira que não fosse entendida como despedimento. Não que eu achasse que ele se pudesse curar — disse Sharp. — Quer dizer, é uma coisa que não tem cura, não é o que dizem? Não é o que você diz? — corrigiu ele. Estava a subalternizar-se em termos profissionais, calculou ela.

— Fez o que tinha a fazer — disse ela. Era o mais longe que ela conseguia ir.

— Como já disse, não se tratava da competência dele enquanto médico. Era um tipo cheio de talento. Tinha tudo o que era preciso para ser um excelente médico. Mas tornou a posição dele aqui absolutamente inviável.

E depois ela sentiu o telemóvel a vibrar dentro do bolso do casaco. Era o seu pai, ou pelo menos era o telemóvel dele.

— Estou? — atendeu Grace, grata pela interrupção.

— Mãe?

— Olá, meu amor.

— Podemos ir ao cinema? Conseguimos ir à sessão das quinze e trinta. O filme que eu quero ver está a passar no cruzamento da Seventy-Second com a Third.

— Ah, está bem. O avô vai-te levar, é?

— O avô e a avó. Pode ser?

— Claro que sim — respondeu ela. — A que horas é que acaba?

Terminava às seis. Iriam passar a noite na casa do pai dela. Era a primeira vez que voltavam à cidade desde o tal dia em dezembro.

Quando pousou o telemóvel, Grace reparou que Sharp estava a olhar diretamente para ela. Talvez a distração o tivesse feito reparar na presença dela.

— Era a sua filha?

— O meu filho. Henry.

«Que não tem um tumor no cérebro», quase acrescentou.

— Vai ao cinema com os avós.

— O Jonathan nunca falava sobre os pais dele — disse Sharp. O olhar dele tinha-se desviado de novo. — Só no ano passado é que soube que ele tinha crescido numa cidade perto de mim, em Long Island. Ele era de Roslyn. Eu cresci em Old Westbury — disse ele, cheio de sentido, embora o significado tivesse passado completamente ao lado de Grace. Para um habitante de Manhattan, Long Island existia como uma característica de «Long Islandismo»: qualquer espécie de variantes pura e simplesmente não era aceite.

— Sabe — continuou Sharp —, aquela coisa do «Médicos de Topo», essas coisas costumam passar pelo hospital. Eles pedem ao gabinete de imprensa que sugira algumas pessoas. Fazem um apanhado de todos os médicos da cidade, claro, mas trabalham sempre através do gabinete de imprensa. Mas não dessa vez. A primeira vez que o hospital ouviu falar sobre esse assunto foi quando o gabinete recebeu um exemplar da revista. Ficaram furiosos, deixe-me que lhe diga. Recebi um telefonema a perguntar-me se tinha conhecimento do assunto. Era claro que não tinha. Por que razão é que a revista *New York* iria eleger o Jonathan Sachs como um dos melhores médicos? Quer dizer, regra geral é preciso ter-se conquistado um feito nacional ou internacional, correto? Portanto fique

estupefacto, tal como toda a gente. E depois uma das médicas assistentes aparece-me no gabinete, fecha a porta e diz-me que há uma ligação. Alguém da revista é tia de uma menina paciente do Jonathan Sachs. E ela diz-me que andava há imenso tempo a tentar decidir se devia dizer alguma coisa. Mas que agora achava que alguém tinha de tomar conhecimento e que o relacionamento ultrapassava todos os limites, disse-me ela.

— Espere aí — respondeu Grace. — Não estou a...

— O *relacionamento* — repete Sharp, com irritação. — Entre o Sachs e os familiares da paciente. Em especial com a tia. Certo?

Grace baixou o olhar para a chávena de chá e a sua cabeça pareceu rodopiar com um acesso de náuseas. O facto de ter solicitado aquele encontro, de se ter sujeitado àquilo, deixava-a perplexa. De que é que servia? Teria Jonathan privado Robertson Sharp «A Poia» do adorado sonho dele de ser um dos «Médicos de Topo» da revista *New York*? Estaria à espera de que ela pedisse desculpa por o subordinado dele — o próprio marido dela — o ter traído ao ter dormido com a editora da revista?

Grace tirou a carteira da mala e pousou-a em cima da mesa. Não lhe parecia que pudesse haver mais alguma coisa.

— Não, não — disse Sharp. — Eu trato disso. — Olhou em redor dele, à procura do empregado. — Espero tê-la ajudado — disse ele, numa voz formal.

Mais tarde, no passeio em frente ao Silver Star, ela deixou-o dar-lhe um aperto de mão.

— Vou ter de testemunhar, claro — anunciou ele. — Isto se o encontrarem. E se o trouxerem de volta. É o melhor a fazer.

— Certo — respondeu Grace.

— Os advogados é que sabem que porção do nosso caso interno contra ele irá fazer parte do processo judicial. Eu não percebo nada dessas coisas. — Encolheu os ombros.

«Quero lá saber», pensou Grace, e estava admirada por constatar que, pelo menos nesse momento, não queria realmente saber. Ele afastaram-se em direções opostas: Sharp no sentido norte, de regresso ao hospital. Grace, a princípio, não fazia ideia nenhuma para onde é que estava a ir. Não para o apartamento, pois não era capaz de o enfrentar. Para nenhum sítio em especial, porque não havia nenhum sítio em especial que lhe apetecesse ir. Mas à medida que se ia aproximando da rua onde o carro estava estacionado, deu por si a olhar para o relógio de pulso. O filme de Henry tinha começado às 15h30 e terminaria às 18h00. Isso era imenso tempo para um sábado, com pouco trânsito na cidade e um carro à sua disposição. Era tempo suficiente para ir a qualquer lugar, até mesmo a um sítio que não fizesse sentido. Como tal, sem se permitir debruçar muito sobre o assunto, quanto mais mudar de ideias, foi a esse sítio que ela decidiu ir.

21 *Acting out*: termo utilizado para descrever comportamentos impulsivos/disfuncionais com base nas emoções e em crenças aprendidas ao longo da vida — isto é, «familiares». Esse mecanismo pode ser feito de forma inconsciente, pelo que o indivíduo pode boicotar os comportamentos são associados à qualidade de vida (recuperação). (NT)

CAPÍTULO VINTE E UM

O «ATRELADO»

Só uma vez, em tantos anos de casados, é que ele a tinha levado a «casa» dele e na altura fora essencialmente uma visita de médico. Estavam a regressar dos Hamptons num fim de semana de outono, Grace grávida, Jonathan numa escapadela do sobrecarregado horário como médico internista, e estavam bastante descontraídos, com uma barrigada de sono, de guisado de amêijoas e do vento salgado da praia de Amagansett; ele não queria parar, mas ela obrigara-o. Tinha curiosidade, sempre, embora tivesse alguma relutância em remexer na infelicidade que parecia acompanhar todas as recordações do pai, da mãe e do irmão dele. Queria ver a casa onde ele tinha sido criado e da qual tinha escapado: para Hopkins e Harvard e depois até à própria Grace, para a nova família que ambos estavam a construir. «Vamos lá», pedira-lhe ela. «Mostra-me lá.»

Pelo que eles saíram da LIE²² e seguiram pelas ruas estreitas da parte antiga da cidade, onde as casas datavam da torrente pós-guerra dos anos 50 e 60 e eram bastante compactas, ao contrário dos palácios com várias alas e pisos que haviam surgido recentemente. Era a altura mais bonita do outono e as folhas ainda coravam os áceres espalhados por todo o lado, e ela lembrava-se de ter pensado, enquanto ele avançava pelos cruzamentos obviamente familiares, que o sítio não era tão terrível como tinha imaginado. Visualizara uma vizinhança deserta cheia de casas desagradáveis à vista e bastante desleixadas, todas com uma criança sozinha ou um progenitor castigador, ou ambas as coisas. Imaginara um ambiente intenso de desespero, do qual o seu adorado marido se tinha visto obrigado a catapultar-se, completamente sozinho e sem o apoio de ninguém. Em vez disso, deu por si numa vizinhança agradável de casas pequenas e ordenadas, com canteiros de crisântemos à frente e balouços visíveis nos jardins das traseiras.

Mas claro, nada disso importava, e as infâncias terríveis podiam ter lugar em ruas agradáveis e em casas arranjadas. Obviamente, para Jonathan, pelo menos uma delas tinha acontecido dessa maneira, e nessa tarde ele não quisera saber o quão inesperadamente bonito era tudo aquilo ou o quão equilibrado alguém parecia ser para manter o relvado da frente da casa em Crabtree Lane, onde se via uma carrinha estacionada na

Entrada. Ele não quis sair do carro para ver se a mãe ou o pai (ou o irmão, Mitchell, que morava na cave) estavam em casa, nem mostrar a Grace o quarto onde tinha suportado todos os dias pavorosos dos primeiros dezoito anos de vida dele até ter-se metido no comboio rumo à universidade e a Medicina e a ela. Ele dobrou a esquina devagar e desceu lentamente a rua em frente à casa onde tinha crescido, recusando-se inclusivamente a parar o carro, declinando falar mais sobre o assunto. E durante o resto do caminho até casa permaneceu calado e carrancudo, a liberdade e a paz do fim de semana nos Hamptons completamente corrompidas. Era isso que a família dele lhe tinha feito. Era assim que eles ainda destruíam a felicidade dele, a sensação de paz interior dele. Ela jamais voltaria a sugerir fazerem um novo desvio.

Surpreendentemente, porém, graças a essa única imagem, ela não teve qualquer dificuldade em encontrar a saída correta agora, e o primeiro cruzamento e o segundo, até a placa da própria Crabtree Street surgir distintamente adiante. Eram só quatro e meia e a luz da tarde já havia desaparecido, e nesse instante ocorreu-lhe que aparecer dessa maneira seria, de certa forma, um ato de hostilidade, embora não sentisse qualquer hostilidade para com a família do marido, ou, caso sentisse, já não sabia dizer quanto dessa hostilidade seria realmente verdadeira ou mesmo apropriada. Ela não sabia nada. Já não sabia nada em relação ao homem por quem se tinha apaixonado, com quem tinha morado durante dezoito anos e com quem tinha concebido um filho. Exceto que ele não existia.

Na curva, ela estacionou o carro e olhou para a casa, com o motor em ponto morto. Era branca com as persianas pretas e a porta vermelha, e um caminho estreito que curvava depois do acesso de carros, onde agora se viam dois carros estacionados. As luzes já estavam acesas e mesmo a essa distância ela percebia um certo calor proveniente das cores do interior: cortinas verdes e mobiliário cor de ferrugem. Um corpo mexeu-se junto à janela da cozinha, impercetível, e da única janela de sótão visível no telhado via-se o clarão azulado de um televisor. Era uma casa muito pequena onde criar dois rapazes, pensou ela. Esse pequeno quarto no piso de cima podia ter sido o quarto de Jonathan. Ou de Mitchell. Talvez ainda fosse o quarto de Mitchell, pensou ela, não sem algum ressentimento, embora não conseguisse imaginar por que razão estava ressentida com um homem de trinta e tal anos que ainda morava em casa dos pais.

Foi então que uma mão bateu no vidro junto ao seu ouvido e Grace deu um salto.

De imediato, pôs o pé no acelerador, ao mesmo tempo que levava a mão ao botão do vidro elétrico. Um confronto instantâneo entre as boas maneiras e a vontade de evasão.

Depois reparou que a pancada tinha sido dada por uma mulher muito mais velha do que ela, envergando um blusão de penas enorme, apertado

junto ao pescoço.

— Sim? — disse a pessoa. Grace carregou no botão do vidro e este desceu. — Posso ajudá-la? — perguntou-lhe a mulher.

— Oh, não, obrigada. Estava só...

Mas não sabia dizer o que estava só a fazer.

— Estava só a passar de carro e...

A mulher olhou-a fixamente. Parecia estar a debater-se com algo.

— Porque é que vocês não se vão embora? — Ela não parecia propriamente zangada, mas exasperada. — A sério, o que é que há para ver aqui? É ridículo. Não percebo o que é que vocês ganham com isso.

Grace franziu o sobrolho. Ainda estava a tentar compreender a situação.

— Não têm nada melhor para fazer? Quer que eles se sintam ainda pior do que já se sentem? Deixe estar que vou apontar a sua matrícula.

— Não faça isso — disse Grace, horrorizada. — Eu vou-me embora. Peço desculpa. Vou-me já embora.

— Carol? — disse outra voz. Um homem tinha saído da casa de Jonathan. Era alto, muito mais alto do que Jonathan. Ela reconheceu-o de imediato.

— Vou apontar a matrícula dela — disse a mulher do blusão de penas.

Mas ele já estava a aproximar-se.

— Eu vou-me já embora — disse Grace. — Importa-se de... Pode tirar a mão, por favor? Quero fechar o vidro.

— Grace? — perguntou-lhe o homem. — És a Grace, não és?

— É quem? — disse a mulher chamada Carol.

— Peço imensa desculpa! — exclamou Grace.

— Não, não te vás embora! — Tratava-se de Mitchell, o irmão de Jonathan. Ela não o via há anos. Não o via desde o dia do seu próprio casamento, ou mais precisamente depois do casamento, nas fotografias. Agora ele estava parado ao seu lado e a falar com ela como se eles se conhecessem de facto.

— Está tudo bem — disse ele para a outra mulher. — Eu conheço-a. Não há problema.

— Há problema, sim senhora! — discordou a mulher. Parecia estar a levar a intrusão mais a peito do que o próprio Mitchell. — Primeiro foram aqueles jornalistas todos e agora são os mirones. Será que pensam que vocês o têm escondido na cave? Esta gente não fez nada de errado — disse ela, num tom desagradável, dirigindo as últimas palavras a Grace.

— Tem toda a razão — disse Mitchell. — Mas isto é diferente. Não há problema nenhum. Ela foi convidada.

«Não, não fui», pensou Grace. Olhou-o com uma expressão furiosa, mas ele continuava a reconfortar a vizinha.

— Não, eu estava só... Estava aqui perto e lembrei-me de passar por

cá, mas não vos queria incomodar.

— Por favor — disse ele, calorosamente. — Entra, por favor. A mãe ia ficar muito contente. — Ele esperou uns segundos. Depois disse, num tom definitivo: — Por favor.

Ela cedeu. Desligou o motor do carro e tentou acalmar-se. Em seguida, abriu a porta, forçando os dois a afastarem-se.

— Olá, sou a Grace — disse ela à mulher do blusão de penas. — Peço desculpa se a aborreci.

Carol lançou-lhe um último olhar de profunda reprovação e deu meia-volta. Grace viu-a entrar na pequena casa de tijolo em frente à casa dos Sachs.

— Peço desculpa — disse Mitchell. — As coisas foram muito complicadas por cá, pelo menos até meados de janeiro. Imensas carrinhas dos canais de notícias e carros estacionados na entrada do caminho de acesso à casa. Desde então não têm aparecido muitos, mas às vezes as pessoas passam devagar de carro, em frente à casa. Os meus pais foram-se muito abaixo, nem sequer conseguiam falar com os vizinhos sobre o que aconteceu. Não que optassem por desabafar com algum deles, cá entre nós.

«Cá entre nós?» Ela nunca tinha trocado uma única palavra com ele, em tantos anos que tinham sido aparentados. Mas o que ele tinha dito fazia todo o sentido. Pelo que ela lhe respondeu:

— Sim. Claro.

— É uma rua pequena. Acho que muitas destas pessoas sentem-se mal pelo que aconteceu, mas não podem falar sobre o assunto se os meus pais também não falarem, por isso as coisas saem-lhes assim, meio conflituosas. A Carol só estava a tentar ajudar. Vem lá a casa, por favor.

— Não vos queria incomodar — respondeu Grace. — Aliás, nem sei bem o que queria. Mas não era incomodar-vos, de certeza.

— Não incomodas ninguém. Ouve, está demasiado frio para ficarmos aqui fora.

— Está bem — replicou ela, cedendo. Esquecendo-se de que se encontrava numa rua residencial em Long Island, trancou o carro. Em seguida, seguiu-o pelo caminho de acesso acima.

— Mãe? — chamou Mitchell, segurando a porta para Grace entrar.

A mãe de Jonathan estava parada na entrada que dava para a cozinha. Era uma mulher de estatura baixa — Jonathan tinha herdado o aspeto franzino e a magreza dela —, com o rosto magro e umas olheiras cor de índigo sob os olhos. Parecia muito mais velha do que da última vez que Grace a tinha visto, no hospital aquando do nascimento de Henry. E também parecia bastante mais velha do que a idade que Grace sabia que ela tinha — sessenta e um. Parecia aterrorizada, embora Grace não soubesse precisar se era por ver alguém ou por a ver a ela em particular.

— Olha quem é que eu encontrei — anunciou Mitchell. Ela esperava que ele soubesse o que estava a fazer.

— Bem — disse uma voz do outro lado da divisão. David, o pai de Jonathan, estava parado no fundo das escadas. — Olá! — E depois, como ela nem sequer respondeu, perguntou-lhe: — Grace?

— Sim. — Ela acenou com a cabeça, só para confirmar. — Peço desculpa pela intromissão. Estava aqui perto... — E depois calou-se. Como se fosse possível que eles não soubessem que ela estava a mentir.

— O Henry veio contigo? — perguntou-lhe a mãe de Jonathan. Chamava-se Naomi, mas Grace nunca tinha tido oportunidade (ou, para ser franca, vontade) de a tratar pelo nome. Havia um fio de mágoa visceral na voz dela, mas depois recompôs-se. Quem eles eram, qualquer um deles, Grace não fazia a mais pequena ideia, somente que tinham tido um papel importante na criação de Jonathan. Não eram boas pessoas, obviamente. Ou talvez já não fosse assim tão óbvio.

Ela abanou a cabeça.

— Ele está na cidade com os... com o meu pai. Nós já não... Agora estamos a morar noutro sítio. — Grace interrogou-se se algum deles a estaria a acompanhar. Ela própria estava com alguma dificuldade em fazê-lo. — Na verdade, não estava aqui perto — ela ouviu-se a dizer em voz alta. — Para ser sincera, nem sei porque é que vim.

— Então talvez nós te possamos elucidar! — retorquiu David, o pai. E sem aviso prévio, deu três passos grandes do fundo das escadas e abraçou-a, rodeando-lhe os ombros com um braço comprido e a base das costas com o outro braço, e encostando a face áspera à orelha dela. Grace ficou tão abismada que nem sequer teve tempo para retroceder ou dar um passo ao lado. Ao contrário de Vita, ele não tinha emitido um aviso.

— Ó pai — disse Mitchell, dando uma risada. — Não a sufoques.

— Não sufoco nada — disse o pai, junto ao ouvido de Grace. — Estou a compensar o tempo perdido. Esta é a mãe do meu neto.

— O neto que não vês desde o dia em que ele nasceu — disse Naomi, com evidente mágoa.

— Não foi por falta de tentativas — respondeu-lhe David, soltando-a por fim e dando um passo atrás. — A questão, Grace — disse ele, dirigindo-se diretamente a ela —, é que independentemente da razão por que vieste cá, estou muito, muito contente por te ver. E quando a Naomi recuperar do choque, vai mostrar-te como está contente também. Mas até lá, se calhar é melhor dares-lhe um pouco de espaço.

— Mais espaço ainda? — disse a mãe de Jonathan. — Mais do que os últimos dezoito anos? Mais do que a vida inteira do meu neto?

Ele encolheu os ombros.

— Com te disse, ela precisa de tempo para recuperar do choque. Vamos tomar um café. Vem até à cozinha. — Fez-lhe sinal com a mão. —

Naomi, temos *Entenmann's*, não temos?

— Estamos em Long Island, não estamos? — replicou Mitchell, com um sorriso. — É assim que se percebe que estamos em Long Island, oferecem-nos café e é sempre *Entenmann's*. Anda daí, Grace. Bebes um café?

— Está bem — respondeu Grace. — Obrigada.

Na cozinha, que tinha uma decoração Harvest Gold dos anos 70 e uma mesa simples com o tampo em fórmica, ele puxou uma cadeira para ela e depois foi fazer café. Os pais dele entraram imediatamente atrás e David sentou-se à mesa no lugar em frente a Grace, enquanto Naomi, ainda a carregar um silêncio potente, abriu o frigorífico e tirou o leite e uma caixa azul e branca. A divisão estava muito limpa — imaculada, pensou Grace —, mas tratava-se claramente também de uma cozinha com bastante utilização. A prateleira por cima do fogão tinha especiarias em frascos pequenos de vidro, todos identificados e com a data escrita à mão. As painéis penduradas num gancho numa dessas vigas decorativas eram feitas de aço inoxidável maciço e estavam baças de tanto uso. Grace ergueu o olhar para a sogra quando ela pousou a caixa em cima da mesa. Naomi não tinha cedido nem um milímetro. Jonathan dissera sempre que ela era uma mulher bastante fria. Uma mãe terrível. Era evidente que lhe tinha dito a verdade, pelo menos em relação a isso. Contudo, não tinha dito nada sobre os cozinhados dela.

Mitchell pegou numa faca e cortou o bolo de café. Era uma coroa de amêndoa com a cobertura branca, a escorrer. Ele estendeu-lhe uma fatia sem perguntar e, sem responder, ela aceitou-a.

— Isto deve ter sido terrível para vocês — disse David, ao mesmo tempo que recebia a fatia de bolo. — Temo-nos lembrado imenso de vocês. Imenso. Gostava que soubesses isso. E tentámos ligar, algumas vezes, mas ninguém atende o telefone da casa de Nova Iorque. Calculávamos que tivessem ido embora de lá, o que foi sensato da vossa parte.

Ela acenou com a cabeça. Era indescritivelmente estranho estar a conversar com eles, em especial sobre esse assunto. Sobre o filho deles e o que ele tinha feito! E o que isso tinha feito a ela e a Henry. E, não obstante, eles pareciam tão... não responsáveis. Por nada do que tinha acontecido. Ignorariam eles, ainda, o facto de que tinham sido os causadores dessa situação, de pelo menos uma parte dela, ao terem negligenciado Jonathan, assim como as próprias dependências deles por diagnosticar (o alcoolismo de Naomi, a dependência de medicamentos de David), pela preferência descarada por Mitchell, que nunca tinha concluído os estudos, que nunca tinha tido mais do que um emprego temporário básico e que continuava, com a idade dele, a morar ali, na casa dos pais? Será que esse reconhecimento iria fazer parte dessa *kaffeeklatsch*²³, dessa reunião familiar nos subúrbios? Ao olhar para os três, ela captou por breves

instantes o ressentimento e a tristeza do próprio Jonathan em relação às origens dele, ali sentada à mesa com uma família que se devia ter comportado mais como uma família, mas que não o tinha feito. Quão prejudicado ele tinha sido por aquelas pessoas. E isso *não* tinha sido culpa dele.

— Levei o Henry para o Connecticut — disse-lhes ela, ao fim de um minuto. — Temos lá casa. É uma casa de férias.

— Onde vocês casaram — respondeu-lhe Mitchell, num tom jovial. Estava a verter o café para as canecas castanhas.

— Sim. Tu estiveste presente, claro.

— Claro. Nessa altura ainda andava a tentar.

— A tentar? — perguntou Grace. — A tentar o quê?

— A tentar ter uma relação com o meu irmão — respondeu-lhe ele. Continuava a sorrir. Sorrir parecia ser a expressão dele por defeito. — Sou oficialmente o otimista desta família — disse ele, como que a confirmar o pensamento dela. — Não o consigo evitar. Não sei ser de outra forma. Percebi que ele estava a casar com uma rapariga inteligente. Percebi que ela era boa pessoa. Estava interessada em psicologia. Ia ser psicóloga. Fiquei encantado.

«Encantado», pensou Grace, a testar esse conceito.

— Pensei: «A Grace vai encorajá-lo a reatar o contacto com a mãe e com o pai.» E claro que ele nos pediu para não irmos ao casamento.

— Mas vocês foram convidados — disse ela, surpreendida. Ela própria tinha enviado o convite.

— Sim, eu sei, mas ele ligou-nos e pediu-nos para não irmos. Mas eu, o otimista de serviço, fui na mesma. Senti-me mesmo mal por ter vindo embora a meio. Espero que saibas isso.

Obviamente que ela não o sabia. Como é que podia saber o que é que ele sentia? Murmurou algo evasivo e bebeu um trago do café. Sabia a avelã e fê-la sentir-se um pouco enjoada.

— Ele mandou-me embora, sabes?

Grace pousou a caneca:

— Quem? O Jonathan?

Mitchell acenou com a cabeça.

— Exato. Logo a seguir à cerimónia. Veio ter comigo e disse-me: «Porreiro. Já percebi a ideia. Agora pira-te.» A última coisa que eu queria era fazer alguém sentir-se pouco à vontade. Por isso vim-me embora. — Estava a pôr açúcar no café e a mexê-lo. — A propósito, a cerimónia foi muito bonita. Aquilo que a tua amiga disse sobre a tua mãe... Até me vieram as lágrimas aos olhos. E mal te conhecia a ti e nunca tinha conhecido a tua mãe. O que a tua amiga disse, dava para sentir o amor que existia, não só entre ti e a tua mãe mas entre ti e a tua amiga.

— A Vita — disse Grace. Há anos que não se lembrava do tributo de

Vita à sua mãe. Tinha sido, no rescaldo, a grande mágoa de uma perda amplificada pela grande mágoa de outra. — Sim, o que ela disse foi muito bonito.

— Quer dizer que tens estado a viver lá? Com o Henry? E como é em relação à escola dele?

— Ele anda no segundo ciclo — disse-lhes ela. — Aliás, essa parte tem corrido bastante bem. Acho que ele é mais feliz na escola nova. Fez bons amigos. E faz parte da orquestra da escola e tudo.

— Ele toca um instrumento? — perguntou-lhe Naomi. Era a primeira coisa que ela dizia desde que se tinham sentado à mesa.

— Violino. Tinha aulas na cidade, antes de nos termos vindo embora. Uma coisa muito a sério — acrescentou ela, sem necessidade.

— Ah! — exclamou David. — Mais um Sachs rabequista. O meu avô tocava música *klezmer*²⁴ na Cracóvia. O meu tio continua a tocar. Já tem uns noventa e tal anos.

— Não, não... — Grace abanou a cabeça. — É música clássica. O professor dele é muito exigente. Só aceita os alunos que ele acha que... — Mas depois ouviu-se a si própria e calou-se. — Bem, espero que ele continue a tocar. Tem imenso talento. Por acaso — disse-lhes ela —, um vizinho nosso no Connecticut ofereceu-se para lhe ensinar a tocar música de rabeca. Uma espécie de música escocesa. Estilo *bluegrass*.

— Esse é primo afastado da música *klezmer*! — disse David, num tom de voz animado. — Era exatamente aí que eu queria chegar. O Henry vai ter um *bar mitzvah*?

Ela olhou para ele. Como era possível que estivessem a conversar sobre isso? Sobre *isso*? Como se o filho deles, que pareciam não ver há décadas, não tivesse matado uma mulher e fugido, deixando-os a todos para trás para terem esse encontro excruciante.

— Não. Para já, não. Para ser sincera, nunca me preocupei muito com isso. E muito menos agora.

— Ó pai... — Mitchell abanou a cabeça. — Deixa-te disso. Como se ela fosse fazer uma pausa no Armagedão que está a ser a vida dela para planear um *bar mitzvah*. Grace, fizeste bem em levar o Henry para o Connecticut. Fizeram muito bem em ir para lá. Mas e o teu trabalho?

— Por enquanto suspendi a minha atividade. Talvez... É possível que comece a trabalhar noutro lado. Tenho andado a pensar nisso. Mas em relação a Nova Iorque, não, acabou.

— E estás a morar na casa de férias.

— Sim. E sim, faz um frio imenso, se era isso que me iam perguntar — disse ela, olhando para eles. Possivelmente não iam fazê-lo.

— A casa não tem isolamento térmico? — perguntou-lhe Naomi. — E isso é seguro para o Henry?

— Usamos imensa roupa. E dormimos com imensos cobertores. — Ela

deu um suspiro. — O meu filho quer um cão. Diz que os esquimós se aquecem a dormir com um cão.

— E porque não? — perguntou-lhe David. — Ele não pode ter um cão?

Ela quase respondeu: *O Jonathan é alérgico*. Era essa a razão. Mas depois lembrou-se do outro motivo: o cão de infância, chamado *Raven*, que tinha fugido dessa mesma casa e que de algum modo tinha desaparecido, e como esses mesmos pais tinham culpado Jonathan por, de alguma forma, ter permitido que isso acontecesse, embora o cão fosse de Mitchell e nem sequer fosse dele. Tinha sido uma coisa terrível de se fazer a alguém. Uma coisa terrível sabe-se lá entre quantas.

— Vocês tiveram um cão — disse-lhes ela, como se isso fosse suficiente. — O Jonathan contou-me o que aconteceu ao vosso cão.

Os três olharam para ela. A mãe de Jonathan virou-se para o pai de Jonathan.

— O que é que ela disse? — perguntou Naomi.

— Espera aí — disse Mitchell. Tinha estendido o braço, da mesma forma que se faz no carro às vezes, num gesto involuntário, quando se trava de repente e se quer impedir alguém de ser projetado para a frente. — Espera aí. Deixa-me perguntar.

— Nós nunca tivemos um cão — insistiu a mãe dele. — Ele disse-te que tínhamos um cão? E que tinha acontecido alguma coisa ao cão?

— Não sabes se foi isso — disse-lhe David. Depois, olhou para Grace. — Nunca tivemos um cão. Gostávamos muito, mas os rapazes eram alérgicos.

«Portanto isso era verdade», pensou Grace, com uma estranha sensação de alívio. Ele dissera sempre que era alérgico.

— E o que é que ele disse? — Naomi quis saber. — Sobre esse cão imaginário?

— Que... — Ela tentou lembrar-se dos pormenores. Os pormenores pareciam muito importantes agora. — Que havia um cão chamado *Raven*. Que o cão era do Mitchell. E que um dia, quando ele ficou sozinho em casa com o cão, o cão desapareceu. Fugiu pelo portão ou algo assim e nunca mais ninguém o viu. E que vocês o tinham culpado porque era ele que estava em casa na altura. — Ela pensou se se teria esquecido alguma coisa, mas não havia mais nada. — E foi isso.

Após um longo e desagradável momento, Naomi falou:

— Não foi nada disso — disse ela, numa voz rouca. — De maneira nenhuma.

— Querida — disse-lhe David. — Não fiques zangada. É óbvio que foi o que ele contou à Grace.

— Por favor — disse Grace. Tinha o coração a bater furiosamente. Batia com tanta força que ela o conseguia ouvir. Não compreendia o que estava a acontecer, mas sentia-se apavorada. — Contem-me, por favor.

— Não foi cão nenhum — disse-lhe Naomi, que a dado momento tinha começado a chorar e cujos olhos, com as olheiras grandes e escuras, estavam agora cheios de lágrimas. — Não foi um cão. Foi um irmão. Ele nunca teve um cão, mas teve um irmão. Calculo que nunca te tenha dito que teve um irmão.

— Claro que sim. O Mitchell! — respondeu Grace. Já não estava a perceber nada.

— Não, não era o Mitchell — replicou Naomi, zangada.

— Não era eu — disse Mitchell, quase ao mesmo tempo. Já não estava a sorrir, reparou Grace. Nem mesmo o assumido otimismo dele suportava aquilo. — Outro irmão. O Aaron. Tinha quatro anos.

Ela abanou a cabeça. Não sabia dizer porquê.

— A sério que ele nunca te falou sobre isso? — perguntou-lhe David.

Ela pensou: «Posso ir-me embora neste instante. Se me for embora agora, já não tenho de saber. Mas se ficar, vou saber. E depois nunca mais me vou esquecer. Seja o que for, vou sabê-lo para sempre.»

Mas não era exatamente uma decisão. Ela sentia-se paralisada pela situação, por eles. Por aquilo que era efetivamente a verdade, diria ela para si mesma, mais tarde. Por essa altura, claro, já seria uma pessoa completamente diferente.

Num sábado de manhã no inverno do ano em que Jonathan tinha quinze anos e Mitchell tinha treze, Aaron Reuben Sachs, de quatro anos — tratado por «Bob» pela mãe e por «Atrelado» pelo pai, e nada pelos irmãos (que, afinal de contas, eram bastante mais velhos do que ele e estavam entretidos com as vidas ativas deles) —, apanhou uma grande constipação e ficou cheio de febre. Aconteceu precisamente no dia do *bat mitzvah* da filha dos amigos de longa data de David e Naomi e os cinco membros da família Sachs eram esperados na sinagoga, assim como na festa que se seguiria. Mas Jonathan tinha-se recusado a ir. Não gostava dos amigos de David e Naomi, nem tão-pouco da filha deles, que andava dois anos atrás dele na escola e que nem sequer era bonita, pelo que tencionava ficar em casa a fazer o que quer que fosse que costumava fazer no quarto dele, à porta fechada. Tinha havido uma discussão no dia anterior por causa disso mesmo e a discussão tinha acabado com a insistência de David de que, independentemente do que Jonathan pensava sobre o assunto, iria marcar presença no *bat mitzvah* juntamente com o resto da família. No dia seguinte, porém, foi como se nada disso tivesse acontecido. Jonathan permaneceu no quarto, insistindo que não iria a lado nenhum.

Mas Aaron estava com febre. Foi isso que mudou a situação. E Naomi viu, nessa confluência de acontecimentos — ambos negativos, nenhum possível de controlar —, outra possibilidade. Uma que, efetivamente, não a deixaria mal vista, mas que também (e ela mentalizou-se de que a situação *talvez* resultasse) daria a oportunidade a Jonathan de passar algum tempo

com o irmão. Talvez não fosse demasiado tarde para ele estabelecer uma ligação com ele, um vínculo capaz de sobreviver à experiência de crescer com os mesmos pais na mesma casa, não obstante em épocas diferentes. Ela sempre desejara isso, apesar de Jonathan nunca ter revelado o que pode apelidar-se de amor fraternal, nem mesmo em relação a Mitchell, que era só dois anos mais novo do que ele. A chegada de Aaron, ainda que uma surpresa para todos, havia afastado o filho mais velho ainda mais do resto da família.

E fora isso que ela dissera para si mesma, enquanto se vestia para ir à sinagoga, verificava a temperatura do menino dela uma última vez (38 graus) e o aconchegava na cama com uma cassete de *Fable Forest* a tocar ao lado dele.

Quando ela ligara da festa, umas horas mais tarde, Jonathan dissera-lhe que estava tudo bem.

— Ele disse que o Aaron tinha querido ir brincar lá para fora — explicou Mitchell. — Disse-nos isso durante algum tempo, mas depois penso que concluiu que a história não estava a pegar. Não era propriamente uma coisa simpática de se fazer pelo irmão mais novo, deixá-lo ir brincar lá para fora só porque lhe apetecia, quando esse irmão de quatro anos estava cheio de febre e ele devesse estar a tomar conta dele. Não iria ser bem entendido. Iria ser criticado. Por isso começou a dizer às pessoas que não fazia ideia de que o Aaron estava lá fora. Que pensava que o Aaron tivesse estado sempre no quarto. Disse ao médico que o tinha ido espreitar algumas vezes, mas a nós nunca disse isso. Sabia que a mãe e o pai não teriam acreditado nele, portanto nem se deu a esse trabalho.

— Esperem aí — pediu Grace. Tinha inclusivamente erguido as mãos, para os calar. — Esperem aí, quer dizer que... Quer dizer que o Jonathan foi responsável por algo que aconteceu ao Aaron?

— Foi, sim. — David acenou tristemente com a cabeça. — Lutei muito contra essa tomada de consciência, embora não tanto como a Naomi. Ela queria muito acreditar que não era verdade.

Naomi estava a fitar algo para lá do ombro de Grace. O rosto dela estava tão carregado de dor que parecia inchado.

Mitchell suspirou:

— Ele esteve realmente lá fora. Sem dúvida alguma. Não sabemos quanto tempo ao certo, nem se queria estar lá ou se foi mandado lá para fora. É muito difícil calcular a sequência de eventos. E, claro, o cérebro humano é exímio em inventar histórias para se sentir melhor quando algo se torna insuportável. Por isso imagino sempre que o Aaron se sentiu melhor e que quis ir brincar lá para fora, porque tinha um balouço nas traseiras que ele adorava. Com uma escada e uma corda. E que saiu para a rua e que se foi divertir no balouço, e que quando regressou a casa já não se sentia nada doente. Que voltou a enfiar-se dentro da cama e que adormeceu, que era

onde ele estava quando regressámos da festa.

— Mas depois tinha 40 graus e meio. Levámo-lo logo dali — disse Naomi, numa voz apagada. — Para o hospital. Mas eles não puderam fazer nada. Era demasiado tarde para fazer alguma coisa por ele.

— Além de que não foi assim que aconteceu — disse Mitchell. — Eu é que queria que a história fosse essa, mas não foi assim que aconteceu de facto. E a Polícia também sabe isso. Fizeram-no explicar a situação vezes sem conta. Ao Jonathan, quero eu dizer. Ele estava sempre a mudar a história. Sabia onde é que o Aaron estava. Não sabia. Talvez soubesse. Pensava que sabia, mas estava enganado. Nunca parecia afetado. Nunca parecia perturbado. Mas também não tinha havido nenhum ato da parte dele. Não havia nada que eles pudessem dizer que ele tivesse *feito*. E, sabes, acho que estavam a tentar pensar na nossa família como um todo e na forma como iríamos aguentar aquilo, e que responsabilizar o Jonathan numa perspetiva legal só iria piorar a situação. Acho que estavam convencidos de que ele iria sofrer o suficiente, devido ao sentimento de culpa, e que fazê-lo passar por uma acusação e depois por um julgamento não o iria ajudar em nada e que também não nos ajudaria a nós. Mas estavam enganados em relação ao sofrimento dele. Ele era incapaz de sofrer. Não sabia como.

Grace estava a tentar respirar, mas tudo parecia estar a mexer-se. A mesa estava a mexer-se e a cadeira também. A cozinha estava a rodopiar numa mancha Harvest Gold imensa, como se se tivesse soltado. Mas... e isso ocorreu-lhe enquanto a observava, a rodopiar e a desfocar-se à sua volta: não fazia sentido. Não era a cozinha, era ela. Ela — Grace — havia-se finalmente desligado da sua própria vida, estava irreversivelmente desconectada. Tinham-se acabado as explicações. Tinham-se acabado as atenuações. Tinham-se acabado as tentativas de o compreender, de compreender o que lhe tinha acontecido. Não havia forma de voltar atrás depois disso, depois de Aaron Sachs, o «Atrelado», que nunca tinha chegado aos cinco anos. Não havia nada para interpretar mal: era absolutamente óbvio, e era violento, e não tinha nada — nem uma única coisa — a ver com ela. Esse era o Jonathan aos quinze anos: que não queria ir ao *bat mitzvah* nem queria ter um irmão.

— Ele nunca disse que lamentava o sucedido — disse-lhe David. — Nunca. Nem uma única vez. Mesmo que tivesse acontecido exatamente como ele disse, podia ter dito que lamentava. Mas nunca o fez.

— Ele não lamentava nada — disse Naomi. Limpou a face com as costas da mão. — Porque é que o havia de dizer? Nunca mais voltou a falar sobre o assunto. Continuou a morar aqui até à primeira oportunidade para se ir embora e depois nunca mais cá voltou. Nunca telefonava e nunca falava sobre coisas pessoais quando lhe ligávamos. Deixou-nos pagar-lhe as propinas; isso era uma espécie de grande feito, o facto de ter permitido

que pagássemos as propinas dele. Depois começou a morar com uma mulher, muito mais velha do que ele, e passou a ser ela a pagar-lhe as propinas. E comprou-lhe um carro também.

— Um *BMW* — disse David, abanando a cabeça. — Isso deu cabo de mim. Um judeu não devia conduzir um *BMW*. Eu sempre o disse.

— A marca do carro não interessa para nada — replicou Naomi.

Ele parecia estar prestes a responder, mas pensou melhor e deixou passar.

— Sabes — disse Mitchell —, quando o Jonathan entrou para a faculdade de Medicina, eu pensei: «Pronto, está bem, é assim que ele vai exprimir os sentimentos dele sobre o que aconteceu ao Aaron.» Pensei: «Mais algum tempo e talvez ele ainda nos dê uma oportunidade.» A mim em especial — disse ele, sorrindo de novo. — Porque eu admirava-o imenso quando éramos miúdos. Por isso é que aguentei um pouco mais. Fui o último a desistir. O pai desistiu há muito tempo, talvez um ou dois anos após a morte do Aaron. A mãe aguentou-se muitos anos ainda.

Ele olhou para a mãe, do outro lado da mesa. Ela desviou o olhar.

— Depois ele tornou-se pediatra. Pensei: «Ele deve ter passado todo este tempo corroído com o sentimento de culpa. Por isso é que não é capaz de olhar para nós nem de estar connosco, é demasiado doloroso para ele. Mas agora pode evitar que outras crianças morram e pode impedir que outros irmãos e pais percam um menino pequeno.» E eu respeitava muito isso nele, mesmo que ele já não fizesse parte das nossas vidas e que tu e o Henry também não fizessem parte das nossas vidas. Mas agora já não me parece que fosse bem assim. Não o compreendo. Acho que nunca o compreendi.

— Não — respondeu Grace. Ficou admirada por se ouvir manifestar uma opinião. Depois decidiu que devia estar a falar enquanto profissional. — Não, seria impossível. Estamos a falar de um cérebro muito diferente do normal. A senhora não é responsável por nada disto — disse ela, voltando-se para Naomi. — Não podia ter resolvido o assunto. Ninguém sabe como é que isto acontece. — O que era verdadeiramente inacreditável, pensou ela, ao mesmo tempo que falava para Naomi num tom tão reconfortante, tão profissional, não era o facto de ele ter emergido de uma família terrível e inadaptada para se tornar um curandeiro de crianças, um profissional, um cidadão do mundo. O que era inacreditável era ele ter-se aguentado o tempo que se tinha aguentado. Devia ter sido bastante difícil. Devia ter sido extenuante. Mas devia ter ganhado alguma coisa com isso. Ela nem queria pensar no que ele tinha ganhado com isso. — Sabem, os peritos que estudam estas coisas também não o compreendem muito bem — concluiu ela, já sem energia.

Naomi, para sua surpresa, estava a acenar com a cabeça.

— Eu sei. Eu sei isso. Mas nem sempre me consigo agarrar a isso.

Estou sempre a voltar à ideia de que deve ter sido alguma coisa que eu fiz ou que foi por causa da nossa vida aqui ou por causa do tipo de mãe que eu fui. Mas eu fui uma boa mãe. A sério que sim. Fiz por isso — disse ela e, mais uma vez, a sua voz enrouqueceu e ela começou a chorar. Mitchell pôs-lhe o braço à volta dos ombros, mas não a interrompeu. Por fim, ela parou. — Mas obrigada por o teres dito.

— A minha mulher diz que a única coisa que podemos fazer quando uma pessoa como o meu irmão aparece na nossa vida é sair da frente — disse Mitchell a Grace. — Ela tem feito bastante pesquisa sobre o assunto. Mas é claro, não é a área dela.

— A tua mulher? — perguntou Grace. — És casado?

— É verdade! — David deu uma gargalhada. — Só demorou doze anos. Achas que foi tempo suficiente para eles se decidirem?

— Mas... eu pensava... — Ela recordou, mais uma vez, o que tinha pensado, aquilo em que tinha acreditado. Quem é que lhe tinha dito que Mitchell, o imaturo e mimado irmão mais novo, continuava a morar na cave da casa dos pais e que dependia completamente deles? — Onde é que moras? — perguntou-lhe.

Mitchell fitou-a com uma expressão de interrogação.

— Não muito longe daqui. Temos estado a morar em Great Neck, mas estamos prestes a mudar-nos para uma casa em Hempstead. A minha mulher é fisioterapeuta no St. Francis Hospital, muito perto daqui. Devias conhecê-la, Grace. Acho que vocês iam gostar uma da outra. Ela também é filha única. — Ele esboçou um sorriso.

Grace disse que sim com a cabeça. Sentia-se entorpecida.

— E o que é que tu... Desculpa, Mitchell, mas não faço ideia qual é a tua profissão.

Ele parecia divertido com a situação:

— Não tem importância. Sou diretor de uma escola primária em Hempstead. Passei a maior parte da minha carreira no ensino secundário, mas no ano passado mudei para o ensino primário. Estou muito satisfeito com a mudança. Adoro lidar com crianças. Acho que deve estar relacionado com o que nos aconteceu, não sei se isso fará sentido. Não prestei muita atenção ao Aaron enquanto ele estava vivo; essa percepção deu cabo de mim quando ele morreu. Mas depois comecei a sentir um grande interesse por crianças e pela forma como elas aprendem. — Estendeu o braço e pegou na caneca de Naomi e na dele. — Queres mais café? — perguntou-lhe ele, pondo-se de pé.

Ela agradeceu, mas abanou a cabeça.

— Grace? — ouviu Naomi a dizer. — Nós gostávamos muito de conhecer o nosso neto. Achas que isso agora é possível? — Ela falou muito devagar, de uma forma deliberada. Não queria fazer aquilo da maneira errada, nem ser mal interpretada.

— Claro que sim — respondeu Grace. — Claro. Eu... Vamos combinar qualquer coisa. Eu trago-o aqui. Ou... podemos encontrar-nos em Nova Iorque, um dia destes. Peço imensa desculpa. Sinto-me pessimamente por não estar a par de nada disto. Não sabia de nada.

David estava a abanar a cabeça:

— Não precisas de o dizer. Ele não queria que fizéssemos parte da tua vida nem da vida do Henry. Foi complicado aceitarmos isso, em especial quando o Henry nasceu. Eu não queria ter aparecido no hospital daquela maneira, mas era algo que a Naomi precisava de fazer. Acho que foi a última vez que ela pensou que o Jonathan poderia tornar-se uma pessoa diferente. Por já ter um filho dele. Ela achava que ainda havia uma hipótese de ele nos deixar aproximar de vocês.

Grace fechou os olhos. Estava a imaginar-se nessas mesmas circunstâncias insuportáveis.

— Eu obriguei-o a levar-me lá — disse Naomi. Estava a sorrir, ou a tentar sorrir, pela primeira vez desde a chegada de Grace. — Obriguei-o. Disse-lhe: «É o teu neto. Vamos vê-lo e ponto final.» Queria oferecer-lhe a mantinha, lembras-te? A mantinha que levámos para o Henry?

Grace, incomodada, acenou com a cabeça:

— Foi feita por si?

— Oh, não! Foi a minha mãe que a fez para mim. Usei-a com os meninos todos. Com o Jonathan também, claro. Queria que o Henry tivesse essa coisa nossa, mesmo que fosse a única coisa que me deixavam dar-lhe. Ainda a tens? — perguntou-lhe ela, com uma ansiedade excruciante.

— Não tenho a certeza — conseguiu dizer Grace. — Para ser sincera, não a vejo há imenso tempo.

O rosto de Naomi ficou abatido, mas depois ela recuperou.

— Bem, isso agora já não interessa. Ver o Henry é muito mais importante do que ainda ter a manta velha. Seja como for, já estou a fazer outra.

E depois, de um dos cantos da cozinha, soou um bipe suave e quase eletrónico. Grace olhou à sua volta. Ligado a uma tomada via-se um monitor de plástico branco, do género que ela tinha utilizado quando Henry era bebé.

— Por falar no Diabo... — disse Naomi e a voz dela soou subitamente jovial. Pôs-se de pé de um salto.

— Eu vou lá — disse Mitchell.

— Não, eu vou. — Depois ela deteve-se. — É melhor explicares tudo à Grace — disse ela. Em seguida, inclinou-se para a frente e beijou a face da nora, que ficou demasiado perplexa para falar. Ficaram a ver Naomi afastar-se. Regressou ao átrio e começou a subir as escadas.

— Grace? — disse Mitchell.

— Ou seja, tu e a tua mulher têm um bebé? Parabéns.

— Obrigado. Quer dizer, vamos ter um bebé. A Laurie nasce em junho. Mas sim, temos um bebé. De momento todos temos um bebé, por muito estranho que pareça. E se calhar, agora que compreendes o que aconteceu na nossa família, talvez seja mais fácil compreenderes porque é que fizemos o que fizemos. O que estamos a fazer.

— Então! — exclamou David. Pôs-se de pé, com alguma rigidez. — Já não aguento mais! Isto já parece um episódio do *Segurança Nacional*.

— Pai, eu só quero que a Grace compreenda que para nós foi diferente do que seria para outra família qualquer, em que não tivessem perdido uma criança.

— Queres mais bolo de café? — perguntou-lhe David. Grace, que só tinha conseguido comer metade da fatia e mesmo isso só por uma questão de educação, abanou a cabeça.

— Nós ficámos, ou melhor, nós *estamos* de rastos por causa do que o Jonathan fez. O que alegadamente fez. O que acreditamos que ele possa ter feito. E, claro, soubemos que a mulher que morreu tinha dois filhos. E partimos do princípio, tal como a maioria das pessoas, de que o marido da mulher iria levar os filhos de volta para a Colômbia. Nunca nos passou pela cabeça envolvermo-nos nesta situação, não mais do que já estávamos envolvidos, a falar com a Polícia sobre o Jonathan e a prometer contactá-los caso ele entrasse em contacto connosco, o que eu lhes disse logo que seria a última coisa que ele faria. Mas depois um deles ligou-nos pouco antes do Ano Novo, para ver se estava tudo bem, e disse-nos que o menino tinha voltado para a Colômbia com o pai e que ele se tinha recusado a levar a bebé.

— Não era filha dele — disse David. Tinha tornado a guardar a caixa de *Entenmann's* no frigorífico e tinha tirado um biberão de leite, já preparado. Então começou a agitá-lo com força. Em seguida, levou-o até à torneira, abriu a água quente e começou a passá-lo por baixo do fluxo de água.

— Disseram que ela ia para um orfanato em Manhattan, mas primeiro tinham de contactar todos os familiares e eliminá-los como possíveis tutores. E nós conversámos sobre o assunto.

— Mas não foi preciso muito tempo! — disse David, com um leve sorriso.

— Não, não foi preciso muito tempo.

— Oh, meu Deus!... — exclamou Grace.

— Eu sei, peço desculpa. Calculo que seja muito complicado para ti lidar com isto.

«Não é pior do que descobrir que o meu marido matou a amante ou causou a morte do irmão mais novo», pensou ela. O que não lhe serviu de muito.

— Mas... Nada disto é culpa dela. É nesse ponto que acabamos

sempre por vir bater. É uma bebé linda que teve um princípio de vida muito complicado. Vai ter muito que enfrentar quando for mais crescida. Tenho a certeza de que a vida ainda reserva muitas tristezas para a Abigail. E acontece que ela é minha sobrinha.

— E minha neta — acrescentou David, num tom bem-disposto.

— Posso beber um copo de água? — pediu Grace. Estendeu ambas as mãos para o receber. Ambas as mãos. David abriu o armário para tirar um copo. Fechou a torneira da água quente, abriu a da água fria e pôs a palma da mão debaixo do jorro à espera de que arrefecesse. Ninguém disse uma palavra até ela ter bebido a água toda.

Então Grace disse:

— Abigail?

— Em homenagem ao Aaron. Aliás, eu e a Laurie é que escolhemos o nome Abigail. Vamos manter Elena como segundo nome.

— Adoro o nome Abigail — disse David. Tinha voltado ao biberão e à água quente. — É o nome da mulher do Rei David, na Bíblia. Não que alguém me tenha perguntado — continuou ele.

— Mas... — Grace continuava a tentar formular a pergunta. — Vocês vão... ou... Tu e a tua mulher?

Ele demorou uns segundos, mas depois percebeu o que ela estava a tentar perguntar.

— Eu e a Laurie estamos a tratar das coisas para a adotar. Para já as coisas têm estado um pouco improvisadas, porque ainda não nos mudámos para a casa nova e a Laurie teve um primeiro trimestre meio atribulado, por isso a Abigail está a passar tempo de qualidade com a avó e o avô. Não que nos queixemos.

— Nós adoramo-la — disse simplesmente David.

Grace, que ainda estava a tentar controlar-se, deu-lhe o seu melhor aceno de cabeça terapêutico.

— Claro. Afinal de contas, é sua neta.

— A minha neta. A filha do meu filho. Que, a propósito, eu também amava. Por muito difícil que seja acreditar nisso.

— Não, não é. — Ela abanou a cabeça. — Eu também o amava. — Ou, *pelo menos*, ocorreu-lhe, «amava a pessoa que pensava que ele era». Essa era uma discrepância pequena, mas fundamental.

Agora ouvia-se Naomi a descer as escadas alcatifadas no átrio. O peito de Grace contraiu-se a cada passo. Ela sabia que jamais estaria preparada para aquilo. Pela primeira vez desde que tinha entrada por aquela porta, pensou seriamente em fugir a sete pés, mas a ideia de ela, uma mulher adulta, sentir-se humilhada por uma bebé dava-lhe cabo da cabeça. Agarrou-se ao assento da cadeira e voltou o rosto triste e prevenido na direção da entrada da cozinha.

A mulher que surgiu, com a criança ao colo, era uma pessoa

completamente diferente. O cabelo escuro solto caía-lhe à volta do rosto e ela mexia-se com mais rapidez e flexibilidade, não obstante o facto de estar a segurar a bebé — Elena — Abigail — da maneira típica das mães, ou seja, escarranchada na anca. Até a pele de Naomi Sachs parecia ter adquirido uma tonalidade diferente: luminosa e saudável. Havia-se tornado uma mulher capaz de sentir alegria.

Ela disse:

— Explicaram-lhe tudo, espero eu?

Grace pôs-se de pé. Ninguém lhe tinha pedido para o fazer. Ninguém alguma vez lho pediria, mas isso era perfeitamente compreensível. Todavia, ela estendeu os braços para a menina. Não tinha planeado fazê-lo. Nem tinha a certeza se o queria realmente fazer. Mas ainda assim fê-lo.

— Posso? — perguntou ela a Naomi.

Naomi não respondeu, mas depois levantou a bebé da sua anca e estendeu-lha, e Grace pegou nela. Elena já não era a bebé morena que tanto tinha desconcertado as mulheres durante a reunião do comité da angariação de fundos ao peito de Malaga Alves — ambos os peitos. Agora era uma bebé robusta com uma auréola de cabelo castanho ralo e duas covinhas, as perninhas musculadas e um interesse entusiasmado pela orelha de Grace. Era também, agora e para sempre, filha da tragédia, cujo pai tinha matado a mãe dela, cujo outro pai a tinha rejeitado, e cujo irmão havia desaparecido da vida dela, para sempre. E só tinha seis meses de idade. Continuava a ter, reparou Grace, as pestanas compridas e bonitas que ela recordava da última vez que a tinha visto.

Como as pestanas de Henry: também bonitas, também compridas.

— É melhor eu ir andado — disse Grace.

Naomi ficou dentro de casa com a bebé. David e Mitchell acompanharam-na até ao carro e ambos insistiram em abraçá-la mais uma vez.

— Não te vais livrar de nós — disse-lhe David. — Agora nunca mais te largamos. Nem ao Henry.

— Ó pai... — Mitchell deu uma gargalhada. — Não lhe liguês, Grace. Vamos ficar à espera de notícias tuas. E se não tivermos notícias tuas, vamos perseguir-te implacavelmente. Esquece, isto não teve piada nenhuma. Estava a brincar.

— Eu achei piada — disse David.

Ela garantiu-lhes que manteria o contacto, entrou no carro e ligou o motor. Tinha a sensação de que não se sentava nele há imenso tempo. Ocorreu-lhe que não fazia a mínima ideia que horas eram.

Quanto já estava novamente na LIE, pegou no telemóvel e ligou para o telemóvel do pai. Ele atendeu de imediato, com uma voz ansiosa.

— Está tudo bem? — perguntou ele. — Recebeste a minha mensagem?

— Não, peço desculpa. Estão a jantar?

— Sim. Bem, algumas pessoas sim. Estamos no Pig Heaven.

Grace não conseguiu conter uma gargalhada:

— Como é que conseguiram convencer a Eva a ir ao *Pig Heaven*?

— O Henry disse-lhe que a palavra «*pig*» era uma metáfora. Ele empregou mesmo a palavra metáfora.

— Estou impressionada — respondeu Grace.

— E quando aqui chegámos e a Eva viu a ementa, tive logo de mandar vir um *mai tai* para ela. Agora já está tudo bem. E o teu filho está a comer uma coisa chamada leitão. E está realmente no Paraíso do Porcos.

— Posso falar com ele? — perguntou Grace. Depois pediu ao pai que levasse para casa uma dose de salada de pato.

Henry atendeu com uma voz absolutamente extasiada, como somente uma criança de doze anos de volta ao restaurante favorito dela podia soar.

— Onde é que estás? — perguntou-lhe Henry.

— Vamos ter um cão — informou-o Grace.

22 LIE (Long Island Expressway) é o nome pela qual é vulgarmente conhecida a autoestrada interestadual 495. A palavra «*lie*» significa «mentira». (NT)

23 Palavra judaica que significa «reunião informal para beber café e conversar». (NT)

24 Género de música tradicional judaica que combina a canção com o violino e a flauta. (NT)

CAPÍTULO VINTE E DOIS

A PRIMEIRA COISA QUE VÃO DIZER SOBRE MIM SEMPRE QUE ME VIER EMBORA DE ALGUM LADO

Henry queria um cão inteligente. Queria um *border collie*, o cão mais inteligente de todos, segundo uma entusiasmada pesquisa, mas não havia *border collies* nos abrigos caninos do Oeste do Connecticut. Na verdade, não havia muitos cães para além de *pit bulls* ou misturas de *pit bulls*. O cão que eles acabaram por escolher era um cão de caça qualquer do canil municipal de Danbury, a única raça disponível para além de *pit bull* no dia em que ela e Henry tinham percorrido a Route 7, preparados (no caso de Grace, mais preparada era impossível) para se tornarem donos de um cão. Com sorte, ele acabara por se revelar um cão inteligente e afetuoso, de tamanho médio e com um ano de idade, com manchas pretas e castanhas e uma repetição curiosa das mesmas manchas cheias de floreados na parte de trás, fazendo lembrar um teste de Rorschach canino. No caminho para casa, o cão sentou-se em cima do colo de Henry, deu um enorme suspiro que pareceu envolver todas as partes do corpo dele e adormeceu. Henry, agora que a muito desejada inteligência do cão tinha aparentemente sido confirmada, decidiu que iria chamar-lhe *Sherlock*.

— Tens a certeza? — perguntou Grace, do banco da frente. — Olha que isso é uma grande responsabilidade para um cão tão pequeno.

— Ele aguenta-se — respondeu-lhe Henry. — Este cão é um génio.

Ao que parecia, o cão era também sulista. O funcionário do canil, ao verificar a documentação de *Sherlock*, explicara-lhes que, quando os abrigos do Sul que praticavam eutanásia ficavam sobrecarregados, às vezes enviavam cães e gatos para adoção para os canis do Noroeste. *Sherlock*, em específico, era proveniente do Tennessee. Talvez ladrasse com sotaque.

— Podemos parar na loja de comida para animais?

— Já comprámos comida para cão.

— Não, eu sei, mas queria comprar uma tigela especial. E o *Sherlock* devia ter uma coleira especial. O cão do Danny, o *Gerhard*, tem uma coleira especial a dizer «Gerhard».

Gerhard era um *schнауzer* de competição que passava o ano em exposições caninas. Os pais de Danny (a mãe dele, cujo nome era Matilda, havia insistido que tanto Grace como também Henry a tratassem por «Til», porque era a «alculha» dela) tinham-se revelado bastante simpáticos e muito divertidos. Uma noite, depois de ter ido buscar Henry, Grace aceitara um convite inesperado para jantar e divertira-se imenso com as histórias sobre o circuito de exposições caninas, com referência especial aos penteados e processos de embelezamento que aconteciam nos bastidores. Grace, para sua própria surpresa, dera por si a rir-se como uma parva durante toda a refeição.

No entanto, disse ela a Henry agora, não iriam competir com *Gerhard* e a família dele.

— O que é que isso quer dizer? — perguntou o filho dela, genuinamente surpreendido.

Ela explicou-lhe o que significava.

Era realmente extraordinário, pensou Grace, a observá-lo pelo espelho retrovisor, reparando na longa madeixa de cabelo que caía sobre o rosto do filho. Quando ele era bebé, a pediatra tinha-lhe dito que os miúdos cresciam de um dia para o outro. Na manhã seguinte íamos ter com eles e as pernas podiam estar mais compridas, a cabeça maior; acontecia realmente dessa maneira. E ao longo dos anos ela tinha tido vários motivos para se lembrar disso. O dia, no segundo ano de escolaridade, em que ele tinha repentinamente saído da primeira infância com uma perentoriedade absoluta: já está! O verão de há dois anos, quando ela tinha ido de carro a Great Barrington para lhe comprar uns ténis e tinha-lhe comprado um par que ainda lhe ficava um pouco largo e depois, cerca de uma semana mais tarde, ele tinha-se queixado de que os dedos dos pés batiam à frente. Quando voltaram à loja, acabaram por comprar ténis dois tamanhos acima desse. Agora acontecera de novo, não tanto em termos da altura, da largura ou do diâmetro da cabeça dele. Ele havia-se libertado, enquanto ela não estava a olhar, enquanto ela estava distraída com a desgraça que se havia desenrolado na sua família, de uma grande parte do lado infantil dele. Agora, no seu lugar, percebia-se o leve vestígio da infância. O filho dela encontrava-se na antecâmara da terra da adolescência, onde os rapazes com madeixas sobre a testa e uma higiene pessoal tudo menos exemplar esperavam para descobrir que as raparigas eram diferentes e por que motivo isso era importante. Ele parecia... Seria possível? Bastante bem, nada em baixo nem deprimido. Aliás, parecia um rapaz perfeitamente normal, um rapaz com amigos na escola, com um teste de Ciências na segunda-feira de manhã e com a obrigação de tocar na orquestra do segundo ciclo e de jogar na novíssima posição (*outfielder*) nos Lakeville Lions (uma equipa patrocinada por nada mais nada menos do que a Smitty's Pizza, em Lakeville, o local da primeira refeição oleosa deles na

noite que ela agora via como sendo a noite da fuga). Por outras palavras, não parecia nada um rapaz cujo pai era conhecido por milhões de pessoas, ainda que noutro estado, como «Doutor Assassino». Ou mesmo (ela testou esse conceito) como um miúdo cujos pais tinham acabado de proceder a uma simples separação e cuja mãe o tinha levado, certa tarde, para uma vida completamente diferente: casa, escola e amigos diferentes. «E um cão», pensou Grace. Seria possível que ele estivesse... realmente... bem?

— Se calhar devíamos ter comprado aquele cesto de que eles estavam a falar — disse ela. Acabava de lhe ocorrer que *Sherlock*, o cão, o primeiro canino a entrar na casa do lago em pelo menos trinta anos, podia, em algum momento, decidir defecar dentro de casa.

— Não. Quero que ele durma na minha cama — respondeu-lhe Henry, do banco de trás. — E se ele fizer alguma coisa, eu limpo. É o meu cão. Sou responsável por ele.

Grace susteve a respiração. Nunca o tinha ouvido dizer essas palavras — *Sou responsável* — e soavam absolutamente incríveis na voz dele. A voz nova dele — um pouco mais baixa, um pouco mais grossa, já não era a voz de Henry-rapaz. Isso era outra coisa que tinha acontecido enquanto ela estava a olhar para o outro lado, apercebeu-se Grace, sentindo-se aturdida de arrependimento.

Porque era ela quem era, ou quem devia ter sido, responsável. Isso tinha-lhe ocorrido pela primeira vez há umas semanas, ao levantar a ponta do véu da raiva imensa, da tristeza imensa e do sofrimento absolutamente imenso e, em última análise, sem limites, motivos pelo facto de Jonathan já não estar presente (por a família que ela tinha com Jonathan — a sua vida, aquilo que, com um raciocínio defensável, ela tinha encarado como sendo a sua vida — já *não existir*), e tinha visto, ao espreitar sob essa enorme e envolvente ferida de monstruosidade, um dedo firme a apontar na sua própria direção. Tudo aquilo — não precisava de ter acontecido, ou pelo menos não precisava de ter acontecido da forma que tinha acontecido. A dimensão da coisa: Malaga Alves assassinada, os filhos dela agora órfãos, a vergonha plena da sua exposição pública e a destruição das suas conquistas e das suas ambições profissionais. E mais, se seguisse a lista, havia muito mais: as discussões entre ela e Vita, entre Henry e os avós dele, entre a ideia sofisticada que ela tinha de si própria e a realidade pura e dura. Jonathan tinha feito tudo aquilo, mas ela tinha-o permitido. E mesmo depois de tantas semanas de dias imersos numa tristeza acamada e a pesquisar na Internet artigos sobre o seu próprio conhecimento do caso (na melhor das hipóteses) e da sua cumplicidade no crime (na pior das hipóteses), e horas passadas no ancoradouro, a soprar fumo para as estrelas como se a explicação pudesse estar lá em cima — mesmo agora, ela continuava sem perceber como é que aquilo tinha acontecido.

Agarrou o volante com força, tentando recuperar o autocontrolo,

tentando disfarçar a sua súbita descompressão em frente a Henry.

Portanto, ela tinha optado por acreditar na realidade apresentada, na realidade não examinada, da sua vida com Jonathan. Porquê sentir vergonha disso? Sentada no seu gabinete, dia após dia, enquanto um chorrilho de péssimas escolhas se sentava a choramingar no seu sofá cor de aveia, as partes prejudicadas e os cônjuges de rastos — quem é que não se sentiria grata por aquilo que a esperava em casa todas as noites? Jonathan tinha-a abertamente amado e valorizado, tinha-a encorajado, tinha-a apoiado, tinha-lhe demonstrado afeto constante, tinha-lhe dado Henry. Ele tinha sido — santo Deus, que cliché — o seu melhor amigo. Aliás, pensou ela com uma nova vaga de tristeza, o que ele tinha sido mesmo era o seu único amigo. Certificara-se disso ao tê-la afastado de Vita, encorajando-a a desaprovar todos os que lhe apareciam à frente. Ninguém era merecedor de Grace — a mensagem tinha sido essa. Ninguém a merecia exceto ele.

Tê-lo-ia percebido noutra pessoa qualquer, disse ela para si mesma. *Percebera-o* inúmeras vezes nos homens sentados no sofá do seu consultório. Eram marido e namorados que delicada ou brutalmente cortavam os laços com as companheiras, os pais, os irmãos, os amigos e até mesmo com os filhos, ao ponto de as mulheres jamais conseguirem regressar dessa terra desolada. Ao ponto de ficarem demasiado desmoralizadas para sequer tentarem. Era exatamente como os *border collies*, que selecionavam uma ovelha do rebanho e a mantinham afastada das restantes. Os *border collies* eram cães muito inteligentes.

— Acho que ele está com fome — disse Henry. *Sherlock* tinha-se posto de pé, tinha-se espreguiçado e agora estava com o focinho encostado à janela do carro, a sujar o vidro.

— Estamos quase a chegar.

Quando chegaram, entraram com ele pela porta da frente e passearam-no pela casa com a trela. Uma vez, junto ao sofá da sala, ele pareceu estar a pensar em levantar a perna, pelo que Henry o arrastou para longe, explicando-lhe as coisas como se o cão o compreendesse:

— Não, não, *Sherlock*, isso faz-se lá fora. Tens um quintal inteiro só para ti.

Grace abriu a porta do alpendre e eles desceram os degraus até à frente do lago, onde ela observou Henry a pôr a coleira especial e depois a apertá-la até ficar justa.

— Estás pronto? — perguntou ela.

Ele acenou com a cabeça, mas não parecia nada preparado. No início dessa semana, um homem da empresa Invisible Fence tinha aparecido para enterrar o arame do perímetro, utilizando uma ferramenta especial para escavar na terra dura. Tinha deixado pequenas bandeiras brancas a todo o comprimento da linha divisória, que descia de ambos os lados da casa até à

água. Havia imenso espaço para correr de um lado para o outro. Assim que essa parte estivesse resolvida, o cão ficaria bem.

— Não me apetece nada — disse Henry, constatando o óbvio. O cão estava a puxar a trela, claramente ansioso para explorar.

— Eu sei — respondeu Grace. — Mas tem de ser. Ele tem de saber o que acontece se tentar passar para lá da linha. Um choque e pronto, acabou-se. Se ele for esperto como achamos que é, claro.

— Mas não quero que ele se magoe.

— Vai magoar-se muito mais se correr para a estrada e for atropelado por um carro, Henry.

O filho dela encolheu os ombros, com tristeza.

— Lembras-te do que o senhor explicou?

— Podes fazê-lo comigo?

— Claro.

Eles levaram o cão até junto do perímetro. A uns metros de distância de uma das bandeiras brancas, ela ouviu o aviso agudo proveniente da coleira. *Sherlock* inclinou a cabeça para o lado, mas de resto parecia confuso.

— Não! — disse Grace ao cão, numa voz severa. — Não! Não! Não!

Henry, sem grande convicção, puxou a trela.

— Não, *Sherlock*. Não podes ir para aí.

Sherlock olhou calmamente para ambos e depois deu mais um passo na direção da linha.

— Desculpa, meu amor — disse Grace. — Não há outra maneira de fazer isto.

Ele acenou com a cabeça. Deixou o cão puxá-lo para a frente. Era muito corajoso, pensou Grace. Após mais um passo, eles tornaram a ouvir o sinal de aviso. E então, dois passos depois, *Sherlock* ganiu e deu um salto para trás. O latido fora bastante agudo e, até mesmo para Grace, de partir o coração. Era evidente que o cão se tinha realmente magoado.

— Desculpa — disse-lhe Henry, ajoelhando-se no chão. — Desculpa, amigo. Não torna a acontecer.

«Esperemos que não», pensou Grace. «Se ele for realmente inteligente.»

— Vamos ver o que é que acontece — disse ela a Henry. — Tenta levá-lo novamente para perto da linha.

Ele assim fez, mas dessa vez *Sherlock* não estava para brincadeiras. Mesmo antes do sinal de aviso soar ele retrocedeu. Parecia aterrorizado.

— Lindo menino! — elogiou-o Grace.

— Lindo menino! — elogiou-o Henry.

Levaram-no a toda a volta do perímetro, deixando-o escutar o sinal sonoro em mais uns locais, fazendo-lhe festas e elogiando-o sempre que ele dava um salto para trás. Junto ao lago, ele entrou na água fria até esta

lhe cobrir as patas e depois ficou parado a contemplar a superfície. Em seguida, ergueu o olhar para o céu da tarde e uivou tão alto que devia ter-se ouvido vários quilómetros floresta adentro, em todos os sentidos.

— Caramba! — exclamou Henry.

— Bem — disse Grace, rindo-se. — Parece que já está em casa.

Henry desprendeu a trela de *Sherlock* da coleira e retrocedeu, num gesto cauteloso. Não aconteceu nada. Ele não desatou a fugir, permanecendo no mesmo lugar com as patas cobertas da água muito escura e a fitar, extasiado, a outra margem do lago. Eles voltaram para o alpendre das traseiras, para o observar, e sentaram-se nos degraus durante uns minutos. Grace com o braço por cima dos ombros do filho.

— É um cão bonito — disse Grace.

Henry acenou com a cabeça.

— Desculpa ter demorado tanto tempo. Acho que vou gostar de ter um cão.

Ele não respondeu de imediato. Encolheu os ombros. Parecia estar a meditar.

— O que é que foi? — perguntou Grace.

— Quero falar sobre o assunto — respondeu-lhe Henry. — Quer dizer, alguma vez vamos falar?

Grace respirou fundo, devagar.

— Sim, claro — respondeu ela.

— Mas quando? Não gosto nada disto. Detesto não falar sobre o assunto. Mas não quero que fiques aborrecida.

— Não é tua obrigação proteger-me, Henry. E agora é boa altura. Pode ser agora, se quiseres. Queres falar sobre isso agora?

Ele deu uma pequena risada, mas o riso soara tudo menos alegre.

— Portanto, agora é boa altura. Posso pedir à minha secretária para confirmar e entrar em contacto com a tua secretária, mas tanto quanto me parece, agora é boa altura.

Ela voltou-se para ele. Ao longo da última semana, o frio tinha acalmado um pouco, pelo que eles haviam largado as parcas e começado a usar menos camadas de roupa. O cabelo escuro de Henry saía-lhe do capuz pardacento. Por cima da camisola com capuz envergava um casaco de ganga pesado que tinha tirado de um dos roupeiros do piso de cima. Tinha pertencido a Jonathan.

— Eu sabia de tudo — disse-lhe Henry.

— Tudo...?

— Sobre o pai. Vi-o com a mãe do Miguel. Uma vez. Em setembro. Ou outubro. Eu sei que devia ter-te dito. Se te tivesse dito, isto talvez não tivesse acontecido. — As palavras saíram-lhe em catadupa e depois ele desviou o olhar.

«Tem cuidado», pensou ela de imediato. «Tem muito, muito cuidado.

Isto vai ser um momento muito importante.»

— Isso deve ter sido muito complicado para ti. — Ela forçou a voz a soar normal. — Lamento que tenhas assistido a isso. Mas não, não tinhas obrigação de me contar.

— Eles não estavam a fazer nada — Ele falou por cima dela. — Quer dizer, não estavam... Eu não vi nada, sabes, tipo beijos ou isso. Mas... não sei. Percebi, quando os vi. Estavam lá fora, nas escadas da entrada. Havia pessoas por perto. Mas eu vi-os e percebi. Era tipo, sei lá, dava para perceber. Mas quando ele me viu, tipo, continuou normal. Afastou-se um bocado dela e nem me apresentou nem nada. E eu também não disse nada.

Grace abanou a cabeça:

— Henry, isso é algo que nenhum filho devia ver.

— E depois ele continuou a ser o pai normal no caminho para casa! Tipo: «Como é que correu a escola? O Jonah falou contigo hoje?» Mas sabia que eu o tinha visto.

Henry calou-se. Parecia estar a decidir-se em relação a algo.

— Houve outra vez.

— Com... — Grace olhou para ele, confusa. — A Senhora... A mãe do Miguel?

— Não, foi há muito tempo. Com outra pessoa.

Grace forçou-se a não reagir. Aquilo já não era sobre ela.

— Queres falar sobre isso? — perguntou-lhe. — Não és obrigado, claro.

— Não, eu sei. Estava com o Jonah, perto da casa dele. Estávamos no passeio à espera da mãe dele, porque ela tinha entrado numa loja e nós estávamos no passeio. E eu vi o pai. Foi perto do hospital.

Grace acenou com a cabeça. Os Hartman moravam em East 60's, a poucos quarteirões do Memorial, até os rapazes andarem no sexto ano, mas depois disso Jennifer e Gary tinham-se separado e Jennifer tinha-se mudado com Jonah e a irmã dele para West Side. Fora nessa altura que a amizade entre eles tinha dado uma reviravolta. Antes disso, porém, Henry tinha passado vários anos no quarteirão de Jonah — no quarteirão do Memorial.

— Vi-o a subir a rua, na nossa direção. Estava a andar ao lado do parque infantil. Sabes, aquele parque infantil na Sixty-Seventh Street, onde costumávamos ir?

Grace acenou com a cabeça.

— Ele vinha com alguém. Uma médica. E eles estavam... Quer dizer, também não vi nada. Tipo, ele não estava a fazer nada, por isso não me apercebi logo. Estavam só a andar juntos e a conversar. Ela também era médica. Tinha uma bata igual. Ele não me viu logo. E quando atravessou a estrada também não me estava a ver. Ia passar mesmo ao meu lado com...

ela. Então eu disse: «Pai!» e ele, tipo, deu um salto e ficou a olhar para mim e disse: «Olá, pá!» e «Olá, Jonah!» e depois abraçou-me e começou a conversar sobre uma coisa qualquer. Já não me lembro. Mas virei-me porque a médica com quem ele vinha tinha continuado a andar. Ela não parou e ele também não olhou mais para ela. Achei isso muito estranho. Foi... Não sei como o descrever, mas foi como com a mãe do Miguel. Simplesmente percebi. Bem — corrigiu ele —, eu não *sabia*. Quer dizer, eu não percebia, tipo, o que é que estava a ver, só sabia que estava a ver uma coisa que... não batia certo. Percebes o que é que quero dizer?

Grace disse que sim com a cabeça, com uma expressão triste.

— Se calhar devia ter-te contado sobre essa vez também.

— Não, meu amor.

— Mas vocês podiam ter-se divorciado.

— Não se trata da coisa certa ou da coisa errada a fazer. A responsabilidade não era tua.

— Pronto, está bem — disse Henry, com tristeza. — Então de quem é a responsabilidade?

O cão, cansado da água gelada, estava a subir lentamente a ladeira de regresso a casa.

— Dos adultos — respondeu Grace. — Minha e do pai. Penso que há muito tempo que o pai tinha problemas. Mas... — Grace acalmou-se. Detestava ter de dizer aquilo, mas tinha de o dizer. — Independentemente do que ele fez e da razão por que o fez, espero que saibas que ele sempre te adorou. Não me parece que isto tivesse alguma coisa a ver contigo. Comigo, talvez, mas contigo não.

— Mas *tu* não fizeste nada de mal — disse Henry e Grace, com mais uma pontada de angústia, percebeu que ele estava a chorar. Possivelmente já estava a chorar há algum tempo.

Grace estendeu os braços para o filho e ele deixou-a puxá-lo para ela. Ainda era um menino pequeno, pensou ela, embora lhe custasse imenso que tivesse sido preciso essa coisa horrível para lhe devolver o lado pequenino dele. Abraçou-o, cheirando-lhe o cabelo, que estava sujo.

— Talvez seja melhor não encarmos isto em termos de certo e errado. Se calhar é mais complicado do que isso. — Ela respirou fundo. — Tenho a certeza de que também não fui perfeita. E posso não ter percebido o que é que se passava com o pai, mas acho que devia ter percebido. Isso fazia parte da minha responsabilidade.

O cão, *Sherlock*, tinha alcançado os degraus do alpendre e ergueu o olhar para eles, com uma expressão queixosa. Mas Grace não largou Henry.

— Passei muitas noites a pensar sobre isto — disse-lhe ela. — Noites e dias — corrigiu, recordando as longas horas enquanto Henry estava na escola, enroscada em sofrimento sob o edredão da sua cama no piso de

cima. — Podia passar anos a pensar no pai e no que lhe terá acontecido. E na Senhora Alves. E no coitado do Miguel. Pobre miúdo. Mas acho que... não o vou fazer. Tenho outras coisas que preciso de fazer. E não quero que a minha vida se resume a isto. E também não quero que a tua vida se resume a isto. Tu mereces muito mais, Henry.

Henry chegou-se para trás. O ar frio invadiu o sítio onde o corpo dele tinha estado encostado. Ao ver uma oportunidade, o cão subiu os degraus, com passos delicados. Acercou-se de Henry, que lhe esfregou as orelhas.

— Chamam-lhe «Doutor Assassino» — informou-a o filho. — Eu e o Danny pesquisámo-lo no Google, em casa dele.

Ela acenou com a cabeça, desgostosa:

— Certo.

— E havia fotografias tuas também. Do teu livro. Aparece imensa coisa sobre ti. — Ele ergueu o olhar para ela. — Sabias?

Ela sabia-o. Grace disse que sim com a cabeça. Sabia-o há umas semanas. Uma manhã, tinha-o deixado na escola, como de costume, e tinha ido à biblioteca, como de costume, e tinha-se sentado ao computador, como de costume. Mas dessa vez, ao contrário do que era habitual, sentira-se subitamente preparada. E depois pesquisara o seu próprio nome, através do véu distorcido de uma comunidade global de estranhos. Era um autêntico chorriho. Não tinha fim. Os artigos em si já eram suficientemente maus, mas os comentários que se lhes seguiam eram grotescos. Ela era uma mulher fria que tinha ficado de braços cruzados enquanto o marido usara, maltratara, abandonara e por fim assassinara brutalmente uma mulher que o tinha amado. Era uma hipócrita que tinha tido a lata de julgar os outros, de oferecer «orientação» sobre relacionamentos, de *escrever um livro* — a maior hostilidade era por *ter escrito um livro* — para transmitir a sua suposta sabedoria. O seu retrato de autor aparecia em todo o lado. E havia passagens do seu livro — opostos perfeitos do que ela tinha tencionado transmitir.

Tinha sido tão horrível como ela havia receado. Mas pelo menos não tinha sido pior.

— Quanto tempo é que isto vai durar? — perguntou-lhe Henry.

«Quanto é que mede uma corda?»

— Nós vamos ficar bem. Isso é o mais importante.

— Está bem — respondeu Henry. Soava corajoso, mas nada convencido.

— Uma vez tive uma paciente — disse ela — a quem tinha acontecido uma coisa terrível...

— O quê? — quis saber Henry, naturalmente.

— Bem, ela tinha um filho que era muito doente. Tinha esquizofrenia. Sabes o que é isso?

Sherlock escolheu esse preciso instante para tentar subir o último

degrau, diretamente para o colo de Henry. Este deu uma gargalhada e ajudou-o a subir.

— Hum!... Tinha perturbações mentais?

— Sim. Bem, «perturbações mentais» é um termo legal. Era muito doente. Tinha uma doença mental gravíssima.

— E a coisa terrível era isso?

— Isso era uma coisa terrível, sim, mas não era essa a coisa terrível a que ela se referia. O que aconteceu foi que ele morreu por causa da doença que tinha. Tinha apenas dezanove ou vinte anos.

— Não sabia que se podia morrer de loucura.

Grace deu um suspiro. Não tencionara partilhar os pormenores, mas de facto era inevitável fazê-lo.

— Na verdade, a doença dele levou-o a suicidar-se. Foi isso que aconteceu. E a mãe dele, a minha paciente, como deves imaginar, estava muito triste. E um dia ela disse-me: «Durante o resto da minha vida vai ser a primeira coisa que vão dizer sobre mim sempre que me vier embora de algum lado.» E eu lembro-me de ter pensado: *Sim, é verdade, vai ser, sim.* Mas não podemos fazer nada em relação ao que dizem sobre nós sempre que nos vimos embora de algum lado. Jamais poderemos controlar isso. E também não devemos tentar fazê-lo. O nosso papel é... Bem, estar lá enquanto estivermos e tentar não pensar muito sobre os sítios onde não estamos. Estejamos onde estivermos, temos é de estar, de facto — concluiu ela, de uma forma um pouco lamechas.

Ele não pareceu interiorizar o que ela estava a dizer, mas por que razão haveria de o fazer? Era bastante abstrato. Talvez fosse também demasiado feminino para um rapaz de doze anos, demasiado «mãe de meia-idade». E a verdade era que a própria Grace não fazia a mais pequena ideia de como estar simplesmente onde estava, enquanto lá estivesse. Até recentemente, ela tinha pensado demasiado sobre o que tinha pensado, dito e feito e muito pouco sobre o que ela... simplesmente... era. E também não ajudava ter pensado, dito e feito algumas coisas bastante más. Mas nesse instante, em particular, estava sentada no alpendre das traseiras a contemplar o lago que havia contemplado a vida inteira, com Henry ao seu lado, ambos a afagar um cão de caça não muito limpo do Tennessee. Isso não era mau. Como tal, ela não estava mal, pelo menos não nesse instante. E Henry... também lhe pareceria nada mal. Sim. Tendo em conta as circunstâncias horrendas e chocantes, sim, não lhe parecia nada mal. Seria realmente a primeira coisa que as pessoas diriam sobre eles sempre que se viessem embora de algum lado — para sempre, durante toda a vida deles — e isso era verdadeiramente triste, sem dúvida alguma. Mas em contrapartida, nenhum deles jamais poderia alterar esse facto e era uma espécie de alívio perceber que de nada serviria tentar fazê-lo.

Henry encostou o rosto ao focinho do cão. *Sherlock* lambeu a boca de Henry, de forma excessiva. Grace tentou não reagir.

— O pai é louco? — perguntou-lhe Henry, de repente.

— Não. Pelo menos não nesse sentido. Não se vai magoar a ele próprio, Henry. Tenho a certeza.

O frio tinha regressado e a luz tinha desaparecido por completo. Grace encostou-se a ele no degrau, mais perto do cão. O cão estava quente.

Então, Henry disse-lhe:

— Onde é que achas que ele está?

Grace abanou a cabeça.

— Não sei. Não faço a mínima ideia. Às vezes espero que o apanhem, porque estou muito zangada com ele e quero que seja castigado. Outras vezes espero que não o apanhem, porque enquanto não o apanharem não tenho de encarar o que ele fez ou deixou de fazer. — Então apercebeu-se de que o tinha dito em voz alta, ao próprio filho. E ficou horrorizada.

— E achas que ele o fez? — perguntou-lhe Henry.

Grace fechou os olhos. Esperou o máximo de tempo que conseguiu, o que não foi muito tempo. Porque o seu filho tinha perguntado e porque ela tinha de lhe responder.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

O FIM DO MUNDO

Vita aparecia em Great Barrington todas as terças-feiras para uma reunião de pessoal numa das clínicas satélite de Porter, e se não houvesse nenhuma crise que a obrigasse a ficar por lá, ela e Grace iam almoçar algures na cidade. Conviver novamente com Vita era como ter sido reintegrada em grandes parcelas da sua própria vida, recordações que ela tinha permitido que definhassem ou que tinha simplesmente posto de parte porque, sem a amiga, eram inexprimivelmente tristes para recordar. Agora, de vez em quando, via essas coisas serem-lhe devolvidas — surgindo-lhe, a propósito de nada, enquanto percorria a Route 7 num sentido ou noutro, ou enquanto esperava por Henry à porta do ginásio onde a equipa de baseball tinha os treinos de inverno. Lembrava-se de livros que ambas tinham lido, de roupa que tinham comprado e partilhado ou por causa da qual tinham ocasionalmente discutido. Lembrava-se da mãe e da tia de Vita, esta última uma mulher excêntrica — provavelmente, compreendia-o agora, um pouco bipolar — que às vezes ficava a cuidar delas em casa de Vita, oferecendo-lhes guloseimas *Sugar Daddy* às escondidas, depois de os pais de Vita terem saído. Todas essas coisas, e tantas outras, tão inconsequentes por si só, juntas formavam uma espécie de colcha louca vitoriana da sua vida. E ela adorava-a. E sentia-se muito grata por isso.

Depois de almoço iam juntas ao Guido's, para Vita comprar coisas que eram difíceis de encontrar em Pittsfield («um baldio *gourmet*», como ela lhe chamava) e foi aí que Grace descobriu o frango Marbella do Guido's, o expoente máximo dessa espécie culinária. Grace já tinha confeccionado frango Marbella inúmeras vezes na sua própria cozinha e achava sempre que lhe saía fantasticamente bem, mas o do Guido's era melhor. Mil vezes melhor. Em breve ela e Henry passaram a comer frango Marbella do Guido's todas as terças-feiras à noite e Grace ainda estava para descobrir porque é que essa versão do mesmo prato sabia tão melhor do que a sua, algo que a irritava, mas não ao ponto de se recusar a comê-la. A terça-feira tinha passado a ser o dia da semana favorito de Grace.

Uma sexta-feira à noite em finais de fevereiro, Grace levou finalmente Henry à casa de pedra para conhecer o grupo Windhouse. Por essa altura já ela e Leo se encontravam dia sim, dia não, e nem sempre com a

culpa de se terem cruzado na biblioteca. Leo estava a fazer um excelente progresso no livro sobre Asher Levy e sentia-se otimista em relação a terminar o primeiro rascunho antes de a pausa sabática dele terminar em junho, embora ainda não tivesse conseguido provar que Levy (juntamente com um barco cheio de refugiados provenientes de Recife) tinham efetivamente sido os primeiros judeus na América. Um mercador de Boston parecia ter chegado em 1649, cinco anos antes. «Uma tragédia», explicara Leo. Mas rira-se quando o fizera.

Grace tinha feito tenção de cozinhar algo para o jantar dos Windhouse, mas no dia em questão tinha-se encontrado com um agente imobiliário em Great Barrington para arranjar um escritório para arrendar. Havia uma série de espaços recentemente vagos num celeiro convertido para uso profissional e que estava cheio de advogados, de consultores e de todo o tipo de terapeutas. As salas tinham vista para um campo de cultivo (o agricultor cultivava feno e milho, segundo o agente imobiliário) e eram quentes e soalheiros, mesmo nessa altura desagradável do ano. Grace tentara visualizar o sofá bege nesse espaço, a secretária e a cadeira giratória do seu consultório em Nova Iorque, a caixa de lenços de papel feita de pele e o tapete *kilim*, mas a verdade era que não queria nenhuma dessas coisas nesse lugar tão bonito. Um sofá novo. Uma caixa de lenços de papel nova. A caneca de cerâmica branca que Henry tinha feito no acampamento de férias, onde ela guardava as canetas — isso iria manter. Adorava-a. Conseguiria finalmente livrar-se do Eliot Porter. Já não era sem tempo.

Ela tinha voltado ao escritório do agente imobiliário com ele e depois disso já não havia tempo para ir a casa cozinhar, pelo que acabou por comprar uma grande quantidade de frango Marbella no Guido's, a caminho de ir buscar Henry ao ensaio da orquestra. Henry parecia um pouco cansado e tinha-se esquecido de que não iriam diretamente para casa, mas ficou animado assim que cheirou o odor do frango Marbella proveniente do lugar da frente.

— Vão lá estar mais miúdos? — perguntou-lhe ele, numa voz hesitante.

— Não me parece. — Ela lembrou-se da enteada de Leo. Ele não tinha falado nela quando se tinham encontrado no início da semana. — Mas ele tem uma enteada. Por volta da tua idade. Um pouco mais velha.

— Olha que bom... — respondeu ele, com bastante sarcasmo. Para um rapaz de doze anos, a única coisa pior do que um serão com gente crescida era um serão de gente crescida e uma rapariga ligeiramente mais velha. — Não tenho de tocar violino com eles, pois não?

— Não, não — replicou ela. Isso não fazia parte do plano. Mas agora que ele o mencionava, Leo não teria dito algo sobre Henry «participar»? Ele obrigou-a a concordar em deixar o violino no carro.

Na casa de pedra, ela estacionou no único espaço livre no fundo do

íngreme caminho de acesso, estacionando atrás de um *Subaru* com um autocolante da Bard College Quidditch e outro que dizia: «Os antigos tocadores de banjo não morrem... apenas deixam de trastejar.»²⁵

— Posso levar um livro? — perguntou-lhe Henry.

Ela hesitou.

— Está bem. Mas dá uma hipótese primeiro, *okay*?

— Está bem. — Ele saiu do carro. Grace pegou no tabuleiro de frango e saiu também. Ele seguiu-a até à porta das traseiras.

Estavam a tocar música lá dentro, tão alto que ninguém veio à porta quando ela bateu. Grace tornou a bater. Em seguida, encolhendo os ombros, rodou a maçaneta e entrou, com o tabuleiro nas mãos. Atrás dela, Henry fechou a porta.

— Oh, olá! — disse Leo. A música parou. Ele apareceu na cozinha. — Grace! Porreiro! — Inclinou-se para a frente e deu-lhe um beijo, muito simples, mas muito caloroso. — E tu — disse ele, dirigindo-se a Henry — és o Henry, o novo rabequista de quem temos estado à espera.

— Hum!... não — respondeu Henry. — Quer dizer, eu toco violino. Não toco rabeça.

— Isso é um pormenor — anunciou Leo. — Venham daí, temos a lareira acesa. Queres beber alguma coisa?

Henry pediu um refrigerante. Era um gesto calculado, uma vez que não bebiam refrigerantes em casa.

— Oh, lamento, aqui em casa não somos grandes fãs de refrigerantes. E que tal um sumo de arando?

— Não, obrigado.

Grace aceitou um copo de vinho e beberricou-o com nervosismo. Não se tinha apercebido de que estava nervosa até lhe terem posto um copo de vinho na mão, mas depois ocorreu-lhe que três dos melhores amigos de Leo estavam à espera na sala adjacente. E ocorreu-lhe também que se preocupava com o que eles pensariam de si.

Ela só tinha estado na casa uma vez, muitos anos antes, quando uma tempestade de verão tinha deitado abaixo a eletricidade à volta do lago durante dois ou três dias e as duas famílias se tinham reunido num gesto sem precedentes (e jamais repetido) de boa vizinhança na frente da casa do lago para grelhar tudo o que restava nos frigoríficos. Ela não tinha nenhuma recordação específica de Leo desse dia, mas lembrava-se da casa em si, ou pelo menos da característica mais impressionante: a imensa estrutura da lareira feita com pedras do rio que parecia ocupar uma parede inteira. Ao vê-la agora, assim que entrou na sala, percebeu que a sua recordação não tinha exagerado o tamanho nem o impacto geral: estendia-se até ao teto e para lá dos rebordos da própria lareira, como se o pedreiro se tivesse simplesmente deixado levar pela beleza das pedras à disposição dele, cujas cores variavam entre o castanho, o cinzento e o rosa-claro. Enfiado

horizontalmente no meio delas, quase como uma reflexão posterior, um enorme tronco cortado ao meio servia de consola da lareira. Além do mais, assim que eles entraram Grace tinha visto os olhos de Henry desviarem-se automaticamente para a lareira e percorrerem-na de cima a baixo, contemplando-a tal como ela havia feito quando tinha a idade dele, mais ou menos. «Eu sei», disse-lhe ela, na sua mente. «Senti a mesma coisa.»

Na lareira ardia uma fogueira de igual grandeza. Dava estalidos e as labaredas dançavam, projetando calor para a divisão, razão por que talvez os músicos — havia três sentados no sofá e nas poltronas — se tinham instalado longe dela. Um deles, um homem forte e ligeiramente calvo pôs-se de pé assim que eles entraram.

— Este é o Colum — apresentou-o Leo.

«O que cresceu na Escócia», recordou ela, apertando-lhe a mão.

— Olá, sou a Grace. E este é o Henry.

— Olá — disse Henry. Apertou também a mão de Colum.

Os outros acenaram do sofá oposto. A mulher chamada Lyric (pais *hippies*) tinha o cabelo comprido e preto, a ficar ligeiramente grisalho de uma forma que o cabelo escuro nunca ficava em Manhattan, o nariz comprido com uma cana marcadamente arredondada e o colo cheio de pautas de música. («Deixa-te estar, por favor», disse-lhe Grace, com sinceridade.) O adolescente ao lado dela, o filho, pôs-se de pé com a rabeca na mão. Chamava-se Rory.

— Peço desculpa por estar a interromper — disse Grace.

— Não interrompeste nada — respondeu-lhe Colum e Grace percebeu, até mesmo nessas duas palavras, a pronúncia escocesa dele. — Trouxeste o jantar. Isso é completamente diferente.

— Frango — disse Leo. — Pu-lo no forno.

— Estou cheio de fome — anunciou Rory. Era um pouco parecido com a mãe, com o mesmo nariz pronunciado — um nariz que podia dizer-se aquilino — e o cabelo muito escuro, mas era ligeiramente mais roliço, mais harmonioso. O pai, fosse ele quem fosse, devia ser endomorfo.

A mãe dele deu uma risada.

— Estás sempre com fome. — Depois, a falar para Grace: — Alimentar o Rory é uma ocupação a tempo inteiro.

Rory, tornando a sentar-se, ergueu a rabeca e começou a tocar uma pequena melodia, baixo o suficiente para não interromper ninguém. A mão dele parecia mexer-se num mundo aparte, como se pertencesse a outro corpo. Henry, Grace reparou, observava-o com atenção.

— Fico tão contente por ver de onde tem vindo a música — disse ela. — Às vezes sento-me no ancoradouro a ouvi-la.

— Temos público! — Leo sorriu. — Até que enfim!

— Oh, espera lá, disseste que tinham *groupies*. Disseste que tinham um grupo modesto de fãs.

— Modesto, dizes bem — respondeu-lhe Colum. Tinha pegado na guitarra que estava encostada à poltrona. — Temos para cima de... Bem, eu diria dois dígitos.

— Isso... — Henry franziu o sobrolho — ... não são dez pessoas?

— Exatamente. — Ele sentou-se, posicionando a guitarra sobre o colo.

— Bem, não é grande coisa.

— Não — concordou Leo. — Mas agora que tu e a tua mãe estão aqui, as coisas vão começar a melhorar. Felizmente, não andamos nisto pelas multidões aos gritos.

— Felizmente — disse Lyric, com uma pequena gargalhada.

— Andamos nisto pelo... amor ao tipo de arte.

— Pensava que era para conhecer miúdas — replicou Rory.

Henry, Grace não pôde deixar novamente de reparar, parecia ligeiramente fascinado com o rapaz.

— O tipo de miúdas que tu queres conhecer, meu amor — disse a mãe dele —, não saem para ouvir bandas de cordas.

— Espera aí — interrompeu Henry —, vocês são, tipo, um quarteto de cordas?

— Uma *banda* de cordas — corrigiu Leo. — Qualquer grupo composto somente por instrumentos de cordas é uma banda de cordas. Portanto, isso faz de um quarteto de cordas uma banda de cordas também.

— Pois, pois... — disse Rory, com um requintado desdém adolescente.

— Mas refere-se essencialmente a *bluegrass*, música irlandesa e escocesa. Às vezes chamam-lhe música de raiz tradicional. Conheces alguma música de raiz tradicional, Henry?

Henry abanou a cabeça. Grace, ao imaginar a opinião de Vitaly Rosenbaum sobre a música de raiz tradicional, quase deu uma gargalhada.

— Não é muito conhecida em Nova Iorque — respondeu Grace. Tinha-se sentado num lugar vazio junto à lareira e cruzou as pernas num ângulo afastado do calor.

— Oh, olha que não! — disse Colum. — É um tipo de música que tem estado a bombar na cidade. Com maior incidência em Brooklyn, mas nós estamos a apontar para Manhattan. O *Paddy Reilly's*, na Twenty-Ninth, passa imensa música dessa. E o *Brass Monkey*. Costumo ir lá quando vou à cidade, aos domingos à noite. Qualquer pessoa pode aparecer para tocar.

— A sério? — perguntou Grace. — Não fazia ideia. Não costumo andar por essas bandas.

Leo, que estava a voltar para a cozinha, disse:

— É muito *Zeitgeist*, claramente.

— Bem, isso explicaria a minha ignorância. Não sou nada *Zeitgeist*.

— O que é isso? — perguntou Henry e Rory, de uma forma bastante encantadora, tentou explicar-lho.

Grace foi até à cozinha e ajudou Leo a preparar a comida. Para além

do frango Marbella havia também uma grande salada, uma panela com mini abóboras assadas, cada metade contendo uma porção de manteiga derretida, e dois pães Anadama feitos por Leo.

— Ele é porreiro — disse Leo.

— Oh! Obrigada. É, sim.

— Acho que está interessado. O que é que te parece?

— Acho que és capaz de tudo para conseguir mais um rabequista.

Ele pousou a faca com que tinha estado a cortar o pão e sorriu para ela.

— Sabes — disse ele —, talvez seja. Mas mesmo que não consiga que ele se passe para o lado negro da força, não deixa de ser um miúdo porreiro.

— Pois não — concordou Grace. — Não deixa, não.

A comida estava pronta, pelo que os outros apareceram e começaram a servir-se, depois toda a gente voltou para junto da lareira, sentando-se com cuidado ao lado dos instrumentos. Henry fez virar a abóbora assada dele, o que não era difícil de acontecer, e entornou manteiga derretida no prato. Grace foi buscar um pedaço de papel de cozinha.

— Está tão saboroso — disse Colum, quando ela regressou. — Foste tu que fizeste?

— Não. É do Guido's, em Great Barrington. Também costumo fazer esse prato, mas o do Guido's tem algo que não utilizo no meu. Fica muito melhor. Quem me dera saber o que é. Deve ser uma erva qualquer.

— Orégãos? — sugeriu Leo.

— Não. O meu também leva orégãos.

— É o vinagre de arroz — disse Lyric. — Tem um bocadinho de vinagre de arroz. Sinto-lhe o gosto.

Grace, com uma garfada a caminho da boca, deteve-se e fitou o garfo.

— A sério?

— Prova lá — disse-lhe Lyric.

Grace assim fez. E, ao fazê-lo, pensou em arroz de *sushi*. Couve-chinesa, *pickles* japoneses — as coisas que ela associava a vinagre de arroz. Assim que enfiou o garfo na boca, lá estava: arroz de vinagre — ali mesmo, em todo o lado.

— Oh, meu Deus! — exclamou ela —, tens toda a razão.

Tinha ficado absurdamente feliz. Olhou à sua volta, encantada.

— Trabalhas em Great Barrington? — perguntou-lhe Colum.

— Sou psicoterapeuta. Estou a mudar a minha atividade para Great Barrington.

— Estás na Porter? — indagou Lyric. — Tenho uma colega cuja filha esteve na clínica de distúrbios alimentares da Porter. Salvaram-lhe a vida.

— Não, tenho um consultório privado — respondeu-lhe Grace. — Mas uma amiga minha de Nova Iorque é a diretora da Porter. Quer dizer, uma

amiga com quem cresci em Nova Iorque. Ela agora mora em Pittsfield. Chama-se Vita Klein.

— Ah, eu sei quem é a Vita Klein — disse Leo. — Ela deu uma palestra na Bard, há uns anos. Sobre adolescentes e as redes sociais. Foi fantástica.

Grace acenou com a cabeça, ciente do seu próprio orgulho alheio. Sabia-lhe bem sentir-se orgulhosa de Vita.

— Porque é que estiveste numa palestra sobre os adolescentes e as redes sociais? — perguntou-lhe Rory, incrédulo.

Leo encolheu os ombros. Estava a barrar manteiga numa fatia do pão feito por ele.

— Ei, tenho uma filha adolescente. Tenho uma adolescente que acabou de me informar que se quisesse comunicar com ela, a maneira mais rápida seria publicar no mural dela. Ou seja: à vista dos seus 342 supostos amigos. Isso agora até soa algo intimista. É que a Ramona chegou a ter 700, da última vez que espreitei.

— E a Vita ajudou? — perguntou Grace.

— Sim, imenso. Disse-nos para não encararmos as redes sociais como substitutos dos relacionamentos, ainda que os miúdos as vejam dessa forma. Por isso é que eles são miúdos e nós somos adultos. Não é uma proclamação sobre a relação real, em especial as relações entre pais e filhos, mesmo que eles não percebam isso. Foi bastante encorajador. E fiquei bastante aliviado por não ter de abrir uma conta do Facebook. Sou muito anti-Facebook.

— Os Windhouse têm conta no Facebook — lembrou-o Rory.

— Certo. E nesse sentido é bastante útil.

— Para comunicar com os vossos dez fãs, queres tu dizer — disse-lhe Henry, com malícia.

— Doze fãs, Henry — corrigiu-o Leo. — Porque é que achas que te estamos a alimentar agora, a ti e à tua mãe? É óbvio que é para vos comprar.

Henry, que não percebeu de imediato se ele estava a brincar ou não, pareceu ficar momentaneamente alarmado. Mas depois sorriu.

— Bem, primeiro tenho de ouvir a vossa música — disse ele.

Mais tarde, eles tocaram. Tocaram músicas com que Colum tinha crescido na Escócia e melodias que eles próprios tinham composto. Rory, segundo parecia, era a fonte principal da música original: a sua mão do arco, solta no pulso de uma forma que Vitaly Rosenbaum teria achado intolerável, balançava e dançava sobre as cordas e Henry — Grace não pôde deixar de reparar — raramente tirava os olhos dele. Os sons dos dois violinos («rabecas», corrigiu-se ela a si mesma) pareciam dançar lado a lado, depois separavam-se subitamente e sobrepunham-se para trás e para a frente (havia com certeza um termo musical para isso), e o mandolim e a guitarra proporcionavam uma espécie de clausura segura para ambos. As

canções tinham nomes como *Innishmore* e *Loch Ossian* e *Leixlip* — que soava a *leaks leap* e que teve de ser explicada aos convidados (tratava-se de uma cidade na Irlanda que significava «salto do salmão»). Grace sentou-se, a bebericar o seu vinho e a sentir-se estranha e quente e cada vez mais feliz. Pareceu-lhe reconhecer algumas músicas, alguns acordes que tinham atravessado o lago enquanto ela estava deitada de costas no ancoradouro gelado, a olhar para a noite de inverno; mas a verdade era que todas elas fluíam em conjunto, de uma forma nada desagradável. Henry permaneceu sossegado durante uma quantidade impressionante de tempo. Nunca pediu o livro.

Por volta das oito da noite, eles pararam para beber café e comer o bolo que Colum tinha trazido, e enquanto ele estava na cozinha, Rory voltou-se subitamente no sofá e estendeu o instrumento dele na direção de Henry. Este pareceu ficar assustado.

— Queres experimentar? — perguntou-lhe o rapaz.

Henry, para enorme surpresa de Grace, não recusou de imediato. O que disse foi:

— Não sei tocar isso.

— Oh! O Leo disse que tocavas.

— Sim, mas eu toco violino. Clássico. Bem, em Nova Iorque tocava violino clássico. Agora só tenho orquestra na escola. — Ele hesitou. — Tinha bastante jeito, mas, estás a ver, tipo, não era para ir para o conservatório. A maior parte das pessoas que o professor ensinava andavam no conservatório ou eram profissionais.

Rory encolheu os ombros:

— Está bem. Mas experimenta na mesma.

Henry voltou-se para olhar para Grace.

— Porque não? — disse ela. — Se o Rory não se importar.

— Claro que não — respondeu Rory. — Adoro a minha rabeca, mas não é propriamente um *Stradivarius*.

Henry pegou no instrumento. Levantou-o por uns instantes como se nunca tivesse visto um violino, como se, por exemplo, não tivesse recentemente passado uma hora depois da escola num ensaio intensivo para o concerto de inverno da orquestra. Em seguida, virou o apoio do queixo até ao pescoço e ergueu-o na posição que lhe tinham ensinado.

— Isso parece um bocado desconfortável — disse-lhe Rory. — Podes segurá-lo da maneira que quiseses.

Henry afrouxou levemente a mão esquerda e a voluta desceu. Grace imaginou Vitaly Rosenbaum a ladrar como um cão. Henry devia estar a imaginar algo semelhante.

— Agora sacode a mão do arco. Sacode-a — instruiu Rory e Henry assim fez. — No *bluegrass*, ninguém está interessado na maneira como seguras o arco. Até podes segurá-lo com o punho fechado, se quiseses.

— Mas por favor não o faças — disse Leo, da poltrona onde estava sentado. Também ele estava a observar a situação com atenção. — Senão dá-te cabo das costas.

— A ideia é estares confortável. — Ele pôs o arco na mão sacudida de Henry. — Agora: toca qualquer coisa para ouvirmos.

Por uns instantes, Grace imaginou que ele fosse tocar *You Raise Me Up*, a infeliz peça central do concerto para breve da orquestra da Escola Regional de Housatonic Valley. Mas, para sua surpresa, Henry (depois de uma breve escala, só para testar o instrumento) começou a tocar a Sonata No. 1 em Sol Menor de Bach, andamento Siciliano. Era a última peça em que ele tinha trabalhado em Nova Iorque, antes de as coisas se terem desmoronado. Grace não a ouvia há vários meses. Ele não a tocava desde Nova Iorque, tanto quanto ela sabia, e embora não soasse tão segura como antes, não soava nada mal. Aliás, nada mal mesmo. E, sinceramente, ela estava encantada por a ouvir de novo.

— Tão bonito — disse Lyric quando ele parou ao fim de um ou dois minutos.

— Há muito tempo que não pratico. Quer dizer, sem ser na orquestra. — Henry tinha baixado cuidadosamente o violino e estava a estendê-lo na direção de Rory.

— Sabes tocar alguns *jigs* ou *airs*? — perguntou-lhe ele.

Henry riu-se:

— Nem sequer sei o que isso quer dizer.

— Quem me dera que tivéssemos outro violino — disse Rory. — É fácil aprender quando se toca ao mesmo tempo. Quer dizer, desde que já se saiba tocar, é a melhor forma de aprender.

— O meu violino está aqui — respondeu Henry. — Está no carro.

Leo olhou para Grace.

— Vem aí um grande concerto.

— Eu vou lá buscá-lo contigo — disse Leo.

Quando eles saíram para a rua, um ligeiro vento soprava vindo do lago, mas não estava propriamente frio. O pior do inverno já tinha passado uma ou duas semanas antes e algo no chão debaixo dos pés parecia estar a quebrar-se à medida que começava a libertar a geada. Grace nunca tinha passado a época das chuvas na casa do lago, por isso não sabia quanto tempo faltaria para começar. Na sua imaginação, a terra do terreno de Leo já parecia querer sugar-lhes os pés.

Assim que a porta de alumínio se fechou atrás de Leo, ela percebeu que algo estava diferente e sabia exatamente o que era. A mera ideia era tão extraordinária que se esqueceu de ficar aborrecida. Quando se voltou a lembrar, apercebeu-se de que não havia motivo para ficar aborrecida. E isso fê-la sorrir.

— O que é que foi? — perguntou-lhe Leo. A luz do carro tinha-se

acendido assim que Grace abria a porta do lado do passageiro.

— Lembrei-me de te dar um beijo — respondeu ela.

— Ah! — Ele acenou com a cabeça, como se ela lhe tivesse proposto um contrato de área protegida para o lago financeiramente incompreensível. Mas depois disse: — Ah! Certo! — E beijou-a sem esperar nem mais um segundo. Estava à espera disso há mais tempo do que ela. Era o primeiro «primeiro beijo» dela em quase dezanove anos.

— Espera — disse ela, assim que conseguiu falar. — Não quero que eles saibam.

— Oh, eles já sabem — replicou Leo, baixando o olhar para ela. — A minha malta já sabe. Nunca convidei ninguém para uma noite de ensaios. Só queria que os tivesses ouvido antes de teres chegado. Pareciam uns putos. — Ele deu uma risada. — Grace — disse ele, insistindo no óbvio —, gosto mesmo mesmo de ti.

— Mesmo mesmo? — perguntou ela.

— Nunca te disse, mas uma vez vi-te no ancoradouro com o teu biquíni azul vestido.

— Não foi nos últimos tempos — esclareceu ela.

— Não. Foi quando eu tinha treze anos. Esse tipo de coisa fica na memória de um rapaz.

— Bem... — Grace riu-se. — Já não sei onde é que anda esse biquíni azul...

— Não tem importância. Eu uso a minha imaginação.

Ela deu uma gargalhada. Estendeu o braço e pegou no estojo do violino de Henry.

— Achas que há problema se eu der um saltinho a casa? — perguntou Grace, estendendo o instrumento a Leo. — Quero ver como está o cão e dar-lhe comida. Passou o dia inteiro praticamente sozinho. Não me demoro nada.

— Claro — respondeu-lhe ele. — Demora o tempo que precisares. Estamos a testar um novo rabequista. Quando regressares já ele vai saber tocar *The Devil Went Down in Georgia*...

— E isso... é positivo? — perguntou Grace e Leo, em resposta, beijou-a na testa. Isso não explicava a referência, mas ela não se importou nada.

Ela sentou-se no lugar do condutor, saiu do caminho de acesso e desceu a estrada, passando pelas casas escuras e silenciosas e baixando o vidro para inspirar o ar húmido. Grace não tencionava pensar muito sobre o que tinha acabado de acontecer, pelo menos não nessa noite. O facto de ter chegado a casa dele como vizinha e de partir — por enquanto — como uma pessoa de quem ele gostava «mesmo mesmo» significava que o Rubicão tinha claramente sido alcançado, se não mesmo passado. Mas tinha sido tão... Bem, «meigo» era a palavra que lhe vinha à mente. Ela recordou — mais uma vez — a noite em que tinha conhecido Jonathan e como esse

instantâneo e mútuo «Quero ficar com este» lhe parecia uma prova do quão certo isso era. Não tinha sido, como era evidente. Talvez isto fosse melhor: não propriamente tão rigoroso, não tão inflexível. Não era tanto «certo», era «melhor». E «melhor» era realmente bastante bom.

Havia publicidade a sair da caixa do correio, pelo que ela parou e extraiu um grande molho de papéis, catálogos e correspondência aleatória e levou tudo para dentro de casa. *Sherlock* ladrrou no quintal e recebeu-a no alpendre das traseiras pondo-lhe as duas patas da frente enlameadas nas pernas (a exuberância dele era a única falha num comportamento de resto perfeito). Grace alimentou-o e tornou a entrar em casa, a limpar a sujidade das calças de ganga, depois acendeu as luzes e levou a enorme pilha de correspondência até ao caixote da reciclagem, onde começou a separá-la. Com sorte haveria ali algures o orçamento do empreiteiro que tinha aparecido na semana anterior para discutir o isolamento térmico da casa e, possivelmente, a reordenação da zona de estacionamento. (Uma das coisas mais difíceis em relação ao inverno tinha sido ter de estacionar na berma da estrada e escorregar perigosamente colina abaixo até à porta da entrada.) Estava a receá-lo, mas ao mesmo tempo queria que ali estivesse.

Não estava, mas havia outra coisa: um envelope branco, perfeitamente normal, com um selo pouco original da bandeira americana a esvoaçar e a morada (a morada *dela*, a morada *dela do Connecticut*) escrita na típica letra de médico ilegível do seu marido, Jonathan Sachs. Grace, a olhá-lo fixamente, esqueceu-se de respirar e isso ainda durou algum tempo. Então, como se a parte do seu cérebro que necessitava de oxigénio tivesse assumido o controlo da máquina inteira, ela foi acometida por essa lembrança numa onda intensa, correu rapidamente para o lava-louças e vomitou o jantar de frango Marbella, com os orégãos, a folha de louro e o arroz de vinagre, tudo para dentro da pia.

«Não é o momento certo», pensou ela, vagamente, como se alguma vez houvesse um momento certo para isso, mas certamente que não era agora: não nesse preciso momento. Nesse momento, ou escassos minutos antes desse momento, ela tinha-se sentido feliz e orgulhosa (tão orgulhosa) de Henry, e também feliz por existir um Leo no mundo que gostava mesmo (mesmo mesmo) dela. Estava feliz porque talvez conseguisse arranjar um trabalho onde poderia realmente ajudar alguém, feliz por a sua querida amiga ter voltado para ela, ou estar a voltar para ela, por o filho ir passar a conhecer todos os avós e por a sua casa ir deixar de ser tão gelada como tinha sido durante o inverno que agora terminava. Não era propriamente sinónimo de felicidade *imensa*, claro. Ela talvez ainda não estivesse preparada para sentir *felicidade imensa*, ou talvez nunca viesse a estar — não depois de tudo o que tinha acontecido —, mas também não estava a pedi-la. Tratava-se apenas de uma felicidade modesta, mas a felicidade modesta era muito mais do que ela alguma vez imaginara tornar a sentir.

«Não sou obrigada a abri-la», pensou ela. Em seguida, para se certificar de que tinha interiorizado essa ideia, repetiu em voz alta:

— Não sou obrigada a abri-la.

No interior havia duas folhas de papel sem linhas, cheias com a letra dele e dobradas em três partes perfeitas. Ela abriu-as e fitou-as à distância, as palavras recusando-se teimosamente a traduzirem-se em significados, como hieróglifos antes da Pedra de Roseta. Quão reconfortante era isso, pensou Grace. Queria que continuasse assim. Podia suportar a escrita se ela continuasse dessa maneira. Mas depois, perante os seus olhos traiçoeiros, as palavras começaram a ficar claras e definidas. «Está bem», pensou Grace. «Se tem mesmo de ser.»

Grace,

Escrever esta carta é a coisa mais difícil que alguma vez fiz, mas cada dia que passa sem pelo menos tentar falar contigo tem-me custado imenso, nem imaginas quanto. É claro que isto tem sido devastador para ti. Nem me atrevo a imaginar o quanto. Mas sei que és bastante forte e sei que vais conseguir ultrapassar a situação.

Penso que tudo isto se resume ao facto de eu não ter sido capaz de te valorizar a ti nem à família que éramos. Que somos — somos. Aconteça o que acontecer agora, o facto de sermos uma família nunca irá mudar. Ou, pelo menos, tento convencer-me disso nos piores momentos.

Cometi um erro terrível, absolutamente terrível. Nem acredito que o fiz. Foi como se tivesse sido acometido por uma doença e tivesse perdido o controlo. Deixei-me convencer de que uma pessoa precisava desesperadamente de mim, porque o filho dela estava muito doente e eu podia ajudá-lo a recuperar — e permiti que isso fosse razão suficiente para perder a minha própria força de carácter. Correspondi aos avanços dela — mas não fui eu que os iniciei. Sei que isso não faz grande diferença a longo prazo, mas é importante para mim que o saibas. Senti imensa pena dela e penso que a minha vontade de ajudar se sobrepôs a tudo e a todos. Quando ela me disse que estava grávida pensei — se conseguir mantê-la contente e resolver a situação, talvez a consiga manter afastada de ti e do Henry e nós possamos continuar em frente, embora me sentisse completamente de rastos com o desgaste da situação. Não sei como é que aguentei tudo. Depois, em vez de ficar agradecida por todos os sacrifícios que eu tinha feito por ela e pelo filho, que agora é saudável graças a mim, disse-me que estava grávida outra vez. Queria destruir a nossa família e eu não a podia deixar fazer uma coisa dessas. Estava desesperado para vos proteger. Não houve um único instante em que tu e o Henry não tivessem sido a minha prioridade. Espero que acredites nisso.

Não posso escrever sobre o que aconteceu em dezembro, exceto para dizer que foi a pior coisa que alguma vez me aconteceu. Foi uma coisa horrível, horrível, e fico muito perturbado sempre que penso nisso. Não o consigo transpor para o papel, simplesmente não sou capaz, mas um dia, se tiver mais sorte do que realmente mereço, quero acima de tudo falar contigo sobre isso, se suportes ouvir-me. És a melhor ouvinte que alguma vez conheci. Houve tantas ocasiões em que pensei: tenho tanta sorte por me escutarem desta maneira, por ser amado desta maneira. Penso nisso agora e o sofrimento é absolutamente obscuro.

Lembras-te da noite em que nos conhecemos? Que pergunta. O que eu quero dizer é: lembras-te do livro que eu estava a ler e do sítio que disse que desejava visitar? Costumava dizer na brincadeira que queria ir lá no pino do inverno e tu dizias que era o último sítio do mundo onde alguém no seu juízo perfeito poderia querer ir, o fim do mundo. É onde eu estou agora e a sensação que tenho é mesmo essa, é tão desolador como tu previas. Mas penso que é também seguro para mim. Pelo menos para agora. Mas não tenciono cá ficar muito tempo. Sei que não posso — nenhum lugar é tão seguro como preciso que seja. Mas antes de partir queria dar-te a oportunidade de fazer algo que eu sei que não mereço. Não acredito que venhas — quero que saibas isso. Mas se estiver enganado, Grace, ficaria tão feliz. Se tu ou vocês os dois viessem cá e nós tivéssemos a oportunidade de recomeçar noutra lugar... só de pensar nisso fico com vontade de chorar. Penso que o conseguimos fazer. Tenho andado a pensar nisso. Penso que se consegue. Tenho um país em mente para onde tenho a certeza de que podemos ir, e onde estaremos bem, e eu poderia trabalhar lá e é um sítio decente para o Henry. É claro que não posso escrever mais pormenores.

Não sei porque é que acho que tu serias capaz de deixar a tua própria vida por isto, mas amo-te o suficiente para to pedir. Mesmo que não venhas, pelo menos ficarás a sabê-lo e só por isso vale a pena perguntar. Se ao menos viesses e me deixasses falar contigo. E depois, se não quiseses ou não puderes ficar comigo, eu compreendo. Mas ao menos poderia despedir-me de ti e do Henry e vocês os dois ficariam a saber que não vos abandonei sem antes ter lutado muito por vocês.

Não venhas de avião. Sei que sabes isso. Existem lugares a poucas horas de distância onde podes alugar um carro. Por favor, certifica-te de que não és seguida. Aluguei uma casa perto da cidade. Bem, fica a uma curta distância a pé. Não tenho carro. Felizmente gosto de andar, como sabes. A maior parte das tardes passeio ao longo do rio — sim, mesmo nesta altura do ano. Pode estar escuro, mas o tempo é mais ameno do que seria de esperar. Há aqui um navio que agora funciona como museu. Tem o mesmo nome do livro que eu estava a ler

na noite em que te vi e em que me apaixonei por ti de imediato. Vou ficar atento, para ver se te vejo. Por favor faz isto por mim. E, se não o fizeres, ou não o puderes fazer, por favor quero que saibas que nunca amei mais ninguém, que jamais amarei mais alguém, e que vou ficar bem.

Não estava assinada. Como se precisasse de assinatura.

Ela não se tinha apercebido da força com que estava a segurar as folhas de papel até uma se ter rasgado, e depois arquejou e deixou-a cair no chão. Não a queria apanhar, porque era venenosa, mas ao fim de um ou dois minutos também já não suportava a ideia de a carta estar no chão. Pelo que se baixou, apanhou-a e pousou-a em cima do tampo de madeira da mesa, como se fosse o objeto inanimado que estava a fingir ser.

E depois, porque não sabia o que mais fazer, tornou a lê-la.

Agora imaginava-o a caminhar sobre a neve, cabisbaixo, a parca fechada até acima. Tinha as mãos enfiadas bem fundo nos bolsos. Envergava roupa que não lhe era familiar. O cabelo devia estar comprido e a barba também. Caminhava ao longo de um rio coberto de gelo, passando por um navio que agora era um museu chamado Klondike. Estava a espreitar do círculo do capuz revestido a pele falsa, à procura de uma mulher de estatura baixa que parecia completamente deslocada e cheia de frio, que se comportava como se também estivesse à procura de alguém. Como seria quando essas duas pessoas se reconhecessem uma à outra? Seria como naquele dia na cave do dormitório, onde ela tinha conhecido outro homem que carregava um cesto de roupa suja com o exemplar de um livro sobre Klondike equilibrado em cima, que nesse momento caminhava na direção dela tal como ela caminhava na direção dele, como se andassem à procura um do outro. Haveria esse «Que bom, já não preciso de conhecer mais homem nenhum» de alívio que a sua antiga paciente havia descrito? Haveria o conforto do reconhecimento, a paixão, o amor profundo ao qual nenhuma pessoa real jamais poderia voltar as costas, assim sem mais nem menos, não ao fim de tantos anos? E o que aconteceria depois disso? Regressariam ao quarto de hotel onde o filho deles — o filho que ambos tinham concebido — esperava por eles? Seguiriam em frente, rumo a um país no qual ele tinha andado a pensar, para onde ele tinha a certeza que eles poderiam ir e onde tinha a certeza de que estariam seguros?

Grace fechou os olhos. Muito bem. Ela precisava de ter feito isso. Ela precisava de ter ido até esse ponto.

Agora, contudo, a sua cabeça estava a divagar rumo a outro lugar e como já não tinha energia para o combater, deixou-se ir, também, e esse lugar onde a levou foi novamente a cave do dormitório da Faculdade de Medicina de Harvard. Recordou o quarto desarrumado no piso de cima onde ele tinha feito amor com ela pela primeira vez *(os estudantes de*

medicina são criaturas muito básicas) e depois, metodicamente, todos os quartos onde desde então ele tinha feito amor com ela. Mas havia demasiados e eram todos muito díspares: Maine e Londres e Los Angeles e o apartamento perto do Memorial e o apartamento onde ela tinha crescido na 81st Street. E ali, no piso de cima dessa mesma casa, onde fazia um frio inimaginável no inverno, como ela agora bem sabia. E Paris. Tinha havido três viagens a Paris ao longo dos anos, mas hotéis diferentes. Como é que os conseguiria contabilizar?

Pensou na gravidez e depois no nascimento de Henry, nas noites passadas em claro com ele porque não tinha conseguido dormir bem durante imenso tempo, na forma como Jonathan pegava no bebé e dizia: «Vai-te deitar, não há problema.» E no parque infantil na First Avenue onde ela se tinha sentado com Henry no carrinho nas tardes de verão, à espera de que Jonathan se escapulisse do hospital e se sentasse com eles durante meia hora, o mesmo parque infantil onde mais tarde o filho dela tinha brincado com Jonah, que um dia deixaria de falar com ele, o mesmo parque infantil onde uma vez Henry tinha avistado o pai no passeio enquanto uma mulher desconhecida tinha seguido em frente, em silêncio. Pensou nas entrevistas com diretores de jardins de infância um pouco por toda a Manhattan (porque receava que Rearden não aceitasse Henry — um receio absurdo), em que Jonathan tinha falado tão calorosamente sobre o tipo de educação que esperava para o filho, encantando diretor atrás de diretor. Henry tinha entrado em praticamente todo o lado. E os jantares em casa de Eva em que Jonathan tinha estado no melhor comportamento dele e os inúmeros jantares à mesa de jantar deles, e à mesa da cozinha, e à mesa onde ela agora estava sentada, nesse preciso instante. Oh sim, e a vez em que ele tinha aparecido no seu consultório com hambúrgueres russos do Neil's, mas que não tinham comido, não de imediato. Primeiro, tinham feito amor no sofá do consultório. Ela tinha-se esquecido dessa vez.

Pensou em todas as divisões do apartamento deles na 81st Street — o apartamento dela, onde primeiro tinha sido criança e mais tarde esposa e mãe, e depois, por um breve instante, uma amostra de pessoa abandonada e aterrorizada à espera da destruição. O chão de madeira da entrada, as persianas da sala de jantar, mantidas sempre fechadas pela mãe de Grace e mantidas sempre abertas por ela. E o quarto de Henry que em tempos tinha sido o seu quarto. E o escritório de Jonathan que em tempos tinha sido a salinha do seu pai. E a cozinha que em tempos tinha sido da sua mãe e que depois tinha passado a ser sua, e a banheira e a cama e os frascos de *Marjorie I*, *Marjorie II* e *Marjorie III* despejados pelos canos abaixo. E as joias, uma por cada infidelidade de um marido infiel que continuava a amar a mulher, mas que não conseguia ser feliz com ela.

Grace jamais voltaria a morar lá. Esse era o momento e ela tinha-o finalmente interiorizado. Esse apartamento, esse lar, tinha desaparecido.

Tal como o seu casamento. Como o seu marido, que agora se encontrava a milhares de quilómetros de distância num lugar frio, a pedir o perdão dela.

Mas esperem. Ele não estava a pedir nada disso. Estava certa, antes mesmo de pegar novamente na carta, mas mesmo assim espreitou-a, para ter a certeza absoluta. Parecia-lhe ser importante — um ponto importante. Jonathan, nas linhas que lhe tinha endereçado, falava sobre ter querido protegê-la e sobre ter perdido o controlo. Falava sobre o sofrimento dele. Dizia que ela conseguiria ultrapassar a situação. Mas não falava sobre perdão. Talvez soubesse que havia muita coisa em relação à qual ele precisava de ser perdoado, demasiado para o incluir numa carta como aquela. Ou talvez não achasse que tivesse de ser perdoado de nada.

Grace voltou novamente atrás, dessa vez ainda mais longe e de forma mais abrangente. Pensou além dos limites da sua própria história com Jonathan, na história antes e na história para além dessa história, e esta começou lentamente a mudar e a parecer muito diferente do que lhe tinha parecido antes, escassos minutos atrás. Dessa vez Grace viu o irmão pequenino que estava doente e que tinha de ficar em casa, em vez de ir ao *bat mitzvah*. Viu o pai e a mãe de quem ele se tinha afastado, e o irmão a quem ele tinha descontraidamente chamado «calão», um homem-menino mimado que nunca tinha trabalhado, que morava com os pais na cave deles. Viu a mulher em Baltimore com quem Jonathan tinha misteriosamente morado enquanto andava na faculdade. A vez em que ele tinha estado desaparecido durante três dias seguidos quando fora médico internista. E o dinheiro que tinha tirado do pai dela, para pagar as propinas a um rapaz que andava na mesma escola que o filho de ambos. E o médico a quem ele tinha batido: Ross Waycaster. E a advogada que ele havia consultado em relação ao despedimento e a quem tinha mandado à merda. E os pacientes que afinal *não* tinha acabado de admitir no hospital em determinada tarde. E o funeral em Brooklyn ao qual afinal *não* tinha acabado de ir de um rapaz de oito anos que afinal *não* tinha acabado de morrer de cancro. E a editora da revista *New York* que era também tia da paciente de Jonathan. E a conferência médica em Cleveland ou Cincinnati, algures na região Centro-Oeste, que não era em nenhum desses lugares porque não existia em lado nenhum. E Rena Chang, que talvez estivesse a morar em Sedona e que talvez tivesse um bebé que talvez fosse filho do seu marido. Grace jamais conheceria esse bebé. Não queria saber nada sobre ele. Mas depois pensou na outra bebé, a que iria crescer em Long Island: seria obrigada a conhecer essa bebé para o resto da sua vida.

E pensou em Malaga Alves, que estava morta.

Grace pôs-se de pé, foi até à porta das traseiras e saiu para o alpendre, inspirando profundamente. *Sherlock* estava no ancoradouro, imóvel e atento, alerta por causa de um animal qualquer no meio no bosque. Abanou levemente a cauda assim que ouviu a porta, mas recusou-

se a ser distraído. Ela desceu os degraus e foi ter com ele, deixando-se ficar também parada durante uns minutos, a interrogar-se sobre o que ele teria visto ou cheirado. Podia haver alguma coisa no meio no bosque; ainda era um pouco cedo, mas era possível, pensou ela. Por altura do verão o bosque estava cheio de animais e as casas cheias de pessoas. O próprio lago estava agitado, decidiu ela; tudo o que estava lá em baixo voltaria à tona e os pássaros regressariam — regressavam sempre na primavera. Baixou-se para afagar a cabeça do cão.

Na distância ouviu o som de uma rabeca, transportado sobre a água aos solavancos, o vento a soprá-lo na direção dela, vindo da casa de Leo. Agora, porque sabia o que era e de onde vinha, o som parecia bastante mais perceptível do que nas suas primeiras semanas ali, quando se tinha sentado no ancoradouro a tentar perceber que tipo de música era e quem é que estaria a fazê-la. Agora, porém, havia um certo experimentalismo na interpretação. Não era confiante nem rápido, como costumava ser. Não era muito seguro. Mas era bonito. Ela fechou os olhos. Tratava-se de Henry, percebeu ela. Não era Rory nem Leo. Henry estava a tocar violino. Henry, corrigiu-se a si mesma, estava a tocar rabeca.

«Eu adorava o meu casamento», pensou ela, de súbito. Não sabia porque é que lhe parecia tão importante admiti-lo. Mas tinha-o adorado, a sério, e agora também isso tinha acabado.

Então, ela entrou em casa e foi procurar o cartão de visita que o Detetive Mendoza lhe tinha dado há muito tempo.

²⁵ No original *they just stop fretting*. Trata-se de um jogo de palavras: *fretting* tanto pode significar «trastejar» como também «preocupar-se». (NT)

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

UMA PESSOA COMPLETAMENTE DIFERENTE

— Estava a ver que não, porra! — disse Sarabeth. Grace tinha atendido depois de a ter deixado em espera durante uns meros cinco segundos. — Sabes quantas mensagens já te deixei?

— Peço desculpa — respondeu Grace. Tinha a perfeita noção de que «desculpa» não seria suficiente. Mas era tudo o que tinha para dar.

— Não, a sério. Acho que te deixei, sei lá, umas vinte mensagens, Grace. Espero que saibas que estava a tentar apoiar-te.

Ela acenou com a cabeça, como se Sarabeth a pudesse ver.

— Fugi — limitou-se ela a dizer. — Estava a tentar perder-me.

— E eu compreendo isso perfeitamente — respondeu-lhe Sarabeth. Dito isso, o tom de voz dela mudou: — Tenho estado muito preocupada contigo. Nada a ver com negócios. Como *amiga*.

— Bem... — Grace suspirou. — Agradeço-te muito por isso. E peço desculpa também. Peço imensa desculpa por te ter deixado pendurada e prometo que não vai voltar a acontecer.

«Mas por que razão haveria de acontecer outra vez?», interrogou-se Grace. Depois desse dia, depois desse telefonema, jamais teriam motivo para voltar a falar. E decerto Sarabeth não iria continuar a acompanhá-la como *amiga*.

— Espera só um bocadinho — disse-lhe Sarabeth. Grace ouviu-a dizer, a outra pessoa: «Diz-lhe que já lhe ligo.» — Escuta — continuou ela —, podes aparecer por cá para conversarmos? Penso que o melhor é sentarmo-nos todas para tentarmos perceber a situação.

Grace fitou o tampo da mesa de madeira, com o sobrolho franzido. Estava sentada à mesa da sua própria cozinha na 81st Street. O tampo não era limpo há algum tempo e estava visivelmente sujo.

— Preferia não o fazer, se queres que te diga. O que quer que seja que elas tenham para dizer, e eu sei que têm muita coisa e que é perfeitamente justificável, não podes ser tu a comunicar-mo depois? Estou totalmente disposta a compensá-las financeiramente. Não li o contrato, mas estou ciente das minhas obrigações e tenciono cumpri-las.

Seguiu-se um longo momento de raro silêncio por parte de Sarabeth. Então, a agente disse:

— Bem, é o que acontece quando as pessoas não respondem às vinte mensagens que lhes deixamos. Imaginam a parte delas do diálogo que não está a acontecer e nunca é a conversa certa. Por exemplo, posso garantir-te que a Maud não está interessada em ser reembolsada. Elas adiaram a publicação para janeiro, claro. Mas continuam a querer publicar o teu livro.

Grace ouviu a chuva a cair. Ergueu o olhar, para a janela do outro lado da cozinha. A chuva estava a tamborilar no ar condicionado e de repente tinha ficado muito escuro lá fora. Ela não fazia ideia do que Sarabeth estava a falar.

— Ouve, não quero ser bruta. Mas a verdade é que passaste de autora novata e desconhecida de um livro inteligente e fascinante a um tipo muito diferente de autora, de um livro que vai interessar a muita gente. Isso é uma grande transição, algo que tem de ser tratado com dignidade e com imenso cuidado. Asseguro-te que a tua editora não faz qualquer tenção de te explorar, Grace.

Grace não se conseguiu conter. Deu uma gargalhada.

— Exato — respondeu. — Acredito mesmo nisso...

— Sim. Podes ter a certeza. Conheço a Maud há dez anos. Já publiquei pelo menos vinte livros com ela. É muito esperta e é muito boa naquilo que faz, mas se não fosse um ser humano decente jamais lhe teria dado o teu livro. Agora que isto aconteceu, fico muito contente por o teu livro ter ido parar às mãos dela. Aliás, se me aparecesses hoje com o livro, ela seria a primeira pessoa a quem eu o queria entregar.

Grace continuava sem responder. Mas agora pelo menos estava a pensar no assunto.

— Onde é que estás? — perguntou-lhe Sarabeth. — Sabes que não faço ideia de onde é que me estás a ligar? Onde é que tens estado nos últimos três meses?

— Levei o meu filho para o Connecticut. Temos lá casa. Uma casa de férias, nunca lá tínhamos morado no inverno. Mas tem corrido bem, por acaso. Vamos ficar por lá. Neste momento estou em Nova Iorque. Estou a encaixotar as coisas do apartamento.

— E o teu trabalho? — indagou Sarabeth.

— Vou abrir um consultório em Great Barrington, no Massachusetts — explicou ela.

— Espera aí, estás na cidade agora, neste momento? — disse Sarabeth. — Não podes vir aqui ao escritório?

— Não — replicou Grace. — Estou só a encaixotar as coisas. Vendi o meu apartamento e tenho os tipos da mudança a aparecerem aqui dentro de três dias. Não posso fazer mais nada. Além do mais, preciso de pensar sobre o assunto. Sinceramente... pensava que já não ia haver livro nenhum. Tinha-o posto completamente de parte.

— Oh, vai haver, sim! — Sarabeth deu uma risada. — Aliás, tenho a

certeza de que a Maud vai querer que escrevas um prefácio novo. E talvez haja algumas coisas no livro que queiras rever. Penso que temos aqui um livro ainda mais abrangente e com maior impacto, se queres que te diga. Um livro importante com o potencial de agradar a imensa gente. Ouve, custa-me imenso que isto te tenha acontecido, Grace. A sério que sim. Mas sei que deu origem a pelo menos uma coisa boa. Quando é que podes passar por cá para conversarmos?

Ela disse uma data para a semana seguinte, depois tornou a pensar e sugeriu uma data duas semanas depois da primeira. Estaria de regresso à cidade nesse dia, para a assinatura do contrato de compra e venda. Depois tornou a pedir desculpa, Sarabeth tornou a responder-lhe que não tinha importância e por fim desligaram.

Agora chovia ainda com mais força e o apartamento estava frio. Março era um mês sombrio onde quer que fosse, mas mesmo na cidade, onde ela achava bonita a maior parte das estações do ano, fevereiro e março tinham sido sempre a exceção. Ainda que ela gostasse demasiado da cidade de Nova Iorque para nunca mais lá voltar, não se importava nada de saltar essa altura do ano em particular.

Era o seu segundo dia, a encaixotar coisas o dia inteiro. A encaixotar, a seleccionar e a deitar fora muitas coisas. Ela receara-o, obviamente, contudo tinha ficado admirada com a rapidez com que o peso dos pormenores logísticos tinha abafado o clamor da sua própria tristeza. Havia milhares de objetos, todos eles individualmente ligados a uma história, banal ou profunda, desesperadamente feliz ou desesperadamente triste. Mas cada um deles tinha também de ficar resolvido antes da chegada da *Moishe's Movers*, na quinta-feira seguinte. Ela tinha quase quarenta anos e estava finalmente a sair de casa.

Felizmente, tinha planeado uma estratégia no caminho para a cidade e também umas semanas antes. Havia coisas para levar para o Connecticut — imensas coisas. Quase tudo o que pertencia a Henry, exceto algumas peças de roupa que já tinham deixado de lhe servir. A maioria, mas não toda, da sua roupa, porque agora usava essencialmente calças de ganga para o trabalho, algo que jamais poderia ter feito na cidade, mas um pormenor ao qual os seus pacientes de Great Barrington (três, para já) não pareciam dar importância. Os seus livros. Algumas peças de mobiliário e alguns quadros de que gostava demasiado para deixar para trás, bem como utensílios de cozinha que lhe tinham feito imensa falta.

Essa era a parte fácil.

Havia tantas coisas que não iria levar com ela. Amontoavam-se num quarto imaginário, amplo e a abarrotar. Tudo o que pertencia a Jonathan, por exemplo: objetos que pertenciam a Jonathan, objetos que Jonathan adorava. Também coisas do casamento em si, não especificamente dele ou dela, mas manchadas por associação: canecas de café, telefones, um

suporte para chapéus de chuva. Tudo coisas que iriam também desaparecer. Não queria voltar a vê-las.

Na verdade, essa parte revelou-se ser surpreendentemente fácil.

A mala *Birkin*, esse objeto de beleza, o único artigo de estatuto social evidente que ela nunca tinha desejado para si mesma, e que tinha estado cuidadosamente guardada no seu roupeiro, utilizada tão poucas vezes — tinha-lhe sido oferecida por Jonathan e ela já não tinha qualquer prazer nela. Ainda assim, iria custar-lhe livrar-se dela. Com cuidado, enfiara-a dentro do saco protetor cor de laranja e levava-a à *Encore*, na Madison, resignada a aceitar uma fração do que ela realmente valia.

«É uma imitação», dissera-lhe a mulher francesa que guardava as malas *Vuitton* e *Chloé* e *Hermès*. Emitira um estalido com a boca, como se tivesse ficado ofendida com o simples facto de lhe ter tocado. «É uma imitação de boa qualidade, mas seja como for é uma imitação.»

«Não, não», começara Grace por responder. Quanto a isso estava certa. Tinha a certeza absoluta. Encontrava-se especada na sala do segundo piso cheia de roupa e de mulheres. Estava a lembrar-se do aniversário, da enorme caixa cor de laranja, a forma como ambos se tinham rido da gafe de Jonathan na *Hermès*, tendo entrado na loja à espera de sair de lá com uma mala *Birkin*. Era uma história engraçada, uma história modesta, uma história que a tinha feito amá-lo pela ingenuidade amorosa dele, pela perseverança mesmo diante dos vendedores arrogantes que estavam claramente a rir-se dele. Mas também isso tinha sido uma história inventada. Ela saíra com a *Birkin* e depois deixara a *Birkin*, ainda dentro do saco protetor cor de laranja, no caixote do lixo na esquina da 81st Street com a Madison.

No final, isso também não lhe tinha custado.

O que lhe custou, o suficiente para contrabalançar tudo o que não lhe tinha custado, foram as fotografias — álbuns inteiros e paredes cheias de fotografias emolduradas e instantâneos: o seu marido, o seu filho, ela própria, separados e juntos. Jonathan não podia ser apagado delas e ela não as podia deitar fora — faziam parte da sua história e da história de Henry —, mas não suportava a ideia de viver debaixo do mesmo teto que elas. Iriam para casa de Eva ou para Long Island, para cúmulo dos cúmulos. O pai dela, num gesto de considerável generosidade, viria buscá-las especificamente no dia seguinte, para as levar para um lugar onde ela não tivesse de partilhar o mesmo espaço, mas onde ficariam guardadas até Henry — ou até possivelmente ela própria — estar preparado.

Viria também trazer o serviço de porcelana da mãe dela, os vinte artigos distintos que compunham o *Haviland Limoges Art Deco*, embrulhado pela própria Eva. Isso iria para o Connecticut também e de alguma forma encontrar-se-ia espaço para ele na pequena casa rústica. Entre a devastação generalizada, Grace sentia-se ligeiramente eufórica. Tinha

tentado — e, receava ela, tinha fracassado por completo — transmitir a Eva o quanto agradecia esse presente, mas Eva provou estar tão pouco à vontade com o assunto como ela. «Que disparate», tinha dito ela a Grace. «Não fazia a mínima ideia de que o querias. Nunca disseste nada. Tenho louça mais do que suficiente, Grace, sabes isso.»

E o assunto tinha ficado por ali.

Grace estava a tirar lençóis da máquina de secar, e a dobrá-los o melhor possível, quando o telefone da casa tocou e o porteiro a informou de que estava um detetive lá em baixo no vestíbulo e, por uns instantes, ela tentou fingir que não sabia do que se tratava. O lençol que tinha na mão estava quente. Era um bom lençol e não tinha sido nada barato. Era... cor de casca de ovo. Ou cru. Em tempos talvez se tivesse chamado bege, mas os lençóis, ela havia reparado, já não se chamavam bege. Não havia nada de errado com o lençol, salvo o facto de ter dormido em cima dele, e de ter feito amor com Jonathan em cima dele. Recusava-se a recomeçar a sua vida com lençóis do casamento.

Ele chegou poucos minutos depois e ela foi recebê-lo à porta da entrada. Na mão segurava o outro lençol, com elásticos. Nunca soubera a maneira correta de dobrar lençóis com elásticos e estava a ver-se aflita para o fazer. O'Rourke saiu do elevador com um ar distraído.

— Olá — disse Grace. — Onde é que está a sua cara-metade?

Ele olhou para trás. O ascensorista estava a correr a grade.

— Peço desculpa por vir interrompê-la — optou ele por dizer. — Está a tratar da roupa?

— Estou a fazer as malas. Vou doar os lençóis. Só quis lavá-los primeiro.

— Estou a ver — respondeu-lhe ele, olhando para lá dela, através da porta aberta. — Ena. Vai-se mesmo embora.

— Vou mesmo — replicou ela, sentindo-se a ficar impaciente. Estava a custar-lhe imenso aguentar o suspense.

— Posso entrar por um minuto?

— Não me pode dizer já, por favor? — pediu-lhe ela. — Calculo que esteja aqui para me dizer qualquer coisa.

O'Rourke acenou com a cabeça, com uma expressão sombria.

— Estou aqui para lhe dizer que localizámos o seu marido. O meu colega foi tratar da extradição dele. Não se quer sentar? — perguntou ele, como se essa não fosse a casa dela.

Grace abriu a porta para trás. Olhou para a mão ao fazê-lo. A mão não parecia ligada ao seu corpo, mas ela tentou comportar-se como se nada fosse.

— Vai ser um choque — avisou-a O'Rourke, como se ela não o soubesse já. — É melhor sentarmo-nos.

Eles foram para a cozinha. Grace guardou o lençol, mal dobrado, na

caixa das coisas para doar. Em seguida, obedientemente, sentou-se em frente a ele, na mesa suja da cozinha.

— Para onde é que se vai mudar? — perguntou-lhe O'Rourke.

— Para o Connecticut.

— Ah! Muito bonito. Um lugar místico. Já lá estive.

— Não, na outra ponta. No Noroeste. Onde temos estado a morar desde dezembro. — Ela calou-se. Era óbvio que ele sabia onde é que ela estava a morar desde dezembro. — Onde é que ele está? Onde é que está o Jonathan? No Canadá?

— Não. No Brasil.

Ela olhou-o fixamente. Porém, isso não fez com que as palavras dele fizessem mais sentido. O Brasil não fazia qualquer sentido.

— Não estou a perceber. Mas e a carta?

— Oh, a carta era dele. E foi enviada de Minot, no Dakota do Norte. Mas temos a certeza de que não foi ele quem a enviou. Deve ter pago a alguém para o fazer. Ou então encontrou alguém disposto a fazê-lo. Ele tinha jeito para levar as pessoas a fazer o que ele queria, como bem sabe.

— Mas... — Ela estava a abanar a cabeça. Os seus dedos estavam espalmados em cima do tampo pegajoso. — Porque é que ele faria uma coisa dessas? Porquê dar-se ao trabalho de dizer onde é que estava sequer?

— Bem — respondeu O'Rourke, calmamente —, como sabe, Minot fica a menos de uma hora de carro da fronteira. Ou seja, aquilo lá tem milhares de quilómetros de fronteira não protegida, para além de uma reserva para índios. Chippewa. Não deve ser muito difícil arranjar alguém para o levar para a banda de lá. É exatamente o sítio indicado para quem está a tentar sair do país às escondidas. Pelo menos era para onde eu iria — disse ele, como se isso conferisse alguma autoridade.

— Mas pelos vistos ele não foi. Brasil... — Ela estava atónita. Continuava agarrada à imagem dele, agora uma última vez: a caminhar ao longo do rio gelado de Whitehorse, Yukon, no Canadá, a passar por uma embarcação fluvial ártica restaurada chamada «Klondike» que agora era um museu, à espera de que ela se materializasse. Apercebeu-se de que o tinha vestido especificamente para essa ficção, ao seu gosto, com uma camisa de flanela grossa e um gorro de lã enfiado por cima do cabelo agora comprido, e imaginara-o no carreiro, cabisbaixo, com as mãos nos bolsos, ansiando por ela e à procura dela. Não conseguia livrar-se dessa imagem.

— Porque é que ele me escreveu aquela carta, então?

— Talvez só para lhe lixar a cabeça mais um bocadinho — respondeu O'Rourke, simplesmente. — Há pessoas que não perdem uma única oportunidade para nos lixarem a cabeça, só porque sim. É a maneira de ser delas, é o que as motiva. Dantes ainda tentava compreendê-las, estilo: «Mas o que é que eles ganham com isso?» Agora só penso... que se lixe.

Nunca hei de compreender. Limito-me a limpar a porcaria que elas fazem.
— Ele encolheu os ombros num gesto exuberante, como se tivesse todo o tempo do mundo para ponderar sobre isso e sobre outros mistérios da vida.
— Mas porque é que lhe estou a dizer uma coisa destas? Aqui a psiquiatra é você.

«Certo», pensou Grace.

— Escreveu um livro sobre isso e tudo. Não foi?

Não, pensou ela. «Isso foi uma pessoa completamente diferente.»

— Além do mais, ele ainda conseguiu lixar-nos a cabeça também. Isso é muito coelho numa só cajadada. Mandámos agentes a Minot e a Whitehorse também. Envolvemos a Polícia Montada do Canadá e tudo. Eles vigiaram todos os trilhos lá em cima e em redor do tal barco que ele descreveu na carta, e investigaram todos os alugueres de casas feitos desde o mês de dezembro, mas não havia nada para encontrar. Depois recebemos uma chamada da Interpol. Tinham-no avistado no Brasil, sem sombra de dúvida. O Mendoza foi para lá há dois dias para fazer o pedido formal da extradição dele. Pode demorar algum tempo, mas vão acabar por o mandar de volta. Por norma só nos dão chatices quando se trata de um cidadão brasileiro. Temos um tratado com eles.

Ele calou-se. Depois:

— Como é que você está?

— Eu só... — Mas ela não conseguiu terminar a frase. Abanou a cabeça.

— Queríamos que o soubesse por nós. Penso que será mais um ou dois dias até alguém obter esta informação. É claro que poderá acontecer antes disso. Só queríamos ser nós a informá-la. Agradecemos o facto de nos ter tentado ajudar.

Ela acenou com a cabeça:

— Ele deve ter pensado que o Rio era uma cidade grande e que poderia desaparecer nela.

— Não — retorquiu O'Rourke. — Não foi no Rio. Estava num sítio de que nunca ouvi falar, no topo do Amazonas, chamado Manaus. Se calhar não o estou a pronunciar bem. É espanhol, acho eu.

«Se calhar é português», pensou Grace, mas não o disse em voz alta.

— Mesmo no meio da floresta tropical. É impossível chegar lá de carro. Tem de ser de avião ou de barco. Achamos que ele estava num barco, mas ainda não temos a certeza. Havemos de acabar por desvendar tudo. E como é que ele saiu dos Estados Unidos; é claro que também vamos querer saber isso. Mas para já estamos convencidos de que foi de barco. O porto é muito grande. O Mendoza chegou lá no sábado. Ligou-me esta manhã. Diz que há lá um teatro de ópera. Um teatro imenso cor-de-rosa no centro da cidade, que eles levaram de Inglaterra dividido em várias partes, há cem anos. O tipo está passado. — Ele deu uma pequena e muito pouco

apropriada gargalhada. — O Mendoza adora ópera. É a grande pancada dele. Levou-me com ele uma vez, ao Lincoln Center, quando a mulher não se estava a sentir bem. Foram as quatro horas mais dolorosas da minha vida.

Para sua surpresa, Grace riu-se também:

— Qual era a ópera?

— Meu Deus, nem me lembro. Havia um cavalo em palco. Isso também não ajudou nada. Mas devo admitir que não se espera ver um teatro de ópera no meio do Amazonas.

Ela recostou-se na cadeira. Tinha a cabeça cheia. Pensou quase com saudosismo na roupa para lavar e nas coisas por empacotar, nas caixas reconfortantes à espera para serem cheias e despachadas. Desejava que ele se fosse embora.

— *Fitzcarraldo* — disse-lhe Grace. — É um filme sobre a construção de um teatro de ópera na selva amazónica. Já tinha ouvido essa história antes.

— Fitz...?

Ela soletrou-o e ele tirou o bloco de apontamentos e assentou-o.

— Vou dizer-lhe. Ele vai querer ir lá vê-lo. — Depois olhou ao redor da cozinha. — Parece que você tem aqui um sistema implementado.

— Oh, sim. Algumas caixas vão para o Connecticut, mas muita coisa vai para a Housing Works. Vou livrar-me de quase tudo. Já tem tudo o que precisa?

O'Rourke olhou para ela.

— Refiro-me às coisas do Jonathan? Se precisar de mais alguma coisa, aproveite agora.

— Não, não precisamos de nada. É claro, se aparecer alguma coisa que você ache que devamos dar uma olhadela...

Ela acenou com a cabeça, mas já tinha feito o suficiente. Dali em diante, eles que se desenvencilhassem sozinhos.

— Bem... — disse ele. Em seguida, pôs-se de pé. — Vou andando, então.

Ela levantou-se também, aliviada.

— Onde é que está o seu rapaz? — perguntou ele, em jeito de conversa, caminhando até à porta da frente.

— Com os avós. Está de férias da escola.

— Ah! Eu conheci o seu pai. Falámos com ele em dezembro.

— Não! — respondeu Grace. — Com os outros avós. Está em Long Island, com os pais do Jonathan.

O'Rourke parou e voltou-se para ela:

— Isso é... Bem, estou surpreso. Quando falámos com eles disseram-nos que nunca viam nenhum de vocês.

— Jantámos juntos em Nova Iorque, no mês passado. A coisa pareceu correr bastante bem e eles convidaram-no para ir lá passar uns dias. O

Henry quis ir.

O'Rourke acenou com a cabeça. O pescoço dele, como de costume, estava tão mal barbeado que parecia cheio de manchas.

— Ainda bem. Eles são boa gente. Já passaram por muito.

«Todos nós passámos por muito», pensou ela, de forma mecânica. Mas de que adiantava dizê-lo?

Ela abriu-lhe a porta. Ele carregou no botão para chamar o elevador.

Grace ficou parada, pouco à vontade, junto à porta entreaberta. Foi um momento curioso, durante o qual não soube bem como se comportar. Tinha estado parada nesse preciso local, à entrada da sua casa, desde que aprendera a pôr-se de pé, à espera do elevador que levaria as suas visitas até ao átrio do prédio: amigos para brincar, *baby-sitters*, convidados de festas. Há muito tempo tinha-se despedido de namorados nesse lugar, inclinada no átrio a namorar o máximo possível até o elevador chegar. Regra geral, esperava-se que os convidados fossem levados dali e fazia-se conversa de circunstância, mas aquela não era uma situação normal e ela não tinha conversa de circunstância para ter com o Detetive O'Rourke. Por outro lado, também não podia limitar-se a fechar a porta.

— Ouça — disse ele, subitamente. — Amanhã arrependo-me se não lhe disser nada.

Grace agarrou-se à ombreira da porta, preparando-se fisicamente. Tal como mercúrio, ela foi invadida por todas as reações possíveis a «algo» e nenhuma delas era bem-vinda. Independentemente de ele se poder arrepender no dia seguinte por não ter dito nada — fosse uma acusação, fosse um agradecimento ou um conselho sábio sobre as circunstâncias dela — Grace não queria saber. Mas também não queria que ele voltasse para lho comunicar.

— Conheço uma família em Brownsville. Brooklyn? — Ele olhou para ela.

Grace fitou-o com o sobrolho franzido:

— Sim?

— Ou melhor, preendi um dos filhos no ano passado. Mas depois percebemos que ele era um bom miúdo, só tinha escolhido os amigos errados. E perdemos a papelada do rapaz. O que é que quer? — disse ele, com uma pequena risada. — São coisas que acontecem...

Sentindo-se ainda mais perdida do que antes, ela continuou à espera.

— Bom, seja como for, eles têm estado a morar num abrigo, mas arranjam um apartamento há umas semanas. Um apartamento da Câmara. Está a ver o género, subsidiado. O que é fantástico. Mas eles não têm nada. Estão a dormir no chão. E, como já lhe disse, passei a conhecer essa família. É uma boa família.

Na distância, Grace ouviu o elevador a começar a sua ascensão vindo do vestíbulo.

— Quer dizer, você vai doar tudo à Housing Works e isso é ótimo. Mas lembrei-me, sabe, se não gostaria de...

— Ah! — Finalmente, a mensagem tinha passado. — Certo. Claro. Com muito gosto. Tudo o que eles quiserem, podem levar à vontade. Há camas, lençóis e toalhas. Há tachos e panelas.

O rosto dele ficou mais descontraído, assumindo uma expressão de felicidade quase infantil. Estava transfigurado. De repente parecia um jovem: o jovem Agente O'Rourke. De um instante para o outro.

— Seria uma coisa fantástica para eles. Como deve imaginar.

Combinaram rapidamente uma forma de ele regressar dali a dois dias, com o pai, dois dos filhos e uma carrinha emprestada.

— São uma boa família — tornou a dizer O'Rourke. — Acredite no que lhe digo, já vi muitas famílias da treta. Esta é uma boa família.

— Tenho a certeza de que sim — respondeu-lhe Grace. Já não fazia ideia o que constituía uma boa família, mas calculava que talvez ele soubesse. — Vocês não perdem a papelada de qualquer um.

— Pois não... — Ele pareceu ficar um pouco envergonhado. — Olhe, também lhe queria dizer outra coisa. Nós sabíamos que você não sabia de nada. Depois daquela primeira conversa, tivemos a certeza. Sentimo-nos mal por tê-la feito passar por aquilo. Sabíamos que não era má pessoa.

Grace sentiu as faces a ficarem ruborizadas. Acenou com a cabeça, mas não olhou para ele.

— Só... escolhi os amigos errados, certo?

— Escolheu o tipo errado. Acontece com muita frequência.

«A quem o diz», pensou Grace. O elevador já estava próximo.

Atrás dele, a grade do elevador rangeu ao abrir-se e O'Rourke entrou, acenando-lhe com a mão. Grace esperou na porta entreaberta até ele desaparecer, mas não entrou logo em casa. Em vez disso, ficou parada a escutar a sequência incrivelmente familiar de rangidos e de cliques enquanto o elevador descia, até por fim ouvir a grade a abrir-se lá em baixo, libertando o agente para o átrio, rumo ao meio da tarde escura e chuvosa e à rua onde ela tinha morado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Phil Oraby e a Ann Korelitz pelo seu conhecimento sobre questões terapêuticas e em particular sobre essa criatura infelizmente onnipresente: o *homo sociopathicus*. O conhecimento deles, tão generosamente partilhado, foi inestimável. Obrigada a Nina Korelitz Matza pelas suas observações perspicazes sobre as escolas privadas de Nova Iorque. Estou grata a Tim Muldoon por me ter ajudado com o *modus operandi* dos detetives de Nova Iorque. Obrigada, James Fenton, por me ter autorizado usar o seu maravilhoso poema, «A German Requiem». Deborah Michel, como sempre, é a melhor leitora do mundo. Não tenho como agradecer o suficiente a Suzanne Gluck, a Deb Futter, a Dianne Choie, a Sonya Cheuse, a Elizabeth Sheinkman e a Sarah Savitt por terem acreditado neste romance.

Mais alguns agradecimentos generalizados vão para a minha família e amigos, para o grupo da viagem do «Semester at Sea» na primavera de 2012 (durante o qual a maior parte deste romance foi escrito); e para Karen Kroner, Paul Weitz, Kerry Kohansky Roberts, Anna DeRoy e Tina Fey, por me lembrarem de que o processo criativo é um diálogo, mesmo quando o desenvolvemos sozinhos.